



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview* nas eleições legislativas de 2015

Maria Isabel Benta Lopes Damásio

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Orientadores:

Professor Doutor José Manuel Rebelo Guinote,
Professor Emérito de Sociologia
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview* nas eleições legislativas de 2015

Maria Isabel Benta Lopes Damásio

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Orientadores:

Professor Doutor José Manuel Rebelo Guinote,

Professor Emérito de Sociologia

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Departamento de Sociologia

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview* nas eleições legislativas de 2015

Maria Isabel Benta Lopes Damásio

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Júri:

Professora Doutora Joana Azevedo, Professora Associada,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (Presidente)

Professora Doutora Rita Figueiras, Professor Associado,
Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica
Portuguesa

Professor Doutor Jacinto Godinho, Professor Auxiliar,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de
Lisboa

Professor Doutor Alexandre Manuel Leite, Professor Auxiliar,
Universidade Autónoma de Lisboa

Professora Doutora Cláudia Álvares. Professor Associado c/
Agregação,

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Professor Doutor José Rebelo, Professor Associado c/ Agregação
Jubilado e Professor Emérito,

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Dedicatória

Ao meu pai, Fernando Damásio
in memoriam

Agradecimentos

Só aprendendo conseguimos conhecer uma ínfima parte do mundo em que vivemos.

Aprender e agradecer a quem me ensina todos os dias alguma coisa é uma atitude que faz parte da minha existência.

Esta investigação foi marcada pelo desaparecimento físico de uma das pessoas que muito me ensinou, o meu pai. Em plena pandemia que marcou a vida de todos nós, o que ele mais temia aconteceu, não vai poder assistir ao momento que ele tanto desejava. É com ele na minha memória que expresso toda a gratidão pelos ensinamentos e apoio que me deu, juntamente com a minha mãe, ao longo da vida.

Ao Luís, companheiro de 40 anos, e ao meu filho João deixo neste espaço eterna gratidão por me ensinarem, apoiarem e ajudarem a fazer de mim uma pessoa melhor, realizada e feliz.

Uma palavra de gratidão para amigos e familiares que de muito perto me ajudam a superar os momentos difíceis da vida e a festejar os momentos especiais.

A minha curiosidade permanente em relação ao desconhecido conduziu-me, neste empreendimento, para a exploração do mundo que existe para além das palavras, das imagens e dos gestos. O desvendar de significados da prática discursiva foi um momento de grande aprendizagem para o qual contei com a preciosa ajuda do meu orientador, Professor Doutor José Rebelo, que acompanhou todo o meu percurso desde o mestrado, e por quem tenho profunda admiração, pelo seu empenho, lucidez e clareza que imprime ao seu discurso na transmissão de conhecimento.

Deixo também uma palavra de agradecimento a todos os que de alguma forma contribuíram para que este momento surgisse, entre eles, pretendo agradecer aos Professores Doutores José Jorge Barreiros (ISCTE), José Santana Pereira, (ICS-ISCTE), Rita Figueiras, (Universidade Católica), Pedro Pereira Neto (ISCTE), Rita Espanha (ISCTE), Pedro Abrantes (ISCTE) e Maria João Centeno (ISCS-IPL).

Ao ex-diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo, e ao humorista Ricardo Araújo Pereira, sempre disponíveis para me facultar toda a informação e esclarecimentos necessários à elaboração desta tese, o meu agradecimento.

Para além de todo o conhecimento adquirido, no final deste percurso ficam também novas amizades.

Obrigada a todos!

Resumo

A entrevista política humorística é um objeto de estudo por explorar no contexto televisivo português onde, em períodos de campanha eleitoral, marca presença regular. Assim, importa, nesse contexto, estudar o comportamento discursivo dos líderes políticos na entrevista humorística e compará-lo com o comportamento discursivo dos mesmos líderes na entrevista jornalística. Foi este o objetivo da investigação. Como questão de partida definiu-se: *Que autoimagem foi procurada pelo entrevistado em cada género de entrevista e como reagiu face ao repto do humorista ou à pergunta do jornalista?*

O corpus analisado foi emitido no *Jornal das 8* da TVI entre julho e outubro de 2015 e analisado no quadro das teorias qualitativo/interpretativista/construtivista da análise crítica discursiva multimodal apoiada pelo programa informático MAXQDA®. O estudo revelou que na entrevista humorística os líderes políticos pretendem exibir sentido de humor, inserindo-se no campo humorístico e participando, assim, numa narrativa que visa revelar as suas debilidades ou contradições, desenhadas nas “provocações” que o humorista lança e às quais reagem, sem que a linguagem humorística lhes permita a defesa argumentativa. A preocupação do humorista em não “enxovalhar” o entrevistado e a estratégia de *infotainment* aplicada ao *Jornal das 8*, inserindo o humor no alinhamento conferindo-lhe valor no contexto da cobertura jornalística da campanha eleitoral, aumentou a preocupação do entrevistador em confrontar o entrevistado com questões de natureza política. A editorialização da entrevista jornalística levou à perda de “neutralismo” e aproximou-a de um debate de ideias, influenciando a autoimagem pretendida de credibilidade e competência.

Palavras-Chave: entrevista política, humor, jornalismo, entrevista editorializada, *infotainment*, televisão.

Abstract

The humorous political interview is an object of study still to be explored in the Portuguese television context where, in electoral campaign periods, it is regularly present. Thus, it is important in this context to study the discursive behaviour of political leaders in the humorous interview and compare it with the discursive behaviour of the same leaders in the journalistic interview. This was the research purpose. As a starting question, it was defined: *What self-image did the interviewee intend to show in each type of interview and how did he react to the comedian's challenge or the journalist's question?*

The corpus analysed was broadcast on TVI's "*Jornal das 8*" between July and October 2015 and analysed within the framework of qualitative/interpretivist/constructivist theories of multimodal critical discursive analysis supported by the MAXQDA® software. The study revealed that in the humorous interview, political leaders intend to show a sense of humour, inserting themselves in the humorous field and thus participating in a narrative, that aims to reveal their weaknesses or contradictions, designed on the "provocations" that the humourist launches and to which they react, without the humorous language allowing them an argumentative defence.

The comedian's concern not to "mistreat" the interviewee and the infotainment strategy applied to the "*Jornal das 8*", inserting humour in the alignment, giving it value in the context of journalistic coverage of the electoral campaign, increased the interviewer's concern in confronting the interviewee with questions of political nature. The editorialization of the journalistic interview led to the loss of "neutrality" and brought it closer to an idea debate, influencing the intended self-image of credibility and competence.

Keywords: political interview, humour, journalism, editorialized interview, infotainment, television

Publicações derivadas deste trabalho

CAPÍTULO DE LIVRO

Damásio, M. I. (2021). Infotainment: informação, entretenimento e jornalismo. In J. P. Figueiredo, & V. Calado (Coords.), A. Breda (Rev.), *Infoentretenimento: possíveis abordagens regulatórias* (pp. 198-212). Edições Almedina. <https://catalogo.biblioteca.iscte-iul.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=118188>

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Publicações derivadas deste trabalho	ix
Índice de quadros	xv
Índice de figuras	xvii
Glossário de siglas	xxi
Introdução	1
CAPÍTULO 1 Comunicação Política, Televisão e Jornalismo	9
1.1. Da Comunicação Política Direta à Mediatização da Política	9
1.2. A Televisão – Jornalismo e Entretenimento, uma Fusão Estratégica	21
1.3. Os Políticos nos Palcos do Entretenimento- Ação de <i>Political</i> ou <i>Electoral Markteiment</i>	34
1.4. A Entrevista Política Jornalística	39
1.5. A Entrevista Política Humorística	42
1.6. Provocação vs Argumentação	43
1.7. Retórica, Razão, Emoção e Persuasão	46
1.8. O Humor: a <i>Hard Interview</i> ou <i>Soft Interview</i>	49
CAPÍTULO 2 A Construção do Modelo de Análise	53
2.1. O Enquadramento Político-Social da Pesquisa	53
2.2. O <i>Corpus</i>	55
2.2.1. O <i>corpus</i> no campo do jornalismo	56
2.2.2. O <i>corpus</i> no campo do entretenimento	56
2.3. O Objeto, o Objetivo, a Questão e a Hipótese	57
2.4. Do Paradigma e das Metodologias	59
2.5. Análise Discursiva Multimodal	62
2.5.1. A gramática do discurso visual	63
2.5.2. O modelo tridimensional de Fairclough	72

2.5.3.	A GVD e a imagem em movimento	75
2.5.4.	A comunicação não verbal - a linguagem corporal	77
2.6.	A Persuasão na Psicologia Social	78
2.7.	Os Traços de Personalidade – As Teorias Implícitas de Personalidade	81
CAPÍTULO 3 Procedimentos Metodológicos		85
3.1.	A Utilização de <i>Software</i> no Apoio à Análise Qualitativa	85
3.2.	Sinais Conversacionais	85
3.3.	Procedimentos na Utilização do <i>Software</i> MAXQDA®	87
3.4.	A Entrevista Qualitativa	89
CAPÍTULO 4 A Análise		91
4.1.	O Discurso Humorístico e a Política	91
4.1.1.	A construção do <i>talk-show</i> ITMBM – do formato e da produção	95
4.1.2.	O cenário do ITMBM vs o cenário do J8	97
4.1.3.	O genérico do ITMBM	100
4.1.4.	O perfil político dos entrevistados traçado nas rábulas humorísticas	102
4.1.5.	A entrevista humorística	111
4.1.5.1.	As questões no humor	115
4.1.5.2.	A estrutura das questões	118
4.1.5.3.	As temáticas políticas nas questões	123
4.1.5.4.	As estratégias discursivas na construção das questões	144
4.1.6.	O discurso político no campo humorístico	150
4.1.6.1.	As respostas de Jerónimo de Sousa	152
4.1.6.2.	As respostas de Catarina Martins	161
4.1.6.3.	As respostas de Paulo Portas	169
4.1.6.4.	As respostas de António Costa	179
4.2.	O Discurso Jornalístico sobre a Política e os Políticos	187
4.2.1.	A construção da entrevista TPS - do formato e da produção	189
4.2.1.1.	O genérico da entrevista TPS	191
4.2.2.	O perfil dos entrevistados no campo jornalístico	192
4.2.2.1.	As reportagens antes da entrevista TPS	192
4.2.2.1.1.	A dimensão sonora	193

4.2.2.1.2. A dimensão visual	195
4.2.2.1.3. A dimensão verbal	199
4.2.3. A entrevista jornalística	207
4.2.3.1. As perguntas jornalísticas: a agenda, a estrutura e o neutralismo	210
4.2.4. O discurso político no campo do jornalismo	232
4.2.4.1. As respostas de António Costa	232
4.2.4.2. As respostas de Jerónimo de Sousa	240
4.2.4.3. As respostas de Paulo Portas	246
4.2.4.4. As respostas de Catarina Martins	253
CAPÍTULO 5 O Humor no Contexto do <i>Jornal das 8</i>	259
5.1. A Rubrica ITMBM no Contexto do J8	259
5.1.1. A rubrica no alinhamento do J8	262
5.2. Os Textos Introdutórios da Rubrica ITMBM no J8	264
5.3. As Promoções do TPS, de outras notícias e do ITMBM no Alinhamento do J8	267
CAPÍTULO 6 Conclusões	271
Notas Finais	285
Referências Bibliográficas	289
Fontes	299
Anexos	301
Anexo A - Transcrição da Entrevista a Ricardo Araújo Pereira	303
Anexo B - Imagens do Genérico ITMBM	315
Anexo C - Transcrição da Entrevista ITMBM a Jerónimo de Sousa	317
Anexo D - Transcrição da Entrevista ITMBM a Catarina Martins	321
Anexo E - Transcrição da Entrevista ITMBM a Paulo Portas	327
Anexo F - Transcrição da Entrevista ITMBM a António Costa	335
Anexo G - Estrutura das Questões ITMBM – Codificação	341
Anexo H - Estrutura das Respostas ITMBM – Codificação	353
Anexo I - Transcrição da entrevista a Sérgio Figueiredo	368
Anexo J - Imagens do Cenário TPS	374

Anexo K - Imagens do genérico TPS	376
Anexo L - Livro de Códigos para Análise das Peças de Perfil TPS	378
Anexo M - Codificação Verbal das Peças de Perfil/TPS	388
Anexo N - Transcrição Peça de Perfil de AC/TPS	398
Anexo O - Transcrição Peça de Perfil de PP/TPS	400
Anexo P - Transcrição Peça de Perfil de CM/TPS	402
Anexo Q - Transcrição Peça de Perfil de JrS/TPS	404
Anexo R - Transcrição da Entrevista TPS a António Costa	406
Anexo R1 - Temáticas das perguntas TPS a António Costa - Codificação	420
Anexo S- Transcrição da Entrevista TPS a Jerónimo de Sousa	424
Anexo S1- Temáticas das perguntas TPS a Jerónimo de Sousa - Codificação	434
Anexo T - Transcrição da Entrevista TPS a Paulo Portas	438
Anexo T1 - Temáticas das perguntas TPS a Paulo Portas - Codificação	452
Anexo U - Transcrição da Entrevista TPS a Catarina Martins	456
Anexo U1 - Temáticas das perguntas TPS a Catarina Martins - Codificação	476
Anexo V - A rubrica ITMBM no alinhamento do Jornal das 8	480
Anexo W - Pivôs de Introdução ao ITMBM de Judite de Sousa	486
Anexo X - Pivôs de Introdução ao ITMBM de José Alberto de Carvalho	488
Anexo X1 - Pivôs de Saída ao ITMBM de José Alberto de Carvalho	492

Índice de quadros

Quadro 1.2 - Ordens das realidades discursivas veiculadas pela televisão.	29
Quadro 2.1 - Os entrevistados no <i>Tenho Uma Pergunta Para Si</i> .	56
Quadro 2.2 - Os entrevistados na rubrica <i>Isso É Tudo Muito Bonito, Mas</i> .	57
Quadro 2.3 - Metafunção Representacional – Padrões representacionais do modo visual.	65
Quadro 2.4 - Metafunção Interacional – Padrões interacionais do modo visual.	67
Quadro 2.5 - Significados de interação entre PR e PI.	68
Quadro 2.6 - Marcas de Modalidade Visual – Variação de “escalas de cores”.	68
Quadro 2.7 - Metafunção Composicional – Categorias composicionais.	71
Quadro 2.8 - Modelo tridimensional de análise de discurso de Fairclough.	74
Quadro 2.9 - Variáveis, dimensões e indicadores intervenientes no processo de persuasão.	79
Quadro 2.10 - Traços pertencentes a cada <i>cluster</i> .	82
Quadro 3.1 - Sinais de transcrição.	86
Quadro 4.1 - Entrevista JrSITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.	124
Quadro 4.2 - Entrevista CMITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.	130
Quadro 4.3 - Entrevista PPITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.	134
Quadro 4.4 - Entrevista ACITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.	139
Quadro 4.5 - Argumentos centrais e visados nas respostas de JrS no ITMBM.	152
Quadro 4.6 - Referências e visados nas respostas de CM no ITMBM.	162
Quadro 4.7 - Argumentos centrais e visados nas respostas de PP no ITMBM.	169
Quadro 4.8 - Argumentos e visados nas respostas de AC no ITMBM.	179
Quadro 4.9 - Duração das reportagens -Perfil líderes.	193
Quadro 4.10 - Tipos, forma e função de perguntas na entrevista jornalística.	208
Quadro 4.11 - As dimensões das perguntas e das respostas.	208
Quadro 4.12 - Estratégias do entrevistador na construção do neutralismo e reação do entrevistado.	209
Quadro 4.13 - Distribuição das perguntas por participantes e dimensões.	213
Quadro 4.14 - Argumento central e visados nas respostas de António Costa.	234

Quadro 4.15 - Argumento central e visados nas respostas de Jerónimo de Sousa.	242
Quadro 4.16 - Argumento central e visados nas respostas de Paulo Portas.	248
Quadro 4.17 - Quem faz a pergunta e quem interfere na resposta.	253
Quadro 4.18 - Argumento central e visados nas respostas de Catarina Martins.	255
Quadro 5.1 - Duração e percentagem de tempo do J8 ocupado pelo ITMBM.	262
Quadro 5.2 - Agenda da rubrica ITMBM no J8.	263
Quadro 5.3 - Introdução da rubrica ITMBM e “pivô de saída” no J8.	264
Quadro 5.4 - Inserção no alinhamento do J8 das promoções da entrevista TPS.	267
Quadro 5.5 - O lugar das promoções ao ITMBM e os temas que as antecederam.	269

Índice de figuras

Figura 1.1 - Fases da comunicação.	11
Figura 1.2 - A Comunicação política na sociedade em rede.	15
Figura 1.3 - Posicionamento da comunicação política no campo da comunicação.	20
Figura 1.4 - Características do discurso conversacional vs institucional.	36
Figura 1.5 - Construção do <i>ethos</i> efetivo.	48
Figura 2.1 - Configuração bidimensional de 90 traços gerados por participantes.	83
Figura 3.1 - MAXQDA® - <i>Timeline</i> de pré-visualização.	87
Figura 4.1 - Comparação dos ambientes cênicos do talk-show ITMBM e J8 da TVI.	98
Figura 4.2 - Imagens do cenário do <i>talk-show</i> ITMBM e J8 TVI.	99
Figura 4.3 - Área e alvos das rábulas satíricas em cada rubrica, entre 14 e 18 de setembro de 2015.	103
Figura 4.4 - Rábula “Senhora a preto e branco”.	106
Figura 4.5 - Rábula “Joaquim Pastinhas”.	107
Figura 4.6 - Rábula “Joaquim Pastinhas” -AC.	107
Figura 4.7 - Rábula “Viúvas espoliadas”.	109
Figura 4.8 - Rábula “Figura política da semana”.	110
Figura 4.9 - Rábula “Figura política da semana -Tempo de Antena”.	110
Figura 4.10 - Rábula “Posso fazer uma pergunta a AC”.	145
Figura 4.11 - Rábula “Pine na lapela”.	146
Figura 4.12 - Rábula “Pine na lapela, ainda maior”.	146
Figura 4.13 - Rábula “Caso demissão irrevogável”.	146
Figura 4.14 - Foto “Calções amarelos”.	147
Figura 4.15 - Expressão facial RAP- “Engole em seco”.	148
Figura 4.16 - Expressão facial RAP – “Novo nome para o BE”.	148
Figura 4.17 - Expressões faciais RAP – “Apresentação AC”.	149
Figura 4.18 - Expressões faciais e gestos RAP – “Apresentação AC”.	149
Figura 4.19 - Reação de RAP à R7.	155
Figura 4.20 - Expressão facial de sorriso e riso.	158
Figura 4.21 - Esboço de sorriso.	158
Figura 4.22 – Gestos com as mãos.	158
Figura 4.23 - Expressões corporais.	159

Figura 4.24 - Movimentos de corpo JrS antes de iniciar R6.	160
Figura 4.25 - Expressão facial – ouve questão.	167
Figura 4.26 - Expressão facial/gestos com mãos.	168
Figura 4.27 - Expressão facial CM – R2.	168
Figura 4.28 - Expressão corporal – Q2.	171
Figura 4.29 - Expressão corporal - Q8.	172
Figura 4.30 - Expressão corporal PP – R3 e R4.	175
Figura 4.31 - Expressão facial -R4	175
Figura 4.32 - Postura PP enquanto ouve questões.	176
Figura 4.33 - PP enumera argumentos na R2.	177
Figura 4.34 - Gesto com mãos de PP na R6.	177
Figura 4.35 - Gesto com mãos de PP na R12.	178
Figura 4.36 - Gesto com mãos PP -R1 e R37.	178
Figura 4.37 - Expressão facial AC – Sorriso e riso.	184
Figura 4.38 - Expressão facial AC – R10.	184
Figura 4.39 - Expressão Corporal – AC ouve Q1 e empurra os óculos.	185
Figura 4.40 - Expressão facial e gestos com mãos – AC ouve comentário de RAP à R6.	185
Figura 4.41 - Expressão Corporal.	186
Figura 4.42 - Retrato Sonoro - Frequência das vozes, do som ambiente e da música.	194
Figura 4.43 - Retrato Sonoro -Distribuição das vozes, do som ambiente e da música.	194
Figura 4.44 - Retrato Visual - Frequência do tipo de imagens das peças de perfil.	196
Figura 4.45 - Retrato Visual -Distribuição das imagens das peças de perfil.	196
Figura 4.46 - Momento <i>hype</i> – Peçaperfil/AC.	197
Figura 4.47 - Momento <i>hype</i> – Peçaperfil/JrS.	198
Figura 4.48 - Momentos <i>hype</i> – Peçaperfil/PP.	198
Figura 4.49 - Momento <i>Hype</i> – Peçaperfil/CM.	199
Figura 4.50 - Traços de personalidade inferidos das peças de perfil.	200
Figura 4.51 - Expressão facial JS – Interrupção da R4	215
Figura 4.52 - Expressão facial JS – Interrupção da R11	216
Figura 4.53 - Expressão facial JAC – Interrupção da R1.	224
Figura 4.54 - Exibição do programa do PS (R4).	239
Figura 4.55 - AC dirige-se à plateia em estúdio (R3).	240
Figura 4.56 - Indignação/Acusação (R5).	245

Figura 4.57 - Afirmação (R7).	245
Figura 4.58 - Condenação.	246
Figura 4.59 - A direção do olhar de JrS.	246
Figura 4.60 - Pede espaço para terminar a resposta.	250
Figura 4.61 - Venda do BPN.	251
Figura 4.62 - Banco de Portugal e CMVM.	251
Figura 4.63 - Sobre atitudes de António Costa.	251
Figura 4.64 - Primeira imagem visível no programa.	257
Figura 4.65 - Linguagem corporal de Catarina Martins.	257
Figura 5.1 - Imagem de Abertura J8 -TVI.	268

Glossário de siglas

ABC - American Broadcasting Company

AC - António Costa

ACITMBM - António Costa *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*

ACD - Análise Crítica de Discurso

AD - Análise de Discurso

AJS - António José Seguro

AR - Assembleia da República

BE - Bloco de Esquerda

BES - Banco Espírito Santo

CAEM - Comissão de Análise de Estudos de Meios

CBS - Columbia Broadcasting System

CDS-PP - Centro Democrático Social – Partido Popular

CM - Catarina Martins

CMITMBM - Catarina Martins *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*

CMVM - Comissão do Mercado de Valores Mobiliários

CNN - Cable news Network

ECCs - Extra-Clausal Constituents

EMFACS - Emotional Facial Action Coding System

ERC - Entidade Reguladora para a Comunicação Social

FMI - Fundo Monetário Internacional

GVD - Gramática do *Design Visual (The Grammar of Visual Design)*

ITMBM - *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*

JAC - José Alberto Carvalho

JrS - Jerónimo de Sousa

JrSITMBM- Jerónimo de Sousa *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*

JS - Judite Sousa

J8 - *Jornal das 8*

MFL - Manuela Ferreira Leite

MRPP - Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado

NATPE - Associação Nacional dos Executivos de Programação de Televisão

NBC - National Broadcasting Company

OberCom - Observatório da Comunicação
PàF - Portugal À Frente
PCP - Partido Comunista Português
PI - Participante(s) Interativo(s)
PP - Paulo Portas
PPi- Pedro Pinto
PPITMBM - Paulo Portas *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*
PPC - Pedro Passos Coelho
PR - Participante(s) Representado(s)
PSD - Partido Social Democrata
PS - Partido Socialista
RTP - Rádio e Televisão de Portugal
RAP - Ricardo Araújo Pereira
SIC - Sociedade Independente de Comunicação
TPS - *Tenho Uma Pergunta para Si*
TVI - Televisão Independente

Introdução

O cruzamento de qualquer tipo de informação com formas de entretenimento é, nas sociedades contemporâneas, uma realidade incontornável em todos os meios de comunicação social, seja na imprensa, rádio, televisão ou *Internet*.

O neologismo *infotainment* que junta duas palavras de origem inglesa, *information* e *entertainment*, apesar de ter sido criado na indústria automóvel e computacional para designar sistemas integrados com o objetivo de fornecer informação e divertimento aos condutores, acabou por ser adotado pelos produtores de programas televisivos¹.

A fidelização e a procura de novos públicos levaram as empresas de comunicação social a testar novas estratégias de produção de conteúdos e a expor as audiências às mais variadas experiências comunicativas. Os novos formatos começaram a ser construídos cruzando realidades diversas, aquelas que são exteriores ao meio onde são produzidos os conteúdos e as criadas por esse mesmo meio (Duarte, 2007, p. 2). A estratégia torna, por vezes, difícil distinguir a realidade da ficção.

As primeiras preocupações com a sobreposição dos campos², o da informação jornalística e o do entretenimento, começaram na rádio³, mas foi na televisão que o assunto se transformou numa polémica que dura há várias décadas. As maiores críticas surgiram quando os políticos aceitaram sentar-se nas cadeiras dos palcos dos *talk-shows* de entretenimento televisivo. As elevadas audiências tornaram estes palcos apetecíveis para os candidatos a lugares de poder político, já que através deles era possível contatar com um maior número de potenciais eleitores.

O género televisivo *talk-show*, tal como hoje é identificado, apareceu nos Estados Unidos na década de 80 e tornou-se comum tanto em canais de televisão privados como nos públicos. A designação *talk-show* encaminha o espetador para uma conversa inserida no mundo do espetáculo, com características próprias que a diferenciam de outras conversas onde só existe debate de ideias (Timberg, 2002; Tolson, 2000). Nos Estados Unidos, os três maiores

¹ Timberg (2002, p. 12) indica que em 1980 a Associação Nacional dos Executivos de Programação de televisão (NATPE), numa “jogada de marketing”, adotou o termo *infotainment* associado a filmes que ficcionavam crimes e a vida de criminosos reais.

² A noção de campo é a definida em Pierre Bourdieu (1998) como um “espaço social estruturado” com valores internos específicos onde existem “desigualdades permanentes”. A cada campo corresponde um grupo de profissionais com conhecimento e linguagem específicos e exclusivos, que concorrem entre si, já que se dividem entre quem domina e quem é dominado e em que uns lutam pela transformação e outros pela preservação desse mesmo campo.

³ Em 1974, a revista americana *Billboard* (Nielsen Business Media, 1974, p. 6) publicou um artigo onde foi noticiada uma convenção de radialistas cujo tema era *infotainment 74* e visava “discutir o equilíbrio entre notícias e entretenimento na rádio”.

subgéneros são identificados com a parte do dia em que são transmitidos: os *talk-shows* matinais, com formato de magazine; os diurnos, com participação da audiência; e os de entretenimento noturno-tardio (Timberg, 2002, pp. 6-7). Todos têm em comum um conjunto de características: a presença de anfitriões célebres; em termos discursivos, todos mantêm a ilusão de que tudo se passa no presente, criam a ideia de intimidade e espontaneidade; a participação de convidados especiais; a presença de audiência no estúdio; e um tópico de conversa (Timberg, 2002, pp. 3-5).

O formato do espetáculo (*show*) é influenciado por padrões e organização dos modos retóricos dentro de uma estrutura particular: um espetáculo de variedades com um anfitrião; um painel de discussão; uma entrevista espetáculo; um espetáculo satírico; ou um monólogo (Timberg, 2002, p. 197). O autor, tendo em conta os objetivos gerais dos *talk-shows*, divide-os em três grandes grupos: os de “conversa noticiosa”; os de “conversa com temática social”; e os de “conversa de entretenimento”. É neste último grupo que se insere o *show* humorístico analisado nesta investigação e onde o tópico é a política e os políticos em tempo de campanha eleitoral.

Algumas reflexões académicas sobre a utilização na comunicação política do humor, nas suas diversas formas em diferentes géneros de programas televisivos, indicam-nos motivos para a necessidade da sua existência e para o seu sucesso. Hariman afirma que: a “paródia e formas conexas de humor político são recursos essenciais para sustentar a cultura pública democrática” (Hariman, 2008, p. 247), e defende que as democracias precisam de outras formas de discurso político diferente do discurso “sério” instituído como correto, considerando que a paródia permite: “contrariar a idealização, encantamento mítico e outras formas de hegemonia” (Hariman, 2008, p. 253). Baym e Jones (2012, p. 12) percorreram numa perspetiva global programas de sátira política e paródia de notícias e encontraram uma característica comum a todos: “eles contêm a procura da verdade e significados numa época em que as populações desconfiam cada vez mais que os discursos tradicionais (tanto da política como das notícias) não são suficientes”.

Uma análise empírica às grelhas de programação das televisões generalistas portuguesas, Rádio e Televisão de Portugal (RTP), Sociedade Independente de Comunicação (SIC) e Televisão Independente (TVI), entre 2009 e 2015, permite concluir que a presença do subgénero *talk-show* de entretenimento noturno humorístico, nas respetivas grelhas, e a participação de políticos nesses espaços televisivos teve uma forte relação temporal com os atos

eleitorais. Essa presença foi alternada entre as três empresas televisivas e criados *talk-shows* em função da existência de eleições.

Em 2009, a SIC emitiu o *talk-show Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágio* entre 14 de setembro e 23 de outubro, as eleições legislativas ocorreram a 27 de setembro e as autárquicas a 11 de outubro.

No ano de 2011, ano de legislativas antecipadas, foi a RTP que promoveu a presença de políticos em *talk-shows* noturnos humorísticos, embora esses programas já existissem na grelha e a presença política não tenha sido coincidente com o período oficial de campanha eleitoral. Após 24 de março de 2011, dia em que o primeiro-ministro da altura, José Sócrates, pediu a demissão, o *talk-show* de entretenimento noturno *Nico À Noite*, da RTP1, cujo anfitrião era o ator e humorista Nicolau Breyner, incluiu entrevistas ao líder do Partido Socialista (PS), José Sócrates, ao líder do Partido Social Democrata (PSD), Pedro Passos Coelho e ao líder do Centro Democrático Social – Partido popular (CDS-PP), Paulo Portas. O *talk-show* da RTP2, *5 Para a Meia-Noite*, criado em 2009, terminou a 4ª temporada em maio de 2011 com uma semana de emissões intituladas *5 Para a Meia Noite – Especial Eleições*. Entre os dias 3 e 7 desse mês foram entrevistados os cinco líderes dos principais partidos com assento parlamentar e concorrentes às legislativas de 5 de junho desse ano: Jerónimo de Sousa do Partido Comunista Português (PCP), Francisco Louçã do Bloco de Esquerda (BE), José Sócrates (PS), Pedro Passos Coelho (PSD) e Paulo Portas (CDS-PP).

Em 2015, foi a TVI que emitiu o *talk-show* humorístico *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*, inserido como rubrica no *Jornal das 8* entre o dia 14 de setembro e o dia 9 de outubro. O ato eleitoral ocorreu a 4 de outubro. No *talk-show* foram incluídas entrevistas a um conjunto de políticos intervenientes no processo eleitoral, entre eles, os líderes dos partidos com assento parlamentar, o Secretário-geral do PS, António Costa, a Coordenadora do BE, Catarina Martins, o Secretário-geral do PCP, Jerónimo de Sousa e o Presidente do CDS-PP, Paulo Portas. O líder do PSD, Pedro Passos Coelho não aceitou o convite.

A decisão de emitir o *talk-show* humorístico no *Jornal das 8* da TVI, o principal jornal da estação televisiva, indica que foi adotada uma estratégia de *infotainment* na produção do jornal nesse período. Foram aí cruzados discursos e práticas sociais pertencentes a três campos, o político, o jornalístico e o humorístico. No mesmo jornal televisivo durante a pré-campanha para as legislativas foram, igualmente, entrevistados os mesmos líderes políticos num espaço de entrevista política jornalística intitulada *Tenho Uma Pergunta Para Si* (TPS).

A prática social do jornalismo que ocupou um campo específico nas sociedades desde o século XIX, sedimentou-se no papel que a teoria democrática lhe atribuiu, como elo importante no sistema democrático, com a função de fornecer informação aos cidadãos. Mas não uma informação qualquer, fornecer informação jornalística balizada por normas éticas e jurídicas que obrigam os jornalistas a um compromisso com o que pensam ser a verdade do que observam. O que a teoria democrática indica é que uma vez informados, os cidadãos podem fazer escolhas conscientes no momento de tomarem decisões eleitorais, momento determinante nas democracias representativas. Não se pretende nesta tese fazer qualquer estudo sobre o papel do jornalismo, mas observar o discurso político na situação de entrevista política em tempo de campanha eleitoral.

Durante o século XX, a entrevista foi ganhando força no jornalismo, com grande presença na esfera pública (Ekstrom, 2006, p. 24) como “principal método” (Bolin, 2014, p. 340) para obter informações “sérias” e úteis aos cidadãos e assume principal destaque em períodos de campanha eleitoral. A técnica estabelece o confronto entre jornalistas e políticos, e o conhecimento do discurso que aí é produzido adquire extrema importância. Mas a entrevista não é só importante para o campo do jornalismo, o humor descobriu que o mesmo método lhe seria útil para atingir os seus objetivos, fazer rir e divertir o auditório. Precisou, no entanto, de ir ao campo do jornalismo captar os seus principais intervenientes com origem no campo político. À procura de votos, os atores políticos facilmente aderiram aos palcos do humor aos quais se foram adaptando.

Deste contexto mediático de produção de discurso político no meio televisivo em períodos de campanha eleitoral em Portugal, surge a necessidade de estudar o comportamento discursivo dos líderes políticos na entrevista humorística e compará-lo com o comportamento discursivo dos mesmos líderes na entrevista jornalística. Foi este o objetivo da investigação colocando-se a seguinte questão de partida: *Que autoimagem foi procurada pelo entrevistado em cada género de entrevista e como reagiu face ao repto do humorista ou à pergunta do jornalista??*

Com esta investigação pensa-se poder contribuir de forma geral para o conhecimento do fenómeno do *infotainment* em Portugal, em particular fornecer dados ao campo do jornalismo que ajudem à reflexão sobre o tema e forneça conhecimento útil para o desenvolvimento de uma cada vez maior literacia mediática.

A análise recai sobre um *corpus* constituído por: quatro jornais televisivos da TVI – *Jornal das 8* (J8) onde foi inserida a rubrica TPS, espaço onde foram entrevistados, por jornalistas, os líderes dos partidos com assente parlamentar e concorrentes às eleições legislativas de 2015;

19 programas do J8 que incluíram o *talk-show* humorístico *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas* (ITMBM) e; entrevistas semiestruturadas ao ex-diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo, e ao humorista Ricardo Araújo Pereira, com o objetivo de recolher informação sobre os procedimentos de produção das rubricas e obter outros esclarecimentos considerados importantes e necessários para a investigação.

A amostra não incluiu a entrevista TPS ao líder do PSD, Pedro Passos Coelho, já que este não participou no *talk show* ITMBM, não podendo, assim, haver elementos de comparação.

A amostra foi escolhida em função dos protagonistas, do contexto social e político e do espaço geográfico. Assim, os programas estão inseridos no contexto do mercado televisivo português e foram emitidos durante a pré-campanha eleitoral para as eleições legislativas de 2015, em Portugal. Os protagonistas políticos são os mesmos nos dois formatos, jornalístico e humorístico, tendo sido as duas rubricas inseridas no mesmo espaço noticioso, o que garante uma produção tendo em vista os mesmos públicos, os do J8 da TVI. Os entrevistados, pelas suas diferenças geracionais, bases sociais de apoio partidário e de tempo de existência dos respetivos partidos no espectro político-partidário português, permitem algum grau de generalização dos resultados a partir das regularidades encontradas. Os entrevistadores, os jornalistas Judite Sousa (JS) e José Alberto Carvalho (JAC) são dois veteranos que tanto na TVI como na RTP têm desempenhado, sistematicamente, esse papel desde há algumas décadas, em períodos de pré-campanha e campanha eleitoral. No humor considerado sátira política, o humorista Ricardo Araújo Pereira é um nome incontornável. Foi ele o autor e apresentador dos *talk-shows* de entretenimento de sátira política, com maior impacto público, emitidos nos diferentes canais generalistas portugueses em períodos eleitorais. Ou seja, uma grande parte da comunicação política transmitida pelas televisões em tempo de pré-campanha eleitoral, através dos géneros entrevista jornalística ou humorística, tem intervenção dos entrevistadores que participam na amostra selecionada. Esta circunstância juntamente com o facto de ter sido a primeira vez que a entrevista política satírica foi inserida num jornal televisivo, levou à existência de um contexto de produção mediática que permite a comparação dos dois tipos de entrevista política. Por outro lado, a amostra integra a totalidade dos programas produzidos no referido contexto.

A investigação está inserida no campo das Ciências da Comunicação, no contexto da Comunicação de Massas e no quadro da “análise do discurso construcionista social” (Jorgensen & Philips, 2002). A problemática do cruzamento dos discursos: político, jornalístico e

humorístico exige o recurso aos campos teóricos da: Psicologia Social, Jornalismo, Ciência Política, Linguística e Semiótica Social na construção do quadro teórico-metodológico.

A tese está estruturada ao longo de seis capítulos. No capítulo I, enquadra-se a comunicação política no sistema de comunicação contemporâneo onde tem lugar o processo de mediatização da política. É traçada a evolução das diferentes fases de comunicação identificadas na literatura, desde a comunicação interpessoal descrita por Cloutier (1975) até à fase da *Mass Self-communication* identificada por Castells (2009). Neste contexto, é descrito um sistema de comunicação política que integra dois modelos identificados na literatura: o modelo de Brants e Voltmer (2011), que descreve a disseminação da mensagem política por processos de mediatização nos órgãos de comunicação social tradicionais e o de Tasente (2014), onde a disseminação é feita por partilha nas redes sociais. Apresenta-se, ainda, o percurso do cruzamento da “lógica da política” com a “lógica dos média”, encontrando na literatura as dimensões que as distinguem e identifica-se o posicionamento do subcampo da comunicação política no campo da comunicação. Neste capítulo problematiza-se: a televisão, enquanto meio de comunicação de massas e o seu papel no cruzamento da informação jornalística com a indústria do entretenimento; e a definição e o enquadramento do designado *infotainment* no meio televisivo, defendendo-se que a fusão faz parte de uma estratégia que recai sobre a produção dos programas televisivos e recusa-se a ideia de aquele constitui um género. A partir do modelo teórico encontrado em Duarte (2007) são identificados o campo jornalístico e o campo do entretenimento, concluindo-se que da interceção dos dois nasceu uma estratégia, a do *infotainment*, que pode ser aplicada a qualquer género. Ainda neste capítulo, caracteriza-se o género sobre o qual recai esta investigação, o *talk-show*, em particular o subgénero e o formato humorístico, considerando que não existe um cruzamento com a informação jornalística, mas sim um encontro do entretenimento com o *marketing* político. Caracteriza-se a entrevista política jornalística e humorística e questiona-se a divisão da entrevista em dois grandes grupos: a entrevista *soft* (leve) associada ao entretenimento e a entrevista *hard* (dura) associada à informação jornalística.

No capítulo II: especifica-se o contexto político em que se insere o *corpus* selecionado; traça-se o modelo de análise; e apresentam-se o paradigma e as metodologias utilizadas e os enquadramentos teóricos para a análise verbal e não verbal. No capítulo III são descritos os procedimentos metodológicos adotados ao longo da investigação e o capítulo IV é composto pela exposição da análise da amostra.

No capítulo V é descrita a inserção da rubrica humorística *Isso é tudo muito bonito, mas* (ITMBM) no J8. Por fim, no capítulo VI são retiradas as conclusões respondendo ao que a investigação se propõe, e apresentam-se as Notas Finais. Nesta última parte pretende-se deixar em aberto um conjunto de perguntas/dúvidas que foram surgindo ao longo do trabalho, e que podem ajudar a encontrar novos pontos de partida para outras investigações numa temática onde ainda há muito por conhecer, principalmente, no contexto social, cultural e político português.

CAPÍTULO 1

Comunicação Política, Televisão e Jornalismo

1.1. Da Comunicação Política Direta à Mediatização da Política

A comunicação, a política e os *media* estabeleceram uma relação de interdependência ao longo do tempo, que acabou por resultar, nas sociedades contemporâneas, no “casamento” mais falado do século XX, o da política com a comunicação. O enlace, “por vezes, contranatura”, dizem Bretton e Proulx (2000), foi impulsionado: pelos sucessivos conflitos mundiais do início do século XX, que obrigaram à “persuasão ideológica das tropas e das nações”; pela “evolução democrática das sociedades”, atribuindo ao cidadão o poder de escolher por sufrágio universal quem governa, transformando-o em “alvo vivo da argumentação política que visa convencê-lo a aderir a esta ou aquela causa”; e pela redescoberta, por parte dos políticos, das “virtudes da argumentação” e da utilização, primeiro, da rádio e depois da televisão para difundir as suas ideias (Bretton & Proulx, 2000, pp. 251-252).

Os *media* transformaram-se na única via através da qual as mensagens políticas atingem as massas. A informação começou a circular com cada vez maior velocidade e a chegar ao mesmo tempo a todo lado e a mais pessoas. Bretton e Proulx (2000) identificaram uma nova “ideologia”, a da comunicação, que sucedeu à “ideologia da barbárie”, assente num “homem novo” criado à luz da cibernética, e no projeto da nova “sociedade de comunicação”, em que as “máquinas de comunicar” se tornaram cruciais (Bretton & Proulx, 2000, p. 272). É a esta nova ideologia que o campo da política, enquanto prática social, se vai adaptando, profissionalizando a construção da mensagem política.

A comunicação e os *media* forneceram os instrumentos e os profissionais que se inseriram no campo político com o objetivo de ajudar a transformar a “ideia política”⁴ em “mensagem mediática”⁵ eficaz, ou seja, que “convença” os “alvos” a conquistar, os cidadãos eleitores. A “ideia política” é analisada na área da Ciência Política, já no campo mediático é transformada em mensagem e os processos desta transformação estudados no domínio das Ciências da Comunicação. Com o cruzamento destes dois campos, a comunicação da política altera-se, já que o controlo da construção e difusão da “mensagem mediática” foge ao poder político.

⁴ Expressão usada em Bretton e Proulx (2000, p. 265).

⁵ Expressão usada em Bretton e Proulx (2000, p. 265).

Bretton e Proulx (2000) falam na “grande novidade do século XX” – a concorrência entre a comunicação social partidária e institucional controlada pelos atores políticos e os “media independentes”, como a imprensa, a rádio e a televisão, onde “os políticos já não controlam as condições de transmissão e de encaminhamento das suas mensagens.” (Bretton & Proulx, 2000, pp. 266-267).

No processo evolutivo da comunicação, Manuel Castells anuncia que no início do século XXI chegou a “sociedade em rede”, “uma estrutura social construída em torno (mas não determinada por) redes digitais de comunicação”, onde “as formas e processos de comunicação socializada” são estruturadas tendo em conta a comunicação através de “meios multimodais e de redes horizontais interativas de comunicação, construídas em torno da internet e da comunicação sem fios”. O autor refere que são “estas redes horizontais que tornam possível” aquilo que designou por *Mass Self-communication* (Castells, 2009, p. 4).

O espaço público ganhou com a evolução dos processos comunicativos uma dimensão e contornos nunca antes experimentados, passou de um espaço limitado à praça pública ou *ágora* e sem mediação, onde eram discutidos os assuntos da *Polis*, para um espaço com dimensão global, onde a mediação e os processos de mediatização das mensagens assumiram uma grande complexidade e evolução constantes.

A leitura do trabalho de Cloutier (1975) e Castells (2009) permite de uma forma clara integrar, até aos dias de hoje, cinco fases da comunicação. Cloutier identifica quatro fases: na primeira, a comunicação era apenas interpessoal, o único veículo de comunicação era o próprio homem, era o mensageiro que venciam o tempo e o espaço, estando a comunicação limitada à capacidade auditiva e visual do emissor e do recetor; na segunda, apareceram os sistemas gráficos de comunicação, como o alfabeto fonético ou a invenção da escrita, só passíveis de serem usados por quem detinha conhecimento para tal, por isso foi identificada por fase de “comunicação de elite”; na terceira, a difusão através dos meios de massas deu lugar à “comunicação de massas”, nesta fase começaram a aparecer as primeiras imagens na imprensa, nasce a fotografia, o cinema, a rádio e a televisão; na quarta fase, é identificada a “comunicação individual”, caracterizada pelos *self-media* que permitem a gravação de conteúdos e a sua posterior visualização. As mensagens estão sempre disponíveis e a imagem e o som ganham importância na comunicação, sobrepondo-se ao texto verbal. Às quatro fases da comunicação identificadas por Cloutier (1975) sucede uma quinta fase, traduzida no conceito *Mass Self-communication* por Castells (2009). O autor define-a como o momento em que a discussão sobre a comunicação se “desloca da radiodifusão e dos media de massas para a comunicação

em geral”, e junta ao mesmo grupo o que designa por “meios de comunicação interativa”, a rede *Internet*, a rede mundial de computadores (*World Wide Web*) e a comunicação sem fios (*wireless*). O autor ressaltou, para além, de todas as trocas de informação formal e informal com os mais diversos objetivos, a utilização da *Internet* pelos meios de comunicação tradicionais para difundir as suas emissões e conteúdos, que podem ser vistos, ouvidos e lidos a qualquer hora e em qualquer lugar. Hoje, esta é uma realidade consumada no novo mundo comunicacional, que obrigou a alterar redações de todos os meios tradicionais de comunicação social. Além disso, a “combinação das notícias online” com a produção de conteúdos e comentários pelos seus utilizadores, bem como a utilização de meios agregadores de notícias (*RSS feeds*), deram origem à nova forma de comunicar, a *Mass Self-communication*, a expressão pode ser traduzida para “comunicação individual de massas”: de massas, porque atinge uma audiência interativa e distribuída globalmente; e, individual, porque os conteúdos podem ser gerados, emitidos, selecionados e recebidos individualmente, os textos são multimodais e a linguagem digital. Na figura 1.1. integra-se as fases comunicacionais I, II, III e IV identificadas por Cloutier (1975) e a fase V, aquela em que nos encontramos, identificada em Castells (2009).

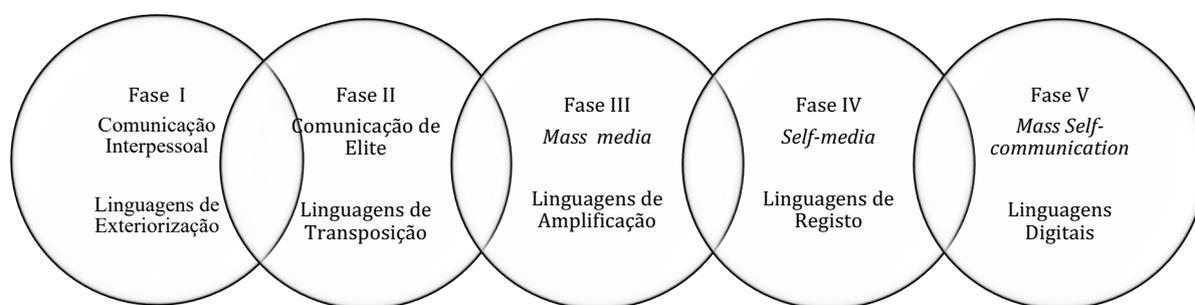


Figura 1.1 - Fases da comunicação.
Fontes: Cloutier (1975) e Castells (2009).

Em 2009, ano em que Manuel Castells publicou o livro *Communication Power*, a *Web 2.0*, identificada com a possibilidade de interação e participação dos seus usuários já estava instalada, desenvolviam-se as redes sociais, os *chats*, os sistemas de cruzamento de informação e previa-se o fim da televisão por ser considerada impossível a concorrência entre a *Internet* e o sistema de radiodifusão. A *Web 3.0* estava em marcha e já se anunciavam os motores de busca “inteligentes”, sistemas que a partir da análise das buscas dos usuários apresentam soluções em vez de listas de possibilidades de respostas a uma questão.

Castells afirma que a *Mass Self-communication* “emergiu com o desenvolvimento” da segunda e terceira gerações de serviços oferecidos pela *Internet* e de todo um conjunto de tecnologias que foram sendo criadas e aperfeiçoadas permitindo a cada um construir o seu “próprio sistema de comunicação de massas”. Castells chama a atenção para o facto das “três formas de comunicação, interpessoal, comunicação de massas e a comunicação individual de massas, coexistirem, interagirem e complementarem-se”, não havendo a substituição de umas pelas outras. O sociólogo considera que a mudança cultural e as alterações na organização das sociedades ocorrem devido à possibilidade de combinar “toda a gama de expressões culturais veiculadas pela interação humana” em “hipertexto composto e interativo” que pode circular em rede no espaço digital (Castells, 2009, p. 55).

É neste contexto evolutivo da comunicação humana que tem de ser observada a comunicação política enquanto forma de comunicação mediática, como é classificada por Lamizet (2011). Na literatura, ao longo do tempo, os termos “mediação”, “mediatização” e “medialização” encontram-se ligados à comunicação política estabelecida através dos *mass media* com implicações muito específicas na forma como a comunicação se processa no “campo político”. Um campo que Bourdieu (2011) considerou ser o “lugar em que se geram (...) produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos”, tudo gerado a partir da “concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos”. Bourdieu caracterizou o “campo político” como sendo, ao mesmo tempo, um “campo de forças” e um “campo de lutas” em que o objetivo é a transformação da “relação de forças que confere a este campo (político) a sua estrutura em dado momento” (Bourdieu, 2011, pp. 167-168).

A luta pelo poder ou pela manutenção dele em cada momento é hoje travada na sua maior parte nos palcos mediáticos dos órgãos de comunicação social de massas. A importância da comunicação política mediatizada é tal que “a política só reage à sua transmissão nos meios de comunicação social”, os políticos deixam de olhar para a realidade e passam a dar atenção à forma como órgãos de comunicação os observam (Innerarity, 2006, p. 96).

Davallon (2003) encontrou na utilização do termo mediação sinais de uma “nova forma de pensar a comunicação”, dando origem a um novo “modelo de comunicação” que sucedeu ao “modelo de informação” e ao “modelo de interação”. O primeiro tinha em conta o emissor e o recetor e via a comunicação como transmissão de informação, o segundo “concebe-a como interação entre sujeitos sociais”. Os dois modelos sobrepostos não permitiam “apreender conjuntamente o técnico e o social”, uma questão que ficou resolvida, referiu Davallon (2003), com o “modelo da mediação” já que este inclui um terceiro elemento, a dimensão mediática,

“que torna possível a troca social, enquanto os universos da produção e da recepção são *a priori* disjuntos por natureza” (Davallon, 2003, pp. 52-53). McQuail (2010) defendeu o conceito de mediação como a “retransmissão em 2ª mão” de eventos que não são presenciados diretamente. O autor indicava que a mediação se “refere aos esforços de outros atores e instituições da sociedade para nos contatar para atingir os seus fins (ou nosso suposto bem)” (McQuail, 2010, pp. 83-84). Na definição de McQuail fica a dúvida sobre as reais intenções de quem se esforça por estabelecer esse contato mediado por terceiros, deixando que a dúvida visa “políticos, governos, anunciantes, educadores, especialistas e autoridades de todos os tipos”. O autor indica que na mediação há sempre o envolvimento de um “dispositivo tecnológico entre os nossos sentidos e as coisas externas a nós” e uma relação que sendo “mediada através dos *mass media* é mais distante, mais impessoal e mais fraca do que a relação direta e pessoal” (McQuail, 2010, p. 83).

Para Stromback (2008), o conceito de mediação era “descritivo e estático” e não captava a dinâmica dos processos de comunicação política incluídos na mediatização. O autor defendeu que o que aconteceu na Era mais recente da comunicação foi a “intensificação da mediação” e que as grandes alterações se deram no processo de mediatização” (Stromback, 2008, p. 231). Schulz indicou que “claramente a mediatização refere-se a mudanças associadas aos meios de comunicação e ao seu desenvolvimento” (Schulz, 2004, p. 88). Esta ideia de mediatização como processo já tinha sido apontada em Mazzoleni e Schulz (1999). Os autores separaram os dois termos, sendo o termo “mediação” reservado para “quaisquer atos de intervenção, transmissão ou reconciliação entre atores coletivos ou institucionais” mediados de forma “neutra”, e a mediatização para designar um processo que se instalou como uma “grande tendência nos sistemas políticos na década de 1990”, mas que “remonta ao aparecimento da televisão” e se expandiu com “a comercialização dos sistemas de mídia e da modernização da política”. Os *mass media* podem, assim, ser “considerados um mediador ou agente intermediário, cuja função é transmitir significados do comunicador para a audiência ou entre parceiros de comunicação e às vezes substituir as trocas interpessoais” (Mazzoleni & Shulz, 1999, pp. 249-250).

Em 1995⁶, Blumler e Gurevitch (2001) construíram um sistema de comunicação política “triangular” onde incluíram duas dimensões interdependentes nos vértices do triângulo: numa “interação horizontal” foram colocadas as instituições políticas e os *media*, com o objetivo de preparar e negociar a disseminação da mensagem; e no “eixo vertical”, os mesmos atores estão separados mas unidos nessa disseminação e processamento das informações e ideias de, e para

⁶ Data da primeira edição.

a massa de cidadãos que ocupam o vértice do triângulo (Blumler & Gurevitch, 2001, p. 204). Em 2011, Brants e Voltmer (2011) identificaram o eixo horizontal como o processo de “mediatização” e o eixo vertical como “descentralização”, sendo, este último, o lugar onde os cidadãos influenciam as instituições políticas através do voto enquanto eleitores e influenciam os *media* enquanto elementos constituintes das audiências (Brants & Voltmer, 2011, pp. 1-4).

Os cidadãos têm neste sistema papéis diferentes: enquanto eleitores, influenciam o campo político, e enquanto elementos de um grupo contabilizado pelas audimetrias (audiências) influenciam o campo da comunicação mediática. Na sociedade que comunica em rede, Castells (2009, p. 127) chama-lhe “audiência criativa”, que interpreta e atribui novos significados às mensagens e que possui a capacidade de as receber, mas também de as modificar. A difusão dessas mensagens é feita por diversos canais de diferentes modos usando códigos diversos, num sistema de comunicação de alta complexidade, já anteriormente referido, no contexto do qual se desenrola o processo de comunicação política.

Tasente (2014) concluiu que no novo paradigma comunicacional, a comunicação política estabelecida através dos *media* sociais sofreu uma transformação profunda. O poder de disseminação da mensagem ficou nas mãos do recetor, desaparecendo o eixo horizontal do modelo de Blumler e Gurevitch criado em 1995. Ou seja, desapareceu o processo de “mediatização” identificado por Brants e Voltmer (2011) que se desenrola entre os líderes da comunicação política, jornalistas e políticos, e a “descentralização” começou a ser concretizada por alguns “usuários comuns a partir da fonte (páginas do *facebook* dos atores políticos)”. Esses usuários, com o tempo, transformaram-se em “líderes influentes em meio on-line”. Um processo de partilha de opiniões que leva alguns usuários a tornarem-se “fans da fonte da mensagem nos grupos sociais.”. Tasente (2014) identifica “o poder do recetor” que descentraliza sem intermediários a mensagem política para a discutir nos grupos sociais a que pertence” (pp. 24-26).

Em 2009, Castells referiu que as fases de comunicação não se substituíam umas pelas outras, mas antes complementavam-se. O processo de comunicar a política alterava-se profundamente, bem como a relação entre os diferentes atores. A mensagem é mediatizada e disseminada pelos *mass media* tradicionais e também mediada por dispositivos de conexão e disseminada por partilha. Essa coexistência de modelos é evidenciada no esquema traçado na figura 1.2.

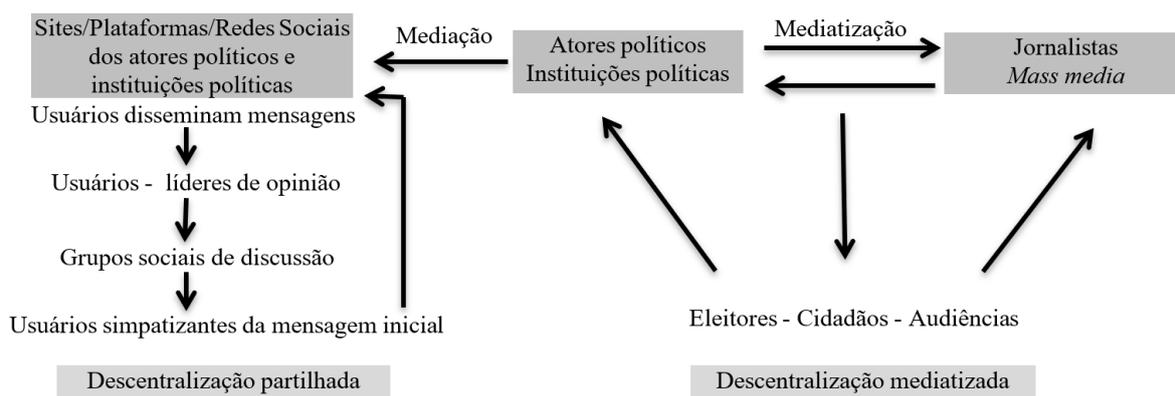


Figura 1.2 - A Comunicação política na sociedade em rede.

Fonte: Adaptação dos modelos de Brants e Voltmer (2011) e Tasente (2014).

O esquema apresentado segue os modelos mencionados, considerando-se que na comunicação através dos dispositivos de conexão o que está em causa é um processo de mediação, nos termos de Mazolleni e Shulz (1999) e Stromback (2008), em que há ausência do processo de mediatização no meio usado para disseminar a informação. Os atores políticos e instituições políticas comunicam através da *Internet* com os cidadãos, sem que a informação que pretendem transmitir seja mediatizada pelos jornalistas. No modelo traçado por Tasente (2014), as “páginas do *facebook* dos atores políticos” são as fontes mencionadas, mas existem outras redes, plataformas e *sites* através dos quais os atores políticos e instituições políticas difundem as mensagens políticas que são recebidas, comentadas e debatidas em meio digital, chegando desta forma ao espaço público. Tasente (2014) atribuiu aos cidadãos a designação de “usuários”, porque o cidadão “usa” as redes sociais para se informar e nesse papel é um cidadão ativo, que procura a informação e possui o poder de descentralizar a mensagem, discuti-la e fazer chegar de forma imediata o seu *feedback* à fonte. Como já foi referido, o “poder” está no recetor da mensagem, nos “usuários”, já que são eles quem a dissemina e a pode alterar. No modelo de distribuição da mensagem através dos *mass media* tradicionais esse poder pertence aos políticos e aos jornalistas que disponibilizam a mensagem aos cidadãos, estes limitam-se a tomar conhecimento dela de forma passiva e o *feedback*, se existir, é posterior. A descentralização da mensagem política na comunicação através das redes sociais, plataformas e *sites* é concretizada por um processo de partilha, enquanto a descentralização pelos *mass media* tradicionais é realizada através do processo de mediatização. Há ainda que referir a difusão de notícias mediatizadas pelos órgãos de comunicação social e difundidas pelas redes sociais, entrando desta forma no circuito de disseminação pelos usuários, mas já depois de tratadas pelos jornalistas, sendo as redes sociais, neste caso, apenas, mais um meio para as

difundir. A comunicação da política através das redes sociais é, neste momento, uma prática completamente enraizada e assumida por partidos políticos e instituições.

O processo de mediatização da política é influenciado por um conjunto de posicionamentos dos *media* na sua relação com o campo político. Stromback (2008, pp. 235-241) define quatro dimensões para definir o conceito: os *media* assumem um papel preponderante como “fonte de informação na política e na sociedade”; a gestão dos *media* pode posicionar-se de forma independente ou dependente das instituições políticas; as outras duas dimensões prendem-se com a interdependência das lógicas política e mediática: o conteúdo dos *media* situa-se entre as duas lógicas; e os políticos na sua ação governativa de tomada de decisões são, igualmente, influenciados pelas mesmas lógicas.

O controlo do debate público sobre as questões políticas tornou-se um objetivo do campo político. Consultores, especialistas em técnicas de marketing político, assessores de imprensa e *spin doctors*, muitos deles especialistas em comunicação digital, tentam manter o debate público dentro de limites que sejam favoráveis aos protagonistas políticos. Um controlo que tende a ser perdido por influência de uma, cada vez maior, independência dos *media* (Brants & Voltmer, 2011, p. 4) e pelo efeito do “poder do recetor” (Castells, 2009; Tasente, 2014) sobre as mensagens.

O investigador sueco Ken Asp é indicado como tendo sido o primeiro a referir-se à “mediatização da vida política”. Asp (1986) afirmou ser este um “processo” através do qual um “sistema político é influenciado, em elevado grau, pelas e ajustado às exigências dos meios de comunicação social, na cobertura da política.” (Asp, 1986 citado por Hjarvard, 2008, p. 106). Em 2013, Esser (2013) definiu a mediatização como “o crescimento da intrusão da lógica dos *media*, como regra institucional, num campo onde outras regras apropriadas de definição de comportamentos prevalecem” (p. 160). Esta “intrusão” obrigou o “campo político” a adaptar-se ao “campo mediático” num processo que acabou por mudar a forma de fazer e comunicar a política. Para exprimir este processo de adaptação do “sistema funcional político” ao “sistema funcional dos *media*”, Meyen et al. (2014) propuseram o conceito de medialização. Os autores indicam que a medialização só é possível porque os “atores dos sistemas funcionais (...) acreditam nos efeitos dos *media* (influência no conhecimento, atitudes, emoções ou comportamentos)”, e em consequência dessa crença “alteram as suas estratégias em função da lógica dos *mass media*” a três níveis: micro, meso e macro. Ao nível micro, mudam as estratégias de seleção de candidatos, sendo escolhidos pelas suas capacidades mediáticas e treinados para os contatos com os *media*, os adversários são combatidos nos *media* e não só no

parlamento, e as batalhas políticas passam, por vezes, por simulações. Ao nível meso, fazem mudanças nos recursos, participam em eventos sociais coletivos, reforçam equipas de assessorias com jornalistas qualificados em contatos estratégicos e produzem eventos espetaculares para que tenham maior impacto televisivo. Ao nível macro, alteram programas, forma e modelos de eventos partidários e regras de comportamento e de vestir (Meyen et al., 2014, p. 11). No contexto mediático, em que os textos multimodais dominam enquanto forma de comunicação, a imagem, tanto do candidato como do meio envolvente, passa a ter uma importância central em todos os eventos.

A “lógica dos media” foi referida pela primeira vez em 1979 por Altheide e Snow (Esser, 2013, p. 166). Altheide retoma o conceito em 2004 e descreve-o como um “processo para a construção das mensagens dentro de um determinado meio”. Esta lógica inclui a “seleção, ritmo, a gramática e o formato”, sendo neste último que são definidos “a forma como o material é organizado, o estilo de apresentação, o *focus* ou ênfase, e a “gramática” da comunicação mediada” (Altheide, 2004, p. 294). Nesta definição estão implícitas regras e processos específicos do campo dos *media* que são influenciados por aspetos profissionais, comerciais e tecnológicos (Hallin & Mancini, 2004)⁷. Assim, a produção noticiosa e a relação estabelecida entre os sistemas de media e a política é concretizada de acordo com normas e critérios jornalísticos, com motivações económicas e assume características específicas do meio de comunicação em que é produzida (Esser, 2013, p. 167).

Esser e Stromback indicam três dimensões que descrevem o sistema político: a *policy*, a *politics* e a *polity*, a divisão é feita no âmbito da Ciência Política e permite separar a lógica política de outras “esferas sociais”, entre elas os *media*. A *policy* é o espaço da “produção das políticas públicas” onde, no sistema da democracia representativa, dominam as fases da elaboração de políticas e a sua implementação no quadro institucional. Nesta dimensão é procurada a “coordenação e equilíbrio de interesses”, são organizadas negociações, debatidas alternativas às políticas escolhidas, concebidos programas através de deliberação coletiva de decisões e procurados consensos e soluções de longo prazo para os problemas substanciais. A *politics* está no polo oposto à anterior, a política “substancial” dá o lugar à “luta política”. O objetivo é o de manter ou atingir o poder, sendo que a literatura caracteriza-a como um espaço de “política de apresentação própria” (*self-presentational politics*) dominado pelo discurso de

⁷ Os autores traçam, ao longo da obra, as diferentes formas de como se combinam as variadas influências no interior dos modelos dos sistemas de informação, o modelo pluralista polarizado, onde estão inseridos os países mediterrânicos do sul da Europa, entre os quais Portugal, o cooperativista democrático e o liberal.

angariação de apoio para programas, partidos e candidatos. Diversas estratégias, como “pseudo-eventos, projeção de uma imagem e política simbólica”, constituem o campo do poder e da publicidade da política (Esser, 2013, pp. 164-166; Stromback & Esser, 2014, pp. 15-16). No quadro 1.1 resume-se as características da política substancial (*policy*) e as do combate político (*politics*).

Quadro 1.1 - Características da política substancial vs combate político.

Produção de Políticas	Combate Político
Interessada no coletivo	Interessada no individual
Procura de efeitos a longo prazo	Procura de efeitos a curto prazo
Ações discretas	Exibição das ações
Foco na estratégia	Foco na substância
Necessidades objetivas	Priorização
Equilíbrio de compromissos	Angariar apoio
Resolver problemas	Atingir o poder
Política substancial	Política de apresentação própria

Fonte: Esser (2013), Stromback e Esser (2014).

A *polity* refere-se à estrutura da política institucional, diz respeito ao sistema de regras que regulam o processo político e traçam os limites da ação dos atores políticos, e inclui o sistema eleitoral, partidário, judicial e burocrático (Stromback & Esser, 2014), sendo este um domínio onde esta investigação não tem qualquer incursão.

A comunicação política é apontada em Blumler (2011, p. ix) como um “subcampo excepcionalmente rico e complexo entre aqueles que estudam o campo da comunicação”. Chaffee (1975 citado por Kaid, 2004, p. xiii) aparece referenciado como sendo um dos primeiros autores a apresentar uma definição para comunicação política, tendo-a definido como “o papel da comunicação no processo político”. Eric Louw (2005, p. 13) define-a como um “fenómeno multiforme e multidimensional como, por exemplo, o discurso, a linguagem corporal, memorandos, comunicados de imprensa e violência política”, incluindo-se, nesta última faceta, o terrorismo. Blumler (2011, p. ix) afirma que “na sua forma mais simples ela liga a cultura política, os atores políticos, as organizações de media, incluindo o papel desempenhado pelos jornalistas políticos nessas organizações e o corpo incrivelmente heterogêneo e cada vez mais variável de cidadãos”. Graber (1993) identifica a comunicação política como um subcampo da ciência política e defende que é “a construção, a emissão, a receção e o processamento das mensagens que potencialmente têm um impacto significativo na política”, podendo ser este impacto “direto ou indireto”: o direto, é provocado pelas mensagens

que “relatam atividades políticas como o apelo ao voto, pedido de apoio ou compreensão com uma lei em particular”; o indireto, tem origem naquelas que “criam imagens da realidade que depois afetam o pensamento político, ações das elites políticas e dos públicos em massa”. A autora aponta como característica principal da mensagem política “um efeito político significativo sobre o pensamento, crenças e comportamentos”, sejam estes individuais ou coletivos (Graber, 1993, p. 305).

Bretton e Proulx (2000) consideraram que o termo comunicação política é “falsamente claro” e retiram desse campo a atividade dos profissionais da comunicação política, defendendo que esta atividade só tem aí cabimento se for atribuída a esse campo “uma extensão muito alargada”. Os autores incluem a atividade dos profissionais da comunicação política na propaganda, lugar de “argumentação manipulada”, e dizem preferir manter “a conotação democrática do campo da comunicação política na aceção de argumentação cooperativa e orientada”. Para além da propaganda fica também excluída do campo da comunicação política a desinformação, por considerarem que quem se dedica a estas atividades pratica um exercício “invisível” e “incompatível com o jogo democrático, uma vez que se trata de desvios e de manipulação” (Bretton & Proulx, 2000, pp. 255-258). Já Brian McNair (2011) engloba a comunicação profissional no sistema de comunicação política. O autor considera a “publicidade política”, as “relações-públicas” e o “*marketing* político” “categorias” ou “formas de comunicar” da atividade da comunicação política, e esclarece que elas incorporam o sistema no contexto das democracias liberais, cujo nascimento culminou nos valores saídos da Revolução Francesa de 1789, “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” (McNair, 2011, pp. 5-6). Lamizet (2011) afirma que a “propaganda é uma dimensão vergonhosa da comunicação política”, mas que “sem dúvida tem um lugar nas práticas e atividades da comunicação política”. O autor define-a como “uma forma de comunicação que projeta quaisquer representações que difunde como independentes do ator que as implementa”, sendo a separação entre o que é dito de quem o diz que “desvaloriza a propaganda no campo da comunicação política”. O autor separa a propaganda da publicidade política considerando que esta última passou “a fazer parte do facto político”, com o objetivo de propagar a sua representação no espaço público, e indica a “comunicação eleitoral como uma das primeiras formas de publicidade política” (Lamizet, 2011, pp. 55-56).

Lamizet (2011) baseia a existência da comunicação política em duas razões principais, “por um lado por constituir uma mediação da representação simbólica do poder, por outro, por pretender exercer uma influência simbólica pelas formas e expressões que difunde no espaço

público”. O autor afirma que para compreender a construção das “lógicas da mediação simbólica do facto político” se torna necessário definir três conceitos, o poder, a dominação e a influência. O “poder” permite separar os atores políticos entre quem o perde e quem o ganha, a “dominação” constitui o “poder simbólico exercido pelos atores que mediatizam as estratégias de comunicação e de representação”, e a “influência designa o processo pelo qual os discursos e as estratégias de comunicação estruturam as ações e as práticas sociais.” (Lamizet, 2011, pp. 8-9).

O percurso feito através da revisão da literatura no sentido de construir um quadro que permitisse situar a comunicação política no atual sistema de comunicação mediático levou à identificação de um subcampo. Os investigadores dividem-se entre um subcampo da comunicação ou subcampo da ciência política, dependendo da perspectiva, se é a das ciências da comunicação ou da ciência política. É comum, no entanto, a integração da comunicação política no espaço de interceção das lógicas da política e mediática. Ficou ainda visível a interdisciplinaridade da comunicação política e a dificuldade para encontrar definições, já que se juntam duas palavras pertencentes a campos independentes, cada um com regras e processos de concretização próprios.

Estando esta investigação situada no campo da comunicação, é a partir desta perspectiva que se insere a comunicação política, como subcampo onde interagem as lógicas dos *media* e da política (figura 1.3).

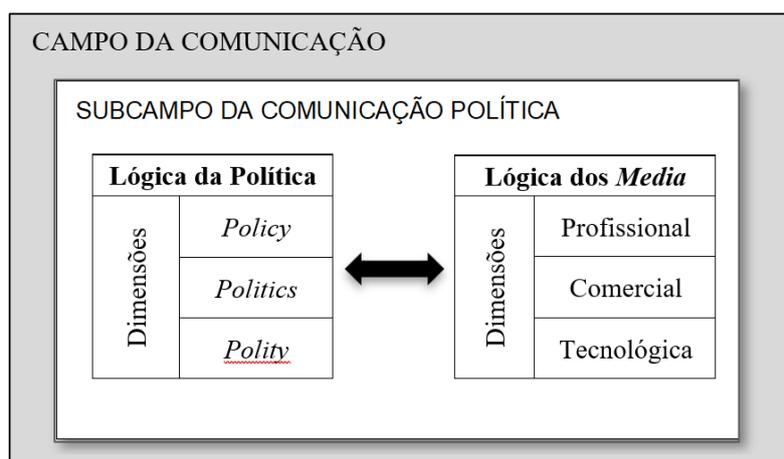


Figura 1.3 - Posicionamento da comunicação política no campo da comunicação.

Fontes: Blumler (2011), Esser (2013), Graber (1993), Hallin e Mancin (2004), Stromback e Esser (2014).

Por ser necessário separar, em alguns momentos, os processos de difusão dos meios de comunicação tradicionais dos digitais, adota-se a seguinte terminologia: a expressão *mass*

media tradicionais engloba a televisão, rádio e imprensa difundidos por radiodifusão e distribuição, a expressão *mass media digitais* engloba os meios de difusão via *Internet* e a expressão *mass media* engloba a difusão tradicional e digital.

1.2. A Televisão – Jornalismo e Entretenimento, uma Fusão Estratégica

A televisão não está, nas sociedades contemporâneas, confinada à “caixa que mudou o mundo”. A expressão tornou-se propriedade de todos perdendo-se a sua autoria, mas o seu significado é útil para nos referirmos à ideia de que a televisão está a ser transformada. Castells em 2009 já nos dizia que a *Web* estava a transformar a televisão e que os jovens já não entendiam “o conceito de ver programas televisivos com hora marcada”. A “difusão e formatos estavam a ser transformados bem como a sua receção se tornava individualizada” (Castells, 2009, pp. 64-65). Hoje essa é uma realidade instalada, mas apesar de todas as transformações no sistema comunicacional a televisão é ainda um meio importante na difusão de conteúdos informativos e de entretenimento, seja no formato tradicional ou por difusão através da *Internet*, e recebida em diferentes plataformas.

Em Portugal, um estudo de 2015 publicado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) – sobre consumos de media digitais indicava que 93% dos inquiridos que consomem notícias *online* através de *tablet* e *smartphone* procurava as notícias televisivas para se informar (ERC, 2015, p. 43). O mesmo estudo refere que os canais de televisão, tanto os generalistas como os de notícias - RTP1/RTP3, SIC/SICN e TVI/TVI-4 - eram a principal fonte noticiosa dos inquiridos que consumiam notícias e utilizavam a *Internet* (ERC, 2015, p. 33).

Quanto ao formato de difusão tradicional, a partir dos dados diários disponibilizados pela *GFK- Marketing Services AS* para a Comissão de Análise de Estudos de Meios (CAEM), é possível dizer que todas as noites os principais jornais dos três canais generalistas, RTP1, SIC e TVI, são vistos por mais de dois milhões de espetadores.

Desde muito cedo, a caixa que levou o “mundo” a casa foi alvo de muitas críticas. Foi acusada de ter o “poder de mostrar”, mas também de “mobilizar” ou “desmobilizar” (Bourdieu, 1996, pp. 20-22). Poder, referiu o autor, que é possível existir através do “simples relato do repórter que implica sempre uma construção social da realidade”. Bourdieu afirmou que os “perigos políticos inerentes ao uso habitual da televisão” residiam no facto de “as imagens terem uma peculiar capacidade de produzir (...) um efeito de realidade”, esclarecendo que as imagens “mostram coisas e fazem as pessoas acreditar no que estão a ver”, e que se caminhava para “o tempo onde o mundo social é primariamente descrito- e em certo sentido prescrito –

pela televisão.” Silverstone (2003) acrescentou que a televisão é um meio com “considerável poder e significado em e para a vida quotidiana”, mas isso “não pode ser entendido sem atender (...) às complexas inter-relações do meio com as várias realidades sociais com as quais está envolvido”. A televisão tem de ser pensada de “forma psicológica, social e cultural, bem como económica e política” (Silverstone, 2003, p. ix). Popper e Condry (2012) olharam para a televisão como uma ameaça por possuir um “poder incontrolado” que, por inércia política “ameaça a democracia”, já que a falta de controle sobre o poder é contra os princípios democráticos. Os autores defenderam que à violência transmitida na televisão juntavam-se também “os desequilíbrios da vida política, da corrupção do discurso público, da dificuldade cada vez maior de captar a diferença entre realidade e ficção” (Popper & Condry, 2012, p. 11). Blumler e Gurevitch (2001) identificaram uma “crise de comunicação política” e acusaram a televisão de ser a grande culpada. A evolução da importância da televisão enquanto meio de comunicação de massas, a transformação da forma de fazer a cobertura jornalística da campanha política, privilegiando questões pessoais em vez de questões políticas em programas que “dissolvem as fronteiras entre o que é política e o que não é política”, e a transformação dos líderes políticos em “celebridades”, foram algumas das razões apontadas para a existência dessa crise. Blumler e Gurevitch (2001) atribuíram especiais responsabilidades à proliferação de *talk-shows* e afirmaram que o regime político se estava a transformar numa “democracia *talk-show*” (p. 217). Postman (1985) defendeu que a televisão transformou o entretenimento “no formato natural para a representação de todas as experiências” (p. 87) e argumentou que “a forma (de fazer televisão) está contra o conteúdo” (Postman, 1985, p. 7). Sartori (1997) concluiu que a prevalência da imagem sobre a palavra estava a transformar o “*homo sapiens*, produto da cultura e da escrita, em *homo videns*” e defendeu que a televisão “destrói mais saber e capacidade de compreensão do que transmite” (pp. 11-12).

Argumentos contra a forma como a televisão evoluiu em contexto concorrencial são fáceis de encontrar entre as investigações feitas ao fenómeno televisivo. Os investigadores identificam os Estados Unidos como berço de um determinado tipo de televisão, criadora de formatos televisivos que misturaram notícias e política com entretenimento. Os *talk-shows* de entretenimento são destacados pelos críticos, muitas vezes, por serem programas onde os políticos, candidatos a lugares de poder ou a exercê-lo, começaram a ter uma presença assídua.

Na Europa do pós-guerra a televisão foi pensada pelo poder político como um meio eficaz de mediação entre o Estado, os governos e os cidadãos. O reforço dos valores democráticos e de cidadania foram os grandes objetivos traçados. A Grã-Bretanha foi o primeiro país a criar

um canal público. A pioneira BBC nasceu em 1927 com a missão de informar, educar e entreter e acabou por se instituir como modelo para o resto da Europa. Rebelo (1993) indicou que só 30 anos depois aparecem os primeiros canais privados europeus, exatamente, na Grã-Bretanha e também na Bélgica. Em 1992, quando o setor privado abriu os seus canais em Portugal, o autor refere que o monopólio só existia na Áustria, Dinamarca, Irlanda e Suíça.

A televisão chegou a Portugal em 1955 com a criação, em regime político ditatorial, da empresa Rádio Televisão de Portugal – RTP. O monopólio estatal durou até 1992, altura em que foi aberto o primeiro canal privado, a Sociedade Independente de Comunicação- SIC e um ano depois eram iniciadas as emissões de outro canal privado, a Televisão Independente – TVI.

A concorrência entre canais privados, por satélite e por cabo, criou outras dinâmicas de audiências e estimulou a criatividade dos autores de programas televisivos. Os dados do relatório anual do *The Project for Excellence in Journalism - The State of the News Media* (2006) revelaram que o *share* médio combinado dos serviços noticiosos noturnos, dos canais difundidos por rede de transmissores, *ABC World News*, *CBS Evening News* e *NBC Nightly News*, entre 1980 (lançamento do canal por cabo CNN) e 2005, caiu 51%. As audiências nos canais por cabo estão em constante incremento até aos dias de hoje. O relatório de 2020, ano marcado pela pandemia de Covid-19, indica que as audiências nos canais por cabo tiveram um “crescimento explosivo”. No horário nobre a audiência média da *Fox News* aumentou 61% e a CNN 72%, enquanto a audiência média no mesmo período, nos canais por rede aumentou entre 7 e 16%. Esta tendência também se verifica em Portugal, um estudo do Observatório da Comunicação (*OberCom*) publicado em 2015 indicava que, em 1999, as audiências agregadas (*share* global) dos canais por cabo somavam 2,1% e na transição de 2013 para 2014, o número subiu para 27,7%, ultrapassando os canais generalistas (RTP1 e RTP2, SIC e TVI), cuja média dos *shares* globais foi de 21,3%. O anuário da comunicação publicado em 2021 confirma a tendência, verificando-se que os canais por cabo são aqueles que têm uma maior subida de audiências entre 2015 (53,4%) e 2021 (61,0%).

A dinâmica das audiências que se movimentam no sentido da novidade e de uma maior possibilidade de escolha de conteúdos é acompanhada pela tendência de mudança nas opções televisivas, no momento da produção desses conteúdos. Em 1998, o *The Project for Excellence of Journalism* publicou um estudo, que abrangeu todo o tipo de meios de comunicação social, sobre a tendência da transformação do entretenimento em notícia nos Estados Unidos entre 1977 e 1997. O estudo revelou que a ênfase nos tópicos tradicionais (governo, assuntos militares, domésticos e internacionais) decresceram de 66,3% (1977) para 48,9% (1997), e os

tópicos sobre entretenimento/celebridades, estilos de vida e crimes cometidos por celebridades aumentaram de 5,1% para 11,1%. No caso do meio televisão distribuído por rede é indicado que a maior mudança foi o incremento do número de histórias sobre escândalos, que de 0,5% em 1977 passaram para 15% em 1997, e o aumento nos tópicos de interesse humano e qualidade de vida, que passaram de 8 para 16% no mesmo espaço de tempo. O caso de crime praticado pelo famoso jogador de futebol e ator americano, O. J. Simpson (1995), entrou na história do *infotainment* por ter sido o primeiro a assumir dimensão global, sendo que o mesmo aconteceu com o escândalo sexual Mónica Lewinsky (1998) que envolveu o ex-presidente norte americano Bill Clinton (Thussu, 2007, pp. 27-29).

O neologismo *infotainment* foi associado aos programas televisivos nos anos 80. Numa conferência da Associação Nacional dos Executivos de Programação de Televisão (NATPE), o termo foi adotado pelos produtores de programas de televisão. Por exemplo, Timberg (2002, p. 12) refere-se ao facto como uma “jogada⁸ de *marketing*”, Thussu (2007, p. 7) considera-o um “fenómeno” televisivo associado às notícias, onde “o modo de apresentação é mais importante que o conteúdo”, afirmando que as “novas notícias canibalizam a forma visual e o estilo das televisões comerciais” e define o *infotainment* como um mal à escala global. O autor afirma que “a necessidade de transformar as notícias em entretenimento tornou-se uma prioridade crucial para as emissoras” e acusa-as de seguirem os tabloides.

A captura do jornalismo pelo entretenimento é uma tendência assinalada por diversos autores. Consideram que o entretenimento afeta o jornalismo negativamente e mencionam a diminuição da quantidade de jornalismo político “sério” na esfera pública com graves efeitos no funcionamento das democracias. Em resumo, nestas teses, o jornalismo tende a desaparecer na sua forma útil para as sociedades democráticas (Blumler & Kavanagh, 1999; Bourdieu, 1996; McChesney, 2008). Em sentido oposto, Bolin (2014),⁹ inspirado na teoria de campo de Bourdieu dá uma “explicação alternativa” para as alterações da relação entre jornalistas, políticos e entretenimento. O autor não acredita na “morte do jornalismo”, recusa o triunfo do entretenimento sobre o jornalismo e defende que vivemos uma “era do *hyperjournalism* (Bolin, 2014, p. 346). O autor olhou para o caso sueco, mas afirma acreditar que as suas justificações podem ser aplicadas em outros países europeus por existirem contextos mediáticos idênticos. Bolin afirma que as conclusões de grande parte dos estudos são baseadas no mercado televisivo

⁸ A expressão do autor é “*marketing ploy*”, sendo que *Ploy*, no Cambridge Dictionary (s.d.a) é referido como exemplo de “algo que é feito ou dito, muitas vezes de forma desonesta, para obter uma vantagem; um truque”.

⁹ Neste artigo é referido o contributo para a investigação de outros investigadores fora da Suécia, entre eles, figura a investigadora portuguesa Rita Figueiras, Professora da Universidade Católica de Lisboa.

norte americano, onde não existem televisões públicas “fortes” como na Europa, o que para Bolin (2014) marca a grande diferença, já que estas, desenvolveram um modelo concorrencial com os canais privados e introduziram um equilíbrio no mercado televisivo, permitindo ao jornalismo autonomizar-se como subcampo da produção cultural. De acordo com o autor, é esta autonomia que muda a relação do jornalismo com o entretenimento e com o campo político. Zoonen (2004, p. 3) defende a necessidade da política se adaptar à “cultura quotidiana dos cidadãos” sob pena de se “transformar em algo estranho e com a qual ninguém se importa”.

A evolução dos formatos de programas de televisão está associada a diferentes fases deste meio de comunicação: a *paleotelevisão*, a era da televisão pública em monopólio, institucional, centrada na sua missão de informar, educar e entreter, e no mundo exterior, preocupada com os enunciados e com o aparecimento da concorrência dos privados; a *neo-televisão*, a era da concorrência, virada para o seu interior, mas a envolver o cidadão nas suas emissões, preocupada com as audiências, o aparecimento de mais canais, com mais tempo de emissão e novos conteúdos (Eco, 1999); a *Televisão em rede*, a era da comunicação em rede e onde a televisão “se assume como parte de uma rede maior de tecnologias de mediação, relacionando-se com outras tecnologias” (Cardoso, 2007, p. 182). Ellis (2002) caracteriza as três eras da televisão com três adjetivos: a “escassez”, associado à *paleotelevisão*, na qual existiam apenas alguns canais que emitiam algumas horas por dia; a “disponibilidade”, associada à *neotelevisão*, altura em que apareceu a concorrência do cabo e do satélite; a “abundância”, em que a televisão se transformou numa indústria com os seus múltiplos canais, tornou-se interativa e os programas passaram a ser identificados por “conteúdos” ou “produtos” e difundidos através de diferentes tecnologias (Ellis, 2000, p. 39).

A indústria americana de conteúdos exportou para a Europa modelos e filosofias televisivas. Os “conteúdos” em forma de episódios acabados ou em formatos que, posteriormente, eram adaptados a cada realidade social europeia, sendo, igualmente, exportados para outras regiões do globo, deram origem a uma indústria de entretenimento televisivo que vale milhões. A existência de uma indústria pressupõe consumo e é nesse enquadramento económico que a televisão evoluiu em toda a Europa, caminhando no mesmo sentido que nos Estados Unidos, para uma televisão em que a indústria do entretenimento vai ganhando terreno nas grelhas de programação e as fronteiras entre programas de informação jornalística e o entretenimento vão-se desvanecendo até ao momento em que nos encontramos, em que se torna cada vez mais difícil a classificação dos géneros televisivos.

Em Portugal, o relatório de regulação da ERC (2021, p. 518) indica que os programas com a função de entreter ocuparam na RTP1, 54,5% da grelha de programas, na SIC, 74,0% e, na TVI, 74,1%, enquanto programas com a função de formar ocuparam na RTP1, 0,9%, na SIC, 0,0% e, na TVI, 2,1%. A informação ocupou na RTP1, 43,4%, na SIC, 25,7% e, na TVI, 22,6%.

A par da indústria do entretenimento televisivo a imagem assumiu na “sociedade em rede” um papel central na linguagem, já que o discurso multimodal é uma das suas características. Um tipo de discurso que “envolve uma complexa interação de texto escrito, imagens e outros elementos gráficos ou som, concebido como uma entidade através da disposição dos diferentes elementos” (Kress & Leeuwen, 2006, p. 17). É neste novo ambiente da ecologia da comunicação que a televisão ocupa um lugar diferente daquele que ocupou nos períodos da *paleotelevisão* e *neotelevisão*. A era da *televisão em rede* (Cardoso, 2007) é de “convergência de meios” que “esbate as linhas de fronteira dos diferentes meios de comunicação” (Castells, 2009, p. 58). A produção de imagens em movimento deixou de ser um privilégio da televisão, verificando-se que a rádio e a imprensa também as podem produzir e difundir.

Na passagem da fase da *paleotelevisão* para a *neotelevisão*, a convergência tinha ocorrido entre formatos, subgéneros e géneros de programas. Com os programas de entretenimento a ganhar terreno, a informação jornalística começou a preocupar-se com captação de audiências, e encontrou nos temas, nas técnicas de persuasão próprias do entretenimento e em alguns formatos, uma forma de o fazer. Os programas de informação jornalística foram adaptando os seus formatos e linguagem à nova ecologia comunicacional, mas na esfera do entretenimento e até da publicidade também os formatos dos programas de notícias começaram a ser usados, muitas vezes, como forma de credibilização e de chamada de atenção das audiências. O entretenimento também encontrou no campo do jornalismo, protagonistas, habitualmente, encontrados nas notícias, entre os quais os políticos, formatos e conteúdos como matéria-prima para o divertimento.

À medida que esta fusão estratégica se foi aprofundando, a tarefa de definir o campo em que se inserem os programas televisivos tornou-se, cada vez, mais difícil. Há, no entanto, uma terminologia que continua a ser usada para sistematizar e enquadrar os conteúdos - os géneros, subgéneros e formatos. A definição destes conceitos ajuda a estabelecer as diferenças entre os campos jornalístico e de entretenimento e sustentar a defesa da adoção do *infotainment* pelas empresas de televisão enquanto estratégia de produção comunicacional.

Considera-se um programa televisivo uma unidade autónoma que tem um genérico inicial e um final, com um ou mais episódios, que pode incluir diferentes géneros e subgéneros, mas

que constitui um produto coerente que se insere na grelha global de programação de um canal de televisão. A definição tem por base as características apresentadas pela ERC nos relatórios anuais de regulação. A literatura académica indica que os conceitos que permitem definir e enquadrar os diferentes programas são muito instáveis e evoluem de acordo com o contexto social, cultural e político. O aparecimento de programas híbridos aumentou esta instabilidade.

A interseção dos dois campos, entretenimento e informação, levou a indústria televisiva a adotar o termo *infotainment* criado pelas indústrias automóvel e de computação. Esta junção só se tornou polémica quando a informação jornalística se aproximou do entretenimento, campo com o qual já se tinham cruzado outros tipos de informações sem qualquer objeção. O neologismo *infotainment* aplicado na indústria televisiva acabou por assumir o sentido restrito da captura do jornalismo pelo entretenimento, uma visão aqui considerada deturpada. Assim, considera-se importante a discussão do seu reposicionamento, que será sustentado em textos académicos de referência, que procuram definições e enquadramentos para as designações mais frequentemente usadas para agrupar programas televisivos: géneros e formatos. As duas definições são procuradas no campo da comunicação, enquanto sistema de processos incluídos na comunicação de massas, ou seja, nos processos mediáticos e cujo meio de comunicação é a televisão.

A definição de género textual há muito é alvo da atenção dos investigadores. A primeira abordagem que se tornou numa referência foi a de Aristóteles na *Poética*, obra grega que terá sido registada entre 323 e 325 a.C. O prefácio da obra consultada indica que o texto foi construído a partir de “um conjunto de apontamentos para aulas” (Aristóteles, 2008, p. 9). É nele que o filósofo grego anuncia que falará da “arte poética em si e das suas espécies, do efeito que cada uma destas espécies tem e de como se devem estruturar os enredos” (Aristóteles, 2008, p. 37). O autor enquadrou a epopeia, a tragédia, a comédia e a poesia, separando-as e atribuindo a cada um dos textos, características que permitiam a sua distinção. Já na altura, a reflexão indicava a necessidade de enquadrar os textos produzidos e conhecer os seus efeitos, uma preocupação que perdurou no tempo e em inúmeras investigações feitas até aos dias de hoje. Muitos são os estudos e reflexões sobre a possibilidade ou impossibilidade de encontrar uma definição para os géneros textuais.

Em 1997 Martín-Barbero encontrou nos géneros um valor de mediação, afirmando que “constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo” (Martín-Barbero, 1997, p. 299). O género para o autor é “um lugar exterior à “obra”, a partir do qual a narrativa é “lida e compreendida” (Martín-Barbero, 1997, p. 183). No

mesmo ano, Jost (1997) identificou as regularidades encontradas nos géneros como “promessas”. O produtor promete ao recetor um produto com determinadas características “especificadas pelo tipo de fluxo, por um modo enunciativo e por um tom”, e são responsáveis por provocarem o “interesse do espetador” e a sua expressão dá “indicações para a sua leitura” (Jost, 1997, p. 28). Já Bakhtin (1986), uma referência como investigador no campo da linguagem humana, refere que em cada “esfera particular da comunicação” são “gerados tipos relativamente estáveis de enunciados” aos “quais se podem chamar géneros discursivos”, referindo que “todos os enunciados possuem três aspetos inseparáveis do texto”, o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional (Bakhtin, 1986, p. 60).

Para Duarte (2007), o género televisivo constitui-se como “um feixe de traços de conteúdo”, que só assume existência ao ser produzido sob uma “forma de conteúdo e expressão”. Ou seja, materializam-se nos formatos, que os realizam, e nos subgéneros, que os podem atualizar. Os três conceitos, géneros, subgéneros e formatos são inseparáveis no campo televisivo. Cada género constituído “articula categorias semânticas” específicas comuns a um grupo de programas televisivos, sendo só nos subgéneros e formatos que são encontrados os “procedimentos de construção discursiva”, de acordo com “regras de estruturação” definidas pelos produtores, que selecionam e combinam a articulação das duas categorias a diferentes níveis, procurando determinados efeitos (Duarte, 2007, pp. 4-5). As escolhas feitas no género fazem parte de uma estratégia empresarial assim como “as classificações adotadas pelas emissoras para intitular programas” (Duarte, 2007, pp. 1-2).

Para especificar as categorias que distinguem os conceitos de género, subgénero e formato, Duarte (2007) considerou a criação de realidades no meio televisivo, concluindo que atualmente os acontecimentos também são criados e alimentados no “espaço interno” constituído pelos estúdios da televisão, ao contrário do que se passava antes, em que os acontecimentos eram apenas encontrados no “espaço exterior” do mundo real. A alteração levou a autora a criar referenciais de realidade para distinguir os géneros televisivos. Duarte dividiu a realidade em três ordens: *meta-realidade*, *supra-realidade* e *para-realidade* e identificou-as como “traços categoriais dos géneros televisivos” (Duarte, 2007, pp. 2-4).

O quadro 1.2 resume a teoria apresentada por Duarte (2007). Aos subgéneros referidos pela autora com base na realidade do mercado televisivo brasileiro foram acrescentados os subgéneros encontrados em Portugal e identificados pela ERC.

Quadro 1.2 - Ordens das realidades discursivas veiculadas pela televisão.

Ordens da realidade discursiva	Meta-realidade	Supra-realidade	Para-realidade
Arquigéneros	Factual	Ficcional	Simulacional
Referencial direto discursivo	Mundo exterior e natural	Mundo interior e artificial	Mundo paralelo
Produtos televisivos (subgéneros)	Telejornais Documentários Entrevistas Debates Magazines informativos Comentário sobre realidade noticiosa Serviço noticioso Reportagem	Novela Minissérie Série Telefilme	<i>Reality Shows</i> <i>Talk-shows</i> de entretenimento Concurso/jogo Espetáculos/Variiedades
Base	Acontecimentos exteriores ao meio (TV não detém o controlo)	Verosimilhança	Acontecimentos provocados (TV detém controlo)
Objetivo	Apresentação do mundo real	Construção de uma realidade sem submissão à comparação com mundo real e natural	Reapresentação
Protagonistas	Jornalistas, atores sociais, políticos e culturais	Profissionais das artes dramáticas	Atores sociais, políticos e culturais transformados em celebridades
Compromisso da TV	Veridicção Verdade e fidelidade com: Acontecimentos noticiados Os atores sociais envolvidos Legislação específica	Coerência interna do discurso produzido Segue leis, convenções e regras próprias	Exibição Exposição plena Hiperfiscalização Segue regras estabelecidas pela própria televisão
Regime de crença	Verdade	Não há	Verdade

Fonte: Adaptado de Duarte (2007).

As ordens da realidade discursiva em relação com os géneros estão associadas a três *arquigéneros*, *factual*, *ficcional* e *simulacional*, que agrupam os diferentes subgéneros e determinam a sua função. A *meta-realidade* opera com factos, acontecimentos que ocorrem no mundo onde vivemos, natural e exterior ao meio televisão, esse é o seu referencial direto discursivo. Ao optar por utilizar este plano da realidade, o produtor dos conteúdos televisivos assume o compromisso com a “veridicção”, ou seja, o seu enunciado terá de ser produzido à luz do regime de crença da verdade e ser fiel aos acontecimentos noticiados, aos atores sociais envolvidos e à legislação específica, à qual estão submetidos jornalistas e empresas de comunicação social, com o objetivo de apresentar o mundo real e que assumem o papel de mediadores entre “essa realidade factual” e os cidadãos. É este o percurso de acesso à realidade que é configurada pelos subgéneros e formatos que são materializados no campo do jornalismo. Tendo em conta o caso português, para além dos telejornais, documentários e entrevistas mencionados em Duarte (2007), nesta ordem são inseridos os debates assumidos no campo do

jornalismo, os magazines informativos, a reportagem, o serviço noticioso e o comentário sobre a realidade noticiosa. A precisão sobre o tipo de comentário deve-se ao facto de existir, na realidade da televisão portuguesa, comentário sobre, por exemplo, o que se passa nos *reality shows*, cujo discurso não se enquadra nesta ordem de realidade discursiva, mas sim na ordem de *para-realidade*, que está associada ao surgimento de produtos televisivos que procuram simular a realidade. O arquigénero *simulacional* tem por referencial direto discursivo o “mundo paralelo”, aquele em que os “acontecimentos são construídos no interior do próprio meio”. Duarte (2007) inclui nesta categoria, os *reality shows* e alguns *talk-shows*. Considerou-se necessária a definição do tipo de *talk-shows* que podem ser incluídos, substituindo-se a designação de “alguns *talk-shows*” por *talk-shows* de entretenimento. Tendo por base a classificação da ERC, acrescenta-se os produtos classificados como concurso/jogo, variedades e espetáculos. A base destes programas são acontecimentos provocados e controlados pela própria televisão, sendo neles inseridos os telespectadores e atores sociais, culturais e políticos transformados em celebridades. A “exibição”, a “exposição plena” e a “hipervisibilização” constituem o compromisso destes produtos televisivos que têm como objetivo a reapresentação. Nesta ordem, o regime de crença seguido na produção dos programas é a verdade, mas que tem como referencial o “real artificial” (Duarte, 2007, p. 3), ou seja, a verdade criada com base no guião do programa pelos próprios produtores. A autora afirma que é aqui que estão as “incoerências e contradições” destes conteúdos, já que é uma “realidade discursiva que fala de si própria”. As regras para a construção dos guiões dos programas que configuram a *para-realidade* estão pré-estabelecidas, envolvem ações permitidas e proibidas, espaços disponibilizados ou vedados e tempo definido. Em alguns casos, como nos *reality shows*, isolam-se os participantes num cenário, vedando-lhe o contato com o mundo real e natural. A autora refere que se “instaura uma relação de substituição e equivalência entre o real paralelo e o discurso sobre ele veiculado” (Duarte, 2007, p. 4).

As ordens da *para-realidade* e da *supra-realidade* reúnem os subgéneros e formatos de programas de entretenimento. Na ordem da *supra-realidade* são construídos géneros que têm como referencial discursivo o “mundo interior e artificial”. Estamos no espaço da ficção, em que os produtos televisivos filmes, novelas, séries e mini séries têm por base a “verosimilhança”, e são produzidos conteúdos plausíveis, que aparentam ser reais, sendo o seu compromisso apenas com a coerência interna do discurso produzido. Seguem leis, convenções e regras próprias e por não existir qualquer relação com o mundo exterior não há um regime de

crença. Os protagonistas estão incluídos na classe profissional das artes dramáticas, os atores (Duarte, 2007, pp. 3-4).

A “promessa” que é feita aos telespetadores é configurada nos subgéneros aquando da escolha dos planos de realidade discursiva, do regime de crença e do tom a ser utilizado na produção do subgénero que é realizado no formato. A articulação entre os dois vai “projetar” uma forma de conteúdo e de expressão genérica (Duarte, 2007). É através dessas configurações genéricas que o telespetador é informado do género de programa que vai assistir e que incluem um conjunto de características regulares que lhe permitem essa identificação. Jost (1997, pp. 16-18) refere que o género se torna “uma espécie de etiqueta ou selo que garante a composição do produto”, mas a forma como é interpretada depende dos conhecimentos prévios de contacto com produtos audiovisuais, das crenças e das emoções dos telespetadores.

A categoria designada por subgénero agrupa os programas, *talk shows*, telejornais, debates, comentários, etc. Nos formatos, os programas são estruturados em concreto, por exemplo, *Bom dia Portugal* (RTP), *J8* (TVI), o que leva à sua diferenciação pela forma que assumem e pelo tipo de produção. O formato é o lugar dos procedimentos que permitem realizar o subgénero, que por sua vez atualiza o género, podendo o formato combinar na mesma emissão vários subgéneros. Por exemplo, um telejornal pode ter diferentes, subgéneros: entrevista, reportagem, comentário, etc. O formato é definido numa “sequência de atos” que é organizada a partir de um conjunto de conteúdos concebidos, com o objetivo de construir uma unidade coesa e coerente que constitui o programa. São definidos os cenários, os lugares, os temas, as regras, os protagonistas, as modalidades de transmissão, as finalidades e o tom. No subgénero são feitas as escolhas para o definir enquanto “prática cultural e discursiva” (Duarte, 2007, pp. 5-6).

O tom assumido no formato, que pode introduzir elementos “novos” em relação aos “dados” já expressos no subgénero, é um elemento importante na identificação dos programas televisivos pelos espetadores. Os “dados” expressos no subgénero, por exemplo, num telejornal o tom principal da seriedade que vai produzir os efeitos de verdade, confiabilidade e credibilidade. Os elementos novos conferidos pelo formato podem introduzir novas combinações e distinguir os subgéneros em sentido específico (Duarte, 2007, p. 9).

A “tonalização do discurso” é transversal a todo o programa e capaz de atrair ou afastar o telespetador que é convidado a “compartilhar de disposições como: serenidade vs ludicidade, formalidade vs informalidade, leveza vs peso”, e lhe indica como deve “interagir com o produto que lhe está a ser oferecido”. A decisão do produtor sobre o tom a ser utilizado em cada formato indica ao telespetador o “ponto de vista” que deve identificar na narrativa que observa. A

produção assume desta forma a utilização de uma estratégia com a qual pensa cativar maiores audiências (Duarte, 2007, pp. 6-8).

O tom manifesta-se de forma “dissipada e difusa” no texto e discurso utilizados na produção da unidade que constitui o programa televisivo. Ao nível do discurso pode afetar a “configuração dos atores, do tempo, do espaço e da organização da narrativa”. Ao nível do texto pode expressar-se “ligando-se nos subgéneros e formatos, às formas e sons, aos jogos de câmara, à edição, ao guarda-roupa, aos registos de língua e harmonização de cores” (Duarte, 2007, p. 10). A autora alerta para a importância da decisão estratégica que é a escolha do tom, já que é dele que depende o sucesso ou insucesso do produto televisivo, sendo através dele que é procurada a “harmonização entre o tema, o género/subgénero do programa, o público a que se destina e o tipo de interação que a emissão pretende manter com o telespetador” (Duarte, 2007, p. 8).

O quadro teórico traçado por Duarte (2007) permite separar, teoricamente, o campo das notícias do campo do entretenimento. Quando passamos para a realidade da produção de programas televisivos, as escolhas feitas nos processos de produção e estratégias adotadas no formato introduzem grande complexidade na análise dos programas. Num subgénero identificado com determinada “etiqueta” (Jost, 1997), que inclui regime de crença, tom e realidade discursiva (Duarte, 2007), o formato que o concretiza pode combinar os “dados” dessa “etiqueta” com outras ordens discursivas, outros tons e outros regimes de crenças. As alterações, ao cruzarem os campos da informação jornalística e do entretenimento são introduzidas estrategicamente com o objetivo de aumentar o número de telespetadores que, potencialmente, podem interagir com o programa.

O neologismo *infotainment* ou *infoentretenimento*¹⁰ transformou-se numa estratégia que pode combinar diferentes elementos que pertencem às suas duas dimensões em proporções diversas, dando origem a programas que podem estar mais próximos de conteúdos no campo do jornalismo ou mais afastados dele no sentido do campo do entretenimento. O mesmo pode acontecer com os conteúdos de entretenimento que adotem elementos do campo do jornalismo. Os conteúdos vão, assim, posicionando-se ao longo de dois eixos de polos opostos (Bastien, 2009, p. 72) ou numa “escala de *infotainment*” (Brants & Neijens, 1998, pp. 151-153), conforme a quantidade e qualidade de elementos pertencentes a um ou a outro campo adotados

¹⁰ Tradução portuguesa do termo inglês (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, s.d.c).

na aplicação da estratégia. As teorias e o mundo real da comunicação afastam a ideia da possibilidade da existência de géneros puros situados nos extremos da escala.

A procura do tipo de estratégia que constitui o *infotainment* e a sustentação de estarmos perante programas classificados como produtos, leva esta investigação até à lógica do *marketing* de Kotler e Keller (2012). Os autores definem um produto como algo que pode ser intangível - “um produto é qualquer coisa que pode ser oferecido ao mercado para satisfazer um desejo ou necessidade, incluindo bens físicos, serviços, experiências, eventos, pessoas, lugares, propriedades, organizações, informação e ideias.” (Kotler & Keller, 2012, p. 325). Partindo desta definição de produto, que considera as técnicas do marketing comercial extensíveis a outros campos, das funções atribuídas à televisão (informar, educar e entreter) e da teoria de Duarte (2007) sobre a relação entre géneros/subgéneros/formatos, considera-se que: os programas emitidos pela televisão são produtos oferecidos ao mercado que se destinam a satisfazer necessidades de informação e/ou entretenimento e/ou formação/educação, produzidos através de processos inseridos no campo da comunicação e contêm conteúdos configurados pelos subgéneros e formatos, identificados pela “etiqueta” expressa no género percebido pelos telespetadores/consumidores.

Kotler e Keller (2012) incluem o entretenimento no grupo das necessidades básicas humanas, tal como o ar, a comida, a roupa e o abrigo e ao lado da educação e recreação. Os autores defendem que essas “necessidades se tornam desejos quando são diretamente relacionadas com objetos específicos que podem satisfazer a necessidade”, e argumentam que “os desejos são moldados pela sociedade”, sendo uma das formas de os moldar, o *marketing*, um espaço para “identificar e satisfazer necessidades humanas e sociais” de “forma lucrativa” (Kotler & Keller, 2012, pp. 5-10).

A competição e a estratégia são dois conceitos sistematicamente referidos na literatura sobre *marketing*: o primeiro faz parte do grupo de motivos para recorrer ao *marketing* na perspectiva de vencer a competição que se trava no mercado entre empresas concorrentes; o segundo está ligado aos caminhos a encontrar para resolver questões que põem a organização em situação crítica. Rumelt (2011) indica que uma estratégia é a descoberta dos “fatores críticos de uma situação e desenhar um caminho de ações focadas e coerentes para resolver esses fatores” (Rumelt, 2011, p. 2).

É no âmbito do “desenvolvimento de produtos” que satisfaçam um maior número de cidadãos que aparece a utilização da estratégia *infotainment* na indústria automóvel e de computação. A estratégia fez parte do desenho do caminho para resolver problemas de

concorrência nesse mercado, constituindo uma tática para produzir e difundir informação e interligar carros, computadores, telemóveis para os mais diversos fins, uma rede complexa que sempre teve como objetivo permitir ao utilizador receber a informação através de sistemas cada vez mais espetaculares. Kotler e Keller (2012) podem ajudar a explicar o sucesso da estratégia, ao considerarem o entretenimento uma “necessidade básica” humana, o que o valoriza de forma determinante. Assim, também os produtores de conteúdos televisivos encontraram na estratégia uma forma de satisfazerem uma necessidade e resolver problemas criados pela competição empresarial no mercado televisivo, através de um caminho lucrativo.

Na era da *mass-self-communication*, o entretenimento é usado pelos internautas, individualmente, para transformarem qualquer informação em momentos de divertimento difundindo-os através da *Internet*. A utilização generalizada da estratégia do *infotainment* nos diferentes processos de comunicação, coloca-a no amplo campo da comunicação, constituindo-se como uma *estratégia de produção comunicacional*. Nesta investigação, o foco é na sua utilização na indústria do audiovisual pela televisão, no contexto do mercado televisivo português, em período de campanha eleitoral, e no cruzamento de programas de notícias com os *talk-shows* de entretenimento humorístico.

1.3. Os Políticos nos Palcos do Entretenimento- Ação de *Political* ou *Electoral Markteinment*

O *talk-show* remete para um produto que tem uma componente espetacular. Uma consulta ao *Cambridge Dictionary Online* ajuda a compreender o exato significado da expressão. Sobre a palavra *show*, o dicionário refere que: o verbo pode ser empregue em várias situações, expressando o sentido de tornar visível alguma coisa, enquanto o substantivo liga-o ao entretenimento, dando como exemplos apresentações de palco ou programas de televisão ou de rádio (Cambridge Dictionary, s.d.b). Colocando-o, por isso, no campo do espetáculo. Sobre a palavra *talk*, o verbo significa pronunciar palavras, falar com diversas finalidades e o substantivo indica a ação que se desenrola pelo menos entre duas pessoas (Cambridge Dictionary, s.d.c). Juntando os significados das duas palavras, a conversa que decorre num *talk-show* pode transmitir informações, ideias e sentimentos como outra conversa qualquer, mas esta é produzida em forma de espetáculo para persuadir a quem a ela assiste, tendo como objetivo entreter. Uma conversa classificada, em 1991, por Tolson como do tipo “*chat*”, informal, “com uma estrutura genérica complexa e flexível relacionada com a obsessão televisiva de exibição

de personalidade” (Tolson, 1991, p. 189). O autor atribui essa característica às conversas nos designados *late-night show* nos Estados Unidos da América (Tolson, 1991, p. 198).

O ato de conversar é uma interação entre duas ou mais pessoas que se insere na comunicação interpessoal. No *talk-show*, a conversa que se desenrola entre um profissional da comunicação social e demais participantes é também um ato interpessoal, mas a conversa é difundida através de um meio de comunicação de massas. Munson (1993 citado por Jones, 2010, p. 54) refere que este subgénero combina dois paradigmas comunicacionais e retóricas “diferentes e até mesmo contraditórias” que parecem fundir-se e reconciliar-se: a conversa interpessoal do passado e a conversa do espetáculo-mediático. Combina “profissionais”, “especialistas” e “amadores”; “pessoas informais e o popular com a massa”; e, “o imediato e interpessoal com o mediático”, associado uma necessidade “voraz” de mudar e inovar características que é atribuída à grande fragmentação dos públicos que exigem um discurso mais acessível.

Em 1999, Ilie (2001) já tinha identificado nos *talk-shows*: um discurso de natureza “semi-institucional”, ou seja, “que exhibe uma mistura de características de uma conversa informal e de um discurso institucional em termos de configuração discursiva e objetivos; a atribuição de uma função aos participantes; a troca de funções e; o controlo da conversa e dos tópicos. Este é, de acordo com a autora, um discurso particular de difusão, o “qual concebe, tanto um produto dos media, como um processo contínuo orientado para uma conversa” que é controlado por um anfitrião, moldado pelos participantes e avaliado pelas audiências (Ilie, 2001, p. 209).

Ilie (2001, pp. 218-219) considera que o discurso institucional nos *media* evolui ao longo de uma tabela onde existem diferentes variedades de discurso, que vão do mais institucional para o menos, e dá como exemplo a *news interview*, que é mais institucional do que o *talk-show*. A tabela também serve para medir o nível institucional do discurso produzido durante um programa, sendo em alguns momentos mais institucional do que noutros. Essa variação, depende da “interação contextual entre fatores discursivos e linguísticos”, não sendo possível traçar uma linha entre os dois aspetos, já que muitas vezes uma conversa informal adquire características de uma institucional e vice-versa.

Ilie (2001) identifica dois polos entre os quais é construído o discurso identificado como semi-institucional do *talk-show*, o conversacional e o institucional. As características de uma conversa num *talk-show* oscila, por isso, entre dois pratos de uma balança que umas vezes pende mais para um lado, noutras, para o outro. O sumário dessas características é feito na figura 1.4.

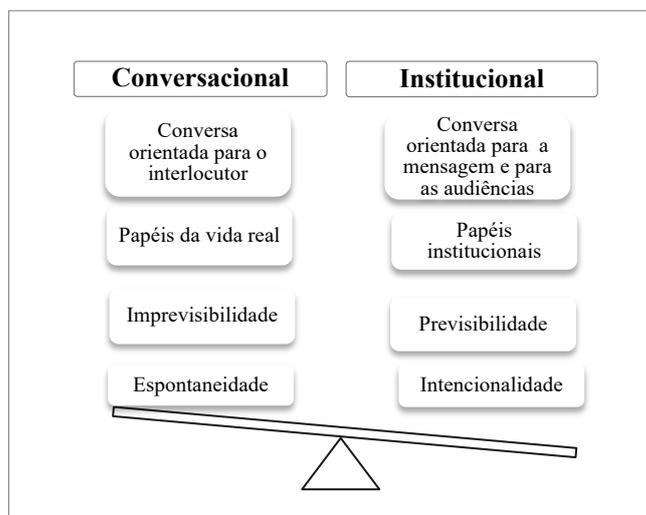


Figura 1.4 - Características do discurso conversacional vs institucional.

Fonte: Ilie (2001).

Nos dois campos, conversacional e institucional, cada subsecção usa um discurso “com características próprias e a sua respetiva realização pragmatológica” (Ilie, 2001, p. 220). O tipo de discurso depende das competências pragmáticas dos interlocutores, ou seja, dos conhecimentos inatos e adquiridos, através de processos de socialização e das estratégias e formas linguísticas para o produzir. A definição de Ilie (2001) indica que existe uma relação entre alguém que fala e alguém que ouve e uma intenção de quem produz o discurso. Recorre-se à pragmática ilocutória de Austin (1962) para uma melhor clareza das características do discurso que põe em confronto alguém que fala e alguém que ouve. O autor identifica os “atos de fala” e indica que a cada um está associada uma ação que se expressa através de um enunciado e é estruturado em três atos: locutório, ilocutório e perlocutório. O primeiro é o momento em “se diz alguma coisa” e é composto por três fases, que se desenrolam em simultâneo: a fonética, onde se produzem os sons; a fática, onde são emitidos os vocábulos, ou seja, “sons de um certo tipo que pertencem a um vocabulário (...) conformado a uma gramática; e a rética, lugar do “desempenho de um ato usando os vocábulos com um certo sentido e uma referencia mais ou menos determinados”. O segundo, o ilocutório, é o ato onde se cumpre a ação e consiste em “determinar em que sentido usamos a locução” se para perguntar, responder, avisar, criticar, entre outras ações referidas por Austin. No terceiro, o perlocutório, é cumprida a ação que em contextos diferentes pode produzir resultados diversos por ser um ato situado na receção da mensagem. Austin explica que a argumentação pode ser entendida, durante este ato, como convencimento, persuasão entre outras interpretações (Austin, 1962, pp. 94-119). São

estas características que deixam o discurso no *talk-show*, em cada momento, numa indefinição quanto às intenções do locutor.

A “natureza não homogénea” da conversa nos *talk-shows* permite criar “expetativas, respostas e interpretações contraditórias de audiências e analistas” (Ilie, 2001, p. 216). Esta característica deixa espaço para a criação de polémicas, mas também do humor.

Foi nas conversas-espetáculo que os políticos aceitaram participar numa estratégia de *marketing* político, definido nos termos em que o faz Lees-Marshment (2005). A autora afirma que “os partidos atuam como empresas e usam o *market intelligence* para desenhar o produto político, que oferecem, orientando-o para os eleitores em vez de ser focado nas vendas”. Lees-Marshment indica um conjunto de definições de *marketing* político e encontra em comum o facto de muitas se referirem, às “organizações políticas”, à sua “relação com ou para o mercado”, sendo que o produto que oferecem é “o político, o candidato, o governo” e o mercado é composto pelo “público em geral, cidadãos, ou mais especificamente, designados como membros” (Lees-Marshment, 2005, p. 28). A autora defende que o *marketing* político apareceu fruto do “casamento” entre a política e o *marketing*.

É neste enquadramento que se considera a participação dos políticos nos *talk-shows* de entretenimento, como ações de *Political Markteinment* ou *Electoral Markteinment*. Estas ações decorrem no campo do entretenimento onde estão presentes os protagonistas políticos das notícias, utilizando-se, muitas vezes, reportagens jornalísticas como matéria-prima. No entanto, as narrativas do jornalismo são desconstruídas e a partir delas nasce uma nova narrativa, aquela que vai entreter, enformada por lógicas e processos próprios desse campo.

A opção pelas expressões em inglês (*Political Markteinment* ou *Electoral Markteinment*) prende-se com o facto de ser a melhor forma para expressar o significado proposto, ou seja, a ligação entre política, entretenimento e *marketing*, já que a palavra *marketing* é um estrangeirismo sem tradução na língua portuguesa.

Assume-se as diferenças encontradas na literatura entre o *marketing* político, com estratégias e táticas diferentes das praticadas pelo *marketing* eleitoral, já que o primeiro atua dilatado no tempo e o segundo concentrado num espaço temporal mais curto, o de uma campanha eleitoral.

Como se verificou, anteriormente, o *talk-show* de entretenimento e os conteúdos de informação jornalística situam-se em diferentes “ordens da realidade discursiva” veiculadas pela televisão (Duarte, 2007). A informação jornalística está incluída na “meta-realidade” e o *talk-show* na “para-realidade”. O *marketing* político encontra, na estratégia discursiva do *talk-*

show e nos caminhos que percorre para atingir essa realidade discursiva, um aliado perfeito para a promoção do seu “produto” (os candidatos e as ideias políticas). O discurso semi-institucional da conversa e a espetacularidade criada pelo formato do programa, desenhado para a exibição, exposição plena e hipervibilização, transformam o candidato ao lugar político numa celebridade, criando uma “verdade” (regime de crença) baseada em regras que são determinadas pelo próprio meio, por vezes, em consonância com o convidado.

Timberg (2002) distingue uma *television talk* de um *television talk-show*, a primeira “está integralmente estruturada em função do próprio ato de conversação”, e a segunda está ancorada num anfitrião que é responsável pelo tom, pela direção e pelos limites da conversa. É a “estrela” seguida por toda a produção que “mantem sempre a ilusão do presente” e promove a intimidade falando com todos como se falasse com cada um. O programa é visto como uma “mercadoria” e apesar de “altamente estruturado” aparece como um produto espontâneo (Timberg, 2002, pp. 3-5).

O género *talk-show* televisivo tem um conjunto de características que o define: a finalidade do espetáculo, os modos retóricos (a entrevista é indicada como o mais importante), o formato onde esses modos são usados para darem origem a um espetáculo particular (variedades, painel de discussão, entrevista, sátira, monólogo), a hora de emissão (manhã, tarde e noite), a demografia da audiência (faixa etária e género) e o tom que é estabelecido por cada anfitrião (sério, lúdico, formal/informal) (Timberg, 2002, pp. 196-198).

Uma breve nota histórica sobre evolução do género *talk-show* contada a partir da realidade dos Estados Unidos, país onde nasceu e a partir do qual foi exportado um pouco para todo o mundo, permite perceber que os ciclos de mudança estão associados ao desenvolvimento cultural, económico e da indústria da radiodifusão (Timberg, 2002). O autor refere que o *talk-show* foi sempre um género considerado “descartável” que “emergiu da rádio e de outros precedentes da cultura popular americana”. O *talk-show* de entretenimento emitido fora das horas do *prime-time*, consideradas a partir das 22:30h, foi iniciado em 1954 com: o *Tonight Show* de Steve Allen e Jack Paar emitido até 1961; o *Daily show*, emitido durante o dia e com uma audiência participativa, que teve início com o *The Phil Donahue Show* (1967-1995); e, o magazine matinal *show*, que apareceu em 1952 com o *Today Show* de Dave Garroway emitido até 1959 (Timberg, 2002, pp. 2-7). O autor indica que as “estratégias dos *talk-shows* foram impulsionadas pelos candidatos em tempo de campanhas políticas nacionais”, e dá como exemplo o aparecimento em 1992 de dois candidatos que emergiram a partir da presença em *talk-shows*, nomeadamente, Ross Perot, ao ser entrevistado no *Larry King Live*, e Bill Clinton,

pela participação no *The Arsenio Hall Show* (marcado pela sua *performance* a tocar saxofone). Para Timberg (2002), foi esta a altura que marcou o futuro dos *talk-shows* na América, sendo que, “A partir desse ano em todas as eleições os *talk-shows* tornaram-se, cada vez mais, lugares onde convergem notícias, entretenimento e política” (pp. 1-2).

1.4. A Entrevista Política Jornalística

As palavras latinas *inter* (*entre*) e *vedere* (*ver*) estão na origem da palavra entrevista. A etimologia da palavra *intervedere* significa “ver-se entre si” (Dicionário de etimologia, s.d.), ou seja, inclui pelo menos duas pessoas que comunicam entre si com um objetivo determinado. Este ato de ação comunicativa tem, habitualmente, uma estrutura que envolve um entrevistador, aquele que tem como função fazer perguntas, e o entrevistado, o que assume a função de responder.

No campo do jornalismo a entrevista é considerada por Clayman e Heritage (2004) como uma “arena pública” onde jornalistas e políticos, enquanto representantes das instituições, jornalismo e política, se “confrontam e esforçam para prosseguir os seus objetivos e agenda”. Esta interação está fortemente ligada a “convenções sociais associadas aos papéis dos entrevistadores e entrevistados” (pp. 1-7). A impessoalidade e o quadro institucional que limita a ação da comunicação a uma estrutura de perguntas e respostas coloca-a num patamar diferente daquilo a que se chama, habitualmente, uma conversa. Baym (2007, p. 93) define a entrevista como uma “situação de fala regida por regras”, um espaço de formalidade em que ao entrevistado está vedado: o caminho das perguntas, a mudança de assunto, os comentários, ou outras formas de intervenção que se sobreponham ao papel do entrevistador. Não é habitual haver audiência ao vivo, e se existir estará integrada num cenário sem se expressar. Os temas são, por norma, os da atualidade noticiosa (Baym, 2007; Clayman & Heritage, 2004).

A entrevista é apontada como um meio de “vigilância do poder” e de quem está sobre o “olhar público” (Schudson, 2000, p. 93), considerada uma “forma de serviço público” e um “recurso democrático” (Baym, 2007, p. 96), onde os jornalistas assumem um papel importante nas democracias (Clayman & Heritage, 2004, p. 2): “os jornalistas desempenham um conjunto de funções democráticas, solicitando declarações políticas oficiais, pedindo responsabilidades aos funcionários pelas suas ações e fazendo a gestão do debate público sob olhar imediato dos cidadãos”.

O jornalismo usa a entrevista como técnica base de obtenção de informação com o objetivo de construir as notícias, as reportagens, recolher opiniões, investigar ou aprofundar temáticas

políticas, sociais ou culturais, transformando-se desta forma num “ato fundamental para o jornalismo contemporâneo” (Schudson, 2000, p. 72).

O primeiro objetivo do entrevistador é dar visibilidade ao entrevistado, formulando perguntas dentro de comportamentos linguísticos formais enquadrados nos “padrões básicos de conduta profissional” (Clayman & Heritage, 2004, p. 150). Os autores elegem como o mais importante dos comportamentos, “ser objetivo”, atribuindo ao conceito o valor de “um guarda-chuva” que abriga a “valores jornalísticos” como o da “precisão factual”.

O pluralismo, a neutralidade na apresentação e a imparcialidade são três obrigações atribuídas ao jornalismo que concorrem para a tentativa de cumprir o valor da objetividade, sendo este, um valor enraizado na sociedade e plasmado nas leis que regulamentam o exercício da profissão, através de disposições que obrigam o jornalista a assumir determinados comportamentos e a cumprir regras específicas durante a concretização do seu trabalho.¹¹

É no enquadramento da legislação que regulamenta a prática jornalística que o entrevistador deve colocar as perguntas, mas ao mesmo tempo terá de “desafiar ativamente” o político entrevistado (Tunstall, 1971 citado por Clayman & Heritage, 2004, p. 29; Weaver & Wilhoit, 1991). Os autores dizem haver a necessidade de um comportamento jornalístico equilibrado, entre a “objetividade como imparcialidade” e a “objetividade como contraditório”, colocando perguntas “desinteressadas e neutras” com “respeito pelos factos e perspetivas das fontes”. O objetivo é informar e não “glorificar o entrevistador” nem transformar a entrevista numa plataforma em que não exista o questionamento das respostas do entrevistado (Day, 1961 citado por Clayman & Heritage, 2004, p. 29).

Na entrevista, o jornalismo desenvolveu técnicas para promover a neutralidade do entrevistador: a alternância da questão seguida de resposta; a não expressão de interjeições que se possam traduzir em aprovação ou reprovação por parte do jornalista; e, as afirmações devem ser seguidas de perguntas e, essas afirmações, “tratadas como cúmplices da atividade de questionamento e não como ações por direito próprio” (Clayman & Heritage, 2004, pp. 150-152). Os autores indicam que as técnicas de entrevista usadas “não só promovem o neutralismo, mas também permitem a defesa de uma linha de questionamento e de profissionalismo”. Tuchman (1972) advertiu para a dificuldade de separar “factos e valores”, mas considerou que o cumprimento dos procedimentos jornalísticos permite evocar essa tentativa com o objetivo

¹¹ Em Portugal como principais documentos que enquadram a profissão estão o Estatuto do Jornalista (Assembleia da República, 1999) e o Código Deontológico do Jornalista (Sindicato dos Jornalistas, 2017).

de atingir o desígnio, definindo a objetividade jornalística como “um conjunto de procedimentos de rotina (...) que protegem o profissional de erros e dos seus críticos” (p. 678).

Não é intenção fazer uma análise exaustiva do que é a objetividade jornalística, mas perceber os procedimentos que concorrem para esse ideal, inatingível, de anular o sujeito face ao objeto de conhecimento.

A recusa do discurso emotivo, verbal e não verbal, é exigida ao jornalismo, mas a aplicação da estratégia do *infotainment*, mesmo podendo ser usada em graus diferentes (Bastien, 2009; Brants & Neijens, 1998) nunca deixa de conter emoção (Thussu, 2007), transformando a hipótese de um discurso, exclusivamente racional, em algo distante. Até porque, como já foi referido, não é possível pensar em géneros puros.

É nesta perspetiva que se entende o conjunto de entrevistas levadas a cabo pela TVI na pré-campanha eleitoral para as legislativas de 2015, designado pelo título *Tenho Uma Pergunta Para Si*. Os entrevistadores eram jornalistas profissionais e os entrevistados foram os líderes políticos dos partidos com assento parlamentar concorrentes às legislativas. As entrevistas decorreram em estúdio, mas alguns dos procedimentos para concretizar o formato aproximaram-no a um *talk-show*: a movimentação dos participantes no cenário; o lugar e a forma como ficaram dispostos no espaço cenográfico; e, a presença de uma plateia composta por cidadãos que colocaram perguntas ao entrevistado.

A nível internacional, há a referir, como ícone, o americano *The Larry King Live* (1985-2010). O programa era um *talk-show* onde os espetadores podiam colocar perguntas aos entrevistados através do telefone, e o apresentador, o jornalista Larry King, mantinha um estilo informal. Quando o *talk-show* passou da rádio para a televisão havia muitos entrevistados que recusavam participar, por considerarem que as perguntas pelo telefone poderiam embaraçá-los, mas a partir das eleições presidenciais americanas de 1992, a perspetiva mudou, quando Ross Perot anunciou, em direto, a sua candidatura independente à Casa Branca. Esse anúncio foi transformado num facto noticioso incontornável e o programa numa referência noticiosa (Timberg, 2002, p. 164).

A palavra “entrevista” é independente do cenário onde se desenrola, mas qualificada em função de outros parâmetros, como, por exemplo, o das funções desempenhadas pelos entrevistados. As entrevistas são políticas porque os entrevistados estão inseridos no campo da política e desempenham funções políticas. A designação jornalística é considerada por ser inserida, institucionalmente, no campo da informação jornalística. Institucionalmente significa que: o programa emitido por uma empresa de comunicação social é produzido sob a alçada da

direção de informação tutelada por jornalistas; e, o entrevistador é um jornalista profissional, não sendo esta segunda condição, isoladamente, suficiente para colocar o programa no campo jornalístico.

1.5. A Entrevista Política Humorística

A entrevista política humorística está institucionalmente inserida numa direção de programas que tutela toda a programação televisiva de entretenimento, o campo onde se insere esta entrevista. Os entrevistados pertencem à esfera da política e desempenham funções políticas, por isso, são designadas entrevistas políticas. Os entrevistadores no contexto português não têm sido, até agora, jornalistas profissionais, reconhecidos como tal, mas sim *entertainers*, atores e/ou humoristas.

Nos autores que procuraram explicar o que é o humor foram encontradas algumas características comuns: é algo inerente ao homem, universal e um conceito complexo de definir; “uma importante faceta da vida humana (...) um genuíno mistério” (Latta, 1999, p. 3); “um traço humano e universal” (Raskin, 1985, p. 2). A dificuldade aparece no momento de especificar o pronome indefinido “algo”. Para alguns autores é “uma zona de escape dos problemas do mundo real, que exigem reflexão e não riso” (Gray et al., 2009, p. 8), ou “um fenómeno inerentemente misterioso e interessante que permeia a vida humana” (Veatch, 1998, p. 161). Koestler (1964) considerou o humor como um dos domínios da criatividade a par das descobertas científicas e da arte. O autor criou a teoria da “bissociação”, e, através dela, explica que o humor está associado, não só aos códigos com os quais se constroem os discursos, mas também aos contextos em que são produzidos, e relaciona-o com o estado emocional da agressividade verbal. Há autores que defendem que nada tem intrinsecamente a qualidade de fazer rir e, por isso, o humor tem de ser percecionado pelo auditório, o que faz com que a identificação dos contextos entre interlocutores seja importante para a perceção do humor (Greig, 1923; Raskin, 1985).

Veatch (1998, pp. 163-164) concluiu que a perceção se desenrola num processo de uma certa confusão por parte do “percecionador”. Este perceciona, em simultâneo, uma situação em dois sentidos opostos. O ato comunicativo apresenta-se como “normal” e como “violador de princípios morais e subjetivos”. O autor conclui que o humor é um “estado psicológico que tende a produzir risos”, que é uma tendência, e não uma afirmação, de que o resultado é a produção de risos, porque nem todas as pessoas riem ao serem submetidas à mesma experiência comunicativa.

Com o objetivo de caracterizar o mundo discursivo onde se inserem as entrevistas humorísticas, referem-se algumas das teorias linguísticas contemporâneas que enquadram a construção do humor, estas, são divididas em três ramos: as cognitivas, as sociológicas e as psicanalíticas (Attardo, 1994; Bergson, 1911; Freud, 1905; Koestler, 1964; Raskin, 1985). O ramo das cognitivas integra as teorias da incongruência - a inconsistência, a contradição e a bissociação; o das sociológicas integra as teorias da superioridade, o desprezo, a crítica e a hostilidade, que acentuam as atitudes negativas do humorista sobre o alvo; o ramo das psicanalíticas integra as teorias da libertação, alívio de tensão ou relaxamento (Krikmann, 2006, pp. 27-28).

Raskin (1985) indica que o humor é político quando tem como alvo os “líderes políticos, políticos profissionais, instituições políticas, representantes eleitos bem como as instituições políticas, grupos e partidos.” O autor inclui ainda as ideias políticas de uma sociedade sob um regime político (Raskin, 1985, p. 222).

A teoria sobre gêneros televisivos desenvolvida por Duarte (2007) coloca a entrevista humorística na ordem da realidade discursiva para-realidade, onde o compromisso assumido pela televisão, no percurso de acesso a essa realidade, é com a exposição plena e exibição dos participantes. Os públicos são expostos a uma verdade construída pelo próprio meio televisivo que tem como referência um mundo paralelo ao mundo natural, com o qual não se cruza. Estas são condições discursivas próprias do espaço do espetáculo, que constrói personagens e as transforma em celebridades.

1.6. Provocação vs Argumentação

O discurso político há muito que se cruza com dois tipos de discurso, em campos opostos, o discurso humorístico, que o provoca e procura reações com o objetivo de construir narrativas que respondam à necessidade de entretenimento dos seres humanos, e o discurso jornalístico, que o vigia e questiona de forma argumentada e fundamentada.

A entrevista política humorística é sempre incluída dentro de um *talk-show*, sendo entrevistador, o apresentador do programa. Ele é o anfitrião célebre, que tudo comanda e com elevado valor mediático, mais preocupado em atingir o objetivo de divertir do que obter respostas para as perguntas/questões que levanta. Os humoristas satíricos estão preocupados com a construção de um texto que capture as emoções humanas menos apreciadas, como “a raiva, a maldade, o ódio e indignação”, e as transforme em impulsos, provoque reações e

alterações comportamentais de desconforto, como “a vergonha, a raiva, a culpa e a ansiedade”, nos seus alvos (Test, 1991, p. 1).

O texto humorístico cumpre o seu papel quando provoca boa disposição, divertimento, sorrisos ou risos através de estratégias persuasivas da linguagem humorística, que divergem da persuasão argumentativa fundamentada do texto jornalístico, que constrói um texto com argumentos lógicos e com o objetivo de informar e esclarecer.

A argumentação fundamentada assenta na escolha, por parte de quem argumenta, de um conjunto de proposições que não precisam de ser demonstradas, apenas terão de ser validadas no sistema simbólico usado pelos interlocutores. Ao formarem uma sequência lógica, estas proposições são organizadas de forma livre, mas cumprindo uma linha orientadora para evitar “dúvidas e ambiguidades” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 15). O ato de argumentar encerra em si um discurso que procura indicar soluções que devem ser aceites pelo auditório. Este ato de linguagem é perlocutório no sentido de persuadir e convencer o destinatário a alterar comportamentos ou aderir a opiniões expressas, através da construção linguística (Austin, 1962; Koch, 2000).

Na relação com o auditório, o discurso retórico-argumentativo tem de ser adaptado às “condições psíquicas e sociais” do interlocutor, porque sem ter isso em conta a argumentação poderá ficar “sem objeto ou sem efeito”. A chamada de atenção foi feita por Perelman (1997) que referiu condições mínimas para que essa adaptação possa ocorrer. O autor indicou que terá de haver um “contato intelectual”, “uma linguagem comum e uma técnica que possibilite a comunicação” sem arrogância, mostrando “apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento e pela sua participação mental” (Perelman, 1997, pp. 16-19). É no oposto destas características discursivas da argumentação racional que se situa o discurso elaborado na entrevista política de humor, onde o discurso se desenrola num jogo de provocações, por parte do humorista, e de reações da parte do entrevistado.

O discurso satírico é colocado por Angenot (1982, pp. 34-37) no polo oposto da polémica, cujos argumentos se opõem uns aos outros de forma lógica existindo um “terreno comum entre os interlocutores”, que estão colocados perante o mesmo *topos*, o que permite a refutação dos argumentos utilizados com apresentação de outros. A polémica é inexistente quando esse terreno comum deixa de existir, os *topos* divergem e passa a haver um discurso adverso baseado numa retórica do desprezo, passando a ser “irredutível” e sem possibilidade de ser “refutado”, tornando-se “absurdo”. Angenout (1982) defende que neste caso estamos perante um discurso

satírico em que já não há hipótese de “vencer o interlocutor com argumentos, mas “vencer” pelo ridículo.

A definição do que é o humor satírico e o distingue das outras formas de humor tem sido alvo de muita observação, apenas conseguido através da reunião de alguns aspetos comuns detetados em vários autores que permitem indagar sobre a existência de maior ou menor humor satírico num texto (Test, 1991, p. 33). O autor fez a síntese desses elementos e indicou: “ataque ou agressão (verbal), rir ou humor, o espírito de jogo e o julgamento” (Test, 1991, p. 3), como elementos que estão sempre presentes, *ao mesmo tempo*, em diferentes proporções no humor satírico. Por exemplo, no humor e na farsa está ausente o julgamento, mas no humor, a agressividade é menor que na farsa, onde se encontra em maior quantidade, a agressão, o riso e o jogo. No humor dominam o riso e o jogo, e a agressão é mínima (Test, 1991, p. 33).

A agressão/ataque na sátira é expressa quando “o alvo é diminuído na sua importância”, é construído um discurso que o transforma em “tolo, estúpido ou vicioso”; o humor satírico “assume uma posição de superioridade ao adotar uma postura de honestidade, ou inteligência e implicando padrões que estão a ser abandonados ou subvertidos” (Test, 1991, p. 18). O espírito de jogo atravessa a sátira com os jogos de palavras associados à agressão, à construção de imagens, aos exageros, repetições e muitas outras figuras de estilo (Test, 1991, pp. 19-22). O riso é induzido frequentemente pela utilização de expressões exageradas, como “o grotesco, tragédia, melodrama, o patético e sentimentalismos, bem como à farsa e comédia, tidas como formas indutoras de risos” (Test, 1991, pp. 22-27). Quanto aos julgamentos, o autor refere que “a sátira como expressão artística é neutra”, ou seja, necessita de um alvo para se concretizar. É preciso um alvo para agredir, um estímulo para haver riso e um jogo para se jogar, e o “ingrediente que ativa” tudo isto são os “julgamentos” satíricos, que não são só produtos de uma “verdade” moral, mas também da ética, política, de senso comum, ou preconceitos partilhados”, e que no caso da política “terá muito mais a ver com a realidade política do que com aspetos morais” (Test, 1991, pp. 27-29).

O riso tem para Bakhtin (1986, p. 135) o efeito de aproximar e tornar familiar o que o provoca, ficando claro que quando o público ri, fica mais perto do humorista, e que ele cumpriu o seu objetivo. Mas para que essa reação exista, é necessário que os públicos possuam os conhecimentos necessários para compreender a “inteligência e criatividade da sátira”. Sem essa compreensão não há sátira (Caufield, 2008, pp. 7-9).

1.7. Retórica, Razão, Emoção e Persuasão

A razão e a emoção na linguagem utilizada no processo retórico-argumentativo potenciam um discurso com elevados níveis de persuasão. A afirmação encerra um conjunto de conceitos que importa definir, para que possam ser entendidos no estrito sentido em que são utilizados nesta investigação. Bauer e Gaskell (2002, p. 511) inscrevem a retórica em três “definições padrão”: como um ato de persuasão, como a análise desse ato e como uma “cosmovisão sobre o poder das regras para empregar a linguagem com eficiência (especialmente no discurso público)”. As definições conduzem a construção da retórica, ou seja, da organização argumentativa de forma eficaz, que permita ao orador obter os efeitos pretendidos. Poeschl (2013) define a persuasão, no campo da psicologia social, como “um processo que visa convencer pessoas a mudar as suas atitudes, crenças ou comportamentos através da transmissão de uma mensagem” (Poeschl, 2013, p. 327). A retórica é, pois, um ato que encerra um processo que se desenrola tendo em vista o convencimento dos interlocutores a mudar “atitudes, crenças e comportamentos”. O orador, o auditório e a linguagem são a tríade que Meyer (2013) junta para definir a retórica como um processo negocial de distâncias entre oradores e interlocutores a propósito de um qualquer assunto, um processo que se desenrola na e pela linguagem. O autor coloca no mesmo patamar o *ethos*, o *logos* e o *pathos* e defende a neutralidade da sua definição afirmando que “os aspetos habituais da retórica, aos quais, por vezes, é reduzida: emocionar, convencer, raciocinar, satisfazer, influenciar afirmar pontos de vista” são aspetos que integram a relação estabelecida entre as componentes geradas pela retórica clássica em cada situação específica (Meyer, 2013, pp. 26-27).

Na tradição Aristotélica, os níveis de persuasão dos argumentos utilizados dependem: do *ethos*, relacionado com as características do orador - a autoridade, enquanto emissor da mensagem, a credibilidade e a honestidade; do *logos*, ou seja, dos argumentos lógicos e racionais que constituem o conteúdo do discurso; e do *pathos*, o termo é traduzido para paixão, por isso, ligado à emoção que o orador, através do seu discurso, consegue despertar no recetor. Os ouvintes são persuadidos “quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso” (Aristóteles, 2005, p. 97). Meyer (2013) encontra as suas dimensões na teoria de Aristóteles, no *ethos* estão os pontos de vista e os valores; no *pathos* a emoção, a convicção, o prazer e a satisfação geral; e no *logos* o raciocínio e o estilo. Também Amossy (2008a) considera que a razão e a emoção não podem ser separadas sendo a autoimagem elaborada a partir dos dois planos.

Charaudeau (2005, p.139) indica que o discurso político pode ser mais racional ou mais emocional. O autor fala de um “jogo” praticado pelo falante entre o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, usando umas vezes, mais argumentos racionais e outras vezes, mais emocionais, procurando “iludir uma questão”, de modo a valorizar a sua imagem. O sujeito político procura construir um discurso que desperte determinadas emoções no auditório combinando-as com argumentos racionais de acordo com o que pensa ser a melhor forma de conquistar a adesão desse auditório. Charaudeau (2008) dá algumas indicações sobre a utilização de argumentos emocionais (*pathos*) no discurso político. O *ethos* é utilizado para construir e impor uma imagem, o *pathos* para “sensibilizar pelo discurso tentando evitar a reflexão do interlocutor que deve deixar-se conduzir pelos afetos” e, para isso, recorre a estratégias discursivas; o *logos* é constituído pelos argumentos racionais.

A prática social do discurso político numa sociedade democrática insere esse discurso no campo da luta política pelo poder e pelo convencimento dos cidadãos através de argumentos políticos, que os levam a agir (votar) em determinado sentido. Um poder exercido por direito que permite uma “dominação legítima” (Weber citado por Charaudeau, 2008, para.19) depois do “consentimento dos cidadãos” (Arandt citado por Charaudeau, 2008, para. 19) e suportado numa organização administrativa (Habermas citado por Charaudeau, 2008, para. 19). Charaudeau (2008) refere-se ao facto do discurso político circular no espaço público e, por isso, não ser possível haver domínio sobre os efeitos que são produzidos, já que as interpretações podem ser diversas. O autor adverte que o poder político é exercido com a legitimidade que lhe é atribuída pelos eleitores e pelas “estratégias discursivas de legitimação”, construindo uma autoimagem que lhe confira credibilidade junto dos cidadãos e lhe permita identificar-se com os auditórios na procura de “um ideal de vida comum”. É na procura desta identificação que a emoção tem um papel relevante. Charaudeau (2008) conclui que no discurso político, a verdade é um valor “aprisionado”, sendo o discurso político mais um lugar de fingimento, em que o que está em causa é a “força da veracidade”. Podemos dizer que o que está em causa não é a relação do discurso político com a realidade, mas sim a capacidade de o sujeito político eliminar as dúvidas sobre o seu discurso e afirmar-se com uma imagem credível. A veracidade é construída a partir das características do sujeito, expressas no discurso, que lhe confere mais ou menos força, ou seja, aumentar ou diminuir a possibilidade das pessoas acreditarem na palavra do sujeito político e na sua boa-fé.

No caso dos programas de humor, Charaudeau (2005, p. 141) chama a atenção para que, nesses programas, a autoimagem do político é induzida pelo humorista através das estratégias

discursivas utilizadas na construção do texto humorístico. Levanta-se, assim, a questão de perceber em que momentos o sujeito político procura fugir a essa influência e assumir o controlo da construção da sua própria imagem e se essa fuga é possível face a um discurso baseado, muitas vezes, no absurdo. Como já foi referido, o mesmo se passa com tantas estratégias, cujo objetivo é provocar não deixando espaço para qualquer tipo de argumentação. No palco do humor, o político poderá ter maiores dificuldades em combater a imagem que dele é criada e impor a sua autoimagem.

A autoimagem desejada pelo orador foi teorizada por Maingueneau (2008). O autor considera que o *ethos* efetivo (formado pelos auditórios) resulta da interação de diferentes *ethos*, do pré-discursivo (*a priori* na posse dos interlocutores) e o discursivo (construído no discurso do orador), que engloba o *ethos* dito (enunciação) e outro mostrado (constituído por estratégias discursivas), sendo estes dois últimos impossíveis de separar. Na construção do *ethos* efetivo fazem parte as imagens preconcebidas pelo orador e pelo auditório no contexto do “mundo ético” de cada um deles (Maingueneau, 2008, pp. 18-19).

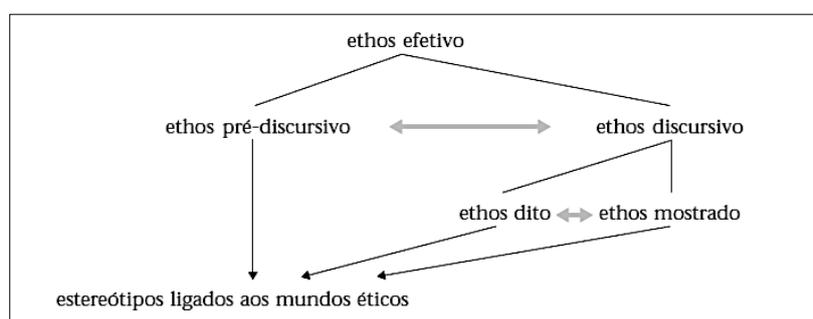


Figura 1.5 - Construção do *ethos* efetivo.

Fonte: Maingueneau (2008, p. 19).

A investigação está circunscrita à identificação do *ethos* discursivo interpretando os seus significados potenciais, ou seja, aqueles que diferentes estudos e teorias identificam como podendo ser criados a partir dos recursos semióticos (linguísticos e visuais) utilizados. Não faz parte dos objetivos da investigação extrair conclusões sobre o *ethos* efetivo, ou seja, sobre os efeitos que produzem, mas sim, sobre as escolhas ou meios discursivos utilizados pelo sujeito político procurando atingir o objetivo positivo de adesão ao seu discurso.

Charaudeau (2005, p. 129) defende que não se deve “inferir que os meios discursivos, pelos quais o *ethos* é encenado, resultam todos de uma intenção deliberada e cálculo por parte do orador”, nem que todos sejam percebidos pelo auditório. O autor afirma que esses meios

podem ser “mais ou menos conscientes”, e com percepções “mais ou menos” compreendidas. A advertência de Charaudeau leva a algumas reflexões: primeiro uma questão dirigida ao sujeito político que tem nas sociedades atuais instrumentos de *marketing* político, amplamente usados nas campanhas políticas, sejam elas eleitorais ou outras, que o ajudam a tomar consciência desses meios e dos seus efeitos, podendo assim, fazer escolhas estratégicas maioritariamente conscientes e por forma a potenciar os seus efeitos. A outra questão prende-se com as características do auditório quanto aos níveis de literacia mediática, que contribui para aumentar essa percepção por parte desse auditório. A questão não faz parte da investigação, mas como já foi referido espera-se que o resultado possa contribuir para incrementar esse tipo de literacia e conhecimentos sobre a forma como é mediatizada a comunicação política em Portugal.

1.8. O Humor: a *Hard Interview* ou *Soft Interview*

A entrevista política humorística é colocada no grupo das entrevistas “suaves”, é o termo pelo qual se opta para designar a entrevista que, habitualmente, ocupa lugar no campo das designadas *soft news* (notícias suaves), enquanto a entrevista política jornalística é incluída no espaço das notícias “duras”, designadas como *hard news*. A alegada dureza da racionalidade a que se associa a entrevista jornalística, e a alegada suavidade que está associada à entrevista humorística, leva a refletir sobre o sentido que é dado, habitualmente, a esta divisão. Fará a separação sentido a partir de todos os pontos de vista, de quem observa –públicos- e de quem é entrevistado? Mantendo as questões no plano da produção, onde se desenrolará a análise desta investigação, será que as entrevistas humorísticas não poderão tornar-se mais “duras” do que as “suaves” por inadaptação do entrevistado ao campo armadilhado que é o do humor político?

Quando se procura o significado dos termos *hard* e *soft* na língua original, o inglês, encontra-se para o adjetivo *hard* a ideia de algo difícil, forte, resistente, estável e firme (Cambridge Dictionary, s.d.d). Quando aplicado à informação (*hard news*), o dicionário indica tratar-se de “notícias importantes e sérias que são consideradas de interesse para muitas pessoas, seja em determinada, área ou país, ou no mundo”. A definição aplica-se ao discurso jornalístico que tem como referencial o mundo real e o texto apresentado sob o signo da verdade e compromisso com a *veridicção* (Duarte, 2007). Este contrato com a verdade apresenta como garantia, a ética jornalística.

A *hard interview* é associada ao tratamento de um tema em profundidade, com questões substanciais e oportunas no sentido do esclarecimento dos cidadãos. Parte do pressuposto que as “leis do discurso”, da pertinência, sinceridade, informatividade e exaustividade, e as leis da

modalidade (Maingueneau, 2004, pp. 34-37) são observadas, bem como os da ética jornalística, o rigor, a exatidão, a honestidade e a noção de equidistância entre os diversos agentes sociais.

O adjetivo *soft* é definido como sendo algo fácil, fraco, pouco resistente, ou seja, algo fácil de moldar, instável e suave. A definição indica a existência de uma qualidade “agradável envolvendo um efeito sutil ou de contraste em vez de uma definição nítida”. O dicionário consultado (Cambridge Dictionary, s.d.e) não associa o adjetivo à informação como faz com o adjetivo *hard*, mas refere que este pode ser utilizado para afirmar coisas “mais fáceis do que outras coisas do mesmo tipo” e dá como exemplo a frase: “ela faz algumas questões suaves”.

No contexto da informação jornalística, o termo *soft* (*softnews*) é associado às notícias que misturam informação com entretenimento, segundo o Cambridge Dictionary (s.d.f), que “muitas vezes relatando as vidas privadas das pessoas”.

A entrevista *soft* indica superficialidade baseada em temas de personalidade, questões humanas e pessoais e é mais emotiva do que racional, em suma, uma entrevista em que o entrevistado, alegadamente, tem um “momento de fama” sem esforço e uma oportunidade de construir uma imagem positiva. A *hard interview* indica o caminho de uma entrevista difícil, em que a substância, a argumentação fundamentada e a oportunidade das perguntas, transformam-na num momento de dificuldades para o entrevistado.

Na situação de entrevista há a distinguir dois planos: o da receção, onde se situam dois referenciais, os públicos e o próprio investigador; e o da produção, onde os referenciais são os do entrevistado e os do entrevistador. Nesta investigação, o foco é colocado no plano da produção e, por isso, é nesse plano que se mantém este questionamento particular, e apesar de não ser o objetivo principal da investigação considerou-se ser oportuno realizar uma reflexão.

Recentrando a questão *hard* ou *soft* no objeto da investigação, na entrevista política, partimos dos referenciais: do entrevistador - profissionais com atividades diversas, jornalistas e humoristas, com as funções sociais de informar e divertir, respetivamente; e dos entrevistados - todos com a mesma atividade, políticos e com a mesma função social, o exercício da política. Assim, as escolhas do entrevistador parecem ser centrais na definição do grau de dificuldade ou facilidade da entrevista a realizar ao entrevistado.

Na entrevista política há dois aspetos a ter em conta em relação ao entrevistado: a permanente consciência da responsabilidade e das consequências das suas afirmações; e o domínio do terreno, jornalístico ou humorístico. O primeiro aspeto parece ser válido para os dois tipos de discurso. As duas situações exigem, da parte do entrevistado, uma permanente atenção ao que é dito e como é dito. O segundo aspeto permite concretizar o primeiro com mais

ou menos sucesso, dependendo do controlo que o entrevistado tem do campo onde está inserida a entrevista. O humor poderá ser um campo complexo, já que o controlo do ator político sobre o discurso humorístico pode tornar-se um exercício de grande dificuldade, quando comparado com o discurso jornalístico, com o qual mantém um contacto permanente e de proximidade nos aspetos da utilização e construção da linguagem utilizada. Poderá ser mais fácil responder a perguntas com argumentos lógicos do que reagir a provocações.

CAPÍTULO 2

A Construção do Modelo de Análise

2.1. O Enquadramento Político-Social da Pesquisa

A política é, nas sociedades contemporâneas, visível através da mediatização feita pelos meios de comunicação social de massas. De acordo com o quadro teórico já traçado, a forma, os protagonistas, o tempo, o espaço, os contextos sociais e políticos dessa mediatização, bem como as características do sistema político e do sistema dos *media* são modeladores da comunicação política que chega ao espaço público. O “modelo mediático” da comunicação da política é o considerado nesta investigação, aquele em que a política depende dos *media* para concretizar o objetivo da visibilidade junto dos cidadãos, no qual a televisão tem, ainda, um papel preponderante. Neste modelo, os requisitos e critérios adotados pelos órgãos de comunicação social são determinantes para o “modo como os políticos comunicam, como é feita a cobertura mediática da política e como esta é entendida pelas pessoas” (Figueiras, 2017, p. 93). O filósofo político Innerarity (2006) refere-se à comunicação social como “os postos avançados da perceção coletiva” e constata que os políticos já só “observam como são observados pelos meios de comunicação social”, deixando de ter necessidade de contactar com a realidade (pp. 96-100). É à luz destas ideias e a acreditar na necessidade de um melhor conhecimento dos processos de modelação mediática da realidade política, em Portugal, que se parte para esta investigação com o objetivo de obter novos conhecimentos ligados a esses processos, que possam fornecer: aos cidadãos, novos dados que lhes permita compreender melhor os produtos mediáticos a que são expostos sistematicamente; ao jornalismo, elementos obtidos a partir de uma investigação, situada em Portugal que contribua para a reflexão sobre o tema; e de uma forma geral, ajudar a conhecer o fenómeno do cruzamento da política com o entretenimento no contexto português.

A investigação decorre no plano da produção dos conteúdos televisivos em contexto político de campanha eleitoral para as eleições legislativas de 2015. Nessa altura, o governo em funções, desde 2011, era suportado por um acordo político pós-eleitoral estabelecido entre o PSD e o CDS-PP, partidos liderados, respetivamente, por Pedro Passos Coelho e Paulo Portas. Esse governo tinha como primeiro-ministro o líder do PSD e como vice-primeiro-ministro o líder do CDS-PP. Esta coligação de incidência parlamentar sucedeu a um executivo socialista

liderado por José Sócrates, que em 2011 se demitiu na sequência de um pedido de resgate financeiro ao Fundo Monetário Internacional e União Europeia. O governo PSD/CDS-PP liderou sob a égide da austeridade criando uma situação de descontentamento da população em consequência dos cortes salariais aos funcionários públicos, da redução de apoios sociais estatais, da abolição de alguns feriados, do aumento de impostos e de uma tensão política permanente criada pelas apontadas desconformidades entre as políticas propostas e executadas e a sua legalidade constitucional. Em alguns casos, o tribunal constitucional interveio, decidindo a favor da anulação de medidas legislativas aprovadas pelo executivo de Passos Coelho. A crispação política opôs o governo aos sindicatos e aos partidos na oposição, mas também a outras instituições. Um descontentamento constante e alimentado, em muitos momentos, por destacadas figuras tanto do PSD como do CDS-PP. Muitas foram as previsões de que o governo não cumpriria a totalidade do mandato, o que acabou por não acontecer.

Neste enquadramento político apresentaram-se às legislativas de outubro de 2015, dezasseis forças políticas, o maior número desde o primeiro governo constitucional de 1976. Só nas legislativas de 1980 e nas de 1983 se tinham apresentado quinze forças políticas em cada eleição. Entre 1976 e 2011, retirando os dois atos eleitorais dos anos 80 e 83, o número médio de candidaturas foi de 12.

Nas legislativas de 2015, o PSD e o CDS-PP uniram-se numa coligação eleitoral designada por *PàF – Portugal À Frente*, uma designação que acabou por ser aproveitada para muita crítica por parte das oposições, tanto na pré-campanha como no período oficial de campanha. Para além da troca de argumentos políticos entre forças partidárias também a divulgação de um elevado número de sondagens (Grupo Marktest, s.d.) que chegaram a ser diárias, em diferentes órgãos de comunicação social, agitou todo o período de pré-campanha e campanha eleitoral. Desde o momento em que se realizaram as primeiras entrevistas jornalísticas televisivas aos líderes dos maiores partidos com assento parlamentar até às eleições, foram divulgadas cerca de 40 sondagens.

As entrevistas jornalísticas aos líderes iniciaram-se na TVI a 9 de julho, mês em que foram publicadas três sondagens. No mês seguinte foi publicada uma, e a partir de 2 de setembro e até às eleições foram publicadas 34 sondagens. Os líderes partidários eram confrontados diariamente com as intenções de voto dos portugueses. As eleições legislativas realizaram-se a 4 de outubro e o período oficial de campanha eleitoral decorreu entre 20 de setembro e 2 de outubro.

A campanha foi ainda marcada por um conjunto de casos que envolveram os socialistas, entre eles, uma polémica em torno de um conjunto de *outdoors* e a condição de arguido do ex-primeiro-ministro socialista José Sócrates. Toda a campanha decorreu em clima de grande tensão política, principalmente, entre os partidos que ocupam, alternadamente, o poder desde o primeiro governo constitucional de 1976. O ambiente de descontentamento social potenciou, no entanto, a argumentação contra o governo PSD/CDS, na altura, em funções.

Na disputa pelo poder entraram também dois novos protagonistas como líderes partidários, a coordenadora do Bloco de Esquerda (BE), Catarina Martins e o secretário-geral do PS, António Costa. O líder socialista tinha sido eleito em novembro de 2014 após um processo conturbado para suceder ao líder em funções, António José Seguro. Costa renunciou em abril de 2015 ao lugar que ocupava desde 2007, o de presidente da edilidade lisboeta para se dedicar à campanha eleitoral. Catarina Martins sucedeu a Francisco Louçã em 2012. A líder do Bloco foi eleita juntamente com João Semedo para uma direção partidária a dois, que acabou por deixar o cargo em 2014. Nessa altura, Catarina Martins foi nomeada porta-voz do BE sendo nessa qualidade que, pela primeira vez, entrou na campanha eleitoral como líder dos bloquistas.

2.2. O Corpus

O desenho desta investigação é traçado em torno da problemática do *infotainment*. O problema a questionar e a discutir insere-se na comunicação política produzida, através do meio televisão, em situação de entrevista política, jornalística e humorística. São postos em confronto dois modelos de entrevistas com objetivos diferentes, o primeiro, de acordo com os cânones do jornalismo tem como função informar, o segundo, de acordo com os cânones do humor, divertir. O problema que se levanta relaciona-se com a imagem final do político, potencialmente construída pelo próprio através do seu discurso (autoimagem), e pelo meio televisivo através do discurso verbal e visual utilizado na produção das entrevistas e inseridas no espaço de informação jornalística.

A amostra selecionada está dividida em três grupos: o primeiro grupo é designado por *corpus* principal e integra oito entrevistas políticas aos protagonistas políticos em período de pré-campanha eleitoral para as eleições legislativas de 2015. Quatro entrevistas foram concretizadas por jornalistas e emitidas num espaço intitulado TPS, integralmente preenchido pela entrevista e inserido no J8 da TVI, doravante designadas por entrevistas TPS, as outras quatro foram concretizadas por um humorista e integradas num *talk-show* humorístico intitulado *Isso é Tudo Muito Bonito, Mas*, doravante designadas por entrevistas ITMBM. O

talk-show no seu todo passa a ser designado por rubrica já que assim foi considerada explicitamente, em alguns momentos, na sua apresentação pelo pivô do J8. O *corpus* secundário integra os episódios do J8 onde foram emitidas as entrevistas TPS e as rubricas ITMBM e as peças de perfil emitidas antes das entrevistas jornalísticas. O terceiro grupo é constituído por um *corpus* complementar composto por duas entrevistas semiestruturadas, ao ex-diretor de informação da TVI e ao humorista responsável e anfitrião do *Talk Show* ITMBM.

2.2.1. O *corpus* no campo do jornalismo

No campo jornalístico são consideradas no *corpus* principal as quatro entrevistas TPS emitidas em julho, agosto e setembro de 2015 e onde foram entrevistados os líderes partidários dos maiores partidos com assento parlamentar e candidatos às legislativas, conforme se mostra no quadro 2.1. Os entrevistadores foram três jornalistas profissionais e reconhecidos publicamente como tal, JS, JAC e Pedro Pinto (PPi). No *corpus* secundário consideraram-se as vinte e três emissões dos jornais televisivos (J8), quatro onde foram emitidas as entrevistas TPS e dezanove emissões onde foram inseridas as rubricas ITMBM e, ainda, as quatro peças emitidas antes das entrevistas, cujo objetivo anunciado foi o de traçar o perfil de cada entrevistado. A entrevista ao ex-diretor da TVI, Sérgio Figueiredo (SF) constitui o *corpus* complementar.

Quadro 2.1 - Os entrevistados no *Tenho Uma Pergunta Para Si*.

Data	Entrevistado	Cargo /Partido Político
09/07/2015	António Costa	Secretário-Geral PS
27/08/2015	Jerónimo de Sousa	Secretário-Geral PCP
03/09/2015	Paulo Portas	Presidente CDS-PP
12/09/2015	Catarina Martins	Coordenadora-Nacional BE

2.2.2. O *corpus* no campo do entretenimento

No campo do entretenimento consideraram-se no *corpus* principal as quatro entrevistas ITMBM, onde foram entrevistados os líderes que também estiveram na entrevista TPS e no *corpus* secundário os dezanove episódios da rubrica ITMBM onde foram integradas as entrevistas políticas humorísticas. Foi excluída a última emissão já que assumiu um formato especial sem entrevista política e só com a presença de jornalistas. No quadro 2.2. são mostradas as datas de emissão das rubricas, o nome do entrevistado no ITMBM e a qualidade em que foi apresentado

na entrevista. A entrevista ao humorista Ricardo Araújo Pereira constitui o corpus complementar.

Quadro 2.2 - Os entrevistados na rubrica *Isso É Tudo Muito Bonito, Mas*.

Data	Entrevistado	Cargo /Partido Político
14/09/2015	Jerónimo de Sousa	Secretário-Geral PCP
15/09/2015	a)	----
16/09/2015	Catarina Martins	Coordenadora BE
17/09/2015	Paulo Portas	Vice-primeiro-ministro (CDS/PP)
18/09/2015	António Costa	Secretário-Geral PS
21/09/2015	Assunção Cristas	Ministra CDS-PP
22/09/2015	Mário Centeno	Economista PS
23/09/2015	Heloísa Apolónia	Coordenadora PEV
24/09/2015	Luis Montenegro	Líder parlamentar PSD
25/09/2015	Mariana Mortágua	Deputada BE
28/09/2015	João Galamba	Deputado PS
29/09/2015	Pires de Lima	Ministro CDS-PP
30/09/2015	Sérgio Sousa Pinto	Deputado PS
01/10/2015	Francisco Louçã	Ex-líder BE
02/10/2015	Marcelo Rebelo de Sousa	Militante PSD
05/10/2015	Fernando Medina	Presidente C.M.L PS
06/10/2015	Miguel Poiares Maduro	Ministro PSD
07/10/2015	Manuela Ferreira Leite	Militante PSD
08/10/2015	André Silva	Coordenador PAN

(a) Pedro Passos Coelho recusou convite – programa foi emitido sem a entrevista.

No conjunto das emissões foram entrevistados: um elemento do PCP, outro do Pessoas-Animais-Natureza (PAN), outro do Partido Ecologista “Os Verdes” (PEV), três do CDS-PP, três do BE, cinco do PSD e cinco do PS.

2.3. O Objeto, o Objetivo, a Questão e a Hipótese

O objeto de estudo desta investigação é a entrevista política televisiva. O objetivo é estudar o comportamento discursivo dos líderes políticos na entrevista humorística e compará-lo com o comportamento discursivo dos mesmos líderes na entrevista jornalística no contexto eleitoral português. Definiu-se como questão de partida: *Que autoimagem foi procurada pelo entrevistado em cada género de entrevista e como reagiu face ao repto do humorista ou à*

pergunta do jornalista? A investigação foi orientada por uma hipótese de resposta construída a partir da reflexão levada a cabo durante a fase exploratória. Quivy e Campenhoudt (1992) indicam que uma investigação é um “vaivém entre uma reflexão teórica e um trabalho empírico” e que a hipótese constituiu um elemento condutor da pesquisa. Sendo esta “a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor” já que permite “testar o modelo de análise” e “assegurar a coerência entre as partes do trabalho” (pp. 119-120). Como resposta à questão de partida é colocada a hipótese de que no campo do humor a imagem do político é induzida pelas provocações do humorista, e no campo do jornalismo é afetada pelo desenho das perguntas. Assim, o político reage no humor com estratégias discursivas de aproximação, e no jornalismo, onde a argumentação é possível, com estratégias de defesa e afirmação de uma imagem de competência e seriedade.

O objetivo da pesquisa foi concretizado através de um modelo de análise baseado num conjunto de questões, cujo objetivo é obter resposta para a pergunta de partida.

Um primeiro grupo de perguntas destina-se a compreender os contextos discursivos de produção das entrevistas políticas, potencialmente influenciadores da imagem dos entrevistados:

1. Na escala de *infotainment*, que características do entretenimento foram integradas no formato da entrevista TPS e que características do formato da informação jornalística foram integradas na produção do *talk-show* ITMBM?
2. Quais as características discursivas dos genéricos de cada espaço, entrevista TPS e rubrica ITMBM? Como contribuem para a construção da imagem do entrevistado através do discurso imagético produzido? Que imagens e que palavras são escolhidas na sua produção?
3. Que imagem foi potencialmente construída sobre cada entrevistado na peça de perfil emitida antes da entrevista jornalística?
 - a) Identificar os valores políticos e de personalidade destacados;
 - b) Identificar o discurso predominante: o elaborado com base em atitudes políticas ou ideias programáticas do entrevistado, ou sobre a sua vida pessoal e afetiva;
 - c) identificar as personalidades escolhidas para falar sobre o entrevistado.
4. Que imagem foi potencialmente construída sobre cada entrevistado no texto introdutório dito pelo humorista imediatamente antes da entrevista?

O segundo conjunto de questões visa identificar os temas abordados nas entrevistas e as estratégias discursivas de entrevistadores e entrevistados:

5. Que temas são abordados nas questões lançadas pelo humorista?
6. Sobre que temas são elaboradas perguntas na entrevista jornalística?
7. Quais as temáticas inseridas nas entrevistas por iniciativa do entrevistado e em que momento o faz?
8. Como são estruturadas as perguntas dos jornalistas?
9. Como são estruturadas as questões do humorista?
10. A que estratégias discursivas, verbais e não verbais, recorrem jornalistas e humoristas?
11. A que estratégias discursivas, verbais e não verbais, recorrem os líderes políticos na construção das respostas, no jornalismo?
12. A que estratégias discursivas, verbais e não verbais, recorrem os líderes políticos nas reações às questões lançadas pelo humorista?

A inserção da rubrica humorística como rubrica integrante do J8 suscitou um outro conjunto de questões com o objetivo de conhecer a forma como a inserção do ITMBM no alinhamento do jornal o afetou e como se cruzou com o discurso jornalístico:

1. Qual a duração do *talk show* no espaço do alinhamento do J8?
2. Em que momento temporal do alinhamento foi inserido o ITMBM?
3. Que peças antecederam e precederam o *talk show* no alinhamento do J8?
4. O que é colocado em evidência no texto lido pelo pivô que introduz o ITMBM na sequência do alinhamento do J8?
5. Como foi feita a promoção da rubrica humorística no decorrer do jornal e que destaque assumiu no alinhamento?
6. Em que fase do alinhamento são inseridas as promoções ao ITMBM?
7. Quais os temas que antecedem e precedem as promoções da rubrica humorística?

2.4. Do Paradigma e das Metodologias

O processo sistemático de investigação científica exige rigor e escolhas por parte do investigador. As opções dependem, em primeiro lugar, do objetivo a atingir e que determina o posicionamento paradigmático, e do enquadramento teórico e metodológico que enformam os métodos e técnicas de recolha e análise de dados. É a partir deste compromisso com um quadro paradigmático que o investigador permite a compreensão das opções que vai tomando ao longo

da pesquisa (Creswell, 2013) e percorre o caminho, sempre incompleto, da rutura com o senso comum. A este caminho juntam-se: uma “atitude problematizadora própria da ciência” e os princípios da “relativização dos fenómenos humanos”, que nos alertam para que estes não são absolutos nem “podem ser explicados por propriedades universais, e só podem ser analisados nas “coordenadas de tempo e de lugar e nos contextos sócio históricos em que se integram”; e o princípio da “relação dos factos”, que indica a necessidade da consciência de serem “estabelecidos sistemas de relações” entre os fenómenos que permitam ultrapassar argumentos individualistas (Silva, 2009, pp. 52-53). É por isso, imperativo que se comece por situar a pesquisa e o pesquisador.

A presente investigação está situada no campo das ciências da comunicação, uma área de particular multiplicidade paradigmática e metodológica. Na perspetiva epistemológica, os estudos da comunicação nascidos no terreno da sociologia passaram a integrar a sociologia da comunicação, onde a teoria dos efeitos¹² assumiu uma importância dominante. O estudo dos efeitos das mensagens emitidas pela comunicação social e, mais tarde, do papel e função dos *media* nas sociedades integraram o paradigma funcionalista. A crítica aos seus pressupostos levou ao aparecimento de novas teorias oriundas de diversas áreas, como a da psicologia social, antropologia, história, linguística, ciência política e também a sociologia, entre outras (Serra, 2007, pp. 16-22). Há ainda disciplinas, como a hermenêutica, a retórica, a semiótica e a fenomenologia, que Jensen (2002, pp. 16-39) integra nas humanidades, o que levou Serra (2007) a fazer uma caracterização das ciências da comunicação como um campo: que engloba uma multiplicidade de disciplinas das ciências sociais e humanas; que estuda do ponto de vista ontológico aspetos das várias formas de comunicação; e onde a utilização das metodologias tem como único limite a possibilidade de controle intersubjetivo dos resultados (um conceito que será alvo de considerações mais à frente).

O *corpus* selecionado para a pesquisa é composto por um conjunto de textos de natureza multimodal, difundidos por um meio de comunicação de massas, a televisão. A análise recai, desta forma, sobre sistemas de signos verbais e não verbais. É a partir desta complexa conjugação produtora de significados que se pretende compreender e interpretar as opções dos participantes da ação de produção textual num determinado contexto específico. As hipóteses são abertas e o objetivo impõe a recolha de dados através de entrevista semiestruturada, com o

¹² A “obra mãe” da teoria dos efeitos limitados pertence aos autores Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (Lazarsfeld et al., 1948) com a obra *The People's Choice. How the Voter makes Up his Mind in a Presidential Campaign* (Wolf, 1987, pp. 43-44).

objetivo de encontrar algumas respostas que ajudem a compreender e confirmar alguns dos resultados obtidos.

Tendo em conta os objetivos e a natureza do *corpus* optou-se pelo paradigma de pesquisa qualitativa/interpretativista, um quadro teórico-metodológico que difere da pesquisa quantitativa/positivista. Nos dois modelos contrastam os conceitos científicos de “*explicação, previsão e controlo*” do paradigma quantitativo, e os conceitos de “*compreensão, significado e ação*” do paradigma qualitativo (Coutinho, 2016, p. 17). Do ponto de vista ontológico, epistemológico e metodológico, o investigador guia-se pela visão construtivista social, nascida na sociologia e adotada nos processos comunicativos.

Neste quadro teórico, qualitativo/interpretativista/construtivista, e de acordo com os autores consultados (Berger & Luckmann, 1991; Bourdieu, 2011; Coutinho, 2016; Creswell, 2013; Guba & Lincoln, 2005), os processos sociais, entre os quais se encontra a pesquisa científica, são de natureza interpretativa, holística e semiótica e os contextos contribuem para a construção dos significados sociais das ações humanas. O interpretativismo procura encontrar as causas dessas ações, para através desse processo, que inclui a interpretação das pessoas que as realizam, compreender os seus fins. O conhecimento é “uma consequência da atividade humana” (Guba & Lincoln, 2005, p. 26) alcançado por “objetivação” dos significados subjetivos dos praticantes da ação, através de um processo construído e negociado com o investigador. Guba (1990, p. 27) refere-se a um “consenso substancial”, necessário para a produção de conhecimento, atingido através de metodologia “hermenêutico-dialética” que permite por um lado, refinar, por processo hermenêutico, as construções individuais no processo de descoberta de sentidos, e por outro, “comparar” e “contrastar” através do processo “dialético”.

O quadro construtivista indica que o conhecimento “é uma construção humana nunca certificável como verdade final, mas problemática e em constante mudança” (Guba & Lincoln, 2005, p. 27). No construtivismo a crença é a de que os indivíduos procuram a compreensão do mundo que habitam e desenvolvem significados subjetivos a partir das suas experiências e valores. É neste quadro de ligação com o objeto de estudo que o investigador reconhece ser influenciador e influenciado pelos seus antecedentes e essa interação ser modeladora da interpretação do mundo que observa (Creswell, 2013). A separação entre sujeito e objeto, fim último da objetividade positivista, é substituída pela possibilidade da objetivação do que é subjetivo. A relação “subjetivista” (Guba & Lincoln, 2005) com o conhecimento obriga o investigador à identificação de todos os procedimentos, mentais e técnicos, que garantam a

verificabilidade intersubjetiva da pesquisa. A verificação, no campo do paradigma qualitativo, tem de ser concretizada através da “exigência da compreensão intersubjetiva do produto do processo de investigação com base numa avaliação dos resultados que podem ocorrer”. (Steinke, 2004, pp. 186-188).

No desenrolar da reflexão sobre processos de objetivação, foi considerada e adotada a perspectiva de complementaridade entre análise qualitativa e quantitativa e não a perspectiva de uma oposição. A utilização da análise de conteúdo no campo da análise quantitativa, enquanto “técnica de tratamento de informação” que pode ser “utilizada em material não estruturado” na investigação empírica (Vala, 2009, pp. 104-107), surge como uma ferramenta útil, reveladora de frequências da ocorrência de determinados fenómenos. Esta análise permite obter resultados com maior precisão e que contribuem positivamente para a reflexão sobre os resultados obtidos, já que a investigação empírica se encontra no campo do método indutivo e processos hermenêuticos, um quadro de investigação que constantemente lança dificuldades e dúvidas que se vão colocando no caminho do investigador e que são referenciadas ao longo da tese, procurando encontrar formas de aumentar a qualidade final dos resultados.

2.5. Análise Discursiva Multimodal

A análise dos textos multimodais que compõem a amostra principal vai ser concretizada à luz das teorias da análise de discurso (AD). Esta técnica analítica permite cruzar diferentes quadros teóricos, linguísticos e sociais, com o objetivo de encontrar significados para os recursos semióticos usados na construção discursiva em diferentes campos científicos.

Na pesquisa conjuga-se uma abordagem linguístico-discursiva centrada no sistema semiótico linguístico (língua verbal), que parte do modelo teórico metodológico de Norman Fairclough, e se cruza com outros corpos teóricos: o de Charaudeau (2005), que enquadra a construção do *ethos* político na AD, desenvolvendo um conjunto de categorias que descreve e permitem identificar estratégias discursivas, verbais e não verbais, utilizadas na construção da autoimagem do sujeito político; e o de Ruth Amossy (2008b), que enquadra a análise argumentativa no quadro da análise de discurso. Ambos os autores produziram teoria sobre estratégias de retórica persuasiva utilizadas pelos interlocutores em processos de influência mútua, que podem ser identificadas a partir da utilização de recursos formais da língua, mas que também são estudadas pela psicologia social, contribuindo para clarificar alguns conceitos a serem utilizados. A estes enquadramentos teóricos, junta-se um quadro teórico centrado no sistema semiótico visual (língua não verbal) desenvolvido por Gunther Kress e Theo van

Leeuwen, *The Grammar of Visual Design*, uma abordagem inserida na perspectiva construtivista da linguagem, no enquadramento teórico da semiótica social, enformada pela gramática sistémico-funcional de Michael Halliday (1978) e amplamente utilizada em análises multimodais. A linguística funcional de Halliday (2004) engloba a linguagem numa perspectiva humana social e cultural, ou seja, considera que as escolhas de determinados recursos gramaticais e não outros dão origem a textos com significados diversos. De acordo com a gramática de Kress e van Leeuwen, as opções por diferentes estruturas visuais de representação produzem igualmente imagens diferentes da realidade que, tal como a utilização de recursos verbais, estão “ligadas aos interesses das instituições sociais dentro das quais as imagens são produzidas, circulam e são lidas” (Kress & Leeuwen, 2006, p. 47).

Halliday (2004) indicou que toda a mensagem é construída e organizada tendo em vista o cumprimento de três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual, três funções que “coexistem e interagem em todo o discurso” (Fairclough, 2006, p. 64), consideradas válidas pela GVD para todos os sistemas semióticos (Kress & Leeuwen, 2006, p. 42).

2.5.1. A gramática do discurso visual

O observador do ato comunicativo necessita de identificar os recursos semióticos utilizados pelo seu produtor e conhecer os seus potenciais significados para o poder interpretar. No contexto do discurso visual, Kress e van Leeuwen (2006) construíram uma “gramática” que constitui uma importante ferramenta para a descodificação da forma como as imagens (paradas ou em movimento) se relacionam, interagem e representam o “mundo real”. A interação, a composição e a representação podem assumir diversos significados já que dependem da escolha subjetiva do produtor de cada ato comunicativo que ocorre num “contexto social real”. (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 10-13).

Os modos semióticos não mostram as coisas ou as suas relações como elas são na realidade, mas permitem a sua representação. Os autores da *Reading Images- The Grammar of Visual Design* (GVD) descrevem um conjunto de recursos visuais que podem ser escolhidos pelos produtores dos textos para representarem, organizarem estruturalmente a mensagem e estabelecerem relações de poder entre quem a produz, o objeto representado e o observador. Neste percurso os recursos utilizados cumprem três funções a da representação, composição e interação.

A GVD indica que os intervenientes no “ato comunicativo” podem ser objetos, pessoas ou lugares, e designa por “participantes representados” (PR) aqueles que, “estão representados no

e pelo discurso escrito ou por imagens” e por “participantes interativos” (PI) aqueles que interagem entre si, “alguém fala outro ouve, alguém escreve outro lê, alguém produz imagens e outro vê-as” (Kress & Leeuwen, 2006, p. 48). Esta interação é feita entre pessoas reais capazes de produzir e dar sentidos aos discursos produzidos, pode ser “direta e imediata” quando produtor e observador estão juntos no mesmo espaço, mas o mais comum é que essa interatividade seja estabelecida à distância, sem que o produtor ou a equipa que produz o texto e quem o recebe se encontrem. Neste caso, o produtor constrói a imagem mental das suas audiências e dos sentidos que possam construir com as imagens que lhes fornece, e quem visiona está sozinho perante a imagem. Há uma disjunção dos contextos de produção e de receção. O que existe de comum para os dois (produtor e observador) é “a imagem e o conhecimento dos recursos comunicativos que permitem a sua articulação e compreensão, o conhecimento da forma como as interações e relações sociais podem ser codificadas em imagens” (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 114-115).

A construção das imagens pode ser feita de acordo com padrões “narrativos” ou concetuais”. As imagens narrativas são aqueles em que há uma dinâmica representada por vetores, criada entre os participantes, o campo da experiência é o do fazer/acontecer. Os processos narrativos são: o da ação, neste processo os participantes estão ligados por vetores; o da reação, que é uma ação manifestada através do olhar de um dos participantes que se dirige ao outro; o verbal, que é o processo onde é utilizada a linguagem verbal; o mental, que ocorre quando o processo não exhibe texto verbal, mas sim pensamentos do participante; e o de conversão, que sucede quando um participante é, ao mesmo tempo, ator em relação a outro participante e meta de um outro ator (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 59-71).

Para além dos “participantes principais”, existem nas estruturas narrativas “participantes secundários” que se relacionam com os primeiros, mas não através de vetores, sendo que, estes participantes não afetam o acontecimento que se pretende transmitir com a imagem. A única consequência pode ser “a perda de alguma informação” que possa ser transmitida por eles.

São designados por “circunstâncias”¹³ e incluem “o cenário”¹⁴, os meios e os acessórios”¹⁵. O cenário relaciona-se com os outros participantes por contraste entre um plano de destaque (1º

¹³ Termo utilizado na gramática de Halliday e adotado pela GVD (Halliday, 2004).

¹⁴ Na língua inglesa existem duas palavras que podem ser traduzidas para cenário: *scenery* e *setting* a primeira é utilizada para o cenário teatral, a segunda para o quadro diegético no cinema, no filme, na televisão ou num livro (Cambridge Dictionary, s.d.g, s.d.h). O termo *cenário* foi, por isso, adotado já tendo sido assim traduzido na tese de doutoramento de Leal (2011).

¹⁵ O termo utilizado na GVD é de *Accompainment*, optou-se pela tradução para *acessórios* já que a descrição do significado do tipo de circunstância indica ser algo acessório que acompanha o principal.

plano) e um plano de fundo. O contraste pode variar com as características do cenário e o posicionamento dos participantes: a) O cenário fica obscurecido com o posicionamento dos participantes em 1º plano; b) O cenário pode ter pouco detalhe; c) o cenário tem pouca cor ou várias cores em que todas tendem para uma única matiz; d) o cenário é mais escuro que o 1º plano ou mais claro e adquire uma sobre-exposição. Os meios são recursos usados nos processos de ação, sendo que, não existem vetores entre esses meios e quem os usa, não se relacionam com o “ator” por vetores, mas os próprios meios podem constituir vetores que estabelecem uma relação com a “meta”. Estes meios podem ser objetos, mas também podem ser gestos dos participantes. Os “acessórios na circunstância” são PR na narrativa, mas que só têm como função ilustrar, não interferem na narrativa principal (Kress & Leeuwen, 2006, p. 72).

Ao contrário da representação narrativa, a representação concetual é estática, os participantes não estabelecem relações vetoriais e a experiência insere-se no ser/existir. Neste processo de representação, os participantes são identificados quanto à sua classe, à estrutura ou ao significado, e a sua representação pode ser concretizada através de três processos: classificatório, são classificados de acordo com as características de grupo ao qual pertencem; analítico, que pressupõe uma escolha do produtor quanto ao que é mostrado, ou seja, neste processo está presente a interpretação do produtor; e simbólico, em que a representação dos participantes é feita através dos seus atributos simbólicos (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 79-109). O quadro 2.3 resume as estruturas de representação e os processos que integram a Metafunção Representacional.

Quadro 2.3 - Metafunção Representacional – Padrões representacionais do modo visual.

Metafunção Representacional	Representação Narrativa	Processos	Ação Reação Verbal Mental Conversão
		Circunstâncias	Cenário Meios Acessório
	Representação Concetual		Classificatória Analítica Simbólica

Fonte: Adaptado de Kress e Leeuwen (2006).

Tal como nos textos escritos com palavras, os produtores das imagens fazem escolhas de recursos de linguagem, neste caso, visual, para utilizarem nos processos de representação

deixando a sua visão no texto construído através do qual interagem com os recetores da mensagem.

Na imagem que liga PR e PI são estabelecidas diferentes relações entre: a) PR; b) PI; e c) PR e PI. A relação entre produtor e observador é descrita a partir do ponto de vista deste último, com quem os PR podem estabelecer linhas de “Contato” por “exposição” ou “interpelação”. O PR interpela o espetador quando olha diretamente para a câmara e através dela se dirige a quem o observa, convidando-o, pessoalmente, a participar naquele momento em que com ele comunica, podendo reforçar a sua ligação ao observador com gestos e expressões faciais. Quando decide não interpelar o observador, ou seja, não olhar para a câmara, o PR fica apenas exposto na imagem e neste caso a comunicação assume uma forma impessoal (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 115-118), adotando uma determinada “Distância Social” revelada pela dimensão dos planos exibidos. Quanto mais “fechado” for o plano menor a distância social entre o PR e o observador, maior proximidade entre ambos. Esta aproximação é criadora de intimidade, emoção e afetividade, relação que se vai perdendo à medida que o plano vai ficando mais aberto, até atingir uma relação impessoal com a utilização do “plano geral” (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 124-129). A situação pode ser descrita através de uma escala em que os níveis de intimidade, emotividade, afetividade e pessoalidade evoluem de um polo positivo (plano fechado) até um polo negativo (plano geral), onde esses valores iniciais são perdidos e substituídos por distanciamento, racionalidade, frieza e impessoalidade. A perspetiva da imagem mostrada pode ser objetiva ou subjetiva. Há objetividade nas imagens quando o seu produtor revela “tudo o que há para ver” em planos abertos mostrando as cenas na totalidade sem seleccionar o que é mostrado. Estes planos permitem uma visão próxima da realidade observada pelo produtor da imagem. A imagem é subjetiva quando o produtor selecciona uma parte dessa realidade, mostrando uma perspetiva por si escolhida e com ela mostra o “seu ponto de vista”. O “ponto de vista” é revelado através dos ângulos de filmagem que são vistos nos planos: frontal, oblíquo e vertical. O ângulo frontal é aquele onde existe uma linha horizontal entre o olhar do PR e o do observador, cria um sentimento de igualdade e faz com que o observador se sinta envolvido na ação, “a imagem faz parte do seu mundo”. O ângulo oblíquo cria distância e revela ao observador que o que está representado não faz parte do seu mundo. Os ângulos verticais estabelecem relações de poder entre as figuras representadas e o observador, sendo que, nesta situação podem ser observados três tipos de ângulos: o alto, coloca o poder do lado do observador; o médio, há igualdade de poder; e o baixo, onde o poder está do lado do PR (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 129-133).

Na interação entre participantes há ainda a considerar a modalidade do discurso. Este parâmetro, adotado da linguística pela GVD, refere-se ao “valor da verdade” e da credibilidade da mensagem. No campo da comunicação visual em causa estão as coisas, as pessoas ou lugares que são representados de acordo com aquilo que quem elabora o texto pensa ser a realidade. Os autores da GVD adotam o ponto de vista do naturalismo em que “a realidade é definida com base na quantidade de correspondência existente entre a representação visual de um objeto e o que normalmente vemos desse objeto a olho nu” (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 154-156).

As marcas de modalidade baseiam-se num conjunto de critérios que aproximam ou distanciam essa representação do “real”, como a saturação, a diferenciação ou modulação da cor, a contextualização, a representação, a profundidade, a iluminação e o brilho. Todas as marcas de modalidade oscilam ao longo de escalas que progridem do ponto de mais baixa modalidade até atingirem a mais alta modalidade. Passado o ponto da mais alta modalidade é criada uma situação de “hiper-realidade”, o que afasta essa representação do real e baixa o nível de modalidade (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 160-166).

Para uma sistematização da Metafunção Interacional descreve-se no quadro 2.4 as estruturas de interação entre PR e PI, do ponto de vista do observador; no quadro 2.5 são sintetizados os significados da interação; e no quadro 2.6 descreve-se as escalas de modalidade que derivam igualmente da perspectiva do observador.

Quadro 2.4 - Metafunção Interacional – Padrões interacionais do modo visual.

Metafunção Interacional	Contato	Exposição Interpelação	
	Distância Social	Plano Fechado Plano Médio Plano Geral	
	Perspetiva	Subjetiva	Ângulo Frontal Ângulo Oblíquo Ângulo Vertical
		Objetiva	Conhecimento Ação
	Marcas de modalidade	Cor	Saturação Diferenciação Modulação
Contextualização Representação Profundidade Iluminação Brilho			

Fonte: Adaptado de Kress e Leeuwen (2006).

Quadro 2.5 - Significados de interação entre PR e PI.

Significados da Interação	Marcas de Interação
Interpelação	Olha para observador
Exposição	Não olha para o observador
Intimidade/Pessoal	Plano Fechado
Social	Plano Médio
Impessoal	Plano Geral
Envolvimento	Ângulo Frontal
Destacamento	Ângulo Oblíquo
Poder do Observador	Ângulo Alto
Igualdade de poder	Ângulo ao nível dos Olhos
Poder do participante representado	Ângulo Baixo

Fonte: Adaptado de Kress e Leeuwen (2006).

Quadro 2.6 - Marcas de Modalidade Visual – Variação de “escalas de cores”.

Marcas de Modalidade		Variação das Escalas de Modalidade	
Cor	Pureza	Máximo de pureza	Máximo de hibridismo
	Saturação	Ausência de cor	Máxima saturação de cor
	Diferenciação	Monocromático	Máxima diversificação num intervalo de cor
	Matiz	Azul	Vermelho
	Modulação	Cores planas e não moduladas	Cor totalmente modulada
Contextualização		Descontextualização (Ausência de fundo ao contexto) Plano de fundo simples e não modulado)	Contextualização total (Contexto completamente articulado e detalhado)
Representação		Máxima Abstração	Representação máxima do detalhe pictórico
Profundidade		Ausência de Profundidade	Máxima perspectiva de profundidade
Iluminação		Ausência de iluminação	Completo jogo de luz
Brilho		Dois graus de brilho	Número máximo de diferentes graus de brilho

Fonte: Adaptado de Kress e Leeuwen (2006).

Kress e Leeuwen (2002) indicam que a cor atravessa todas as funções da linguagem e identificam-na como um recurso comunicacional semiótico, como qualquer outro modo a partir do qual se pode representar o mundo real. Os autores adotam de Goethe (1970) a ideia de as cores produzirem um efeito em quem as observa, e baseados em Kandinsky (1977) elaboram uma “gramática das cores”. Consideram que as cores têm duas fontes de produção de sentidos: uma, por associação ou proveniência, o indivíduo associa as cores a algo que identifica, é por via do “contexto de produção e interpretação” que os autores referem a possibilidade de haver

uma “interpretação plausível da utilização das cores”; a outra fonte de produção de sentidos é pela evolução das cores em diferentes escalas capazes de modelar o discurso visual - o valor, a pureza, a saturação, a diferenciação, a matiz e a modulação (Kress & Leeuwen, 2002, pp. 354-357). Os autores advertem que a interpretação das cores tem de ser feita num contexto sociocultural onde são identificadas regularidades na utilização de determinadas cores e não de outras. Os “esquemas de cores” estudados e que permitem a interpretação feita por Kress e Leeuwen (2002) são: o “esquema de cores “histórico””, baseado na diferenciação, na relativa alta saturação e no valor do negro; o esquema do pintor modernista “Mondrian”, baseado na pureza e na alta saturação; e o pós-moderno, baseado no hibridismo e nos valores pastel. Apesar do posicionamento histórico dos diferentes esquemas, os autores consideram que continuam a ser válidos como recursos semióticos, que exprimem significados no contexto em que são utilizados e na forma como são combinados (Kress & Leeuwen, 2002, p. 366).

Kress e Leeuwen (2006) descrevem os significados atribuídos às diferentes escalas de cores que oscilam entre um extremo onde está o preto, em que todos os comprimentos de onda do espectro são absorvidos, e o ponto oposto onde todos são refletidos, o branco. A “escala de valor” varia entre o branco (luz) e o preto (escuridão), estando entre os dois pontos, os cinzentos, todas as culturas lhe atribuem significados diferentes. A “escala da saturação” fica entre cores saturadas, intensas e as cores puras, suaves e expressam “temperaturas emotivas e tipos de afetos”: à elevada saturação podem ser associados sentimentos como a exuberância, a aventura e a vulgaridade; à baixa saturação são associados a subtileza, a suavidade, a frieza, a repressão, o sombrio e a tristeza. A “escala da pureza” das cores vai das “cores puras às híbridas” e é interpretada como uma questão ideológica, as cores puras estão ligadas à modernidade e as híbridas, à pós-modernidade, sendo-lhes atribuída um valor positivo. A “escala da modulação” da cor refere-se à utilização de texturas e sombras. Uma cor plana pode ser percebida como simples e forte e em sentido positivo, ou excessivamente básica e simplificada, ou ainda entendida como subtil e “fazendo justiça à textura rica da cor real”, ou como “excessivamente exagerada e detalhada”. As cores planas expressam as cores das coisas, a relva é verde, o céu é azul, mas como a cor depende da luz, a modulação aproxima-as da “verdade” quando falamos da modalidade textual. A “escala da diferenciação” oscila entre o monocromático e a utilização de uma grande variedade de cores, a alta diferenciação é associada à aventura e a baixa diferenciação à timidez. Como sempre, os contextos podem produzir sentidos mais ou menos positivos. A “matiz” é a escala produzida entre o azul e o vermelho. O vermelho é associado ao calor, à energia, à saliência e ao primeiro plano, e o azul

associado ao frio, à calma, à distância e ao segundo plano (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 356-358).

A integração dos significados expressos pelos recursos de representação e as relações de interação entre observador e produtor da imagem é descrita no seu todo na Metafunção Composicional. É a partir dela que se integra as relações internas entre os elementos representados e as relações externas entre esses elementos e os observadores, para se retirarem significados globais da representação que é feita na imagem (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 175-176).

A imagem é composta pelos PR num espaço limitado que estabelecem entre si um posicionamento relativo quanto: ao local da imagem que ocupam, esquerda/direita, topo/base, centro/margem; à atração que exercem sobre o observador; e ao enquadramento dos diferentes participantes, com a presença ou ausência de elementos que os ligam ou desligam, criando na imagem conexões internas que produzem sentidos pela sua associação ou ausência dela. O posicionamento do PR à esquerda ou à direita (do ponto de vista do observador) atribui-lhe um valor diferente. À esquerda fica o que é familiar, no caso de uma entrevista televisiva, o entrevistador, no caso de informação escrita, o “dado”, informação já conhecida do observador, tal como o entrevistador. À direita fica o “novo”, a informação nova, que o observador não conhece ou no caso da entrevista, o entrevistado, aquele que nas respostas acrescenta algo de novo que quem vê não conhece. Em televisão, esta diferença de valor de informação pode ser enfatizada com movimentos de câmara numa linha horizontal (panorâmica) (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 177-185).

A localização de informação no “topo” é valorizada como uma promessa, como um ideal, na “base”, como real. O que é colocado no centro é considerado o “núcleo da informação” e os elementos em seu redor, designados como “margem”, estão de alguma forma numa situação de subserviência (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 186-200).

A saliência de um PR coloca-o em destaque em relação aos outros e o seu objetivo é atrair a atenção dos observadores. O destaque pode ser atingido através do tamanho relativo, dos contrastes no valor tonal (cor), por diferenças de nitidez, entre outras estratégias. Os PR podem ser representados num espaço contínuo sem linhas que os isolem uns dos outros, formando um conjunto contínuo na representação; ou podem ser estabelecidas, através da disposição dos elementos, linhas que os separam, sendo visíveis na imagem de forma desconectada. A existência ou ausência dessas linhas determinam a forma como são enquadrados os elementos representados, são estas as características do “enquadramento”. Quanto maior o agrupamento,

maior a conexão, aumentando a percepção de uma unidade única. Quando existe desconexão, a informação é separada em mais do que uma unidade. A força da conexão entre os elementos é dada pela existência de vetores entre os participantes, pela continuidade de cores e pelos elementos de contexto que promovam a interligação entre elementos. Para a desconexão, podem contribuir linhas que demarcam participantes, contraste de cores, espaço e descontinuidade entre os elementos. Para o sentido de continuidade ou descontinuidade da estrutura visual contribui o nível de estruturação dos elementos do contexto. Uma forte estruturação provocada por uma forte fragmentação origina descontinuidade, uma fraca estruturação permite perceber uma continuidade composicional. A presença ou ausência de enquadramento dos elementos permite perceber os níveis de integração e identificação de um elemento com os restantes. A ausência cria a percepção de integração e identificação, a presença individualiza esse elemento. O quadro 2.7 resume as categorias para encontrar significados a partir da composição textual (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 201-208).

Quadro 2.7 - Metafunção Composicional – Categorias composicionais.

Metafunção Composicional	Valor Informação	Centrado	Circular Tríptico Centro/Margem
		Polarizado	Esquerda (Dado)/Direita (Novo) Topo (Ideal/Base (Real))
	Saliência	Máxima Saliência Mínima Saliência	
	Enquadramento	Máxima desconexão Mínima conexão	

Fonte: Adaptado de Kress e Leeuwen (2006).

Os significados globais são significados potenciais como os designou Fairclough, no quadro da semiótica da linguagem, advertindo que esse significado é uma coisa e a sua interpretação é outra (Fairclough, 2006, p. 75). No quadro da GVD, Kress e Leeuwen (2006) indicam a existência de um “potencial semiótico”. Tal como na linguística, “as estruturas visuais apontam para interpretações particulares das experiências e formas de interação social” (Kress & Leeuwen, 2006, p. 2). As convenções usadas permitem produzir textos “ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações” criados por “recursos semióticos disponíveis para um indivíduo específico num contexto social específico”. A GVD surgiu como a construção de

uma “*langue*”¹⁶, ou seja, de um sistema de “recursos semióticos específicos disponíveis para a ação comunicativa de um grupo social específico”, em que a utilização das mesmas “formas e classificações disponíveis” podem ser interpretadas de formas diferentes (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 9-10). Os autores afirmam que os significados e a forma como são representados, visual ou verbalmente ou só de uma forma ou de outra, é também uma questão especificamente histórico-cultural.

A GVD assumiu que, quanto à integração dos diferentes modos semióticos utilizados num texto multimodal, segue a orientação de que “as partes interagem e afetam-se umas às outras”, sendo que, o texto na sua globalidade deve ser olhado como um todo e não como a soma das partes (Kress & Leeuwen, 2006, p. 177).

A GVD indica que a integração da composição é feita segundo dois códigos, um espacial e outro temporal (ritmo), podendo essa composição textual estar numa imagem impressa, em televisão ou plasmada num ecrã de computador. O código espacial é considerado em textos onde todos os elementos estão copresentes, pinturas, páginas de revistas, etc. O temporal opera em textos que se desenrolam ao longo do tempo, como fala, música e dança. Nas imagens televisivas os significados são produzidos através do cruzamento do espaço e do tempo já que estamos perante imagens em movimento, o texto desenrola-se num processo de constantes alterações introduzidas pelos produtores.

2.5.2. O modelo tridimensional de Fairclough

No centro do modelo de análise crítica do discurso (ACD) de Fairclough está o termo *semiose*. O autor defende ser nele que fica expresso o teor deste tipo de análise, que tem de trabalhar com várias modalidades semióticas: a linguagem, a imagem e a expressão corporal. E porque as relações entre a *semiose* e os outros elementos do processo social (as relações sociais, poder, instituições, crenças e valores culturais) se alteram face à interpretação que é feita no contexto das “instituições e organizações num determinado tempo e lugar”, essas relações têm de ser estudadas (Fairclough, 2012, p. 11). O autor identifica três categorias semióticas para essa análise: o género, relacionado com a “ação e interação”; o discurso, onde são “construídos aspetos do mundo (físico, social ou mental)”; e o estilo semiótico, lugar de construção de “identidades” ou “modos de ser” (Fairclough, 2012, p. 11).

¹⁶ Um termo importado da linguística de Saussure que contrapõe, a língua (*langue*) enquanto conjunto de convenções a partir das quais se constituem os “atos de fala” (*parole*) (Saussure, 1959).

O modelo de análise descreve a relação entre as estruturas sociais, que são “gerais e abstratas” e os eventos que são “particulares e concretos”, mediada pelas práticas sociais que integram os campos sociais, as organizações e instituições (Fairclough, 2012, pp. 10-12).

Os textos, que podem ser representados por diferentes modos, são a dimensão semiótica dos eventos; e as ordens de discurso são constituídas por “configurações particulares de diferentes géneros, discursos e estilos” (Fairclough, 2012, p. 11), e, por isso, podem ser alteradas já que o uso da linguagem permite: a interdiscursividade, através da qual os discursos podem ser combinados misturando convenções; e a intertextualidade, que exprime a relação dialógica entre textos (Fairclough, 2006, pp. 84-87).

Outro conceito central neste modelo de análise é a ideologia relacionada com práticas concretas quotidianas e não com sistemas abstratos, considerando que essas ideologias, que se manifestam nas práticas discursivas, são tanto mais eficazes quanto maior for a sua naturalização (Fairclough, 2006, p. 89). A naturalização é entendida, pelo autor, como um processo que permite incorporar a ideologia no “senso comum”, tornando-a natural e incontestada, sendo este o motivo que o leva a considerar que os mecanismos usados na utilização da linguagem não são claros. Fairclough identifica uma luta hegemónica discursiva entre sujeitos, em que uns são mais capazes do que outros. As “lutas hegemónicas”, ou seja, as lutas pela dominação “ocorrem numa ampla frente que incluem as instituições da sociedade civil”, uma luta que mantém, altera ou transforma “relações de poder e identidades sociais, conhecimento e crenças” (Fairclough, 2006, pp. 91-93). O sujeito é, nesta teoria, moldado pelas práticas discursivas, mas é também capaz de moldar estruturas que levam à mudança. A construção de identidades depende, em parte, da posição ocupada pelas pessoas na prática discursiva que, pertencendo a diferentes classes sociais, géneros, nacionalidades, origens culturais, “atuam de forma diferente a partir de uma posição específica” (Fairclough, 2001, p. 123).

A ACD não é uma forma de análise neutra, ela reivindica uma posição crítica no contexto da dialética relacionando linguagem e política. A linguagem deixa de ser apenas uma forma de atribuir um nome a uma coisa, e passa a ser interpretada no contexto das escolhas feitas da utilização de determinados termos e não de outros possíveis na construção de uma ideia (Bauer & Gaskell, 2002, p. 246) .

Um dos conceitos que marca a ACD é exatamente o facto de ser denominada como “crítica”. A abordagem crítica da análise de discurso, explica Fairclough (2006), não é uma divisão absoluta da abordagem “não crítica”, mas uma forma diferente de olhar para o discurso.

A ACD “mostra como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso tem sobre identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crenças” (Fairclough, 2006, p. 12). O autor defende a necessidade deste olhar crítico para a linguagem por considerar que a “ligação entre o uso da linguagem e o exercício do poder não é muitas vezes claro para as pessoas” (Fairclough, 1995a, p. 54).

Wodak (2013) aponta para que este tipo de análise “torne o implícito explícito”, ou seja, revele “a relação entre discurso, poder e ideologia, desafiando os significados superficiais e não dar nada por garantido” (Wodak, 2013, p. xxiv). O autor alerta para o facto do trabalho do analista não se limitar a descobrir significados, mas a aplicar na prática os seus resultados. Uma análise crítica significa, ainda, ser “autorreflexiva” e “autocrítica”, o que deixa espaço para que exista uma crítica interna e não só um posicionamento de criticar os outros. A prática da análise crítica é também entendida como uma forma de “contribuir para a mudança social” (Wodak, 2013, pp. xxiv-xxv).

Jorgensen e Philips (2002, p. 60) consideram que entre as diferentes abordagens da ACD, a teoria e o método de Norman Fairclough “são os mais desenvolvidos para a pesquisa em comunicação”. No modelo tridimensional de Fairclough, o evento comunicativo é analisado em três dimensões: a textual, a da prática discursiva e a da prática social, onde se insere o evento. A dimensão textual integra uma fase descritiva e as outras duas dimensões, uma fase interpretativa. O modelo é sintetizado no quadro 2.8.

Quadro 2.8 - Modelo tridimensional de análise de discurso de Fairclough.

Fases	Descritiva (Microanálise)	Interpretativa (Macroanálise)			
Dimensões	Texto	Prática Discursiva		Prática Social	
Processos	Produção Interpretação	Atividades Cognitivas	Produção Distribuição Consumo Condições da prática discursiva	Aspectos	Ideológicos Hegemónicos
Categorias de análise	Vocabulário Gramática Coesão Estrutura Textual	Força Coerência Intertextualidade		Ideologia Hegemonia	

Fonte: Adaptado de Fairclough (2006).

Na fase descritiva, são revelados processos de produção e de interpretação e as características formais linguísticas do texto, analisando o vocabulário e a gramática utilizados, a coesão e a estrutura textual. Na fase interpretativa, Fairclough (2006) indica um conjunto de atividades cognitivas utilizadas na produção, na distribuição, no consumo e nas condições em que ocorre a prática discursiva, analisadas através da força, da coerência do texto e da sua intertextualidade. A interpretação tem ainda em conta a prática social nos seus aspetos ideológicos e hegemónicos, sendo que, o autor estabelece a relação entre os aspetos ideológicos e de poder, conclui que a ideologia é estrutural, mas também é uma propriedade dos eventos que está refletida no conteúdo, no sentido e na forma dos textos, e defende que nem todos os textos têm o mesmo grau de ideologia. Considera que, por exemplo, um texto publicitário é “investido” de um maior grau ideológico do que as ciências físicas (Fairclough, 2006, p. 91). As hegemonias discursivas são refletidas nas mudanças operadas por produtores e interpretes, nas ordens de discurso por ação do cruzamento de “convenções discursivas, códigos e elementos de forma inovadora em eventos discursivos” (Fairclough, 2006, p. 97). O autor desenhou um modelo de análise discursiva que “integra diferentes perspetivas teóricas e métodos”, combinando teorias de Foucault com a intertextualidade de Bakhtin, um quadro teórico que permite a análise da formação do texto verbal.

A análise do discurso visual será concretizada à luz das teorias da *Gramática do Discurso Visual* de Kress e Leeuwen (2006).

2.5.3. A GVD e a imagem em movimento

A GVD aplica os padrões de representação, interação e composição a imagens paradas e em movimento. Os autores explicam que apesar disso há algumas alterações nos processos quando são observadas imagens em movimento como num programa de televisão.

Na dimensão narrativa, os vetores entre participantes são assumidos pelo movimento, ou seja, o processo de uma ação é representado pelo movimento em si, andar, pular, apontar, etc.

A escolha da representação dos participantes conectados ou desconectados é possível para as ações e reações entre participantes. As imagens televisivas permitem que os dois participantes sejam representados num só plano (conectados espacialmente), ou em dois planos subsequentes, onde um mostra o ator ou o fenómeno, e o outro mostra a meta ou o reator (desconectados espacialmente). A conexão faz-se por combinação dos dois planos. No caso das reações, o “plano de ponto de vista” que une três planos, um do reator, outro do fenómeno e depois de novo o reator provoca uma desconexão com elevado cunho subjetivo, já que o

observador vê o fenômeno através dos olhos do reator; no plano *amorce*, em que reator e fenômeno estão no mesmo plano, mas o reator está de costas para a câmara, perde-se a visibilidade das reações do reator, o que torna a cena menos emotiva e envolvente. Os autores da GVD salientam que este é o plano usado nos jogos de guerra de computador para que exista uma maior identificação dos jogadores com os soldados com quem jogam. A semelhança sugere que a utilização deste plano leva a uma maior identificação do espectador com a figura que lhe é mostrada de frente.

Os processos verbais nas imagens em movimento são concretizados pela fala através da sincronização do movimento dos lábios com a fala. É essa sincronização que substitui os vetores que ligam os balões de texto aos personagens na imagem parada.

Na dimensão interativa, o movimento da imagem cria dinamismo em todas as relações simbólicas existentes entre participantes. A distância e ângulos podem variar por iniciativa dos PR, o que produz um efeito neutro já que a câmara representa o que está a acontecer, ou por movimentos da câmara da responsabilidade de quem a opera, o que leva a alterações na imagem provocadas pela produção do programa.

Habitualmente, os ângulos em que são mostrados os “anfitriões” dos programas são frontais, um pouco abaixo do nível do olhar e em planos mais abertos do que a maioria dos participantes. De acordo com a GVD, o plano confere maior autoridade ao anfitrião e mostra-o numa perspetiva que o situa numa posição superior em relação aos espectadores.

No parâmetro da modalidade, a GVD indica que “o movimento é um meio de expressão” que modela a comunicação.

A interpelação ou exposição dos PR é na imagem televisiva assumida pelo olhar do participante para a lente da câmara (interpelação) ou para o interior do espaço cénico (exposição). Nas entrevistas televisivas, a situação habitual é de interpelação por parte do “anfitrião” do programa e de exposição por parte do entrevistado.

Na dimensão da composição textual, o valor informação, saliência e enquadramento são dinâmicos, podendo um elemento representado numa imagem em movimento assumir a cada momento valores diferentes, já que por iniciativa do sujeito ou da câmara a posição relativa dos elementos que compõem a imagem podem ser modificados (Kress & Leeuwen, 2006, pp. 258-265).

2.5.4. A comunicação não verbal - a linguagem corporal

Muitos são os estudos académicos sobre comunicação não verbal que referem a importância da linguagem corporal (90%) na comunicação interpessoal. A relação entre as linguagens verbal e não verbal é considerada complexa e indispensável à compreensão discursiva. Hall et al. (2019) referem que um grande número de investigadores concluiu que “os gestos das mãos produzidos durante a fala são, juntamente com as palavras, parte de um sistema integrado de produção de fala” (Goldin-Meadow & Alibali, 2013 citado por Hall et al., 2019, p. 272). Hall et al. (2019) avisam que não é possível criar significados para cada ação não verbal já que quem se expressa o faz num contexto próprio que “envolve as suas intenções, os seus comportamentos verbais e não verbais, as outras pessoas (quem são e o seu comportamento) e o cenário”(p. 272).

Nesta investigação, os codificadores da linguagem corporal estão inseridos nos campos da política e do jornalismo. Em ambos, a literatura refere não haver, ainda, estudos suficientes que permitam compreender a expressão corporal dos políticos e também dos jornalistas sobre quem não é feita grande observação, mas, cuja comunicação não verbal tem um papel para os espetadores (Stepankova, 2021, p. 142). Um estudo realizado sobre a realidade mediática israelita com uma amostra composta por seis entrevistadores, que fizeram curtas entrevistas a políticos e outras pessoas, revelou que “os entrevistadores mais dominantes e agressivos mostraram um comportamento mais diferencial/preferencial em relação aos entrevistados (Babad, 1999, p. 337), ou seja, “uma minoria conduziu as entrevistas de forma relativamente justa e permitiu que os entrevistados expusessem os seus pontos de vista “, os outros entrevistadores, com a sua forma de se expressar física e verbalmente não permitiram, de forma “flagrante”, que os entrevistados se apresentassem e expusessem as suas ideias (Babad, 1999, p. 355).

Em 2009, Haumer e Donsbach (2009) concluíram que a perceção da imagem de um político é favorecida quando este tem uma linguagem não verbal ativa e o anfitrião é neutro no seu comportamento não verbal. Os autores referem que tanto em *talk shows* como na entrevista feita no campo do jornalismo, os políticos só podem influenciar moderadamente a sua perceção através de estratégias comportamentais (Haumer & Donsbach, 2009, pp. 275-276).

No meio televisão, a face é a parte do corpo humano mais exposta quando falamos do género entrevista, seja em *talk show* de entretenimento ou no jornalismo. Paul Ekman (2003) é um psicólogo americano que mapeou as expressões da face enquanto manifestações das emoções humanas e considerou que as expressões de felicidade, raiva, aversão, tristeza medo e surpresa eram universais, podendo qualquer pessoa de qualquer cultura identificar essas

manifestações no rosto humano. Esta teoria polémica foi rejeitada por alguns antropólogos, entre eles, Birdwhistell e Mead a quem Ekman acabou por dar razão, mas explicando que, o que não era universal eram “regras de exibição”, como, por exemplo, o polegar levantado para expressar um gesto positivo, mas, mantendo que as expressões faciais das emoções eram universais (Ekman, 2003, p. 10).

Paul Ekman (2003) aprofundou a sua investigação e criou um sistema de codificação de microexpressões, movimentos dos músculos faciais que variam de acordo com a emoção que realmente está a ser expressa, porque se essa reação não for sincera, os músculos da face são articulados de forma diferente. A questão que se levanta não é tanto a identificação da movimentação muscular da face, mas, como aferimos, os motivos dessa expressão, ou seja, porque expressou alguém uma determinada emoção.

No campo da política há a considerar o efeito da aprendizagem dos políticos, através das técnicas do *marketing político* e *media training*, de estratégias tanto de linguagem verbal como não verbal para a construção de um discurso com o objetivo de potenciar leituras positivas, sobre si e as suas propostas políticas.

Nesta investigação, a linguagem não verbal é limitada à descrição de gestos com as mãos, procurando perceber a sua função e alguns movimentos de corpo e expressões faciais, bem como a direção do olhar, coordenados com o discurso verbal. O objetivo é identificar regularidades nas alterações corporais visíveis no ecrã, com a finalidade de indagar sobre momentos de tensão ou de potencial incómodo/nervosismo do entrevistado. A linguagem não verbal dos entrevistadores/anfitriões é observada no mesmo sentido, procurando encontrar pontos de reforço do discurso verbal através da linguagem corporal que potencialmente ajudam a construir a imagem do entrevistado.

2.6. A Persuasão na Psicologia Social

Na procura de maior consistência na análise de discurso, recorre-se à psicologia social e ao trabalho de Poeschl (2013) para uma identificação de indicadores de estratégias de persuasão. O autor indica um conjunto de variáveis encontradas após o cruzamento de vários estudos experimentais de diversos autores e correntes. As variáveis estão ligadas à fonte da mensagem e à mensagem (quadro 2.9).

Quadro 2.9 - Variáveis, dimensões e indicadores intervenientes no processo de persuasão.

Variáveis		Dimensões	Indicadores
Fonte	Autoridade	Legitimidade	Reconhecimento por parte dos recetores da mensagem da posição que o emissor ocupa
	Atratividade Social	Simpatia	Comportamentos simpáticos geram reação positiva à mensagem
		Semelhança	Fonte partilha características pessoais com o alvo (profissão, lugar de nascimento, etc.) que levam o recetor a ver o emissor como fazendo parte do seu grupo.
		Aparência física agradável	Imagem atrativa que pode facilitar a identificação do recetor com a mensagem.
	Credibilidade	Perceção de competência ou <i>expertise</i>	Um discurso indicador de que possui competências para exercer o cargo, que sabe do que fala, pode usar várias estratégias.
Perceção de fidedignidade		Destruição da reputação de adversários Não exprimir o esperado pelo recetor pode revelar falta de objetividade- “dizer sempre a mesma coisa” Postura empática	
Mensagem	Estrutura	Argumentos apresentados	Argumentos a favor da posição do emissor e argumentos contra essa posição
		Ordem dos argumentos	Quando o assunto é relevante e complexo para os recetores são gerados efeitos de primazia – são retidos os argumentos enumerados em primeiro lugar
			Quando o assunto é simples e irrelevante para os recetores são gerados efeitos de recência – são retidos os últimos argumentos
		Concluir ou não concluir	Conclusão implícita pode ter maior impacte
	Conclusão explícita potência clareza		
	Conteúdo	Apelo à razão ou à emoção	Emoção mais eficaz quando construída a partir de uma emoção Apelo à razão é mais eficaz em pessoas com atitudes já formadas
		Qualidade dos argumentos	“Varia em função das características dos recetores”
		Quantidade dos argumentos	Poucos e fortes para recetores motivados (avaliam qualidade de argumentos)
			Muitos para recetores pouco motivados (não avaliam qualidade dos argumentos)
		Apresentação de provas	Factos, objetos ou opiniões provenientes de fontes exteriores (histórias verdadeiras mais fortes que estatísticas)
		Enquadramento	Negativo mais eficaz em recetores mais motivados para processar informação Positivo mais eficaz em recetores pouco motivados para processar informação
		Apelo ao medo	Necessita informação clara e uma solução para a ameaça
	Linguagem	Intensidade	Tipo de linguagens Uso de metáforas Palavras que expressão emoção
		Rapidez na fala	Variações de velocidade Recetores pouco motivados – maior velocidade aumenta credibilidade Rapidez e boa perante argumentos fracos não deixa tempo para processar Falar devagar quando argumentos são fortes tempo de processamento
		Potência	Evitar hesitações – Eeh, enfim, quer dizer...
Evitar incertezas – Acho que/ não acha? /não sei se posso responder			

Fonte: Adaptado de Poeschl (2013, pp. 332-343).

Quanto à fonte da mensagem, o autor aponta como importantes no processo de persuasão de um auditório, três variáveis: a autoridade, que é tanto maior quanto maior for o reconhecimento da legitimidade do lugar que ocupa; a atratividade social, apontando para a simpatia, a procura de semelhanças com o recetor, e o ser fisicamente atraente como fatores que geram “sentimentos positivos”, que influenciam a mensagem e a sua aceitação; e a credibilidade da fonte junto do auditório, que lhe é conferida pela competência e pela fidedignidade que transmite com o discurso, sendo que, nesta última variável a confiança deverá ser “objetiva e desinteressada”, aspetos estes determinantes para a perceção de confiabilidade. A credibilidade é a varável que tem “maior peso na capacidade de persuasão de um emissor” (Poeschl, 2013, pp. 333-334).

Os níveis de persuasão da mensagem são medidos pela estrutura, pelo conteúdo e pela linguagem. Quanto mais organizada estiver a argumentação utilizada, maior é o efeito de persuasão. Poeschl (2013) indica que um emissor que apresente argumentos a favor da sua posição pessoal, mas também revele outras posições contra a sua própria posição, produz uma mensagem mais persuasiva e é visto como mais “justo e equilibrado aos olhos do alvo”. A ordem de apresentação dos argumentos, também, é levada em conta, referindo-se a discussão ao que é mais eficaz, se apresentar primeiro os argumentos a favor ou os contra a posição assumida. A posição expressa em Poeschel (2013) é de que tanto pode haver ganhos de primazia como de recência, depende do tipo de argumentos, se são complexos ou simples aos olhos do recetor. Os complexos promovem efeitos de primazia e os simples de recência. Na estrutura há ainda a considerar o efeito da conclusão, se é implícita ou explícita: a primeira pode criar maior impacto e a segunda potencia a clareza da mensagem (Poeschl, 2013, pp. 338-339).

Quanto ao conteúdo da mensagem, a sua eficácia é maior quando recorre à emoção, mas Poeschl (2013) alerta que isso sucede quando o auditório ainda não tem definida uma atitude perante a questão, porque se essa atitude já existir, os argumentos racionais são de maior eficácia. O apelo pode ser feito a emoções positivas, como no campo da publicidade, ou a emoções positivas e negativas, e, neste caso, Poeschl coloca como exemplo o campo da política, onde os políticos usam os dois tipos de apelo para convencer o eleitorado. O autor relaciona a qualidade e quantidade de argumentos concluindo que: para recetores motivados para o tema da mensagem, a eficácia é maior se forem poucos e fortes, porque há uma avaliação da qualidade desses argumentos; para recetores pouco motivados, a eficácia aumenta com um maior número de argumentos, porque estes não avaliam a qualidade da argumentação, mas sim, o número de argumentos apresentados. O autor refere a apresentação de provas relacionadas

com o mundo real como mais eficazes do que as provas estatísticas, bem como a eficácia aumenta com a enumeração de factos, objetos ou opiniões com proveniência em fontes exteriores (Poeschl, 2013, pp. 338-340). Assume ainda importância nos níveis de persuasão da mensagem aquilo que o emissor põe em evidência através dos seus argumentos. O emissor pode enquadrar o assunto de forma negativa ou positiva. O apelo ao medo é referido como um elemento da mensagem que para ser eficaz tem de ser acompanhado por informação clara sobre os perigos e deve incluir uma solução para resolver o problema (Poeschl, 2013, pp. 341-342).

A relação da eficácia da mensagem com a linguagem é feita por Poeschl (2013) através da intensidade da linguagem, cujos indicadores mencionados são: o tipo de linguagens, a utilização de metáforas e de palavras que expressem emoção; rapidez da fala, através das variações de velocidade. O autor indica que falar de forma rápida pode ser conveniente quando os argumentos são fracos, já que não deixa tempo aos recetores para processarem a mensagem, enquanto com a utilização de argumentos fortes é importante falar devagar para que exista tempo de processamento da ideia. A potência é outro elemento que contribui para credibilidade do emissor, devem ser evitadas as hesitações, as incertezas, em suma, devem ser eliminados sinais geradores de insegurança. Um discurso menos assertivo só pode ter efeitos positivos na persuasão se o objetivo for “introduzir um sentimento de preocupação ou empatia” (Poeschl, 2013, p. 342).

2.7. Os Traços de Personalidade – As Teorias Implícitas de Personalidade

A psicologia social forneceu ainda para a construção do modelo teórico de análise, as teorias implícitas de personalidade de Rosenberg e da sua equipa (TIP). Os investigadores construíram um modelo utilizado na deteção de traços de personalidade de uma pessoa a partir das descrições das impressões de personalidade formadas por outras pessoas. O modelo será utilizado na interpretação do discurso produzido sobre os líderes políticos entrevistados no ITMBM e no TPS.

Os estudos de Rosenberg et al. (1968) concluíram pela insuficiência de uma visão linear e avaliativa da identificação de traços de personalidade, por ser evidente que mais do que uma dimensão estava envolvida na descrição. O estudo identifica duas dimensões, “a social” e a “intelectual”.

O modelo foi revisitado por Ferreira et al. (2011), que o consideraram o “mais coerente e consistente das teorias implícitas de personalidade” (p. 320) e ao mesmo tempo atualizaram-no

e validaram-no utilizando uma amostra constituída por indivíduos portugueses, o que se considerou ser uma vantagem.

As TIP não constituem uma teoria, no sentido formal do termo, mas sim um conjunto de “categorias” e “crenças” partilhadas, sobre as quais as pessoas estabeleceram relações ao descrever características de personalidade. São implícitas por não serem explicitadas, na maior parte dos casos, “mas inferidas das descrições espontâneas e das expectativas formadas ao longo do tempo sobre os indivíduos”. As TIP não são validadas apenas pelo seu significado semântico, mas “enquanto conceitos presentes nas pessoas” (Ferreira et al., 2011, p. 317).

Nas duas dimensões, intelectual e social, que contribuem para que alguém descreva as características de personalidade de outra pessoa, são agrupadas e organizadas características em função da distância que ocupam em relação a um “centroide”, ou seja, a um ponto médio entre essas características. Cada traço afasta-se ou aproxima-se mais de cada centroide, sendo dessa forma medido o quanto é mais ou menos desejável (Ferreira et al., 2011).

O quadro 2.10 expõe por ordem de desejabilidade descendente os grupos de traços divididos em quatro *clusters*: O *cluster 1* reúne as características descritas como sendo as de maior desejabilidade intelectual e as que são mais favoráveis para o desempenho de atividades intelectuais; o *cluster 2* reúne os menos desejáveis; o *cluster 3* é constituído pelo grupo de traços mais desejáveis socialmente; e o *cluster 4* pelos menos desejáveis na mesma dimensão.

Quadro 2.10 - Traços pertencentes a cada *cluster*.

Traços de Personalidade			
Desejabilidade Intelectual		Desejabilidade Social	
Cluster 1 (mais desejáveis)	Cluster 2 (menos desejáveis)	Cluster 3 (mais desejável)	Cluster 4 (menos desejáveis)
Culto	Irresponsável	Compreensivo	Arrogante
Hábil	Desmotivado	Caloroso	Invejoso
Motivado	Inculto	Generoso	Interesseiro
Organizado	Incompetente	Afetoso	Antipático
Determinado	Lento	Divertido	Maldoso
Competente	Preguiçoso	Amigo	Vingativo
Esperto	Incapaz	Sensível	Intolerante
Dinâmico	Limitado	Amável	Desonesto
Regrado	Desatento	Teimoso	Intriguista
Efícaz	Desorganizado	Simpático	Egoísta
Atlético	Dependente	Fiável	Frio
Rápido	Indeciso	Sociável	Agressivo
Criativo	Conflituoso	Alegre	Manipulador
Perspicaz	Burro	Prestável	Egocêntrico
Racional	Rotineiro	Honesto	Calculista

Traços de Personalidade			
Desejabilidade Intelectual		Desejabilidade Social	
Cluster 1 (mais desejáveis)	Cluster 2 (menos desejáveis)	Cluster 3 (mais desejável)	Cluster 4 (menos desejáveis)
Independente	Conservador	Extrovertido	Insensível
Lutador	Calado	Falador	Fútil
Corajoso	Autoritário	Altruísta	Sovina
Tolerante		Flexível	Falso
Responsável		Sincero	Estúpido
Inteligente		Espiritual	Cínico
Prudente			Cobarde
Pontual			Convencido
Confuso			Idiota
Trabalhador			Concentrado
Astuto			

Fonte: Adaptado de Ferreira et al. (2011, p. 328).

A visualização bidimensional dos traços é disposta na figura 2.1 ao longo de dois eixos e de acordo com a sua distância ao centroide de cada *cluster*.

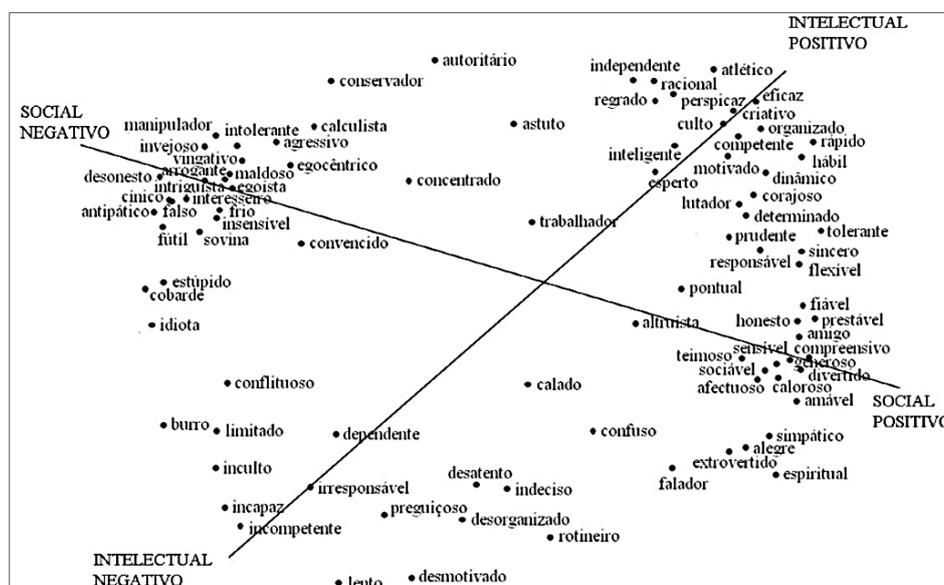


Figura 2.1 - Configuração bidimensional de 90 traços gerados por participantes.

Fonte: Ferreira et al. (2011, p. 327).

Na desejabilidade intelectual, os dois polos mais próximos dos centroides são: no polo de maior desejabilidade o “culto”, no polo oposto de menor desejabilidade está o “irresponsável”. Na desejabilidade social, os traços mais perto do centroide são o “compreensivo” no polo de mais desejável e o “arrogante” no polo oposto.

As duas dimensões que levam ao julgamento social e intelectual reúnem um conjunto de traços que são dispostos ao longo de eixos que evoluem de um polo positivo para um negativo. Por exemplo, no quadrante positivo intelectual está o traço “culto”, no negativo está o “inculto”, no quadrante positivo social está o “honesto”, e no oposto, o “desonesto”.

CAPÍTULO 3

Procedimentos Metodológicos

3.1. A Utilização de *Software* no Apoio à Análise Qualitativa

A análise de discurso é apoiada com recurso ao programa informático MAXQDA®. As vantagens na utilização de um *software* na descrição dos textos são encontradas na literatura científica e indicam que uma análise do conteúdo, que permite quantificar indicadores a partir das mensagens, contribui para aumentar a fiabilidade do processo, a flexibilidade e a transparência (Kaefer et al., 2015). O recurso aos dados quantificados é limitado dadas as características da análise, ainda assim, permite a apresentação de alguns dados sob uma forma que os torna mais claros contribuindo para a confiabilidade das conclusões. Perante uma amostra constituída por textos multimodais existe, ainda, a vantagem de o processo de categorização das unidades de análise ser possível mantendo unidas todas as dimensões do evento comunicativo, já que a atribuição de categorias no programa MAXQDA® pode ser executada diretamente no vídeo. O procedimento torna também desnecessária a transcrição. Apesar desta possibilidade, optou-se por uma transcrição verbal simples com o objetivo de potenciar a assimilação e compreensão do discurso e permitir ao leitor seguir de forma mais cómoda a descrição e interpretação.

3.2. Sinais Conversacionais

No processo de transcrição simples não são seguidas as regras da escrita formal, já que isso alteraria as pausas ocorridas no discurso. Apenas serão utilizados três sinais de pontuação: o ponto final, a encerrar a intervenção de cada interveniente, entrevistado/entrevistador; as reticências, quando há interrupções do discurso de um dos intervenientes pelo outro e quando é reiniciada a intervenção depois da interrupção e, ainda, em frases inacabadas; e o ponto de exclamação no final das interjeições.

No decurso da escrita da tese serão, no entanto, usados alguns sinais conversacionais nas citações utilizadas, sempre que isso facilite a compreensão do que está a ser exposto e/ou a ser defendido. A opção exige a escolha de uma teoria que sirva os objetivos da investigação e que se adapte ao tipo de amostra utilizada, entrevistas. Neste género, em que há alternância de vez entre o entrevistado e o entrevistador, está amplamente referenciada a teoria elaborada por

Rodrigues (1998), e é a partir desta que serão escolhidos os sinais a utilizar. A autora adota a designação de “sinal” para se referir a “todas as formas – lexemas, entoação, gestos, mímica, outros sons” que “desempenham, em maior ou menor grau, determinadas funções conversacionais” (Rodrigues, 1998, p. 70). O sistema de sinais de Rodrigues foi escolhido por: ter sido aplicado ao discurso em português; estar há muito publicado; já ter sido usado em várias análises de interações verbais; e se adaptar ao género entrevista. A autora adota, para a transcrição das entrevistas que analisou com o objetivo de identificar sinais conversacionais, o sistema de Kallmeyer/Schutze, por ser adequado à transcrição dos sinais por ela identificados, são eles: a sobreposição de discurso; os sinais do ouvinte realizados em simultâneo com a vez de quem fala; a marcação de fenómenos prosódicos como a entoação, elevação de voz, prolongamento de palavras, sílabas ou vogais; os fenómenos extralinguísticos como os risos e aplausos; e o ser de simples leitura e apresentação.

O quadro 3.1 reúne os sinais de conversação a utilizar sempre que necessários para a compreensão do texto, e a respetiva valoração para a transcrição verbal de extratos de unidades de registo ilustrativas. Aos sinais de Rodrigues (1998) foi acrescentado o símbolo (...), utilizado para indicar que a citação feita no texto da tese a partir do anexo da transcrição da entrevista foi cortada.

Quadro 3.1 - Sinais de transcrição.

Símbolo	Descrição
(h)	Hesitação
(:	Prolongamento
Eh (:	Hesitação com prolongamento
[texto]	Fala simultânea (interrupções)
(texto?)	Texto supostamente compreendido
(!)	Entoação de admiração
(?)	Entoação de interrogação
MAIÚSCULAS	Palavra enfatizada
(pausa)	Pausas não originadas por interrupções
(ex:riso)	Sinais não linguísticos (aceleração da fala, risos, tosse, etc.)
<u>palavras</u>	Sublinhado de palavras indica a sua repetição
(´)	Entoação ascendente corresponde à elevação da intensidade da voz
(.)	Entoação descendente corresponde ao inverso da anterior
(...)	Texto da transcrição foi cortado na citação transferida para a tese

Fonte: Rodrigues (1998).

Todas as transcrições verbais das entrevistas são colocadas em anexo à tese, o que permitirá a identificação dos segmentos ilustrativos transcritos no contexto de cada entrevista.

A descrição dos dados será acompanhada, sempre que isso se mostrar proveitoso para a compreensão do texto, de imagens obtidas através da utilização do programa MAXQDA® (versões de 2012 e 2020), que permite a sua captura para a área de transferência de dados do computador.

Toda a amostra principal e secundária foi obtida a partir do sistema *TVI Player online*.

3.3. Procedimentos na Utilização do *Software* MAXQDA®

Todos os documentos a analisar, os vídeos da amostra principal e secundária e áudio das entrevistas da amostra complementar, foram inseridos no programa MAXQDA® e feitas as respetivas transcrições e codificações. O MAXQDA® permite decompor o vídeo em imagens paradas numa *timeline* (sistema de pré-visualização). Na *timeline* ficam visíveis e isolados todos os planos do vídeo e, por ampliação dessa linha de tempo até ao máximo, é possível visualizar uma imagem por segundo, assim, cada plano apresenta o número de imagens correspondente à sua duração em segundos. A figura 3.1 mostra aos 9s e 3fs (*frames*) o último *frame* de um plano (cor castanha) e a passagem para o *frame* de um novo plano aos 9s e 4fs (azul) que termina aos 19s e 9fs. No *frame* seguinte, aos 20s, é visível um novo plano, que é apresentado na totalidade por ter a duração de 1s (lilás).



Figura 3.1 - MAXQDA® - *Timeline* de pré-visualização.

Fonte: MAXQDA (PauloPortas_3SetembroTVI: 0:00:08.9 - 0:00:21.0).

O plano é a “unidade mais pequena de filme localizada entre duas colagens.” (Journot, 2002, p. 117), por isso, à mudança de plano corresponde a mudança de imagem visível por um

corte da sequência anterior. Foram ignoradas as misturas de imagens, momentos, neste caso, invisíveis aos olhos do telespetador e sem qualquer relevância para a investigação.

O *frame* é uma palavra de origem inglesa que significa em português, no contexto do audiovisual, fotograma, que é uma “imagem isolada de uma série fotográfica gravada na película” (Journot, 2002, p. 75). Essas imagens podem ser isoladas a partir do programa MAXQDA® e inseridas no texto da tese sempre que se considere que a inserção desse *frame*, ou sequência de *frames*, ajuda na compreensão do texto escrito.

Cada imagem ou sequência inserida é identificada na fonte com a designação e o *time code* do ficheiro vídeo. Por exemplo: MAXQDA (PauloPortas_3SetembroTVI: 0:00:08.9 - 0:00:21.0) primeiro aparece o nome do líder entrevistado nessa emissão e a data em que o programa foi emitido na TVI, e depois o tempo de início e fim do grupo de imagens onde estão inseridos os *frames (fs)* exibidos. (0h:00min:08s.9fs).

A fase da análise exploratória da amostra foi concretizada no ambiente de trabalho do *software* permitindo uma maior eficácia na observação, anotação e organização dos primeiros dados obtidos de forma aleatória e sem qualquer sistematização.

Após a fase de exploração da amostra passou-se à sistematização e construção das categorias. A interação do corpo teórico com os objetivos que se pretendem atingir na investigação levou à construção de um sistema de categorias que resultou da combinação dos processos *a priori* e *a posteriori* (Vala, 2009, pp. 110-113). Algumas das categorias emanaram da fase de exploração do *corpus*.

A unidade de análise é temática e constituída por cada pergunta que lança um tema, pela respetiva resposta e por todas as intervenções do entrevistado e entrevistador, até que o entrevistador lance uma nova questão com outro tema diferente. Cada unidade de análise é recortada do contexto de cada entrevista na sua totalidade.

Na análise de discurso importa, por vezes, perceber o número de vezes que uma ocorrência é identificada. Para isso, o modo de contagem é definido pela “frequência” com que aparece determinada unidade de registo (Bardin, 2011, pp. 134-135). Quando ocorrem contagens não são introduzidas ponderações, já que o que se pretende é observar a frequência com que ocorre determinado fenómeno linguístico ou discursivo. É ainda considerada em algumas categorias, a “direção” da unidade, que de acordo com Bardin (2011, p. 137) “pode ser favorável, desfavorável ou neutra (eventualmente ambivalente)”. O autor aponta para a necessidade de definir os “polos direcionais” que podem ser de natureza diversa. Os critérios utilizados na análise serão os definidos pelas teorias em que esta se fundamenta.

3.4. A Entrevista Qualitativa

Os dados extraídos do *corpus* principal serão complementados e validados por entrevistas qualitativas. A entrevista qualitativa permite o contato direto entre investigador e interlocutores. A técnica é usada na metodologia qualitativa com o objetivo de obter “informação e elementos de reflexão”, podendo ser utilizada para a “análise de um problema específico” e, ainda, na “reconstituição de um processo de ação de experiências ou acontecimentos do passado” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 193). É neste sentido que é usada, com o objetivo de recolher dados sobre a forma de produção dos programas em análise e a informação contextual obtida, permitindo ainda complementar e ajudar a explicar algumas das conclusões retiradas da análise do *corpus* (Gaskell, 2002, p. 66). A entrevista pertence à variante semiestruturada (Bauer & Gaskell, 2002) ou semi-diretiva (Quivy & Campenhoudt, 2008), o que significa que a sua realização é concretizada a partir de um guião de questões abertas deixando todo o espaço necessário ao interlocutor para que possa expor os seus pontos de vista. Ao investigador cabe o papel de construir o guião com base nos objetivos da pesquisa e orientar a conversa fluída e o mais natural possível, por forma a não deixar que o entrevistado se afaste das questões da investigação. A ordem das questões inserida no guião pode ser alterada dependendo do decorrer da entrevista (p. 192).

Quivy e Campenhoudt (2008) apontam como vantagens da entrevista qualitativa: o grau de profundidade dos dados para análise que pode ser obtido, a flexibilidade e a fraca diretividade. Estas características podem facilitar a recolha de “testemunhos e interpretações dos interlocutores respeitando os próprios quadros de referência –a sua linguagem e as suas categorias mentais” (p. 194). Os autores indicam também alguns dos “limites e problemas” que podem surgir na concretização das entrevistas: como a intimidação daqueles que não conseguem trabalhar sem diretivas e técnicas precisas ou, inversamente, daqueles que entendem que a flexibilidade lhes permite “conversarem de qualquer maneira com os interlocutores”, ou essa flexibilidade levar o investigador a acreditar na completa espontaneidade do entrevistado e numa total neutralidade do investigador (p. 194).

Nesta investigação foi tida em consideração o facto de a investigadora ser jornalista e por isso, estar habituada a entrevistar segundo as técnicas do campo jornalístico. Para minorizar e obviar questões que pudessem contaminar o máximo de rigor na aplicação da entrevista qualitativa, primeiro foram interiorizadas as bases teóricas deste método, para que pudesse existir o necessário afastamento dos processos da entrevista jornalística e em segundo lugar, elaborados os guiões de acordo com os objetivos da pesquisa. Desta forma, procurou-se

consolidar o conhecimento dos processos de investigação científica, no sentido da concretização da máxima rutura com os processos jornalísticos. Foi, ainda, tida em atenção nas entrevistas realizadas a necessidade que os entrevistados pudessem ter na defesa dos seus interesses profissionais. No caso do humor, o anfitrião do *talk show* depende da presença dos entrevistados no programa para que o formato possa existir como idealiza e, por isso, poderá não ir tão longe como o desejável na revelação dos seus processos de trabalho. Estas questões foram ponderadas e sempre que detetadas foram formuladas questões que ajudassem à aproximação da realidade procurada.

A pandemia de Covid-19 que atravessou o momento em que esta tese estava a ser elaborada, levou à realização das entrevistas por meios diferentes. A entrevista ao humorista RAP foi realizada presencialmente, a entrevista ao então diretor de informação da TVI, SF, foi concretizada via plataforma digital *Zoom*.

CAPÍTULO 4

A Análise

4.1. O Discurso Humorístico e a Política

O evento comunicativo da rubrica ITMBM insere-se na prática social de comunicação de massas, o seu texto corresponde a um programa de televisão produzido e formatado por práticas discursivas características do campo mediático, onde se cruzam três ordens de discurso: a do jornalismo, a do político e a do humor. Nesta investigação considera-se a sua distribuição através do meio tradicional de televisão e consumido no momento da sua emissão pelos públicos da TVI que assistem ao programa.

A entrevista ao humorista Ricardo Araújo Pereira (Anexo A), um dos autores e apresentador/anfitrião do programa, permitiu compreender a utilização das estratégias discursivas verbais e não verbais utilizadas na desconstrução da narrativa política e na construção da narrativa humorística no *talk-show*, e revelou processos e estratégias relacionadas com a sua produção e formatação.

A ideia para a emissão do *talk-show* satírico ITMBM partiu da empresa de televisão que o produziu, a TVI. O humorista afirma que a génese esteve no programa que fez na SIC em 2009 e encontra no aumento das audiências, que este tipo de programas potencia no momento da sua emissão, a motivação para as empresas de televisão os produzirem. A ligação à atualidade leva as pessoas a preferirem ver o *talk-show* no momento da sua emissão em vez de uma visualização posterior: “Este tipo de coisa sobre a atualidade é diferente as pessoas querem ver o que é que eu vou dizer ao António Costa no dia em que ele foi lá” (Anexo A:9)¹⁷.

A produção de *talk-shows* satíricos pelos operadores de televisão apenas em anos de eleições e não continuamente, como, por exemplo, nos Estados Unidos, é explicada por RAP com dois motivos, a falta de “matéria-prima” e as equipas de produção reduzidas: “nos Estados Unidos isto é escrito por umas 20 pessoas todas elas brilhantes e nós somos só 4 sem o mesmo brilhantismo”. A falta de “matéria-prima” é determinada pela dimensão de Portugal e a possibilidade de haver cobertura política jornalística que forneça ao humor declarações políticas e casos que permitam manter os programas em contínuo: “Nos Estados Unidos... na

¹⁷ O número indica o parágrafo, no respetivo anexo da transcrição das entrevistas. O modelo é seguido em toda a tese para todas as transcrições das entrevistas de todo o *corpus*.

verdade aquilo são 50 países cada um com 7 canais de televisão quase não há uma declaração política que não seja filmada que não esteja em *on* (...) na qual seja possível mexer ou seja uma matéria-prima” (Anexo A:9).

A inserção do *talk-show* humorístico no jornal noticioso não é questão que preocupe o humorista. Considerou o ITMBM um “suplemento humorístico do jornal” tal como o é num jornal impresso (Anexo A:13), e acredita que os espetadores sabem distinguir o que é jornalismo do que é humor por duas vias: “por mim que não sou jornalista e pelo tom que é claramente divergente do jornal que acabou” (Anexo A:21); “eu não tenho problema nenhum eu habituei-me a tratar aquilo como a página, o suplemento humorístico do jornal” (Anexo A:153). Do ponto de vista da estação, que decidiu incluir o programa no jornal, houve um objetivo difícil de atingir, o de pretender que “não sendo um corpo estranho” ao jornal ao mesmo tempo, fosse “um suplemento que faça parte do jornal (...) e isso é de facto um *Ovo de Colombo* difícil de conseguir” (Anexo A:157).

RAP defende que as questões deontológicas são da responsabilidade dos jornalistas, por serem eles que têm de ter “essa preocupação, ou seja, a de perceber se o espaço humorístico (...) produz ou não um efeito que lhes possa ser nocivo”. Para os humoristas, essa proximidade só traz vantagens: “quanto mais sério for o enquadramento maior será a nossa transgressão, ou seja, o humor vive muito de contrastes”, por isso, o tom sério do J8 em contraste com o tom de brincadeira da sátira fazem a “parelha” perfeita que serve os objetivos do humor: “numa parelha humorística há o tipo mais sério e o tipo mais doido cuja loucura brilha mais quanto mais sério for o seu parceiro” (Anexo A:21).

Quanto ao objetivo da sátira, RAP afirma optar por aquele que coincide com o seu objetivo, o de “fazer rir as pessoas”. Explica que esse é o seu contrato com quem o ouve ou lê: “o contrato tácito que eu assino com as pessoas que vão ler a última página da *Visão* é tu estás a ler isto na medida em que eu te dou vontade de rir eu não vou dar lições de moral explicar em quem é que deves votar como é que se deve viver nada”. RAP classifica o seu comentário como “humorístico” e estabelece a diferença com o “comentário político” onde os objetivos são outros. A separação foi estabelecida através do exemplo do cronista Daniel Oliveira: “a intenção dele é política é de facto levar as pessoas a aderir a um conjunto de posições eu não tenho essa pretensão” (Anexo A:135).

Apesar da sátira ser uma forma de humor, por vezes, “bastante corrosiva”, o humorista encontra também nela “uma componente de homenagem quanto mais não seja porque reconhece a existência do objeto satirizado”. RAP defende, ainda, que a sátira tem de ser

dinâmica para atingir os seus objetivos, e exemplifica com o caso do cartaz do PNR com mensagens xenófobas, satirizado em 2007 pelo grupo dos *Gatos Fedorentos*. O cartaz foi colocado no Marquês de Pombal pelo Partido Nacional Renovador e ao lado dele os humoristas afixaram outro com um texto satírico. RAP afirma que descrever a situação dizendo o cartaz que lá colocariam não tinha o mesmo efeito:

não teria graça nós dizermos... olha! Está este cartaz no Marquês Pombal nós colocaríamos ao lado este isso não teria graça o que tem graça é amanhecer em Lisboa e as pessoas estão a dar a volta ao Marquês de Pombal e vêm que uns palermas clandestinamente pagaram a pessoas para irem lá montar um cartaz ao lado do cartaz do PNR... isso sim tem graça. (Anexo A:135)

RAP refere ser “importante que as pessoas possam rir-se dos seus dirigentes” (Anexo A:137) e diz acreditar “no discernimento do público”, manifestando dificuldade em compreender as conclusões de alguns autores quando afirmam que “a sátira política afasta as pessoas da política” (Anexo A:139). Considera que esse efeito é da responsabilidade dos próprios políticos e enumera o caso do roubo de armas da base militar de Tancos, ocorrido em 2017, para justificar o seu ponto de vista:

o que dá mau nome à política não é a sátira política são os motivos que eles nos dão para fazer sátira política, ou seja, se nós tivéssemos calados sobre o caso de Tancos por exemplo... eu acho que não é preciso as pessoas ouvirem um humorista a falar jocosamente sobre o caso de Tancos para perceberem que o caso de Tancos é uma coisa completamente absurda. (Anexo A:139)

Quanto aos efeitos que o humor possa provocar nas pessoas e ao poder que muitos consideram que o humor tem, o humorista refere que quanto aos efeitos não os conhece, afirma que são impossíveis de controlar e dá como exemplo dois casos: um em Portugal, quando do referendo à lei do aborto:

houve gente que disse que o nosso *sketch* sobre o professor Marcelo no aborto foi decisivo para a vitória do sim... é impossível saber isso. (...) eu duvido que alguém tivesse em casa convencido a votar não e por causa de uma rábula humorística que durou 1min 54s tenha dito... ah! Se calhar... duvido que as pessoas definam o seu sentido de voto dessa forma. (Anexo A:147)

O outro ocorreu em França quando Chirac venceu as eleições depois do escárnio a que foi sujeito nos bonecos *Les Guignol*, o equivalente ao programa português *Contra Informação* (Anexo A:155). A eleição de Donald Trump, que também foi eleito presidente dos Estados Unidos, após “ter sido violentamente escarneado todas as noites por todos os humoristas

americanos durante a campanha eleitoral” (Anexo A:113), é para RAP um exemplo de que o humor não tem o poder vaticinado.

RAP considera que a única ética que pode existir no humor é a humorística, ou seja, o único dever do humorista é “com a comédia”, não havendo deveres ou “outra responsabilidade perante outra coisa qualquer”. É este compromisso com a comédia, em que a ética humorística só retira de cena “piadas que podem dar processo (...) que dão muita vontade de rir à nossa equipa de autores mas só porque têm asneiras (...) piadas que em vez de uma gargalhada motivam um aplauso” (Anexo A:147), que RAP diz permitir-lhe concretizar o seu trabalho sem a pressão que recai sobre um jornalista quando faz uma entrevista política:

aquelas ocasiões em que a gente está uma hora numa tensão tal mesmo sem dar conta os músculos estão todos...e no fim uma pessoa está exausta sem saber porquê isso no meu caso não...eu estou ali para...eu sou uma espécie de pirata não tenho responsabilidades. (Anexo A:81)

RAP assume que o seu discurso satírico é influenciado pela sua ideologia política e diz contar com o seu “ponto de vista sobre as coisas”, porque “o que interessa num humorista em grande medida é a maneira como ele olha para as coisas o seu ponto de vista e esse ponto de vista no meu caso é público eu nunca o escondi” (Anexo A:151). O humorista afirma ter “coisas mais ácidas a dizer sobre a direita e também sobre os partidos de poder do que sobre partidos que nunca estiveram no poder” (Anexo A:89).

Aos convidados de direita, o humorista afirma gostar de esclarecer a sua posição ideológica para que o efeito humorístico que pretende possa ser atingido, por isso, antes da entrevista explica o seu propósito naquela situação e esclarece o seu posicionamento:

é público que eu não voto no seu partido, mas isto corre tanto melhor para mim quanto correr bem para si... eu não estou aqui para o entalar... digamos assim ... aquele *gotcha* jornalístico não é o tipo de coisa que me ... que eu procuro. (Anexo A:123)

Procura com esta atitude contribuir para um ambiente descontraído:

porque aquilo...também tem tanto mais graça quanto ele me provocar a mim se for eu a dizer nha ... nha ... nha ... e eles progressivamente a irem-se abaixo isso também me põe numa posição feia mas se for ... se eles responderem a provocações com outras provocações eu tenho arcaboço para aguentar isso. (Anexo A:123)

O humorista demonstra simpatia pelo líder dos comunistas e classifica a entrevista a Jerónimo de Sousa como uma “conversa de amigos” (Anexo A:85): “é claro que eu tenho simpatia pessoal pelo Jerónimo que parece um avozinho tenho muitas divergências também com ele mas pessoalmente o Jerónimo é muito eficaz aquela maneira de ser dele é muito sedutora” (Anexo A:91).

Sobre António Costa, o humorista revela que o que observou foi alguém incapaz “de fazer oposição como deve ser de se constituir como uma alternativa séria” e classificou como “um desastre” o final de campanha para as legislativas de 2015 do líder do PS (Anexo A:143).

4.1.1. A construção do *talk-show* ITMBM – do formato e da produção

Seguindo a relação encontrada entre formatos, subgéneros e géneros televisivos por Duarte (2007), o *talk-show* ITMBM é um subgénero que inclui outro subgénero, o da entrevista, que possui uma estrutura sequencial construtora de uma unidade programática idêntica à de um jornal televisivo, em que um apresentador introduz diferentes temas num alinhamento pré-estabelecido num determinado espaço de tempo.

O objetivo do ITMBM foi provocar o riso a partir do tom humorístico da sátira política. As temáticas foram as selecionadas pelos humoristas a partir dos temas políticos alvo de cobertura jornalística, cujos textos foram desconstruídos e reconstruídos no campo do humor satírico. As regras para a sua produção foram as estabelecidas pela televisão generalista TVI, empresa que produziu o conteúdo e que escolheu como público-alvo, o do J8 ao decidir incluir o *talk-show* nesse espaço da programação.

O *talk-show* humorístico foi dividido em duas partes: a primeira, constituída por uma sequência de rábulas construídas a partir dos dados e declarações de políticos em ações de campanha eleitoral; a segunda, por entrevistas a destacadas figuras da política nacional e envolvidas na campanha para as legislativas.

Os guiões dos episódios foram escritos pelo apresentador e pelos seus amigos de longa data, Miguel Góis e Diogo Quintela, que, numa sala nas instalações da TVI, visionavam todo o dia os *sites* de notícias dos jornais, Observador, Expresso, e Público, e viam os canais de informação das televisões. A equipa de guionistas tinha, por vezes, a ajuda da redação da TVI, que os alertava para a existência de episódios ocorridos na campanha e alvos de cobertura jornalística que consideravam poder ser interessantes para a rubrica. RAP refere, especificamente, o caso da conversa ocorrida entre PPC e uma senhora vestida de cor-de-rosa numa ação de campanha. Do material captado pelos jornalistas sobre esse encontro, o repórter

que elaborou a reportagem para o J8 “aproveitou 30 segundos para a peça e deu-nos o resto” (Anexo A:35). Os humoristas foram apoiados por “dois jornalistas estagiários que concretizavam algumas tarefas”, como por exemplo, as entrevistas de rua, o designado *vox pop*, e por um outro jornalista que, habitualmente, faz crónicas humorísticas (Anexo A:43).

Miguel Góis e Diogo Quintela desempenharam ao longo dos 20 episódios diferentes papéis, o de comentadores, especialistas e repórteres. A equipa integrava ainda uma produtora da TVI que, habitualmente, se relacionava com o campo da política (Anexo A:59).

O ITMBM recorreu a figurantes para encenar as rábulas, alguns eram atores profissionais, outros conhecidos dos autores do programa, e num caso era um popular real, a senhora identificada como “senhora de cor-de-rosa”, a mulher que tinha estado a protestar contra PPC na ação de campanha. RAP refere que ainda tentaram que alguns dos protagonistas das rábulas fossem os intervenientes reais, mas não conseguiram (Anexo A:49).

Os textos das entrevistas feitas aos figurantes eram textos integrados no guião do programa. O “ensaio dos figurantes” era feito por um dos autores, Miguel Góis, que lhes entregava o texto com as perguntas de RAP e as respetivas respostas e lhes fornecia todas as indicações necessárias. Só houve uma exceção: “os textos são nossos a única exceção é a senhora de cor-de-rosa ela levou de facto um papel que queria...fez questão de ler” (Anexo A:50-57).

Os visados pela sátira foram a política, os políticos e a comunicação social. RAP indica que a sua “matéria-prima é em primeiro lugar o governo e por ordem decrescente de importância, os outros partidos”, mas também o discurso sobre a política, sendo nessa perspetiva que se encontram rábulas que satirizam a comunicação social e também os comentadores políticos (Anexo A:47).

RAP indica que as temáticas a serem desconstruídas são selecionadas por critérios de importância, tal como no jornalismo, mas também por critérios de “proeminência humorística”. RAP refere que a seleção é feita cruzando os dois critérios. As escolhas recaem em primeiro lugar sobre quem ocupa o governo, depois sobre os partidos da oposição, do maior para o mais pequeno partido, mas a importância humorística pode levar a uma escolha sobre algo que chama a atenção dos humoristas como, por exemplo, o caso do cartaz do MRPP – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, que apesar de não ter assento parlamentar chamou a atenção, por ter feito um cartaz onde pedia “morte aos traidores” (Anexo A:39).

A rubrica ITMBM foi concretizada nos estúdios da TVI, em Queluz, num espaço interior que incluía uma plateia de trinta lugares. As pessoas inscreviam-se para assistir ao programa, depois eram chamadas pela produção até ficar preenchido o espaço que lhe estava reservado.

A plateia não era visível no enquadramento projetado no ecrã, apenas eram ouvidas as suas manifestações, aplausos, risos ou outros sons difusos. Foi posta pela investigação a hipótese de essa situação ser uma forma de permitir que o cenário fosse, ainda, mais próximo do de um jornal televisivo. RAP explicou que a invisibilidade da plateia não foi uma opção, mas sim uma contingência determinada pelo espaço a partir do qual foi emitido o programa. O estúdio era dividido com a gravação de outros programas, o que posicionou a plateia num local não adequado, do ponto de vista estético, para que pudesse ser visível no ecrã: “o público estava de esguelha” (Anexo A:29).

RAP indica que as reações da plateia eram espontâneas não existindo a pessoa que levanta um cartaz que manda rir ou bater palmas, figura que se encontra em quase todos os programas que incluem público e que o dirigem nas suas manifestações. Mas revela o pedido que ele próprio dirigiu às plateias em cada programa:

o que eu digo sempre...ou seja nós não temos essa pessoa...o que eu digo sempre à plateia que lá está eu digo sempre a mesma coisa digo...eu peço-vos que quer o nosso convidado seja do vosso partido quer não seja quando ele entrar eu pedia-vos o favor de o receberem (bate palmas) como deve ser porque é o mínimo não é de resto vocês riem se tiverem vontade de rir não riem se não tiverem vontade de rir. (Anexo A:31)

O humorista explica haver uma vantagem de as reações da plateia serem espontâneas: “nós estamos ali na hora também a perceber se o texto funciona ou não funciona” (Anexo A:31). Se funcionar a plateia reagirá rindo, mas a atitude denota ainda a preocupação de receber bem o convidado, com aplausos.

A modalidade de transmissão dos programas foi o direto, incluindo as entrevistas aos figurantes que integravam as rábulas. Das entrevistas aos líderes políticos só a de Paulo Portas foi gravada “por razões de agenda no próprio dia em que foi emitida” (Anexo A:23-27).

A cenografia do espaço a partir do qual foi emitido o *talk-show* foi concebida para o efeito.

4.1.2. O cenário do ITMBM vs o cenário do J8

A identificação do espaço cenográfico do *talk-show* com o espaço cenográfico do J8 insere-se na procura dos contrastes necessários ao discurso humorístico. RAP veste-se formalmente com fato e gravata e aparece, como apresentador, inserido numa situação cénica idêntica à de um jornal televisivo. O tom sério do discurso não verbal do jornalismo contrasta com o tom

humorístico do discurso satírico: “quanto mais sério for o cenário ... um palhaço a dizer coisas engraçadas não tem tanta graça como um homem de fato e gravata a dizer coisas engraçadas... a dizer coisas meio malucas” (Anexo A:21).

A disposição dos elementos no cenário do *talk-show* ITMBM estava de acordo com a estrutura, habitualmente, usada num jornal de televisão e não sofreu qualquer alteração ao longo de todos os episódios analisados. O elemento central do cenário era uma mesa que tinha na frente a imagem de um globo terrestre e onde estava sentado o apresentador que ocupava o primeiro plano da imagem. De cada lado do apresentador podiam existir cadeiras destinadas aos convidados. Em segundo plano era visível um ecrã onde eram projetadas imagens, e o plano de fundo foi concebido, do ponto de vista cromático e do *design*, com cores e formas criadoras de um ambiente semelhante ao do J8 da TVI.

As imagens da figura 4.1 resultam da fixação de um conjunto de *frames* dos dois programas. À esquerda, estão imagens do programa ITMBM do dia 17 de setembro de 2015 e à direita, do J8 do dia 26 de setembro. As escolhas das imagens exibidas foram aleatórias já que os cenários são estáveis. No caso do J8 foi tido em conta a existência de uma situação idêntica à do programa de humor – com um entrevistado em estúdio colocado do lado esquerdo do apresentador – desta forma procurou-se perceber o ambiente transmitido pelos respetivos cenários em situações idênticas e visíveis no ecrã – as duas figuras humanas ao mesmo tempo na imagem e uma só figura humana visível de cada vez.



Figura 4.1 - Comparação dos ambientes cénicos do talk-show ITMBM e J8 da TVI.

Fonte: Figueiredo (2015a, 2015b).

A figura 4.2 conjuga outro conjunto de imagens através das quais são mostrados os cenários em planos abertos que permitem observar a mancha dominante de cores e formas utilizadas.



Figura 4.2 - Imagens do cenário do *talk-show* ITMBM e J8 TVI.

Fonte: Figueiredo (2015a, 2015b).

Tendo por base a teoria da “gramática das cores” de Kress e Leeuwen (2006), pode observar-se cenários altamente modalizados pela cor, pelo contexto, pela profundidade, por um elevado jogo de iluminação e brilhos. Neles são combinadas diferentes cores e tonalidades.

No J8 domina a matiz que varia na escala da modalidade entre o azul e vermelho, existindo uma alta saturação das cores e alguma diferenciação. Esta matiz é idêntica à que existe no *talk-show*, mas com menor saturação e predominância do vermelho, sendo utilizados com maior predominância do que no J8, tons pastel, laranja e mais pontos de luz branca criadores de contrastes mais acentuados, o que leva, em determinados ângulos de observação, a uma sobre-exposição do plano de fundo que não acontece no J8.

Segundo a teoria de Kress e Leeuwen (2006), a produção de sentidos das cores é algo plausível, quando inserida num contexto de produção e interpretação. Os autores defendem que a associação de cores pode levar a que os vermelhos sejam relacionados a tons “quentes”, ao calor, à energia, à emoção, à saliência e ao primeiro plano, e os azuis associados ao frio, à distância, à calma e ao segundo plano.

Numa leitura comparativa da modalização pela cor dos dois cenários, à luz da gramática de cores de Kress e Leeuwen (2006), a “potencialidade semiótica” dos recursos modalizadores através da cor pode contribuir para projetar um programa humorístico mais frio, menos emotivo

e menos enérgico, ao contrário do que acontece no jornal televisivo em que a matiz dominante pode potenciar maior emoção e energia e mostrar um ambiente mais “intimista”, enquanto no *talk-show* o ambiente pode ser lido como de maior distância.

4.1.3. O genérico do ITMBM

O discurso verbal e não verbal do genérico do *talk-show* revela o tipo de humor que o programa propõe ao espetador – a sátira política. Os alvos (deputados) são agredidos e diminuídos, num jogo de palavras e imagens em que o absurdo está presente logo no momento da entrada para a Assembleia da República (AR) (por uma janela). A exibição das suas próprias palavras numa porta de casa de banho (lugar pouco nobre) num edifício que tem no seu interior um “Salão Nobre”, ridiculariza e julga os comportamentos políticos dos deputados.

O genérico emitido no início de cada programa começava por situar geograficamente a AR (Anexo B). Na primeira imagem, o espetador é colocado no espaço a partir do qual se vê o globo terrestre. A aproximação da imagem, dada por um satélite, dirige a atenção do espetador para a península Ibérica, depois para Portugal, Lisboa e, finalmente, para o edifício da AR, em São Bento. O espetador é levado até à entrada principal do parlamento português, mas a imagem acaba por dirigir o seu olhar para o interior através de uma janela lateral, onde entra através dessa janela para uma casa de banho. Já inserido nesse espaço, o espetador observa uma situação, vulgarmente, encontrada em casas de banho públicas, frases ou palavras escritas do lado de dentro da porta.

Na porta da casa de banho do parlamento todas as frases inscritas foram proferidas por políticos: “Manso é a tua tia. Pá!”, uma frase dirigida ao então deputado Francisco Louçã por José Sócrates, na altura primeiro-ministro, depois do líder do Bloco de Esquerda lhe ter dito que ele “estava mais manso” no decorrer do debate quinzenal do dia 16 de abril de 2010; “É só fumaça”, a expressão é retirada de uma frase dita por Pinheiro de Azevedo em 10 de novembro de 1975 quando discursava num comício, no Terreiro de Paço, depois de ter explodido uma bomba de gás lacrimogéneo junto ao Ministério da Justiça; “Que se lixem as eleições”, é um extrato de uma frase afirmada por Passos Coelho num jantar com o grupo parlamentar do PSD a 23 de julho de 2012; “69! Curioso número”, a observação pertence ao ex-presidente da AR, Mota Amaral, e foi proferida no dia 12 de julho de 2002 enquanto a PSP retirava das galerias um grupo de manifestantes. A decisão da retirada das pessoas foi posta em causa por alguns deputados e Mota Amaral justificou afirmando: “Não fiz mais do que cumprir o regimento. Diz o artigo 69..., curioso número!” e continuou a justificação. Todas as frases tinham sido

altamente mediatizadas, quando foram ditas, e citadas em diversas situações ao longo do tempo. No genérico, os humoristas dispuseram-nas em torno do título do programa, *Isso É Tudo Muito Bonito, Mas*. Todas as expressões olhadas no seu contexto político, temporal e social tiveram um significado determinado, mas no contexto do genérico transmitem uma visão sobre o debate político. As frases oscilam entre uma conotação brejeira, maliciosa (69! Curioso número), desprezo (Que se lixem as eleições!), desvalorização (É só fumaça) e de significado pejorativo (Manso é a tua tia). A negatividade dos adjetivos suscitados é reforçada pelo lugar onde estão escritas as frases – na porta de uma casa de banho no interior do parlamento – o que dirige a apreciação para um discurso vulgar sem as características que são esperadas de um debate entre eleitos. A associação é, potencialmente, feita com uma forma depreciativa de comportamento dos deputados ao longo do tempo, já que as frases atravessam diferentes períodos políticos e legislaturas (1975, em pleno período revolucionário originado pelo 25 de Abril de 1974; 2002, na IX legislatura; 2010, na XI; e em 2012, na XII legislatura) e até gerações de políticos, o que sugere a ideia de que nada mudou. O debate político e as atitudes políticas são, por esta via, alvo de escárnio.

No título do programa é usada a expressão popular¹⁸ *Isso É Tudo Muito Bonito, Mas*. A frase é modalizada apreciativamente pelo adjetivo superlativo analítico *muito bonito*, inclui o dístico *Isso*, que se refere a uma qualquer situação, em qualquer contexto e a quaisquer interlocutores da enunciação, e a conjunção “mas”, que designa oposição ao que está dito anteriormente. A expressão permite construir qualquer argumento e transforma-o sempre em discurso irónico por exprimir algo que afinal não é bonito.

No contexto do discurso político, a conclusão, vulgarmente tirada, é a de que os políticos dizem coisas muito bonitas com o objetivo de conquistarem os votos que necessitam para chegar ao poder, mas depois não cumprem as promessas feitas durante as campanhas. A conjunção “mas” utilizada neste contexto sugere a oposição entre aquilo que é dito e aquilo que é concretizado nas políticas adotadas.

A construção da narrativa do genérico é visual e sonora (imagens, palavras escritas, sons que imitam a realidade e música). A música evolui numa cadência intensa, é inserido o som de uma porta a abrir quando se vê a porta da casa de banho e termina com um remate sonoro intenso sobre o título do programa. A música é reiniciada ao aparecer o estúdio onde está sentado o humorista que é aplaudido pela plateia. As cores representadas no genérico são

¹⁸ Utiliza-se com o sentido de ser uma frase vulgarmente ouvida no discurso do quotidiano em diferentes situações, não se refere à sua origem.

associadas à realidade, o castanho de uma porta, o azul do globo terrestre, a cor de pedra do parlamento, o cinzento do satélite.

4.1.4. O perfil político dos entrevistados traçado nas rábulas humorísticas

Na rubrica ITMBM, o humorista satirizava episódios da campanha eleitoral de 2015 e outros momentos mediatizados da política portuguesa. Em algumas rábulas os visados na crítica eram os líderes partidários que foram entrevistados. Eram criticados os seus comportamentos políticos e capacidades para desempenharem a função política que detinham ou que pretendiam atingir. A juntar ao discurso produzido nas rábulas, e que contribuiu para traçar o perfil dos líderes, estava também a apresentação do entrevistado feita por RAP, imediatamente antes da entrevista. É a partir da análise dos discursos produzidos nestes dois momentos que se identificaram os perfis dos líderes, potencialmente, criados no *talk-show*, antes do início da respetiva entrevista.

Procuraram-se, ainda, outros alvos satirizados nas sequências de rábulas e determinar a percentagem de tempo que ocupou a crítica a cada alvo nas emissões que decorreram entre 14 e 18 de setembro, o espaço temporal em que ocorreram as entrevistas aos quatro líderes políticos que constituem a amostra principal. A sequência de rábulas de cada emissão foi segmentada com o apoio do programa MAXQDA[®] e os segmentos agrupados em seis categorias: comunicação social, que reúne as rábulas onde a sátira recai sobre órgãos de comunicação social e/ou comentadores políticos; PPC, que agrupa os momentos satíricos em que o alvo foi o líder do PSD, Pedro Passos Coelho; vida política, uma rábula que se refere à “qualidade da vida política portuguesa” de forma generalizada, sendo essa a expressão usada na rábula; coligação PSD/CDS, em que a visada é a coligação enquanto definidora de políticas no âmbito do governo ou em campanha; AC, em que o visado na sátira é o líder do PS, António Costa; e PS/PSD foi incluído um segmento de um texto dito por RAP numa rábula que visou a coligação PSD/CDS. A temática referida era a questão de quem chamou a *troika*, cuja crítica recai de igual forma sobre o PSD e PS.

Os retratos dos cinco documentos extraídos do programa informático MAXQDA[®] (figura 4.3) permitem observar, em cada emissão, a dimensão ocupada por cada alvo da sátira no total das rábulas satíricas. Nesta fase, incluiu-se a emissão onde não esteve o líder social-democrata, com o objetivo de se identificarem os alvos satirizados na totalidade dos programas onde estava previsto haver entrevista a um líder partidário.

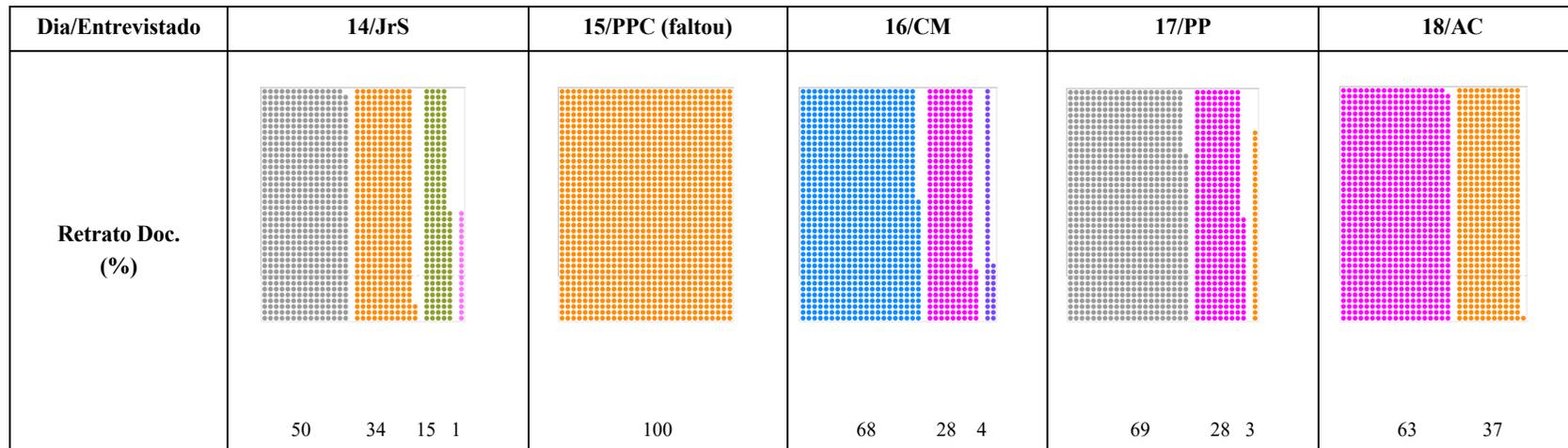


Figura 4.3 - Área e alvos das rábulas satíricas em cada rubrica, entre 14 e 18 de setembro de 2015.

Legenda:

	Com. Social		PPC		Vida Política		Coligação PSD/CDS		AC		PS/PSD
--	-------------	--	-----	--	---------------	--	-------------------	--	----	--	--------

AC - António Costa, PPC - Pedro Passos Coelho, PP - Paulo Portas, CM – Catarina Martins, JrS - Jerónimo de Sousa.

Os únicos líderes políticos visados pela crítica nas rábulas satíricas ao longo das cinco emissões foram, António Costa (AC), Pedro Passos Coelho (PPC) e Paulo Portas (PP), este último, no contexto da coligação governamental PSD/CDS. Nunca foi feita qualquer referência aos outros dois líderes políticos, Catarina Martins (CM) e Jerónimo de Sousa (JrS).

Na emissão do dia 14, metade da primeira parte do programa, antes do início da entrevista, foi ocupado pela sátira à comunicação social, em mais de 30% do tempo o alvo foi PPC, a sátira à vida política portuguesa ocupou 15% e houve uma pequena referência a AC. No dia 15, a emissão a que não compareceu PPC, o líder do PSD foi o único visado. No dia 16, a sátira recaiu em quase 70% do tempo sobre a coligação PSD/CDS e o restante espaço foi dedicado a criticar AC. No dia 17, em quase 70% do espaço, a sátira voltou a atingir a comunicação social, em 28% atingiu AC e é feita uma referência crítica a PPC. Na emissão do dia 18, os alvos foram AC em 63% do tempo e PPC em 37%.

Quais os conteúdos das rábulas onde foram referenciados os líderes a serem entrevistados e como foram representados por RAP nas apresentações, que fez antes das entrevistas? O início de cada entrevista é considerado quando RAP dirige a primeira questão ao líder político.

No *talk-show* ITMBM, a primeira referência de RAP ao líder dos comunistas, JrS, é encontrada na apresentação do entrevistado, imediatamente antes do início da entrevista (Anexo C). JrS foi apresentado como alguém que intimida o apresentador por estar “acompanhado de alguns seguranças” e, não eram uns quaisquer eram os “da Festa do Avante”, esse era um motivo ainda maior para que as “questões” que RAP ia “colocar” fossem “muito simpáticas”. A ligação das frases no texto de apresentação entre a identificação do convidado, feita de forma impessoal através da utilização do artigo indefinido “um dirigente partidário”, e a qualificação do tipo de perguntas através da preposição “até” e da conjunção “porque”, deixa entender que de qualquer forma, as perguntas seriam sempre simpáticas, mas havia a considerar a presença dos seguranças, dando a ideia de que eram mais perigosos que os outros (Anexo C:2). O exagero da perceção de uma ameaça criou a situação humorística, bem como a ironia sobre a simpatia das perguntas. A apresentação não contém crítica satírica direta sobre o líder do PCP, mas sim um argumento humorístico que de forma implícita se pode relacionar com o afastamento de RAP do partido onde militou, uma situação que é pública. Essa relação anterior de RAP com o PCP direciona a interpretação para o receio da reação do líder que abandonou, passando a ser um dissidente, normalmente, tratado politicamente com alguma agressividade pelo PCP.

Tal como JrS, também a coordenadora do BE, CM, foi referida pela primeira vez no *talk-show* na apresentação, antes da entrevista (Anexo D). CM foi apresentada como uma vencedora

capaz de derrotar os adversários no combate político. A referência a esse elogio foi feita por RAP sem que tenha assumido a responsabilidade do elogio, já que cita a “generalidade dos analistas”. São eles que dizem que a “convidada venceu todos os debates em que participou”, desta forma credibiliza a apreciação que vai ser usada na segunda parte da apresentação num jogo causador de humor entre a superioridade de uns e a inferioridade de outros. Da segunda parte da apresentação é inferido que as vitórias nos debates não aconteceram por mérito de CM, mas por demérito dos adversários com quem debateu, Portas e Passos. O humorista desvalorizou a prestação de CM auto desvalorizando-se ao considerar que “contra o Portas e o Passos também eu”, ou seja, até ele vencia. O advérbio “finalmente” na frase, “hoje finalmente vai ter um adversário à altura”, acentua o demérito dos adversários nos debates, que são ainda considerados mais fracos que o próprio humorista. O jogo entre situações de inferioridade dos líderes políticos face à superioridade do humorista enquanto “adversário á altura”, apesar de se considerar alguém pouco capaz, cria a situação humorística. Os alvos da crítica acabam por ser os líderes da coligação governamental, PPC e PP, e não CM de quem fica a ideia de ter vencido os debates (Anexo D:2).

Sobre o líder do CDS a crítica apareceu pela primeira vez no *talk show* na véspera da entrevista, no episódio do dia 16 de setembro. PP foi visado na rábula da “senhora a preto e branco”¹⁹ onde, juntamente com PPC, foi acusado de ter “ideias reacionárias” sobre o papel das mulheres na sociedade. Os humoristas seleccionaram um conjunto de declarações dos dois líderes proferidas na pré-campanha eleitoral: PPC defendeu a necessidade de a sociedade reconhecer as mulheres que se disponibilizam a ter mais filhos, atribuindo-lhes melhores pensões; e PP destacou o papel das mulheres associando-as a tarefas e gestão doméstica fazendo delas mais competentes para cargos de gestão financeira.

RAP construiu uma metáfora que aludia a um mundo a preto e branco onde viviam as mulheres sem opinião e dependentes dos maridos. O humorista concluiu que a coligação entendia as mulheres como “parideiras e fadas do lar” e classificou essa forma de pensar como reacionária. A inferência é feita a partir da rábula em que aparece uma “senhora a preto e branco”, assim designada na rábula, e RAP pergunta-lhe o que é que ela pensava do facto da coligação “associar as mulheres apenas a tarefas domésticas e de procriação”. A senhora disse não ter opinião, mas que o marido lhe tinha dito que ela achava “muito bem”. RAP questiona: “Como é que isso é possível”, deixar que o marido lhe dê ordens, e continua: “Deixe-me ir ao

¹⁹A cada rábula mencionada será atribuído um título, usando uma expressão utilizada pelo próprio humorista, com o objetivo de tornar fácil a sua identificação em novas referências.

seu mundo ver como é que isso funciona”, ao entrar no plano (figura 4.4) afirmou estar a “sentir-se um pouco reacionário” e pediu à senhora para lhe cozer as meias. Depois de sair do plano pediu desculpa dizendo que não entendia o que se tinha passado com ele para lhe fazer aquele pedido, por isso, uma atitude irrefletida de quem se deixou, momentaneamente, influenciar por ideias que reprova ao entrar no mundo de uma dessas mulheres.



Figura 4.4 - Rábula “Senhora a preto e branco”.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:07:00.9 - 0:07:00.9 (Figueiredo, 2015c).

Na apresentação de PP antes da entrevista, RAP voltou a criticar o líder do CDS-PP num texto de apresentação repleto de sarcasmo e ironia (Anexo E). Apresentou-o como sendo uma “prova viva”, ou seja, um exemplo de que “o mercado de trabalho português não está assim tão difícil”. RAP mencionou o conhecido episódio do pedido de demissão, “irrevogável”, de ministro da defesa para de seguida assumir a pasta de vice-primeiro-ministro do governo da coligação PSD/CDS: “Em 2013 despediu-se e meia dúzia de dias depois já tinha um emprego melhor”. A expressão “emprego melhor” remete para a conclusão de que o comportamento não passou de uma estratégia para conseguir um lugar com mais poder no governo, já que após o anúncio da demissão, PP deixou de ser Ministro dos Negócios Estrangeiros para ser o número dois do governo - vice-primeiro-ministro (Anexo E:2).

AC foi visado em rábulas humorísticas em quatro emissões do ITMBM incluindo no dia em que foi entrevistado. A única referência favorável ocorreu no dia 14 quando foi referido, no contexto de uma rábula que visava PPC, como o vencedor do debate com o líder do PSD. Nos programas seguintes, dos dias 16, 17 e 18, foi construída a imagem de um líder sem uma estratégia eleitoral capaz de combater as ideias da coligação PSD/CDS.

Na emissão do dia 16, AC foi identificado como “Joaquim Pastinhas”. O trocadilho com o nome do conhecido toureiro Joaquim Bastinhas deu origem ao humor, expondo com ironia a ideia de o líder socialista exibir o seu programa eleitoral, cada vez que era confrontado com a

necessidade de resolver um problema do país. A identificação foi suportada por um grafismo, colocado no fundo do cenário, onde se via AC em cima de um cavalo segurando em cada uma das mãos um livro do programa do PS para as legislativas em vez das habituais bandarilhas (figura 4.5).



Figura 4.5 - Rábula “Joaquim Pastinhas”.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:08:16.2 - 0:08:17.1 (Figueiredo, 2015c).

A crítica a AC foi emitida imediatamente após a rábula da “senhora a preto e branco”, que expunha uma coligação com ideias reacionárias. Com ironia verbal e não verbal, RAP inicia a rábula, que visa AC, com o seguinte texto: “Mas para combater estas e outras ideias da coligação qual é a estratégia eleitoral, CLARAMENTE, vencedora de António Costa? (pausa) (‘) A exibição de uma pastinha”. O texto introduz uma montagem de vídeo onde AC aparece em oito momentos de intervenções públicas diferentes exibindo o programa do PS e a dizer: “temos um programa para executar”, “o nosso programa eleitoral”, “nós temos um programa escrito”, “não são palavras está impresso... está escrito”. A figura 4.6 mostra a imagem de três desses momentos.



Figura 4.6 - Rábula “Joaquim Pastinhas” -AC.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:07:34.0 - 0:07:49.5 (Figueiredo, 2015c).

Após a exibição desses extratos, RAP, mudando o tom de voz habitual, afirmou: “Ah! Mas ó Dr. António Costa o país está com uma dívida que é impossível de pagar? (muda tom de voz) Sim! Mas eu tenho uma pastinha. (muda tom de voz e acompanha com expressões faciais) Ah!

Dr. António Costa e o buraco da segurança social? (muda para tom idêntico ao que tinha usado da primeira vez quando “cita” AC) Resolve-se com a minha pastinha.” Toda a sequência é indicadora de que a “pastinha” era apresentada por AC como a solução para todos os problemas. RAP conclui que “António Costa pode não conseguir vir a ser eleito primeiro-ministro de Portugal mas (‘) JÁ NINGUEM LHE TIRA O LUGAR DE C.E.O. (.) da papelaria Fernandes”.

A rábula “Joaquim Pastinhas” continuou com uma reportagem em que o repórter, representado pelo humorista José Diogo Quintela, testava “os poderes da pasta” e com ela transformou, por exemplo, lixo em barras de ouro e um vagabundo num “bem-sucedido empreendedor”.

Na emissão do dia 17, AC foi criticado pela sua participação no debate com PPC, realizado pelas rádios, por não ter conseguido explicar onde iria cortar 1000 milhões de euros na despesa pública. RAP começou por classificar esse momento do debate, de forma irónica, como um “momento alto” para logo de seguida com um sorriso igualmente irónico afirmar: “também, as pessoas quando é para implicar (faz o gesto com a mão de pequena quantidade) qualquer pequenino valor que não se saiba explicar é logo um escândalo”. Após a emissão desse momento do debate, que terminou com um discurso algo atrapalhado de AC dizendo insistentemente, “relativamente às das...às das...”, o humorista brincou com essa atrapalhação referindo: “também qual é o problema não se sabe uma conta alguma vez o António Costa se gabou de ser um campeão a fazer contas?” O texto de RAP é seguido de um conjunto de declarações de AC que exibindo o programa do PS afirmava: “contas feitas”, “as contas estão feitas”. Após a exibição das declarações, RAP mostrou-se irónico: “Ah, que azar! Pelos vistos a única conta que AC não tinha feito foi precisamente a que saiu no teste”, e considerou que afinal AC não tinha dito tudo, só disse que tinha o estudo, mas faltou dizer que “um dia destes ainda me hei de sentar com calma e lê-lo”. Após o monólogo do humorista que aponta o dedo ao líder socialista por não conhecer o seu programa eleitoral, a rábula “viúvas espoliadas” (figura 4.7), que se segue, acusa-o de se chegar a primeiro-ministro, ir aplicar políticas idênticas ao PPC e PP. A expressão “já sabemos”, utilizada por RAP, é indicadora de que a solução proposta já era conhecida. O humorista afirmou que não era assim “tão importante saber onde é que AC vai fazer os cortes”, porque “já sabemos” que vão ser feitos nas prestações sociais: “quem vai sofrer são os desgraçados que recebem apoio do Estado, só falta saber que tipo de desgraçados são”. Para obter a resposta é anunciado um sorteio. De um boião onde, alegadamente, estavam papéis com a designação de tipos de pessoas que recebem subsídios do Estado, como desempregados, pensionistas, etc., RAP retira um dos papéis e diz: “(‘) e os

desgraçados escolhidos para sofrer os cortes de AC são... (retira um papel) AS VIÚVAS”. A música que se começa a ouvir de seguida remete para o programa da RTP1 *Preço Certo* e RAP pergunta ao apresentador do concurso: “e o que é que as nossas viúvas acabaram de perder Miguel? O apresentador (Miguel Góis) anuncia em ambiente de festa onde são audíveis música, palmas e gritos da assistência que: “AS NOSSAS VIÚVAS FORAM ESPOLIADAS DO COMPLEMENTO SOLIDÁRIO PARA IDOSOS, DA PENSÃO SOCIAL DE INVALIDEZ E DA ISENÇÃO DE TAXAS MODERADORAS (...) NO VALOR DE 1000 M DE EUROS”



Figura 4.7 - Rábula “Viúvas espoliadas”.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:02:46.4 - 0:03:16.0 (Figueiredo, 2015d).

A imagem de um líder da oposição fraco e sem estratégia de combate político eficaz continuou a ser transmitida no próprio dia em que AC foi entrevistado. A emissão do dia 18 foi iniciada com a eleição da “figura política da semana” – A senhora de cor-de-rosa (SDCDR) – assim identificada por ter uma camisola dessa cor quando se queixou a PPC dos cortes que ele tinha feito na sua pensão. Nesse diálogo, o primeiro-ministro respondia com argumentos cujo objetivo era negar a existência da situação. As queixas ocorreram numa ação de campanha do PSD no dia 14, dia em que o momento foi satirizado pela primeira vez, tendo sido emitidos novos extratos na emissão em que AC foi entrevistado (figura 4.8). No dia 18, Miguel Góis, no papel de comentador, afirmou que PPC tinha estado “estupendo” nesse confronto e anunciou a emissão de mais alguns extratos dessa “tarefa”. Da ironia conclui-se que os humoristas consideraram que PPC foi vencido nesse “debate” pela SDCDR. A sequência humorística completa a ideia de que a SDCDR era mais eficaz do que AC no combate político à coligação PSD/CDS.

Na manhã do dia 18, numa ação de campanha do PS, uma outra mulher queixou-se a AC dos cortes na sua pensão e expressou indignação por PPC ter pretendido desmentir a “outra senhora”, expressão que, no diálogo, AC substituiu por: “A senhora de cor-de-rosa?” (figura 4.8). A identificação da senhora pelo líder socialista levou RAP a considerar: “Ora cá está!

António Costa que até há uma semana era considerado o líder da oposição a reconhecer que esse lugar é agora ocupado pela SDCDR”. Nesta rábula os humoristas constroem em cima das palavras do satirizado a “legitimação” das suas críticas.

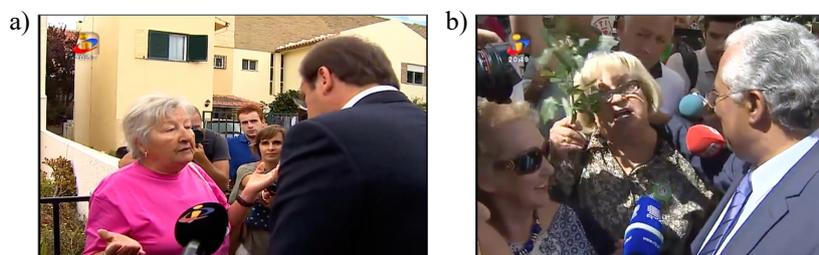


Figura 4.8 – Rábula “Figura política da semana”.

a) Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:09:11.0 – 0:09:11.4 (Figueiredo, 2015e).

b) Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:01:01.2 – 0:01:01.9 (Figueiredo, 2015f).

Nesta sequência, RAP entrevista em estúdio a SDCDR. Durante esta entrevista o alvo foi PPC, o que só muda no final quando o humorista lhe perguntou se ela já tinha pensado “em convencer António Costa a desistir a seu favor”. A pergunta crítica a forma como AC estava a fazer oposição à coligação *PàF* e no desenrolar do quadro humorístico, RAP exhibe uma *t.shirt* com a inscrição: “Confia nesta idosa – Vote Sr^a Cor de Rosa”; um tempo de antena com imagens a preto e branco, que só fica a cores quando aparece a SDCR na campanha. O filme inclui apoiantes, entre os quais figuras mediáticas, as apresentadoras Filomena Cautela e Cristina Ferreira; e um boletim de voto a indicar onde deviam as pessoas votar. A rábula encerra com um hino para a campanha da SDCDR interpretado pelo músico David Fonseca (figura 4.9).

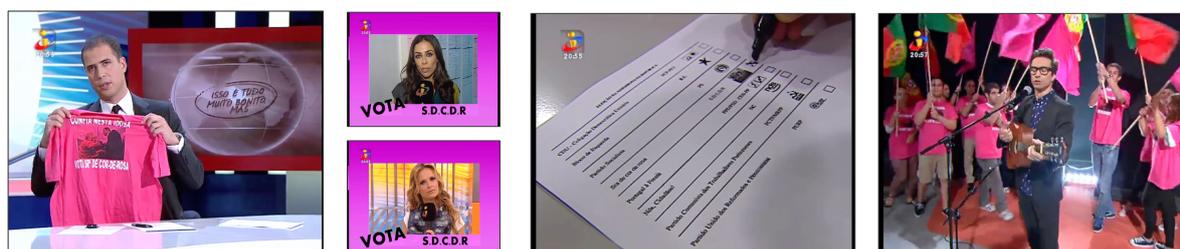


Figura 4.9 – Rábula “Figura política da semana -Tempo de Antena”.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:05:19.9 – 0:08:24.0 (Figueiredo, 2015f).

No final da rábula da SDCDR como potencial líder da oposição, RAP inicia a apresentação de AC para a entrevista, ainda com a presença da senhora em estúdio, e pergunta-lhe se ela “está disposta a candidatar-se por todos nós”, a senhora responde: “Ó filho, já não tenho vagar

para isso, quem é que me leva depois a casa?” (Silêncio), ouve-se a entrevistada perguntar: “É assim?”. A pergunta da senhora denuncia a existência de um texto que lhe foi pedido para dizer. Na imagem seguinte RAP diz: “Bom! Vamos então avançar com a oposição que temos!”. Uma frase modelada depreciativamente. A interjeição inicial indica, no contexto, um descontentamento por não ser possível ter melhor oposição, poderia traduzir-se pela perífrase – não havendo melhor temos de viver com o que temos.

A comparação entre a eficácia política da SDCDR e a ineficácia de AC como líder da oposição continua no texto de apresentação do entrevistado, António Costa, que antecede a entrevista (Anexo F) quando RAP diz: “o meu próximo convidado deseja ser o próximo primeiro-ministro”. A frase teria força superior, se o verbo modalizador fosse “querer” em vez de “desejar” ser primeiro-ministro. A opção pelo verbo “desejar” expressa falta de determinação de AC, que estaria presente com a utilização do verbo “querer”. A avaliação da atitude do interlocutor de RAP contribui para traçar o perfil de um líder com falta de força política, e a repetição do adjetivo “próximo” aumenta o nível de persuasão do discurso. A opção por uma das frases seguintes, em que fosse retirada a repetição – o meu próximo convidado deseja ser primeiro-ministro- ou – o meu próximo convidado quer ser primeiro-ministro, mudaria o sentido. A primeira não tem a força persuasiva da original e a segunda mostra determinação, força e afirma uma personalidade vencedora. Após a primeira frase de apresentação modelada desta forma, RAP introduz a ligação à SDCDR quando, expressando ironia, RAP diz que embora a base de apoio de AC não seja tão grande como a da SDCDR, o líder dos socialistas está bem colocado (ACITMBM:2). Esta frase que funcionou como uma forma de aliviar a pressão da crítica satírica e equilibrar a negatividade ocorrida no discurso até àquele momento, em que o convidado entra no estúdio.

4.1.5. A entrevista humorística

Na escolha dos convidados para as entrevistas tal como na escolha das temáticas para as rábulas os humoristas seguem critérios idênticos, os alvos a satirizar devem ocupar lugares de topo na hierarquia de poder. Por isso, o objetivo foi o de entrevistar na primeira semana em que o programa foi emitido “os líderes e depois a seguir aquelas figuras que também são importantes, mas que vêm a seguir” (Anexo A:59). O lugar que alguém ocupa na hierarquia de poder político, mas que também pode ser mediático é determinante no cumprimento da estratégia humorística. RAP utiliza uma metáfora para descrever o que se passa na sua interação com o entrevistado:

durante esse espaço de entrevista é um palhaço que atira uma maçã podre à testa de um tipo que tem poder faz-lhe umas provocações e tal ...a dificuldade desse momento é eu não posso convidar uma pessoa para a enxovalhar também não vou convidá-la para a bajular por isso a gente tem que percorrer uma linha que é uma linha que eu lhes faço provocações que são suficientemente... digamos são provocações que não os humilham não é mas eu estou lá para provoca-los e se eles me responderem na mesma moeda melhor ainda eu não vou enxovalhá-los. (Anexo A:61)

A declaração do humorista indica haver algum cuidado na forma como se dirige aos convidados: não os quer “enxovalhar”, nem os quer “bajular”, ou seja, procura o equilíbrio discursivo numa “linha” de provocação sem “humilhar”. Não pretende ofendê-los nem elogiar de forma excessiva, servil, mas pretende “provocar” uma reação que é desejável que seja uma contra provocação:

o ambiente quer por minha causa que não posso... aquilo não é jornalismo e, portanto, eu não posso convidar uma pessoa para a enxovalhar... quer por minha causa quer por causa do convidado que se me tratar mal também não fica bem-visto... o ambiente é de provocação mútua. (Anexo A:83)

às vezes a provocação do meu lado é picar e do lado deles é dar-me uma sapatada a sacudir isso é aceitável e é aceitável que eu dê uma ferroadada é mais isso que acontece do que eles a ferroarem-me a mim embora dentro de certos limites isso também seja aceitável. (Anexo A:127)

Para as entrevistas no ITMBM foram convidadas oito personalidades ligadas aos partidos que integravam a coligação governamental, cinco do PSD e três do CDS-PP. Do maior partido da oposição estiveram presentes cinco personalidades. Do BE foram entrevistadas três. Do PCP e PEV foram entrevistados os seus líderes e do partido PAN, que surgiu nessas eleições, foi igualmente entrevistado o seu líder.

Para além dos líderes foram entrevistados: do PSD, o líder parlamentar, dois destacados militantes, Marcelo Rebelo de Sousa e Manuela Ferreira Leite e um ministro; do CDS-PP, dois ministros; do PS, o economista responsável pelas questões financeiras do programa socialista, o presidente da câmara de Lisboa e dois destacados deputados pelas suas intervenções mediáticas; do BE, o ex-líder Francisco Louçã e a mediática a deputada Mariana Mortágua.

Para estarem presentes no *talk-show* ITMBM de 2015, RAP diz que os convidados não impuseram qualquer restrição ao contrário do tinha acontecido no programa de 2009. Nessa

altura, José Sócrates e PP só aceitaram ser entrevistados depois de garantido o respeito pelo *tabu* sobre dois temas, uma concessão que para o humorista não constituiu problema: “Eu não sou jornalista e, portanto, convivo bem com isso” (Anexo A:63). RAP afirma que em 2015 foi tudo mais fácil do que em 2009 com exceção do líder do PSD que decidiu não aceitar, atitude que compreendeu:

claramente o que aconteceu foi que PPC queria adotar aquela postura de estadista, o homem sério que tem um país em dificuldades e que está a fazer o que pode para o tirar da lama e não tem tempo para brincadeiras. Eu percebo politicamente essa estratégia. (Anexo A:115)

A resposta à pergunta sobre o que conheciam os entrevistados quanto ao conteúdo das questões com que iriam ser confrontados ajuda a perceber a maior facilidade dos políticos a estarem presentes no *talk-show* de 2015. A resposta foi, no entanto, aquela em que revelou maior dificuldade em ser explícito. RAP advertiu que “teria de responder com cuidado” e começou por garantir que todos estavam em pé de igualdade quanto ao que conheciam das questões que lhes iam ser levantadas: “estão todos em igualdade de circunstâncias” (Anexo A:93), uma preocupação entendida como a necessidade de que todos soubessem que ninguém estava em situação privilegiada por deter mais dados do que os outros. Apesar das reservas manifestadas ficou claro que os entrevistados conheciam os temas com que iriam ser confrontados:

... se ele tem 7 segundos ou 7 horas para preparar a resposta para mim é igual.

ID – Há alguma conveniência do ponto de vista humorístico que os convidados tenham pelo menos alguma noção do que é que se vai passar no programa.

RAP – Exatamente!

ID- É isto?

RAP- O único que não tem noção do que eles vão dizer sou eu.

ID - ...o jogo serve o humor?

RAP – Sim... em 2009, isso foi claro...foi claro que se os convidados fossem para lá às escuras...completamente às escuras a gente não teria convidado nenhum. (Anexo A:103-109)

Quando afirma que “o único que não tem noção do que eles vão dizer sou eu ” pressupõe-se que os convidados têm a “noção” do que ele (RAP) vai dizer, o que conjugado com o facto de ser necessário que eles conheçam o que se vai passar, não podendo “estar completamente às escuras” para aceitarem estar presentes, torna evidente que os políticos conhecem os dados de

algumas questões. O humorista deixa ainda entender que apesar de não conhecerem “as armadilhas” podem saber o momento em que o terreno satírico está armadilhado:

Uma coisa é eu convidá-los para a minha casa e de surpresa mostrar-lhes uma armadilha outra coisa é eles saberem que há dois ou três pontos do terreno que podem ter uma armadilha e isso permite-me que as armadilhas... permite-me que as armadilhas possam ser um bocadinho mais eficazes mais incisivas. (Anexo A:133)

O humorista afirma receber os convidados no programa com as mesmas regras com que se recebe as pessoas em “nossa casa” e onde não as devemos tratar mal. No contexto do programa, o tratamento, por vezes, menos simpático por força da agressividade verbal da sátira política, é compensado com o aviso dos momentos em que as “armadilhas humorísticas” vão ser usadas. RAP acrescenta que é preciso evitar “silêncios da parte deles” (Anexo A:129) e que o objetivo é que o convidado responda na “mesma moeda” (Anexo A:103). A única preocupação é preservar o conteúdo da armadilha, já que a reação do entrevistado também depende da surpresa com que é apanhado.

O humorista afirma que não conhecia as estratégias que os entrevistados iam usar para responder às suas provocações: “para mim é tudo surpresa” (Anexo A:69). RAP afirma ter observado com surpresa que os entrevistados “estão quase sempre mais nervosos” do que ele próprio, por considerar que a experiência dos convidados naquele tipo de interação é maior do que a dele (Anexo A:77). RAP encontra algo de diferente entre a entrevista jornalística e a entrevista humorística: “é um discurso que não dominam que não é o deles” (Anexo A:81) e conclui:

eles de repente vêm ao circo e não sou eu que vou à Assembleia da República são eles que vêm ao circo eles estão no circo... o público está comigo não está com eles... é o meu vêm-me ver a mim... eles vêm jogar no meu campo... é em minha casa que se joga... o discurso é humorístico. (Anexo A:81)

Há, assim, um espetáculo montado no qual eles participam e onde o público está ao lado do anfitrião. RAP conta com isso na sua *performance* e questiona-se sobre os motivos pelos quais os políticos “lá vão o que é que eles esperam obter com aquilo” (Anexo A:119), e encontra a explicação na vontade que têm de provar à opinião pública que possuem sentido de humor, considerando que isso é, atualmente, um valor acrescentado ao discurso político.

Parece-me que hoje em dia o sentido de humor é tratado como se fosse uma virtude as pessoas prezam quem tem sentido de humor... acham... ficam ofendidas se lhes disserem que elas não têm sentido de humor numa certa medida os políticos que lá vão e isso explica parte do nervosismo vão passar num teste vão passar no teste de deixa ver como é que ele se sai neste ambiente. (Anexo A:119)

Este é um teste que pretendem fazer já que RAP afirma que, invariavelmente, em cada série de programas, haver uma situação que se repete: “às vezes o meu telefone tocava e alguém a dizer... então e eu não vou? (Anexo A:65).

4.1.5.1. As questões no humor

“Aquilo são piadas com um ponto de interrogação no fim eu sou um humorista faço piadas um jornalista está ocupado com outras coisas” (Anexo A:81). É desta forma que RAP estabelece a diferença entre as perguntas que faz na entrevista humorística e aquelas que fazem os jornalistas na entrevista jornalística, mas adverte que apesar de serem piadas não deixam, por vezes, de tocar assuntos que o jornalismo não toca. E isso, deve-se a uma “latitude que às vezes os jornalistas não têm” e dá como exemplo o que sucedeu em 2009 com a acusação feita a José Sócrates de pretender acabar com o jornal da TVI apresentado por Manuela Moura Guedes: “nenhum jornalista lhe perguntou, mas no nosso programa (no campo do humor) esse tema foi abordado” (Anexo A:81).

porque vê as coisas de um outro ponto porque tem um olhar sobre o próprio jornalismo e às vezes tem um olhar sobre si próprio coisa que às vezes o jornalismo não tem uma das características do humor é ser panótico, ou seja, é ver de todos os lados às vezes examinando-se a si próprio e nessa medida às vezes faz parte da estratégia humorística dar muita atenção a uma coisa que tradicionalmente não merece atenção. (Anexo A:141)

No *talk-show* de 2015 verificou-se que o episódio do confronto da SDCDR com PPC foi usado em duas emissões e com dois objetivos, satirizar as políticas e o discurso político de PPC e o desempenho de AC no combate político à coligação PSD/CDS. No *talk show* foram emitidos 5 min do episódio, a maior parte do tempo no mesmo dia em que AC foi entrevistado no J8 foram inseridos alguns segundos no contexto da reportagem da cobertura jornalística. RAP indica que o humor “se calhar diz mais qualquer coisa acerca da realidade que o jornalismo não conseguiu dizer porque não é a sua função” (Anexo A:141). Ou seja, no contexto do jornalismo,

a desconstrução do que ocorreu no campo político e a sua reconstrução no âmbito da cobertura da campanha eleitoral tem como função informar, já no campo do humor a função é divertir e, por isso, a “matéria-prima” ganha, potencialmente, importância por ser criadora de humor.

Serão as entrevistas satíricas potenciais espaços para que os políticos esclareçam melhor o seu pensamento político ou comuniquem algo de novo ou de forma diferente daquela que utilizam no espaço jornalístico? RAP diz que “é possível” (Anexo A:149), apontando poder ser esse o motivo para o jornalismo, por vezes, ir buscar ao programa, respostas dos entrevistados e transferi-las para os programas de informação jornalística.

O que acontece parece-me é que nas entrevistas tradicionais nos programas jornalísticos eles estão compostos e ali estão descontraídos é como a gente dar-lhes um...deixa ver o que é que o Portas bêbado... o que é que ele diz... aquilo é uma espécie de embriaguez... é uma espécie de embriaguez mediática que acaba por ir mais longe porque está descontraído não está... convence-se que aquilo é uma conversa de café descontraída e as pessoas quando estão descontraídas numa conversa de café podem ir um pouco mais longe. (Anexo A:149)

RAP utiliza o verbo convencer para se referir ao entrevistado “convence-se que aquilo é uma conversa de café”, ou seja, mas afinal é uma falsa sensação numa situação armadilhada por um discurso próprio do humor.

No humor, os eventos comunicativos são processos que de acordo com Veatch (1998) são percecionados em dois sentidos opostos, um é reconhecido como normal e o outro infringe valores morais e subjetivos. A teoria semântica do humor de Raskin (1985) diz-nos que um texto de humor verbal tem de incluir dois *scripts* diferentes. O autor refere a necessidade de existirem opostos entre o real/não real, o plausível/não plausível, o esperado/ inesperado. A piada parte do real e a narrativa estrutura-se em torno de dois textos diferentes em que o segundo é, totalmente ou em parte, incompatível com o primeiro. Raskin (1985) afirma que a estrutura do humor político assenta na ideia oposta de uma entidade política não ser aquilo que se espera dela. Há, por isso, um *script* – um guião pré-estabelecido – que não é cumprido. Há uma ideia pré-estabelecida, considerada boa, que cria uma expectativa, mas depois os acontecimentos descritos são opostos e avaliados em sentido contrário (Raskin, 1985, p. 222). A ignorância e a incompetência dos visados são duas características negativas quando são opostas aos esperados, conhecimento e competência, indicadas por Raskin como opostos muito populares. O autor, baseado em Aubouin, considera ainda outras oposições: concreto/abstrato, literal/figurativo, nobre/trivial, decente/indecente, conhecido/desconhecido, idêntico/diferente, relativo/absoluto,

obsuro/clareza, implícito/explicito, descoberta de provas/ideia absurda por não ser plausível, absurdo/lógico, o fim/os meios, intenções/realizações, facilidade/dificuldade ou a realização do impossível e a agressividade/bem-estar ou inocência de um ato (Raskin, 1985). Outra característica referenciada pelos investigadores da linguagem humorística é a proteção da imprevisibilidade e da novidade em todo o eixo em que se desenrola a estrutura que constrói a piada, aquilo que provoca o riso (Aubouin, 1948 citado por Raskin, 1985, p. 42; Fry, 1963 citado por Raskin, 1985, p. 42). O jogo entre o implícito e o explícito e as “brechas criadas nos sistemas lógicos de cada um” – os “paradoxos do humor” (Fry, 1987, p. 42) são indicados como os grandes construtores da narrativa humorística.

No género entrevista humorística, o texto criado pelo humorista corresponde ao lugar onde o entrevistador jornalista coloca perguntas ao entrevistado e a quem solicita uma resposta que contenha informação ou esclarecimentos. Em suma, o jornalista pretende obter uma resposta. A gramática funcional indica que, naturalmente, quem faz uma pergunta tem intenção de obter uma resposta e que a pergunta tem como tema natural: “o que é que eu quero saber” (Halliday, 2004, p. 75). No humor, o texto que ocupa o lugar da pergunta jornalística procura um efeito diferente, tenta fazer rir o auditório e, no caso da sátira política, projeta a crítica sobre o entrevistado, chegando a expô-lo ao ridículo através da caricatura que dele traça. Apesar de, por vezes, ser percebida uma interrogativa, o discurso não é consentâneo com a solicitação de algo que o humorista queira saber. A conjugação do discurso verbal e não verbal leva a perceber o levantamento de uma polémica, a formulação de um juízo sem que seja pretendida a obtenção de informação, mas sim a obtenção de uma reação.

Uma pesquisa sobre o significado do verbo “perguntar” e do substantivo “questão” levou a concluir que, embora dadas como sinónimos, o termo questão é associado à tensão através dos significados - “contenda, discussão” (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, s.d.a) e “dissidência, desacordo, discórdia” (Dicionário Priberam, s.d.a), já a semântica do verbo perguntar é descrita através das expressões - “pedido de informação”, “ato ou efeito de perguntar” e “palavra ou frase com que se interroga” (Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, s.d.b; Dicionário Priberam, s.d.b). O confronto entre os significados das duas palavras levou à opção de designar os textos do humorista por questões e não por perguntas.

Nos pontos seguintes analisa-se a forma como são estruturadas as questões, identificam-se as temáticas abordadas, ou seja, os temas explícitos e implícitos dos guiões em confronto, os pressupostos e localizam-se as perguntas interrompidas pelos entrevistados bem como a fase

ou fases da estrutura onde essa interrupção acontece, e ainda são identificadas algumas estratégias discursivas.

Não é objetivo desta tese fazer uma identificação exaustiva no texto das estratégias humorísticas de RAP e do contexto da sátira política do *talk show*, até porque o tema, por si só, era suficiente para uma única tese. Assim, procuraram-se indicadores que permitissem: compreender a conjugação dos discursos verbais e não verbais na construção da coerência e coesão textuais; e identificar estratégias discursivas reveladoras do distanciamento que o humorista procura estabelecer com o convidado e indicadores do movimento contrário do entrevistado, que procura aproximar-se do humorista. Esta tendência é revelada tanto na literatura, como na entrevista ao humorista. Assim, as categorias constituídas foram as formas de vestir, de tratamento e cumprimento pessoal, de agradecimento, o tipo de vocabulário utilizado e as estratégias criadoras de humor. Na análise do discurso há ainda a observar a intertextualidade e interdiscursividade e os tipos de modalização discursiva.

4.1.5.2. A estrutura das questões

A análise exploratória da amostra principal permitiu identificar a estrutura das questões e dividi-la em três categorias à luz das teorias do humor e argumentativas: dados, chamadas de atenção e desfecho humorístico.

Perelman (2005, p. 137) indica para a prática argumentativa a necessidade de existirem como ponto de partida elementos identificados como “dados”, que são selecionados e interpretados. Também na construção de argumentos humorísticos, o orador parte de um conjunto de dados, não para os desenvolver nem para argumentar logicamente sobre eles, mas para os desconstruir e usar na construção da sátira política. A categoria “dados” inclui indicadores que expressam elementos ligados à realidade política noticiada. Estes podem ser expressos de forma implícita ou explícita, podem ser dados objetivos sobre a ação política do entrevistado e incluir a avaliação do humorista. São elementos que se pressupõe que sejam do conhecimento do auditório.

As teorias humorísticas referem a necessidade de proteger a imprevisibilidade do desfecho humorístico onde está inserida a novidade, a partir desta indicação foi criada a categoria “chamadas de atenção”. Os indicadores desta categoria contêm um discurso que cria suspense e promove a curiosidade sobre a evolução discursiva do humorista, fixa a atenção do auditório e do entrevistado e não permite desvendar o conteúdo do desfecho final, o qual é categorizado com a designação de Raskin, “desfecho humorístico”. Nesta última categoria é revelado o dado

novo, o momento em que surge a piada satírica e provoca o riso. Raskin (1985) identifica este desfecho como a *punch line*, algo inesperado que surpreende. Fry (1987, p. 58) diz que é “disruptivo” e afirma que “a arte do *punch line* humorística é a substituição abrupta da imagem da realidade por outra que não foi previamente concebida” acerca daquilo que acreditamos conhecer.

Os textos do humorista dirigidos aos entrevistados seguem um guião ligado à realidade política com eles relacionada, que se pode traduzir num facto, numa ideia ou num comportamento político que é esperado ser do conhecimento do auditório e ao qual se opõe outro guião ligado ao desconhecido, inesperado e disruptivo. Este último guião pode ser protegido por um discurso criador de expectativa e centralizador da atenção dos participantes no ato comunicativo, ou ligar-se de imediato aos dados relacionados com a realidade, fornecidos pelo humorista.

A categorização das questões humorísticas é exposta no Anexo G e abaixo exemplificada. As citações estão inseridas nos anexos referentes à transcrição das entrevistas.

Questões:

- a) Q5 RAP – Senhor deputado tendo em conta que há tantos partidos à esquerda do PS e tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina. (Anexo C:15)
- b) Q7 RAP – Pois claro! Claro fez bem ainda a propósito deste assunto não acha que numa altura em que no seu partido há esta digamos enxurrada de dissidentes o nome Bloco de Esquerda pode parecer um bocadinho irónico se calhar não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda. (Anexo D:49)
- c) Q11 RAP- O programa da coligação tem sido muito criticado pelo facto de não incluir contas não há contas nenhuma onde é que fizeram as contas ninguém sabe das contas a sua repulsa pelos números têm a ver com o facto de ainda ter muita dificuldade em aceitar que é o número dois do governo. (Anexo E:96)
- d) Q11 RAP – Agora outra questão esta é delicada barafunda com os cartazes ... e tal...está aqui um desempregado afinal o homem não era desempregado o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende o senhor... espero uma resposta sincera o senhor permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer olha mais um desempregado. (Anexo F:84)

Dados:

- a) tendo em conta que há tantos partidos à esquerda do PS e tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles;
- b) não acha que numa altura em que no seu partido há esta... digamos enxurrada de dissidentes o nome Bloco de Esquerda pode parecer um bocadinho irónico;
- c) o programa da coligação tem sido muito criticado pelo facto de não incluir contas;
- d) barafunda com os cartazes ... e tal...está aqui um desempregado afinal o homem não era desempregado o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende.

Desfechos humorísticos:

- a) o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina;
- b) se calhar não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda;
- c) a sua repulsa pelos números tem a ver com o facto de ainda ter muita dificuldade em aceitar que é o número dois do governo;
- d) permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer olha mais um desempregado.

Chamadas de atenção:

- a) senhor deputado;
- b) ainda a propósito deste assunto;
- c) não há contas nenhuma onde é que fizeram as contas ninguém sabe das contas;
- d) agora outra questão esta é delicada; espero uma resposta sincera.

O “dado” constitui a abertura da questão onde são referenciados explícita ou implicitamente os casos reais mediatizados. No exemplo (a), o humorista ligou a sátira à formação dos novos partidos que foram constituídos para concorrer às legislativas e que ocupavam o mesmo espaço político que o PCP; no (b) refere-se às dissidências no BE, ex-deputados e dirigentes do partido desfilaram-se e integraram novas formações partidárias; no (c) lembra as críticas, amplamente ouvidas, ao programa da coligação PSD/CDS por serem apresentadas políticas no programa eleitoral sem serem referidos os custos da sua execução; e no (d), o humorista recuperou a polémica dos cartazes do PS que exibiram fotos de pessoas que, estando empregadas, foram

utilizadas como exemplos de pessoas que tinham perdido o emprego durante o governo do PSD/CDS.

O “desfecho humorístico” constitui a última parte da questão, mesmo antes de ser dada a vez ao entrevistado, sendo constituído por desfechos causadores de surpresa, o dado novo é até àquele momento algo impensável para os interlocutores: (a) a JrS foi posta a hipótese de posar nu para a revista *Cristina*; (b) a CM foi sugerida a mudança de nome do BE para algo impensável e destruidor da própria existência do partido; (c) a Portas foi levantada a questão da ambição política de deter mais poder e não gostar de números por ambicionar ser primeiro-ministro, mas só ter conseguido ser vice-primeiro-ministro; (d) Costa foi confrontado com a ideia de ter permitido a polémica dos cartazes para arranjar um desempregado.

As “chamadas de atenção” para além de captarem a atenção são também criadoras de “pausas” que, estrategicamente, permitem ao humorista preparar o terreno para o que vai ser dito a seguir e permitem aos seus interlocutores preparar-se para o desfecho. As chamadas de atenção são incluídas antes do dado ou entre este e o desfecho humorístico ou nas duas posições. Este tipo de discurso estabelece com o interlocutor direto e com o auditório uma ligação instantânea. São usadas para concentrar a atenção, mas após cumprirem esse papel perdem importância e o que é retido pelo entrevistado e pelo auditório é o desfecho humorístico, aquilo que provoca as reações dos interlocutores. Em (a) a chamada de atenção é feita através da exortação - “senhor deputado” - A formalidade e “tom solene” (Rebelo, 2002, p.107) distante de tratamento, contrasta com o contexto de humor. Através desta estratégia enunciativa é procurado reforçar o contato com os interlocutores. A exortação é usada sempre que se “trata de captar ou fixar a atenção” (Rebelo, 2002, p. 107). Em (b), o reforço de atenção é feito através de uma frase que lança a expectativa sobre o que vai de seguida dizer o humorista - “ainda a propósito deste assunto. Na questão exemplo da alínea (c), uma sequência de afirmações reforça a ideia da falta das contas e chama a atenção para a forma como o humorista vai “desferir o golpe final” na questão levantada - “não há contas nenhuma; onde é que fizeram as contas; ninguém sabe das contas.

Os dados ligados ao real podem ser referidos de forma objetiva: “o facto do PCP ser o único partido parlamentar que defende a saída do euro” (Anexo C:3); “em 2011 o Bloco não compareceu à reunião com a *troika*” (Anexo D:29); “José Sócrates declarou ainda na semana passada que o apoiava” (Anexo F:24); “o debate entre o Dr. António Costa e o Dr. Pedro Passos Coelho teve uma audiência de 3,4 milhões de pessoas” (Anexo E:60); ou expressando opinião e julgamentos irónicos: “barafunda com os cartazes... e tal... está aqui um desempregado afinal

o homem não era desempregado o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende” (Anexo F:84); “depois do último governo de coligação no qual o senhor participou os portugueses ficaram tão satisfeitos com o vosso trabalho que resolveram dar uma maioria absoluta a José Sócrates” (Anexo E:29); “sempre que se fala do bloco fala-se no PCP na partilha de espaço político... acaba por ser... as pessoas dizem que o Bloco e o PC são iguais, mas isso não é verdade pois não” (Anexo D:21).

O desfecho humorístico é construído com recurso ao absurdo: “o senhor permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer olha mais um desempregado” (Anexo F:84), “vocês dão-lhe assim uma lavagem com jato de areia para desinfetar tudo ou...” (Anexo C:33), “não era ótimo que o Manuel Palito viesse dizer que votava no Passos Coelho (Anexo F:24); a sugestões, a hipóteses ou solicitações que são consideradas impossibilidades: “o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina” (Anexo C:15), “o senhor despediu o porteiro que deixou o Marcelo entrar na Festa do Avante, mas o que é isto” (Anexo C:23); a comparações entre dados reais com hipóteses sem sentido coerente: “o que é que é pior para o dinheiro das pessoas Portugal sair do euro ou investir em ações do BES dizem-me que é muito ela por ela a perda de valor” (Anexo C:3), “eu dou-lhe três hipóteses António José Seguro António Costa ou o presidente do Tribunal Constitucional” (Anexo F:50); à exploração irónica de incoerências na tomada de posições políticas: “quando os governos perseguem os comunistas o senhor deputado fica indignado quando eles oferecem de mão beijada empresas aos comunistas o senhor fica indignado em que é que ficamos” (Anexo C:25), “quando nós vemos o PCP a defender o conceito de pátria devemos rezear que de repente comecem também a defender o de família e de Deus” (Anexo C:27), “nas próximas autárquicas será que nós podemos contar com um slogan do gênero *Loures à Frente* ou uma coisa destas inspirada no...” (Anexo C:33); ou com recurso a metáforas: “ou seja podemos dizer que a sua governação é o *botox* dos países” (Anexo E:25).

O discurso do humorista para chamar a atenção dos interlocutores passa pelo exagero na avaliação das questões que vão ser colocadas: “eu queria começar por falar do... acho eu dum grande tema” (Anexo C:3), “esta é uma pergunta importante (Anexo D:29); pelo aviso da dificuldade da questão: “esta é complicada senhor deputado...” (Anexo C:33); pedindo uma avaliação ao entrevistado: “acha injusto esta...quer dizer” (Anexo D:21); pela criação de suspense: “a primeira coisa que eu queria perguntar-lhe é (Anexo E:11), “Querida perguntar-lhe

ainda o seguinte” (Anexo E:64); pelo envolvimento do auditório: “eu tenho mesmo de começar por lhe fazer esta pergunta que todos os portugueses lhe querem fazer” (Anexo F:19); pela utilização da exortação direta ao entrevistado, chamando assim a atenção dele e sobre ele, vincando estrategicamente o seu cargo político ou/e título académico. JrS foi tratado por “senhor deputado”, AC por “Dr.”, CM por “Dra.” e PP por “vice-primeiro-ministro”. Em todos os casos é procurado o título formal que mais poder atribui ao entrevistado usando, ainda, o tratamento formal de “senhor”.

A forma de tratamento dos convidados insere-se na estratégia humorística de reconhecer o poder do entrevistado promovendo o distanciamento entre os dois interlocutores:

muitas vezes os convidados que eu lá tenho que são pessoas poderosas têm a minha idade por exemplo (um dos convidados) nos bastidores disse-me.... é pá ó Ricardo, mas temos a mesma idade trata-me por tu... eu disse não não senhor deputado eu vou por senhor deputado se quiser trata-me por tu... mas lá está o que tem graça é o palhaço acertar na testa do poderoso não é dois tipos que se tratam por tu isso não tem graça. (Anexo A:61)

4.1.5.3. As temáticas políticas nas questões

As teorias sobre as características do discurso humorístico põem ênfase na necessidade de os alocutários partilharem com o locutor saberes que lhes permita identificar, no ato comunicativo, as referências escondidas, os implícitos e os pressupostos no discurso do humorista, o que lhes vai permitir compreender a mensagem e identificar o humor.

Na entrevista do ITMBM, a opção foi por temas da atualidade mediatizada por via do discurso jornalístico na cobertura da campanha eleitoral ou por referência a episódios ou características da ação política diretamente relacionados com os líderes políticos.

A partir da interpretação das questões levantadas pelo humorista, com base na análise de discurso, foram identificados os implícitos, explícitos e pressupostos e, posteriormente, os temas introduzidos pelos entrevistados nas respostas às questões.

Aquilo que é pressuposto implica por parte do falante uma previsão do que quem ouve sabe sobre o que está a ser dito e/ou possa estar implícito, ou seja, o não dito, e assim completa o sentido pretendido pelo emissor da mensagem. O pressuposto, numa definição pragmática, remete o interlocutor para a identificação dos elementos que lhe permitem cumprir o objetivo do locutor com sucesso (Rebelo, 2002, pp. 97-98). O implícito está subentendido, não é explicitamente dito, de acordo com Rebelo (2002, p. 100) é “uma resposta à necessidade de

dizer sem ter dito” (...) é ao “enunciatário” que cabe a “reconstrução da respetiva significação implícita”. No caso do humor, o implícito é um “artifício estilístico conscientemente elaborado” (Rebello, 2002, p. 101) que permite construir uma “rede de subentendidos” (Mouta, 2007, p. 96) criadores de situações humorísticas. “O jogo do implícito favorece a consolidação do humor verbal” (Mouta, 2007, p. 93). O humorista terá de construir o seu discurso de acordo com os efeitos que pretende produzir e “escolher palavras e as expressões mais adequadas que permitam concretizar o seu objetivo” (Rebello 2002, p. 101), que é provocar o riso enquanto “testemunho audível e visível de que a mensagem humorística é compreendida e partilhada” (Mouta, 2007, p. 78).

Foram identificados em cada questão, para cada entrevista: os tópicos dos pontos de partida ligados à realidade, os dados; os assuntos referenciados no desfecho humorístico, o que é novo; e os visados, implícita ou explicitamente, pela crítica humorística. Do levantamento efetuado para cada entrevista, foi elaborado um quadro de resumo.

Na entrevista ITMBM a JrS (JrSITMBM) transcrita no Anexo C, foram identificados onze temas que deram origem ao levantamento de doze questões (quadro 4.1).

Quadro 4.1 - Entrevista JrSITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista JrSITMBM – emissão 14 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - Assuntos referenciados	Visados
PCP propõe saída do euro	1	PCP é o único partido que defende a saída do Euro	Em 2015, PCP lançou para debate a ideia de que Portugal tinha de se preparar para uma eventual saída do Euro; e as perdas dos investidores com falência do grupo Banco Espírito Santo (BES)	PCP
	2	Que motivações para defender a posição única	JrS age em proveito próprio, uma crítica, habitualmente, ouvida em relação aos políticos	JrS
PCP recusou reunir com credores em 2011	3	O PCP não reuniu com <i>troika</i>	O PCP recusou-se a comparecer nas reuniões com os credores em 2011, onde estiveram PSD, CDS e PS	PCP
Discussão pública entre PS e PSD sobre quem é que pediu a intervenção económica em Portugal	4	A vinda dos credores, (<i>troika</i>) em 2011	No debate de 9/09 Passos e Costa trocaram argumentos sobre quem foi o responsável pela chamada da <i>troika</i> em 2011	PPC e AC
Criação de novos partidos no mesmo espetro que o PCP	5	A formação de novos partidos à Esquerda do PS	Capa da Revista <i>Cristina</i> de 03 de setembro de 2015 onde Joana Amaral Dias posou nua, exibindo a sua gravidez	Joana Amaral Dias
A relação PCP/BE	6	O PCP questiona propriedade privada	A relação PCP/BE na disputa pelo mesmo espaço político – Fernando Rosas tinha defendido, a 12 de setembro em entrevista ao Jornal i, um “polo à esquerda” que juntasse PCP e Bloco numa aliança pré-eleitoral	PCP

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista JrSITMBM – emissão 14 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - Assuntos referenciados	Visados
A relação PCP/PS	7	À esquerda só o PS pertence ao arco de poder, dominando esse espaço do espectro político	PS e PCP nunca se uniram à esquerda, como faz a direita e; acordo Cuba/Estados Unidos em 2014, na administração de Barack Obama	PCP e PS
PCP condescendente com a direita	8	Marcelo Rebelo de Sousa na Festa do Avante	Marcelo Rebelo de Sousa do PSD foi à Festa do Avante no início de setembro e justificou a sua ida com a necessidade de conhecer para poder comentar. Considerando a festa “ecuménica”	JrS
PCP contra privatizações, mas parece não se importar quando o comprador é a China	9	Privatização da EDP	Perseguição dos comunistas na ditadura de Salazar; e a venda de 20% da EDP, durante a vigência do governo PSD/CDS, a uma empresa do setor energético detida pelo Estado chinês	Governo
PCP a aproximar-se dos valores da direita extremista	10	No programa eleitoral de 2015 o PCP tinha como título da 1ª parte: <i>Romper com o declínio nacional – soluções para o País Uma política patriótica e de esquerda</i>	“partido patriota e de esquerda” foi o lema adotado na campanha pelo PCP; e o lema de Deus, Pátria e Família do ditador português António Oliveira Salazar	PCP
Elevado desemprego durante a vigência do governo PSD/CDS	11	Identificação do PCP como partido da classe operária	Elevadas taxas de desemprego durante a vigência do governo PSD/CDS	Governo
Acordo entre comunistas e sociais-democratas na autarquia de Loures	12	Acordo autárquico CDU/PSD em 2013	Em 2015 PSD e CDS coligaram-se e concorreram em conjunto na coligação <i>Portugal à Frente (PàF)</i>	PCP

Na Q1 (Anexo C:3) foi levantada a questão dos efeitos para as pessoas de uma eventual saída de Portugal da zona euro defendida pelo PCP, e foi sublinhado o facto do PCP ser o “único” a ter essa posição. Esses efeitos foram comparados com os das perdas dos investidores em ações do BES: “o que é que é pior para o dinheiro das pessoas Portugal sair do euro ou investir em ações do BES”, e considerados igualmente maus através da conclusão: “dizem-me que é muito ela por ela a perda de valor”. A utilização do verbo “dizer” na terceira pessoa do plural, eles/elas “dizem-me”, desresponsabiliza o humorista pela avaliação negativa que é expressa através da utilização do adjetivo comparativo de superioridade de mau, “pior”. A expressão “ela por ela a perda de valor” indica que os efeitos negativos são idênticos para as duas situações, o que permite inferir que a crítica atinge o PCP por assumir uma posição político/ideológica que prejudica as pessoas. Com a ideia criada de que a decisão não seria boa para os portugueses, é lançada a Q2 (Anexo C:5) dentro do mesmo tema, que levanta a suspeita sobre as reais motivações para a “proposta do PCP de sairmos do euro e voltarmos ao escudo”, que podiam não ser “estritamente políticas” - “não será possível” que o líder dos comunistas ainda “tenha 20 contos lá em casa que não conseguiu trocar... não conseguiu trocar na altura e

tal e agora...”. A situação criada é absurda e a frase incompleta, deixa espaço para que os interlocutores, entrevistado e audiência, a completem, mas de forma direcionada para a ideia generalizada de que, por vezes, os políticos não pensam no bem comum, mas tomam decisões em proveito próprio ou de amigos.

Na Q3 (Anexo C:9) o humor recaiu sobre a atitude política do PCP de não ter reunido em 2011, por opção, com os elementos da *troika* ao contrário do que fizeram o PSD, CDS e PS. Foi pedido ao líder, o julgamento da posição assumida pelo seu partido, que teve como consequência direta prejudicar aqueles que o PCP diz defender - “o senhor acha que foi por isso... foi essa ausência que fez a *troika* pensar (pausa) bom!(‘) uma vez que não há partido nenhum que represente os trabalhadores (pausa) vamos pôr a carga toda em cima deles”. A expressão metafórica - “pôr a carga em cima deles” - acentua e determina que os efeitos negativos foram todos postos em cima do mesmo grupo de população. Fica pressuposto que nenhum dos partidos que foi às reuniões defendeu os trabalhadores, o que aumenta a responsabilidade do PCP na adoção de políticas, pelo governo, que muito criticou por recaírem sempre “sobre os mesmos”, uma expressão usada, habitualmente, por JrS. Na mesma questão e na sequência da resposta de JrS (Anexo C:11-13), o humorista ironizou com a discussão entre PPC e AC, no debate político, sobre quem chamou os credores: “O senhor já percebeu quem é que chamou a *troika*?”, RAP faz a pergunta e lança a resposta, que é absurda: “Sabe que fui eu eu posso confessar”. A última frase - “eu posso confessar” - induz o juízo de que a discussão existe porque os protagonistas não querem assumir as suas responsabilidades, mas o humorista pode fazê-lo por não haver consequências.

A Q4 alude à discussão entre AC e PPC no debate que fizeram entre si no âmbito das legislativas. Nesse debate foram feitas acusações mútuas sobre quem era o responsável pela chamada de assistência financeira a Portugal, se o PS ou o PSD.

A Q5 (Anexo C:15) solicitou uma ação ao entrevistado, a provocação da retórica humorística é para JrS, mas a crítica implícita é dirigida a Joana Amaral Dias. A questão parte do dado real que foi a formação de novos partidos, dois deles à esquerda do PS no mesmo espectro que o PCP: O LIVRE, partido liderado por Rui Tavares, e o PTP/Agir, liderado por Joana Amaral Dias, ambos dissidentes do BE. RAP afirma que “tendo em conta que há tantos partidos à esquerda do PS e tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles”, chega ao desfecho humorístico absurdo - “o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina?” De notar a modalização do discurso pelo verbo “ponderar”, cujo efeito semântico difere de, por exemplo, “considerar” ou “pensar” na hipótese, uma vez que

“ponderar” induz uma atitude de sensatez, uma avaliação racional refletida. O desfecho remete para Joana Amaral Dias, que pousou nua para a mesma revista em plena pré-campanha eleitoral, em agosto de 2015. A retórica humorística com recurso ao absurdo remete para a ideia comum de que os políticos são capazes de fazer tudo para conquistar votos e a crítica acaba por recair sobre a líder da nova formação partidária que procurava conquistar eleitorado.

A Q6 (Anexo C:17) expõe as reservas que o PCP tem em relação à propriedade privada para sublinhar a contradição encontrada no facto do partido querer só para ele o espaço político onde se insere. Essa contradição é encontrada na utilização do substantivo “dificuldade”: “por que razão é que têm tanta dificuldade em partilhar espaço político com o Bloco de Esquerda”, ou seja, por que é tão difícil o PCP aceitar a existência do BE e querer “privatizar” o espetro político à esquerda. Da parte do BE tinham-se ouvidos vozes de apelo à união, Fernando Rosas, do BE, tinha sugerido a 12 de setembro, numa entrevista ao Jornal i, um “polo à esquerda” numa aliança pré-eleitoral, mas o PCP nunca se mostrou disponível para um entendimento.

Na Q7 (Anexo C:19) foram questionadas as dificuldades de entendimento entre PCP e PS através da comparação com o que ocorreu entre Cuba e os Estados Unidos – um desacordo que se agudizou em 1962, com sanções unilaterais, por parte dos EUA, estava desde 2014 a ser alvo de acordos levados a cabo durante a presidência de Obama, em 2014. Foi sugerido que era um entendimento muito mais difícil de sanar e estava a ser conseguido: “o senhor não acha que se até Cuba e Estados Unidos conseguiram entender-se o PC e o PS também conseguem entender-se para fazer uma coligação”. A frase começa por solicitar a confirmação do que vai ser dito – “não acha” - e a proposição “até”, é indicadora da inclusão de algo que parecia ser impossível. A repetição do verbo “conseguir” ligado ao “entender-se” vinca a ideia de entendimento em duas situações diferentes, na primeira existe um entendimento de foro diplomático e económico entre países soberanos em consequência de um conflito ideológico que dura desde o início do século XX, na segunda um entendimento político entre partidos no mesmo espaço político-geográfico. As dimensões incomparáveis dos conflitos criam o humor que atinge PCP e PS. Com a situação de desacordo partidário à esquerda acentuada, a Q8 (Anexo C:23) lança a ideia do PCP condescendente com a direita. Nesta questão, JrS foi instado a agir de forma contrária ao que defende, depois de RAP ter feito notar que conhecia o facto de JrS ser “contra despedimentos”, mas na situação que ia referir, faria sentido um despedimento - o do porteiro que deixou entrar Marcelo Rebelo de Sousa na Festa do Avante. Uma entrada que é reprovada pela utilização da expressão: “mas o que é isto?” Marcelo Rebelo de Sousa foi líder do PSD é

uma figura destacada da direita portuguesa, o que não deveria ter permitido a entrada na festa comunista.

Na Q9 (Anexo C:25), RAP repetiu, desta vez, o adjetivo “indignado” possuidor de uma carga emotiva e valor semântico diferente de, por exemplo, “revoltado” ou “estar contra”. O humorista pediu ao entrevistado explicações sobre mais uma incoerência do seu discurso, a propósito da compra de parte do capital da energética EDP por uma empresa chinesa: “quando os governos perseguem os comunistas o senhor deputado fica indignado quando eles oferecem de mão beijada empresas aos comunistas o senhor fica indignado. Em que é que ficamos! A última expressão é de admiração, mas a crítica visa os governos e não o PCP ou JrS. A sátira e o julgamento da forma como foi privatizada a empresa está contida na frase “quando eles oferecem de mão beijada empresas aos comunistas”: eles, os governos não vendem, oferecem, ou seja, foi uma venda feita por um preço que prejudicou o Estado português, uma operação da responsabilidade dos governos e não do PCP.

O rótulo que o PCP adotou de “partido patriótico e de esquerda” foi o alvo da crítica humorística na Q10 (Anexo C:27). A questão volta a associar o PCP à direita, desta vez ditatorial - “o PCP tem insistido na palavra patriotismo o conceito de pátria (...) devemos recear que de repente comecem também a defender o de Família e de Deus”. O lema *Deus, Pátria e Família* remete para a direita ditatorial de António Oliveira Salazar, o humorista expressa o “receio” que depois da utilização do conceito Pátria, surjam os outros dois. O slogan do PCP ganhou força durante a campanha quando PPC colocou na lapela um pine da bandeira portuguesa. O PCP contestou o patriotismo de PPC e reclamou para o PCP o valor da real defesa do interesse nacional. O humorista criou, assim, a ideia de um PCP extremista que encaminha os interlocutores para a expressão comum de que “os extremos se tocam”.

Na Q11 (Anexo C:31), o ponto de partida é o facto do PCP dizer no seu programa que é “o partido da classe operária e de todos os trabalhadores”. RAP afirmou ter lido o programa e acentuou a ideia da importância dessa definição indicando que ela está no início do texto: “logo a abrir”. Este dado é confrontado com outro que tem implícita a referência às elevadas taxas de desemprego durante a governação PSD/CDS: “sabendo que este governo reduziu bastante o número de trabalhadores”, o humorista conclui que “se calhar vai ter (o PCP) um resultado eleitoral muito fraco quer dizer cada vez há menos”. O visado na crítica é o governo PSD/CDS e não o entrevistado ou o partido que lidera.

Na Q12 (Anexo C:33) o humorista voltou a associar o PCP à direita referindo-se ao entendimento dos comunistas com o PSD na Câmara Municipal de Loures. RAP classificou a

questão como “complicada” e utilizou, o discurso não verbal para construir sentidos, substituindo palavras por gestos:

em Loures o PCP tem uma coligação com o... (gesto de engolir em seco, duas vezes) com o PSD, veja que eu até tive dificuldade em... (gesto de engolir) o PCP tem uma coligação com o PSD EM LOURES! Nas próximas autárquicas será que nós podemos contar com um *slogan* do género (muda tonalidade) *Loures à Frente* ou uma coisa destas inspirada no... (Anexo C:33)

O título para a suposta coligação, *Loures à Frente*, remete para o nome da coligação PSD/CDS para as legislativas em causa, *Portugal à Frente*. O texto não verbal sugere a associação às presidenciais de 1986, em que Álvaro Cunhal apelou ao voto no candidato socialista, quando a escolha na segunda volta era entre o candidato da direita Freitas do Amaral e o socialista Mário Soares. Os comunistas foram acusados de serem obrigados a “engolir um sapo”, que de forma figurativa significa aceitar algo muito desagradável e não poderem fazer nada. Na Q12 foi utilizada uma metáfora para sugerir que o comunista e presidente da câmara de Loures, Bernardino Soares, ficou impregnado com a ideologia de direita e, por isso, precisaria de um tratamento especial para não contaminar a sede dos comunistas: “quando o Bernardino Soares, (...) vai lá fazer-lhes uma visita à Soeiro Pereira Gomes vocês dão-lhe assim uma lavagem com jato de areia para desinfetar tudo ou...”. De ressaltar que a expressão metafórica “lavagem com jato de areia” alude a uma técnica que usa alta pressão para, literalmente, arrancar sujidades que estão completamente impregnadas nas superfícies e difíceis de remover. A frase incompleta deixa no ar a dúvida, por terminar com a conjunção “ou”, que sugere alternativa/opção ao que é sugerido para “purificar” o seu destacado militante, a alternativa acaba por ficar a cargo da imaginação dos interlocutores.

Na entrevista ao líder comunista, a crítica humorística recaiu, maioritariamente, sobre o partido e não sobre o líder. O PCP foi criticado pelas suas atitudes políticas em seis questões (Q1, Q3, Q6, Q7, Q10 e Q12). Em duas questões, as provocações recaíram sobre JrS (Q2, Q8). Na Q5, a crítica é, implicitamente, dirigida a outro alvo, a líder do AGIR, tal como na Q9 e Q11, o humor visou o governo de então, do PSD e CDS/PP. O PS foi visado na Q7 e AC e o PPC na Q4.

A entrevista sugeriu a imagem de um PCP que: assume posições políticas prejudiciais às pessoas que diz defender (Q1 e Q3); que não se consegue entender com os partidos que estão no seu espectro político (Q6 e Q7), mas assume posições de entendimento (Q12) ou condescendência (Q8) com a direita e reclama valores com ela identificados (Q10). Em quatro

questões (Q4, Q5, Q9 e Q11) foram fornecidos dados que criticaram, implícita ou explicitamente, adversários políticos do PCP, o que forneceu a JrS argumentos para a construção das suas respostas, nessas questões. JrS é desafiado/provocado a assumir uma atitude diretamente em três questões (Q2, Q5 e Q8). Na Q2, a crítica da questão já estava endereçada ao PCP quando o tema é lançado na Q1, ficando a Q2 resumida à retórica humorística, tal como sucede nos desafios que são lançados diretamente a JrS na Q5 e na Q8. Também aqui o humor é construído com recurso ao absurdo - pousar nu na capa de uma revista e despedir o porteiro da Festa do Avante. Em todos os casos o potencial efeito sobre a imagem do líder depende das respostas.

À líder do Bloco de Esquerda, CM, foram levantadas, na entrevista ITMBM (CMITMBM), dez questões (Anexo D), que se sistematizam no quadro 4.2.

Quadro 4.2 - Entrevista CMITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista CMITMBM – emissão 16 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - assuntos referenciados	Visados
BE apoia vitória do SYRIZA na Grécia	1	CM congratula-se com a vitória do SYRIZA- RAP cita o que foi dito “é uma esperança para toda a Europa”	Hipotética coligação entre o Bloco e os neonazis do PNR, em Portugal, Coligação do SYRIZA com os extremistas -Gregos Independentes na Grécia	CM
	2	Militantes e outros dirigentes ouviram a líder e seguiram-na	A precipitação do apoio do BE ao SYRIZA Hipótese de militantes e dirigentes perpetuarem esse apoio com tatuagens, mas face à coligação arrependem-se CM é responsabilizada	CM/direção do BE
BE e PCP são partidos com propostas políticas iguais	3	Debates da campanha e os jogos do campeonato do mundo de futebol	Debate entre PPC e AC Jogo Alemanha/França Debate CM e JrS Jogo Albânia/Coreia do Norte	BE/PCP
	4	As pessoas dizem que PCP e BE são iguais	BE e PCP sempre expressaram publicamente a recusa para integrar governos do PS por considerarem que socialistas governam à direita	BE/PCP
BE partido sem utilidade prática	5	BE não compareceu à reunião com <i>troika</i> em 2011	Hipótese do BE está na política só para o convívio	BE
Dissidências do BE	6	Saída do BE de Daniel Oliveira, Rui Tavares, Joana Amaral dias e Ana Drago	Relação de CM com os dissidentes	CM
	7	Elevado número de dissidências	Sugere mudança de nome do BE para um que indica um partido em declínio- Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda	BE

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista CMITMBM – emissão 16 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - assuntos referenciados	Visados
Desaparecimento do BE	8	BE perdeu metade da bancada parlamentar em 2009 de 16 deputados passou a 8	Compara com caso do CDS em 1987 quando ficou apenas com 4 deputados e ficou a ser conhecido pelo “partido do táxi” já que toda a bancada parlamentar cabia num táxi	BE
Tipo de liderança do BE	9	CM repartiu coordenação da mesa do bloco com João Semedo Agora é porta-voz, não é Presidente...Secretária-geral	Líder não inspira confiança aos eleitores	CM
Caraterísticas da líder	10	Profissão de CM – atriz	Debate entre Catarina Martins e Paulo Portas	CM/PP

Na Q1 (Anexo D:3), a sátira visou diretamente a líder bloquista. RAP citou CM quando foi conhecido o resultado das eleições na Grécia: “a vitória do *SYRIZA* é uma esperança para toda a Europa” e no desfecho humorístico é sugerida a hipótese: “se o bloco de esquerda vencer as eleições vai inspirar-se naquela vitória e formar uma linda coligação com os neonazis do PNR”. A utilização do grupo verbal perifrástico “vai inspirar-se” e a adjetivação de uma hipotética coligação com o PNR, o partido de extrema-direita português, como “linda” cria ironia e julga o apoio do BE dado ao *SYRIZA*.

O *SYRIZA* nasceu como uma coligação de esquerda à semelhança do BE, venceu as eleições gregas em janeiro de 2015 e substituiu no poder os conservadores do *Nova Democracia*, que tinha apoiado as medidas de austeridade impostas pela União Europeia e o Fundo Monetário Internacional. Um mês depois de vencer, o *SYRIZA* fez uma aliança com os Gregos Independentes, uma formação partidária de dissidentes do *Nova Democracia* identificada com a extrema-direita, mas contra as medidas de austeridade. Pode inferir-se que o entrevistador quis sugerir um apoio precipitado, determinado e entusiasmado do Bloco, ao *SYRIZA* sem avaliar a situação, já que a Q2 (Anexo D:11) indicia a responsabilidade da direção do BE quanto às consequências desse apoio: “a direção do bloco de esquerda participou a despesa que vários militantes e dirigentes do partido tiveram a remover as tatuagens que diziam *Tsipras SYRIZA forever...*”. Uma tatuagem é algo visto como definitivo e muito difícil de remover. O humorista sugere que os militantes seguiram a líder e, por isso, a direção do BE devia assumir as consequências de um apoio precipitado e do qual se queria naquele momento distanciar, mas estava a ser difícil. A entoação do início da frase e a forma como se dirige à entrevistada, não dizendo senhora doutora, mas usando uma expressão comum, própria de alunos do liceu para

se dirigirem à professora *stora*, são indicadores de brincadeira com a situação, mas também de responsabilização.

Na Q3 (Anexo D:13), o alvo foi o BE quando com ironia considera que o partido não acrescenta nada de novo ao espectro político situado à esquerda do PS e ocupado pelo PCP. A ideia foi expressa através de uma comparação entre política e futebol, em que os adjetivos “entusiasmante” para classificar o debate entre PPC e AC e o verbo “engonhar” pertencente ao discurso informal que expressa o sentimento de algo que demora muito tempo a fazer, que não avança, para descrever o debate entre CM e JrS, estabelecem o confronto entre algo interessante e algo aborrecido. No debate entre PPC e AC tinha existido divergência e, por isso, debate de ideias, já no debate entre PCP e BE não existiram divergências. A ideia de um BE sem nada de diferente é acentuada na Q4 (Anexo D:21) onde o humorista usou a ironia e não assumiu a responsabilidade pela acusação de PCP e BE serem iguais, o que é expresso pela utilização do verbo “dizer” na terceira pessoa do plural: “as pessoas dizem que o Bloco e o PC são iguais mas isso não é verdade pois não...”, uma afirmação de inveracidade desmentida pelo exemplo dado logo de seguida: “entre o Bloco e o PC qual dos dois é que faz mais questão de não ir para o governo qual de vocês é que REJEITA mais a hipótese...”. É pressuposto que os dois partidos rejeitam a hipótese e, por isso, são iguais, a questão é saber qual deles mostra maior oposição. A Q5 (Anexo D:29) insiste na inutilidade da existência do BE. O dado é a referência a uma atitude política idêntica à assumida pelo PCP, a ausência do BE nas reuniões com os credores em 2011. A frase do desfecho humorístico é iniciada pela expressão, “ou seja”, que significa que a seguir vem a explicação ou esclarecimento do que já foi dito: “ou seja, vocês não querem governar não querem fazer oposição vocês estão nisto da política mais pelo convívio”. É, assim, recuperada da questão anterior, a ideia de que não querem governar, e também não querem fazer oposição porque estiveram ausentes das reuniões com os credores. A repetição do “não querem” é uma forma de modalizar o discurso no sentido de afirmar atitudes que o BE recusa e não deveria recusar para que pudessem ser diferentes do PCP.

A Q6 (Anexo D:35) foi construída a partir de uma alegoria onde é posto em risco um grupo de ex-dirigentes e ex-deputados do BE, em que CM teria de decidir se salvava as pessoas ou o cachorrinho. As pessoas em causa tinham abandonado o partido liderado por CM para criar outros partidos concorrentes às legislativas e, por isso, a relação de amizade era facilmente posta em causa, o que é concretizado com a utilização irónica da palavra “amigões”, ou seja, grandes amigos: “... salva o cachorrinho matando estes seus 4 amigões ou...”. RAP não termina a frase e, mais uma vez, orienta a conclusão para a alternativa sem a referir – deixar morrer o

cachorrinho e salvar os amigões. O jogo entre vocábulos diminutivos e aumentativos são criadores de humor. As dissidências são usadas na Q7 (Anexo D: 49), onde CM é confrontada com uma sugestão de alteração de nome do partido: “não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda”. Duas palavras constroem o sentido da sugestão “porosa e degradação”. Uma estrutura porosa é algo pouco consistente, com poros, esponjosa e que se pode degradar ou seja caminhar para o fim da sua existência ou para uma existência muito frágil. Na Q8 (Anexo D:61), a mesma ideia é consolidada com um dado real, o relembrar de que em 2009 o grupo parlamentar do bloco passou de 16 para 8 deputados, tendo sido feito no desfecho humorístico o paralelo com o CDS/PP, quando era conhecido pelo partido do táxi em que a bancada tinha apenas 4 deputados eleitos em 1987.

Na Q9 (Anexo D:69), a líder do Bloco foi o alvo da sátira. O dado pôs em causa a sua autoridade como líder: “foi coordenadora a meias agora é porta-voz nunca foi presidente chefe... uma coisa... Secretária-Geral uma coisa que IMPONHA...”, ou seja, uma forma afirmativa de poder e não de algo sem força. No desfecho humorístico, foi julgada a capacidade de CM para convencer as pessoas a votarem no BE: “como é que espera convencer os portugueses que quer governar o país se nunca pareceu muito interessada em governar o seu próprio partido”. A entoação da frase que é iniciada com uma dúvida, “como é que espera” e a comparação entre o interesse em governar o país e o desinteresse em governar o partido cria a imagem de alguém pouco interessado no que faz – está ali como poderia estar noutra sítio qualquer – conjugados com a expressão “a meias”, criadora de um sentido diverso da utilização dos verbos repartir ou dividir com alguém alguma coisa, e ainda a escolha do verbo impor leva ao sentimento de uma líder fraca, sem a força da autoridade de um Secretário-Geral ou Presidente como ocorre em outros partidos.

A Q10 (Anexo D:73) foi lançada em torno da profissão que CM exercia antes de se dedicar à política, atriz, e parte do pressuposto que CM acha PP “repugnante”. Um ator terá de saber fingir ser outra pessoa usando técnicas e métodos na construção de uma personagem. O humorista sugere que essa aprendizagem pode “dar jeito” no confronto político, pressupondo CM em vantagem em relação aos outros políticos. RAP estabelece uma relação com os verdadeiros pensamentos da líder do Bloco sobre PP e o que viu no debate entre os dois: “por exemplo eu vi o seu debate com o Dr. Paulo Portas e pareceu-me que estava a fingir mesmo bem que não o achava repugnante. Como é que se faz isso, quer dizer, a Dra. Catarina Martins é uma política do método?”. O humorista sugere uma líder que exerce a política criando estratégias e utilizando táticas metodicamente estudadas para atingir os seus objetivos e associa-

a ao exercício da política com astúcia e falta de sinceridade por saber “fingir mesmo bem”, a utilização do advérbio “mesmo” enfatiza dando força ao verbo. A questão atinge também PP indiretamente, através do alegado pensamento de CM.

Os visados pela retórica humorística na entrevista a CM são, em todas as questões, a própria líder e o Bloco de Esquerda. Nas questões Q1, Q2, Q6, Q9 e Q10 é CM a visada diretamente; nas questões Q3, Q4, Q5, Q7 e Q8 o alvo principal é o partido que CM lidera. O PCP é visado nas questões em que é comparado com o BE (Q3 e Q4) e PP acaba por ser visado na Q10.

Sobre CM é construída a imagem de uma líder: que induz militantes a comportamentos que depois se arrependem, pouco ponderada (Q1, Q2); sem carisma, sem autoridade (Q9); incapaz de unir o partido (Q6); que exerce a política de forma astuta e tática (Q10); num partido inútil, já que se comporta politicamente da mesma forma que o PCP (Q3, Q4 e Q5), e a desmoronar-se (Q7 e Q8). Todas as questões convergem para a imagem de um partido que não acrescenta nada de novo aos que já existem.

No dia 17 de setembro na entrevista ao líder do CDS-PP, PP (PPITMBM), foram colocadas 12 questões (Anexo E), sistematizadas no quadro 4.3.

Quadro 4.3 - Entrevista PPITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista PPITMBM – emissão 17 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico- Assuntos referenciados	Visados
Patriotismo de PPC	1	PPC ao ir para o governo começou a usar um pine da bandeira portuguesa na lapela	Num discurso em fevereiro de 2012 PPC disse que os portugueses não podiam ser “piegas” porque era preciso ser exigente para recuperar credibilidade externa. Estando ainda no texto de RAP a expressão “viver acima das suas possibilidades” uma ideia também expressa por PPC como justificação para as medidas tomadas	PPC PP
Cortes nos rendimentos	2	Cortes nos salários, pensões e prestações sociais	Em caso do PSD/CDS vencerem as eleições que mais rendimentos vão retirar as pessoas	PPC PP
Empobrecimento do país	3	Durante a legislatura PIB regrediu 15 anos	Utilização do botox na estética para tornar mais jovem as pessoas	PP PPC
Coligações PSD/CDS	4	Participação de PP no governo liderado por Pedro Santana Lopes em 2004 Nas legislativas de 2005 o socialista José Sócrates vence com maioria absoluta	Em que sentido irão votar os portugueses, em 2015 depois da governação liderada por nova coligação PSD/CDS	PP PPC Sócrates
Caso da demissão “irrevogável de PP” do governo de PPC	5	PP foi jornalista e diretor do jornal <i>Independente</i>	Episódio em que PP se demitiu em julho de 2013 e disse ser uma decisão irrevogável. Era ministro dos Negócios Estrangeiros e no final do processo foi nomeado vice-primeiro-ministro	PP

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista PPITMBM – emissão 17 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico- Assuntos referenciados	Visados
Prestação de PPC no debate com AC	6	Debate entre AC e PPC com uma audiência televisiva de 3,4 milhões de pessoas	PPC foi considerado, pelos analistas como o perdedor do primeiro debate, entre os dois, na televisão a 9 de setembro, por ter cometido muitos erros estratégicos e ter posto em causa a estratégia da coligação com Portas	PPC
Saída da <i>troika</i> de Portugal	7	Atitude pública de satisfação de PP face à saída da <i>troika</i> de Portugal	Declarações de PPC que alegou que o seu governo foi além da <i>troika</i> para recuperar a economia do país	PPC PP
Desrespeito do governo pela Constituição da República	8	Aprovação de leis em conselho de ministros que foram consideradas inconstitucionais pelo Tribunal Constitucional	Refere-se à acusação de que as políticas do governo eram baseadas em legislação inconstitucional. Implícita a ideia de que PP e o governo andaram a “assaltar” os portugueses. Praticando, por isso, atos ilícitos	PP
Incumprimento das promessas	9	Campanha eleitoral de PP com grande quantidade de ações em feiras	PPC “garantiu” em abril de 2011 que não seria necessário fazer cortes nos salários que bastava “cortar nas gorduras do Estado”	PP PPC
Guião para a reforma do Estado	10	PPC incumbiu PP de elaborar o guião para reformar o Estado, o documento passou por várias polémicas e foi apresentado a uns meses das legislativas o que já não permitia a sua aplicação foi a justificação dada na altura	A idade da reforma das pessoas foi alterada por nova legislação elaborada pelo ministro da segurança social do CDS-PP, Mota Soares. A legislação aumentava os cortes nas reformas antecipadas e obrigava, por isso, as pessoas a manterem-se a trabalhar durante mais tempo	PP
A ambição de PP de ser primeiro-ministro	11	O Programa da coligação PSD/CDS foi criticado pelos adversários por não apresentar as contas das políticas que prometia implementar	PP era vice-primeiro ministro	PP
Longa permanência de PP como líder	12	O CDS-PP concorria às legislativas na coligação PàF	Entre 1998 e 2015, PP só não foi líder durante dois anos, na vigência do líder José Ribeiro e Castro, por isso, esteve 15 anos na liderança do CDS	PP

A entrevista de PP foi iniciada com uma rábula no desenrolar da qual foi colocada a Q1 (Anexo E:3). A rábula caricaturou o facto do primeiro-ministro PPC começar a exibir na lapela um pine com a bandeira portuguesa quando foi eleito. O símbolo expressa patriotismo, mas o humor pôs em causa a atitude de Passos e acusou-o de um ato hipócrita: “eu queria começar por lhe chamar a atenção para o facto de eu ter um pine igual ao do primeiro-ministro, mas maior”. No desenrolar da rábula, RAP esclarece que é 30% mais patriótico que PPC e afirma antes de lançar a primeira questão da entrevista: “eu faço questão de estar muito patriótico hoje”. Depois de ter colocado na lapela um pine ainda maior, o humorista lança a questão a Portas: “está satisfeito com o resultado da sua governação se acha que estes piegas que andavam a viver acima das suas possibilidades aprenderam a lição que os senhores lhes ensinaram nestes

quatro anos”. A questão inclui o adjetivo “piegas” e a expressão “viver acima das suas possibilidades” utilizados por PPC que dirigiu aos portugueses durante os primeiros tempos de mandato. A metáfora pedagógica “aprender a lição” expressa a ideia de a governação ter sido entendida como uma lição para os portugueses por se terem portado mal, já que viveram acima das suas possibilidades. PPC usou a expressão “piegas” ao dirigir-se aos cidadãos para lhes dizer que fossem “menos piegas” para que se tornasse possível o país ultrapassar a crise. O humorista pôs em confronto a exibição do pine, exageradamente grande, com as palavras e desta forma questionou os sentimentos patrióticos face às atitudes e políticas assumidas pelo governo de PPC e PP sobre quem recaiu a sátira.

A Q2 (Anexo E:17-19) remete para a ideia de que as políticas do governo empobreceram os cidadãos e tem o pressuposto que iriam existir mais cortes num próximo governo PSD/CDS, se a coligação vencesse as eleições. A ideia é expressa através de uma linguagem figurativa: “que vão fazer na próxima legislatura pegar em cada português virá-lo ao contrário e sacudir a ver se caem trocos”. Está implícita a ideia de que as pessoas já não têm nada para lhes ser retirado, que os cortes excederam o razoável que as empobreceram. Na Q3 (Anexo E:21-25), a ideia de empobrecimento mantém-se, mas nesta questão quem empobreceu foi o país. RAP afirmou que o PIB estava igual ao que era 15 anos antes e usa a metáfora do campo da estética, o “efeito *botox*”, algo que aparentemente rejuvenesce, mas essa não é a realidade, apenas são mantidas as aparências: “a sua governação é o *botox* dos países”, ou seja, as políticas disfarçam, mas a realidade é outra, a economia do país piora.

Na Q4 (Anexo E:29) foi recordado o resultado eleitoral de 2005 em que o PS, liderado por José Sócrates, venceu as eleições ao PSD com maioria absoluta. De salientar que o dado não menciona o PS, refere-se, especificamente, a José Sócrates, nessa altura, em 2015, já detido pelas autoridades e acusado de vários crimes de âmbito económico. A utilização do adjetivo “loucura” no desfecho humorístico pressupõe que os eleitores votaram na pessoa errada e face à má governação do PSD/CDS outra “loucura” poderia ocorrer: “que ato de loucura coletiva é que acha que a sua governação vai levar o povo português a fazer?” A sátira recai sobre a associação PSD/CDS para governar o país e ao mesmo tempo atinge José Sócrates, que afinal tinha vencido as eleições por efeito do desespero dos portugueses e não por ser uma boa solução governativa.

A Q5 (Anexo E:45-55) atinge diretamente PP e as suas atitudes políticas. O dado situa-o enquanto jornalista e diretor do *Jornal Independente*, nessa altura muitas foram as capas publicadas atingindo políticos do PSD. Nesta questão, o humorista lembra o episódio em que

PP se demitiu do governo dizendo que era uma atitude “irrevogável”, mas que não manteve. O desfecho humorístico sugere diferentes capas que PP poderia usar para noticiar o episódio. Em todas elas PP é julgado através de um conjunto de trocadilhos de palavras: “birrevogável”, a ideia de se poder revogar algo mais do que uma vez, pelo menos duas que se podem anular; “arrependimento bate à portas”, o jogo com o provérbio popular e o nome do convidado indica que PP se arrependeu da posição tomada; e ainda “voltei, voltei, voltei de lá ainda ontem estava irrevogavelmente demitido e agora já estou cá” um trocadilho com a letra²⁰ de uma música de 1993 de Dino Meira.

Na Q6 (Anexo E:60), o humorista deu oportunidade a PP de criticar a prestação de PPC no debate com AC, mas PP não entrou no jogo. Os analistas concluíram que PPC tinha perdido o confronto com AC. RAP recordou que as audiências televisivas do debate atingiram quase 3,5 milhões de espetadores. Face à avaliação dos analistas da prestação de PPC no confronto com AC, o humorista lançou a questão baseada num sentimento popular de comportamento dos portugueses: “acha que isto vem confirmar aquela ideia de que nós temos que o povo português gosta muito de se aglomerar à volta de acidentes”.

Na Q7 (Anexo E:64), o dado situa a questão no momento da saída da *troika* de Portugal, mas quem é visado na sátira é PPC e PP com a sugestão de que os portugueses deveriam ter “corrido” primeiro com eles do que com a *troika*, por terem ido mais longe do que os credores nas políticas de austeridade: “não devíamos ter corrido primeiro com aqueles que queriam ir além da *troika* e depois então com a *troika*”.

A Q8 (Anexo E:66-68) tinha como tema a acusação sistemática do governo elaborar legislação à margem da lei fundamental. O dado é lançado em forma de rábula com RAP a exhibir uma Constituição e a referir-se a ela de forma irónica e com desprezo através do diminutivo de livro e da expressão “...ou o que é...”: “achamos importante que quem vai para o governo consiga... enfim tenha conhecimento deste livrinho, ou o que é...”. O desfecho visa particularmente PP: “o facto de ter tentado sistematicamente governar fora da lei não faz de si mais do que o Oliveira da Figueira do *Tintim* um dos irmãos Dalton do Lucky Luke”. A forma escolhida pelo humorista para fazer a crítica satírica transforma PP em alguém fora da lei, já que os irmãos Dalton eram uma quadrilha que agia no velho Oeste no século XIX. Eram personagens fictícias especialistas em assaltar bancos e comboios. Os personagens foram postos em contraste com o personagem evocado pelo próprio líder do CDS quando se comparou a uma

²⁰ “Voltei, voltei/Voltei de lá/Ainda ontem estava em França/E agora já estou cá”, refrão retirado de Letras Academy (s.d.).

personagem criada por Hérge, o Oliveira da Figueira, um português que vendia tudo, mesmo aquilo de que as pessoas não precisavam. Portas tinha dito que se assemelhava ao personagem de Hérge quando estava no estrangeiro a fazer diplomacia económica. A comparação estabelecida pelo humorista sugere um líder que age fora da lei e um governo que “assaltava” os portugueses.

A Q9 (Anexo E:74-76) volta a incidir sobre os cortes nos rendimentos das pessoas feitos pelo governo PSD/CDS. O dado relembra a presença assídua em feiras de PP em ações de campanha eleitoral. RAP usa a ironia para dizer que: “eu gosto muito de o ver trabalhar em feiras...”, havendo uma conjunção, “mas” a seguir à qual faz uma sugestão de forma metafórica: trocar uma ou outra ação por uma “ação de formação num talho”. A explicação é dada no desfecho humorístico num texto recheado de palavras com duplos significados: “só por uma razão por que os senhores prometeram cortar nas gorduras e o que acontece é que acabaram a trincar o lombo dos reformados e dos trabalhadores que é chicha é tudo chicha”. A sugestão é a de que os cortes não incidiram sobre o desnecessário (gorduras), mas sim sobre aquilo que era imprescindível à vida das pessoas, o seu rendimento (chicha).

A Q10 (Anexo E:84) levanta a polémica do guião da reforma do Estado que PPC pediu a PP que elaborasse, mas que nunca foi executado. O humorista sugere no desfecho humorístico que a reforma do Estado é algo que muito dificilmente irá acontecer: “depois desta legislatura o Estado, tal como os portugueses, só se vai reformar quando for mesmo muito velho ou até falecido”. Nesse mandato, foi o ministro da segurança social, Pedro Mota Soares, do CDS-PP que alterou a legislação em vigor e aumentou os cortes para quem se reformasse antecipadamente. A sequência das questões (Q9 e Q10) sugere que as políticas para fazer os cortes nos rendimentos das pessoas foram executadas de forma célere, mas os cortes na despesa do Estado nunca foram concretizados.

O dado da Q11 (Anexo E:96) remete o auditório para as críticas que eram feitas ao programa da coligação PàF, que prometia levar a cabo políticas sem ter apresentado os custos para a sua execução, mas o desfecho da questão visa diretamente PP: “a sua repulsa pelos números tem a ver com o facto de ainda ter muita dificuldade em aceitar que é o número dois do governo”. Pressupõe-se que Portas gostava de ser o número um do executivo, a sugestão é a de um político ambicioso.

A Q12 (Anexo E:102-110) colocava a hipótese de PP perder as eleições e era lançada mais uma questão que ligava PP à vontade de possuir poder e tudo fazer para o manter: “se perder as eleições o senhor demite-se ou os estatutos do CDS não permitem que haja outro líder”. PP

era líder do CDS-PP há mais de 15 anos e a questão foi colocada pelo absurdo de os próprios estatutos do partido não permitirem a eleição de outros líderes, o que pressupõe um líder que tomou conta do partido e não permite que outros o dirijam.

A crítica humorística produzida na entrevista a PP teve, quase exclusivamente, como alvos PP e PPC, individualmente ou em conjunto como responsáveis pelo governo. Só a questão Q4 visa também o ex-primeiro ministro José Sócrates. Portas e Passos são criticados, em conjunto, em seis questões (Q1, Q2, Q3, Q4, Q7 e Q9); PP é visado individualmente em cinco questões (Q5, Q8, Q10, Q11 e Q12); e PPC, individualmente, em uma questão (Q6).

De PP foi traçado o perfil de um homem ambicioso que tudo faz para manter ou atingir lugares de poder (Q5, Q11 e Q12); que com o PSD tinha formado governos cujas políticas não agradaram aos eleitores levando-os ao desespero (Q4) e incapaz de concretizar tarefas que lhe são incumbidas, como a reforma do Estado (Q10). PPC foi apresentado como um político hipócrita, um falso patriota que despreza as pessoas (Q1) e inábil no combate político (Q6). Os dois líderes, enquanto responsáveis pelo governo, são acusados de terem promovido políticas que empobreceram os cidadãos (Q2) e o país, ao provocarem estagnação económica (Q3), e foram ainda piores nas suas exigências que os credores (Q7), que governaram à margem da lei fundamental (Q8) e que não cumpriram as promessas feitas em campanha eleitoral (Q9).

No dia 18 de setembro de 2015 na entrevista ao secretário-geral do PS, AC (ACITMBM) foi confrontado com onze questões (Anexo F), interpretadas no quadro 4.4.

Quadro 4.4 - Entrevista ACITMBM – Os temas, dados, assuntos no desfecho humorístico e visados em cada questão.

Temas	Questão N°	Informações retiradas da entrevista ACITMBM – emissão 18 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - Assunto referenciados	Visado
Foto privada de AC nas redes sociais da campanha eleitoral	1	Situação económica difícil do país durante a vigência do governo PSD/CDS	Foto privada no site de campanha de AC criou polémica, foto foi retirada após comentários dos internautas e repostada depois. O desaparecimento foi atribuído a razões técnicas – agosto 2015	AC
Detenção de José Sócrates na prisão de Évora	2	Sócrates apoia AC	Um condenado – Manuel Pinto Baltazar, conhecido por Manuel Palito- a 25 anos de prisão por homicídio de duas mulheres e ferimento de outras duas	AC
Ambição de AC	3	AC quer ser 1º ministro depois de PPC AC substituiu António José Seguro (AJS) depois de este ter ganho a liderança a José Sócrates-	O recluso que ocupou a cela 44 a seguir a Sócrates	AC

Temas	Questão Nº	Informações retiradas da entrevista ACITMBM – emissão 18 de setembro 2015		
		Dados	Desfecho humorístico - Assunto referenciados	Visado
		AC substituiu AJS num processo polémico em maio de 2014		
Programa eleitoral do PS	4	Programa eleitoral socialista foi elaborado por um grupo de economistas	Costa não explica corte de 1000M no debate de campanha frente a PPC, na rádio a 17 de setembro 2015	AC
Relação de AC com a comunicação social	5	Jornalista da SIC foi questionar, na rua, AC sobre pagamento da segurança social de PPC	AC não respondeu à jornalista e acusou-a de ter saído detrás de um carro para o questionar	AC
	6	RAP entrevista Costa e tudo está a correr bem naquele momento	AC enviou SMS ao diretor-adjunto do Expresso acusando-o de “juízo de caráter” -abril 2015- por causa da análise às propostas económicas do PS publicada no semanário	AC
Ação de AC como líder do maior partido na oposição	7	AJS ex-líder do PS António Costa líder do PS	Tribunal Constitucional considera inconstitucionais os cortes de pensões e salariais na função pública em 2014	AC
Relação AC/AJS	8	O PS venceu eleições europeias com AJS na liderança. Elegeu 8 deputados face a 7 do PSD/CDS. Comentário de AC: “quem ganha por pouquinho só pode fazer pouquinho”	A sondagem SIC/Expresso do dia da entrevista de AC- 18 de setembro- atribuía ao PS 35,5% das intenções de voto e 34% à coligação PàF	AC
PS no governo igual ao PSD/CDS	9	PS candidato às legislativas	As políticas de austeridade do governo PSD/CDS	AC
Ação de AC como líder do maior partido na oposição	10	Debates para as legislativas foram no Museu da Eletricidade, propriedade da EDP que tem investidores chineses. Em fevereiro de 2015 AC perante uma plateia de chineses disse bem do governo PSD/CDS	No debate com PPC, AC acusou o PSD de ter sido o responsável por ter chamado a <i>troika</i>	AC
Polémica sobre cartazes do PS sobre números do desemprego	11	Outdoors do PS tinham fotos de falsos desempregados- agosto- 2015	Na sequência do caso Diretor de campanha demitiu-se	AC

AC interrompe a Q1 (Anexo F:3-19) e dá o mote para a “rábula da pastinha” sobre o programa eleitoral do PS para as legislativas. O documento foi identificado na emissão do dia 16 de setembro como “pastinha”. Foi a esse momento emitido dois dias antes da entrevista que AC quis responder. AC levou o programa eleitoral do PS embalado num canudo e apresentou-o como um “presente” para RAP (Anexo F:3-17). Após deixar AC dominar o terreno, permitindo a interrupção, RAP coloca-o no seu lugar de entrevistado: “bom vamos...vamos restabelecer a distância formal que deve existir entre apresentador... e...”, a frase não termina, mas facilmente se completa com a palavra entrevistado. AC segue as indicações de RAP e diz: “muito bem ... eu afasto-me” e o humorista lança a Q1 estabelecendo um contraste pelo absurdo

entre a situação do país, assunto sério, e um episódio polémico, mas sem qualquer importância para o debate público sobre as ideias do PS para governar. A polémica foi gerada no *site* de campanha de AC, onde foi colocada uma foto privada do líder socialista, em que vestia uns calções amarelos e passeava na praia com a mulher. Ao fim de poucas horas, a foto e os respetivos comentários dos internautas foram retirados, e após muitas críticas nas redes sociais, a foto e todo o conteúdo voltou a ser repostado com a indicação de que o problema tinha sido técnico. RAP inicia a questão com a referência a assuntos sérios: “tendo em conta a situação do país não só nos últimos 4 anos, mas também os acontecimentos recentes”, ou seja, a vinda dos credores, o resultado da governação PSD/CDS, uma situação que é pressuposto ser séria e com implicações graves para os portugueses, o humorista ironicamente revela que, por esses motivos, é obrigado a colocar a pergunta: “eu tenho mesmo de começar por lhe fazer esta pergunta” e envolve todos os portugueses como estando ansiosos por conhecer a resposta. O desfecho humorístico: “o senhor ainda tem aqueles calções amarelos?”, gera o humor pelo contraste de algo sem qualquer importância no contexto sério que é a situação económica portuguesa.

Na Q2 (Anexo F:22-24), RAP lembrou que a campanha do PS estava ensombrada pela detenção de Sócrates na prisão de Évora e comparou os efeitos do apoio expresso por Sócrates a AC aos efeitos do apoio de um homicida, acabado de ser julgado e condenado a 25 anos de prisão, a PPC: “José Sócrates declarou ainda na semana passada que o apoiava não era ótimo que o Manuel Palito viesse dizer que votava no Passos Coelho”. O humor é criado por comparação entre dois casos de polícia incomparáveis, em que AC é colocado na situação do apoio de Sócrates não ser benéfico para a sua campanha e que até ajudava PPC, uma situação que só poderia ser revertida se um homicida apoiasse o líder da coligação *PàF*.

Na Q3 (Anexo F:32), RAP caricatura a ideia de que Sócrates está sempre a chegar primeiro aos lugares que AC também gostaria de atingir: “há de facto aqui um padrão de comportamento que eu considero preocupante...” e explica: “o senhor quer substituir o Passos Coelho depois de ele ter governado a seguir a Sócrates substituiu AJS depois de ele ter liderado o PS a seguir a Sócrates...”. O desfecho humorístico leva ao absurdo – será que pretende ocupar a cela 44 deixada livre por Sócrates.

A Q4 (Anexo F:36) lança dúvidas sobre a capacidade de AC para perceber o seu próprio programa, saber interpretá-lo. RAP exhibe o programa que lhe tinha sido oferecido na “rábula da pastinha” e levanta a questão: “eu queria perguntar-lhe se os economistas que lhe escreveram isto ensinaram-no como é que se mexe nisto tem um livro de instruções eles deixaram algumas

indicações sobre como é que se manobra isto?” A questão levantada reporta ao debate entre AC e PPC, onde Costa nunca explicou onde cortaria 1000 milhões de € na despesa pública, apesar da insistência de jornalistas e adversário político.

O comportamento de AC com a comunicação social foi posto em causa na Q5 (Anexo F:39-40) quando confrontado com uma rábula que caricaturava o momento em que uma jornalista da SIC foi ao encontro de Costa, na rua, para o questionar sobre a dívida de PPC à segurança social. Costa recusou-se a responder e acusou-a de ter saído de trás de um carro para o questionar. O episódio, replicado nas redes sociais, levou à questão de RAP: “alguma vez lhe aconteceu um despautério destes quer dizer de que sítios... de trás de que sítios é que o senhor tolera que os jornalistas lhe perguntem coisas.”. A utilização do substantivo masculino “despautério”, que remete para o significado de um grande disparate e do verbo “tolerar”, que impõe uma carga emotiva de algo que não se deveria consentir, mas num ato de boa vontade até se pode concordar. A questão é modalizada pela ironia deixando AC numa posição de alguém que não aceita os mecanismos democráticos de controlo político, que é dar contas públicas dos seus atos no exercício do cargo político. A Q6 (Anexo F:46) retomou o mesmo tema e confrontou Costa com a sua atitude face a um texto publicado no jornal *Expresso*, a propósito das notícias publicadas nesse jornal sobre as propostas económicas apresentadas pelo PS no seu programa eleitoral. AC enviou a um dos diretores adjuntos do jornal um SMS onde dizia que como não o pretendia processar enviava um SMS para lhe dizer o que pensava dele e do jornalismo que fazia avisando que não admitia “julgamentos de carácter”²¹. RAP lançou o assunto depois de ter considerado que a entrevista a AC até estava a correr bem e Costa estava “descontraído” e “cordial eu diria que até cordial demais”. No desfecho humorístico o caso ficou implícito na frase: “é só por SMS que o senhor é desagradável para quem faz perguntas”.

O humorista pôs em causa a capacidade política do líder dos socialistas e do PS, como líder da oposição na Q7 (Anexo F:50), comparando AC com AJS no desempenho dessa função que também foi considerado não ter sido eficaz na oposição ao governo PSD/CDS: “quem foi nestes últimos quatro anos o melhor líder da oposição eu dou-lhe três hipóteses: António José Seguro António Costa ou o presidente do Tribunal Constitucional”. Com a alusão ao Tribunal Constitucional, a questão ficou remetida para o facto de ter sido esse tribunal a reverter os cortes nos rendimentos que o governo PSD/CDS tinha determinado, decretando-os inconstitucionais.

²¹ Artigo de opinião onde é revelado pelo diretor do *Expresso* o conteúdo do SMS enviado por AC (Pereira, 2015).

RAP expressa a ideia de dois líderes socialistas ineficazes enquanto líderes do maior partido da oposição.

Na Q8 (Anexo F:54), RAP voltou a satirizar comportamentos políticos que podem expressar ambição política, revelando incompreensão pelas críticas de AC a AJS depois do PS ter vencido as europeias com Seguro na liderança. RAP cita AC quando disse que essa vitória tinha sido por “poucoquinho” e que, assim, só podia “fazer poucoquinho”, concluindo o humorista: “mas tendo em conta as sondagens neste momento ganhar por poucoquinho já sabia muito bem não sabia?”. Ao adotar o diminutivo de “pouco” utilizado por AC, é criada a ideia de que se AC vencesse pela mesma margem já era bom, porque perder seria sempre pior e as sondagens indicavam que essa era uma possibilidade, dada as curtas diferenças entre PS e a coligação de direita.

A Q9 (Anexo F:56) compara AC a PPC na implementação de políticas de austeridade, partindo do pressuposto que AC, tal como PPC, as iria implementar se fosse primeiro-ministro: “a austeridade que o senhor vai impor é muito mais meiga e boazinha do que esta não é”. A carga emotiva do adjetivo “meiga”, que dirige o significado para algo carinhoso, suave, terno e do substantivo “boazinha”, que expressa bondade, são criadores de humor.

Na Q10 (Anexo F:66-70) é posta, mais uma vez, em causa a forma como AC faz oposição à direita. Os dados partiram da identificação do espaço físico onde decorreram os debates com PPC, no “museu da eletricidade”, propriedade da EDP, empresa com investidores chineses. O cenário foi considerado “injusto” por ser “um terreno difícil” para AC, já que quando AC “está ao pé dos chineses começa a dizer bem do governo”. Implícitas estão as afirmações de AC perante um grupo de investidores chineses onde elogiou o governo de PPC ao agradecer o seu contributo para que naquela altura, ao fim de quatro anos de governo PSD/CDS, o país pudesse estar numa situação bastante diferente daquela que esteve quatro anos antes. Na altura o PS era governo e teve de solicitar ajuda económica externa. O caso leva ao desfecho humorístico quando RAP afirma não saber o que acontece a AC quando pisa terreno onde estão chineses: “não sei o que é que lhe acontece é tomado por um espírito estranho”. A dúvida deu o mote para a questão em torno do debate entre AC e PPC: “houve um ponto do debate com Pedro Passos Coelho em que disse que foi o PSD que chamou a *troika*”, o que leva ao desfecho humorístico: “essa falta de memória que exibiu nesse ponto foi para gerar maior identificação com os velhinhos... aqueles eleitores mais idosos ...”. A justificação para esse ato “estranho” é procurada ironicamente com a necessidade de um discurso de identificação com os mais

velhos, uma camada etária onde começa a existir falta de memória. Em causa ficou de novo a reputação de AC para liderar a oposição.

Na Q11 (Anexo F:84), RAP recuperou a polémica em torno de um conjunto de *outdoors* da campanha eleitoral socialista classificada como “barafunda com os cartazes”. O substantivo “barafunda” remete para a ideia de trapalhada, confusão, algo emotivo que não é um simples erro é muito mais que isso. O episódio ocorreu quando o PS afixou cartazes na rua onde foram exibidas fotos de pessoas que tinham emprego, mas eram apresentadas como exemplos de pessoas que estavam desempregadas por ação das políticas do governo em funções: “está aqui um desempregado afinal o homem não era desempregado, o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende”. O desfecho humorístico usa a demissão do diretor de campanha de AC, na sequência do caso, e responsabiliza Costa pelos erros: “o senhor permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer olha mais um desempregado”.

O desfecho pelo absurdo da última questão encerra a entrevista a AC em que o líder dos socialistas é o único visado pela crítica humorística. A entrevista constrói a imagem de uma campanha socialista repleta de trapalhadas e uma ação política de AC, enquanto líder da oposição, muito ineficaz que dá trunfos aos adversários. AC é representado no discurso humorístico como homem de ambições e de comportamentos políticos questionáveis (Q3 e Q8); de fraca ação política como líder da oposição (Q7 e Q10); impreparado para desempenhar a função de primeiro-ministro (Q4); capaz de adotar políticas idênticas ao governo do PSD/CDS (Q9); com ímpetos de controlo da comunicação social (Q5 e Q6); e com uma campanha envolvida em polémicas (Q1, Q2 e Q11).

4.1.5.4. As estratégias discursivas na construção das questões

A utilização de vocábulos diminutivos e aumentativos, frases feitas, expressões metafóricas e populares e frases incompletas; o recurso a diferentes figuras de estilo como metáforas, alegorias, hipérboles; a utilização de adjetivos e substantivos que qualificam, as formas verbais perifrásticas, os fenómenos prosódicos de acentuação de palavras com entoações e intensidades diversas são estratégias criadoras de humor. Este discurso oscila entre o formal, o sério e a desconstrução dessa formalidade e seriedade para construir um texto que se lhe opõe com um discurso informal e popular recorrendo ao exagero, ao absurdo, ao ridículo, criador, por vezes, de desprezo, às comparações incomparáveis, que põem em confronto o lógico e o ilógico. À

utilização de um constante jogo de palavras criador de campos semântico-pragmáticos e ao recurso a inúmeras estratégias linguísticas e gramaticais criadoras de humor, o humorista junta a uma linguagem corporal, essencialmente, facial, que acentua significados e sentidos contribuindo de forma determinante para a criação de coesão e coerência discursiva.

Na formulação das questões é também usada a representação e a utilização de elementos cénicos em que os atores são: o próprio anfitrião e/ou outros atores/humoristas.

Na entrevista ao líder socialista a Q5 foi colocada a partir de uma rábula cuja representação esteve a cargo do humorista Diogo Quintela que surgia de trás de um carro (figura 4.10) e se dirigiu a RAP dizendo: “Ó RICARDO! RICARDO! Desculpa, posso também colocar uma questão ao Dr. António Costa?” (Anexo F:39).



Figura 4.10 - Rábula “Posso fazer uma pergunta a AC”.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:13:55.3 - 0:13:56.2 (Figueiredo, 2015f).

Ricardo Araújo Pereira não permitiu: “Pá! Com certeza que não pá! Então tu...tu apareces-me inopinadamente de trás de um carro para colocar uma questão (...).” Com o dado lançado, RAP formula a questão: “Dr. António Costa, desculpe alguma vez lhe aconteceu um despautério destes quer dizer de que sítios... de trás de que sítios é que o senhor tolera que os jornalistas lhe perguntem coisas?”. (Anexo F:40) O humorista restabelece com o entrevistado o contacto através da exortação, referindo o seu nome antecedido do seu título académico. Com a estratégia chama a atenção do auditório e do entrevistado conferindo ao momento um “tom de solenidade” (Rebelo, 2002, p. 107), e acentuando-o com um pedido de desculpas, irónico, antes de levantar a questão.

Na entrevista ao líder do CDS-PP na Q1, há um elemento cénico para o qual RAP chama a atenção do entrevistado - o pine que exibia na lapela - (figura 4.11), “eu queria começar por lhe chamar a atenção para o facto de eu ter um pine igual ao do primeiro-ministro mas maior...”(Anexo E:3).



Figura 4.11 - Rábula “Pine na lapela”.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:11:14.8 - 0:11:24.3 (Figueiredo, 2015d).

A imagem e o texto verbal concentram a atenção no pine, cuja imagem (figura 4.11) é vista em plano aproximado na sequência de planos, com RAP a dizer que é maior porque ele era mais patriota do que PP, afirmando ainda maior patriotismo com a substituição do pine inicial por outro ainda maior: “já agora se calhar ponho este maior ainda (...) eu quero... eu faço questão de estar muito patriótico hoje” (Anexo E: 5-11) (figura 4.12).



Figura 4.12 - Rábula “Pine na lapela, ainda maior”.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:11:34.5 - 0:11:40.4 (Figueiredo, 2015d).

Se na Q1 os elementos cénicos são usados no momento de fornecer dados e chamadas de atenção, na Q5, sobre o pedido de demissão “irrevogável”, é no desfecho humorístico que os elementos cénicos são determinantes para a construção do humor. Todo o texto é apoiado na exibição das capas do jornal *Independente* construídas para o efeito (figuras 4.13: A, B e C).



Figura 4.13 - Rábula “Caso demissão irrevogável”.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:16:26.3 - 0:16:51.0 (Figueiredo, 2015d).

As imagens das capas dos jornais foram sendo exibidas e acompanhadas do texto verbal de RAP: “... eu tenho aqui algumas capas à sua disposição temos esta...”; “A manchete birrevogável” (A), “(...) tenho esta que diz arrependimento bate á portas” (B), “(...) tenho esta ainda que diz voltei, voltei, voltei de lá ainda ontem estava irrevogavelmente demitido e agora já estou cá”. (C) (Anexo E: 49-55).

No desfecho humorístico, RAP também usa imagens reais que ajudam na identificação do assunto que está a ser alvo do humor, mas a sua função vai para além disso. Assume um papel muito importante na exposição do ridículo a que é submetido o entrevistado, como sucede na Q1 da entrevista a AC (Anexo F :19)) em que o líder socialista foi confrontado com a polémica levantada em torno de uma foto de foro pessoal colocada no *site* de campanha. A foto foi exibida enquanto AC respondia:” Eu sou um otimista portanto tenho esperança de voltar a emagrecer e voltar a caber nos calções amarelos” (Anexo F:20). Na foto é possível ver o *slogan* da campanha “Alternativa de Confiança” (figura 4.14). O contraste entre a frase e a imagem é potenciadora do ridículo a que o entrevistado é exposto, por este tipo de foto ter sido colocada no *site* de campanha, já que a intenção de a usar como elemento para transmitir algo aos possíveis eleitores é intencional.



Figura 4.14 - Foto “Calções amarelos”.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:11:16.5 - 0:11:26.6 (Figueiredo, 2015f).

A expressão corporal do entrevistador é constantemente utilizada para juntar emoções ao texto verbal e satirizar, ironizar, entre outras formas de humor, a situação com que está a confrontar o entrevistado.

Na entrevista ao líder dos comunistas ao confrontar JrS com o acordo que o PCP tinha feito na Câmara Municipal de Loures (Q11), RAP diz: “em Loures o PCP tem uma coligação com o... (engole em seco) (figura 4.15) ... com o PSD.... veja que eu até tive dificuldade em... o PCP tem uma coligação com o PSD EM LOURES” (Anexo C:33).



Figura 4.15 - Expressão facial RAP- “Engole em seco”.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:21:34.8 - 0:21:37.3 (Figueiredo, 2015e).

Outro exemplo da importância da expressão corporal, mais precisamente, da expressão facial do humorista no imprimir de emoção e dar sentido ao texto verbal, é no momento em que confrontou a líder do BE (CM) com as dissidências do partido (Q7). No desfecho humorístico sugere um novo nome para o partido: “numa altura em que no seu partido há esta... digamos enxurrada de dissidentes o nome Bloco de Esquerda pode parecer um bocadinho irónico se calhar não seria melhor...” o resto da frase é acompanhada por expressões faciais que transmitem emoções (figura 4.16: A e B): “Estrutura Relativamente Porosa (A) e até em Estado de Degradação de Esquerda” (B). Quando inicia a frase transmite sarcasmo (A), quando diz a segunda parte do novo nome do BE começa a “mostrar” com ironia, medo da reação da entrevistada ao que acabava de sugerir (Anexo D:49).

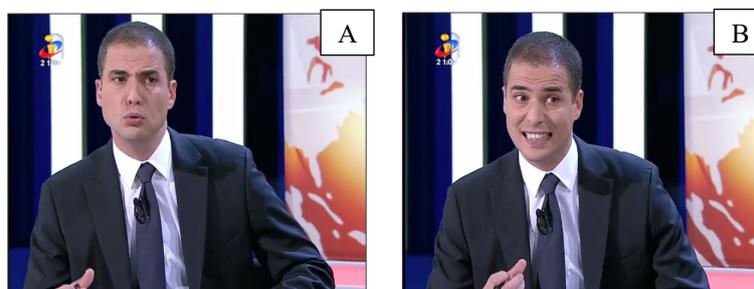


Figura 4.16 - Expressão facial RAP – “Novo nome para o BE”.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:16:30.4 - 0:16:35.7 (Figueiredo, 2015c).

Nas figuras 4.17 e 4.18, pode observar-se as expressões faciais que constroem e completam a construção de humor verbal durante introdução de AC, como entrevistado. RAP partiu de uma rábula que lançava dúvidas sobre a eficácia do combate político de AC sobre o seu adversário direto, o primeiro-ministro, PPC. RAP pergunta à SDCDR se “está disposta a candidatar-se por todos nós”, a entrevistada responde: “Ó filho, já não tenho vagar para isso,

quem é que me leva, depois, a casa?”²². De seguida faz-se silêncio e as expressões faciais de RAP (figura 4.17) conjugadas com as expressões faciais apresentadas na figura 4.18, enquanto diz: “Bom! Vamos então avançar com a oposição que temos” (Anexo F:2), expressam resignação, parafraseando a intenção poderia ser expressa com a frase “não há nada a fazer, é o que há”.



Figura 4.17 - Expressões faciais RAP – “Apresentação AC”.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:09:19.2 - 0:09:20.2 (Figueiredo, 2015f).



Figura 4.18 - Expressões faciais e gestos RAP – “Apresentação AC”.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:09:23.4 - 0:09:28.3 (Figueiredo, 2015f).

O discurso verbal e não verbal é coerente na expressão da ideia de que perante a recusa da SDCDR não há alternativa e, por isso, a solução era ficar com o candidato que existia, mesmo não sendo muito eficaz. O caricato da situação, a impossibilidade de um popular substituir AC no seu papel de maior líder da oposição, fazendo dela alguém mais eficaz que AC no combate político à direita, cria a sátira política que recai sobre o líder dos socialistas.

A intertextualidade e interdiscursividade, utilizando o discurso dos próprios entrevistados para depois o negar, destrói, por completo, por exemplo, a ideia de competência no lugar que ocupa ou pretende ocupar, como acontece sistematicamente nas entrevistas a PP e AC. “Denegrir uma figura política” é uma estratégia “universal” e a mais “popular” indicada por

²² Texto transcrito do episódio 5 do ITMBM.

Raskin (1985, p. 223) na criação de humor político. Por exemplo, na entrevista a PP, na Q8, a competência para a diplomacia económica, que pretendeu demonstrar na declaração que proferiu e utilizou a personagem do *Tintin*, Oliveira Figueira, foi totalmente destruída: “o facto de ter tentado sistematicamente governar fora da lei não faz de si mais do que o Oliveira da Figueira do *Tintin* um dos irmãos Dalton do Lucky Luke” (Anexo E:68); ou na entrevista a AC quando RAP questiona a capacidade de AC para aplicar o programa eleitoral que propõe aos portugueses, que foi apresentado como elemento de credibilidade da governação socialista, se vencesse as eleições: “os economistas que lhe escreveram isto ensinaram-no como é que se mexe nisto tem um livro de instruções eles deixaram algumas indicações sobre como é que se manobra isto” (Anexo F:36).

Os argumentos polifónicos no humor também são utilizados como uma forma de credibilizar o discurso, dar-lhe força de verdade, mas o que se lhe segue é a sua destruição num discurso que põe em causa o que foi dito e sobre eles é construído um texto em sentido contrário: “De acordo com generalidade dos analistas a nossa convidada de hoje venceu todos os debates em que participou quer dizer contra o Portas e o Passos também eu...” (Anexo D:2). O dado real baseado na palavra dos analistas é utilizado para construir uma ideia contrária sobre a líder do BE no desfecho humorístico - só conseguiu esse feito, dada a má qualidade no combate político dos seus opositores - foram tão fracos opositores que “até” o humorista, que não é político, obteria o mesmo resultado.

Tratando-se do género entrevista, em que o alvo do humor participa na construção do texto final, será necessário conhecer como tentam os políticos contrariar, com o seu discurso, as estratégias criadoras de humor que os associam a uma imagem diferente da que pretendem ter. O discurso de líder competente e conhecedor é contrariado pela “incompetência e ignorância” reveladas na construção do humor político (Raskin, 1985, p. 223).

4.1.6. O discurso político no campo humorístico

No campo do humor os líderes políticos ficam expostos a um discurso ao qual pretendem responder no mesmo tom, com humor e descontração e, por isso, tentam encontrar, muitas vezes, uma retórica humorística que acompanha argumentos políticos. Jogar o jogo do humorista é o desafio.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 213) explicam que, não sendo o cómico o tema da sua obra, recorrem a exemplos cómicos conscientes que o cómico “é um elemento

importantíssimo para conquistar o auditório (...) para efetuar desvalorizações, notadamente para ridicularizar o adversário, para operar diversões oportunas”.

O cómico, aquilo que faz rir, é utilizado para aproximar, para persuadir o interlocutor. Esse movimento de conquista é um elemento importante para ser usado pelo líder político, mas utilizado com maior eficácia pelo entrevistador, que leva o auditório a acompanhá-lo no julgamento do entrevistado e a provocar, nesse auditório, o riso. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) consideram o riso uma sanção sendo este um meio de punição de quem transgredir regras ou comportamentos, ficando “de imediato ridículo aquele que peca contra a lógica” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 233). O líder político fica, face ao humor que lhe é dirigido, na situação de pessoa, por vezes, ridicularizada e exposta à “sanção” do riso do auditório, uma punição que procurará minimizar com todos os argumentos e estratégias a que conseguir recorrer, já que o julgamento pela sátira é o objetivo e a intensidade da sanção do auditório depende da eficácia da retórica humorística utilizada pelo humorista. É esta eficácia que o entrevistado tenta aniquilar o mais possível ao longo da entrevista. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 234) referem que “o ridículo só atinge quem se deixa prender nas malhas do sistema forjado pelo adversário”. Neste caso, o “adversário” é o humorista que põe em causa o entrevistado, contra o qual este terá de lutar, através do seu discurso, para escapar às malhas do humor político e ao mesmo tempo conquistar o auditório.

No contexto de cada entrevista foram interpretadas todas as unidades de análise que correspondem a cada resposta dos líderes entrevistados no ITMBM. Identificou-se o dito e o não dito contido na enunciação, aquilo que se entende a partir do “próprio ato enunciativo”, o que é entendido tendo em conta o estatuto do enunciador, mesmo sem ter sido explicitado (Rebelo, 2002, p. 100). A unidade de análise inclui as respostas e todas as intervenções, ao longo da resposta feitas pelo entrevistador. Em cada unidade identifica-se: a estrutura organizacional das respostas/reação; os conteúdos, argumentos políticos de ataque aos adversários ou interlocutor direto, presença de ideias políticas substanciais e programáticas, e o recurso ao humor pelo entrevistado; a introdução, pelo entrevistado, de novos temas nas respostas; os momentos em que o entrevistado interrompe o entrevistador; a forma como é concluída a resposta, se há algum tipo de conclusão, implícita ou explícita; quando é que o entrevistado responde diretamente aos temas lançados ou se os ignora total ou parcialmente; e o tipo de léxico utilizado e as estratégias discursivas predominantes. No discurso não verbal são identificados os momentos em que o entrevistado olha diretamente para o público que está no estúdio ou para a câmara, estabelecendo contacto direto com os espetadores, e os

movimentos corporais particulares ocorridos em momentos precisos e que fogem a um padrão dominante em toda a entrevista, especificamente, o movimento das mãos e as expressões faciais visíveis aos espetadores.

4.1.6.1. As respostas de Jerónimo de Sousa

As respostas do líder dos comunistas são dominadas por um discurso argumentativo baseado na existência de uma tese justificada por argumentos políticos lógicos com o objetivo de afirmar as ideias defendidas pelo PCP. Em cada resposta é encontrado um argumento central do qual é feita a defesa e em simultâneo são atacados os adversários que detêm o poder. O quadro 4.5 resume argumentos centrais utilizados nas respostas e os visados nas respostas de JrS (Anexo C).

Quadro 4.5 - Argumentos centrais e visados nas respostas de JrS no ITMBM.

Respostas	Argumentos Centrais	Visados nas Respostas
R1	A entrada de Portugal no euro foi negativa para todos e cada vez é pior quanto ao BES ainda pode ser possível fazer alguma coisa	Quem decidiu a adesão de Portugal ao Euro
R2	Na altura que Portugal entrou no Euro, não tinha 20 contos para trocar	Quem permitiu a desvalorização
R3	PSD e PS cederam à <i>troika</i> sem discussão	PS e PSD
R4	Ninguém quer ser responsável por chamar a <i>troika</i>	PSD e PS
R5	Na política são necessários bons comportamentos	Quem não se comporta bem
R6	Necessário combater alternância no poder de PSD e PS	PS e PSD e BE
R7	PCP não aceita políticas governativas do PS	PS
R8	Na festa do Avante entram todas as pessoas	RAP
R9	PCP não aceita privatizações	Quem faz as privatizações
R10	PCP solidário com católicos e famílias	Quem permite que os mercados dirijam os destinos do país
R11	PCP defende todos os trabalhadores	Quem governa deve contar com os trabalhadores
R12	PCP determinado a fazer uma boa gestão da CML e confiante no trabalho do seu autarca	PSD e PS

JrS elabora um discurso repleto de argumentos políticos já utilizados em entrevistas no campo jornalístico ao mesmo tempo que entra no campo do humor. Recorre à utilização de palavras cuja semântica se vai alterando no tempo e a uma linguagem figurada com recurso a metáforas e expressões populares – “acudir”, “comparação mal acompanhada” (Anexo C:4), “bode expiatório”, “assinaram de cruz”, “papinha feita”, “comida mastigada” (Anexo C:14), “latifúndio do PS”, “pequenos e médios proprietários” (Anexo C:18), “areia para aquela camioneta” (Anexo C:34). O tom é coloquial e o discurso fortemente modalizado e persuasivo.

A persuasão discursiva foi reforçada com a interpelação da plateia em algumas respostas. Na R5, a plateia é interpelada por JrS em resposta ao riso que a questão provoca no grupo de pessoas que está no estúdio: “Vocês estão-se a rir, mas eu aqui há uns anos era capaz de fazer um figurão em qualquer revista” (Anexo C:16). Na R8 reparte a direção do olhar entre a plateia e o humorista, enquanto explica que a Festa do Avante está aberta a todos e não só aos comunistas:

O Marcelo e mais (olha para plateia) 50 ou 70000 que (volta olhar para RAP) não são membros (volta olhar para plateia) do meu partido (volta olhar para RAP) o que significa que os meus camaradas que estão no apoio às portas têm a tarefa muito facilitada (volta olhar para plateia e depois no vazio) aliás eu penso que aqui o Ricardo Araújo que já vendeu umas “bejecas” lá na festa do avante... (Anexo C:24)

Na R9 (Anexo C:26), JrS olha diretamente para a plateia quando diz: “vender património público”; “seja a chineses”; e em “nós consideramos”, na R10 (Anexo C:30) ao dizer: “não têm rosto”; na R11 (Anexo C:32) quando diz: “enfim três milhões”; e na R12 (Anexo C:34) quando informa a plateia que vai mudar o tom do discurso: “agora a sério”.

JrS nunca olhou diretamente para a câmara, nunca interpelou, por isso, os telespetadores, e nunca interrompeu as questões. Ouvia atentamente o humorista esperando pela sua vez para intervir. De cada vez que RAP o interrompia, ele cedia a vez, mas nunca se desviou do seu discurso. Após a interrupção e a resposta ao que lhe era solicitado, retomava de imediato a resposta que já tinha iniciado, e virava a seu favor os novos argumentos das intervenções do humorista.

A imagem formal de um homem inflexível e rigoroso nos seus princípios ideológicos não impediram JrS de entrar no campo do humor com fluidez e de se aproximar do estilo do entrevistador, procurando estabelecer com ele uma relação mimética. Esta aproximação passa pela forma de tratamento do anfitrião do programa a quem trata pelo nome próprio de Ricardo Araújo (Anexo C:24) ou apenas Ricardo (Anexo C:32).

JrS foi cauteloso com as palavras, procurou consensos, envolveu o auditório e as camadas específicas desse auditório, os católicos, apelando a que se juntassem ao PCP para combater o domínio dos mercados económicos e financeiros, as famílias a quem prometeu apoio (Anexo C:30); os trabalhadores que o PCP defende como nenhum outro partido (Anexo C:32). Demonstrou solidariedade, mostrou convicção e assumiu compromissos.

A coerência e a clareza dos argumentos foram uma preocupação constante do líder comunista, refletida na estrutura encontrada nas respostas (Anexo H). Estas são iniciadas por proposições explícitas seguidas de outras que as desenvolvem e/ou justificam a tese inicial, sendo o raciocínio concluído de forma igualmente explícita, o que, na estrutura da mensagem, de acordo com Poeschl (2013), potencia a sua clareza.

Ao longo da entrevista JrS visa explicita ou implicitamente os adversários políticos que já assumiram funções governativas, PSD e PS; só na R8 (Anexo C:24) o visado é o próprio anfitrião, RAP; na R5 (Anexo C:16) está implícito que houve alguém que não se comportou bem -Joana Amaral Dias; e na R6 (Anexo C:18) o BE é atingido na sua dimensão partidária.

Os ataques ao PS e PSD estão explícitos na R3: “assistimos a esse debate entre os dois PS e PSD (Anexo C:10); na R6: “reduziremos o latifúndio do PS e PSD” (Anexo C:18); na R7: “se é para fazer aquilo que os sucessivos governos do PS fizeram” (Anexo C:20); e na R12: “parece que o PSD não gostou muito e tirou-o das listas de deputados mas isso é problema deles”; “não precisa mais de areia para aquela camioneta que o partido socialista ali deixou uma gestão ruínosa” (Anexo C:34).

As críticas aos adversários não foram explícitos: na R1 -“a entrada no euro foi uma desgraça para nós” (Anexo C:4) - quem aceitou essa entrada foram o PS e o PSD, os argumentos são reforçados na R2 apontando a “desvalorização” monetária, por experiência própria (Anexo C: 6); na R9 - “não vendam aquilo que o país tem de bem” (Anexo C: 26), o sujeito universal reúne os partidos que têm assumido a governação, e têm por isso capacidade de decidir privatizações, onde também pode ser incluído o CDS/PP; na R10 – “esse poder dos mercados não têm rosto não têm nome e no entanto mandam em tudo aqui em Portugal e no mundo (...) combater este Deus onnipotente e onnipresente que explora os povos” (Anexo C:30), JrS critica aqueles que permitem que sejam os mercados a decidir, implicitamente critica quem governa em Portugal; e na R11 - “apesar de tudo isso que é verdade” (Anexo C:32), o dístico “isso” refere-se às elevadas taxas de desemprego que ocorreram durante o governo PSD/CDS, dado incluído na Q11- “sabendo que este governo reduziu bastante o número de trabalhadores” (Anexo C:31), JrS usa de novo o sujeito indefinido nesta resposta – “contem com eles que eles continuam a ser a grande força deste povo e deste país”, para se dirigir a quem governa e partindo do pressuposto que essas forças políticas, não contam com os trabalhadores.

Na R5, JrS nunca se refere explicitamente ao episódio que dá o mote à questão, envereda pelo humor para afirmar que se quer manter “bem comportadinho” por ser “fundamental” e afirmando que “nu só perante o duche” (Anexo C:16). Na resposta está pressuposto que tirar a

roupa para pousar nu seria algo de errado, um mau comportamento, uma avaliação que atinge quem já teve essa atitude. Na R6, JrS refere que o “problema não é (...) a questão de repartirmos...enfim...entre os pequenos e médios proprietários” (Anexo C:18), com a frase fica pressuposta a associação do BE a um pequeno partido e o PCP a um médio partido. Na R8 (Anexo C:24), JrS denuncia a participação de RAP na Festa do Avante após ter sido atacado por deixar entrar Marcelo, homem de direita, na festa do PCP. A estratégia procura criar embaraço no humorista, desconforto que pode ser entendido na reação corporal de RAP, visível no ecrã, ao mexer-se na cadeira ao mesmo tempo que confirma: “é verdade” na figura 4.19 (A) e na imagem seguinte aparecer de sorriso fechado (B), abrindo-o, posteriormente, para agradecer o convite.



(ampliação do *frame* anterior)

Figura 4.19 – Reação de RAP à R7.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:17:59.7 - 0:18:03.3 (Figueiredo, 2015e).

Na imagem ampliada da face de RAP (figura 4.19) é possível ver um rosto fechado, lábios tensos e direcionados levemente para baixo e cerrados com o olhar dirigido para baixo. A expressão sugere um sorriso “sem prazer” (Ekman, 2003, p. 208). O psicólogo americano, e professor na Universidade da Califórnia criador de um sistema de codificação de ações faciais relacionadas com as emoções²³, refere que um sorriso com estas características indica que a pessoa ouviu algo de que não gostou, mas nada pode fazer para mudar e segue em frente (Ekman, 2003, p. 210).

Ao iniciar as respostas, JrS utiliza, por vezes, interjeições²⁴ verbais “Pois!”, nas respostas R4, e R9; “Bom!”, nas R1, R7, R10 e R12 e a interjeição vocal “Ah!”, na R5 e R6.

²³ EMFACS - *Emotional Facial Action Coding System*.

²⁴ Estes elementos presentes no discurso são analisados à luz da Teoria da Gramática Funcional de (Dik, 1997) que as considera *Extra-Clausal Constituents (ECCs)*, que cumprem uma função pragmática e expressam uma atitude referente às emoções de quem fala.

A interjeição “Pois!” é utilizada em duas respostas, na R4 (Anexo C:12) em resposta a uma interrupção do humorista, a meio da resposta, e na R9 (Anexo C:25) logo no início, ambas abrem caminho a JrS para criticar adversários, por isso, a atitude de JrS é expressa por concordância. As outras interjeições são utilizadas em respostas a questões onde a crítica julga de forma acutilante o PCP. A interjeição “Bom” é interpretada como um desbloqueador de conversa. A interjeição vocal na R6 (Anexo C:18) é utilizada numa resposta onde a linguagem verbal é atropelada por sucessivas paragens e hesitações que denunciam incómodo com a questão. A utilização de interjeições para além de aliviarem tensões e desbloquearem o início da resposta, permitem também ganhar tempo para pensar na forma de iniciar essa resposta.

Na R2, R4, e R5, JrS enveredou pelo campo do humor: “Eu com 20 contos fazia um figurão aqui há uns anos” (Anexo C:6); se calhar foi a CDU ou o PCP que chamou a *troika*” (Anexo C:14); “Vocês estão-se a rir mas eu aqui há uns anos era capaz de fazer um figurão em qualquer revista” (Anexo C:16).

Nas respostas, JrS ignorou em muitas situações argumentos implícitos ou explícitos incluídos nas questões, recusou a forma como a questão era colocada e aproveitou a crítica humorística para virar a resposta a favor do PCP: na R1 (Anexo C:4) recusou a comparação das posições do PCP com o caso BES e justificou a posição comunista de pretender sair do euro; na R2 (Anexo C:6), a retórica humorística permitiu acrescentar novos argumentos à R1, a desvalorização monetária; na R3 (Anexo C:10), JrS não se referiu à ausência do PCP das reuniões com a *troika* e substituiu o verbo “pensar”, utilizado na questão, pelo verbo “impor”, alterando a modalização da questão, ou seja, o ponto de vista do interlocutor - “A *troika* não pensou, a *troika* impôs”, a frase deixou de ser modalizada pela dúvida imprimida pelo verbo “pensar” para ser modalizada pelo verbo “impor” que transmite obrigatoriedade; na R5 (Anexo C:16) não houve qualquer referência ao caso a que JrS foi comparado, ao de Joana Amaral Dias; na R6 (Anexo C:18), JrS não se refere à acusação de divergências entre PCP e BE, antes une os dois partidos no mesmo objetivo, combater a alternância no poder do PS e PSD - “aqui o problema não é (...) a questão de repartirmos (...) é nós combatermos (...) o latifúndio do PS e PSD”; na R7 (Anexo C:20), JrS não parte da perspetiva inserida na questão, que é o histórico desentendimento entre comunistas e socialistas, e inicia a resposta com uma pergunta diferente, que lhe vai permitir acusar os socialistas de serem os responsáveis por essa divergência; na R8 (Anexo C:24) justificou a entrada de elementos da direita na Festa do Avante com a abertura do evento a todas as pessoas, afirmando assim, um partido aberto; na R9 (Anexo C:26) aproveitou a questão para esclarecer quem questiona a reivindicação do rótulo de partido

patriótico pelo PCP, mas nunca refere o facto de PPC ter usado na lapela um pine com a bandeira portuguesa e na altura os comunistas se terem insurgido contra essa demonstração de patriotismo; e na R10 (Anexo C:28-30) é ignorada a potencial associação à utilização pela direita ditatorial de António Salazar dos conceitos, Deus, Pátria e Família. JrS aceita os conceitos e reveste-os de novos valores, válidos para os comunistas: na R11(Anexo C:32) recusa a ideia do PCP poder obter fracos resultados eleitorais nas eleições legislativas por lhe faltar o eleitorado que defende, os trabalhadores – “O Ricardo não está a fazer bem as contas” e afirma o PCP como o partido que defende todos os trabalhadores, independentemente do partido a que pertencem; e na R12 (Anexo C:34), JrS nega o acordo de que fala RAP entre PCP e PSD na Câmara de Loures - “Em primeiro lugar não houve nem haverá acordo ou coligação”, sendo JrS a impor os termos da resposta, e dirigiu o seu discurso para a crítica aos adversários. Primeiro elogiou os autarcas de todos os partidos, atitude que reforçou a crítica que se seguiu ao PSD, pelas suas atitudes com o seu autarca de Loures e o PS pela “gestão ruínosa” na câmara de Loures, e elogiou o autarca do PCP.

A responsabilidade da retórica humorística é assumida plenamente pelo líder dos comunistas pelo recurso ao pronome pessoal “eu” (Rebelo, 2002 p. 152) nas respostas em que o discurso não passa do registo humorístico, mas, quando a opção é pela afirmação das políticas ideológicas do PCP, a responsabilidade é repartida com o partido pela utilização do pronome coletivo “nós”. JrS utilizou explicitamente oito vezes o pronome “eu” e nove vezes, o “nós”.

O discurso verbal de JrS foi sempre acompanhado por um discurso não verbal que, em muitos momentos, imprimiu coerência, como já foi referido, mas também denunciou, nervosismo face ao discurso humorístico. As expressões faciais, a movimentação das mãos e até a movimentação na cadeira assumiram características particulares em alguns momentos.

O líder dos comunistas começava as suas respostas com um sorriso, mais ou menos acentuado (figura 4.20): na R2, R8 e R12 ouviram-se, antes de iniciar a resposta, gargalhadas; na R10 há um sorriso esboçado que se diferenciou de todos os outros, em que o canto direito da boca é levantado após ser visível uma face neutra e pensativa, enquanto ouvia a pergunta, o esboço de sorriso aparece após se ouvir os risos da plateia (figura 4.21). É um sorriso forçado, no contexto de uma questão que incluía um assunto sensível, os valores de Deus, Pátria e Família, com a insinuação de que o PCP poderia aproximar-se de valores da direita ditatorial de Salazar.



Figura 4.20 – Expressão facial de sorriso e riso.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM:
0:12:53.6 - 0:12:54.8 (Figueiredo, 2015e).

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM:
0:13:56.4 - 0:13:58.5 (Figueiredo, 2015e).



Figura 4.21 – Esboço de sorriso.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM:
0:19:23.8 - 0:19:24.0 (Figueiredo, 2015e).

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM:
0:19:24.1 - 0:19:24.4 (Figueiredo, 2015e).

O discurso argumentativo de JrS é atravessado de forma fluída por recursos linguísticos criadores de humor, recorre à ironia, à surpresa, às metáforas e a expressões populares ou a palavras que exageram ou diminuem a ação em causa, nunca esquecendo a linguagem corporal na construção do discurso. Por exemplo, na conclusão da R4 usou a figura da ironia: “no mínimo quando muito se calhar foi a CDU foi o PCP que chamou a *troika* para Portugal”, a frase foi acompanhada por gestos e expressões faciais que acentuaram a ironia. Os gestos da figura 4.22 (A) acompanham a primeira parte da resposta, “no mínimo quando muito”; e os da figura 4.22 (B) a última parte, “se calhar foi a CDU ou o PCP que chamou a *troika* para Portugal”.



Figura 4.22 – Gestos com as mãos.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:15:33.6 - 0:15:36.5 (Figueiredo, 2015e).

A ironia foi utilizada em resposta a uma interrupção do humorista onde, este, “confessava” que foi ele quem tinha chamado a *troika*. Na R2, ao absurdo da questão do humorista ao sugerir que JrS defendia o regresso ao escudo por ter lá em casa 20 contos que não tinha trocado na altura certa, o líder dos comunistas responde com humor: “se eu tivesse 20 euros nessa altura tinha-me casado outra vez com a minha mulher”. Na R5, JrS volta a acompanhar o estilo do humorista que surpreendeu o auditório com o desfecho da questão - “ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina”, JrS também surpreende com a resposta que iniciou envolvendo a plateia - “Vocês estão-se a rir...”, depois assumiu as fragilidades criadas pelo tempo e utilizou um superlativo do substantivo figura (figurão), que significa dar nas vistas, fazer boa figura, para se referir ao seu desempenho no passado - “mas eu aqui há uns anos era capaz de fazer um figurão em qualquer revista”, de seguida recorre ao diminutivo do adjetivo comportado para tirar a conclusão - “eu acho que bem comportadinho é fundamental e nu só perante o duche.” A frase é acompanhada por um gesto simbólico mostrado na figura 4.23 (A) que reforça a ideia expressa de “bom comportamento”. JrS puxa com as duas mãos as golas do casaco para baixo dando a indicação que tudo tem de estar no sítio certo, ou seja, no sítio da política tem de haver bons comportamentos.

A R8 é outro exemplo de como JrS utiliza as mãos para dar força ao seu discurso. Nesta resposta recorre à estratégia de expor RAP revelando a sua participação na Festa do Avante, denunciando a sua ligação ao PCP: “penso que aqui o Ricardo Araújo que já vendeu umas *bejecas* lá na Festa do Avante”, a palavra *bejecas* foi acompanhada do gesto que simbolizava uma garrafa de cerveja na mão (figura 4.23 (B)).

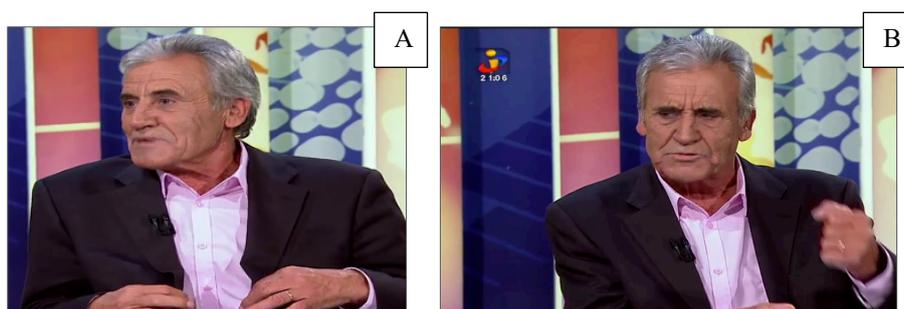


Figura 4.23 - Expressões corporais.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:16:05.3 - 0:16:07.4 (Figueiredo, 2015e).
Fonte: ITMBM 14/09/2015 (Figueiredo, 2015e).

A contribuir para a coerência discursiva estão, ainda, os aspetos prosódicos como a acentuação das palavras, a entoação, o ritmo e o tom da voz que acompanham as respostas na mudança de tom humorístico para os argumentos políticos e vice-versa.

Por observação empírica e posterior comparação da linguagem não verbal utilizada por JrS enquanto RAP colocava as questões, foram identificadas, em alguns momentos, alterações discursivas que, potencialmente, podem ser interpretadas como manifestações de desconforto/nervosismo face à crítica humorística. A resposta que mais alterações no discurso corporal provocou, ao ser iniciada, foi a R6. Quando confrontado com uma questão que punha em causa o comportamento político do PCP em relação ao aparecimento do BE, JrS antes de iniciar a resposta e após a interjeição vocal “Ah!” movimentou-se na cadeira levantando-se e voltando a sentar-se (figura 4.24). Só depois de regressado à posição de sentado, inicia a resposta verbal com muitas hesitações e paragens no discurso até encontrar a forma de a iniciar: “o problema não é (pausa) ...não é (pausa) a questão de repartirmos (pausa) enfim... entre os pequenos e médios proprietários... aqui a batalha eleitoral é nós combatermos e conseguirmos reduzir o latifúndio do PS e do PSD”.



Figura 4.24 – Movimentos de corpo JrS antes de iniciar R6.

Fonte: JerSousa_14SetembroTVI_ITMBM: 0:16:23.4 - 0:16:29.4 (Figueiredo, 2015e).

Na R10, os gestos faciais no início da resposta também denotam algo de diferente, ao esboço de sorriso, já referenciado, junta-se a mão no queixo, a pausa antes de começar a resposta, e, ao desmanchar a posição anterior, desvia o olhar de RAP, e olha para baixo com um olhar de quem procura uma resposta. O discurso corporal no início da resposta tem continuidade em relação ao que foi observado enquanto RAP colocava a questão, nesse momento, JrS passava a mão estendida por cima do tampo da mesa e colocou dois dedos da outra mão sobre a boca enquanto olhava atentamente para o entrevistador. Também durante a Q5, as reações de JrS iam-se sucedendo e estão referenciadas entre parênteses: “Senhor deputado tendo em conta que (coça olho) há tantos partidos à esquerda do PS e (mexe no

queixo) tendo em conta ainda a forte concorrência (cruza dedos das mãos em cima da mesa) entre todos eles, o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina. Durante a Q7- “Por falar no latifúndio do PS (mexe no queixo) o senhor não acha que se até Cuba e os Estados Unidos conseguiram entender-se o PC e o PS também conseguem entender-se para fazer uma coligação”. Na Q12, JrS na parte final da questão, roda a cadeira para um lado e para o outro.

As interferências do humorista nas respostas aconteceram em cinco respostas (R2, R3, R4, R7 e R10). Na R2 e R7 houve apenas retórica humorística, mas nas restantes respostas as interrupções ajudaram JrS a criticar aos seus adversários: na R3: “O senhor já percebeu quem é que chamou a *troika*”, quando o entrevistado ia iniciar a sua resposta, RAP faz uma afirmação – “...sabe que fui eu, eu posso confessar”. A deixa foi aproveitada por JrS: “... então está encontrado o bode expiatório”, e recomeçou de seguida o desenvolvimento da sua resposta, com as críticas ao PS e PSD. Na R10, JrS lançava argumentos contra o sistema capitalista e o humorista interrompe com uma opinião quando o líder dos comunistas sugere que o “Deus dos católicos” está a ser substituído pelo “deus dos mercados”, e RAP acrescenta: “que é muito mais poderoso, acho eu”. JrS utiliza a opinião de RAP e diz: “... mais poderoso porque está omnipotente e omnipresente...” e segue o seu raciocínio crítico já validado pelo entrevistador.

4.1.6.2. As respostas de Catarina Martins

As respostas da líder do Bloco de Esquerda são construídas, essencialmente, com recurso à retórica humorística. Com exceção da R4, onde CM evocou a boa educação para não responder e envolveu os próprios humoristas, em todas as outras questões a líder bloquista evocou implícita ou explicitamente situações que usou para criticar o governo PSD/CDS, sendo o principal visado PPC. O quadro 4.6 resume argumentos referenciados e os visados pela crítica de CM na entrevista (Anexo D).

Quadro 4.6 - Referências e visados nas respostas de CM no ITMBM.

Respostas	Referências implícitas ou explícitas na retórica humorística	Visados nas Respostas
R1	Recusa da ideia de BE ter apoiado um partido neonazi	PSD RAP
R2	Subscrição pública proposta por PPC para resolver caso BES	PPC
R3	Governo PSD/CDS submete-se ao que determina a Alemanha	PPC
R4	BE vai ter um bom resultado eleitoral	RAP e Gatos Fedorentos
R5	Relações de PPC com pessoas envolvidas em polémicas Caso Tecnoforma Caso BES	PPC
R6	Incompatibilidades entre os dissidentes e Intenção do governo de privatizar CP	Dissidentes do BE e PPC
R7	Lembra papel de Mariana Mortágua na comissão BES e considera que há quem precise de fazer muitas limpezas nas suas fileiras	Elogio de Mariana Mortágua Crítica sem destinatários explícitos
R8	Nas eleições o BE vai ter um bom resultado eleitoral	RAP
R9	PPC foi líder da Juventude Social Democrata e AJS da Juventude Socialista	PPC e AJS
R10	A mudança de discurso político de PP enquanto líder do CDS-PP	PP

A ironia é a figura de humor que dominou o discurso de CM durante toda a entrevista. Os argumentos políticos são reconstruídos numa linguagem própria do campo do humor, o que transforma a entrevista num jogo de palavras entre entrevistada e entrevistador.

Ao humorista, o jogo permite-lhe evoluir no seu objetivo principal que é fazer rir. RAP interrompe CM, nas premissas, em metade das respostas (R3, R5, R6, R7 e R8) e todas são alvo de comentários por parte do humorista quando CM conclui o seu raciocínio, o que provoca, com exceção de dois casos (R2 e R10), respostas criadoras de novos momentos de humor. A CM, a linguagem retórico-figurativa da ironia criadora de tropos e capaz de cruzar sentidos permite-lhe desviar sistematicamente a crítica, por vezes, violenta que recai sobre si e sobre o partido que lidera. A construção e desconstrução metafórica a partir do texto das questões marca o estilo verbal da líder do Bloco, que altera sentidos e prolonga as respostas procurando caminhos que a afastem da rede de armadilhas criada pelo humorista.

CM nunca interpelou nem a plateia, nem os espetadores, mesmo quando entrou no estúdio e foi aplaudida não reagiu, limitou-se a sentar-se e a concentrar-se no humorista. CM mostrou-se mais concentrada em passar a prova do humor e atacar os adversários que ocupavam o governo, deixando de fora os restantes partidos e líderes, do que afirmar as ideias políticas do BE ou contra-argumentar. Procurou construir a imagem de uma líder bem disposta e com humor aproximando-se da linguagem do humorista o mais possível.

PPC, enquanto primeiro-ministro, foi o alvo mais visado pela líder do Bloco, seis vezes (R2, R3, R5, R6, R7 e R9), RAP é visado em três respostas (R1, R4 e R8), os dissidentes do BE, na R6, PP, em uma (R10) e o PSD na R1. O PCP e o PS nunca foram visados. Do PCP, a

líder do bloco recusa-se a falar (R4) e o PS nunca é mencionado, nem nas questões nem nas respostas.

CM ouve atentamente as questões, só interrompe o entrevistador em duas questões (Q3 e Q6). Na Q3, a interrupção é concretizada quando o humorista lança os dados, e em que é conhecida a sua intenção de comparar os debates políticos entre os líderes dos partidos concorrentes às legislativas com jogos de futebol:

RAP – (...) fazendo um paralelo entre os debates da campanha e os jogos do campeonato do mundo de futebol acha que podemos dizer...

CM – Futebol!

RAP - ... não é muito forte em futebol...

CM - ... não, mas...

RAP - ...eu acho que vai compreender... (Anexo D:13-17)

A resposta de RAP à interjeição “Futebol!” permite compreender o significado e identificar uma dificuldade da entrevistada que é confirmada no contexto irónico da sua resposta: “Eu de futebol, realmente, não percebo, em todo o caso...” (Anexo D:18). Na Q6, RAP é interrompido, no momento da chamada de atenção, quando anuncia “um problema filosófico” e considerando a questão “complicada”. Nesta fase, CM lança uma interjeição de concordância: “Sim!”, que expressa no contexto a ideia de consentimento, que está pronta para o ouvir e após RAP reiniciar o texto volta a ser interrompido ao lançar os dados através de uma alegoria – um cachorrinho preso na linha do comboio – CM expressa-se através da interjeição “Ui!”, que significa dor ou expectativa sobre o que vai RAP dizer. Já na fase do desfecho humorístico, conhecendo exatamente o assunto, as dissidências no BE, a líder decide confirmar o que já tinha sido transmitido no princípio por RAP, que a questão era difícil: “Essa é muito difícil.” (Anexo D:35-41).

Com exceção da R1 a que foi dado um tom mais sério e apresentados argumentos lógicos, as respostas de CM podem ser divididas, do ponto de vista da sua estrutura, em duas partes. Na primeira, constrói um texto à medida do tempo que necessita para preparar a forma de se libertar da armadilha criada pela sátira, sendo que, por vezes, os comentários do entrevistador ajudam a concretizar o objetivo. A segunda parte integra a conclusão que é construída como no campo do humor, onde existe um desfecho humorístico que surpreende pelo absurdo e pela crítica sarcástica que lança sobre os adversários (Anexo H). Por exemplo, na R5 (Anexo D:30-34), CM utiliza a palavra “convívio” muda-lhe o sentido crítico com que tinha sido utilizado na

questão (Q5) e utiliza o sujeito universal “há quem”, associando o BE ao conceito de convívio definido por si, como uma forma positiva de estar na política ao contrário de outros que a exercem por “dinheiro” ou pelo “negócio”. De seguida ataca PPC, e a interrupção de RAP dá seguimento a novos ataques a homens de negócios envolvidos em casos judiciais, Ricardo Salgado e Zeinal Bava, que foram ouvidos na comissão parlamentar de investigação ao caso BES. CM conclui ironicamente que eles também devem “ter gostado desses convívios”, que foram “muito interessantes” para o Bloco. Na R8 (Anexo D:62-68), confrontada com uma questão que punha em causa o peso político parlamentar do Bloco, por ter perdido metade dos parlamentares em 2011, CM decide começar por atacar o humorista, vitimizandose: “Isto agora já começa a ser um bocadinho mais um ataque do que uma entrevista (...) isto é para eu ser trucidada nas redes sociais”. RAP recorda o episódio que opôs AC ao jornalista Vítor Gonçalves numa entrevista na RTP: “Então, mas eu sou o Vítor Gonçalves e a Dra. Catarina Martins é o António Costa “tá-me” a atacar as perguntas. A intervenção permitiu a CM iniciar a sua conclusão e nela afastar a ideia de diminuição de deputados ao dizer que costuma ir de elétrico para o parlamento tendo esse transporte “mais de 50 lugares”, ao contrário dos quatro possíveis do táxi ou da Uber. Na R10 (Anexo D:74), a questão julgava a forma como CM exercia a sua função política dado a sua aptidão para representar, adquirida na profissão que exerceu, a de atriz. CM inverteu o sentido da crítica e transferiu toda a carga acusatória para PP: na primeira proposição, a ironia é utilizada para pedir “humildade” em relação à capacidade de PP para desempenhar diferentes papéis; na segunda parte da resposta, estabelece o confronto com a sua experiência pessoal como atriz - “mas face aquele que já foi o homem da lavoura o partido dos contribuintes o partido dos pensionistas tantos papéis que encarnou nos últimos tempos” conclui que “ele é mesmo muito bom”. Com a ajuda da intervenção de RAP, a resposta foi validada, quando este diz que esteve a ver e concluiu que PP desempenhou mais papéis do que o ator Marlon Brando, um ator com uma longa carreira no cinema e no teatro.

CM ignora, em todas as questões, uma boa parte ou a maioria dos julgamentos que lhe são dirigidos bem como os factos mencionados e concentra-se na retórica humorística. A R1 é a única, em dez respostas, em que CM se mantém num estilo argumentativo lógico, mais sério, por oposição ao estilo humorístico. Responde à questão que é colocada sobre se a hipotética vitória do BE nas eleições levaria a uma coligação com os “neonazis do PNR”, por comparação com a aliança que o *SYRIZA* tinha feito na Grécia com os Independentes. CM negou e esclareceu que na Grécia isso também não tinha acontecido, corrigindo RAP, que num comentário juntou neonazis e conservadores. Em resposta, CM ataca-o dizendo: “eu não gosto

de conservadores tenho algum cuidado em não os tratar por nazis”, o que pressupõe que RAP também deveria ter esse cuidado, em não os juntar por haver nítidas diferenças que já tinha explicado. Na explicação atacou o PSD quando afirmou que na Grécia o tratamento dos refugiados era diferente do que ocorria na Hungria, “que é dirigido pelo partido irmão do PSD...”, ou seja, associou o PSD aos conservadores que mais reprovava.

Nas R2, R3, R5, R6, R8, R9 e R10, CM inverte o sentido crítico das questões levantadas. Na Q2(Anexo D:11), o repto do humorista visava o BE por ter apoiado o *SYRIZA* e querer ver-se livre dessa associação, CM inicia a R2 (Anexo D:12) com humor irónico e direciona o ataque para Passos Coelho evocando o caso da subscrição pública que Passos tinha dito que subscrevia para ajudar os lesados do BES; na R3 (Anexo D:18-20) a pergunta incluía uma metáfora entre política e futebol, CM desconstrói a metáfora inicial que criticava o BE e reconstrói-a invertendo o sentido da crítica, passou, mais uma vez de alvo do ataque a atacante, criticando PPC que no contexto da União Europeia se deixava dominar pela Alemanha; na R5 (Anexo D:30), a questão apontava para a crítica a posições políticas assumidas pelo BE, a resposta foi prolongada e construída toda uma argumentação crítica sobre PPC evocando os casos que o envolveram na Tecnoforma, por falta de pagamento de dívida à segurança social, o elogio que fez a Dias Loureiro ex-administrador do BPN, nessa altura, arguido no caso, e ainda a permanência no governo de Miguel Relvas envolvido numa polémica que punha em causa o seu percurso académico, na altura em investigação. Depois de um comentário de RAP, a líder do Bloco ataca Zeinal Bava e a Ricardo Espírito Santo quando foram depor à comissão de inquérito sobre a falência do BES; a R9 (Anexo D:70) também inverteu o sentido da crítica do repto do humorista que recaiu sobre CM pelas características da sua liderança. Na resposta a crítica foi habilmente virada contra PPC, não contra-argumentando, mas procurando um sentido que afastasse dela aquele que era o seu julgamento; e na R10 (Anexo D:74) o caminho é o mesmo, a inversão de sentido sobre quem recai o ataque humorístico, se a questão atacava a forma como desempenhava o seu papel na política, na resposta o visado passou a ser o líder do CDS-PP, PP.

Na R6 (Anexo D:42-48), CM prolonga a resposta até encontrar os argumentos que lhe permitiram inverter o sentido da questão. Se o ataque feito na questão visava as dissidências no BE, a resposta visou PPC criticando-o por pretender privatizar a CP. Enquanto prolongou o seu discurso, transformou a zanga dos dissidentes com o partido numa incompatibilidade entre eles: “bem também não é muito provável que eles estejam os quatro no mesmo comboio”. Na R8 (Anexo D:62-68) CM prolonga igualmente a resposta até se conseguir libertar das armadilhas

do humor do repto humorístico, procurando uma forma de se afastar do facto evocado na Q8: “em 2009 o Bloco tinha 16 deputados em 2011 ficou com 8” (Anexo D:61).

As respostas R4 e R7 foram dadas em função, não da questão levantada, mas de outra questão imaginada por CM. Por exemplo, na R4 (Anexo D:22-28), a crítica ao BE e ao PCP por recusarem integrar governos foi alterada noutra perspetiva. CM recusou-se a falar sobre o PCP alegando questões de educação e falou de uma hipotética ida do Bloco para o governo. Na resposta envolveu o humorista e brincando com o título do programa pediu-lhe que ele e os Gatos Fedorentos animassem os conselhos de ministros. A Q7 questionava CM sobre as dissidências no BE, na R7 (Anexo D:50-60), Catarina Martins recupera a metáfora do futebol usada na Q3 e usa a expressão do futebol “mercado de transferências”, puxando a questão para a entrada de outros militantes que considerou terem muito valor para o partido. É RAP que fala em Mariana Mortágua, a deputada que na altura teve um papel muito ativo na comissão de inquérito ao BES, isso foi reconhecido publicamente e amplamente mediatizado. Após a intervenção do humorista, CM prolonga a resposta e vai encontrando argumentos para se distanciar da crítica inicial e ao mesmo tempo fazer humor com as metáforas usadas por RAP na questão.

Os comentários de RAP às respostas de CM expressam na maioria dos casos concordância com aquilo que disse a líder do Bloco. Em 27 vezes que intervém durante/ou no final da resposta, 23 são para expressar interjeições, locuções interjetivas, comentários que apoiam/reforçam a crítica feita pela entrevistada: “Certo” (R1, R3, R4 e R8); “Muito bem” (R7 e Q9), “É verdade. Confirmo!” (Q4); e, por exemplo, o comentário de RAP à R10 que apoia o raciocínio e crítica irónica feita a PP por CM: “Sim eu estive a ver e são mais do que o Marlon Brando estive a confirmar” (Anexo D:75), ou o comentário à R7 que apoia a crítica expressa por CM de haver a necessidade de “fazer muitas limpezas por aí” (Anexo D:58), em que RAP conclui, após a resposta de CM, que: “O bloco vai ficar um bocado encardido se lavar tudo o que há para lavar...” (Anexo D:61).

Por duas vezes, as interferências de RAP nas respostas acentuaram o ataque que recaiu sobre a entrevistada no repto humorístico, isso acontece logo na primeira questão levantada: “Eram nazis mais civilizados, os deles” (Anexo D:5);, “Pra mim vai tudo a eito” (Anexo D:9). As duas ideias reforçam o que tinha sido dito (Anexo D:3), no primeiro caso pressupõe que efetivamente são nazis, referindo ironicamente que a única diferença era o nível de civilização em relação aos portugueses do PNR; no segundo caso a convidada procurava fazer a distinção entre conservadores e nazis, e RAP não deixou, incluindo o seu ponto de vista, para ele eram

todos iguais. CM contestou a ideia e RAP acaba por reconhecer que tinha sido vencido: “Pumba! já almocei” (Anexo D:11), a expressão popular portuguesa que significa, para quem a pronuncia, que face ao que foi dito já não tem mais argumentos para combater aqueles que foram expressos pelo interlocutor. Por uma vez, o comentário de RAP atinge outro líder fazendo uma comparação: “Então, mas eu sou o Vítor Gonçalves e a Dra. Catarina Martins é o António Costa “tá-me” a atacar as perguntas... (Anexo D:63). Estava implícito o caso que envolveu AC e o jornalista que o entrevistava na RTP, quando AC acusou o jornalista de estar a fazer perguntas encomendadas pela oposição.

CM utilizou 31 vezes o pronome pessoal “eu”, colocando-se dessa forma como total responsável pelo discurso, que foi maioritariamente situado no campo do humor, só cinco vezes utilizou o pronome pessoal “nós”, mas sempre numa partilha de responsabilidade que servia uma estratégia de construção de ironia (R2, R5 e R10).

A linguagem corporal de CM é coerente com o discurso irónico que utiliza, a sua expressão facial assume uma configuração ironicamente séria em muitos momentos das respostas e afirma o discurso com movimentos das mãos. Enquanto ouve as perguntas assume frequentemente uma expressão de atenção com um sorriso, umas vezes mais aberto outras mais fechado (figura 4.25).



Figura 4.25 – Expressão facial – ouve questão.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:14:58.8 - 0:15:01.4 (Figueiredo, 2015c).

São também detetados alguns momentos de desconforto visíveis nas suas expressões faciais. A Q6 (Anexo D:35), é a questão onde há uma reação visível de surpresa e alguma apreensão sobre o que vai dizer RAP (figura 4.26).



Figura 4.26 – Expressão facial/gestos com mãos.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:14:35.9 - 0:14:36.7 (Figueiredo, 2015c).

Na resposta R6 são encontradas muitas hesitações e pausas:

CM - Quer dizer uma pessoa tem que defender (h) temos que proteger as 4 pessoas não é (h) claro...

RAP – Claro!

(...)

CM - Portanto (pausa) os! (pausa) a minha (h) bem (h) também não é muito provável que eles estejam os 4 no mesmo comboio (pausa) (RAP ri à gargalhada) em qualquer caso (pausa) em qualquer caso se eu tiver sorte e mais uma vez Pedro Passos Coelho virá em meu socorro e já suprimiu esse comboio porque está a pensar em privatizar a CP... (Anexo D:42-46)

É perceptível que a partir do momento em que encontra a forma de atacar o adversário, o texto sai com fluidez, isso acontece quando diz “em qualquer caso” pela segunda vez.

Na R2, CM reagiu à sua própria resposta, depois de utilizar o termo “entalada” faz uma pausa e acentua uma expressão pensativa e só depois reinicia a resposta cujo conteúdo é um ataque a PPC (figura 4.27).



Figura 4.27 – Expressão facial CM – R2.

Fonte: CatMartins_16SetembroTVI_ITMBM: 0:11:36.2- 0:11:37.10 (Figueiredo, 2015c).

A aproximação ao humorista, para além de entrar por completo no campo humorístico é, ainda, estabelecida pela forma de tratamento pessoal tratando-o apenas pelo primeiro nome:

“Ricardo” (R4, R7 e R10). Na R10, o nome é antecedido por uma forma de exortação: “Ó Ricardo”, uma forma enfática de linguagem que tem como objetivo estabelecer uma relação com o seu interlocutor (Rebelo, 2002, p. 107). CM chama a atenção de RAP, para o confrontar, de forma irónica, com as qualidades performativas de PP, que considerou serem melhores que as dela, apesar dos seus 15 anos de atriz. CM referiu-se ao líder do CDS como alguém que muda facilmente de rumo político para conquistar eleitorado, fingindo ser o que não é:

devemos ter todos bastante humildade não é tive 15 anos de atividade, mas face aquele que já foi o homem da lavoura o partido dos contribuintes o partido dos pensionistas tantos papéis que encarnou nos últimos tempos eu confesso que nós devemos ter todos uma certa contenção não é ele é mesmo muito bom. (Anexo D:74)

4.1.6.3. As respostas de Paulo Portas

A entrevista a PP decorreu com muitos momentos de tensão entre entrevistador e entrevistado. A crítica humorística colocava, sistematicamente, em causa a ação governativa de PP que procurava libertar-se da teia em que era envolvido, enveredando pelo ataque aos adversários e ignorando os ataques que lhe eram dirigidos.

O quadro 4.7 resume argumentos centrais e visados pelas respostas de PP durante a entrevista (Anexo E).

Quadro 4.7 - Argumentos centrais e visados nas respostas de PP no ITMBM.

Respostas	Argumentos Centrais	Visados nas Respostas
R1	Não havia alternativa às políticas do governo face à situação económica de Portugal	PS
R2	O pior já passou agora o futuro é para recuperar e melhorar as condições de vida das pessoas	PS
R3	Quem andou a disfarçar as contas foram os socialistas e as pessoas sofreram os efeitos dessa forma de governar	PS
R4	O PS criou problemas económicos e não reconhece os erros que cometeu	PS
R5	Identifica-se como revogador- anulou a sua decisão de se demitir	RAP
R6	Põe em causa os princípios democráticos de AC	AC e JrS e o comunismo
R7	O seu empenhamento em resolver questões económicas para que a <i>troika</i> se retirasse de Portugal	<i>Troika</i> e PS
R8	Não concorda com a Constituição por ter inscrita a ideologia socialista	Socialismo
R9	O sucesso da sua ação enquanto responsável pela diplomacia económica	Oposição
R10	O facto de Portugal ter muitos séculos de história – “sermos antigo”- dificulta a mudança, as reformas.	PS e RAP
R11	Os números da economia que melhoraram por ação do governo PSD/CDS são mais importantes do que ser nº 2 do governo	Elogio à governação do PSD/CDS
R12	Fragilizar RAP lembrando a sua ligação ao PCP	RAP

O PS e AC, RAP, JrS, as ideologias comunista e socialista, a *troika* e toda a oposição foram os alvos da crítica do líder do CDS-PP.

PP nunca respondeu às provocações que lhe foram lançadas sobre PPC e assumiu, em muitos momentos, uma postura ofensiva e um contra-ataque irónico. Ao longo da entrevista procurou construir a imagem de alguém que está do lado certo da política, por ter participado num governo que retirou o país da situação em que os socialistas o tinham deixado. Construiu sempre a ideia de que o seu trabalho no governo tinha sido essencial para o desenvolvimento económico de Portugal e que as soluções políticas encontradas eram as únicas possíveis. Mostrou-se solidário com as pessoas que sofreram com os efeitos das políticas do PS, exprimindo preocupação com a possibilidade dos socialistas poderem voltar a governar. A procura de um *ethos* de seriedade e de competência foi um esforço feito em cada resposta face a questões que procuravam contrariar essas características.

A tentativa de PP se identificar com os interlocutores, anfitrião e audiência, foi estimulada por um discurso persuasivo, modalizado por uma linguagem verbal figurativa: utilizou metáforas, expressões e vocabulário popular: “cheta e pilim” (Anexo E:16) em vez de dinheiro; “Você leva aqui” (Anexo E:99); “esse abanão”, “vimo-nos gregos, mas não ficámos gregos” (Anexo E:20); “maquilho” (Anexo E:28). Recorreu a expressões utilizadas na medicina psiquiátrica: “um PS *clean*”, “um PS no divã”, “entraram em negação” (Anexo E:44). Reutilizou algumas metáforas empregues nos reptos humorísticos pertencentes a outro campo semântico-pragmático como, por exemplo, na R9 - “Então vamos falar de talho” (Anexo E:77)- a figura do talho que tinha sido utilizada por RAP na questão para criticar Portas (Anexo E:74-76), foi utilizada por PP para fazer o autoelogio da sua ação política, e na R3 a imagem do *botox*, com que tinha sido criticado, foi utilizada para tecer críticas aos socialistas (Anexo E:25-28). A repetição verbal foi, igualmente, uma estratégia que permitiu sublinhar e fixar sentidos de forma persuasiva: “a dívida estava em 110% do PIB as taxas de juro estavam acima de 10% e o défice estava acima de 10%” (Anexo E:16); “veio o resgate veio a *troika* veio o memorando e veio a recessão” (Anexo E:20); bem como, a utilização de uma linguagem dinâmica recorrendo a verbos transitivos: “eles assinaram o papel chamaram a *troika* a gente rasgava o papel” (Anexo E:16). Portas utiliza a palavra “gente” com o significado de “pessoas/povo com carácter” e utiliza-a num jogo de persuasão discursiva: “nós somos gente antiga e gente brava e que a gente não gosta de gente que vem de fora dar-nos opiniões” (Anexo E:65).

Portas prolongou algumas respostas e durante esse espaço de tempo procurou encontrar um discurso de escapatória à crítica de que estava a ser alvo. As respostas eram iniciadas por

ataques explícitos: motivos para não responder, autoelogios e notas prévias e a partir desses ataques construía um discurso em sua própria defesa. Por fim tirava uma conclusão explícita, tentando clarificar o seu pensamento (Anexo H).

PP acompanhou o discurso verbal com gestos das mãos e muitas expressões faciais que imprimiram coerência e assertividade ao discurso. Em alguns momentos, tanto enquanto ouvia as questões como quando dava as respostas, foram detetados gestos que ocorreram só naquelas situações, enquanto outros se repetiram ao longo da entrevista. As exceções estão associadas a momentos em que o discurso verbal também sofreu alterações com a produção de um discurso hesitante nas respostas. A tensão da entrevista é percebida no discurso verbal com o recurso sistemático a interjeições de vária ordem, tanto no início das respostas como por interferências nas questões, mas também nas expressões corporais. Sem ter em conta a Q1 (Anexo E:3), em que a interferência de Portas na questão Ihe é explicitamente induzida pelo humorista, o líder dos centristas só não interferiu em quatro questões (Q6, Q7, Q10 e Q11), sendo que nas restantes sete houve interferências. Na Q2 e Q3 foram expressas interjeições de concordância: “Certo!, Sim!” e interjeições vocais: “Hum! Hum” com o mesmo sentido. Na Q2, enquanto o humorista pergunta: “o que é que vão fazer na próxima legislatura” (Anexo E:19), Portas coça o pescoço (figura 4.28).



Figura 4.28 - Expressão corporal – Q2.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:12:56.3 - 0:12:57.4 (Figueiredo, 2015d).

Na Q4 e Q12 as interferências atingem o humorista de forma irónica. Na Q4 face ao facto de em 2005 os eleitores terem atribuído maioria absoluta a Sócrates, PP confirma e interrompe: “É verdade. Só começo por dizer uma coisa (aponta para o pine no casaco de RAP) (...) o pine não aumentou (...) você disse que ele ia aumentar”, em causa fica a palavra do humorista. A estratégia é de distração do tema central do facto mencionado no repto de RAP, prolongar a resposta até encontrar uma forma de se libertar da crítica humorística e inverter o seu sentido crítico, que acaba por ser dirigido ao PS (Anexo E:29-44). Na Q12 a interrupção é feita de

novo com recurso ao pine, PP diz-se “fascinado” por ele, RAP questiona-se se estará direito e Portas ataca: “visto daqui está do lado direito (...) o que em si é estranho” e ri à gargalhada, estabelecendo uma diferença ideológica entre ambos (Anexo E:102-110). Na Q5 e Q8, as interferências servem para se antecipar ao discurso do humorista: na Q5 PP diz o termo “irrevogavelmente” ao mesmo tempo que o humorista (Anexo E:47-48) e na Q8 (Anexo E:66-68) antecipa-se ao revelar que o livro que RAP tem na mão é a Constituição Portuguesa. Estratégias verbais que vão quebrando o discurso muito crítico que antevê, e que são acompanhadas por expressões corporais e gestos que indiciam desconforto/nervosismo. Enquanto diz: “isso é a Constituição” (Anexo E:67) PP mexe no nariz; e ajeita os colarinhos da camisa de um lado e do outro enquanto o humorista afirma: “era giro, se calhar, até ler em voz alta lá no Conselho de Ministros (ajeita colarinhos da camisa) nós arranjamos maneira deste livro fazer parte do programa *LER+*”(Anexo E:68) (figura 4.29).



(imagens ampliadas)

Figura 4.29 - Expressão corporal - Q8.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:19:12.5 - 0:19:13.1 (Figueiredo, 2015d).

O confronto com o anfitrião é permanente, logo na R1, Portas avisa que o contrato estabelecido com o interlocutor de participação num programa de humor pode não ser cumprido: “Ó Ricardo, nós estamos num programa de humor e eu vou tentar manter (...) esse registo”(Anexo E:12-14). A forma perifrástica verbal “vou tentar” indica que não está garantida a manutenção do contrato inicial e a responsabilidade é imputada ao entrevistador, já que as questões levantadas são sérias e, por isso, a resposta tem de ser séria: “Há uns assuntos que são mais sérios do que outros e portanto a primeira parte da resposta tem de ser mais em tom sério”(Anexo E:16). Ficou expressa a ameaça do recurso a um “tom sério” que não serviria o objetivo do programa. A resposta do entrevistador inclui o pressuposto irónico de não haver a garantia de que o programa seja de humor: é de humor “quando corre bem”, ou seja, é pressuposto que também pode correr mal (Anexo E:13-15). Na R12 PP ataca RAP expondo a sua ligação ao PCP. Depois de muitas interrupções/hesitações no raciocínio com que iniciou a

resposta: “Bem (h)é assim (h) olhe (h)eu (h) há uma coisa que eu lhe garanto. (pausa) eu já lá estou há um tempo(h) isso é verdade e...”, decide-se pelo ataque a RAP: “no CDS pode ter a certeza que ninguém terá a longevidade do Dr. Álvaro Cunhal”. A comparação exprime a ideia de que afinal foi pior no partido onde RAP militou e com o líder que admirou: “que o encantou quando você era mais novinho e eu até percebo porque ele era muito inteligente o problema é que pensava mal” (Anexo E:111). Na sequência da resposta RAP acusou a ofensiva de que foi alvo com a expressão: “O senhor atirou-me o Álvaro Cunhal à cara...” e remata com uma frase demonstrando surpresa: “não estava à espera disto”. PP responde que “poderia ter sido pior”. RAP termina com uma espécie de apanhado de momentos, ao longo da entrevista, em que foi atacado por PP: “Primeiro uma lição de jornalismo, agora recordar-me...”, a frase não termina, mas está implícito que lhe recordou o seu passado político como militante do PCP e termina com uma constatação irónica: “sim senhora, arranjou aqui um eleitor arranjou...”.(Anexo E:112-114). A lição de jornalismo tinha sido dada na R5 quando PP põe em causa os conhecimentos de RAP sobre jornalismo: “esses títulos têm batidas a mais isso não dá para pôr numa primeira página de jornal” (Anexo E:56). PP usa o jargão jornalístico “batidas” mostrando logo no início da resposta que apesar de já não ser jornalista ainda se lembra e sabe do que está a falar: “Ricardo, se eu ainda me lembro do jornalismo...” (Anexo E:56).

Na R10 (Anexo E:85-95) o prolongamento do texto da resposta, até encontrar um rumo que lhe permita inverter a crítica de que é alvo, é iniciado por uma interpelação ao humorista onde é utilizado, mais uma vez, o confronto expresso na exortação: “Ó Ricardo, há quantos anos é que Portugal é Portugal”, a resposta de RAP revela atrapalhão para fazer contas: “Ora bem 1143...” o que encaminha PP para o episódio mediático do equívoco nas contas públicas protagonizado pelo líder do PS, António Guterres. Em 1995, ainda candidato ao lugar de primeiro-ministro, Guterres tropeçou numa série de números ao não conseguir fazer uma conta, perante um grupo de jornalistas, com o objetivo de demonstrar a percentagem do PIB que ia para área da saúde. O episódio levou à conclusão de que também não conhecia o valor do PIB português. Ao longo da resposta, o objetivo de PP foi fragilizar o humorista demonstrando que afinal não foi só Guterres que não conseguiu fazer as contas, RAP também estava em dificuldades. PP amenizou a situação considerando que o erro é humano: “é a coisa mais humana que há, vá lá 1143 para 2015 dá quanto?”. Mais uma vez ficaram em causa na resposta o PS e o humorista enquanto na questão o visado era PP, quando RAP lembrou o compromisso de Portas de elaborar o guião para reformar o Estado e nunca o fez. À provocação que constitui a Q11 (Anexo E:96) sobre ambição de PP querer ser primeiro-ministro, mas afinal

ser o número dois, PP responde de forma curta e direta:” Eu já aceitei isso há muito tempo” (Anexo E:97) e RAP acentua com acutilância: “A sério este número não custa a digerir” (Anexo E:98). O líder do CDS-PP inverte a resposta a seu favor (Anexo E:99-101) relevando o bom desempenho da economia com o desemprego a descer e considerando que esses números, os indicadores económicos, é que são verdadeiramente importantes para o país e não ele ser o número dois do governo. A inversão de argumentos é iniciada por uma proposição cujo significado implícito atinge RAP: “Agora em contrapartida você leva aqui com 20 segundos de números”, o que pode ser lido como a ideia de que quanto a si, PP, está tudo bem, mas quem vai ficar com problemas é RAP, já que a resposta não ia servir o humor.

Na R7 e R9 Portas parte de ideias afirmativas a seu respeito, procurando a imagem de um homem de Estado preocupado com o futuro do país e com uma ação política que crie melhores condições para os portugueses. Na R7 ao desafio humorístico em considerar o governo pior do que a *troika*, PP responde sobre a sua preocupação pela permanência da *troika* em Portugal, expressando felicidade por terem ido embora e no percurso da resposta elogia os portugueses e adverte que é preciso ter aprendido a lição: “nunca mais ter isso a nossa frente”, concluindo com a sua opinião: “eu acho que era bom” (Anexo E:65). Na R9 opta por um autoelogio: “primeiro modéstia à parte acho que feiras não faço mal”, explicando que nos quatro anos de governo tentou vender os produtos portugueses enquanto responsável pela diplomacia económica e de seguida falou do sucesso das exportações (Anexo E:77).

Nas respostas R2, R3, R4 e R8 da primeira proposição pode inferir-se uma espécie de nota prévia para dizer, isso não é nada comigo, não fui responsável pelo que me acusa, a culpa é atribuída ao PS e ao socialismo. A R2 (Anexo E:20) é iniciada por uma interjeição que chama a atenção do interlocutor para o desdizer de imediato: “Olhe! Esse abanão levaram as pessoas com o resgate em 2011 de um dia para o outro...”; na R3 (Anexo E:26) a ideia de uma governação *botox* aplica-se, mas ao PS, o discurso é particularmente atribulado, com muitas hesitações e atrapalhões: “*Botox* é engraçado... Há! Hu! *Botox*... eu acho que andou a fazer quem andou a disfarçar as contas... *lifting* andaram...”, pedindo ajuda ao entrevistador - “*lifting* não é como se diz...”, para demonstrar que aquela não era a sua área de conhecimento, estando acima desses termos. Ao discurso verbal, quando inicia a resposta e diz “*Botox* é engraçado”, está associado o gesto de levar o indicador até junto ao olho (figura 4.30). Gesto idêntico é encontrado na R4 quando diz que: “Sabe que há uma frase que é..” (Anexo E:38) e continua a resposta, igualmente, com muitas hesitações. Nas Q3 e Q4 tinham sido severamente criticados os resultados da governação de executivos onde o CDS-PP tinha participado.



Figura 4.30 - Expressão corporal PP – R3 e R4.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:13:56.0 - 0:13:57.3 (Figueiredo, 2015d).

Na R4 Portas considerou que a palavra “loucura” usada na questão (Anexo E:37) podia ser aplicada, mas não a ele, e para tornar mais credível a argumentação recorre a uma frase de Einstein: “Loucura é (pausa) terá dito o Einstein (...) querer obter resultados diferentes fazendo a mesma coisa (...) bem eu acho que este é o problema do PS”. No início da resposta são observados movimentos atípicos de Portas, estava em posição de aparente descontração, mas quando RAP termina a questão recosta-se na cadeira ao mesmo tempo que expressa a interjeição vocal “Hum!” e deixa de fixar o olhar em RAP, como quem procura argumentos para responder (figura 4.31).



Figura 4.31 - Expressão facial -R4

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:13:56.0 - 0:13:57.3 (Figueiredo, 2015d).

A R4, logo no início, foi interrompida por RAP dando-lhe carga emocional ao expressar “medo” sobre o que iriam fazer os eleitores no momento do voto, já que em 2005 tinham dado maioria absoluta a Sócrates. Portas também disse estar com medo, mas esclareceu que por razões diferentes. O líder dos centristas vinca desta forma as diferenças ideológicas entre os dois, ideologia socialista vs liberal (Anexo E:39-40). Uma diferença que foi exposta também na R8 depois de PP ter sido associado por RAP a personagens fictícias, irmãos entre si, que praticavam atos ilícitos e a quem foi comparado por ter governado á margem da Constituição

(Anexo E: 68). PP afasta a acusação recorrendo à família: “Não, nem eu nem o meu irmão Miguel nem a minha irmã Catarina temos esse nome (irmãos Dalton)” (Anexo E:69). De seguida colocou a tónica na necessidade de alterar a Constituição recusando o socialismo que nela está contido. Mais uma vez não responde à provocação e encontra o caminho para dela se afastar.

Na R6 declara “objeção de consciência” para não responder a uma questão que satirizava a prestação política de PPC no debate com AC. PP recusa entrar nesse jogo e afasta-se da questão virando o sentido da crítica para JrS e AC. Acusa-os de não quererem debater com ele, juntando o líder dos comunistas ao líder dos socialistas numa atitude antidemocrática:

Jerónimo de Sousa não quer debater comigo e eu isso acho normal porque em nenhum país comunista houve algum debate com o adversário a menos que fosse o último e o António Costa, enfim, todos os dias enche a boca com a democracia, achei um bocadinho esquisito aquela coisa do... “eu com aquele não debato” (Anexo E:61)

A frase: “em nenhum país comunista houve algum debate com o adversário a menos que fosse o último” permite inferir que essa falta de democracia também atingiu AC.

PP utiliza o pronome pessoal “eu” 36 vezes. O pronome coletivo “nós” é usado 8 vezes para se referir a ele e ao RAP (R1), à coligação governamental (R1, R7), a Portugal e aos portugueses (R7, R9).

Todo o discurso de PP é altamente modalizado tanto pela utilização semântico-pragmática das palavras como pela fonética, pela expressão facial e pela utilização das mãos. Enquanto ouve as questões assume uma posição de descanso físico expressando um sorriso uma posição em que, potencialmente, transmite conforto e descontração (figura 4.32).



Figura 4.32 - Postura PP enquanto ouve questões.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:11:44.4 - 0:11:46.4 (Figueiredo, 2015d).

Em algumas respostas (R2, R4 e R11), cada argumento é afirmado com os gestos de contagem feita pelos dedos (figura 4.33).



Figura 4.33 - PP enumera argumentos na R2.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:13:07.0 - 0:13:09.4 (Figueiredo, 2015d).

Por vezes, usa o gesto de apontar com o indicador tornando mais agressiva a crítica, que expressa por palavras, como acontece na R6 quando disse: “eu com aquele não debato”. O gesto representa a atitude de AC quando se recusou a debater com PP. Infere-se que PP considerou essa atitude como uma posição agressiva e acusatória dirigida a si (figura 4.34).



Figura 4.34 - Gesto com mãos de PP na R6.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:17:46.6 - 0:17:49.3 (Figueiredo, 2015d).

Na R12 o dedo foi apontado a RAP para lhe dizer: “que (Álvaro Cunhal) o encantou quando você era mais novinho”. O gesto vinca o sentimento crítico da afirmação (figura 4.35). Poderíamos dizer que se RAP lhe “apontou” palavras para o criticar (Anexo E:110) naquele momento era a vez de Portas lhe “apontar” o dedo, acusando o líder do partido em que RAP tinha militado de “pensar mal” (Anexo E:111).



Figura 4.35 - Gesto com mãos de PP na R12.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:24:20.8 - 0:24:22.1 (Figueiredo, 2015d).

As mãos acompanham, sistematicamente, o discurso. Por exemplo, na R1 faz o gesto de rasgar o papel, na R3 enquanto diz: “deixa cá ver se eu maquilho”, sendo o pronome “eu” utilizado em referência aos socialistas, faz com as mãos um gesto de arranjar/ajeitar, desenha uma bola no ar vincando a artificialidade das contas socialistas (figura 4.36).



Figura 4.36 - Gesto com mãos PP -R1 e R37.

Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:12:39.0 - 0:12:42.0 (Figueiredo, 2015d). Fonte: PauloPortas_17SetembroTVI_ITMBM: 0:14:11.2 - 0:14:12.4 (Figueiredo, 2015d).

As interferências de RAP nas respostas de PP acontecem em oito respostas por iniciativa do humorista: na R1, R4 e R11 no início, na R8 durante os argumentos de justificação e na R5, R6, R9 e R12 na fase de conclusão; e em duas respostas (R3 e R10) por interpelação do entrevistado. Na R1 (Anexo E:12-15) o humorista defende-se da ofensiva de PP; na R4 reage ao que diz Portas e no percurso de troca de palavras RAP acentua a crítica feita na Q4 (Anexo E:29-37); na R11 e R8 a intervenção de RAP nestas respostas também acentuou a crítica da Q11(Anexo E:96-98) e da Q8 (Anexo E:66-68); na R9 a intervenção dá a deixa PP para prosseguir o autoelogio das políticas do governo; na R12 relembra pontos em que foi atacado pelo entrevistado (Anexo E:112-114).

No final da entrevista PP decide reagir aos agradecimentos de RAP e mostrar que gostou de estar ali e que estava disposto a continuar, dando indicações que até poderia regressar em próximas edições: “Você na próxima vai fazer estas entrevistas?” Podemos inferir que, dada a tensão em que decorreu a entrevista e os ataques a que foi sujeito, PP procurou, com esta reação, atenuar ou antecipar os julgamentos que pudessem ser feitos sobre a sua prestação.

4.1.6.4. As respostas de António Costa

AC transformou a entrevista num jogo de palavras. Jogou com as palavras e rábulas criadas pelo entrevistador para fazer humor e sempre à procura de formas de se libertar da crítica. Em algumas respostas usou argumentos, noutras procurou através da retórica humorística dar por terminada a resposta o mais rapidamente possível, evitando prolongar o tema. O quadro 4.8 resume argumentos e os visados nas respostas na entrevista a AC (Anexo F).

Quadro 4.8 - Argumentos e visados nas respostas de AC no ITMBM.

Respostas	Argumentos	Visados nas Respostas
R1	Afirma o seu otimismo	---
R2	Distinguir arguido de acusado	Defende Sócrates
R3	Os portugueses não devem votar no PSD	PPC
R4	Garantir confiança para aplicação do programa eleitoral do PS	---
R5	Ironia sobre caso em quem foi protagonista	Jornalistas
R6	Agiu como agiu por ser uma pessoa sincera	Jornalistas
R7	Foi o TC que salvou os portugueses das políticas do governo de direita	PPC e PP
R8	Prometer que não cortará rendimentos se vencer eleições e até irá repor	Governo PSD/CDS
R9	Garantir que não vai aplicar políticas de austeridade	PPC
R10	PPC nunca fala verdade	PPC
R11	Os portugueses não devem votar na aliança de direita	PàF e PPC

Na entrevista AC desvalorizou as polémicas em que esteve envolvido, mas os casos e polémicas implícitas nas questões ficaram, sistematicamente, sem qualquer referência. Nos casos explícitos, Costa reconheceu os erros, não se desdisse, não contra-argumentou, mas desviou o sentido das provocações. Uma vez desembaraçou-se dos julgamentos com respostas curtas noutras com o prolongamento das respostas o que lhe permitia ganhar tempo para encontrar argumentos e inverter o sentido da crítica de que era o alvo.

O discurso verbal conjugado com o não verbal imprimiu assertividade aos argumentos, manteve expressões corporais estáveis e poucos foram os momentos em que existiram alterações visíveis.

Os líderes da coligação *Prá Frente Portugal*, PPC e PP foram os únicos alvos da crítica do líder socialista.

O líder do PS iniciou as suas respostas com argumentos irónicos e evoluía nas respostas no sentido de afastar a crítica, até chegar a uma conclusão explícita onde expressava dois tipos de ideias: a do ataque aos adversários ou a da reafirmação das suas políticas programáticas para as legislativas, divulgando-as e reafirmando-as, procurando deixar claras as ideias que defendia e assumindo compromissos (Anexo H).

AC procurou usar argumentos que o credibilizassem e que incutissem confiança aos cidadãos quanto às suas opções políticas, se vencesse as eleições, distanciando-se das políticas dos seus adversários que estavam no governo a quem o humor o associava.

As estratégias de inverter o sentido da crítica e da não contra-argumentação foram adotadas do princípio ao fim da entrevista. Costa desvalorizou as críticas que lhe eram dirigidas, mas nunca hostilizou o apresentador, optou por estratégias que não criavam tensão entre si e o anfitrião, pelo contrário, procurava uma aproximação com simpatia e colaborou no que lhe era proposto. Interrompeu as questões do entrevistador por três vezes (Q1, Q2 e Q10), sempre com estratégias criadoras de humor.

Na Q1(Anexo F:3-18) colaborou na rábula de abertura da entrevista dominando o espaço e o discurso sobre o tema do programa eleitoral do PS, que tinha sido alvo de julgamento e crítica humorística no programa do dia anterior à entrevista. Na Q2 ao nome gritado por RAP: “SÓCRATES SÓCRATES SÓCRATES”, AC contrapôs no mesmo tom, procurando imitar o humorista: “*SYRIZA SYRIZA SYRIZA*” (Anexo F:22-23). Na Q10 o líder socialista brinca consigo quando interrompe a questão para dizer: “Fico um bocado com os olhos em bico às vezes, sim” (Anexo F:67).

Na R6 ao ataque ao seu comportamento com os jornalistas AC volta a utilizar o humor como arma de defesa. O humorista afirma: “É a segunda pessoa (Costa) que vem cá hoje e diz, não, eu realmente trato mal outras pessoas, mas a si abro uma exceção”, é muito, muito simpático, já a senhora de cor-de-rosa fez o mesmo”. A associação de Costa à SDCDR pressupõe, no contexto da questão, a acusação ao líder socialista de que ele “trata mal” os jornalistas, mas AC associa-se à brincadeira, e ele próprio propõe a sua identificação com a SDCDR: “Eu tenho muito em comum com a senhora de cor-de-rosa” (Anexo F:46-49).

Nas Q3, Q7, Q9 e Q10 foram criticados comportamentos políticos do líder socialista pondo em dúvida as suas capacidades como líder da oposição, mas nas respostas os alvos foram os adversários. Na Q3 pressupõe-se uma personalidade ambiciosa, provocação a que AC responde

com críticas a PPC: “os portugueses não merecem cumprir mais uma pena de 4 anos de Passos Coelho” (Anexo F:32-33); na R7 as críticas ao desempenho das lideranças do PS, tanto a de AJS como a de AC, foram ignoradas e o sentido da crítica foi atingir PP (Anexo F:50-51). O comentário de RAP acabou por ajudar AC já que considerou que Portas “Também esteve muito bem sim”, depois de AC ter dito que tinha sido o líder do CDS “o que mais ameaçou a estabilidade do governo”, recuperando, implicitamente, o caso do pedido de demissão irrevogável de PP (Anexo F:52-53). Na R9, após ter sido acusado no repto lançado pelo humorista de ir aplicar austeridade tal como PPC (Anexo A:56), os argumentos de AC atingem Passos Coelho. Costa envereda pelo humor ao recuperar na resposta o nome de “SÓCRATES” e afirma que em vez de Sócrates agora a palavra certa é: “EMPREGO, EMPREGO, EMPREGO” (Anexo F:57), imitando o tom e a intensidade da voz do humorista na Q2 (Anexo F:22). Na Q10 RAP julga o comportamento político de AC num evento onde tinha dito bem do governo perante uma plateia de chineses (Anexo F:66-70), AC não contra-argumenta, mas a reação atinge PPC. AC vai buscar ao bolso uma folha com declarações de PPC para o acusar de falta de memória sobre quem chamou a troika. Uma resposta que é prolongada por um conjunto de trocadilhos, hesitações e interrupções de RAP em que AC colabora, ficando criada uma situação discursiva a seu favor (Anexo F:71-83).

Na R4 a crítica mordaz sobre a capacidade de AC para governar com o programa que apresentava e que constituía a Q4 (Anexo F:36), não foi contestada, apenas fez humor com a ineficácia do “livro de instruções” referido por RAP. A resposta incluiu, no entanto, argumentos que procuravam incutir confiança. AC destacou a presença dos economistas que tinham elaborado o programa económico do PS com que se apresentava às eleições na equipa de governação (Anexo F:37).

AC resolveu em alguns momentos o incómodo das questões com respostas curtas e, por vezes, passando de imediato para a crítica aos adversários. A R1 é constituída apenas por uma frase sem qualquer referência à polémica implícita na pergunta: “Eu sou um otimista portanto tenho esperança de voltar a emagrecer e voltar a caber nos calções amarelos” (Anexo F:20). A mesma intenção de abreviar o assunto é encontrada na R2. Na provocação lançada por RAP a questão era o hipotético apoio de Sócrates a Costa (Anexo F:24). O líder socialista avisou que ia dar uma resposta séria, ou seja, que ia quebrar o acordo tácito de que estava ali para fazer humor e não para falar a sério: “Bom eu agora tenho que falar a sério...”, RAP retorquiu: “Ó pá, então, mas...”, como quem diz, mas não era esse o acordo. Após AC ter repetido: “agora tenho de falar a sério...” RAP acaba por consentir: “Com certeza com certeza.”. Com o caminho

aberto AC avança com o argumento jurídico, habitualmente, utilizado quando era interpelado pelos jornalistas: o “direito à presunção de inocência”, recusando a comparação feita na questão e deu por encerrado o assunto (Anexo F:25-31).

As respostas aos reptos em torno das polémicas que envolveram AC no seu relacionamento com a comunicação social (Q5 e Q6) também foram breves, utilizando argumentos humorísticos sem qualquer contra-argumentação. Na R5 AC limitou-se a responder com breves observações à rábula montada: “Veja bem do que é que os jornalistas se lembram virem de trás de um carro (...) até parece um programa de humor” (Anexo F:41); e na R6 brincou com a sigla SMS: “sempre ouvi dizer que SMS queria dizer “seja mesmo sincero” e com esse argumento rematou a questão afirmando que: “acho que até com os jornalistas devemos ser mesmo sinceros” (Anexo F:47).

Na R8, em resposta a outra polémica que visava as atitudes políticas de AC, o entrevistado voltou a resolver a questão com poucas palavras sobre o assunto., mas seguiu outra estratégia. A pergunta lançava a dúvida sobre as críticas de AC a AJS, depois do PS ter vencido as eleições europeias, AC virou o sentido da crítica e reafirmou as suas palavras expressando coerência: “Não, não, eu continuo a achar exatamente o mesmo” e reclamou o voto dos portugueses: “é por isso que gostaria de não ganhar por pouquinho porque não gostaria de fazer pouquinho”. De imediato largou o tema e iniciou um novo tema introduzido por si e que tinha constituído uma rábula num dos episódios anteriores do ITMBM, o dos apoios sociais às viúvas. Foi sobre ele que falou até ao fim da resposta, deixando na conclusão uma garantia ou promessa eleitoral: “apesar do sorteio de ontem, não valeu, as viúvas não vão ficar prejudicadas” (Anexo F:55). O mesmo tipo de estratégia foi usado na R11. Na Q11 a sátira recaiu sobre a polémica dos cartazes do PS onde foram utilizadas fotos de pessoas empregadas como se estivessem desempregadas e que envolveu diretamente AC (Anexo F:84). O líder socialista brincou com a questão, repetiu os argumentos que tinha dado nas entrevistas aos jornalistas, reconheceu o erro e recordou que o PS já tinha pedido desculpas às pessoas. De seguida considerou que quem devia ter pedido desculpas era o “Dr. Passos Coelho” porque havia mesmo pessoas desempregadas, desencorajadas, que emigraram, afirmando que: “essa é que é a verdadeira história e essa é que é imperdoável” (Anexo F:85). De ressaltar que tal como na R4, Costa reconhece o erro, mas atribuiu-o ao PS e o pedido de desculpas é coletivo: “pedimos desculpas”, nunca assumindo individualmente qualquer responsabilidade.

Nas respostas às questões onde foi envolvido o nome de AJS (Q3, Q7 e Q8), AC nunca mencionou o seu antecessor na liderança dos socialistas.

O líder dos socialistas ao longo da entrevista procurou responder às rábulas que o visaram nas emissões do ITMBM: a rábula sobre o programa eleitoral do PS ao levar o documento para oferecer a RAP: “Uma prenda para si porque verifiquei que acredita no poder mágico do que está aqui dentro e portanto... (...) não queria deixar de lhe oferecer (...) a varinha mágica para todos os problemas da sua vida”(Anexo F:8-12). O texto remetia para a rábula onde o programa eleitoral do PS era exatamente referido como uma varinha mágica que tudo resolvia; e a rábula do sorteio das viúvas para serem os alvos dos cortes nos subsídios no valor de 1000 milhão de euros: “apesar do sorteio de ontem não valeu as viúvas não vão ficar prejudicadas” (Anexo F:55).

O discurso verbal de AC é modelado pela utilização de verbos nos modos pretérito imperfeito: diria (Anexo F:51), queria (Anexo F:10 e 33); condicional: gostaria (Anexo F:55). Modos verbais que contribuem para a polidez do discurso. Recorre à expressão idiomática “olhos em bico” (Anexo F:67). Utiliza expressões coloquiais como “deitar a baixo o governo” (Anexo F:53), recorre à metáfora “cumprir mais uma pena” (Anexo F:35) e aos advérbios de modo “francamente”, “totalmente”, “felizmente”, “indiscutivelmente” “exatamente” (Anexo F:33,37,51 e 55). AC recupera em muitas situações o vocabulário utilizado por RAP para construir retórica humorística: “poder mágico”, “varinha mágica, “livro de instruções “, “austeridade meiga e boazinha” (Anexo F: 8, 12, 37 e 57).

As interjeições são usadas ao iniciar quatro respostas, três são constituídas pela expressão “Bom!”, que funciona como um desbloqueador de conversa (R2, R7 e R9). Na R3 é usada a expressão “Olhe”, esta é uma interjeição que chama a atenção e estabelece confronto com o interlocutor. A sua utilização ocorreu na resposta a uma provocação que visava diretamente AC pelo seu comportamento político ambicioso. RAP utiliza também a interjeição na interrupção que faz da resposta de AC e o líder socialista acentua esse confronto com a utilização da interjeição à qual junta a adversativa “mas” - “mas olhe!”- (Anexo F:33-35).

AC coloca-se como sujeito da enunciação (Rebelo, 2002, p. 152) utilizando o pronome pessoal “eu” na maior parte das vezes, 16 vezes de forma explícita e em 4 respostas a forma é detetada por desinência verbal. O sujeito na terceira pessoa do plural “nós”, nunca é utilizado de forma explícita é sempre localizado por desinência verbal e em quatro situações: quando AC se refere a ele próprio e ao humorista (Anexo F:16); em três momentos o sujeito reúne todos com o mesmo fim (Anexo F:29, 57 e 79) e numa situação o sujeito nós diz respeito ao PS (Anexo F:85).

As respostas de AC decorreram com variações fonéticas e de intensidade, essencialmente, para acompanhar o timbre do humorista, por imitação na construção de argumentos humorísticos.

Ao longo da entrevista a expressão facial de AC oscilou entre o sorriso e o riso (figura 4.37).



Figura 4.37 - Expressão facial AC – Sorriso e riso.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:18:55.1 - 0:18:55 (Figueiredo, 2015f). Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:16:09.9 - 0:16:10 (Figueiredo, 2015f).

Só na R10 a expressão foi alterada, profundamente, em relação ao padrão regular observado (figura 4.38).



(ampliação do *frame* anterior)

Figura 4.38 - Expressão facial AC – R10.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:20:03.5 - 0:20:04.3 (Figueiredo, 2015f).

Foi com uma expressão facial de surpresa que o líder dos socialista reagiu à intervenção de RAP quando este ameaçou tentar surpreender AC, após de ter considerado que estava a ser muito previsível nos temas das questões. AC acompanhou a expressão facial com a interjeição “Bom!”, como quem diz :“Veja lá o que é que vai fazer”. Costa retoma o sorriso depois de RAP dizer: “Não vou...”, expressando a ideia de que afinal não iria surpreender o líder dos socialistas com algo inesperado.

O discurso verbal de AC foi sempre acompanhado por gestos com as mãos que contribuíam para a sua coerência. Enquanto ouvia as questões as mãos de AC permaneciam uma sobre a outra em cima da mesa, como se vê na figura 4.38. No momento em que RAP inicia a primeira questão, depois de AC ter dominado a rábula inicial, Costa recoloca-se no seu lugar da mesa e antes de estabilizar as mãos na referida posição empurra os óculos (figura 4.39). O gesto denuncia potencialmente a preparação para uma nova fase da entrevista. Depois de ter dominado o palco discursivo na rábula inicial ficava naquele momento exposto às questões do humorista. Na rábula inicial foi visível a preparação que AC fez para aquele momento, já que o adereço que trazia, um canudo de papelão com o programa eleitoral do PS, deu o mote e com ele vinha um discurso com muito humor pré-preparado (Anexo F:3-19).



Figura 4.39 - Expressão Corporal – AC ouve Q1 e empurra os óculos.
Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:11:05.4 - 0:11:06.6 (Figueiredo, 2015f).

O gesto de empurrar os óculos ocorre quando RAP diz: “tendo em conta a situação do país e não só (gesto) nos últimos quatro anos” (Anexo F:19). No final da R6, uma resposta na sequência de uma questão que punha em causa a forma como AC tratava os jornalistas, quando RAP comenta a resposta, é visível AC a rodar a aliança (figura 4.40).



Figura 4.40 - Expressão facial e gestos com mãos – AC ouve comentário de RAP à R6.
Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:15:05.1 - 0:15:06.8 (Figueiredo, 2015f).

O gesto de rodar a aliança foi visível quando o plano é mudado para AC, que já se ouvia a rir, enquanto RAP afirmava que AC tratava mal os jornalistas. O momento é de alguma tensão e o gesto interpretado como de desconforto, tal como no início da Q8, quando RAP ironicamente se refere ao otimismo de AC quanto aos resultados eleitorais que quer e aqueles que as sondagens indicam, AC mexe no nariz e empurra os óculos (figura 4.41).



Figura 4.41 - Expressão Corporal.

Fonte: AntCosta_18SetembroTVI_ITMBM: 0:16:15.0 - 0:16:18.3 (Figueiredo, 2015f).

Durante a entrevista AC não interpela a plateia a não ser quando entra em estúdio e a cumprimenta com um gesto levantando o braço, mas interpela os espetadores, olhando para a câmara em dois momentos. Na R8 olha para a câmara quando diz : “é por isso que gostaria (volta a olhar para RAP e termina a frase) de não ganhar por pouquinho”. Este é um momento em que implicitamente está a pedir o voto dos eleitores e explica porquê - “porque não gostaria de fazer pouquinho” (Anexo F:55). Na R11 volta a interpelar os espetadores, olhando para a câmara quando afirma: “por isso pedimos desculpa às pessoas por ter utilizado (o olhar regressa a RAP e termina a frase) as suas caras”. Desta forma interpela os eleitores para reforçar o pedido de desculpas, o que pressupõe a reconhecida existência de culpa demonstrando humildade.

Os dados extraídos pela análise crítica do discurso político produzido no espaço humorístico suscitam o questionamento da inclusão destas entrevistas nas *soft interviews*, se nos colocarmos no ponto de vista do entrevistado. Os julgamentos permanentes que os desqualificam e as observações absurdas e ridículas a que são sujeitos constroem um ambiente de confronto “duro”, que não se identifica com o significado atribuído ao adjetivo *soft*, no contexto jornalístico, já anteriormente definido, o qual está associado à suavidade das questões e à ideia de não requerer grande esforço por parte do entrevistado.

4.2. O Discurso Jornalístico sobre a Política e os Políticos

O evento comunicativo da rubrica TPS insere-se na prática social de comunicação de massas, o seu texto corresponde a um programa de televisão produzido e formatado por práticas discursivas características do campo mediático, onde se cruzam duas ordens de discurso: a do jornalismo e a da política.

Nesta investigação considera-se a sua distribuição através do meio tradicional de televisão e consumido no momento da sua emissão pelos públicos da TVI que assistiram à rubrica TPS no J8 da TVI.

A entrevista ao diretor de informação da TVI, em funções na altura, o jornalista SF, permitiu compreender as motivações e as estratégias discursivas adotadas na construção da rubrica TPS, inserida no J8, bem como recolher elementos sobre a sua produção e formatação.

O modelo de entrevista definido por SF foi o de “uma entrevista editorializada” :

O modelo foi deliberado porque se quiséssemos uma entrevista asséptica neutra desse ponto de vista mais objetiva não havia razão nenhuma para sentar 3 ou 4 jornalistas ali a “bombardearem” o político convidado, bastava o pivô da TVI conduzir a entrevista como faz ao longo de todo o ano de todos os anos independentemente de haver eleições ou não. (Anexo I:17)

A introdução de algo de novo, ou seja, estabelecer a diferença entre a TVI e os outros canais, influenciou a escolha do modelo:

não fazer tudo igual por uma questão de não repetição da forma, não foi, evidentemente, para privilegiar mais um outro para destacá-lo mais ou menos em relação aos outros, mas sim, aí houve um bocadinho de técnica televisiva, no sentido de criar imprevisibilidade criar o elemento surpresa que é importante para as pessoas ficarem agarradas... “olha deixa cá ver o que é que vai acontecer como isto não é bem igual ao que vimos no outro deixa cá...” que é uma forma como outras de fidelizares as audiências. (Anexo I:13)

A escolha dos comentadores habituais da TVI para fazerem as perguntas e introduzirem o elemento transformador da entrevista jornalística, feita de acordo com um conjunto de regras que tendem a objetivar uma entrevista, em “entrevista editorializada”, teve como critério serem os habituais comentadores da estação de televisão

por serem residentes, é porque a gente confia, tal é o capital de confiança e relacional que nos permite... que a opinião destas pessoas interessa-nos tanto que a gente paga para eles virem cá

muitas vezes, para a sua presença ser regular e são estes mesmo que a gente quer a colocarem as questões porque eles sendo jornalistas são jornalistas com opinião e são jornalistas na minha antena, portanto, não eram paraquedistas pessoas que caíram do céu e esse sinal era um sinal que era evidente. (Anexo I:17)

Mas os líderes não foram apanhados de surpresa, o modelo foi previamente aceite, depois das razões apresentadas diretamente pelo diretor de informação da TVI:

eles evidentemente eram os mais desconfiados deste modelo... eu disse: “ouça se eu não fizer isto que estou a propor o que é que vai acontecer você vai estar ali 20 minutos 30 minutos a ser questionado pelo jornalista da TVI e quando sai entram em estúdio 3 indivíduos a dar opinião sobre aquilo que você disse sem você ter a possibilidade de reagir, portanto, o que eu vos estou a dar é a possibilidade de estarem ali frente a frente... e vocês durante esse debate que é uma entrevista-debate de facto reagirem. (Anexo I:21)

As entrevistas aos líderes políticos foram pensadas em todos os seus aspetos de produção, de acordo com uma opção editorial²⁵, definida pela direção de informação da altura:

Houve ali, claramente, um critério editorial que foi, aqueles que eram candidatos ao lugar de primeiro-ministro e os outros líderes de partidos com representação parlamentar (que) não eram, manifestamente, candidatos a primeiro-ministro, porque toda a gente sabia que não iriam ter hipóteses de ganhar as eleições. (Anexo I:11)

Os dois líderes com possibilidade de vencerem eleições, o do PS e do PSD, foram no espaço do J8 “sujeitos a um conjunto de perguntas de origem mais diversificada mais variada havia mais público não havia analistas a fazer perguntas” (Anexo I:11) e o confronto com os analistas foi feito no canal TVI24, enquanto nos outros casos, foram confrontados com as perguntas de tipologias específicas de plateias no J8. No caso do líder dos comunistas, Jerónimo de Sousa respondeu a questões de um grupo de jovens universitários.

é um partido que estava a envelhecer e era refrescante até do ponto de vista do interesse do público colocar o partido que sofre um processo de envelhecimento frente a uma plateia daquilo que não seria, teoricamente, o seu público-alvo. (Anexo I:13)

²⁵ Esta opção é plasmada na Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido (artigo 36º da 7ª versão - Lei n.º 74/2020, de 19 de novembro) (Assembleia da República, 2020).

4.2.1. A construção da entrevista TPS - do formato e da produção

A entrevista TPS foi concretizada num formato que cruzou elementos cénicos e movimentação cénica, caraterísticos de um *talk-show* e adotou um discurso verbal jornalístico.

A disposição do cenário e dos respetivos elementos não foram constantes em todas as emissões, mas em todas elas foram encontrados elementos caraterísticos da informação jornalística e do entretenimento (Anexo J). Os entrevistadores deslocaram-se no cenário e acompanharam o entrevistado ao local onde permaneceram durante a entrevista. Em quase todos os programas esse procedimento foi adotado, não tendo ocorrido apenas em um deles, em que a entrevistada já estava sentada no seu lugar, Catarina Martins, quando a emissão começou. A movimentação no cenário dos participantes na emissão é encontrada nos *talk-shows*, bem como a existência de uma plateia em estúdio, que no TPS não se manifestava, ou seja, não batia palmas, mas podia colocar perguntas que estavam pré-estabelecidas.

A existência de uma plateia foi introduzida por ser considerado um elemento que poderia ser produtivo em termos de audiências, a intenção foi revelada pelo então diretor de informação da TVI Sérgio Figueiredo (SF) ao referir a necessidade de “produzir resultados, porque é dos resultados das audiências que depende a capacidade desse projeto subsistir” (Anexo I:9).

A escolha dos elementos que integravam a plateia foi feita pela produção da TVI com a participação da direção de informação:

a produção de informação da TVI que fez o *scouting* e o *casting*. A única coisa que me preocupei de indicar à responsável da produção e da agenda era perfis, que fosse um público o mais representativo possível da sociedade portuguesa (...) também do lado das empresas e de gestores eu também sugeri, vinha da imprensa económica, portanto conhecia e tinha os contatos das pessoas. (Anexo I:7)

A recolha de informação sobre pessoas a selecionar para a plateia (*scouting*) passou depois por uma conversa com essas pessoas para a escolha final (*casting*). Sérgio Figueiredo referiu que “tinha que ter um mínimo de cuidado em perceber se a pessoa não se amedrontava, porque aquilo era televisão em direto, não podíamos correr propriamente riscos” (Anexo I:9) e havia ainda a considerar as vantagens de um cenário humanizado:

Havia um bocado de *show* e ter um estúdio cheio de gente é melhor do que ter o melhor de todos os cenários porque traz humanidade, são os eleitores que estão ali confrontados com os políticos que iriam eleger passado pouco tempo. (Anexo I:9)

Mas, a razão fundamental para escolha, defendeu SF, foi serem as pessoas que experienciam as dificuldades a colocarem-nas diretamente ao político:

porque uma pessoa que trabalha num hospital e faz uma pergunta sobre o funcionamento do Serviço Nacional de Saúde de certeza absoluta que não coloca a questão, (...) da mesma forma de que nós jornalistas que somos observadores externos da realidade com as virtudes que isso tem, mas também pelos inconvenientes que tem, que é não falamos daquilo que vivenciamos, essa foi a razão principal. (Anexo I:9)

A disposição do entrevistado e entrevistador no cenário também não correspondia ao que é habitual numa entrevista jornalística, onde, habitualmente existe uma mesa com os dois interlocutores sentados frente a frente. Na entrevista TPS, o entrevistador sentava-se numa ponta do estúdio com uma plateia disposta no cenário atrás de si e ao seu lado esquerdo. O entrevistado estava à sua frente, ao centro, em pé, ou à sua esquerda, sentado. As decisões ligadas à disposição do cenário e aos elementos que o integram são da responsabilidade da TVI (Anexo I:10-11).

Não sendo possível encontrar géneros puros e seguindo a proposta de Brants e Neijens (1998), o formato pode ser colocado numa escala contínua de *infotainment*, que tem num dos polos formatos do campo jornalístico e no outro polo, formatos de programas de entretenimento. Cada género pode afastar-se mais ou menos de cada polo, dependendo do número de características que incorpora de cada dimensão. Brants e Neijens (1998, pp. 151-153) indicam três critérios que podem ser usados para aferir os níveis de cruzamento dos elementos das duas dimensões: os tópicos, o estilo e as características do formato.

Na entrevista TPS, os tópicos são consentâneos com as temáticas do campo do jornalismo: a informação partidária, as posições políticas e as divergências políticas; o apresentador/entrevistador é jornalista; e o estilo é sério. Não existem outros elementos como música ou outras formas de distração da questão central que tem a entrevista, solicitando-se ao entrevistado respostas a perguntas relacionadas com o debate político do momento, os programas eleitorais e a luta política em pré-campanha para as eleições legislativas.

Tendo por base a teoria de Duarte (2007), a entrevista TPS mantém-se na ordem da realidade discursiva da meta-realidade, onde está inserido o campo do jornalismo. O compromisso da empresa produtora do conteúdo mantém-se através da qualidade profissional dos entrevistadores, que são jornalistas e, ainda, por ser publicada sob a responsabilidade de uma direção de informação, cujo diretor é jornalista. O requisito da “verificação” é cumprido

uma vez que os entrevistadores estão obrigados ao respeito pela “verdade e fidelidade” do seu trabalho, que é regido por regras e ética próprias do campo do jornalismo, sendo assim mantida a crença na “verdade”. As referências diretas do discurso são encontradas na realidade política, onde os acontecimentos são exteriores ao meio, tendo como objetivo apresentar o mundo real da política e do debate de ideias no período de pré-campanha eleitoral.

Apesar da utilização da estratégia do *infotainment* na produção do programa de entrevista TPS por adoção de um formato característico dos *talk shows* de entretenimento, este fica situado na escala do *infotainment* mais próximo do discurso no campo do jornalismo, já que o seu conteúdo mantém os pressupostos dos géneros informativos nesse campo, tanto quanto à qualidade dos profissionais (jornalistas) como ao tom do discurso e temas tratados.

4.2.1.1. O genérico da entrevista TPS

Em cada emissão, o genérico (Anexo K) é composto por uma sequência de imagens paradas e sobrepostas do líder que vai ser entrevistado, sobre elas está inserido o seu nome e as palavras, Questões/Dúvidas e Esclarecimentos/Respostas, associadas duas a duas e mostradas alternadamente. Os quatro substantivos indicam ao espetador que existem questões e dúvidas a necessitar de esclarecimentos através das respostas que as perguntas vão proporcionar. As imagens mostram os líderes a sorrir e em poses afirmativas, pensativas e triunfadoras. Não há qualquer discurso falado, todo o discurso do genérico é visual.

As imagens são sujeitas a um efeito de montagem de sobreposição e movimento criando uma dinâmica expressa através de grandes planos do rosto e planos médios do entrevistado, que se inserem num grupo de planos identificado como planos de expressão. Os ângulos visuais, do ponto de vista do espetador, são baixos, os líderes são vistos de baixo para cima, o que lhes confere poder. Estes estabelecem contato com os espetadores através da exposição transmitindo uma representação impessoal, já que o olhar não é direto para os espetadores, estes não são interpelados. Quanto à interação expressa na distância social, esta é de aproximação, por serem exibidos nos planos o rosto e os ombros, situação que aumenta a proximidade entre a imagem exposta e o observador, quanto mais fechados são os planos maior é a afetividade, a emoção e a intimidade (Kress & Leeuwen, 2006). A emoção transmitida pelas imagens é acentuada pela música que as acompanha e as enquadra com uma sonoridade intensa terminando a sequência com um remate sonoro sobre o título da rubrica TPS.

O título do programa é revelado nos genéricos, após a imagem ser atravessada por uma barra que integra três colunas de cores verde, amarelo e vermelho, sendo, igualmente, essas as

cores predominantes nos genéricos, desde a evolução até ao aparecimento do título. A modalização pela cor é potencialmente interpretada pelo espetador pela associação às cores da bandeira portuguesa, remetendo para a ideia de que os líderes vão ser entrevistados por serem candidatos à liderança do governo português.

A representação dos líderes no genérico é descrita por um discurso visual e sonoro que lhes confere poder e transmite emoções ao observador com o qual há uma proximidade social, mas de forma impessoal.

4.2.2. O perfil dos entrevistados no campo jornalístico

As entrevistas jornalísticas foram emitidas no J8 e imediatamente antes de cada programa foram apresentadas reportagens com o objetivo de traçar o perfil do líder político a ser entrevistado. Cada peça foi construída por um jornalista com recurso a depoimentos solicitados a amigos, a colegas de partido, de trabalho e de familiares do entrevistado. As imagens utilizadas na reportagem tinham origem numa recolha propositada para a peça ou pertenciam ao arquivo de imagens da TVI. Na edição foi, por vezes, inserida música por iniciativa do jornalista ou editor de imagem. Foi este o *corpus* analisado com o objetivo de compreender que traços de personalidade dos entrevistados foram postos em evidência antes da entrevista.

4.2.2.1. As reportagens antes da entrevista TPS

As peças que traçaram o perfil do entrevistado foram analisadas com recurso ao programa informático MAXQDA[®] que permitiu desenhar os retratos sonoros e visuais de cada peça, sendo que depois foi analisado o discurso verbal.

Para traçar o retrato sonoro foram identificados os seguintes elementos: as vozes na produção do texto verbal, os sons de música inseridos na montagem e o som ambiente das imagens. No som ambiente só foram considerados os sons emitidos pelas pessoas, como palmas ou outras manifestações sonoras e a música que pertencia às imagens na origem. Foram desprezados outros sons do ambiente natural das imagens, como barulho de carros, entre outros.

Para traçar o perfil das imagens utilizadas na montagem da peça foram consideradas as imagens de pessoas e lugares. As imagens das pessoas são identificadas pela relação estabelecida com o líder, quanto aos lugares, foram consideradas duas dimensões, lugares de ação política e de ação privada do líder.

No contexto das reportagens emitidas antes da entrevista, a designação de “entrevistado” é reservada aos convidados que se pronunciam sobre o líder que vai ser entrevistado no espaço

da rubrica TPS, que será aqui designado por “líder político”. A voz do jornalista que constrói a peça e a assina, enquanto autor, é identificada pela função que desempenha, a de jornalista.

As vozes presentes na peça pertencem: aos convidados que são entrevistados pelo jornalista, cujos extratos selecionados por ele expressam apreciações sobre o líder político; aos próprios líderes políticos, que podem ser entrevistados, especificamente, para a peça, ou a sua voz é ouvida a partir de sons de arquivo selecionados pelo jornalista; e ao jornalista, autor da reportagem.

A identificação das vozes dos convidados na peça é feita pela relação estabelecida entre estes e o líder político, mãe, amigo, colega, ou outro indivíduo.

O recurso ao programa informático MAXQDA permitiu elaborar o “retrato sonoro do documento” onde é mostrado cada código ordenado pela frequência encontrada em cada categoria à qual foi atribuída uma cor diferente das outras categoriais, sendo ainda possível obter o retrato da forma como estas se distribuem ao longo de todo o documento (reportagem). Esta possibilidade permite visualizar o “peso” do texto de cada participante em cada peça e a forma como se distribuem as suas intervenções, bem como associar a utilização de música e a deteção de outros sons que influenciam o texto verbal e visual ao longo da reportagem.

A área total do retrato do MAXQDA® é ocupada por 1200 pontos (100%). As percentagens mencionadas para cada participante é a percentagem que ocupa na área que corresponde à totalidade da reportagem, já que todo o texto sonoro e visual foi categorizado, nada foi deixado de fora.

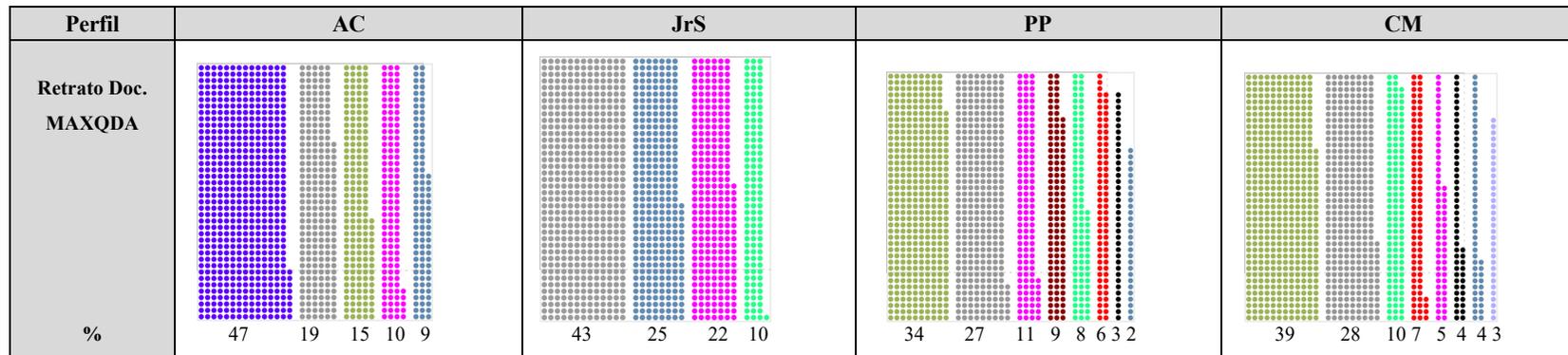
O quadro 4.9 mostra a duração de cada peça de perfil.

Quadro 4.9 - Duração das reportagens -Perfil líderes.

Líder	Duração (min:s)
AC	03:09
JrS	03:25
PP	02:57
CM	03:01

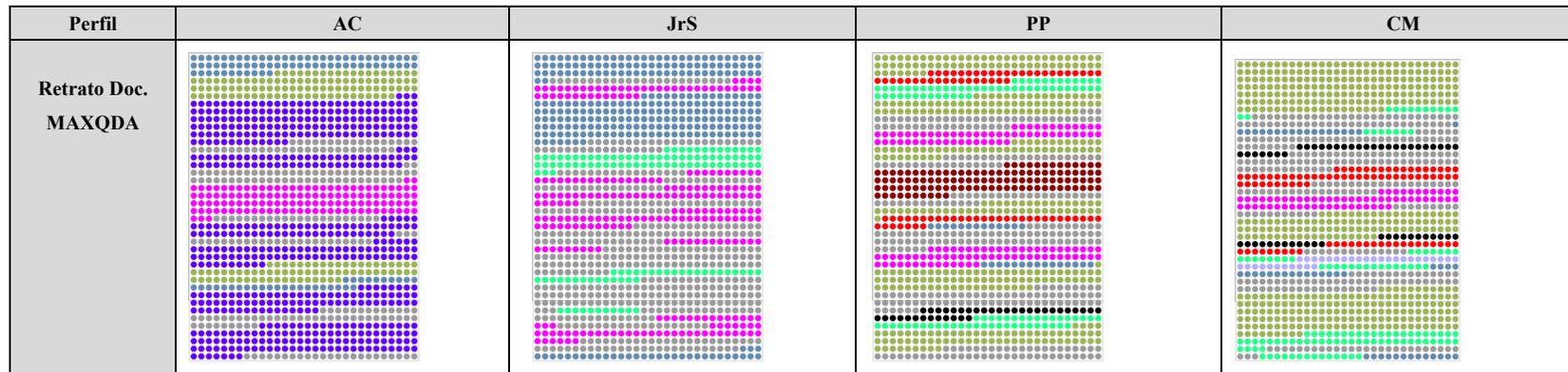
4.2.2.1.1. A dimensão sonora

A identificação e a frequência das vozes, do som ambiente e da música nas peças de perfil dos líderes são mostradas no retrato sonoro na figura 4.42, o que permite a sua comparação de modo visual. Na figura 4.43 é mostrada a distribuição dos mesmos itens ao longo de cada reportagem. A legenda é inserida no final das duas figuras.



Fonte: Dados obtidos pelo retrato do documento do programa MAXQDA

Figura 4.42 - Retrato Sonoro – Frequência das vozes, do som ambiente e da música.



Fonte: Dados obtidos pelo retrato do documento do programa MAXQDA

Figura 4.43 - Retrato Sonoro -Distribuição das vozes, do som ambiente e da música.

Legenda:

Som ambiente	Música	Familiares	Colegas profissão	Colegas política	Líder	Assistentes	Amigos	Jornalista	Adversários Políticos
--------------	--------	------------	-------------------	------------------	-------	-------------	--------	------------	-----------------------

No caso de AC, o perfil é traçado essencialmente com base nas descrições feitas por familiares, a mãe de António Costa e os dois filhos. Participa ainda um amigo, Arons de Carvalho, que o convidou para integrar a Juventude Socialista quando era o líder dos jovens socialistas.

O perfil de JrS é traçado através das palavras de um grupo de amigos que são seus vizinhos e frequentam o mesmo espaço de lazer nos tempos livres, a Associação Desportiva de Pirescôxe onde vive.

Para construir o perfil do líder do CDS-PP, o jornalista optou por ouvir amigos que integram as fileiras do partido que liderava, pessoas que com ele trabalhavam como assessores, a secretária pessoal e ainda uma jornalista que integrou os quadros do jornal *O Independente*, quando PP era o diretor da publicação.

As características da personalidade de CM foram descritas por uma colega da profissão que exercia antes de se dedicar à política, a de atriz, por um amigo da faculdade e um colega de partido.

Em todas as reportagens foi inserida música, por vezes acompanhada de som ambiente de palmas e outras manifestações sonoras de apoio, como gritos. As peças são ainda construídas com recurso a declarações de arquivo do próprio líder, com exceção da peça referente a AC.

4.2.2.1.2. A dimensão visual

A dimensão visual, ou seja, o tipo de imagens que foram utilizadas na montagem das peças é mostrado no retrato visual nas figuras 4.44 e 4.45, a respetiva legenda foi inserida no final das duas figuras. Na figura 4.44 pode ver-se a frequência dos diferentes tipos de imagens e na figura 4.45 é possível perceber a distribuição dessas imagens ao longo da peça.

O objetivo foi identificar que tipo de imagens foram utilizadas nas reportagens e em que proporção, se estavam relacionadas com o espaço público ou privado dos líderes políticos e a que tipo de imagens se juntou a inserção de música durante a montagem da peça, já que esta é uma estratégia de edição criadora de emoções. A categoria para classificar os momentos criadores de emoção foi encontrada a partir da designação de Eric Louw (2005, p. 18), ao definir a dimensão *hype* da política, que “envolve estimular uma atmosfera de excitação ou entusiasmo”. Nas peças, esse ambiente é criado pela junção de música a imagens em que o líder é aclamado.

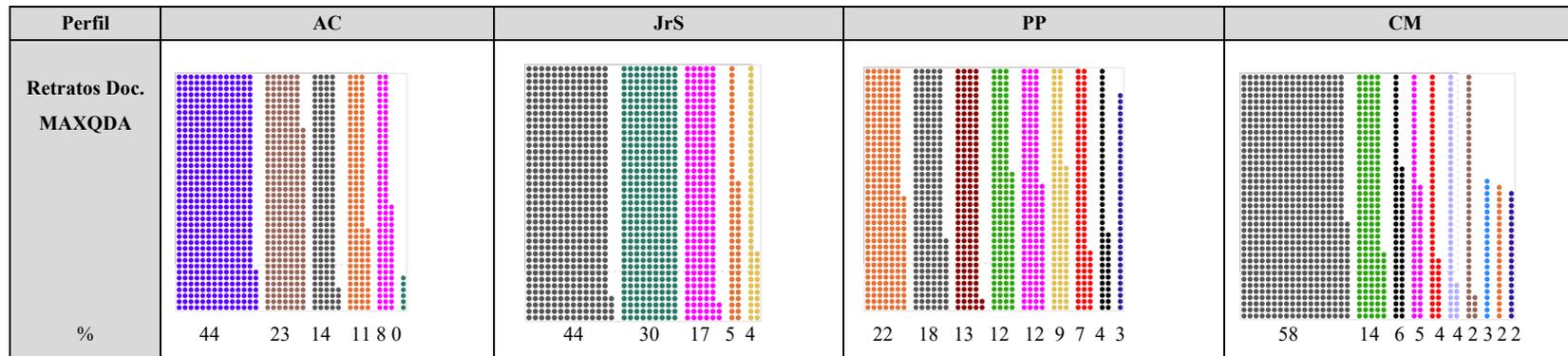


Figura 4.44 – Retrato Visual -Frequência do tipo de imagens das peças de perfil.
Fonte: dados obtidos pelo retrato do documento do programa MAXQDA

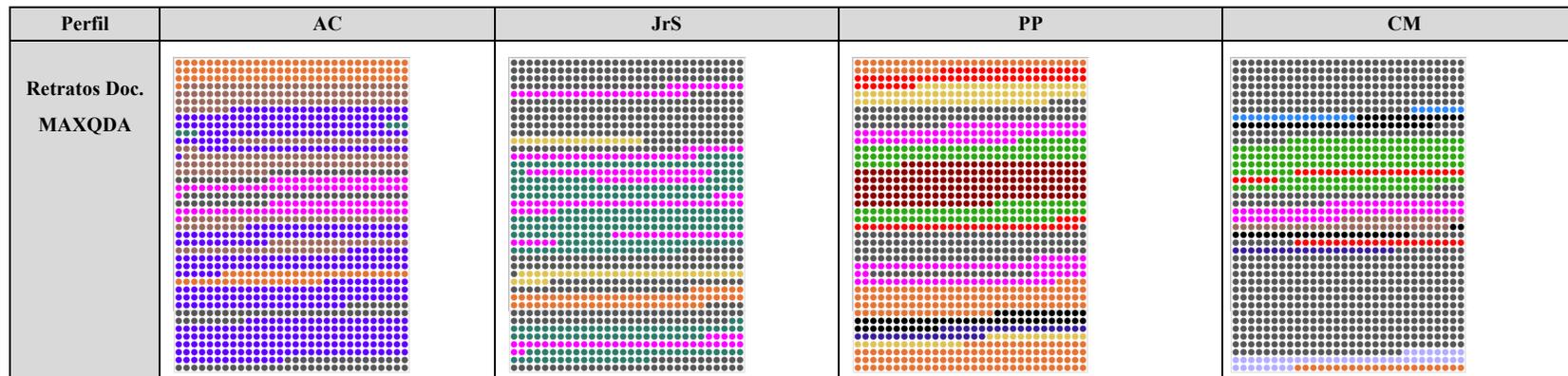


Figura 4.45 - Retrato Visual -Distribuição das imagens das peças de perfil.
Fonte: Dados obtidos pelo retrato do documento do programa MAXQDA

Legenda: (Imagens das peças de perfil)

	Familiares		Líder em eventos políticos		Amigos		Colegas de Profissão		Identificação		Líder entrevistado		Espaços privados
	Líder c/familiares		Momentos <i>hype</i>		Líder exerce prof. Anterior		Colegas na Política		Adversários		Assistentes		Ilustração

As imagens utilizadas na montagem das reportagens são diversas, no caso de AC são essencialmente imagens de familiares (44%) e do líder com os familiares mais próximos: fotos onde aparece com a família em bebé, na adolescência, em adulto e já na política acompanhado da mulher (23%). O espaço privado é apenas visível como fundo na entrevista feita à sua mãe, a jornalista Maria Antónia Palla, na casa onde mora, espaço assinalado com 0% no retrato visual. Assim, as imagens que o ligam à família ocupam a maior parte da reportagem (67%). Fora do ambiente familiar, AC aparece em imagens que o mostram a participar em eventos políticos, 25%, 11% dos quais são identificados como momentos *hype*.

A figura 4.46 mostra imagens da peça perfil onde AC é aclamado e assume atitudes de vitória, levantando ambos os braços, estas imagens são acompanhadas de música ou/e som ambiente de palmas e gritos que as transformam em momentos que transmitem entusiasmo e onde o líder aparece em pose vencedora. Em 8% das imagens é mostrado um amigo.



Figura 4.46 - Momento *hype* – Peça perfil/AC.

Fonte: Peça/Perfil dia 09/07/2015 (Figueiredo, 2015g).

As imagens da peça referente ao perfil de JrS são, na sua maioria, do próprio líder em eventos políticos (44%); de espaços referentes à esfera da vida privada, a vila de Pirescôxe e o grupo desportivo (30%); as imagens dos vizinhos e amigos ocupam 17%. JrS também aparece em extratos de uma entrevista feita propositadamente para a peça (4%) e num momento de grande entusiasmo em que é apoiado e aplaudido pelos seus pares no congresso onde toma posse como secretário-geral do PCP (5%) (figura 4.47).



Figura 4.47 - Momento *hype* – Peçaperfil/JrS.
Fonte: Peça/Perfil dia 27/08/2015 (Figueiredo, 2015g).

O líder do CDS-PP, PP, teve o seu perfil apresentado na peça, essencialmente, através de imagens que o colocam em situações de apoio expresso, momentos *hype*, música de batida forte acompanhada com expressão de gestos de apoio e afirmação (22%) (figura 4.48). Aparece em eventos políticos em 18% das imagens; em entrevistas (9%); as imagens de assistentes na política ocupam 13%; os colegas identificados como colegas na política correspondem a 4%; as imagens que o ligam à sua anterior profissão de jornalista representam 12%; as imagens de colegas de profissão e imagens de amigos correspondem a 7 e 12%, respetivamente; e os restantes 3% de imagem respeitam a uma ilustração com uma imagem de BD.

Os três momentos da peça que ilustram momentos *hype* estão situados (figura 4.48, da esquerda para a direita) da seguinte forma: a primeira imagem logo no início da peça, a segunda, no decorrer da peça e a última no fecho da peça. Todos têm música inserida na montagem que reforçam o entusiasmo e a emoção transmitidos pelas imagens que expressam apoio e confiança no líder.



Figura 4.48 - Momentos *hype* – Peçaperfil/PP.
Fonte: Peça/Perfil dia 03/09/2015 (Figueiredo, 2015g).

Na peça que traça o perfil de CM foram utilizadas, na maior parte do tempo de duração da peça, imagens da líder política em eventos políticos (60%), dos quais 2% correspondem a um momento *hype* que encerra a peça após CM dizer: “já se sabe as eleições aproximam-se as palermices aumentam”. A imagem seguinte mostra um efusivo aplauso num comício e muitos gritos acompanhados de música inserida na montagem (figura 4.49).

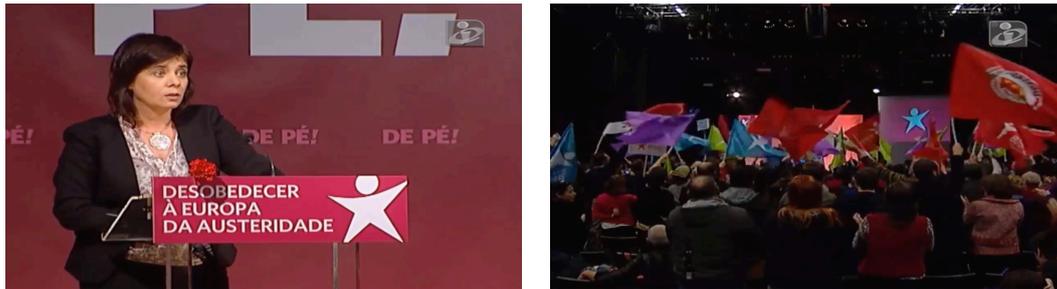


Figura 4.49 - Momento *Hype* – Peçaperfil/CM.
Fonte: Peça/Perfil dia 12/09/2015 (Figueiredo, 2015g).

As imagens que a ligam à sua profissão como atriz ocupam 14%; a ligação à família é expressa nas imagens em 3% da peça; as imagens de colega de partido ocupam 6%; as de amigos 5%; e de colegas de anterior profissão 4%. As restantes imagens ocupam 8% e têm como função identificar pessoas, observando-se também uma imagem de ilustração de um filme e imagens onde são identificados adversários políticos.

4.2.2.1.3. A dimensão verbal

A análise de discurso de cada peça de perfil foi apoiada pelo programa informático MAXQDA®. O livro de códigos está publicado no Anexo L e a codificação da transcrição simples dos textos exposta no Anexo M.

A aplicação das teorias implícitas de personalidade -TIP revelou traços de personalidade de todos os líderes que ocupam os quadrantes positivos das dimensões intelectual e social (figura 4.50).

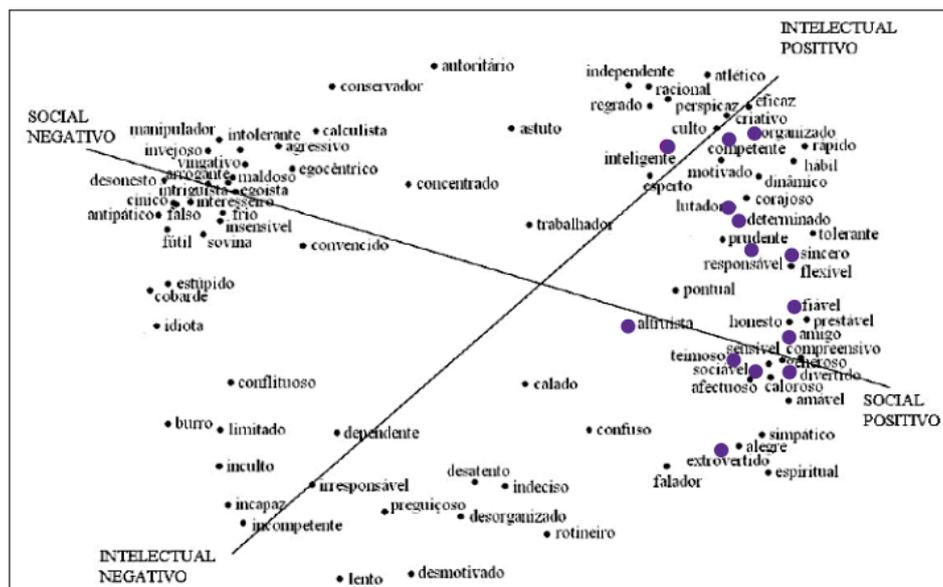


Figura 4.50 - Traços de personalidade inferidos das peças de perfil.

Fonte: Adaptado de Ferreira et.al. (2011, p. 327)

O discurso dos intervenientes nas reportagens/perfil constroem uma potencial imagem de personalidade dos líderes com características consideradas mais desejáveis, tanto social como intelectualmente.

O perfil de PP (Anexo O) foi traçado tendo por base a sua atividade política e a profissão que exerceu antes de ser político, a de jornalista. O autor da peça usou o substantivo “paixões” para quantificar o quanto Portas gostava da política e do jornalismo, a expressão “bancos da escola” para indicar que as duas vertentes eram naturais e na mesma frase revela que aos 14 anos iniciou a sua vida profissional como jornalista estagiário (Anexo O:5). A forma gramatical utilizada na introdução do amigo de infância, Pires de Lima, imprime emoção ao texto e a descrição da personalidade de PP, por Lima, quando ambos andavam no mesmo colégio: “era o aluno mais político” e tinha “um talento enorme para escrever” (Anexo O:6), completa a ideia de alguém que nasceu para o que faz. Como político foi descrito como tendo uma atitude criadora de casos/polémicas noticiáveis. A inferência é feita a partir da declaração de uma jornalista que com ele trabalhou no jornal *O Independente*, quando afirma que “Portas jornalista sobre o Paulo Portas político ele não precisava de mais nada para fazer inúmeras edições do *Independente* (Anexo O:3) – muitas seriam, então, as polémicas ou casos que se encaixariam no perfil que era o do jornal que dirigia, em que a capa, quase sempre, era ocupada por casos que envolviam dirigentes partidários e elementos do governo e sempre com tom muito crítico. Como jornalista é apresentado como alguém que não poupava ninguém na revelação pública

das polémicas, nem mesmo as que ocorriam no seu partido: “Atirava à direita também atirava ao partido do táxi que era o CDS na altura que só tinha quatro deputados” (Anexo O:12).

O líder do CDS- PP é descrito como um político competente no exercício das suas funções políticas, tanto como Ministro dos Negócios Estrangeiros como no lugar de vice-Primeiro-ministro, onde a diplomacia económica aparece como a principal atividade. Pedro Reis antigo presidente do AICEP, citado pelo jornalista, refere-se a ele como “um vendedor nato dos produtos nacionais” (Anexo O:15), afirmando de viva-voz que, “quase que dá a ideia (...) que teve a vida toda a preparar-se para aquele momento e para aquele lugar” (Anexo O:16). Pedro Reis refere-se a PP como uma pessoa multifacetada, inferindo-se que essa característica é responsável pela sua competência e não reside exclusivamente na sua preparação antecipada. É o próprio PP, através de um extrato de uma entrevista, a confirmar as suas aptidões: “Poderia ser jornalista... já fui... advogado... podia ter sido... político sou e padre nunca tive esse chamamento” (Anexo O:4).

A imagem de um político competente é expressa também num segmento em que PP se autoavalia e se compara a uma personagem da banda desenhada do *Tintim*. Um português que vendia tudo, mesmo aquilo que as pessoas não precisavam (Anexo O:17).

Portas é descrito como uma pessoa “inteligente”, ao ser valorizada a sua capacidade cognitiva de memorização: “A sua memória extraordinária”, ou seja, fora do comum (Anexo O:9). Os seus comportamentos são avaliados como os de uma pessoa responsável pelos seus atos, característica que pode ser inferida a partir da referência ao episódio que marcou a sua passagem pelo governo, o da sua “demissão irrevogável”. Assunção Cristas, que fala sobre o episódio, refere a negatividade da atitude, mas transforma-a num exemplo revelador de uma pessoa que não é arrogante nem orgulhosa, que é capaz de assumir a responsabilidade dos seus atos: “ele não foi orgulhoso ao ponto de não aceitar esse efeito negativo para si ainda que isso lhe custasse pessoalmente algum ónus do facto de ter voltado no fundo com a palavra atrás” (Anexo O:14). Foi descrito como uma pessoa que preserva hábitos adquiridos no jornalismo e que os transportou para o exercício da política, o de escrever os discursos à mão (Anexo O:10).

Quando é apontado um defeito, o de não ser pontual, logo a seguir é referido que isso será facilmente resolvido: “os atrasos é o pior é o mais difícil de gerir, mas oiça está melhor... tá melhor... eu acho que ele chega lá (Anexo O:8). O jornalista atribui-lhe a avaliação de ser um dos políticos “mais experientes” (Anexo O:18).

Em conclusão, a descrição das características de personalidade de PP através da construção da peça/perfil é, potencialmente, criadora da imagem de um político controverso, mas

competente, que sabe ser responsável pelos seus atos, e com boa memória, característica que se associou a uma potencial interpretação de homem inteligente. É referido como multifacetado e um dos políticos mais experientes. O defeito de falta de pontualidade é desvalorizado pelo facto de ser dito, de imediato, que era algo que ele seria capaz de corrigir.

As características de personalidade de AC (Anexo N) são traçadas através da sua evolução no campo da política e na relação com a família, tanto em criança como em adulto. O interesse pela política é apresentado como algo inato e natural potenciado por um ambiente familiar propício para essa descoberta, um ambiente que existiu em criança, através dos pais, a mãe sindicalista e o pai comunista (Anexo N:4). A mãe de AC refere que “ele despertou muito cedo para a política” pondo em evidência um meio familiar “de oposição à ditadura”, tendo as viagens, que com ela fez, permitido a AC “descobrir o que era a democracia” (Anexo N:3). O jornalista refere que “a política acompanhou-o desde o berço” (Anexo N:4).

As suas competências para exercer a política começaram a desenhar-se na juventude, o jornalista revela que aos 12 anos “chegou a organizar (...) uma ocupação da escola (...) contra o afastamento da diretora”. A utilização do verbo “chegar” modela a frase no sentido de que apesar da idade o conseguiu fazer revelando capacidade mobilizadora. A mãe refere-se às suas capacidades de liderança desde criança: “Já em miúdo, na escola, ele de facto liderava sentia-se que ele estava sempre à cabeça das coisas (Anexo N:5). O amigo que o levou para a JS diz que ele “era olhado” como uma pessoa “muito preparada”, um jovem a quem as pessoas “acarinavam bastante”. O verbo acarinhar é muito mais que o simples gostar, transmite afeto e apoio, ao qual está ligado o adjetivo “bastante”, estando a causa para este apoio no seu “entusiasmo” e “militância política tão genuína”, o que se pode traduzir em motivação e, por isso, “era olhado” como uma pessoa “muito inteligente” e sobre quem se adivinhava “um grande futuro se quisesse enveredar pela carreira política” (Anexo N:7).

As descrições dos entrevistados dão, ainda, a indicação de que a sua escolha pela ideologia socialista foi feita muito cedo: “pouco depois (dos 12 anos) ingressa na Juventude Socialista” (Anexo N:6).

Um ambiente ideal para o exercício da política continua a existir em adulto através do papel da mulher como suporte familiar. O filho traça o retrato de uma família que o ajuda, citando a mãe - “a minha mãe diz muito isto que a família tem que apoiar um político em casa”, e valorizando essa atitude - “nisso a minha mãe eu acho que é incansável com o meu pai que a minha mãe deu a estrutura de casa que era preciso para ele se poder dedicar à política” (Anexo N:11).

Costa é descrito pela filha como um homem lutador e persistente que não desiste facilmente dos seus objetivos: “Outro exemplo que é característica dele são os jogos de risco, ele mesmo quando via que estava a perder ele ainda se esforçava mais para conseguir ganhar e efetivamente ganhava” (Anexo N:9). O defeito que lhe é apontado é o de ser teimoso, mas é equilibrado com a referência a uma qualidade, a de “ser de trato fácil”, ou seja, apesar de persistente nas suas ideias é sociável (Anexo N:17).

O líder dos socialistas na interação com a família é descrito com dois adjetivos, “preocupado” e “protetor” (Anexo N:13-16), procurando estar sempre próximo, o que se infere na frase da filha quando diz “falamos imenso por *smiles*” (Anexo N:16). Para a imagem de um político protetor da família e da estabilidade familiar, fruto do casamento que tem 27 anos, (Anexo N:10) contribui também a afirmação do jornalista dizendo que AC “tenta não levar a política para casa” (Anexo N:17), separando o mais possível o trabalho político do seu ambiente privado. A mãe revelou um *hobbie*, o de cozinhar, o que faz “muito bem” e é para ele uma forma de se “distender” (Anexo N:18-20), ou seja, distrair da política fazendo algo de que gosta.

A peça foi concluída com uma interrogação do jornalista que utilizou uma metáfora gastronómica: “resta saber que ingredientes usará para conquistar o país” (Anexo N:21). Os ingredientes são, na frase, as políticas, as ideias e as atitudes que iria assumir para convencer os eleitores a votarem no PS. A interrogação pressupõe a dúvida sobre se AC iria conseguir ou não o resultado que procurava.

Em conclusão, os traços de personalidade de AC descritos criavam, potencialmente, a imagem de um político competente pelas capacidades reveladas como líder, por possuir capacidade mobilizadora e estar preparado para ocupar cargos políticos desde muito cedo, por estar motivado, ser inteligente e lutador. Foi referido como defeito a teimosia, compensada por ser sociável. Foi descrito como um homem apoiado num ambiente familiar ideal para o exercício da política, uma família estável com quem se preocupa e a quem protege e de quem procura estar sempre o mais próximo possível.

O discurso sobre a personalidade de CM (Anexo P) potenciou a construção da imagem de uma líder política que valoriza a família. O seu colega de partido afirmou que “toda a gente sabe que há dias intocáveis para as miúdas e para o marido” (Anexo P:13).

Como política, a líder do BE foi definida como competente, um atributo revelado através das palavras de um seu ex-colega da academia ao dizer que já na faculdade mostrava capacidades para o exercício da política: “Impendia na Catarina uma capacidade de liderança” e demonstrava capacidade de organização: “uma capacidade acima da média de organização de

trabalho” (Anexo P:11). O jornalista reforça a ideia de competência quando diz que “em apenas três anos chegou, com João Semedo, à liderança do partido” (Anexo P:6). O advérbio “apenas” modela a frase sublinhando o pouco tempo que levou para atingir o topo da hierarquia partidária; o colega de partido afirma encontrar na Catarina “muitas qualidades” que lhe reconheceu quando da sua eleição para líder, e que estavam a manifestar-se: “a versatilidade, ela é capaz de pensar e agir” (Anexo P:7). Pressupõe-se estar perante alguém capaz de encontrar soluções e pô-las em prática. A profissão de atriz, que exerceu antes de se dedicar à política, foi também utilizada para reforçar essa competência política, já que lhe permitiu conhecer a realidade do país. Uma atriz que com ela trabalhou afirma: “leva (do teatro) uma experiência de conhecimento não só da realidade do país... nós trabalhamos em aldeias em prisões de norte a sul do país... como por exemplo do rigor orçamental” (Anexo P:9).

Foi descrita pelo jornalista como uma mulher lutadora e vencedora:

o partido que lidera perdeu votos e figuras emblemáticas viu nascer movimentos de dissidentes, o LIVRE e o AGIR, sofreu com o *SYRIZA*, e no último congresso travou uma dura batalha interna com Pedro Filipe Soares, do empate nasceu a solução. (Anexo P:19)

A afirmação do jornalista é reforçada pela declaração de CM produzida na sua tomada de posse como porta-voz do BE, recuperada do arquivo para a peça, onde referia um partido “mais forte e mais unido”, depois de ter sido eleita (Anexo P:20).

O jornalista ao escolher incluir na peça depoimentos de CM em arquivo, onde ataca os adversários de forma determinada nos seus propósitos e de forma assertiva, contribui para afirmar a sua capacidade de liderança: “o governo cada dia que passa mais parece o Pinóquio (Anexo P:3);” Eleições já! (Anexo P:5); “O problema do debate político é que a sua palavra (Pedro Passos Coelho) não vale nada” (...) “eu vejo que o senhor primeiro-ministro à falta de argumentos prefere ficar calado” (Anexo P:16-18).

Quanto às suas qualidades pessoais foi descrita, por uma ex-colega atriz, como divertida: “Há um lado muito mais... que se calhar não chega às pessoas, muito mais descontraído, divertido, é uma pessoa que aprecia imenso o humor” (Anexo P:14); pelo jornalista como corajosa: “não tem medo das palavras” (Anexo P:15); o seu colega de partido revela que a sua ideologia é algo inato: “a esquerda e as artes estão-lhe no sangue” (Anexo P:10); e o seu colega de faculdade descreve uma personalidade altruísta “uma enorme vontade de fazer bem, um belíssimo ser humano” (Anexo P:11).

Em conclusão, CM é descrita através de um discurso potencialmente criador de uma imagem de competência política, por possuir capacidade de liderança, de organização de trabalho, por conhecer o país, ser uma lutadora, assertiva e determinada, capaz de enfrentar sem medo os adversários. Como pessoa, revela-se ser dedicada à família, altruísta, divertida e com sentido de humor.

Os traços de personalidade de JrS (Anexo Q) foram construídos através das características pessoais do líder comunista na sua ação política e na sua interação social privada na localidade onde nasceu e habita.

A peça onde foi traçado o perfil de JrS começou por exibir um conjunto de imagens do líder dos comunistas a dançar ao som de música popular na passagem de ano de 1995 para 1996. As imagens foram captadas pelas televisões num evento da campanha eleitoral para as presidenciais, em que JrS era candidato pelo PCP, e ocuparam cerca de um terço da totalidade do tempo que durou a peça/perfil (03min35s)²⁶. O episódio da dança foi repetido insistentemente, em todas as televisões até à atualidade, em muitas peças elaboradas sobre o líder dos comunistas e, mais uma vez, recuperado pela TVI, mas desta vez JrS explicou as razões para tal mediatismo. JrS refere que quando comparado com os adversários políticos, à época, era o único que sabia dançar: “na altura filmaram o Cavaco Silva o Jorge Sampaio e filmaram-me a mim... não eram nada brilhantes a dançar, contudo, eram um bocado patudos passo o termo sem ofensa, portanto acabou só por ficar... só por ficar a minha imagem.” (Anexo Q:6).

A esta autoavaliação foi associada à descrição de um amigo e vizinho que relata a participação do líder dos comunistas nas “dezenas largas de bailaricos” quando “era muito novo” (Anexo Q:4), e que o jornalista situou nas “festas da aldeia” (Anexo Q:3). O amigo conferiu-lhe a característica de pessoa que “dança bem” (Anexo Q:8). Mas havia mais atributos “fala bem e diz aquilo que pensa” (Anexo Q:8). A partir desta intervenção do amigo, as imagens que passam a dominar a peça são as da aldeia de Pirescôxe e de um conjunto de amigos e vizinhos que falam da interação com JrS num espaço de convívio ao mesmo tempo que jogam às cartas.

A construção da personalidade de homem sociável e que sabe falar foi sendo desenvolvida pelos diferentes depoimentos: “Dança bem e fala bem” (Anexo Q:8). O jornalista indica que os seus tempos livres são passados com os amigos: “É aqui que vem passar algum tempo livre no

²⁶ Na figura 4.42 (JrS) na pp.194 é possível visualizar a azul-claro o espaço ocupado, na abertura da peça, pelo referido momento.

grupo desportivo de Pirescôxe em Santa Iria da Azóia com os amigos de sempre” (Anexo Q:11); e os amigos descrevem essa interação: “dá-se muito com a rapaziada aqui” (Anexo Q:13); “Ele não mistura a política aqui com o jogo não nem fala nisso” (Anexo Q:15). As descrições são representativas de uma pessoa que procura a interação social com os amigos, mas sem misturar a política com a amizade. JrS foi descrito como pessoa sincera: “diz aquilo que sente” (Anexo Q:8); e um amigo refere que “É aqui o nosso divertimento é o cantinho dos velhos” (Anexo Q:12), avaliação esta que pressupõe igualdade apesar do seu estatuto de líder político; “Ele é um belíssimo rapaz” (Anexo Q:13). Na descrição de um amigo foi visualizada emoção ao falar de JrS: “O senhor Jerónimo de Sousa é a pessoa mais ilustre (voz embargada) desta zona, é o meu vizinho...extraordinários” (Anexo Q:10). A apreciação foi verbalizada no plural (extraordinários), estendendo-a, implicitamente, a outros elementos da família. A descrição permite inferir orgulho e até o privilégio de quem fala, de poder ter como amigo e vizinho, o líder dos comunistas.

Através de uma opção jornalística, a inserção na peça do extrato de um discurso em que JrS afirma imperativamente: “Resistir já é vencer!” (Anexo Q:19), é indicado o traço de uma personalidade lutadora.

JrS foi referido como “uma pessoa simples” (Anexo Q:25), o jornalista descreveu o lugar onde nasceu como “pacata aldeia” e expôs a condição social da família, uma situação que não permitiu a JrS continuar a estudar. A descrição pressupõe o nascimento numa família humilde. Este conceito envolve várias conotações e que estão presentes nas descrições, humildade, por ser uma pessoa simples, despreziosa, afável, simpática e com dificuldades económicas. A construção do seu perfil enquanto político parte também dessa condição social quando o jornalista afirma que apesar de não ter estudado chegou a “Secretário-geral do Partido Comunista” (Anexo Q:18). Esta associação encaminha o julgamento para a ideia de um político naturalmente competente e lutador, já que apesar de todas as dificuldades consegue chegar ao topo.

As características de JrS, enquanto político, passa pela autoimagem através das citações indiretas do jornalista e das intervenções de JrS a partir de uma entrevista feita propositadamente para a peça. Através do seu próprio discurso é construída, potencialmente, a imagem de identificação e proximidade ao eleitorado do PCP. É dito pelo jornalista que JrS começou a trabalhar aos 14 anos, que a sua profissão é de afinador de máquinas, a qual está, ainda, registada na AR e que o líder dos comunistas só vê a “ligação à realidade” como sendo “a única via possível como político” (Anexo Q:16). JrS diz de viva-voz: “Nunca me desliguei

da minha origem, nunca me desliguei dos problemas dos trabalhadores dos seus anseios” (Anexo Q:17). A repetição do verbo desligar modela a frase tornando-a mais persuasiva e afirmando a intenção de vincar a ideia de fidelidade às origens.

Em conclusão, o discurso utilizado na peça/perfil de JrS constrói, potencialmente, a imagem de um líder que sobe na hierarquia política pelo seu trabalho e que só atinge o lugar pela sua competência natural, já que não pode estudar. É representado como sociável, amigo, sincero, lutador, humilde, sendo considerado uma pessoa igual a quem o descreve e o próprio líder coloca-se no discurso com um *ethos* político de proximidade e identificação com os trabalhadores. É considerado pelos seus amigos, de uma forma geral e usando uma expressão do senso comum, uma “boa pessoa”.

4.2.3. A entrevista jornalística

No contexto jornalístico, a interação entre os participantes na entrevista insere-se nos limites formais determinados pelas regras no campo do jornalismo. Nele, está configurado um conjunto de ações que deve ser cumprido, tanto pelo entrevistado como pelo entrevistador, sendo excluídas outras ações próprias de uma conversa em contexto social. O entrevistador deverá dominar a situação comunicacional cabendo-lhe a ele determinar os tópicos das perguntas e ao entrevistado responder-lhes. O entrevistado é submetido a um processo de interrogatório sobre os seus “julgamentos, opiniões e ações”. A agenda do entrevistado não é, por norma, coincidente com a do entrevistador, aspeto criador de tensão e conflito. No sistema de alternância de perguntas e respostas, o desenho das perguntas e das respostas é construído por ação dos dois intervenientes (Clayman & Heritage, 2004, pp. 95-99). Os autores indicam que as perguntas jornalísticas podem ser “simples ou prefaciadas”. O prefácio tem como função principal fornecer dados de contextualização das perguntas e argumentos para a sua relevância. Do ponto de vista linguístico, a pergunta pode assumir diferentes “formas”, declarativa e interrogativa, e a sua “função”, assumida através da ação expressa no enunciado, pode ser de declaração ou interrogação. No caso desta última, a associação pode não ser direta, porque as proposições podem exprimir afirmação, concordância ou acusação (quadro 4.10).

Quadro 4.10 - Tipos, forma e função de perguntas na entrevista jornalística.

Perguntas jornalísticas	Tipo	Forma	Função	Proposições
	Simple	Declarativa	Declaração	Declarações
Prefaciadas	Interrogativa	Interrogação	Afirmção Concordância Acusação	

Fonte: Baseado na teoria de Clayman e Heritage (2004, pp. 95-100)

As perguntas prefaciadas são complexas dão mais autonomia ao entrevistado enquanto as simples são feitas utilizando o assunto levantado na resposta anterior e que lhe serve assim de contexto. Ficando garantida a relevância e a inteligibilidade da pergunta. A teoria de Clayman e Heritage indica que as interrogativas podem ser concretizadas de várias maneiras: as que são iniciadas por: porquê, como, quando, onde ou quem; por perguntas que limitam as respostas a sim ou não; por proposições que colocam em confronto alternativas situadas em dois polos opostos; podem ser declarativas juntando à declaração o pedido de confirmação. Para além da sintaxe interrogativa, os autores indicam a existência de perguntas baseadas em eventos sobre os quais têm conhecimento privilegiado e “que incluem estados subjetivos dos entrevistados como sentimentos, atitudes ou intenções e áreas de conhecimento particular ou autoridade”. Estes eventos podem incluir hipóteses sobre ações prováveis ou políticas (Clayman & Heritage, 2004, pp. 100-103).

As perguntas são formuladas a partir de uma agenda de tópicos e ações escolhidas pelo entrevistador na qual o entrevistado pode querer ou não envolver-se. Também as proposições e as opções preferenciais expressas pelo entrevistador podem ser aceites ou não pelo entrevistado. O espaço da entrevista é determinado por um conjunto de ações criadoras de tensão permanente entre os participantes, em que o entrevistador, dentro da agenda que escolheu, coloca perguntas nas quais inclui proposições e incorpora preferências que o entrevistado aceita ou rejeita (quadro 4.11) (Clayman & Heritage, 2004, p. 192).

Quadro 4.11 - As dimensões das perguntas e das respostas.

Dimensões	
Perguntas	Respostas
Conjunto de agendas: Agendas de tópicos Agendas de ações	Envolve-se nas agendas ou recusa envolver-se
Proposições incluídas	Confirmam ou desconfirmam as proposições
Preferências incorporadas	Alinhamento ou desalinhamento com preferências

Fonte: Clayman e Heritage (2004, p. 192).

O entrevistador-jornalista, quando desenha as perguntas, procura o equilíbrio entre a “imparcialidade e a adversidade”. É nesse momento, em que é concretizado o desenho da pergunta, que se confronta com as regras do jornalismo e procura o impossível da objetividade exigida no seu campo profissional. Clayman e Heritage (2004) defendem que é na procura desse equilíbrio que expressa a sua “assinatura” determinando o estilo do entrevistador e do próprio programa”. Sendo a neutralidade impossível, os autores forneceram o termo “neutralismo” que é construído através da aplicação de um conjunto de regras a serem cumpridas no desenrolar da entrevista (quadro 4.12).

Quadro 4.12 - Estratégias do entrevistador na construção do neutralismo e reação do entrevistado.

Entrevistador			Entrevistado
O neutralismo nas perguntas	Respeita alternância entre pergunta/resposta	Reações colaborativas	Respeita alternância (não antecipar a resposta antes da pergunta concluída)
	Afirmações seguidas de pergunta		Respeita afirmações Aceita validade das citações Refere citado Valida e reforça neutralismo quando Não refere o citado, só adota o ponto de vista Evita minar o neutralismo Apresenta argumentos contrastantes Não refere ponto de vista
	Não expressa opinião/pede ponto de vista		
	Recurso a outras vozes para afirmar (vulnerabilidade dos argumentos podem pôr em causa a neutralidade)		
	Restrição Aprovação/concordância/discordância		

Fonte: Baseado em Clayman e Heritage (2004).

De acordo com a teoria de Clayman e Heritage (2004), as perguntas assumem no cumprimento das regras promotoras do neutralismo um cariz defensivo, enquanto no confronto estabelecido pelas agendas e pela pressão do contraditório assumem características adversativas, que podem ser visíveis quando o entrevistador expressa preferência por um argumento e despreza outro.

O entrevistador deverá respeitar a alternância pergunta/resposta; quando faz afirmações deve fazer uma pergunta de seguida; não deve expressar opinião, mas pedir pontos de vista; ao fazer afirmações/opiniões ou fornecer dados deverá basear-se em terceiros; deve evitar expressões de concordância ou discordância do entrevistado, debater, criticar, apoiar e defender o entrevistado.

Do lado do entrevistado pode existir um discurso que colabore na manutenção do neutralismo ou, pelo contrário, ponha as estratégias utilizadas pelo entrevistador em causa. O entrevistado contribui para a manutenção do neutralismo procurado pelo entrevistador, respeitando: a alternância, dando a resposta só após a conclusão da pergunta e não antecipando a resposta para a fase do prefácio; as afirmações feitas no prefácio; e aceitando a validade das citações referindo o nome de quem as produziu. O entrevistado pode ainda validar e reforçar o neutralismo ao adotar o ponto de vista expresso na afirmação sem referir o nome de quem o proferiu; e evitar minar o neutralismo apresentando argumentos contrastantes com o ponto de vista sem a ele se referir (Clayman & Heritage, 2004).

4.2.3.1. As perguntas jornalísticas: a agenda, a estrutura e o neutralismo

Em cada entrevista, as agendas dos jornalistas passaram, em todos os casos analisados, pela escolha de temas relacionados com o momento político das eleições legislativas de 2015, e as perguntas situaram-se em duas dimensões do campo político, a da luta política, *politics*, e a da política substancial, *policy*.

As categorias temáticas correspondem a cada assunto identificado nas perguntas colocadas em cada emissão. Em cada categoria temática pode haver mais do que uma pergunta. Em cada pergunta foi identificada a intenção explícita ou implícita na sua formulação. O processo foi orientado pela definição de Tema para as orações interrogativas na gramática sistémico-funcional, em que o “tema natural é ‘o que eu quero saber’ (Halliday, 2004, p. 75). Gouveia e Barbara (2004) utilizaram a definição de sujeito psicológico de Halliday e, sobre a análise de textos em português, concluíram que o Tema é entendido como a preocupação, o assunto expresso na mensagem, aquilo que quem fala tem em mente quando inicia a oração, “mesmo que não corresponda a qualquer realização morfológica” (Gouveia & Barbara, 2004, p. 175). Ou seja, de acordo com os autores, o Tema deixa de ser ocupado pelo sujeito e no seu lugar fica um significado, uma intenção do locutor ao iniciar a frase com sentido interrogativo.

Na dimensão *politics*, as perguntas foram agrupadas em oito categorias: a) “Resultados eleitorais”, em que são indicadores os enunciados que têm como objetivo/intenção conhecer as

ambições dos líderes quanto aos resultados a obter nas eleições, ou avaliar comportamentos do eleitorado; b) “Governação”, quem pergunta pretende saber quais são as intenções dos líderes para a construção da estabilidade governativa do governo que resulte das eleições, ou se admitem governar em minoria. Em caso de acordos partidários, com quem estão dispostos a fazê-los, ou quem estão dispostos a apoiar para permitir a existência de uma maioria parlamentar; c) “Cumprimento do programa eleitoral”, os indicadores contêm argumentos que expressam as dificuldades para o cumprimento dos programas eleitorais com que os partidos concorrem às eleições; d) “Casos partidários”, os enunciados aludem a casos de luta política interna, ou casos de justiça que envolvem militantes do partido a que pertence o entrevistado; e) “Relação de poderes”, a intenção é conhecer o posicionamento do líder face a acusações/declarações de interferências do poder político no poder judicial ou vice-versa; f) “Posicionamento partidário”, os indicadores contêm a intenção de definir posicionamentos do partido liderado pelo entrevistado face a outros partidos do mesmo espectro partidário; e g) “Presidenciais”, perguntas onde há a intenção de indagar sobre posicionamentos e candidatos às eleições presidenciais que se iriam realizar em janeiro de 2016; e “Campanha eleitoral”, a pergunta contém menção a estratégias de campanha eleitoral ou é uma pergunta completamente aberta que permite ao entrevistado enveredar pelo caminho da propaganda política.

Na dimensão *policy* foram integrados todos os temas da política substancial que respeitam à definição de políticas públicas, executadas no governo a que pertenceu o entrevistado, ou inseridas nos programas eleitorais dos diferentes líderes, em diferentes setores. Foram definidas quinze categorias: “Nacionalização da banca”, “Renegociação da dívida pública”, “Propostas para crescimento económico”, “Apoios às empresas”, “Venda do Novo Banco”, “Saúde”, “Educação”, “Desertificação”, “Desemprego”, “Impostos”, “Segurança social”, “Baixos rendimentos”, “Liberalização de drogas”, “Lesados do BES” e “Portugal na EU”.

Cada unidade de análise é constituída pelas perguntas sobre o assunto proposto para obtenção de informação, por parte de quem coloca a pergunta, pela resposta dada e por todas as intervenções do entrevistador ao longo das respostas do entrevistado a todas as perguntas referentes ao assunto.

A estrutura das perguntas segue em todos os casos analisados a mesma tipologia argumentativa. São iniciadas por proposições que enquadram a pergunta às quais se segue a frase de sentido interrogativo. O “prefácio de contexto” pode estar incluído no enunciado do entrevistador ou esse contexto está definido pela própria resposta a seguir à qual é colocada a

pergunta. De acordo com Clayman e Heritage (2004), as perguntas deixam, desta forma, mais espaço de liberdade para a resposta ao entrevistado.

Nas entrevistas a AC e JrS, o grupo de outros participantes que fez perguntas era constituído por uma plateia, aqui designada por PL, dado estar nessa situação em relação ao espaço do cenário. A diferença entre as duas plateias reside na idade e na dimensão. Na entrevista a AC, a plateia era composta por um grupo de pessoas anónimas e de diferentes idades que colocaram perguntas relacionadas com problemas pessoais dentro de diferentes áreas, educação, saúde, baixos rendimentos, cortes nas reformas, desemprego, etc. O entrevistador-anfitrião na abertura do programa informou que “a assistir em direto estão cerca de 40 pessoas, das quais dez vão questionar diretamente António Costa”, e quando passou a palavra ao primeiro elemento referiu-se à plateia como “nossos participantes”. No caso de JrS, a plateia era composta por um grupo de cerca de 20 jovens universitários em que cinco colocaram questões ao líder do PCP sobre desemprego jovem, renegociação da dívida, financiamento das propostas do programa eleitoral do PCP, etc. A plateia foi anunciada como um grupo de “jovens eleitores” pelo apresentador do J8 onde a entrevista foi emitida e pela entrevistadora de TPS como “estudantes universitários de várias instituições do ensino superior do país, de norte a sul”.

Nas entrevistas a CM e PP, existia uma plateia inserida no cenário com cerca de 25 pessoas, mas nunca houve qualquer referência a essa plateia, que se limitou a ocupar o fundo do cenário atrás do entrevistador e a assistir à entrevista sem qualquer intervenção nas perguntas. Os participantes nas perguntas ao líder do CDS-PP foram anunciados pelo entrevistador como “convidados” com a função de “nos acompanharem nas perguntas sobre fiscalidade, segurança social, economia e europa.” O painel era composto por um conhecido jornalista da área económica, um responsável pela área fiscal de uma empresa de auditorias fiscais, o presidente de uma empresa exportadora de produtos alimentares e um professor universitário da área do Direito. A líder do BE teve em estúdio, para acompanhar o entrevistador anfitrião nas perguntas, três jornalistas comentadores das áreas da política e economia. A apresentação feita pelo entrevistador referiu essa condição: “em estúdio estão também três comentadores da TVI...”.

As perguntas foram distribuídas entre o entrevistador anfitrião de cada emissão, que passa a ser designado por *Entvr*, pela plateia PL, pelos convidados designados por *Conv* e pelos comentadores C, e inseridas nas dimensões *policy* e *politics* (quadro 4.13).

Quadro 4.13 - Distribuição das perguntas por participantes e dimensões.

Perguntas				Dimensões					
Líder	Total	Entvr	PL, C e Conv	<i>Politics</i>			<i>Policy</i>		
				Total	Entvr	PL, C e Conv	Total	Entvr	PL, C e Conv
AC	33	23	10	17	16	1	16	7	9
JrS	17	12	5	12	9	3	5	3	2
PP	13	8	5	4	4	-	9	4	5
CM	22	13	9	14	11	3	8	2	6

O líder socialista, AC, foi confrontado com trinta e três perguntas, vinte e três foram colocadas pela Entvr e dez pelo público que integrava a PL; 17 enquadraram-se na dimensão *politics*, sendo que nesta dimensão só uma teve origem na plateia. Na dimensão *policy* foram colocadas dezasseis perguntas, nove partiram da PL e as restantes sete da Entvr (Anexo R1).

A JrS foram colocadas 17 perguntas, 12 pela Entvr e cinco pela PL. Na dimensão *politics* foram identificadas doze perguntas, nove foram colocadas pela entrevistadora e três pela plateia. Na dimensão *policy* foram encontradas cinco perguntas, três colocadas pela entrevistadora, as restantes duas pelos elementos da plateia (Anexo S1)

Enquanto o líder socialista AC é o entrevistado a quem foi colocado o maior número de perguntas, PP foi confrontado com o menor número de temáticas. O Presidente do CDS-PP respondeu a 13 perguntas, oito partiram do Entvr e cinco dos convidados (Conv1, Conv2, Conv3, Conv4). Quatro perguntas inseriram-se no campo da *politics* e foram todas colocadas pelo Entvr, para os convidados ficaram reservadas as perguntas no campo da *policy*, cinco de um total de nove, as restantes quatro ficaram a cargo do Entvr (Anexo T1).

A líder do BE foi a segunda a responder a um maior número de perguntas, 22; 13 foram colocadas pelo Entvr e nove pelos comentadores (C1, C2, C3). Na dimensão *politics*, num total de 14 perguntas, 13 tiveram origem no Entvr, as restantes três, nos comentadores em estúdio; das oito perguntas no campo da *policy* seis foram colocadas pelos C e duas pelo Entvr (Anexo U1).

As perguntas no campo da luta política (*politics*) foram em todas as entrevistas colocadas em maior número pelo entrevistador-anfitrião. As perguntas no campo da política substancial (*policy*) tiveram uma distribuição mais equilibrada, já que durante as respostas colocadas pela PL, pelos C ou Conv, também os entrevistadores-anfitriões iam colocando novas perguntas dentro do mesmo assunto.

Nas perguntas a AC (Anexo R) foram identificados 11 temas distribuídos pelas duas dimensões, *politics* e *policy*. Na dimensão *politics*, as perguntas P1, P2 e P4 tiveram como

objetivo esclarecer os resultados eleitorais ambicionados por AC. Nas três perguntas, o líder foi confrontado com uma formulação indicadora da impossibilidade do PS atingir uma maioria absoluta no parlamento. Na P1, a intenção da jornalista, JS, era saber o que significava uma expressão utilizada por AC durante a pré-campanha, “vitória clara”(Anexo R:1), mas que não lhe foi atribuída no desenho da pergunta, sendo assim, a expressão assumida pela jornalista, só sendo possível ser identificada a autoria de Costa aos espetadores que tivessem esse dado. Na pergunta foi referida a sondagem da TVI e retirada a conclusão de que o resultado nela obtido estava “ainda longe da maioria absoluta” (Anexo R:1), e, por essa impossibilidade, era necessário esclarecer o que seria uma “vitória clara”. A formulação preparou o caminho para as perguntas seguintes. Na P2, foram acrescentados argumentos que reforçaram as dificuldades para atingir esse resultado eleitoral: “a muito pouco tempo das eleições”, “vamos ter o mês de Agosto”, “estamos quase em cima das eleições” (Anexo R:3), sendo que todas as afirmações indicam que o tempo que faltava para as eleições não permitiria ao PS atingir o seu objetivo. A utilização do advérbio de modo “realmente” e do verbo “acreditar”, que significa crer, ter fé em alguma coisa, põem em confronto a realidade desenhada pelas perguntas com a que o líder demonstra acreditar, ou seja, que pode não ter correspondência com a realidade descrita. Há ainda a referir na construção gramatical da pergunta, a utilização da conjunção adversativa “mas”, logo no início da primeira frase, que vinca o confronto entre o que vai ser dito pela jornalista com o que acabou de ser respondido pelo entrevistado. Na P4, o confronto foi com uma declaração de AC onde desvalorizou a vitória do PS nas europeias, quando o PS era liderado por AJS. AC disse, na altura, que nas legislativas não poderia haver uma vitória que “soubesse a pouco” (Anexo R:7) como tinha acontecido naquele momento. A pergunta encerra a reprovação/crítica do comportamento político de AC para com o seu antecessor. A avaliação é inferida a partir do aparte utilizado pela entrevistadora: “(‘) e depois de uma vitória do PS (.)”, a frase foi acentuada com um tom enfático diferente do resto da pergunta, pondo em evidência a desvalorização da vitória de AJS, por AC. Ao mesmo tempo foi considerado que em 2015, mesmo a saber a pouco, uma vitória seria importante para os socialistas. A frase “(‘)que não saiba a pouco(.)” foi repetida com tom enfático numa interrupção da R4 acompanhada de uma linguagem verbal coerente com a linguagem não verbal visível na expressividade do rosto (figura 4.51).



Figura 4.51 - Expressão facial JS – Interrupção da R4

Fonte: TPS AntCosta_entrevista9JulhoTVI: 0:04:13.0 (Figueiredo, 2015h).

As condições para governar com estabilidade política foram questionadas nas perguntas P3, P5 e P6. Na P3, a intenção foi a de conhecer com quem AC preferia fazer acordos partidários, se com os partidos “à esquerda ou à sua direita” (Anexo R:5); na P5 foi utilizada a sondagem da TVI para indicar ao líder socialista que os portugueses preferiam a estabilidade governativa através de acordos com “as lideranças do PSD e do CDS” (Anexo R:11). Na falta de uma resposta concreta à P5, a P6 questiona a intenção de Costa pretender “governar em minoria” (Anexo R:13). A comparação com o governo de António Guterres remete para uma realidade de instabilidade governativa, já que o segundo mandato de António Guterres não foi até ao fim da legislatura. A P6 foi iniciada por uma afirmação: “E não sendo possível um entendimento à esquerda”, uma frase que não deixa espaço para contestação e baseia-se num argumento que também é dado como inviabilizador desse acordo: “por razões que tem desde logo a ver com o processo de integração europeia”, a utilização da locução “desde logo” é aqui equivalente à aceção de “sem dúvida nenhuma”. Durante a R6, a afirmação “Mas as pessoas precisam de saber com o que é que devem contar” (Anexo R:15) indica a AC a obrigação que tem de responder aos eleitores sobre o que pretende fazer. A utilização do verbo “precisar” modeliza a frase e confere-lhe força persuasiva através da assertividade transmitida, e a utilização da adversativa “mas” estabelece o confronto com o entrevistado que optou por não responder. O desenho da pergunta utilizando outra formulação, como por exemplo – Do seu ponto de vista será ou não importante que os eleitores conheçam a forma como pensa governar?-estabeleceria outro tipo de relação entre os interlocutores.

O cumprimento do programa eleitoral apresentado pelos socialistas aos portugueses foi posto em causa na formulação de sete perguntas (P8, P10, P11, P12, P30, P31 e P32). A P8: “E o PS tem dinheiro para isso?” (Anexo R:29) teve origem no que AC disse na R7 onde prometeu repor os rendimentos das famílias. A pergunta lança a dúvida sobre a possibilidade de cumprir as promessas e a retórica figurativa, na formulação da pergunta, induz ao sentimento de que é

o partido que deverá possuir os recursos para concretizar as promessas. A formulação utilizada reforça as responsabilidades do PS e de AC por fazerem promessas que não têm hipótese de cumprir. A interpretação imediata poderia ser potencialmente diferente se no lugar do PS estivesse “a Segurança Social tem dinheiro para isso?”. O sentimento de impossibilidade do PS cumprir o que promete foi reforçada no final da R8 com uma afirmação da jornalista: “Já iremos ver como é que à luz destas circunstâncias atuais (...) será possível ter realmente uma construção tão definitiva sobre matérias que envolvem dinheiro” (Anexo R:31). Após a afirmação, foi iniciado o desenho da P9, (Anexo R:32), colocada pela plateia, onde foi pedido um “compromisso de honra” sobre o que AC iria fazer com as reformas dos pensionistas, se iria haver mais cortes. A P10 levanta a dúvida de ser possível a AC cumprir as promessas que tinha acabado de fazer na R9 (Anexo R:33) de “eliminar o corte das pensões e garantir que não há novos cortes”. A pergunta enumera um conjunto de situações consideradas inevitáveis: “não sendo possível criar os 45 000 empregos”, “com as pessoas a viverem muito mais tempo”, “com uma taxa de natalidade tão baixa”, face a tudo isto como poderia AC cumprir as promessas feitas (Anexo R:36). A P11 questiona a recuperação dos “8 milhões de euros” (Anexo R:38) que AC referiu na R10 faltarem na Segurança Social por “via do aumento do desemprego e emigração” (Anexo R:37), uma dúvida que é reforçada na interrupção feita à R11: “Mas António Costa está a introduzir muitos “ses” na sua resposta (...) se a economia crescer (...) se criarmos determinados milhares (...) empregos”(Anexo R:40-46). A dúvida é reforçada através da linguagem corporal, a expressão facial visível (figura 4.52), antes de passar a palavra ao entrevistado, pode ser lida como a tomada de consciência da entrevistadora de que acabou de introduzir dificuldades ao entrevistado ficando a observar como vai reagir/responder.



Figura 4.52 - Expressão facial JS – Interrupção da R11

Fonte: TPS AntCosta_entrevista9JulhoTVI: 0:17:13.1 (Figueiredo, 2015h).

Na P12 (Anexo R:48-50) ficou em causa a possibilidade de haver crescimento económico que permitisse criar emprego e resolver os problemas das finanças públicas. Para provar esta

impossibilidade foi feita uma comparação: “estando Portugal há uma década sem crescer e a média de crescimento na zona euro, a começar pela Alemanha, é de 1%” como iria AC garantir mais empregos, uma ideia reforçada pelo comentário que interrompe a argumentação de AC na resposta: “mas isso não se consegue de um dia para o outro” (Anexo R:52), ou seja, mesmo que seja possível não o será durante o mandato do próximo governo e, por isso, não será possível executar as políticas que defende, pelo menos para já. Nas perguntas P30, P31 e P32, o exemplo da Grécia forneceu novos argumentos para demonstrar as dificuldades dos socialistas em cumprirem as suas promessas. A instabilidade económica grega e o seu reflexo na economia europeia poderia obrigar AC a alterar as suas propostas (P30, Anexo R:142). Na P31, que interrompeu a R30, AC foi questionado sobre o referendo grego: “se tivesse votado no referendo teria votado sim ou não” (Anexo R:144), a resposta poderia dar indicação sobre o que pensava AC sobre o cumprimento do acordo com os credores, já que nessa consulta os gregos recusaram esse acordo, mas AC não respondeu e continuou a R30 que foi de novo interrompida com uma afirmação: “A Grécia está obrigada a ter mais austeridade” (Anexo R:146), e com ela foi sugerido que AC não iria conseguir inverter as políticas de austeridade, como prometia, sob pena de agravar ainda mais a situação económica das pessoas, acrescentando mais austeridade como ocorreu na Grécia. A P32 - “se for primeiro-ministro vai lutar por melhores condições com os nossos parceiros europeus...” e negociar “as medidas de austeridade que nos foram fixadas” (Anexo R:148-150), conjugada com as anteriores, P30 e P31, vinca as dificuldades ou até mesmo, a impossibilidade de sucesso nessas negociações. O verbo “obrigar” utilizado na P30 (Anexo R:142) e na afirmação com sentido interrogativo (Anexo R:146) acentua a falta de alternativas para o cumprimento das regras impostas pelos credores, e o verbo “lutar” (Anexo R:148) amplia a força da dificuldade necessária para obter êxito junto dos “parceiros europeus”.

A P27 (Anexo R:130) é a única na dimensão da luta política colocada por um elemento da plateia. Nela, foi levantada a questão do envolvimento da justiça nas decisões do governo - “a judicialização da política” - com o objetivo de saber como iria AC lidar com a relação entre poderes, se fosse primeiro-ministro.

As perguntas P28, P29 e P33 aludem à relação de AC com dois destacados militantes do PS, AJS e José Sócrates, duas polémicas que foram amplamente mediatizadas: a luta pela liderança do PS, quando Seguro era o líder dos socialistas; e a detenção do ex-primeiro ministro José Sócrates, que estava preso no estabelecimento prisional de Évora. Na P28 (Anexo R:132-134), AC foi confrontado com uma declaração de José Sócrates quando disse ser um “preso

político”, estatuto que o transformava numa vítima do poder político instituído e não num culpado. O líder do PS tinha visitado, uma vez, Sócrates à prisão, e a visita foi interpretada como um gesto de apoio ao amigo. Costa tentava afastar o assunto do palco da campanha, mas as perguntas eram recorrentes. Na P29 (Anexo R:138), a questão era saber se tencionava fazer uma nova visita. A P33 é iniciada com uma movimentação no cenário, impulsionada pela jornalista ao mesmo tempo que se dirigia a AC:

JS - António Costa vou acompanhá-lo à saída do estúdio vamos avançando por favor ...

AC – Então boa noite muito obrigado.

P33JS – Muito boa noite a todos e muito obrigada pela vossa participação... (‘) António Costa (,) só tenho uma última pergunta para lhe fazer vai convidar António José Seguro para deputado? (Anexo R:156-158)

No contexto ficava subentendido que a entrevista tinha acabado, mas afinal, ainda havia uma “última pergunta” (Anexo R:158). O anúncio criou uma expectativa adicional sobre o que iria ser perguntado: “vai convidar António José Seguro para deputado”(Anexo R:158). Na formulação da pergunta foi utilizado o verbo transitivo “ir”, que implica uma ação do líder socialista, a sua vontade de convidar ou não o seu antecessor, acabando por revelar a intenção da jornalista de conhecer qual a relação entre AC e AJS, após a luta política entre ambos na disputa pela liderança socialista.

Na dimensão *policy*, as perguntas visaram conhecer as propostas políticas do PS para resolver questões concretas, como os baixos rendimentos das pessoas (Anexo R:22 e 32), a redução de impostos (Anexo R:59-84), a educação (Anexo R:87), o desemprego (Anexo R: 97-110), a desertificação do interior do país (Anexo R:115) e a saúde (Anexo R:119 e121-123).

Os temas das perguntas a colocar pela plateia eram do conhecimento da jornalista que na sua introdução o anunciava e identificava com nome, idade, contexto social, profissional ou económico em que se encontrava o elemento da plateia que a iria colocar. As perguntas eram colocadas por quem vivia o problema levantado. O texto da jornalista contribuía para a construção do prefácio da pergunta, já que a enquadrava e fornecia elementos para a sua compreensão.

Foram identificadas onze categorias temáticas nas perguntas formuladas a JrS (Anexo S). Na dimensão *politics*, as questões P1, P2 e P3 estão relacionadas com as condições políticas que o executivo, a ser constituído após as legislativas, teria para governar e das responsabilidades do PCP no apoio aos socialistas para a viabilização de um governo de esquerda. JrS foi confrontado na P1 com a exigência de estabilidade parlamentar feita pelo

Presidente da República e as perguntas seguintes encaminham o PCP para a necessidade de fazer um acordo PS/PCP, que até então nunca tinha sido conseguido. No desenho da P2, a opção pela utilização da expressão idiomática “dar a mão ao PS” (Anexo S:3) incrementa o nível de persuasão da pergunta, ao mesmo tempo que é construída a imagem do PCP como apoio dos socialistas, numa atitude, de ajuda a atingir o seu objetivo de governar. Da plateia foi colocada a P3 que encerrava a acusação de que o PCP poderia ser o responsável pela formação de um governo de direita: “o PCP ao negar qualquer tipo de acordo com o PS seria o responsável pela direita no poder” (Anexo S:12). A entrevistadora interrompeu a R3 para referir que AC já tinha dito que não faria acordos com a direita, o que contradizia JrS ao acusar o PS de estar, sistematicamente, ao lado do PSD e CDS: “o Partido Socialista sempre mas sempre fez entendimentos com a direita” (Anexo S:13). JrS recusou a ideia de que declaração de AC estivesse bem citada pela jornalista. A entrevistadora desvalorizou esse entendimento e considerou que o que tinha dito era igual à correção que JrS tinha feito: “vai dar ao mesmo” (Anexo S:18). Na intervenção seguinte a entrevistadora insiste com uma pergunta que pede uma confirmação, já que foi feita pela negativa: “Mas isso não aproxima o PS do PCP esta expressão não aproxima o PS do PC” (Anexo S:20). A ideia de que o PS estava a tentar fazer acordos, mas era o PCP que não os aceitava, vai ganhando forma. Outra interrupção acentua essa perspectiva de dificuldades de entendimento entre socialistas e comunistas, porque “a saída da Zona euro” era “outro ponto de divergência” entre as duas formações partidárias (Anexo S:22).

Durante a R3 a jornalista ressaltou parte do conteúdo da resposta de JrS ao concluir que: “registamos a sua afirmação de que não será por falta de apoio do PCP (...) que o PS terá dificuldades no caminho se vencer as eleições” (Anexo S:24). Com esta ressalva fixou a ideia de disponibilidade do PCP para formar uma maioria no governo com o PS.

As perguntas P4, P5 e P6 põem em causa a capacidade do PCP para cumprir as suas propostas eleitorais: por não ter financiamento suficiente, “onde é que nós vamos buscar o financiamento para essas medidas”(Anexo S:27). Na P5 e na sequência da P4 colocada pela plateia é a jornalista que pergunta se “O PCP não retirou lições da experiência grega...”. Na pergunta é utilizada a expressão “retirar lições”, ou seja, que não aprendeu com o que se passou na Grécia, quando o *SYRIZA* foi “confrontado em Bruxelas com os credores e vê-se impossibilitado de executar essas promessas eleitorais” (Anexo S:29-31). Esta é uma forma adversa de colocar a questão, já que poderia ser colocada de outra forma, referindo os insucessos do partido grego e perguntado qual era a diferença entre as condições gregas e

aquelas que o PCP propunha para poder cumprir as suas propostas. A expressão “retirar lições” encerra em si uma apreciação negativa sobre o PCP, já que observou factos e sinais políticos na Grécia que parecia não ter entendido. Podendo-se inferir que se os compreendesse saberia que não iria conseguir cumprir as propostas de “menos austeridade” e “renegociação da dívida”, que defendia. Durante a R5 existiram quatro interrupções do entrevistado: lembrando a preferência dos gregos ao responder em referendo que pretendiam continuar na zona euro (Anexo S:33) e de que tinha havido um terceiro resgate (Anexo S:35). Os dados fornecidos vincam as dificuldades gregas e a oposição da população às propostas do *SYRIZA*. Nas outras interrupções a jornalista corrigiu JrS ao referir que o Fundo Monetário Internacional (FMI) poderia ter falado em renegociação da dívida, como disse JrS, mas nunca tinha falado em “perdão da dívida” (Anexo S:37). A correção vinca a ideia de que o PCP pretendia algo que os credores não iriam aceitar. No final da R5, resposta onde JrS se insurgiu contra o resgate de Portugal, a jornalista retirou uma conclusão que justificava a existência desse resgate: “porque estávamos numa situação de pré-banca rota” (Anexo S:41), o que justificava as políticas de austeridade adotadas. A P6 acentuou ainda mais a impossibilidade do cumprimento das propostas do PCP, vincando uma contradição no que dizia respeito à proposta de renegociar a dívida: “como é que eu negoceio com quem (os credores) pretendo romper” (Anexo S:42). No desenrolar da R6, JrS afirmou que existiam outros países em situação económica idêntica à portuguesa e que se deviam unir (Anexo S:43), mas uma afirmação da entrevistadora introduziu argumentos para que essa união não fosse possível: “Mas esses países que enuncia têm situações muito diferentes (...)os problemas são desiguais a nível dos países que acabaram por ser intervencionados ”(Anexo S:46). Os argumentos têm o efeito potencial de mostrar a impossibilidade de concretizar a proposta do PCP.

A identificação do PCP com regimes comunistas como o da China e de Cuba, a opinião do PCP sobre a aproximação destes regimes ao mundo capitalista e liberal, e ainda as suas referências internacionais, constituíram as temáticas das perguntas P12, P13 e P14. Na P12 JrS foi confrontado com a intenção de conhecer o posicionamento do PCP quando uma privatização é feita com dinheiro chinês, um regime comunista que adota práticas que o PCP reprova: “o que é que pensa do investimento chinês em Portugal já que têm sido chineses aqueles que têm realmente chegado e tomado posição nas grandes empresas portuguesas.” (Anexo S:76). As interferências feitas pela jornalista no decurso da resposta tinham como objetivo indagar sobre os contatos do PCP com os investidores (Anexo S:80). Assim, depois de JrS referir que “o problema não está nos chineses o problema está naqueles governos que permitem a sua

privatização” (Anexo S:81), a jornalista interrompeu para reafirmar que existia também a vontade da China “expandir os seus investimentos” (Anexo S:82). Com esta afirmação o “problema” que JrS considerou que era apenas do governo português ficou também do lado dos chineses. A P13 (Anexo S:86) questionou o pensamento sobre o reativar das relações diplomáticas entre Cuba, um país comunista, e os EUA, um país de sistema capitalista liberal, após o bloqueio económico. O líder comunista foi confrontado com situações de abertura de outros partidos congéneres no mundo, dando a entender que só o PCP continuava fechado. Na P14 a intenção era conhecer com que partido comunista se identificava o PCP: “qual o partido comunista (...) que serve de referência ou de inspiração ao Partido Comunista Português” (Anexo S:88). Perante a indicação de JrS de que a pergunta já era muito repetida, a entrevistadora reafirmou que mesmo assim era justificada pelo momento eleitoral. Numa outra interrupção, e, à falta de uma resposta concreta, a jornalista lembrou que o PCP “continua a ter na sua matriz o marxismo-leninismo” (Anexo S:92), ou seja, continua fechado à adaptação ou aproximação ao mundo liberal atual como o caso da China e de Cuba.

A P15 foi colocada pela plateia, é totalmente aberta permitindo ao entrevistado dizer o que entendesse e remete para a ideia de uma apreciação das políticas praticadas pelo governo em funções “o que o incomoda mais neste país?” (Anexo S:97).

As duas últimas perguntas, P16 e P17 tiveram a intenção de conhecer o posicionamento nas eleições presidenciais do PCP, que se disputaram logo a seguir às legislativas de 2015, em janeiro de 2016. Na P16 (Anexo S:99) foi colocada a hipótese da desistência do PCP a favor de um candidato socialista numa segunda volta. Outras desistências foram recordadas: “a favor de Mário Soares” (Anexo S:101) e foi posta a hipótese de uma desistência logo na primeira volta (Anexo S:103). A resposta foi interpretada como sendo afirmativa (Anexo S:105) e na intervenção seguinte, a intenção era que JrS definisse qual o candidato da área socialista com quem tinha mais afinidades. A jornalista conclui que o entrevistado não se queria comprometer (Anexo S:109-111), em vez de um nome foi pedido na P17 “o perfil do candidato do PCP” (Anexo S:113), insistindo depois numa nova formulação de pergunta: “é uma pessoa da chamada velha guarda ou será uma pessoa das novas gerações” (Anexo S:115).

Na dimensão *policy*, foram lançadas cinco perguntas (P7, P8, P9, P10 e P11). A cargo da plateia ficaram dois assuntos: a P7 sobre o desemprego jovem (Anexo S:47), a pergunta pretendia saber das estratégias do PCP para inverter a situação e questionava o facto desse assunto não estar inserido no programa eleitoral comunista; e a P11 sobre a liberalização do acesso às drogas duras (Anexo S:72.), sendo que, perante a resposta de recusa da legalização,

mas a defesa da descriminalização dos jovens que recorram a essas substâncias, a entrevistadora põe em evidência a divisão do PCP quanto ao assunto “mas não a liberalização como defendem alguns setores do partido” (Anexo S:74). As restantes perguntas (P8, P9 e P10) foram colocadas pela entrevistadora. Na P8 (Anexo S:51), o PCP foi posto no mesmo patamar que todos os outros partidos, o essencial era conhecer o que o diferenciava dos outros quanto às estratégias para promover o crescimento económico, onde JrS referiu residir a resolução do futuro dos jovens; na P9 (Anexo S:55), a intenção era saber se as famílias com maiores rendimentos também deveriam pagar mais impostos, e na P10 (Anexo S:65) pretendia-se conhecer a posição do PCP quanto aos lesados do BES. As interferências nas R9 e R10 são no sentido de pedir esclarecimentos e precisar as respostas que estavam a ser dadas (Anexo S:57, 61, 63 e 67).

As treze perguntas colocadas a PP foram distribuídas por oito categorias (Anexo T). A entrevista abriu com perguntas situadas na dimensão *policy* com o tema da venda do Novo Banco (NB). Na P1, P2 e P4, o entrevistador teve a intenção de saber porque razão o governo em funções, PSD/CDS, estava a fazer tudo para vender o NB antes das eleições e, se no processo, o Estado teria de colocar mais dinheiro na instituição. Toda a argumentação utilizada pelo entrevistador foi direcionada para a opção de ser afirmada a estranheza do *timing* da operação, e da necessidade dos portugueses terem de pagar através dos impostos uma operação financeira sobre a qual foram levantadas dúvidas sistemáticas.

A P1 foi classificada por José Alberto de Carvalho (JAC), como “urgente” e “intrigante” (Anexo T:16). O entrevistador chamou, assim, a atenção sobre a pergunta, despertou a curiosidade, mas também classificou a decisão governamental como surpreendente e de difícil compreensão.

P1JAC – Dr. Paulo Portas muito boa noite uma vez mais tenho uma pergunta para si ...

PP – Muito boa noite.

JAC ... (h) e a primeira é das mais urgentes e intrigantes (h) do momento, (‘) por que razão é necessário VENDER AGORA o Novo Banco (‘). Qual é a pressa? (Anexo T: 14-16)

A utilização da expressão “qual é a pressa” juntamente com a adjetivação da pergunta produz o efeito de surpresa e a incompreensão pela “pressa” do governo para concretizar a operação e, por isso, precisava de ser explicada. As escolhas gramaticais e lexicais direcionam a interpretação para a ideia de que a intenção era fazer a venda antes das eleições. Ficaram, desta forma, lançadas suspeitas sobre a decisão de não querer deixar a venda para um hipotético novo governo que saísse das eleições e que poderia não ser do PSD-CDS.

Durante a resposta o entrevistado foi confrontado diversas vezes com intervenções do entrevistador. Muitas induziam o descrédito nos argumentos apresentados por PP para justificar a decisão governamental, nomeadamente, o de que o Estado não teria de colocar mais dinheiro no banco - “Há alguma hipótese de terminar bem ainda (a operação de venda)” (Anexo T:18); noutra intervenção o entrevistador solicitou um compromisso ao entrevistado, o de que a decisão de venda “não irá custar um cêntimo para os portugueses”, compromisso que já tinha sido assumido por outros governantes (Anexo T:22). A opção pela utilização de vocabulário popular “um cêntimo” incute ao pedido uma aproximação emocional aos espetadores, todos contribuintes. PP reagiu começando por explicar as diferenças entre um processo de nacionalização e a opção feita quanto ao NB, mas foi interrompido pelo jornalista:

PP - Repare é essa mesmo a diferença entre uma nacionalização foi isso que aconteceu no BPN...

JAC – Mas é que ninguém acredita...

PP - ...ainda hoje estamos a pagar...

JAC – Mas é que ninguém acredita que não custe ...

PP - ...e a resolução...

JAC – muitos cêntimos muitos euros aos portugueses. (Anexo T:23-28)

A partir do momento anterior, transcrito, até final do assunto foi travado um longo confronto argumentativo entre os dois interlocutores (Anexo T:29-67): a alegada falta de acordo entre o Banco Central e um potencial comprador em que a quantia em causa “já não cobria pelo que se sabe todo o dinheiro necessário...” (Anexo T:30), sendo que ao argumento verbal juntou-se o argumento não verbal da expressão facial de um sorriso forçado, coerente com a ideia de que PP ficaria, naquele momento, sem argumentos para defender o contrário (figura 4.53); de seguida foi introduzido o argumento da necessidade de um aumento de capital que tinha de ser garantido pelo Estado; e foi evocada a quantia de “4900 milhões de euros que o Estado já teria colocado no banco” (Anexo T:32-36).



Figura 4.53 – Expressão facial JAC – Interrupção da R1.

Fonte: TPS 03/09/2015 aos 0:03:43:5 (Figueiredo, 2015i).

Após a resposta de PP JAC regressou à ideia de que, se era como dizia Portas: “Então a minha pergunta é qual é a pressa? (Anexo T:42) e reafirmou a ideia inicial do pagamento a que os portugueses iriam ser chamados a fazer através da CGD, um banco público, ou por aumento da dívida pública e do respetivo pagamento dos juros (Anexo T:40-62). Se na P1, a intenção do entrevistador era indagar sobre a venda do NB e a necessidade de os contribuintes pagarem parte da conta da operação, que acabou por ficar percecionada como uma operação errada já que iria obrigar os contribuintes a pagarem os custos dessa operação, na P2 foi pedido ao vice-primeiro ministro que confirmasse se se comprometia com a ideia de “que a venda do Novo Banco a alienação do Novo Banco não irá custar um cêntimo para os portugueses.” (Anexo T:22). Na P4 (Anexo T:72) a intenção foi esclarecer o que pensava PP sobre a ação dos intervenientes no processo de venda do NB, designadamente, do governador do Banco de Portugal; na P3, o entrevistador levantou o problema das indemnizações aos lesados do BES. (Anexo T:68) tema em que Portas falou em casos de “manipulação” das pessoas, JAC sugeriu que tenha havido “fraude” e Portas aceitou a possibilidade (Anexo T:69-71).

As P8 e P9 foram dedicadas aos impostos e colocadas pelo mesmo convidado (Conv1). Na P8, PP foi questionado sobre a necessidade de baixar a carga fiscal do trabalho dependente, especificamente sobre os vencimentos mais baixos Anexo T:81). Na P9, a intenção era saber se a reforma do IRC era para manter e até “ir mais longe” (Anexo T:91). Num determinado momento da resposta o entrevistador afirma: “Com a carga fiscal mais baixa tudo seria mais fácil para toda a gente, digo eu.” (Anexo T:93). Um comentário que expressa uma avaliação em nome próprio. Noutra interrupção foi gerado novo confronto a propósito da eliminação da sobretaxa (Anexo T:96-101): PP insistia na ideia de uma eliminação progressiva e JAC na ideia de que já deveria ter sido eliminada porque foi apresentada como transitória.

O Conv2 confrontou Portas com a necessidade de arranjar 600 milhões de euros para reequilibrar as contas da Segurança Social, sendo que essa proposta feita em Portugal não foi colocada no documento orçamental que tinha sido enviado para Bruxelas (Anexo T:130). O Conv2 e o entrevistador interferiram vinte sete vezes na R11 - o Conv2 interferiu em dezoito momentos e o entrevistador em nove. O Conv2 indicou a PP que: “para chegar à comparação entre os dois modelos (socialista e da coligação PSD/CDS para reformar a segurança social) eu precisava de ter números da coligação e eu não tenho” (Anexo T:139). Ou seja, no programa eleitoral do PSD/CDS eram apresentadas as propostas, mas a coligação não tinha em conta os custos, ficando implícito que só o PS apresentara as contas no seu programa. Portas alegou que a falta de dados se devia ao facto de haver conversações com os parceiros sociais e não querer “condicionar previamente esse acordo” (Anexo T:140). A resposta foi prontamente interrompida com duas acusações do Conv2: “isso é forma fácil de fazer política” ou de “incapacidade deste governo (...) de ter feito a reforma da segurança social” (Anexo T:141-145). A extensa troca de argumentos entre o Conv2 e PP (Anexo T:146-168) acabou por ser interrompida pelo entrevistador para lhes pedir brevidade (Anexo T:169). De seguida o Conv2 fez uma constatação: “Ó Dr. PP ainda não acrescentou nada de novo” (Anexo T:173), PP retoma resposta e dada a sua extensão o entrevistador pediu de novo que terminasse, após este momento e até final da resposta de PP o entrevistador fez várias tentativas para pôr fim à troca de argumentos entre Portas e o Conv2, mas PP continuou a tentar a apresentar argumentos e o Conv2 a lançar contra-argumentos. (Anexo T:175-201).

A P12 (Anexo T:202) partiu do Conv3 e tinha a intenção de saber como via PP a necessidade de fazer uma reforma do AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal). A P13 foi colocada pelo Conv4 com objetivo de saber quais os aspetos em que Portugal precisava de maior apoio europeu, e onde é que esses apoios não eram tão necessários. Ao longo da resposta o entrevistador/anfitrião interrompe com algumas frases indicadoras de que pretendia encerrar a entrevista (Anexo T:222 e 224), mas Portas não permitiu e continuou a resposta introduzindo um novo tema, o dos refugiados (Anexo T:225). O assunto estava intensamente mediatizado e foi levado até ao final da entrevista com várias intervenções de JAC, provocando reações da parte do entrevistado. PP conseguiu dizer tudo o que pretendia sobre o assunto, vencendo a batalha pela posse da palavra (Anexo T:226-237).

Na dimensão *politics* o entrevistador colocou todas as perguntas: as relações entre poder político e o poder judicial foram questionadas nas P5, P6 e P7. A P5 foi desenhada a partir de

uma citação indireta do eurodeputado do PSD, Paulo Rangel (Anexo T:74). Na formulação os argumentos de Paulo Rangel são interpretados:

Todo este colapso do grupo Espírito Santo teve lugar ao longo do último ano e meio, pergunto-lhe se subscreve o raciocínio do eurodeputado Paulo Rangel que neste fim de semana disse que” “se fosse um governo do PS no poder não estariam provavelmente”, INTERROGOU (‘) fazendo uma pergunta RETÓRICA (.) a ser investigados, o mais poderoso banqueiro do país e um ex-primeiro-ministro. (Anexo T:74)

A P5 foi, assim, iniciada com um prefácio que enquadra temporalmente o acontecimento ocorrido durante um governo do PSD-CDS (o colapso do BES) em que a justiça agiu. A frase interrogativa é anunciada: “pergunto-lhe”, e durante o desenho da pergunta é introduzido um aparte: “(Paulo Rangel) INTERROGOU (‘) fazendo uma pergunta RETÓRICA (.)”, ou seja, o objetivo de Rangel era criticar os socialistas acusando-os de controlar a justiça e não o de obter uma resposta à interrogação que lançou.

Na P6 foram usados “analistas e comentadores” não identificados para formular a pergunta sobre “a politização da justiça” ou “justicialização da política” (Anexo T:76). Um tema relacionado com a intervenção do TC ao considerar inconstitucionais alguns dos cortes nos rendimentos, na altura, determinados pelo governo. A P7 foi desenhada em forma de afirmação “e quando os políticos escorregam nessa regra e abrem caminho a este tipo de interpretações e de comentários sobre a mistura das duas áreas” (Anexo T:78).

A formulação da P10, em que a intenção do entrevistador era levantar a questão da estabilidade política após as legislativas, teve várias vicissitudes discursivas ao longo da sua formulação. JAC começou por referir-se à estabilidade dos acordos com os parceiros sociais, mencionados por Portas na resposta anterior, pretendendo relacionar com outro tipo de estabilidade que iria ser necessária á governação, a estabilidade política. Essa forma de iniciar a pergunta levou PP a introduzir alguns esclarecimentos, ressaltando o papel da UGT e atacar a CGTP-IN (Anexo T:105-108). Após essas intervenções JAC continua a pergunta e fala em “sondagens”, a partir desse momento trava-se um duro confronto entre entrevistador e entrevistado sobre credibilidade das sondagens:

JAC - ...e há decisões em breve muito relevantes no dia 4 de outubro à noite, dizem as sondagens teremos muito provavelmente...

PP – Não me vai falar a mim de sondagens ó José Alberto de Carvalho...

JAC – falo, falo...

PP - ...eu, pelas sondagens já não estava aqui há muito tempo, há muitos anos...

JAC -...mas desta vez está em coligação.

PP – Certo! Mas quer dizer...

JAC - ...desta vez está em coligação...

PP - ...não, acha que eu por causa disso passei a acreditar em coisas que eu acho que têm fortes problemas de credibilidade técnica, mas está bem...

JAC – Eu não sou a melhor pessoa para discutir isso consigo até porque dirigiu um centro de sondagens há muitos anos.

PP – Sim senhora e, portanto... (Anexo T:109-118)

Os atropelos foram sucessivos e o tom tenso. Só após JAC ter trazido para o confronto o facto de PP ter dirigido um centro de sondagens Portas cedeu a vez ao entrevistador.

A entrevista a PP foi classificada pelo entrevistador como uma “conversa” quando chamou a plateia a intervir: “Temos quatro convidados de áreas distintas o primeiro que eu chamo para esta conversa é (nome) ...” (Anexo T:80). A classificação marca a forma como o anfitrião percecionou o momento, não o de uma entrevista jornalística formal/institucional, mas uma conversa, ou seja, a existência de um discurso “conversacional” (Ilie, 2001). A classificação não está, habitualmente, associada à entrevista jornalística, mas ao *talk show*. O espetador é desta forma encaminhado para um conteúdo menos formal do que uma tradicional entrevista no campo do jornalismo.

Na abertura do programa, o apresentador fez um texto de apresentação do entrevistado onde ficaram lançadas acusações, dúvidas sobre o comportamento político e até capacidades do entrevistado para cumprir as tarefas que lhe foram atribuídas no governo que integrava: “responsável pela coordenação económica do governo e entre outras pastas a reforma do Estado que ninguém viu” (Anexo T:13), mas o assunto nunca foi levantado durante a entrevista.

A CM foram colocadas vinte e duas perguntas distribuídas por oito temas (Anexo U). Na dimensão *politics*, a governação e o apoio que o BE poderia dar ao PS na formação de um governo estável ocupou um tempo considerável logo no início do programa. O assunto esteve presente em cinco perguntas (P1, P2, P3, P4 e P7). A intenção do entrevistador era perceber se o BE se coligaria com o PS através de acordos estabelecidos no parlamento para construir uma maioria parlamentar que desse estabilidade a um governo minoritário socialista. Na P1, a pergunta foi direta “pode o partido socialista contar com o Bloco de Esquerda para uma solução estável de governo.” (Anexo U:1), a P7 colocou em confronto a possibilidade do apoio do BE

a um partido que também poderia governar com políticas de austeridade: “Já ouvimos elementos do Bloco de Esquerda dizerem (...) que o PS é austeridade aos bocadinhos quero ouvir do lado da Catarina Martins qual é o seu posicionamento relativamente a uma solução estável de governo com o PS.” (Anexo U:31).

O desenho da pergunta reflete um problema de incoerência entre as críticas do BE às políticas de austeridade do governo PSD/CDS, em funções, e a possibilidade de apoiar o PS, que era acusado de seguir as mesmas políticas se formasse governo. A pergunta tem implícita, ainda, a divisão do BE quanto a essa possibilidade, porque indica que a acusação ao PS de “austeridade aos bocadinhos” era feita por “elementos do BE”. Na P2 a intenção foi conhecer em que matérias de governação não estaria o BE disposto a ceder na hipótese de estabelecer acordos parlamentares com o PS: “quais são as linhas de que não abdica.” (Anexo U:3). Na P3 foi pedida a confirmação da interpretação feita pelo jornalista: “deduzo das suas palavras que não fecha a porta a um acordo de estabilidade com o partido socialista.” (Anexo U:5). Face a uma resposta que não concretizou os pontos de que não cederia em eventuais acordos com o PS, o entrevistador na P4 deu como exemplo a reestruturação da dívida. Foi durante a R4 que se estabeleceu o primeiro confronto entre entrevistador e entrevistada: após insistir numa resposta concreta (Anexo U:9), o entrevistador a meio da resposta interrompeu a entrevistada e insistiu na ideia da não cedência do BE no que dizia respeito à renegociação da dívida: “E esse é um ponto do qual não vão abdicar...” (Anexo U:11-20).

As perguntas P5, P6 e P11 expõem a incapacidade da esquerda para se unir e fazer uma frente eleitoral à direita que, sistematicamente, se une para atingir o poder. A hipótese de uma união entre o BE e o PCP foi lançada na P5 através da citação indireta do líder histórico do BE, Fernando Rosas (Anexo U:21); na P6 foi colocada a questão das consequências da desunião da esquerda que, incapaz de fazer cedências, poderia determinar a existência de um governo de direita, responsabilizando o BE por esse facto, tal como já tinha sucedido em 2011 “quando o Bloco de Esquerda chumbou o PEC4 e fez cair José Sócrates.” (Anexo U:25). A ideia da impossibilidade de acordos à esquerda, BE/PS, foi evidenciada pelas intervenções do entrevistador durante a R7, a propósito das alterações previstas na TSU. O entrevistador interrompeu para salientar que - “também não contam com o Bloco de Esquerda aí.” (Anexo U:33), e quando a líder do BE referiu o “problema da dívida”, o entrevistador interrompeu para insistir na ideia da impossibilidade de acordo - “também não contam com o Bloco de Esquerda nesse capítulo” (Anexo U:35). A ideia de uma esquerda desunida, “dispersa” (Anexo U:68) foi colocada por um dos comentadores (C2) na P11 que se refere, sem especificar, à criação de

outros partidos no espectro político da esquerda concorrentes às eleições de 2015, alguns deles criados por elementos dissidentes do BE, o Livre e o Agir/PTP. Numa interrupção à R11, o C2 concretizou o seu pensamento de que a esquerda não se consegue unir “num projeto de maioria, de um projeto de governo.” (Anexo U:70).

As P8, P9 e P10 traçaram o perfil de um BE incapaz de conquistar eleitorado, “apesar de quatro anos de austeridade” (Anexo U:37) praticada pelo governo PSD/CDS. A ideia foi reforçada pelo entrevistador com o exemplo de partidos com a mesma linha ideológica “em Espanha (...) com o Podemos” (Anexo U:39), “ou na Grécia com o *SYRIZA*” (Anexo U:41). Na P9 (Anexo U:43) foi iniciado um confronto entre entrevistador e entrevistada sobre as expectativas para os resultados eleitorais que o Bloco tinha. A intenção do entrevistador era obrigar a entrevistada a definir metas concretas para um “bom resultado” eleitoral e, por isso, PPI insistiu na pergunta: “um bom resultado é ter mais deputados” (Anexo U:53), “um mau resultado é perder deputados” (Anexo U:55). CM confirmou as afirmações do jornalista que concluiu: “isto apesar de terem perdido metade da votação nas últimas eleições legislativas e, portanto, estarem numa trajetória descendente.” (Anexo U:57). A pergunta poderia ter sido lançada por comparação de resultados eleitorais concretos, tornando-a mais objetiva. O C1 reforçou a ideia de um partido sem apoio dos eleitores na P10: “os eleitores continuam menos zangados se quiser ou mais satisfeitos com o PS e o PSD” (Anexo U:60). A ideia foi reafirmada nas interrupções durante a R10, “As pessoas desiludem-se do centro, mas não vão para a esquerda...” (Anexo U:62); “vão para a abstenção” (Anexo U:64); e pela insistência do apresentador: “Não é um falhanço do Bloco de Esquerda.” (Anexo U:66). A formação da pergunta pela negativa solicita a confirmação de que o BE é um partido que falhou na conquista de eleitorado.

Se na P8 e P10 o exemplo grego serviu para confrontar o BE com a sua incapacidade para conquistar eleitorado, na P12 a intenção do C3 era confrontar CM com a impossibilidade de levar à prática as propostas eleitorais do Bloco, por ser impossível concretizar as duas principais propostas: “reestruturação da dívida” e a “revolução fiscal” (Anexo U:74). Nesta pergunta, o exemplo grego foi chamado à credibilização da ideia transmitida na pergunta “que condições é que o Bloco de Esquerda considera ter para fazer em Portugal o que o *SYRIZA* não conseguiu fazer na Grécia” (Anexo U:74). Esta ideia foi reforçada por várias vezes e por diferentes entrevistadores: o C3 insistiu na pergunta (Anexo U:78), o C2 acrescentou - “mas o exemplo da Grécia não mostrou que de facto não há na zona euro lugar para uma política contra a austeridade?” (Anexo U:82), considerando “impossível” a estratégia do BE ter sucesso (Anexo

U:84) já que “o exemplo da Grécia é esmagador eles ficaram sozinhos e tiveram que ceder em toda a linha” (Anexo U:86); e o C3 voltou a insistir na pergunta inicial (Anexo U:88). Às sucessivas interrupções CM tentou responder: “se me permitirem” (Anexo U:89), mas foi de novo interrompida com uma nova pergunta feita pelo entrevistador.

Na P13, PPI tinha a intenção de perceber se após o desenrolar dos acontecimentos políticos na Grécia, depois da vitória do *SYRIZA*, a líder do BE ainda mantinha o apoio ao *SYRIZA* (Anexo U:90). Durante a R13, embora a pergunta tivesse sido colocada pelo entrevistador, foi o C3 que fez considerações sobre o que era a “arte da política”, dando a entender que a execução das políticas do Bloco era impossível: “A arte da política é a execução das políticas...” (Anexo U:94) e “Este programa é realista (...) no quadro do que é o contexto europeu?” (Anexo U:96-98). Logo a seguir é o C2 que diz, “mas diga-me uma coisa...” (Anexo U:99) e CM volta a solicitar que a deixem responder: “se me permitirem responder” (Anexo U:100).

É no quadro do pensamento do entrevistador e dos comentadores, de que o programa eleitoral do BE não tem qualquer hipótese de ser executado, que as perguntas são desenhadas na dimensão *policy*. Na P14 (Anexo U:101) é tirada a conclusão pelo C2 de que o Bloco, face ao posicionamento de CM, preconizava a saída de Portugal da Zona Euro. Durante a R14, entrevistador e C1 para além do C2 interromperam oito vezes a entrevistada. A primeira interrupção partiu do entrevistador que reafirmou e justificou a pergunta de C2: “a Constança perguntou e muito bem se essa alternativa mais dura passava pela saída do euro” (Anexo U:103), o C2 insistiu que as propostas do Bloco apontavam para a saída de Portugal da Zona Euro (Anexo U:105) e o entrevistador voltou ao exemplo grego para reafirmar as dificuldades do *SYRIZA* em executar propostas idênticas às do Bloco: “Tsípras não tentou exatamente isso e falhou” (Anexo U:107). Face à R14 quando CM recusou que Portugal tivesse de cumprir os desígnios determinados pelo ministro das finanças alemão (Anexo U:106), o C1 usou a ironia ao dizer que isso só seria possível com uma condição: “o Bloco de Esquerda (...) candidatar-se as eleições alemãs e ganharem o governo alemão” (Anexo U:115), mais à frente o entrevistador voltou a insistir “há ou não uma visão ilusória da realidade por parte do BE.” (Anexo U:121). Logo a seguir o C2 insiste na dúvida instalada e num confronto com CM pediu esclarecimentos sobre se esse (sair do Euro) era ou não o plano B do BE (Anexo U:123-125). A P15 foi colocada pelo entrevistador depois do C1 ter tentado entrar numa outra questão, o que PPI não permitiu e lançou uma nova pergunta: “acredita que os portugueses querem sair do euro (Anexo U:132), numa interrupção mais à frente insiste: “acha que confrontados com esta realidade (...) os portugueses vão optar pela saída do euro” (Anexo U:134-136).

Na P16 e na P17, as propostas concretas para reestruturar/renegociar a dívida foram alvo de dúvidas, destacando os argumentos dos comentadores de que essa proposta não teria viabilidade. Na P16 foi pedida a explicação do que significava o “abatimento de 60%” (Anexo U:141), a pergunta foi colocada pelo C1, mas para além do C1 também o C2 interrompeu duas vezes a resposta (Anexo U:143, 150). Todas as interrupções vão no sentido de construir a ideia de que essa reestruturação dependeria sempre dos credores: O C2 conclui que “implica uma perda de 60%, imagino eu para os credores, é isso? (Anexo U:143); o C1 definiu o tipo de credores “são bancos, seguradoras... (Anexo U:145), depois voltou a interromper para esclarecer que CM estaria a propor na R16 “aconteceu com a Grécia em 2012”(Anexo U:147) e o C2 conclui que “isso vai depender essencialmente da posição dos credores.” (Anexo U:149).

A P17 é uma extensa pergunta que foi iniciada pelo C3 com o anúncio de que esta constituía “uma provocação”, apresentando argumentos para que a reestruturação da dívida não seria possível, uma impossibilidade que inviabilizava o cumprimento de “tudo o resto que o BE quer propor aos portugueses” (Anexo U:151). A R17 foi iniciada e no final da primeira frase da entrevistada foi imediatamente interrompida (Anexo U:153). A partir desse momento verificou-se um debate em que o C3 procurou impor os seus argumentos e CM tentou rebater, mas com sucessivas interrupções que tornaram difícil a exposição dos seus argumentos.

O tom de confronto de ideias entre os comentadores, apresentador e entrevistada é visível em todas as respostas dadas às perguntas que vão surgindo até quase ao final da entrevista. Na P18 e na P19, o tema é o da nacionalização da banca. A primeira surge de uma afirmação conclusiva retirada da R17 pelo C2 - “isso implica a nacionalização” (Anexo U:184) e generalizada pelo C1 - “nacionalização, exatamente, isso não esconde uma intenção, uma vontade de nacionalização da banca” (Anexo U:185). Neste confronto inicial interveio também o entrevistador, que acrescentou um banco ao processo de nacionalização, “o BPI”, coadjuvado pelo C1 que repetiu o nome do banco (Anexo U:188-189). O confronto entre todos os participantes continuou (Anexo U:190-236) até que surgiu a P19 onde o C1 introduziu a operação de venda do Novo Banco (Anexo U:237); a P20 sobre o plano do BE para a Segurança Social (Anexo U:256); e a P21 (Anexo U:286) sobre impostos e operações financeiras no âmbito da reforma fiscal. Em quaisquer perguntas, as interrupções de entrevistador e comentadores sucederam-se numa narrativa característica de um debate de argumentos entre os diferentes participantes.

4.2.4. O discurso político no campo do jornalismo

Para analisar o discurso das respostas dos líderes, nas entrevistas no campo jornalístico, foram isolados os textos desde o momento em que o entrevistado iniciou a resposta até que surgiu uma nova pergunta, que podia ser sobre o mesmo tema mas abordada de um ângulo diferente, ou sobre outro tema. Esse conjunto constitui a unidade de análise mais pequena no contexto de toda a entrevista.

Em cada resposta foi analisada a sua estrutura, foram isolados os argumentos, extraídos os argumentos centrais e identificados os visados explicita ou implicitamente pelo entrevistado. Observou-se como se dirigiu o entrevistado ao entrevistador, que *ethos* discursivo procurou construir. Do ponto de vista linguístico procuraram-se as marcas de modalização discursiva e estratégias de persuasão. Fez-se uma observação dos procedimentos linguísticos expressivos, como tonalidade, intensidade, hesitações e das expressões corporais.

Foram ainda observadas as respostas/reações do entrevistado às interferências do entrevistador/a nas suas respostas. Nesta observação distinguiram-se dois termos, as interferências e as interrupções. Consideraram-se interferências, quando se observa o entrevistador a intervir, por exemplo, uma interjeição ou a fazer uma afirmação, mas o entrevistado continua a sua resposta sem lhe ceder a vez. A palavra interrupção é utilizada quando o entrevistador com a sua ação discursiva leva o entrevistado a suspender a sua resposta, cede-lhe a vez e ouve o entrevistador, podendo responder ou retomar a sua anterior resposta ignorando o que foi dito ou respondendo mais tarde nessa mesma resposta.

4.2.4.1. As respostas de António Costa

Ao longo da entrevista (Anexo R), o líder socialista procurou convencer o auditório que o seu objetivo era estabelecer compromissos “com o conjunto da sociedade portuguesa” (Anexo R:6) e mostrou-se disponível para ser avaliado no cumprimento dos compromissos assumidos ao longo do mandato (Anexo R:33); recusou fazer promessas que não pudesse cumprir, ideia expressa em diferentes respostas (Anexo R:30, 60 e 111); forneceu argumentos em diferentes respostas, para credibilizar a ideia de que as propostas do PS eram exequíveis, já que os estudos de viabilidade económica tinham sido elaborados por um grupo de técnicos competentes e experientes (Anexo R:30, 37 e 53); e relevou o facto dos “compromissos” do PS serem públicos, já que estavam plasmados no programa eleitoral apresentado aos portugueses (Anexo R:8 e 30). Foi nesses “estudos” que se baseou para tentar credibilizar o seu discurso no decorrer da entrevista, aos quais juntou outras citações: de estudos nacionais (Anexo R:51) e internacionais

(Anexo R:39), dos argumentos do presidente do Banco Central Europeu (Anexo R:143), dos adversários, PSD (Anexo R:37), e do Presidente da República (Anexo R:20). Recorreu, por vezes, à sua vivência familiar para justificar a mudança das políticas adotadas pelo governo que estava em funções. Esta estratégia imprimiu emotividade ao discurso, afirmando argumentos a partir da sua própria experiência de vida e recorrendo a um elemento mediático da família, a sua mãe, a jornalista Maria Antónia Palla (Anexo R:33 e 89), feminista e uma das primeiras mulheres jornalistas em Portugal, distinguida com o grau de Comendadora da Ordem da Liberdade.

No discurso de AC, as “pessoas” foram sempre colocadas no centro das atenções e preocupações, procurando criar a imagem de um político credível, humilde, honesto e mostrando intenções de humanidade na prática política. Identificou-se com os portugueses expressando determinação para “ir ao encontro daquilo que as pessoas anseiam” e satisfazer a sua “vontade” (Anexo R:2), ir ao encontro dos seus desejos (Anexo R:4), daquilo que “querem” e não querem” (Anexo R:12), do que “precisam “ e não precisam” (Anexo R:16).

AC colocou-se sempre ao lado das pessoas e envolveu-as nas suas respostas, procurando identificar-se com elas, “para vencermos esta crise que tem sido tão dura para as pessoas” (Anexo R:4); rejeitou a situação em que foram colocadas pelo governo PSD/CDS, “não é aceitável um país onde quem trabalha faz os seus descontos paga os seus impostos viva abaixo do limiar da pobreza” (Anexo R:28); procurou encontrar um ethos de sinceridade e honestidade, evocando franqueza nas respostas - “aquilo que me compete falar com franqueza às pessoas” (Anexo R:18), “e nós portugueses, com toda a franqueza” (Anexo R:147).

O líder dos socialista usa explicitamente o pronome pessoal “eu” 31 vezes e o pronome coletivo “nós” 76 vezes. AC assume na enunciação o lugar de sujeito responsável pelo enunciado (Rebelo, 2002, p. 152), utilizando o pronome pessoal “eu” quando: alude às suas experiências pessoais (R9, R19); pretende assumir a clareza do seu discurso (ex: R1; R5), decide comprometer-se (ex: R13) ou recusar compromissos de políticas que considera impossíveis de concretizar (ex: R17, R23); se indigna e recusa políticas postas em prática pelo governo em funções (ex: R16, R26). Em toda a entrevista, AC opta na maior parte dos casos pelo emprego do sujeito coletivo “nós” incluindo-se no grupo que constitui a sociedade portuguesa e considerando objetivos para o país que devem ser de todos e não só dos socialistas como, por exemplo, nas R3, R9, R11, R13, R19 e R20; ou insere-se no grupo partidário que lidera, como nas respostas, R4, R6, R7, R8, R9, R11, R12, R13, R14 e R21. Esta é uma estratégia dissimuladora de responsabilidades pelo que é dito (Rebelo, 2002, p. 152), as ideias

que defende e as políticas que pretende implementar não são só da responsabilidade do líder do PS, mas são produto de posições assumidas pelo partido de que AC, enquanto líder, é portador, e que necessitam do empenho de “todos”, um quantificador universal amplamente utilizado por AC, para serem concretizadas.

Na perspetiva da necessária mobilização de “todos” para resolver os problemas do país, AC procurou afirmar um partido socialista disponível para trabalhar e conquistar os portugueses (Anexo R:4), capaz de mobilizar e unir o país tendo em vista o seu desenvolvimento.

Os adversários mais criticados (quadro 4.14) foram os partidos da coligação governamental em funções (PSD e CDS) e o governo. AC acusou em particular o primeiro ministro, o ministro da educação e nunca mencionou outros partidos na oposição. No panorama internacional criticou o governo grego.

Quadro 4.14 - Argumento central e visados nas respostas de António Costa.

Respostas	Argumento Central	Visados nas Respostas
R1	A sondagem está de acordo com o que o PS pretende e que as pessoas anseiam, ter uma maioria	Visa implicitamente o governo pelas “atuais circunstâncias” que tornam a governação que o PS tem de fazer exigente
R2	O PS tem de trabalhar para merecer a confiança dos portugueses para vencer com maioria, sendo essa vista como condição e oportunidade para estabelecer compromissos e mobilizar o país para enfrentar a crise	Visa implicitamente o governo por haver um país desunido a precisar de compromissos alargados para enfrentar a crise
R3	O PS tem uma estratégia, que é nacional, para desenvolver a economia e criar emprego e para a concretizar necessita de compromissos entre todos e não só com uma parte da sociedade	Visa implicitamente o governo por haver necessidade de uma aliança estratégica para resolver problemas sociais
R4	É necessária uma vitória que permita ao PS cumprir o programa eleitoral, sob pena de, se não existir uma maioria, ser acrescentada à crise económica, financeira e social uma crise política, o que seria muito negativo para as famílias	Cidadãos/eleitores
R5	O país está dividido e o PS não pode fazer acordos com PSD e CDS porque os portugueses não querem a continuação dessas políticas	Governo PSD CDS
R6	O ideal é que haja uma maioria, porque sem ela o governo PS pode ser inviabilizado pelo PR, e ninguém quer voltar a ser governado com as políticas do PSD e CDS	PR PSD CDS
R7	O primeiro-ministro não falou verdade cortou rendimentos e até acabou com o complemento solidário que era eficaz a diminuir a pobreza entre os idosos	Primeiro-ministro - Passos Coelho
R8	O PS tem um programa credível baseado num estudo credível e os compromissos assumidos são só aqueles que aí figuram como possíveis e um deles é a reposição dos mínimos sociais	Oposições - críticos
R9	O compromisso de eliminar cortes nas pensões e garantir que não há novos cortes	Governo
R10	A estratégia inserida no programa do PS para garantir a sustentabilidade da segurança social foi visada pelo PSD	PSD é visado para credibilizar as propostas do PS Implicitamente o governo
R11	O PS já fez uma reforma da segurança social, com êxito, que a tornou sustentável, agora, basta desenvolver a economia e criar emprego para recuperar essa sustentabilidade	Governo

Respostas	Argumento Central	Visados nas Respostas
R12	A estratégia do PS para desenvolver economia e aumentar emprego está apoiado no relatório europeu que descreve a trajetória do crescimento económico	PS
R13	Baixar o IVA da restauração é um compromisso	Governo PM
R14	O único compromisso que assume é a baixa do IVA para a restauração embora reconheça a existência de uma elevada carga fiscal	Implícito governo responsável pela elevada carga fiscal
R15	Quem ganha mais paga mais IRS	Cidadãos
R16	As medidas para baixar carga fiscal não podem desequilibrar as finanças públicas	Implícito governo responsável pela elevada carga fiscal
R17	Tem de ser eliminada a sobretaxa do IRS e alterar escalões para aliviar classe média, a concretização só pode ser feita a partir do governo e não da oposição	Governo
R18	As pessoas têm de cumprir obrigações fiscais e o Estado tem de agir sobre quem não cumpre, mas é essencial que o faça com humanidade protegendo as famílias	PSD/CDS
R19	É preciso estabilizar o sistema de ensino para combater insucesso escolar e para isso interromper as mudanças abruptas do ministro da educação	Ministro da educação
R20	A evolução demográfica vai fazer decrescer a necessidade de professores, mas por enquanto ainda há necessidade de requalificação e os professores podem ser chamados a desempenhar esse trabalho	Governo
R21	Mobilizar recursos europeus para combater precariedade dos estágios	Governo
R22	Alterar regras dos contratos a prazo	Implícitamente visa Governo
R23	É preciso criar emprego jovem de qualidade e não manter a precariedade	Governo
R24	É necessário virar o interior de Portugal para a perspetiva do mercado ibérico	Governo
R25	Compromisso de atribuir médico de família a 500 mil pessoas	Governo
R26	Criar 100 Unidades de Saúde Familiar para que as pessoas deixem de ir para os hospitais	Governo
R27	Foi o TC que evitou que as pessoas ficassem ainda pior porque sem a sua intervenção haveria mais cortes nos rendimentos	Governo
R28	A justiça e a política têm de estar separadas e a presunção de inocência tem de ser respeitada para todos	Todos os que assumem a culpa de Sócrates sem haver condenação pela justiça
R29	Não estão previstas mais visitas a Sócrates	-----
R30	É necessário a união de todos para que a Grécia não colapse	Governo
(R31)	(não foi dada resposta à P31)	-----
R32	O plano A é cumprir regras europeias, mas sem desistir de as mudar	Implícitamente governo português e Governo grego
R33	A vontade de AJS deve ser respeitada	AJS

Em trinta e três respostas, AC iniciou quinze com uma interjeição, as mais utilizadas foram: Bom! Bem!, Vamos lá ver!. Recursos linguísticos que, embora polissémicos, dependendo do contexto em que são proferidos, concedem, em qualquer circunstância, ao cérebro tempo necessário para fazer escolhas e organizar argumentos. São, igualmente, uma forma de indicar que irá iniciar a resposta, mobilizando e chamando a atenção dos interlocutores para a resposta que vai ser dada. Em três das respostas (R13, R16, R32) a interjeição vem após uma tomada de posição em relação à pergunta, após a afirmação é proferida uma interjeição e só depois

iniciados os argumentos, na R16 é incluído o vocativo “ó” seguido do nome próprio do jornalista: “(‘) Ó Judite (.)” (Anexo R:68) vocativo também utilizado depois de uma interrupção à R11 (Anexo R:45). A R32 é iniciada com uma locução adverbial repetindo-a: “com certeza, pois com certeza” indica desta forma que a resposta só pode ser positiva e depois segue-se a interjeição “vamos lá a ver! à qual se segue a explicação da diferença entre as posições socialistas e as assumidas pelo governo grego, distanciando-se delas.

AC foi cuidadoso nas respostas evitou o confronto, utilizou a polidez discursiva e colaborou na construção do neutralismo das perguntas. Procurou sempre um discurso pela positiva.

Nos assuntos polémicos deu respostas curtas e diretas, sem deixar espaço para que o tema continuasse a ser explorado e em alguns momentos incorporou na resposta argumentos com sentido pedagógico.

Na fuga ao confronto com polémicas, referidas na pergunta, ignorou alguns factos mencionados. Na R4 está implícito o confronto entre AJS e AC na luta pela liderança do PS, mas AC não deixa que a questão entre na resposta e centra-se numa resposta direta à pergunta: “o que é uma vitória que não sabe a pouco?” (Anexo R:7), “É a vitória que nos permita cumprir com os portugueses o programa que apresentamos...” (Anexo R:8). Após a insistência da entrevistadora, AC expressou novos argumentos para pedir maioria, sem nunca mencionar a polémica incluída na pergunta. A P31, que aludia ao posicionamento de AC no referendo que foi realizado na Grécia, foi completamente ignorada. A pergunta interrompeu a R30, o entrevistado ouviu-a, mas continuou a resposta anterior.

A pedagogia nas respostas, para enquadrar o seu pensamento, permitiu fugir às polémicas geradas no interior do partido socialista. Nas R28 e R29, onde o tema era a prisão de José Sócrates, AC não se alongou e os argumentos foram baseados num preceito democrático, a separação de poderes: “nós temos que ter uma separação muito clara entre aquilo que é a atuação da política e aquilo que é a atuação da justiça” (Anexo R:135). A fórmula encontrada permite fechar as hipóteses de continuação da exploração do tema. Foi feita uma tentativa por parte da entrevistadora para explorar o tema: “mas diga-me uma coisa um ex-primeiro-ministro...” (Anexo R:136), mas a intervenção foi prontamente interrompida pelo entrevistado para continuar a resposta com o mesmo tipo de argumentos com que a tinha iniciado. A R29 foi também dada de forma direta e rápida sem mais explicações, “neste momento não tenho previsto nenhuma outra visita”. Na R33, em outro assunto incómodo, a substituição do seu antecessor, AJS, Costa também recorreu a argumentos breves e eficazes no que respeita ao fecho de hipóteses de novas perguntas sobre o mesmo tema. Para produzir esse fecho evocou o

“respeito” pela vontade já expressa por AJS: “desejar estar afastado da vida política”. Na resposta nunca é dito que não o pretende convidar, apenas que respeita a vontade do próprio. De ressaltar que AC nunca refere o nome do antecessor e não se refere a ele em particular: “ele é militante do partido socialista e contamos sempre com todos”. Na R18 a uma pergunta colocada pela plateia sobre impostos e a forma como a máquina fiscal agia, AC iniciou a resposta por uma explicação seguida da indicação de que se há deveres do cidadão também há limites por parte do Estado: “O cumprimento das obrigações fiscais é uma obrigação”, mas “é necessário que haja limites áquilo que tem que ser o grau de desumanização da atuação da máquina fiscal” (Anexo R:85). Na R27 começou por explicar o significado do conceito de Estado de Direito e a necessária ação das instituições à proteção do cidadão.

Respeitou a alternância na entrevista, e apenas na R16 se antecipou à conclusão da pergunta e validou os dados citados da sondagem da TVI nas P1 e P5.

AC escolheu sempre opções lexicais e tempos verbais que permitiram incrementar a polidez do discurso. Utilizou verbos no pretérito imperfeito, “queria” (Anexo R:2), “seria” (Anexo R:12), “estaria” (Anexo R:76) e o marcador de opinião “acho”, que funciona como atenuante de um discurso mais assertivo e da arrogância que caracteriza a certeza absoluta. O entrevistado expressa a sua opinião, mas mais do que isso, pretende deixar espaço a quem pense o contrário, numa atitude de humildade e reconhecimento de outras opiniões (R1, R2, R24, R28, R33).

AC cedeu a vez ao entrevistador doze vezes, em duas delas embora tenha cedido a vez, após a intervenção do entrevistador, o líder socialista continuou a resposta que estava a dar no momento em que foi interrompido. AC não consentiu ser interrompido em dezanove interferências nas suas respostas e ignorou completamente a P31 (Anexo R:144), ouviu a pergunta e consentiu que fosse colocada, mas na fase final falou por cima da pergunta e impôs a continuação da resposta que estava a dar, a R30 (Anexo R:145).

As estratégias para se libertar da crítica ou das dúvidas incluídas nas perguntas e, em alguns momentos, da descredibilização das suas respostas através das intervenções da entrevistadora, foram variadas. Nas R1, R2, R3, R4, R5 e R6, AC usa os mesmos dados da sondagem utilizados nas perguntas para justificar e credibilizar as suas opções. O sentido crítico e as dúvidas lançadas nas perguntas sobre a real possibilidade do PS atingir o resultado eleitoral de uma maioria absoluta foi invertido. Na R1 afirmou que o que pretendia era, exatamente, “a vontade” dos portugueses expressa no resultado da sondagem. Na resposta demonstrou humildade reconhecendo que, até ali, o trabalho para merecer a meta que gostaria de atingir, não ainda

suficiente: “temos que trabalhar mais temos que trabalhar melhor para ir ao encontro daquilo que as pessoas anseiam”(Anexo R:2). Na R2 recusou a forma como a pergunta foi colocada e substituiu o verbo “acreditar”, usado na pergunta, pelo verbo “trabalhar”. Impôs um verbo que transmite ação em vez de um que exprime um estado emocional subjetivo. A troca verbal e a reafirmação de que na sondagem mais de 60% dos inquiridos pede a maioria, “condição” e “oportunidade” para os necessários compromissos para que seja possível vencer a crise vivida na altura, torna o discurso mais assertivo e objetivo, já que deixa de falar de sentimentos para falar de trabalho, ou seja, de ação política, da necessidade de preparação para responder a um número conhecido de portugueses que quer a maioria. Na R3 não deixou criar a divisão que a pergunta implica, a resposta segue o caminho da união e não da desunião que pressupõe a pergunta: “os compromissos é com o conjunto da sociedade portuguesa” (Anexo R:6). A R5 foi iniciada com um esclarecimento que descredibiliza/desmente a interpretação/leitura que foi feita da sondagem na pergunta. AC procurou suporte nos números da sondagem, 66%, e justificou, de novo, o pedido de maioria, porque “as pessoas não querem mais a continuação deste governo e das suas políticas “ (Anexo R:12). Após a interrupção da R6 com uma frase da entrevistadora que indicava a Costa a necessidade de esclarecer a incerteza: “mas as pessoas precisam de saber com o que é que devem contar” (Anexo R:15), essa dúvida foi transformada por Costa numa certeza: “as pessoas precisam de saber hoje o que é que nós nos propomos fazer“ (Anexo R:16). Durante a R6 a jornalista interfere com a interjeição, Sim! (Anexo R:17), AC de imediato reage ao que entendeu como ironia dizendo que, “não são palavras (o programa) está impresso está escrito” (Anexo R:18), no discurso de credibilização dos argumentos a favor de uma maioria foi também usada uma declaração do PR, na altura Aníbal Cavaco Silva, que tinha dito não aceitar a constituição de um governo minoritário.

Com o recurso à polifonia, procurou credibilizar argumentos utilizados nas respostas através: da voz dos adversários, do PSD e do Presidente da República (R6, R10); da citação de estudos internacionais (R11) e nacionais (R12). Na R11 referiu um relatório europeu (*Ageing Report*) para afirmar as opções tomadas pelo PS na reforma da segurança social, na R12 aludiu ao relatório do cenário macroeconómico do Ministério das Finanças.

A utilização das palavras é também uma escolha de afirmação das suas ideias e credibilidade. É o caso da palavra “compromisso” utilizada vinte e três vezes ao longo da entrevista, em vez de promessa, que utilizou duas vezes: “Não é uma promessa é um compromisso” (Anexo R:60), a substituição do verbo “acreditar” por trabalhar (R4). A utilização do programa eleitoral e da credibilidade da equipa que o elaborou, um “conjunto de

economistas” (R10), a utilização de frases dirigidas à entrevistadora referindo o conhecimento que esta tinha da situação referida, “Nós, como sabe, levámos muitos meses a fazer um trabalho de avaliação das condições financeiras que tínhamos disponíveis” (Anexo R:30), ou o recurso a situações familiares para afirmar estratégias, às quais dá sentido e razão de ser a partir de situações que o envolveram (R9, R19), estratégias estas que procuram credibilidade em elocuições modalizados por compromissos convicções e rejeições. Nas respostas AC rejeitou, sistematicamente, as políticas adotadas pelo governo em funções e em particular usou argumentos que denegriram a imagem do primeiro ministro, induzindo a ideia de alguém em quem não se pode acreditar: na R7 quando disse que “a pergunta é muito clara espelha uma das realidades do que aconteceu ao longo destes 4 anos, que ao contrário do que disse o primeiro-ministro” (Anexo R:24), na R13 ao afirmar que “o primeiro grande contributo que o atual primeiro-ministro deu para a quebra de confiança no país foi ter começado por fazer no governo o contrário do que tinha dito que fazia na oposição” (Anexo R:60). Visado nesta estratégia de descredibilização e até de incompetência para a governação foi também o ministro da educação quando AC afirmou que “nós temos um ministro da educação que resolveu transformar as escolas no laboratório de aplicação das suas teorias pessoais” (Anexo R:91). Costa recusa desta forma, essa ideia para a sua ação governativa.

O líder dos socialistas manteve um discurso verbal assertivo, altamente modalizado por estratégias enunciativas na utilização de adjetivos e advérbios, repetição de palavras, jogo de emoções sempre ajudado por posturas corporais coerentes e mostrando elementos que ajudaram na afirmação discursiva, como por exemplo a exibição do programa eleitoral do PS (R4) ao dizer “o programa que apresentamos” ao mesmo tempo exhibe a publicação, mostra-o à plateia e à jornalista (figura 4.54).



Figura 4.54 - Exibição do programa do PS (R4).

Fonte: AntCosta_entrevista9JulhoTVI: 0:04:04.7 - 0:06:45.8 (Figueiredo, 2015h).

O olhar foi dirigido para a jornalista e para a plateia no estúdio, a quem se dirigia sempre que pretendia falar da sociedade ou dos cidadãos como aconteceu na R3 quando disse: “Os compromissos (olha para plateia e abre as duas mãos) é com o conjunto (olha para a jornalista) da sociedade“ (figura 4.55), gestos e discurso verbal indicadores da disponibilidade para concretizar as expetativas dos portugueses.



Figura 4.55 - AC dirige-se à plateia em estúdio (R3).

Fonte: AntCosta_entrevista9JulhoTVI: 0:03:05.6 - 0:03:07.2 (Figueiredo, 2015h).

Essa forma de comunicar foi uma constante ao longo da entrevista. A assertividade foi sempre acompanhada com movimentos coerentes das mãos que reforçavam o percurso da linguagem verbal.

4.2.4.2. As respostas de Jerónimo de Sousa

Na entrevista realizada a JrS (Anexo S), o líder dos comunistas tentou reposicionar o PCP como uma força política capaz de fazer acordos políticos com os socialistas, recusou ter responsabilidade por esses entendimentos não existirem e pela direita chegar ao poder (Anexo S:4 e 13). Transmitiu a imagem de um partido aberto e moderado, quando sublinhou a necessidade de haver investimentos privados (Anexo S:52), revelando alguns contactos regulares com os comunistas chineses (Anexo S:79 e 81). Elegeu como orientação da ação política a defesa da democracia e da Constituição da República (Anexo S:2 e 102) e apresentou o PCP como uma alternativa credível onde os jovens podiam encontrar as soluções para os seus problemas (Anexo S:48) e onde a classe média e os trabalhadores encontravam quem os defendesse (Anexo S:56 e 93). Procurou afirmar o PCP com uma identidade própria (Anexo S:91, 93 e 95), distanciando-o de outros partidos comunistas existentes no mundo.

O líder dos comunistas procurou transmitir na entrevista o *ethos* de um político honesto, franco e transparente – “Eu quero dizer-lhe com toda a sinceridade” (Anexo S:10), “eu gostaria de falar com uma grande franqueza”, “da parte do PCP nunca há recusa para um diálogo franco

sincero (com o PS)” (Anexo S:21), “com a mesma franqueza que estou a responder à Judite com a mesma franqueza dissemos aos chineses” (Anexo S:79); e solidário, uma solidariedade que é sempre colocada em termos partidários não separando o líder do partido.

Foi polido no elogio às perguntas colocadas pela plateia: “Muito bem! Bem perguntado (Anexo S:28) e até na discórdia: “vai perdoar-me, mas não encontra a expressão de rompimento” (Anexo S:43), “Eu quando chegar ao fim se a Ana me permite vou-lhe dar o programa eleitoral” (Anexo S:48); mas acutilante, por vezes, com subtileza, no confronto com a entrevistadora. No decorrer da R9, perante a insistência da jornalista em pretender saber “a partir de que valor é que o PCP falava em grandes fortunas” (Anexo S:57), JrS afirmou: “não se preocupe que a nossa proposta não é como a do PSD e do CDS que mesmo em relação a setores e camadas que por razões de mérito por razões da sua própria vida tem uma situação desafogada não é nesses que estamos a pensar” (Anexo S:62).

A frase “não se preocupe” denota uma resposta que se pode refletir na própria entrevistadora, que no contexto lhe pede para estar descansada que as pessoas na condição económica onde a própria se inseria, não vão ser abrangidas pela proposta do PCP. O confronto na interação com a jornalista foi visível na forma como o líder do PCP iniciou algumas das suas respostas quando refutava o que era dito ou salientava o que não era dito pela entrevistadora na formulação do seu discurso. Na R16, quando na pergunta foi recordado que JrS tinha desistido a favor de Jorge Sampaio numas eleições presidenciais, JrS respondeu que (a entrevistadora) “Também já podia ter dito que...” (Anexo S:100). No decorrer da R14, a entrevistadora afirmou que o PCP continuava a ter na sua matriz o marxismo-leninismo; Jerónimo concordou, mas acrescentou uma “componente” que não foi referida: “um partido que defende os interesses dos trabalhadores e do povo português” (Anexo S:93). Na R2, perante a identificação de uma “novidade” na resposta de JrS, o líder do PCP não aceitou e respondeu - “Eu não diria tanto. Sabe Judite...” (Anexo S:8), e a resposta prosseguiu com um ataque à comunicação social e o tom de discórdia continuou quando a jornalista afirma que se não é “novidade” é “marcante”. Na resposta, JrS insistiu na sua discordância: “Eu quero dizer-lhe com toda a sinceridade que esta informação não era nova não é nova” (Anexo S:10). Perante uma pergunta cuja intenção era conhecer as referências políticas internacionais do PCP, mais uma vez o líder dos comunistas não se limitou a responder, antes refutou a necessidade da pergunta: “Bom! Eu tenho dito isto aí umas 50 vezes, mas não me importo de reafirmar...” (Anexo S:89). Na R17, o líder dos comunistas perante a insistência das perguntas sobre quem seria o candidato às

presidências remeteu a jornalista para momentos anteriores de forma imperativa: “Consulte a história e verá que tivemos soluções diferenciadas de membros...” (Anexo S:114).

As críticas de JrS aos seus adversários recaíram sobre o governo, partidos que o integravam (PSD, CDS) e PS e ainda sobre a comunicação social; no panorama internacional, visaram a União Europeia, FMI, EUA e governo grego (quadro 4.15).

Quadro 4.15 - Argumento central e visados nas respostas de Jerónimo de Sousa.

Respostas	Argumento Central	Visados nas Respostas
R1	Quem tem o poder de determinar quem governa não é o PR são os eleitores que elegem a AR	PR
R2	O PCP não é uma mera força de protesto está pronto “para assumir responsabilidades governativas”, é uma alternativa que pode contribuir para mudar o rumo das políticas preconizadas pelo PS e direita	PS, PSD e CDS Comunicação social
R3	O PCP não é responsável pela chegada da direita ao poder. A responsabilidade é do PS ao fazer alianças eleitorais com PSD e CDS para governar e aceitar as suas políticas	PS
R4	A renegociação da dívida poderia libertar verbas para fazer investimentos públicos	Implícito PS, governo
R5	A crise na Grécia mostrou que o PCP tinha razão na caracterização que faz da PS	Governo, EU, FMI e Governo grego
R6	O PCP não quer “romper” com os credores quer “renegociar” a dívida, mas uma renegociação que passe pela união dos países em dificuldades, Itália, Espanha, Grécia, Irlanda e Portugal	PS e governo
R7	Muitos dos problemas dos jovens como o desemprego entre outros flagelos da sociedade resolvem-se com criação de riqueza, aumentando a produção nacional	Governo
R8	O investimento privado também é necessário, mas não com as privatizações levadas a cabo pelo governo	Governo
R9	Devem ser as grandes fortunas a pagar os efeitos da crise económica	PSD e CDS
R10	A opinião formada pelo PCP é baseada no inquérito parlamentar que propôs. Os emigrantes devem ser ressarcidos para quem comprou papel comercial, o PCP não tem posição é o governo e BdP, sem que sejam os portugueses a pagar	Governo
R11	Não aprova legalização, mas quer descriminalizar e aposta na prevenção da utilização de drogas, sejam leves ou duras	PCP
R12	PCP não aceita privatizações de bens públicos essenciais ao desenvolvimento venha o dinheiro de onde vier, mesmo que seja da China a quem comunicaram essa opinião. O problema não é dos chineses é do governo português que vende	Governo
R13	O PCP valoriza a aproximação diplomática entre Cuba e EUA, mas “a medida brutal” que é o bloqueio económico, sobre o povo cubano, continua	EUA
R14	PCP não tem modelos comunistas, é único pela sua história e ação política de resistência ao fascismo em Portugal, é produto da construção feita pelos trabalhadores e povo português	PCP
R15	A pobreza das crianças, é o que mais “magoa”	Governos
R16	O PCP não tem ainda candidato a PR, só depois das legislativas será anunciado. Os apoios serão dados a outros candidatos uma segunda volta se em causa estiver a democracia e a defesa da Constituição	Jornalista
R17	O PCP ainda não tem candidato	Jornalista

Nas dezassete respostas dadas por JrS, sete foram iniciadas por interjeições: Bom! (Anexo S:2, 4, 13, 48, 77 e 89); Muito bem! (Anexo S:28). As interjeições podem ser entendidas como uma atitude de aprovação, mas no contexto da entrevista analisada as expressões são interpretadas como uma forma de criar tempo para a organização mental de argumentos para a

respetiva resposta e ainda de indicar que iria começar a resposta de seguida, chamando assim a atenção para o que ia dizer.

Nas respostas JrS usou uma estratégia de desvalorização da pergunta recolocando a tónica numa perspectiva diferente: “Essa imagem de dar a mão creio que não é digamos uma resposta de rigor o grande problema aqui é...” (Anexo S:4), “Não, portanto a questão que nós colocamos é...” (Anexo S:6). Ignorou em alguns momentos as interferências nas suas respostas continuando o que estava a referir, antes da interferência da entrevistadora, quando por exemplo foi confrontado com o facto da China pretender expandir investimentos na Europa, JrS colocou a tónica no facto dos chineses defenderem os seus setores estratégicos: “tem um forte setor público (repetiu) tem um forte setor público, energia, comunicações, defesa” (Anexo S:83). Na R3 (Anexo S:22) quando foi apontada pela entrevistadora uma divergência que poderia impedir os acordos com os socialistas, JrS prosseguiu a resposta que estava a dar e ignorou a afirmação.

O líder dos comunistas introduziu nas respostas esclarecimentos para quem criticava o PCP, utilizando pronomes indefinidos, dirigindo-se a todos os que expressaram determinados sentimentos em relação ao PCP - “quando alguns procuram definir o PCP a CDU como mera força de protesto” (Anexo S:10), “quando alguns consideram que isto é uma aventura eu lembro” (Anexo S:43), “eu acho às vezes caricato que alguns dizem que o PCP é contra a liberdade” (Anexo S:91), “aqueles que acusam o PCP de sectário de não querer entendimento aqui ou acolá” (Anexo S:104); antecipou perguntas - “vai-me dizer, bom, mas os credores não querem” (Anexo S:28); e introduziu o tema da carga fiscal - “esta questão, por exemplo, da carga fiscal” (Anexo S:54).

A utilização dos sujeitos universais (Guillaume citado por Rebelo 2002, p.152) ausentes, mas que colocam o discurso no campo de verdades conhecidas por todos/evidentes/óbvias foi uma das estratégias de JrS para credibilizar os seus argumentos: “como é sabido” (Anexo S:2); “é evidente” (Anexo S:32 e 62); “obviamente” (Anexo S:43, 56, 79, 81); bem como o recurso à Constituição da República Portuguesa (Anexo S:2,79,102 e 104). JrS evocou, ainda, outras vezes como as de um conjunto de personalidades que tinham feito um manifesto a favor da discussão da renegociação da dívida pública (Anexo S:43), a do FMI (Anexo S:36), as do saber científico (Anexo S:73), a dos resultados da comissão de inquérito parlamentar ao BES (Anexo S:66), bem como às resoluções do congresso do PCP (Anexo S:102 e 106). O líder dos comunistas recorreu ainda à sua experiência de vida e política para persuadir a plateia a acreditar em si: “Já ando nisto há muitos anos” (Anexo S:13); “sou um pouco mais velho que vocês já conheci tempos diferentes” (Anexo S:98).

O discurso do líder dos comunistas foi altamente modalizado por advérbios, verbos substantivos que classificaram e expuseram, muitas vezes, o auditório a comportamentos, atitudes e propostas políticas definidas como naturais e evidentes para todos - porque a “vida” as confirmava, como na R12 quanto à necessidade de controlo público de setores estratégicos - “a vida demonstrou ser de grande acutilância e grande importância” (Anexo S:77), “basta ler a Constituição económica” para confirmar...(Anexo S:79); na R1 parte da evidência: “como é sabido” (Anexo S:2), a mesma expressão é utilizada na R2 (Anexo S:6). O auditório é exposto a uma situação “óbvia” em várias respostas: (Anexo S:43, 56, 79 e 81). O advérbio “naturalmente” aparece na R5 (Anexo S:36) para tornar natural a sequência de acontecimentos, na R6 (Anexo S:43) para justificar a naturalidade da proposta do PCP, na R8 (Anexo S:52) para condenar as decisões de privatização das empresas públicas, e na R12 (Anexo S:81) a conversa “franca” com o PCP chinês é um ato natural. Na R15 (Anexo S:98), numa resposta repleta de frases emotivas o sentimento “angústia” decorre da natureza das situações descritas e na R16 (Anexo S:106) é descrita uma dinâmica de atitudes e decisões políticas do PCP que decorrem “naturalmente” dos resultados eleitorais.

A modalização discursiva foi, ainda, acentuada pela utilização de uma linguagem popular, metáforas e até ironia e ainda a evocação dos mais fragilizados como as crianças, bem como a enumeração de argumentos, o que contribuiu para a construção de um discurso emotivo e altamente persuasivo: “este caminho de desastre” (Anexo S:6), “qual coesão qual carapuça”, “obrigar aquele povo à humilhação de joelhos (Anexo S:32), “condições draconianas” (Anexo S:34), “ideia do ato súbito de que enfim isto vai ou racha” (Anexo S:36), “um avanço de quilómetros” (Anexo S:38), “política desgraçada” (Anexo S:50), “os desmandos da banca” (Anexo S:77), “enfim encontrar aqui um pronto-a-vestir” (Anexo S:95), “estamos a falar de crianças já não estamos a falar enfim de pessoal como vocês”, “comia o pão que o diabo amassou” (Anexo S:98), “eu não trouxe a resposta à pergunta por quanto o governo respondeu coisa nenhuma” (Anexo S:68) e “primeiro, de facto não fazemos a diferenciação entre drogas leves ou drogas duras, segundo prevenção, terceiro descriminalização...” (Anexo S:73).

A clareza das propostas e dos argumentos foi procurada vincando as frases com o advérbio claramente, indicando que não havia dúvidas sobre o que estava a referir: “afirmamos claramente” (Anexo S:4), “um programa que claramente procura responder” (Anexo S:10), “a nossa resposta é clara “ (Anexo S:28), “com esta posição clara “ (Anexo S:70). Na procura de clareza das suas propostas, JrS concluiu sempre as respostas com conclusões explícitas, fazendo a síntese da ideia que pretendia vincar.

No seu discurso JrS utilizou explicitamente o sujeito que o responsabiliza pela enunciação 28 vezes. O pronome pessoal “eu” foi usado para se referir à sua experiência política como na R3 (Anexo S:13), afirmar a franqueza ou clareza do seu discurso ou do PCP como nas R2 e R12 (Anexo S:4 e 79), exprimir sentimentos (Anexo S:98), dizer que acreditava/achava alguma coisa como nas R16 e R14 (Anexo S:100 e 91). No assumir de políticas e posicionamentos políticos, a responsabilidade foi sempre dissimulada através da utilização do sujeito coletivo “nós”, para se referir às posições assumidas e decididas no interior do PCP das quais era o porta-voz exemplo s disso são as R2 e da R4 até à R14 (Anexo S:4 e 28-95). O pronome “nós” foi usado explicitamente 38 vezes.

A comunicação verbal foi sempre acompanhada por gestos coerentes das mãos e também expressões faciais que imprimiam força aos sentimentos que expressava por palavras de:

- indignação/acusação “a usem um papel de chantagistas sobre um povo” (Anexo S:32) (figura 4.56);



Figura 4.56 - Indignação/Acusação (R5).

Fonte: JerSousa_28AgostoTVI: 0:16:01.5 - 0:16:05.9 (Figueiredo, 2015j).

- afirmação de ideias políticas “em relação aos jovens nós consideramos que o seu futuro passará muito...” (Anexo S:50) (figura 4.57);



Figura 4.57 - Afirmação (R7).

Fonte: JerSousa_28AgostoTVI: 0:23:30.8 - 0:23:44.6 (Figueiredo, 2015j).

- ou de condenação pelo o incumprimento da Constituição: “a Constituição económica que diz claramente (...) que o Estado deve ter na mão um setor público forte e dinâmico “ (Anexo S:79) (figura 4.58).



Figura 4.58 – Condenação.

Fonte: JerSousa_28AgostoTVI: 0:34:26.3 - 0:34:34.7 (Figueiredo, 2015j).

O líder dos comunistas nunca olhou diretamente para a câmara, ou seja, nunca se dirigiu diretamente aos espetadores, essa interação é sempre mantida através da entrevistadora. O seu olhar foi sempre repartido entre a entrevistadora e a plateia de jovens que estava no estúdio (figura 4.59).



Figura 4.59 - A direção do olhar de JrS.

Fonte: JerSousa_28AgostoTVI: 0:23:44.8 - 0:23:46.8 (Figueiredo, 2015j).

4.2.4.3. As respostas de Paulo Portas

O líder dos centristas mais do que afirmar o seu partido, durante a entrevista (Anexo T), procurou defender as decisões políticas do governo onde ocupava o lugar de vice-primeiro ministro e, particularmente, a sua ação governativa enquanto número dois do governo. Desta forma, afirmou o CDS-PP no contexto da sua ação governativa. Falou sempre em nome da

coligação, só aludiu ao CDS-PP uma única vez, “agora falo pelos do meu partido” (Anexo T:71).

PP colocou em evidência os bons resultados atingidos pelas políticas públicas do governo PSD/CDS, estabelecendo a comparação com os efeitos negativos das políticas socialistas ou propostas feitas pelos partidos à esquerda do PS como nas R1, R2, R4, R8, e R10 (Anexo T:17, 23, 73, 82 e 120).

As decisões políticas da maioria PSD/CDS foram sempre justificadas com os resultados positivos que tiveram para os contribuintes, classe média e reformados, foi na sua defesa que centrou as suas respostas. Pôs em evidência a capacidade da maioria PSD/CDS para estabelecer acordos com os opositores políticos ao contrário do que era habitual nos outros partidos, e as dificuldades da governação após a entrada da *troika* em Portugal em 2011 (Anexo T:102). Apresentou a maioria como a única capaz de garantir a necessária estabilidade governativa (Anexo T:126) face à incerteza que seria uma vitória da esquerda socialista nas eleições.

O líder dos centristas procurou criar a autoimagem de um político competente, credível preocupado com as pessoas, apresentando-se como um homem virtuoso e experiente que testemunhou a importância das políticas do seu governo para a credibilização de Portugal no exterior, uma credibilidade que era preciso recuperar por ter sido perdida com o resultado da governação socialista terminada em 2011. O líder do CDS-PP procurou, ainda, transmitir a ideia de alguém que fala verdade, que avisa as pessoas para os problemas das propostas dos partidos colocados ideologicamente à esquerda. Na R8, deixou o aviso “tenham cuidado com discursos panfletários em relação ao IRC” (Anexo T:82); na R10 recordou o que aconteceu em 2011 e avisou: “foi como se nós tivéssemos ido para a unidade de cuidados intensivos (...) (agora) “estamos a caminhar pelo nosso pé a primeira coisa que vamos arranjar a nós próprios é uma dificuldade a formar governo” (Anexo T:120). Portas advertia para os perigos que existiam para as pessoas que decidissem votar no PS, já que só a coligação PSD/CDS dava garantias de estabilidade governativa, e votar no PS seria uma opção “pelo que é aventureiro” (Anexo T:126).

O líder do CDS-PP utilizou ainda a retórica das garantias e juras pessoais para procurar convencer os interlocutores que era um homem de convicções: “eu lhe garanto” (Anexo T:37) “garanto” (Anexo T:41), “posso garantir com amizade e com testemunho”; “aceito que me contestem mas juro-lhe que é isto que é a minha mais profunda convicção” (Anexo T:126).

Nas respostas, PP não evitou o confronto com o entrevistador, a quem se dirigiu muitas vezes de forma acutilante na construção frásica mas também no tom adotado: “eu não me

atreveria a fazer um comentário tão cético” (Anexo T:19); “mas como e aonde” (Anexo T:29); “mas eu acabei de lhe explicar” (Anexo T:31); “eu recomendaria alguma prudência” (Anexo T:35); “as coisas não se fazem assim como está a dizer” (Anexo T:37); “Disse-lhe há pouco” (Anexo T:39); “mas oiça” (Anexo T:41); “Mas quem é que lhe disse que havia pressa” (Anexo T:43); “Já lhe disse” (Anexo T:49 e 51); “mais uma vez há uma incorreção” (Anexo T:63). Portas procurou desmontar a argumentação das perguntas pondo em causa o que estava a ser dito com observações e chamadas de atenção e procurou condicionar os argumentos desacreditando-os ainda antes de serem utilizados - “não me vai falar a mim de sondagens ó José Alberto de Carvalho” (Anexo T:110), afirmando, antes de feita a pergunta, que as sondagens “têm fortes problemas de credibilidade técnica” (Anexo T:116).

O PS e o governo socialista foram os principais criticados nas respostas dadas por PP, mas também visou o BE, o Banco de Portugal e a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), criticou Paulo Rangel do PSD, e defendeu Passos Coelho. Criticou a CGTP-IN de forma implícita e elogiou a UGT (quadro 4.16).

Quadro 4.16 - Argumento central e visados nas respostas de Paulo Portas.

Respostas	Argumento Central	Visados nas Respostas
R1	O sistema de resolução para resolver o problema do BES, é preferível à nacionalização, porque a resolução “poupa o contribuinte” e a nacionalização “cai em cima do contribuinte”	Governo PS
R2	A venda do banco é a solução correta, o dinheiro que faltar é repostado pelo sistema financeiro. O Estado está limitado pela EU nas ajudas à banca, por isso os contribuintes estão protegidos pela solução encontrada	Governo PS
R3	Banco central e CMVM deveriam ter tomado uma posição conjunta e não cada um defender a “sua capelinha”	CMVM e BdP
R4	O BdP fez mais em relação ao NB do que em relação ao BPN, mas o importante é que o banco seja vendido	Governo PS
R5	Não acompanha Paulo Rangel na ideia de que o PS controlaria a justiça no caso BES se fosse governo	Paulo Rangel
R6	A política não se deve imiscuir nas decisões da justiça	Paulo Portas
R7	Recusa qualquer interferência na justiça por parte dele ou do 1º ministro	Defesa de Passos Coelho
R8	É “necessário, desejável e possível” baixar carga fiscal, eliminar taxa de IRS até 2019 e baixar IRC para os investidores	Esquerda partidária, em particular o BE
R9	A importância dos acordos em concertação social feitos pela maioria e parceiros sociais, UGT e empregadores e acordo PS/maioria para a reforma do IRC. A importância do comportamento dos portugueses para a resolução dos problemas financeiros de Portugal criados pelo PS	PCP, BE, PS Governo PS e CGTP elogia UGT
R10	Portugal precisa de um governo maioritário que só o PSD/CDS pode garantir, tudo o resto significa instabilidade	PCP, BE e PS
R11	A reforma de SS deve ser feita por acordo com partidos e parceiros sociais em fase de crescimento económico. A segurança social pública tem de ser garantida, podendo haver um modelo misto entre público e privado	PS
R12	A diplomacia económica é a responsável pelo aumento das exportações, mas o seu sucesso só foi possível pela ação das empresas e pela ação do vice-primeiro ministro	Autoelogio
R13	Portugal tem de se posicionar na EU no eixo Atlântico e onde Portugal faz mais falta à Europa é na questão dos refugiados	PS e em particular países do norte da Europa

PP usa tanto no início das respostas como no seu decorrer a estratégia enunciativa da exortação, e com ela chama a atenção do interlocutor. Umás vezes usa o nome do entrevistador (Anexo T:17, 33, 96, 100 e 166); e outras vezes utiliza "repare" com o sentido de pedir atenção (Anexo T:21, 33, 29, 43, 63, 73 e 140). O verbo reparar com o sentido referido é utilizado, igualmente, no decorrer das respostas, assim como o nome do entrevistador. Por duas vezes PP utiliza a interjeição "Olhe!" no início da resposta (Anexo T:69 e 120), em resposta a perguntas de conteúdo político muito polémico: sobre os lesados do BES (Anexo T:68-69) e após uma dura batalha de palavras com o entrevistador sobre validade das sondagens (Anexo T:109-120).

As respostas de PP foram muito longas, umas vezes por causa das sucessivas interferências e interrupções de quem colocava perguntas ou porque as respostas não eram interrompidas. A opção por respostas curtas foi sempre de PP, em casos pontuais e em perguntas que envolviam alguma polémica e os parceiros de coligação (Anexo T:75, 77 e 79).

O líder do CDS-PP colocou-se como responsável único pelo seu discurso através da utilização explícita do pronome pessoal "eu", 109 vezes, o sujeito coletivo "nós" foi utilizado explicitamente 21 vezes para partilhar a responsabilidade com a coligação que integrava PSD/CDS e para se referir a Portugal no seu todo, enquanto país.

Às tentativas de interrupção das respostas, PP só cedeu a vez, na R1 (Anexo T:29). Em todas as outras tentativas dos jornalistas para interromper ou interferir nas respostas, a sobreposição da palavra foi constante. O líder do CDS-PP venceu sempre a batalha pela posse da palavra, impondo as suas respostas não só com as palavras mas também com o discurso não verbal.

Logo na abertura da entrevista, PP procurou dominar o espaço e tomar posse da cena comunicativa. Ao entrar no estúdio, dirigiu-se aos convidados que estavam sentados para os cumprimentar, tratando-os pelo nome próprio enquanto o apresentador tentava seguir o seu guião de apresentação, acabando por desistir e mudar a apresentação dos convidados, que tentou fazer mais tarde:

JAC -Tenho comigo quatro portugueses de áreas distintas para nos acompanharem nas perguntas sobre Fiscalidade, Segurança Social, Economia e Europa. Dr. Paulo Portas bem-vindo ...

PP -Boa noite.

JAC - ...bem-vindo muito boa noite, como está (aperto de mão) bem-vindo...

PP - Posso cumprimentar?

JAC -Com certeza.

PP -Boa noite António...

JAC - Os nossos convidados...

PP -Boa noite Luís...

JAC - ...António Costa (um dos convidados no estúdio)

PP -Boa noite... boa noite como está?

JAC - ...eu apresento-os na altura certa. Vamos aos nossos lugares Tenho uma Pergunta para Si a partir de agora. (entra o genérico). (Anexo T:1-11)

A expressão corporal de PP foi marcada por movimentos indicadores de ações, por exemplo, quando o entrevistador interrompe a R2 (Anexo T:29), Portas usa a mão para pedir que o deixe terminar a resposta (figura 4.60).



Figura 4.60 – Pede espaço para terminar a resposta.

Fonte: PauloPortas_3SetembroTVI (Figueiredo, 2015i).

Através das posições que assume com as mãos, conjugadas com as expressões faciais e texto verbal, são visíveis expressões que denunciam sentimentos: de agressividade verbal com os interlocutores, quando aponta o dedo ao apresentador na R2 (Anexo T:37) para dizer “você e qualquer português já estava a pagar...”; de acusação, quando estabelece a diferença entre o caso do Novo Banco e o caso BPN, privatização feita na vigência de um governo socialista – “(o BPN) foi considerado sistémico e ainda hoje o estamos a pagar em milhares de milhões de euros isso não sucedeu com o Novo Banco” (Anexo T:41) (figura 4.61).



Figura 4.61 – Venda do BPN.

Fonte: PauloPortas_3SetembroTVI (Figueiredo, 2015i).

A mesma atitude pode ser observada quando:

- PP criticou o Banco de Portugal e a CMVM ao afirmar que ambos “deviam ter tido mais respeito pela natureza das suas funções e (...) ter tido menor espírito de capelinha...” (Anexo T:71) (figura 4.62);



Figura 4.62 - Banco de Portugal e CMVM.

Fonte: PauloPortas_3SetembroTVI (Figueiredo, 2015i).

- ou apontou o dedo a António Costa a quem acusou de querer “tentar confundir as pessoas”, e ao mesmo tempo que refere essa intenção de AC, mais uma vez, o indicador é colocado em riste (Anexo T:174) (figura 4.63).



Figura 4.63 – Sobre atitudes de António Costa.

Fonte: PauloPortas_3SetembroTVI (Figueiredo, 2015i).

Os silêncios, a entoação, o ritmo das frases, as palavras sublinhadas com variação de tom e com o movimento das mãos que acompanharam o discurso imprimiram-lhe persuasão e assertividade.

O discurso de PP foi modalizado por um estilo enunciativo elocutivo. Predominaram figuras de retórica como as metáforas que pontuavam frequentemente as respostas de ataque aos socialistas. Por exemplo, quando se referiu à vinda da *troika* para Portugal em 2011 e utilizou vocabulário do mundo da medicina - o país foi para a “unidade de cuidados intensivos”, esteve em “coma financeiro”, a “medicação foi duríssima”, e finalmente “tivemos alta” (Anexo T:120); ou para se referir ao debate sobre o modelo de financiamento da segurança social, em que se referiu à necessidade de “despoluir este debate de alguma poluição ideológica” (Anexo T:150). PP recorreu ainda a expressões populares como: “separar o trigo do joio” (Anexo T:69); “menor espírito de capelinha” (Anexo T:71); “estamos a caminhar pelo nosso pé” (Anexo T:120). A repetição de palavras jogando com o seu efeito em frases de elevada sonoridade, como por exemplo - “Acho que é necessário acho que é desejável e acho que é possível”(Anexo T:82) ou “ nós só temos crescimento se tivermos financiamento só temos investimento se tivermos confiança e só temos criação de emprego se tivermos investimento” (Anexo T:126), marcou o discurso de PP. Em muitas respostas usava um estilo pedagógico, procurando explicar alguns conceitos, como por exemplo: o que era o quociente familiar no IRS (Anexo T:92); a diferença entre nacionalização e sistema de resolução bancário (Anexo T:21); ou o que era o plafonamento (Anexo T:166).

Para credibilizar o seu discurso, recorreu à sua experiência política, como na R9 quando afirmou “eu sou testemunha” (Anexo T:92) ou na R12 ao afirmar dados económicos que ajudou a afirmar com a sua ação como ministro (Anexo T:210); às regras da União Europeia que não deixariam que as políticas levassem outro rumo que não aquele que afirmava: “porque a União Europeia tem regras contra os auxílios de Estado (Anexo T:37); e aos princípios éticos: “eu prefiro eticamente” (Anexo T:21). Procurou o apoio de quem faz a pergunta, tecendo elogios “é um fiscalista prestigiadíssimo” (Anexo T:82), dando a entender que o interlocutor sabe que o que diz é verdade; “você foi e é um jornalista económico e igualmente prestigiado” (Anexo T:146) para depois pedir a confirmação do seu discurso: “creio que aceitará a racionalidade daquilo que estou a dizer” (Anexo T:148). O seu objetivo é conseguido quando o jornalista que colocou a pergunta responde : “eu aceito...” (Anexo T:149). Com o recurso a outras vozes, fora do seu espectro político, procurou credibilizar as opções em matéria de reforma de segurança

social “o livro branco da segurança social feito durante o governo do engenheiro Guterres” com a participação de outros socialistas (Anexo T:174).

4.2.4.4. As respostas de Catarina Martins

CM centrou todas as suas respostas (Anexo U) em três ideias principais: ser indispensável renegociar a dívida pública, fazer uma profunda reforma fiscal, aumentar salários e impedir a saída de recursos humanos necessários a Portugal. Prometeu contribuir para a estabilidade política ao mesmo tempo que garantia nunca se desviar do programa eleitoral do Bloco. Recusou a ideia de liderar um partido em decadência e considerou que o Bloco foi o único partido capaz de unir a esquerda.

A líder do Bloco procurou criar uma autoimagem de seriedade, confiança, capaz de assumir compromissos e gerar união no interesse dos portugueses sempre que necessário.

A entrevista a CM contou com três comentadores da TVI que acompanharam o jornalista anfitrião nas perguntas a partir de determinada altura, sensivelmente a meio. As interrupções feitas pelos jornalistas convidados (comentadores) ocorreram com a mesma autoridade que as interrupções do entrevistador anfitrião (quadro 4.17).

Quadro 4.17 - Quem faz a pergunta e quem interfere na resposta.

Pergunta	Quem faz pergunta	Quem interfere na resposta
P1	PPi	PPi
P2	PPi	PPi
P3	PPi	PPi
P4	PPi	PPi
P5	PPi	PPi
P6	PPi	PPi
P7	PPi	PPi
P8	PPi	PPi
P9	PPi	PPi
P10	C1	C1 e C2
P11	C2	C2 e C3
P12	C3	C2 e C3
P13	PPi	C2 e C3
P14	C2	PPi, C1 e C2
P15	PPi	PPi
P16	C1	C1 e C2
P17	C3	C1 e C3
P18	C2	C1, PPi, C3 e C2
P19	C1	C1 e C3
P20	PPi	C3, C2, PPi e C1
P21	C2	C2, C3, PPi e C1
P22	PPi	PPi

As primeiras nove perguntas foram colocadas pelo jornalista anfitrião e só ele interferiu durante as respostas, assim como nas P15 e P22. Nas restantes onze respostas, as interferências partiram dos diferentes comentadores/entrevistadores, daquele que colocava a pergunta e de todos os outros, o que, por vezes, não permitiu que a entrevistada completasse ou desenvolvesse o seu raciocínio.

A forma como decorreu a entrevista criou situações de elevada tensão entre entrevistadores e entrevistada. Nas R12 e R17, a entrevistada reagiu pedindo que a deixassem falar: “se me permitirem” (Anexo U:89) e “se me permite” (Anexo U:173). Nas P18, P20 e P21, as interferências nas respostas partiram de todos os jornalistas. Na P14 houve três pessoas a lançar dúvidas enquanto decorria a resposta, e nas restantes (P10, P11, P12, P13, P16, P17, P19), as interferências partiram de dois jornalistas.

As interferências dos entrevistadores foram, na maioria dos casos, para argumentar contra os posicionamentos da líder do BE face a diferentes pontos que defendia no seu programa eleitoral. CM procurava construir a ideia de um partido com propostas para resolver os problemas que afligiam os portugueses, do outro lado eram lançados argumentos que descredibilizavam as propostas indicando a impossibilidade da sua concretização.

As interferências nas respostas da entrevistada, por parte dos jornalistas, foram uma constante, por vezes feitas na altura em que CM iniciava um argumento de conclusão da resposta. Por exemplo, nas R1, R2 e R3, as interrupções ocorreram quando a líder do Bloco indicava que iria responder à pergunta, como na R1: “...a pergunta que me faz...” (Anexo U:2) ou utiliza a conjunção “portanto”, na R2 (Anexo U:4) e R4 (Anexo U:10) que significa, por consequência, em função disso, indicando que iria retirar uma conclusão. Nestas três respostas, CM cedeu a vez aos entrevistadores, mas em muitas outras respostas isso não aconteceu, o que deu origem a momentos de tensão com a sobreposição dos discursos da entrevistada com os dos entrevistadores. Essa situação ocorreu nas R4, R9, R12, R13, R14, R17, R18, R19, R20 e R21, e em algumas respostas aconteceu mais do que uma vez.

Nas respostas da líder do BE, os principais alvos de crítica foram o governo, os partidos que o integravam, PP e PPC, descredibilizando-os na sua ação política. CM acusou o PS de se juntar à direita adotando políticas idênticas, criticou a falta de solidariedade do PS e de exercer chantagem sobre os países mais frágeis do ponto de vista económico (quadro 4.18).

Quadro 4.18 - Argumento central e visados nas respostas de Catarina Martins.

Respostas	Argumento Central	Visados nas Respostas
R1	As pessoas podem contar com o BE para uma solução governativa que defenda o país, quem vive do trabalho e que permita proteger a riqueza	Governo PSD/CDS
R2	É preciso respeitar quem vive do trabalho, estancar a emigração e proteger o país impedindo privatizações	Governo PSD/CDS
R3	O BE respeitará sempre o seu programa e capacidade para negociar	-
R4	O CDS não falou verdade aos eleitores o BE nunca estará num governo que adote políticas contra o programa do BE. A reestruturação da dívida é consensual, mas PS, PSD E CDS não querem reconhecer	CDS, PSD/CDS, PS
R5	BE é importante para desbloquear entendimentos á esquerda que levam à melhoria da vida das pessoas.	Governo
R6	BE não é responsável pela queda do governo de Sócrates, quem chumbou o PAC4 foi o PSD que assim chegou ao governo e fez o contrário do que tinha prometido em campanha.	Governo PPC
R7	Estratégias políticas do PS são iguais às do PSD e CDS. Escondem a realidade dos números e o que prometem hoje não vão conseguir fazer depois das eleições	PS/PSD/CDS
R8	As sondagens não são votos e são pouco creíveis. O BE tem estado a subir de forma consistente, as pessoas estão a reconhecer o trabalho do Bloco.	PSD/CDS Governo
R9	O objetivo do BE é construir uma alternativa à política de austeridade. Não há enfraquecimento do BE, na Madeira ganhou o dobro dos deputados depois de ter perdido a representação parlamentar.	Direita
R10	É preciso reforçar uma alternativa ao centrão. Na desilusão os eleitores irem para a abstenção é um falhanço de todos.	PS/PSD/CDS
R11	A esquerda une-se quando é preciso, por exemplo quando se uniu para ir ao TC. É preciso união nas condições concretas de vida das pessoas e não na aritmética das siglas.	Governo PS
R12	Portugal não pode aceitar o desemprego, a emigração e o empobrecimento. A escolha é entre ser um protetorado ou uma democracia. Para isso tem de reestruturar a dívida e fazer uma reforma fiscal.	Governo
R13	Socialistas e sociais-democratas dizem querer alternativa à austeridade, mas esmagaram a Grécia. O programa do BE é realista, as políticas do governo que promovem políticas de empobrecimento do país e das pessoas é que não são realistas.	Governo PS
R14	Os governos dos países em dificuldades têm de ter coragem de recusar o plano alemão e ter um plano B. Os países não podem continuar a empobrecer para ser mão de obra barata dos mais ricos. O BE está envolvido em estudos sobre reestruturação da dívida sobre sistema bancário e sobre a questão do euro.	PS Governo
R15	Sair do euro não é solução, mas perante a chantagem europeia os países têm de estar preparados para isso. O país não pode continuar a empobrecer tem de haver dignidade e para isso tem de haver uma reestruturação da dívida e uma reforma fiscal.	PS Governo
R16	A dívida pública deve ser reestruturada, devem ser protegidos os pequenos aforradores e o Estado deve encontrar soluções para baixar os custos da dívida, como indexar juros ao crescimento económico ou moratórias	Governo PSD/CDS/PS
R17	Têm de ser separados os grandes investidores dos pequenos aforradores na questão da reestruturação da dívida pública, que interfere no sistema bancário que deve ser alvo de um processo de resolução que dê mais poder ao Estado para promover políticas de crédito à economia.	Governo
R18	A proteção do sistema financeiro, que é opaco e frágil é feito à custa de dinheiro público, mas o poder acionista do Estado não se faz sentir nos bancos intervencionados, não havendo sequer a promoção de uma política de crédito necessária ao desenvolvimento económico.	Governo
R19	Os problemas da banca devem ser resolvidos com processos de resolução e com processos de nacionalização simples. A comissão de inquérito parlamentar ao BES foi importante, mas não foi produzida legislação que evite novos problemas na banca.	Governo PSD/CDS/PS
R20	É mentira que exista um problema de sustentabilidade da segurança social. O sistema está desequilibrado por causa das políticas de austeridade. O financiamento da Segurança Social deve ser por recurso a novas fontes de financiamento e não com cortes na TSU como fez o governo.	Governo
R21	Os custos da crise estão a ser pagos por quem não tem dinheiro. O governo aumentou os impostos sobre as famílias e com as novas regras do IRC permite a grandes empresas a fuga aos impostos e não atrai investimento de qualidade.	Governo
R22	Em todo o país os cartazes mostram as caras de quem dá a cara pelo BE	BE

As respostas de CM foram iniciadas com uma afirmação sobre a qual desenvolvia o seu raciocínio. Os argumentos definiam claramente uma ideia que procurava impor com um discurso seguro e sem hesitações. Só utilizou uma vez, no início de uma resposta, uma interjeição, ao começar na R19 “Bem!” (Anexo U:238).

CM procurou credibilizar o seu discurso pela apresentação de exemplos: “dou-lhe um exemplo concreto” (Anexo U:8); “quando foi preciso estivemos com o PCP” (Anexo U:22); “por exemplo” (Anexo U:28, 225, 242, 253, 277, 293 e 333). Esta estratégia tinha com frequência duas funções: afirmar os seus argumentos ao mesmo tempo que atacava os adversários políticos. A polifonia também serviu de estratégia de credibilização utilizando para isso o discurso de adversários à sua direita, como Manuela Ferreira Leite do PSD e Bagão Félix do CDS-PP (Anexo U:10 e 194). A identificação dos interlocutores como conhecedores da situação que descrevia: “como sabe(m)” (Anexo U:168, 205, 238, 247, 267, 272 e 335); e fazendo afirmações como “O António Costa (jornalista) saberá isto tão bem como eu” (Anexo U:265) o que a ajudava a validar a sua argumentação.

O discurso de CM foi marcado por estratégias de compromissos - “podem ter a certeza” (Anexo U:6), “ninguém verá o Bloco de Esquerda” (Anexo U:8); de rejeição - “eu não aceito” (Anexo U:32), “não contam com o BE” (Anexo U:342), “ou é uma coisa ou é outra” (Anexo U:79), “não aceito isso” (Anexo U:130), “não não podemos continuar a empobrecer” (Anexo U:139); de criação de medos em relação às intenções dos adversários - medo dos efeitos da privatização da segurança social (Anexo U:4, 32 e 146) - dos cortes de rendimentos e promoção de baixos salários (Anexo U:8, 22, 26 e 93) – e de novos aumentos de impostos (Anexo U:69-71).

CM utilizou o sujeito coletivo de forma explícita 90 vezes para se referir aos posicionamentos políticos assumidos pelo coletivo do partido que coordenava e aos portugueses de forma geral; e o pronome pessoal “eu” foi utilizado 53 vezes. A coordenadora da mesa do BE expressou-se em nome pessoal responsabilizando-se na íntegra pelo discurso para falar de posicionamentos pessoais, mas a afirmação das políticas que o BE apresentava foi sempre feita na perspetiva de uma decisão assumida a partir do coletivo partidário.

CM usou uma linguagem segura, sem hesitações e fez escolhas gramaticais e de vocabulário potenciadoras de uma elevada modalização discursiva. Repetiu palavras na mesma frase, como, por exemplo - “quem vive do trabalho seja respeitado, que os salários sejam respeitados, que as pensões de quem trabalhou (...) sejam respeitadas” (Anexo U:2), “cortaram-se salários, cortaram-se pensões, cortou-se na escola no Serviço Nacional de Saúde” (Anexo

U:10); utilizou adjetivos, substantivos e advérbios modificadores de, verbos, adjetivos ou frases, como - “gigantesco” (Anexo U:4), “enorme” (Anexo U:287), “bocadinho” (Anexo U:335); utilizou advérbios de modo, como, por exemplo -“certamente” (Anexo U:32, 83 e 150), “exatamente” (Anexo U:34, 144 e 162), “infelizmente” (Anexo U:42), “claramente” (Anexo U:289), “ligeiramente” (Anexo U:26), com a função de criar ironia, e “propriamente”, para enfatizar o que diz ser natural quanto ao que é um partido ter melhores ou piores resultados eleitorais (Anexo U:52). Empregou também algumas expressões figurativas, como “aterrar agora”, “o elefante gigantesco (...) da sala das opções políticas”.

A linguagem corporal de CM assentou numa postura idêntica do princípio ao fim do programa, sem grandes oscilações nas expressões faciais, que sempre estiveram entre o sorriso e o rosto mais sério e demonstrando atenção a quem falava. A figura 4.64 mostra a primeira imagem que aparece no ecrã, no início da entrevista, destacando-se uma pose serena e de atenção ao interlocutor.



Figura 4.64 – Primeira imagem visível no programa.
 Fonte: CatarinaMartins_12SetembroTVI (Figueiredo, 2015k).

A postura foi mantida ao longo da entrevista, mesmo nos momentos de maior tensão. Na figura 4.65 é possível observar os gestos com as mãos sempre contidos, mas coerentes com o discurso verbal.



Figura 4.65 – Linguagem corporal de Catarina Martins.
 Fonte: CatarinaMartins_12SetembroTVI (Figueiredo, 2015k).

Durante a entrevista, a linha de contacto estabelecida entre CM e os espetadores foi de exposição. O olhar de CM esteve sempre dirigido para o jornalista ou comentadores e nunca dirigiu o olhar para a câmara, ou seja, nunca interpelou diretamente as audiências.

A entrevista a CM foi aquela onde a presença dos comentadores da TVI, na entrevista, provocou uma quebra mais acentuada do “neutralismo” (Clayman & Heritage, 2004), já que desempenharam o seu papel habitual de *opinion makers* no desenho das perguntas.

Com a editorialização das entrevistas o que fica em causa não é a designação *hard interview*, no sentido em que é utilizado no campo jornalístico já definido anteriormente, mas a necessidade de refletir sobre as suas características e o seu enquadramento neste campo.

Já a decisão editorial de valorizar o humor na cobertura da campanha eleitoral criou uma narrativa híbrida nas emissões do J8 onde foi introduzida a rubrica de humor. O jornal incluiu na sequência do seu alinhamento as promoções ao *talk show* humorístico e aos respetivos entrevistados, numa narrativa assumida pelos seus apresentadores.

CAPÍTULO 5

O Humor no Contexto do *Jornal das 8*

5.1. A Rubrica ITMBM no Contexto do J8

O J8 da TVI no período em que foi emitida a rubrica ITMBM inseriu-se, de forma clara, no padrão designado por programa televisivo com características híbridas, em que a informação jornalística se cruza com um *talk show* humorístico inserido no campo do entretenimento. Na sequência do alinhamento do Jornal foram emitidas promoções ao *talk show* e anunciados os entrevistados, tal como qualquer outro assunto noticioso a ver no decorrer do jornal. Os conteúdos humorístico e jornalístico foram tratados de igual modo na sequência do alinhamento do jornal televisivo.

A estratégia de *infotainment* ou *infoentretenimento* foi utilizada no J8 e assumida pela direção de informação da TVI. O diretor de informação que na altura decidiu sobre o modelo afirma que a sua opção (Anexo I:23) “foi dar um sinal que aquilo (...) não era um produto de sobra (...) era uma coisa de atualidade de sátira política de crítica política”. SF afirma que aos críticos da opção “respondia meio a sério meio a brincar” que a diferença entre integrar o alinhamento do jornal ou ser emitido logo a seguir era apenas uma questão de existir um separador e uma ficha técnica, que poria fim ao jornal, elementos que defende, a que os espetadores não dão qualquer importância:

porque estamos a falar de um separador estamos a falar, basicamente, de um separador porque para o público em geral estar dentro do jornal ou fora, desde que não tenha muita publicidade entre o fim do jornal e o início do programa é-lhes indiferente porque não ligam às fichas técnicas. (Anexo I:23)

Ou seja, a opção da emissão do *talk show* logo após o fecho do jornal era indiferente para os telespetadores e como a decisão tinha partido da Direção de informação da TVI e não da Direção de programas de entretenimento, havia legitimidade para que esse conteúdo pudesse integrar o jornal, com o objetivo definido:

aquilo foi uma iniciativa de uma direção de informação não foi de uma direção de entretenimento, nós quisemos assumir o humor como uma componente em falta na informação

em Portugal, porque não deixa de ser informação, e nós quisemos colocá-lo dentro do jornal por uma questão de estatuto. (Anexo I:23)

A renovação de públicos já tinha levado SF a inserir nos jornais a promoção da música portuguesa:

as televisões generalistas estão envelhecidas, portanto a gente tem que fazer alguma coisa para renovar públicos e há gatilhos pra isso a música é a coisa mais transversal e só não sabe isto quem não vai a um festival daqueles de Verão e percebe que estão lá 3 ou 4 gerações. (Anexo I:23)

Por isso, a ideia de inserir a música no jornal foi “por uma questão de diversificar públicos, de trazer para a antena pessoas que não veem informação na televisão” e posicionar a informação da TVI “para um público que é *opinion leader* que é um público cultural e a TVI não tinha esse posicionamento”. Os argumentos foram também os que justificaram a inserção do humor no jornal: “o mesmo racional com o humor, não havia humor na televisão portuguesa a não ser nas eleições” (Anexo I:23).

SF considera que só o “preconceito” explica o facto de algumas pessoas não aceitarem que o humor levanta questões que o jornalismo não levanta e tal como este último também produz informação e que não é apenas um produto para entreter: “é para entreter, é verdade, mas não é só”:

o Neto Moura, não é, aquele juiz que considerava a violência doméstica um crime menor em relação ao adultério, não é, claro ele fez agenda, depois a gente via no dia a seguir, nos alinhamentos dos jornais, o *follow up* de coisas que ele tinha feito na véspera era inacreditável os próprios deputados já funcionavam, não é, pensando que no domingo a seguir...o que é isto que eu acabei de descrever, o quê, uma profissão que a gente teve, não foi, durante não sei quantos anos. (Anexo I:23)

O ex-diretor de informação da TVI afirma que, por vezes, algumas questões que eram exploradas no campo do humor lhe davam argumentos para questionar a redação por falta de tratamento jornalístico adequado de alguns acontecimentos e deu como exemplo alguns episódios de audições nas Comissões parlamentares de inquérito, concluindo que:

ele Ricardo Araújo Pereira) está a fazer jornalismo ali, mas o que se passa... mas porque eu não tive uma peça... e quem dizia eu dizia a SIC e a RTP, como é que isto nos passou à frente, de

toda a gente, como é que a gente (jornalistas) trata num minuto e meio de forma normal uma coisa que acabou por acontecer ali e foi preciso... essa função existia, essa existia. (Anexo I:29)

Para acompanhar a atualidade, os humoristas que produziam o *talk show* estavam junto da redação e podiam observar e interagir com a realidade captada pelos jornalistas de forma diferente:

eles estarem ali dentro num ecossistema de redação, muitas vezes era o jornalista que dizia olha estive ali a ver uns brutos que mandaram está lá uma figura, isso não vai entrar na peça, portanto era um fundo era um pasto depois para eles não é porque a gente tinha, e isso era uma grande mais-valia para o Ricardo, porque ele não tinha equipas no terreno a apanharem coisas então vivia numa redação inteira durante 6 dias da semana a apanhar tesourinhos que não usavam nas peças ou porque não tinham cabimento ou porque era mesmo descabido usar e para ele aquilo era uma maravilha. (Anexo I:29)

SF recorda que fez “várias vezes” a fusão entre entretenimento e jornalismo:

se calhar porque eu não fui um bicho criado nesse ecossistema (campo do jornalismo) desde que nasci” e “quando pergunto, mas por que não e a resposta era sempre, à, porque nunca se fez”, tínhamos sempre ali um belo início de conversa. (Anexo I:25)

Quanto ao momento de inserção da rubrica no alinhamento do jornal, foi decidido que seria no final: “era despachada toda a atualidade e se houvesse alguma entrevista era feita e depois entrava na parte final aquela rubrica que ia até ao fim”. SF afirma que se houve exceções tiveram como finalidade promover o formato (Anexo I:27).

O ex-diretor da TVI, enquanto responsável pela informação da estação, recebeu os líderes políticos tanto para a concretização das entrevistas feitas no campo do jornalismo como para as entrevistas no campo do humor. SF destaca na interação com eles o facto de estarem “muito nervosos” quando vão para as entrevistas humorísticas:

é engraçado... aqueles que a gente recebe como diretores dezenas de vezes para ir aos jornais normais ou para os debates também institucionais da campanha vão aparentemente muito mais confortáveis do que quando vão a um programa como aquele que o Ricardo faz. (Anexo I:29)

Esse nervosismo, que advém do facto de não estarem à vontade no “território” do humor, é uma das causas para não ser possível considerar o resultado final da entrevista um espaço

onde se pode conhecer o político - “esse não é o território deles, mais uma razão para não considerarmos aquilo como o verdadeiro Ser, porque como não é o território deles estão tudo menos à vontade porque não estão descontraídos... estão a desempenhar um papel”; o outro motivo é a preparação dos entrevistados para aqueles momentos de entrevista, sendo que SF acredita que essa preparação também transforma o político num “boneco” criado pelas assessorias, que não permite, mesmo no espaço do jornalismo, que os seus comportamentos sejam genuínos, uma vez que tudo está previamente estudado e preparado:

preparam-se claramente, e às vezes até se preparam da pior forma, que vão para um programa do Ricardo Araújo Pereira tentar ter gracinha é a mesma coisa que eu agora desafiar o João Félix para jogarmos futebol os dois um com o outro não faz... por muito que jogues ou que tenhas jeito para a bola, e eu acho que aquilo é um *acting*, como o é quando vão com a sua vestimenta oficial ser entrevistados por um pivô de jornal. (Anexo I:29)

5.1.1. A rubrica no alinhamento do J8

A rubrica ITMBM foi emitida em direto no alinhamento do J8 entre 14 de setembro e 9 de outubro e ocupou em média 26% do tempo total do jornal (quadro 5.1).

Quadro 5.1 - Duração e percentagem de tempo do J8 ocupado pelo ITMBM.

Data	Duração J8 (min)	Duração ITMBM (min)	% de tempo do J8 ocupado pelo ITMBM
14-09-2015	0:75	0:23	31
15-09-2015	0:80	0:12	15
16-09-2015	0:77	0:20	26
17-09-2015	0:97	0:25	26
18-09-2015	0:75	0:22	29
21-09-2015	0:76	0:20	26
22-09-2015	0:75	0:21	28
23-09-2015	0:75	0:18	24
24-09-2015	0:79	0:21	27
25-09-2015	0:71	0:17	24
28-09-2015	0:74	0:19	26
29-09-2015	0:78	0:21	27
30-09-2015	0:76	0:21	28
01-10-2015	0:72	0:20	28
02-10-2015	0:75	0:24	32
05-10-2015	0:75	0:15	20
06-10-2015	0:72	0:16	22
07-10-2015	0:70	0:20	29
08-10-2015	0:77	0:20	26
09-10-2015	0:76	0:23	30

Fonte: Dados facultados pela TVI do estudo desenvolvido pela empresa Growth from Knowledge [GFK] (2017).

A hora de inserção da rubrica no alinhamento do J8 (quadro 5.2) mostra que em 20 emissões só uma foi iniciada um pouco mais de meia hora após o começo do jornal (15-09), uma teve o seu início aos 43 minutos (06-10) e todas as restantes foram emitidas após 45 minutos do início do jornal, sendo que em alguns dias a rubrica foi iniciada aos ou após os 50 minutos.

Quadro 5.2 - Agenda da rubrica ITMBM no J8.

Data (dia/mês/ano)	Início rubrica (h)	Fim de rubrica (h)	Fim do J8 (h)
14/09/2015	20:48	21:12	21:13
15/09/2015	20:34	20:47	21:18
16/09/2015	20:50	21:11	21:15
17/09/2015	20:53	21:19	21:35
18/09/2015	20:48	21:11	21:13
21/09/2015	20:52	21:13	21:14
22/09/2015	20:50	21:12	21:13
23/09/2015	20:52	21:10	21:14
24/09/2015	20:55	21:16	21:17
25/09/2015	20:51	21:09	21:10
28/09/2015	20:52	21:11	21:12
29/09/2015	20:51	21:12	21:16
30/09/2015	20:50	21:11	21:14
01/10/2015	20:48	21:08	21:10
02/10/2015	20:48	21:12	21:13
05/10/2015	20:56	21:12	21:14
06/10/2015	20:43	21:00	21:01
07/10/2015	20:47	21:07	21:08
08/10/2015	20:53	21:14	21:15
09/10/2015	20:50	21:13	21:15

Fonte: Dados facultados pela TVI do estudo desenvolvido pela empresa Growth from Knowledge [GFK] (2017).

A inserção da rubrica na sequência do alinhamento do J8 é maioritariamente feita no seu fecho (Anexo V). Considerou-se que a rubrica encerrou o jornal quando foi feito o fecho pelo apresentador ou se existiram peças ou diretos após a emissão do ITMBM, em que o tema foi a autopromoção de conteúdos programáticos da estação, o que sucedeu em 15 das 20 emissões (dias 14, 16, 18, 21, 22, 24, 25, 28 e 29 de setembro e 2, 5, 6, 7, 8 e 9 de outubro).

A rubrica do ITMBM foi exibida no final da segunda parte do J8 nos dias 14, 15, 16, 17 e 21 de setembro e em outubro nos dias 6, 7, 8 e 9; nos restantes dias foi incluída numa terceira parte, de forma praticamente isolada. Nos dias 18, 22, 24, 25, 28 e 29 de setembro e 2 e 5 de outubro, após o intervalo, foi introduzida a rubrica e depois feito o fecho do jornal. As exceções à introdução de peças de temas diferentes de autopromoções foram: no dia 16 de setembro, após a rubrica, foram exibidos uma peça e um *off* (texto lido pelo pivô ilustrado pela exibição de imagens): a peça sobre a existência de um botão “não gosto” do *facebook* e o *off* sobre uma

câmara *GoPro* perdida no espaço. Nos dias em que foi aberta uma terceira parte no jornal, as exceções foram: no dia 23 de setembro em que foi emitida, antes do final do jornal, uma peça que promovia o turismo na Madeira; no dia 30 de setembro sobre o tempo no Algarve; e no dia 1 de outubro, depois do intervalo que deu início à terceira parte, foi emitida uma peça sobre o abandono de animais, e no final do jornal, após o ITMBM, foi emitida uma peça sobre um record de *skydivers*.

Os dias 15 e 17 de setembro foram os únicos em que a rubrica iniciou a segunda parte do jornal: no dia 15 foi emitida, antes da rubrica, uma peça sobre os bastidores da primeira emissão; nestes dois dias, após a rubrica, foi imediatamente a seguir emitido o genérico do jornal, que cumpriu, assim, a função de separador após o qual o jornal prosseguiu o seu alinhamento noticioso.

5.2. Os Textos Introdutórios da Rubrica ITMBM no J8

Em dezoito das vinte emissões a rubrica ITMBM foi introduzida no decurso do J8 por um texto dito pelo pivô, à semelhança do que é feito com uma qualquer outra peça do jornal (quadro 5.3).

Quadro 5.3 - Introdução da rubrica ITMBM e “pivô de saída” no J8.

Forma de introdução da rubrica no alinhamento	Nº Emissões
Pivô lança rubrica	18
Rubrica cola c/peça anterior	2
Pivô de saída	8

Em duas emissões a rubrica foi emitida imediatamente a seguir à peça anterior, ou seja, a peça terminou e arrancou de imediato o genérico do espaço de humor sem intervenção do pivô, sendo que num desses casos a peça anterior estava relacionada com a rubrica (15/09) era uma reportagem sobre os bastidores da primeira emissão, no dia 14.

Em oito emissões, o pivô interveio no final da rubrica com um texto em forma de comentário ao espaço humorístico, o que na gíria da linguagem televisiva se identifica como ter feito um “pivô de saída”, ou seja, o apresentador do jornal acrescenta algo ao que os telespetadores acabaram de observar.

Os textos introdutórios lidos pelos apresentadores tiveram uma duração média de nove segundos. JS iniciou os textos introdutórios pela indicação do que se ia seguir no alinhamento (Anexo W), como por exemplo, “Vamos para o ITMBM...” (18/9); “É chegado o momento do ITMBM...” (30/9); “E agora ITMBM... (1/10); “Avançamos agora para ITMBM...” (2/10);

incluindo a seguir uma chamada de atenção para o nome do convidado do anfitrião da rubrica: “...hoje o convidado de Ricardo Araújo Pereira (RAP) é Paulo Portas.” (17/9), “...e o convidado desta noite de RAP é António Costa” (18/9), “...e o entrevistado de RAP é hoje o socialista João Galamba.” (28/9). Há apenas um texto que inclui uma apreciação, o da emissão do dia 16/9: “Já a seguir a não perder o ITMBM...”, a expressão “a não perder” é apreciativa sugerindo ou convidando quem está a ver para continuar a fazê-lo, já que é imperdível aquilo que se segue e onde “...Catarina Martins é a convidada de RAP.”. Em todos os textos são destacados dois elementos, o convidado e o anfitrião da rubrica, e nunca é referida qualquer indicação sobre as características do espaço que está a ser introduzido no alinhamento do jornal como, por exemplo, o género humorístico ou de sátira política. JAC optou por elaborar textos introdutórios à rubrica dando indicações sobre as suas características humorísticas e ligando-a explicitamente à campanha eleitoral e ao momento político da formação do governo (Anexo X). No período de campanha ligou-a à campanha eleitoral - “ITMBM começou a campanha eleitoral (21/9), “...está na hora de olhar a campanha com um sorriso... (24/9), “ITMBM a campanha já vai a meio...” (25/9); destacou a cobertura da campanha eleitoral pela TVI por ser o humor um fator que a distinguia das outras coberturas - “a cobertura da TVI também se distingue pelo humor em tempo de campanha...” (23/9). No período pós-eleições procurou justificar a sua continuidade como sendo útil para esclarecer - “As eleições já foram, mas há muita coisa por esclarecer por isso faz ainda mais sentido lembrar que ITMBM...” (5/10); ligou-a aos factos políticos do momento - “As eleições já foram, Cavaco Silva já falou, Passos e Portas assinam um acordo de governo amanhã, é o tempo do compromisso diz o presidente isto é tudo muito bonito, mas...” (6/10); e à atualidade política - “É portanto a deixa perfeita para que o humor entre na atualidade, ...” (7/10), “está na hora de colocarmos a política ao serviço do humor e olhar a atualidade com ironia” (8/10).

Nas dez introduções de JAC em cinco são encontradas as palavras humor (23/9, 7/10, 8/10) ironia (8/10) e sorriso (24/10). A rubrica é destacada no seu todo, chamando a atenção para a atualidade política. O nome de RAP aparece em três introduções (25/07, 5/10 e 8/10) e em dois casos refere explicitamente o nome dos convidados: a 5/10 menciona explicitamente o nome de Fernando Medina e no dia 7/10 anuncia Manuel Ferreira Leite. Em duas emissões, os nomes dos convidados não são referidos, estão implícitos nas questões políticas mencionadas que os envolveram, acentuando o seu mediatismo (22 e 25 de setembro). No dia 22, o convidado foi Mário Centeno, na altura o responsável pela elaboração do programa económico e financeiro do PS. No texto que introduziu a rubrica, JAC diz: “está na hora de ter as contas,

verdadeiramente, na ponta da língua”; no dia 25 a convidada foi Mariana Mortágua, a deputada do BE que deu nas vistas pelo seu comportamento político na comissão parlamentar de investigação ao caso BES; o texto referiu-se à convidada de RAP como “a deputada que calou os gestores do BES e da PT na Assembleia da República”.

Na elaboração dos textos, o nome do programa é integrado no contexto do discurso, a conjunção adversativa “mas” é utilizada na construção discursiva, tal como é aproveitada a função anafórica do pronome demonstrativo “isso”, por exemplo: “*Isso é tudo muito bonito, mas* começou a campanha eleitoral” (21/9); “*Isso é tudo muito bonito, mas* está na hora...” (22/9); “Estamos a 10 dias das eleições. *Isto é tudo muito bonito, mas* está na hora de olhar a campanha...” (24/9); o mesmo acontece com os textos das emissões do dia 25/9, 5/10 e 8/10.

No dia 6/10, o texto termina com o nome do programa, “As eleições já foram, Cavaco Silva já falou, Passos e Portas assinam um acordo de governo amanhã, é o tempo do compromisso, diz o presidente *isso é tudo muito bonito mas*.”. O dístico, *Isso*, permite deixar espaço aberto para diversas interpretações, entre elas a de pôr em causa o referencial, concluindo que está tudo muito bem, mas talvez existam outros dados que levem a que não seja tudo tão “bonito”.

Os pivôs de saída foi uma opção utilizada por JAC (Anexo X1) em oito dos dez jornais que apresentou. O título da rubrica, tal como nas introduções, foi, igualmente, integrado no discurso. Em quatro momentos foi reforçada a ligação da rubrica à campanha, como por exemplo: “Faltam agora 13 dias para as eleições” (22/9); ou “O humor em tempo de campanha diariamente na TVI” (25/9); frases idênticas podem ouvir-se nas emissões dos dias 23/9 e 5/10. Na emissão do dia 24 foi produzida uma frase de evidência “as coisas são como são” e na do dia 9/10, a ligação é feita por ser a última emissão da rubrica. No dia 21/9, o texto expressa uma apreciação sobre a prestação da convidada de RAP, Assunção Cristas que é comparada a PP, porque levou uma lata de conserva portuguesa para oferecer ao RAP. Na sequência, o apresentador recordou que também PP falou da sua ação na diplomacia económica referindo-se a uma personagem do *Tintim*: “ITMBM acabámos de conhecer uma versão feminina da famosa personagem de *Tintim* citada por Paulo Portas recentemente, o Oliveira da Figueira”. No dia 7/10 integra o título na frase onde anuncia que, ele próprio, iria continuar a conduzir a emissão no canal TVI24, após encerrar o J8: “ITMBM vou prosseguir de imediato na TVI 24”.

5.3. As Promoções do TPS, de outras notícias e do ITMBM no Alinhamento do J8

As entrevistas TPS e a rubrica foram promovidas ao longo dos jornais onde eram emitidas. São consideradas promoções todos os espaços preenchidos por discurso verbal e não verbal com referências às entrevistas ou à rubrica, cujo objetivo é chamar a atenção para a sua emissão durante o jornal. No caso da rubrica são, ainda, consideradas promoções as peças gravadas e inseridas no decorrer do jornal sobre a rubrica ou sobre outros temas, mas que incluam extratos da rubrica.

Nas emissões das entrevistas TPS, a primeira promoção da entrevista abriu o jornal nos casos dos líderes do PS, PSD, CDS e PCP; no caso da líder do BE, a promoção da entrevista foi inserida no alinhamento das peças relativas à pré-campanha eleitoral para as legislativas. As promoções tiveram como suporte principal imagens em direto, ou gravadas da chegada dos líderes às instalações da TVI, no interior ou no exterior (Anexo T).

Na primeira emissão da entrevista, a abertura do jornal incluiu as imagens em direto do percurso de AC, onde era visto o carro a percorrer o IC19, rumo aos estúdios da TVI enquanto o pivô apresentava e promovia o modelo em que a entrevista iria decorrer.

A entrevista de AC foi a que mais promoções teve e em moldes únicos, o líder socialista beneficiou da promoção da própria estação de televisão ao lançamento do modelo de entrevista (quadro 5.4). Costa foi o único a ser questionado sobre o que pensava sobre o modelo. A declaração foi emitida na sequência da abertura do jornal.

Quadro 5.4 - Inserção no alinhamento do J8 das promoções da entrevista TPS.

Dia	Nº Promoções	Inserção no alinhamento das promoções
9/7	5	Abertura J8 Fecho 1ª Parte Abertura 2ªParte Decorrer 2ªParte Imediatamente antes da peça/perfil
23/7	2	Abertura J8 Fecho 1ª Parte
27/8	2	Abertura J8 Fecho 1ª Parte
3/9	2	Abertura J8 Fecho 1ª Parte
12/9	1	No decorrer 1ª Parte

Em todos os jornais foi transmitida em direto a chegada dos líderes às instalações da TVI. No caso de PP, as imagens do momento da sua chegada foram inseridas no ecrã durante a emissão de uma peça.

No caso da rubrica de humor ITMBM, as imagens de suporte promocional eram gravadas previamente. Na primeira emissão, foram utilizadas imagens do evento em que o programa foi apresentado publicamente, nas emissões seguintes as imagens pertenciam às emissões anteriores. Todas as promoções foram centradas em RAP e na identificação do entrevistado.

No dia da estreia da rubrica no J8, dia 14/9, o espaço humorístico foi promovido no contexto da abertura do jornal. O pivô anunciou a presença de JrS na TVI, juntamente com a promoção do *Frente a Frente* inserido no espaço de informação jornalística da TVI24: “António Costa, Jerónimo de Sousa e Catarina Martins encontram-se esta noite na TVI e na TVI24...”, o texto verbal foi acompanhado pela imagem projetada (figura 5.1).



Figura 5.1 - Imagem de Abertura J8 -TVI.
Fonte: J8, Episódio 189 de dia 14/9/2015 (Figueiredo, 2015b).

O líder do PS e a coordenadora do BE debatem no Frente a Frente que emitimos na TVI24 a partir das 21 horas e 15 min. Jerónimo de Sousa é o convidado da rubrica, *Isso é muito bonito. Mas*, conduzida por Ricardo Araújo Pereira... (J8, Episódio 189 de dia 14/9/2015 - Figueiredo, 2015b)

O texto prosseguiu com a promoção do *Frente a Frente* sobre uma sequência de imagens de CM e AC nas entrevistas que tinham concedido à TVI em momentos anteriores. “...no âmbito da campanha eleitoral é a primeira vez que Catarina Martins e António Costa irão trocar argumentos num debate...”.

A rubrica só foi promovida na abertura do J8 do dia 14 de setembro, dia da estreia, nas emissões seguintes todas as promoções foram inseridas no decorrer do jornal. Só numa emissão (21/9) não foi exibida qualquer promoção.

As promoções ao ITMBM foram numa grande parte dos casos inseridas a seguir a notícias da política nacional (quadro 5.5).

Quadro 5.5 - O lugar das promoções ao ITMBM e os temas que as antecederam.

Data Set/Out 2015	Momento das Promoções ao ITMBM Temas nos blocos promocionais	Notícias que antecederam as promoções no alinhamento
14/Set	Abertura J8 Frente a Frente entre Costa e CM na TVI24+JrS no ITMBM	(não se aplica)
	Decorrer da 1ª Parte (a)	Bloco notícias sobre refugiados
	Fecho 1ª Parte	Assalto a armazém dos CTT
15	Fecho 1ª Parte	Bloco das legislativas
	Início 2º Parte	Peça bastidores
16	Fecho 1ª Parte	PPC apoia vinda da <i>troika</i> IMI familiar
	Decorrer da 2ª Parte	A Caminho das Legislativas
	Decorrer da 2ª Parte	Reportagem sobre vindimas
17	Fecho 1ª Parte	Venda TAP
18	Decorrer da 1ª Parte	Bloco Refugiados
	Fecho 1ª Parte	A Caminho das Legislativas Rating nacional
21	Abertura, Decorrer, Fecho	(não houve promoções)
22	Fecho 1ª Parte Herói americano + ITMBM	Papa Cuba
	Fecho 2ª Parte	Bloco Desporto
23	Fecho 1ª Parte Cimeira europeia + ITMBM	Legislativas 2015
	Fecho 2ª Parte	Bloco Desporto
24	Decorrer da 2ª Parte	Sondagem Diária - Peça de política eleitoral inclui rábula de RAP
25	Fecho 1ª Parte Papa ONU + ITMBM	Legislativas 2015
	Fecho 2ª Parte	Papa
28	Fecho 2ª Parte	Filme sobre CR7
29	Fecho 1ª Parte SEAT + ITMBM	Legislativas 2015
30	Fecho 1ª Parte Tráfico Droga + ITMBM	Sondagem Diária Legislativas 2015
	Decorrer da 2ª Parte	Buscas de um casal desaparecido Ílhavo
	Fecho 2ª Parte	Tendências sondagens diárias (peça fica entre as duas promoções ao ITMBM)
01/Out	Fecho 1ª Parte Desporto + ITMBM	Cavaco ausente do 5 Outubro Marcelo comenta Cavaco sobre legislativas
	Decorrer da 2ª Parte	Hotel encerra
02	Fecho 1ª Parte Desporto + ITMBM	Legislativas 2015 Voto Sócrates Défice UTAO
	Decorrer da 2ª Parte	Legislativas 2015

Data Set/Out 2015	Momento das Promoções ao ITMBM Temas nos blocos promocionais	Notícias que antecederam as promoções no alinhamento
05	Fecho 1ª Parte	Política (resultados eleitorais) Marcelo comenta Sócrates foi votar
	Fecho 2ª Parte	TVI líder de audiências noite eleitoral
06	Fecho 1ª Parte Futebol + ITMBM	Política relacionada com resultados eleitorais
07	Fecho 1ª Parte Duplo homicídio + ITMBM	Política BE/eleições presidenciais/saída Défice excessivo
	Decorrer da 2ª Parte	Agressão na prisão
08	Decorrer da 2ª Parte	Bloco Desporto
09	Fecho 1ª Parte Mourinho + ITMBM	Criança baleada em Braga
	Decorrer da 2ª Parte	Oliveira Martins demite-se

(a) Todos os momentos onde não são referidos outros temas, a promoção foi só ao ITMBM

Em quinze das vinte emissões as promoções foram inseridas a seguir a notícias da política nacional e/ou relacionadas com a campanha para as legislativas. O Anexo V mostra a evolução do alinhamento das promoções em cada jornal onde foram emitidas as rubricas do ITMBM.

Entraram nos jornais trinta e cinco promoções, em dez a promoção do ITMBM foi associada à promoção de um tema de atualidade noticiosa. Nestes casos, a promoção do ITMBM foi sempre o segundo tema da promoção e todas foram inseridas no fecho da 1ª parte do jornal (dias 22/9, 23/9, 25/9, 29/9, 30/9, 1/10, 2/10, 6/10, 7/10 e 9/10). Em seis casos, os temas de destaque que precederam a promoção ao ITMBM eram referentes a desporto e crime; sobre os outros quatro, um foi sobre um soldado americano que evitou um atentado, outro sobre uma cimeira europeia, outro sobre a visita do Papa à ONU e uma notícia que envolvia o fabricante de automóveis da marca SEAT.

CAPÍTULO 6

Conclusões

Comparar o discurso político dos líderes partidários, em contexto eleitoral, no espaço de entrevista televisiva humorística e jornalística em Portugal foi o objetivo desta investigação, ou seja, perceber: *Que autoimagem foi procurada pelo entrevistado em cada género de entrevista e como reagiu face ao repto do humorista ou à pergunta do jornalista?*

a) Sobre as entrevistas humorísticas (*Soft interview*)

Todas as entrevistas no campo do humor foram concretizadas pelo mesmo humorista e os guiões dos programas, onde estavam inseridas, escritos pela mesma equipa. Esta estabilidade da equipa de autores dos guiões, de entrevistador e de produção permitiu comparar os comportamentos discursivos, verbais e não verbais, dos líderes políticos na sua participação no *talk-show Isso é Tudo Muito Bonito, Mas* (ITMBM).

O humorista anfitrião imprimiu às entrevistas um conjunto de características determinadas pelos seus posicionamentos face ao humor e aos diferentes entrevistados. Ricardo Araújo Pereira (RAP) afirmou não respeitar qualquer ética a não ser aquela que lhe permite fazer o seu trabalho: “o nosso objetivo é fazer rir as pessoas (...), é um dever para com a comédia, mas não há um dever... outra responsabilidade perante outra coisa qualquer” (Anexo A:147). RAP deixa todas as preocupações que o jornalismo possa ter com o cruzamento das duas linguagens para os jornalistas: “nós não temos nenhum prurido deontológico”, já que, sublinha, “a decisão de inserir um programa de humor num jornal é benéfica”. E acrescenta: “quanto mais sério for o enquadramento maior será a nossa transgressão” (Anexo A:21). Foi neste quadro de contraste que decorreram as entrevistas inseridas no *talk show* emitido no alinhamento do *Jornal das 8*.

Ao contrário das entrevistas jornalísticas, no humor não existem perguntas, existem textos construídos pelo humorista que, nesta tese, no momento de as distinguir das perguntas jornalísticas foram identificadas pelo substantivo “questões”, por não exigirem respostas, mas criarem tensão entre humorista e entrevistado, com este último a reagir ao que é dito. RAP identifica-as como provocações às quais pretende obter uma reação que sirva o guião do seu programa.

RAP classifica o discurso humorístico que utiliza como sátira política, considerando que esta forma de humor, “às vezes consegue ser bastante corrosiva”, mas expressou a convicção

de que “toda a sátira tem uma componente de homenagem, quanto mais não seja porque reconhece a existência do objeto satirizado” (Anexo A:135). O humorista adverte que não pretende tratar mal os seus convidados. Admite que há provocações e julgamentos, mas considera que “são provocações que não os humilham (...) eu estou lá para provocá-los e se eles me responderem na mesma moeda melhor ainda, eu não vou enxovalhá-los” (Anexo A:61). Os posicionamentos e preocupações do humorista ajudam a compreender e justificam o desenho das provocações que lança aos líderes, bem como a necessidade de as tornar umas vezes mais corrosivas outras menos. Há momentos, até, em que o humorista poupa o entrevistado à crítica direta, desviando-a para os seus adversários políticos.

Revisitando as características do texto satírico, expressas em Test (1991, p. 3) e que vêm na linha do que dizia Angenot (1982), para existir sátira o texto tem de conter ao mesmo tempo: “ataque ou agressão (verbal)”, o que significa diminuir o alvo na sua importância, e transformá-lo em “tolo”, “estúpido” ou “vicioso”; “espírito de jogo”, isto é, jogos de palavras associados à agressão à construção de imagens, aos exageros, repetições e muitas outras figuras de estilo (Test, 1991, pp. 19-22); e “julgamento”, que no caso da política tem a ver com a realidade política (Test, 1991, pp. 27-29).

O humor de RAP é construído com recurso ao absurdo como, por exemplo, quando Catarina Martins (CM) é colocada perante o facto de haver muitos e importantes dissidentes do BE, e RAP sugere mudança do nome do partido: “não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda” (Anexo D:49); ou ao confrontar Jerónimo de Sousa (JrS) com a criação de muitos pequenos partidos no espectro político do PCP, sugere que - ”tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina.” (Anexo C:15); ou expõe o entrevistado ao ridículo ao perguntar a António Costa (AC) – “o senhor ainda tem aqueles calções amarelos?”, enquanto no ecrã era mostrada a foto de AC, acompanhado pela mulher, em que vestia os referidos calções. O ridículo da escolha da foto que constituía uma imagem de campanha eleitoral é acentuado pelo enquadramento que foi feito: “tendo em conta a situação do país não só nos últimos 4 anos, mas também os acontecimentos recentes eu tenho mesmo de começar por lhe fazer esta pergunta que todos os portugueses lhe querem fazer”. A ironia é uma das formas de humor mais utilizada: “a austeridade que o senhor vai impor é muito mais meiga e boazinha do que esta não é” (Anexo F:56); “os portugueses ficaram tão satisfeitos com o vosso trabalho que resolveram dar uma maioria absoluta a José Sócrates” (Anexo E:29). RAP completa de forma muito expressiva o discurso irónico com expressões faciais ou

comportamentos não verbais, observado, por exemplo, quando confronta JrS com o entendimento político entre PSD e PCP na autarquia de Loures: “em Loures o PCP tem uma coligação com o... com o PSD veja que eu até tive dificuldade em (RAP engole em seco) o PCP tem uma coligação com PSD em Loures!” (Anexo C:33).

O julgamento das atitudes políticas dos entrevistados é uma constante. As questões censuram de forma dura os comportamentos políticos assumidos. Uma dessas situações ocorreu quando Paulo Portas (PP) foi questionado sobre os cortes nos rendimentos dos portugueses e da alegria do governo e em particular de Portas quando a *troika* saiu de Portugal - “nós não devíamos ter corrido primeiro com aqueles que queriam ir além da *troika* e depois então com a *troika*” (Anexo E: 64), ou confrontou JrS com a ausência do PCP nas reuniões com a *troika* - “o senhor acha que foi por isso foi essa ausência que fez a *troika* pensar bom uma vez que não há partido nenhum que represente os trabalhadores vamos pôr a carga toda em cima deles” (Anexo C:9). Uma questão idêntica foi colocada a CM - “o Bloco não compareceu à reunião com a *troika* ou seja vocês não querem governar não querem fazer oposição vocês estão nisto da política mais pelo convívio” (Anexo D:29); ou a AC quando foi confrontado com os episódios que o opôs a jornalistas que lhe faziam perguntas: “é só por SMS que o senhor é desagradável para quem lhe faz perguntas” (Anexo F:46).

O discurso crítico de RAP é atenuado criando momentos durante a entrevista em que permite aos líderes dominar a cena discursiva. No início da entrevista a AC, a rábula da oferta do programa eleitoral do PS ao anfitrião permitiu ao líder socialista dominar o espaço e a narrativa durante os primeiros minutos do programa (Anexo F:4-17). Após esse momento, AC viu sempre a sua competência como líder da oposição atacada, assim como o tipo de campanha eleitoral que estava a levar a cabo: o caso da foto com a mulher publicada nas redes sociais (Anexo F:19-21); o caso dos cartazes de campanha sobre os números do desemprego (Anexo F:84-86); a comparação com uma popular com maior apoio social do que o seu (Anexo F:2); a sua incapacidade para aplicar o programa eleitoral (Anexo F:36). Com PP, a estratégia foi a mesma. Assim, uma rábula sobre o patriotismo do 1º ministro, a abrir a entrevista, permitiu ao líder do CDS-PP controlar a situação (Anexo E:3-17). Depois, sucederam-se os ataques diretos a Portas, a Pedro Passos Coelho e ao governo.

CM manteve-se sempre no campo do humor. Toda a entrevista foi um jogo de palavras entre humorista e entrevistada, sendo o equilíbrio estabelecido naturalmente já que a cena comunicativa decorria com os dois interlocutores a agir discursivamente no mesmo campo. CM respondeu sempre “na mesma moeda” ao humorista. O líder dos comunistas foi o entrevistado

mais poupado à crítica, tal como a líder do BE nunca foi satirizado durante o programa e na entrevista as farpas do humor eram dirigidas ao partido e não a ele: “o PCP não compareceu à reunião com a *troika*” (Anexo C:9); “o PCP tem insistido na palavra patriotismo” (Anexo C:27); As questões dirigidas diretamente a JrS foram lançadas com base na retórica humorística sem que o secretário-geral do PCP ficasse em causa com a argumentação política exposta nas questões, como por exemplo na Q2: “o senhor está em condições de garantir que esta proposta do PCP de sairmos do euro e voltarmos ao escudo tem motivações estritamente políticas não será possível que o senhor deputado tenha 20 contos lá em casa que (...) não conseguiu trocar na altura e tal... e agora...” (Anexo C:5).

Foi também ao líder do PCP que, por três vezes, as questões foram colocadas por forma a abrir-lhe o caminho para criticar os adversários: na Q4, os visados foram o PSD, CDS-PP e PS (sobre quem chamou a *troika*); na Q9 e Q11 as críticas atingiram o governo PSD/CDS (sobre a privatização da EDP (Q9) e as elevadas taxas de desemprego atingidas durante a vigência do governo da coligação da direita (Q11)).

Na forma como interpelou os entrevistados ficou refletido o sentimento expresso por RAP quanto aos diferentes líderes: “o que interessa num humorista em grande medida é a maneira como ele olha para as coisas, o seu ponto de vista, (...) no meu caso é público eu nunca o escondi” (Anexo A:151).

À pergunta se as rábulas e as entrevistas são feitas com base naquilo que pensa, ao observar a realidade, RAP respondeu: “exatamente! Sim” (Anexo A:144-145) e revelou que “com o Jerónimo é uma conversa de amigos” (Anexo A:85). Quanto a AC vê-o como incapaz “de fazer oposição como deve ser, de se constituir como uma alternativa séria” (Anexo A:142-143). De uma forma geral, o humorista explicou que tem “coisas mais ácidas a dizer sobre a direita e também sobre os partidos do poder do que sobre partidos que nunca estiveram no poder” (Anexo A:89). Conjugando as opiniões expressas pelo humorista sobre os líderes com o observado na análise de discurso, podemos concluir que RAP suaviza ou intensifica o discurso “corrosivo” da crítica sobre o entrevistado s, consoante o que pensa sobre ele.

De cada entrevista que RAP faz aos líderes emerge uma posição política. O pensamento ideológico do humorista e a sua opinião sobre cada entrevistado e partido por este dirigido fica expresso pelo conjunto de questões/provocações que lhe lança. Com uma particularidade: os visados não conseguem argumentar em sua defesa, já que o terreno é o da construção discursiva pelo absurdo das provocações humorísticas e não pela argumentação racional da polémica entre interlocutores (Angenot, 1982, pp. 34-37).

A entrevista humorística é “armadilhada”, através de uma construção linguística que os entrevistados não dominam. O entrevistado é apanhado de surpresa pelo conteúdo das armadilhas do humor, mas não pelos temas abordados que lhe são comunicados antecipadamente. É o próprio humorista quem o esclarece ao afirmar, na entrevista que nos concedeu no âmbito da nossa investigação, que se “os convidados fossem para lá às escuras... completamente às escuras, a gente não teria convidado nenhum” (Anexo A:109). Conclui-se que, embora os entrevistados não conheçam o teor das armadilhas, conhecem os momentos em que essas armadilhas vão ser lançadas e sobre que temáticas. As indicações que são fornecidas pela produção servem o humor porque permitem uma narrativa fluída sem “silêncios da parte deles” (Anexo A: 129) e podem estruturar uma resposta “na mesma moeda” (Anexo A:103). Fica claro que, ao entrevistado, será dito tudo, para garantir a sua presença e desde que não coloque em causa o efeito surpresa gerador da situação de humor.

O formato e o cenário do estúdio em que decorreram as entrevistas é idêntico ao formato e cenário do J8. As cores utilizadas é que divergem. Com a utilização de cores mais claras e pontos de luz branca, o cenário proposto ao espetador do *talk-show* sugere uma relação de distanciação entre os protagonistas da cena comunicativa. Já o cenário principal do jornal noticioso da estação (J8) é potenciador de um ambiente de maior emoção e energia e mais intimista. É a “potencialidade semiótica” da cor, de que nos falam Kress e Leeuwen (2006).

A decisão editorial da direção de informação de inserir o humor no espaço de informação jornalística (J8) e de colocar a equipa de humoristas junto da redação permitindo-lhes, assim, o acesso a “matéria-prima” original e o contacto direto com os jornalistas que cobriam a campanha eleitoral e outros eventos políticos, fez com que os humoristas absorvessem as questões de natureza política de uma forma diversa daquela que é habitual no humor, em que os humoristas apenas trabalham a partir de notícias já publicadas.

Para o ex-diretor de informação da TVI, essa proximidade constituiu uma grande vantagem: “(RAP) vivia na redação durante 6 dias da semana a apanhar tesourinhos que (os jornalistas) não usavam nas peças (...); para ele aquilo era uma maravilha, era muito mais interessante do que estar a apanhar só coisas na net” (Anexo I:29), o que RAP corrobora apresentando um exemplo:

muitas vezes (um ou outro jornalista) vinha e dizia-nos olha eu hoje estive atrás do Passos Coelho e ele teve um debate de 15 minutos com uma senhora de cor-de-rosa no meio da rua... uma senhora vestida de cor-de-rosa, (o jornalista) aproveitou 30 segundos para a peça e deu-nos o resto. (Anexo A:35)

A preocupação do humorista em não “enxovalhar” nem “humilhar” os entrevistados, e as decisões editoriais em relação à valorização do humor ao inseri-lo, plenamente, na cobertura da campanha eleitoral, encaminharam o humorista/anfitrião para outra preocupação, a de confrontar o entrevistado com questões de natureza política, um questionamento que não é característico da entrevista humorística.

Por sua vez, o líder político procurou projetar a imagem de alguém capaz de enfrentar a crítica com boa disposição e preocupado em mostrar sentido de humor, usando-o para afirmar ideias políticas e criticar os adversários, como nos exemplos que se seguem: CM - “O convívio é bom não é há quem esteja na política mais pelo dinheiro há quem esteja mais pelo negócio nós temos estado mais pelo convívio” (Anexo D:30); JrS - “se calhar foi a CDU ou o PCP que chamou a *troika* para Portugal” (Anexo C:14); AC - “É que sabe é que eu quis ser simpático com o Dr. Pedro Passos Coelho e aquilo que eu disse foi citar uma declaração dele no dia 30 de Abril de 2011” (Anexo E:75); PP - “Botox é engraçado Botox eu acho que andou a fazer quem andou a disfarçar as contas... *lifting* andaram...*lifting* não é como se diz” (Anexo E:26).

No seu discurso, o entrevistado mostra-se preocupado em respeitar o contrato que estabeleceu com o humorista, participar num programa de humor e respeitar as regras. Por isso, quando sente que está prestes a quebrá-las, avisa: JrS - “dizer uma coisa agora a sério” (Anexo C: 34); AC - “Bom eu agora tenho que falar a sério” (Anexo E:25); PP - “Há uns assuntos que são mais sérios do que outros e, portanto, a primeira parte da resposta tem de ser mais em tom sério” (Anexo E:16).

Apesar da ausência de perguntas para a obtenção de informação, por vezes, os entrevistados, após uma primeira reação, acabam por ignorar a provocação e seguir o caminho do argumentário político, chegando a recorrer a uma linguagem mais figurativa ou humorística para expor os seus pontos de vista. AC introduz a questão que tinha sido satirizada numa das emissões do *talk show*, o corte dos apoios sociais às viúvas (Anexo F:55). JrS insiste em esclarecer as dúvidas sobre a utilização do termo “patriótico” pelo PCP (Anexo C:26). PP, ao responder a uma provocação sobre cortes nas pensões (Anexo E:Q9), na qual RAP usa metáforas ligadas à venda de carne num talho, aproveita para falar da sua ação na diplomacia económica e no aumento das exportações de carne bovina. CM, numa questão em que o BE é acusado de ser igual ao PCP por apresentar comportamentos políticos idênticos, aproveita para lembrar a ação do BE nos inquéritos parlamentares (Anexo D:29-34).

Em cada resposta/reação, o entrevistado tenta aproximar-se o mais possível da narrativa do anfitrião. Colabora em todos os “jogos de humor” propostos por ele, procurando colocar-se no

mesmo patamar discursivo e partilhando a sua linguagem figurativa. É o que faz, por exemplo AC, quando confrontado, por RAP, com a detenção de José Sócrates na prisão de Évora (Anexo F:32-35): “os portugueses não merecem cumprir mais uma pena de 4 anos de Passos Coelho”. Ou PP, quando RAP considera que a sua “governança é o botox dos países”. Responde o líder do CDS-PP, seguindo a mesma linha metafórica: “andaram (socialistas) a fazer com as PPP’s deixa cá ver se eu maquilho.... depois disso... quando... vem sempre... o botox quando é um exagero depois rebenta e o que fica à vista não é bom de ver não é como as pessoas sabem” (Anexo E:25-28).

Com esta aproximação, o entrevistado visa conquistar a empatia junto do público que é fiel e aplaude o humorista. O seu objetivo é que esses aplausos também revertam a seu favor e que, assim, possa recuperar o *status* eventualmente perdido ao longo de uma narrativa humorística que tende a desprestigiá-lo e a corroer-lhe a credibilidade. A necessidade de os líderes reagirem de acordo com aquilo que percebem ser a imagem que mais os beneficia aos olhos das audiências, induz uma atenção permanente a todas as intervenções do humorista. Os entrevistados não interrompem o humorista, antes seguem-no em permanência sem desviarem o olhar para, por exemplo, interpelar os espetadores através da câmara.

A mesma estratégia de aproximação está patente na afabilidade ou até familiaridade com que o entrevistado acata as sugestões do entrevistador. Por exemplo, quando a dado momento da entrevista a AC, o entrevistador-humorista exclama: “vamos restabelecer a distância formal que deve existir entre apresentador...” (e entrevistado) (Anexo F:17); AC responde prontamente: “muito bem! Eu afasto-me.” (Anexo F:18).

A aproximação procurada pelo entrevistado é suscetível de esbarrar com o distanciamento procurado pelo humorista que prefere tratar o entrevistado pelo título mais elevado na hierarquia política ou académica - sr. deputado, sr. vice-primeiro ministro, dra. ou dr. – evitando, sistematicamente, o tratamento na 2ª pessoa do singular, o “tu”, mesmo que fosse esse o desejo do entrevistado. Esta aproximação revela RAP, quando nos explica a postura que assume no seu programa:

é pá ó Ricardo, mas temos a mesma idade trata-me por tu (...) é impensável para mim tratá-lo por tu por razões humorísticas isso não teria graça, eu estar a acertar na testa com uma maçã podre, na testa de um tipo que pelos vistos eu... tu cá tu lá, somos amigos, não pode ser. (Anexo A:61)

E está igualmente patente na aparente relação de confiança que permite ao entrevistado, numa suposta inversão de papéis, ousar pôr a nu fragilidades do entrevistador. JrS e PP lembram

a RAP que já tinha sido filiado no PCP: “já vendeu umas bejecas lá na Festa do Avante”, diz JrS (Anexo C:24); “no CDS pode ter a certeza que ninguém terá a longevidade do Dr. Álvaro Cunhal que o encantou quando você era mais novinho”, refere PP (Anexo E:111). CM reage às críticas sobre a perda de deputados do BE com a frase: “Isto agora já começa a ser um bocadinho mais um ataque do que uma entrevista (...) isto é para eu ser trucidada nas redes sociais de certeza” (Anexo D:62).

Tais remoques não afetam RAP que nos assegura: “eu acho isso legítimo, quer dizer é o tipo de coisa que seria impensável eles fazerem a um jornalista, provavelmente seria mal visto, mas ali de facto isso é admissível” (Anexo E:89).

Os esforços dos entrevistados para se adaptarem a uma situação de contornos aliás imprevisíveis não iludem, até por essa imprevisibilidade causar algum desconforto que se torna visível no discurso verbal e não verbal que produzem, nomeadamente quando colocados perante uma “armadilha” relativamente à qual não vêm saída. É o momento da transformação de que fala Test (1991, p. 1), das emoções humanas despertadas pela sátira em comportamentos, vulgarmente identificados por nervosismo.

Ao iniciar a R6, a movimentação corporal (figura 4.25) e as sucessivas hesitações e interjeições de JrS, no início da resposta, denotam uma alteração profunda do seu estado emocional; AC, na R10 (figura 4.39), altera a expressão facial denunciando surpresa e alguma preocupação pelo que irá dizer RAP; outro momento em que AC dá sinais de instabilidade emocional é quando, ao ouvir RAP, começa a rodar a aliança no dedo, ou quando solta a interjeição “Olhe!” nas respostas R3 (sobre a detenção de Sócrates) e R9 (sobre a polémica das fotografias de pessoas empregadas em cartazes que aludiam aos números do desemprego). Um “Olhe!” pode ser interpretado como uma tentativa de ganhar tempo para alinhar os argumentos que vai utilizar na resposta. CM, na R6, produz um discurso cheio de pausas e de hesitações (figura 4.28), em contraste com o discurso assertivo e fluído que caracteriza a R2. O líder do CDS também foi pródigo em frases e gestos demonstrativos de instabilidade: enquanto RAP ataca as políticas de cortes nos rendimentos das pessoas (Q2), PP leva a mão ao pescoço (figura 4.29); na Q8 (sobre uma governação à margem da lei constitucional) Portas ajeita o colarinho da camisa (figura 4.30); na Q2 e Q3, RAP critica severamente a governação de PP e PPC e todo o discurso do líder do CDS-PP é repleto de hesitações e de interjeições acompanhadas por movimentos corporais que são sinais de nervosismo (figuras 4.31 e 4.32).

O ex-diretor de informação da TVI, Sérgio Figueiredo, revelou que quando recebia os líderes políticos, antes das entrevistas humorísticas, era visível o seu nervosismo. Uma situação

que não encontrava quando iam ser entrevistados por um jornalista: “é engraçado... aqueles que a gente recebe (...) dezenas de vezes antes dos jornais normais ou dos debates institucionais da campanha estão aparentemente muito mais confortáveis do que quando vão a um programa como aquele que o Ricardo faz” (Anexo I:31).

b) Sobre as entrevistas jornalísticas (*Hard interview*)

As entrevistas jornalísticas *Tenho uma Pergunta para Si* (TPS) foram concretizadas por três jornalistas diferentes ao serviço da mesma empresa agindo, por isso, dentro das mesmas regras editoriais. A teoria de enunciado de Bakhtin citada por Rebelo (2002, pp. 61-63) indica que o discurso de um locutor é influenciado por um “complexo jogo de imagens”. Neste caso, o discurso de cada jornalista foi construído tendo em conta: a imagem que ele tem de si, a que ele gostaria de ter de si, a que ele tem da empresa, a que ele pensa que a empresa tem de si e a que ele gostaria que a empresa tivesse de si. Da junção de todas estas imagens, acompanhada de uma discussão constante entre os jornalistas implicados e de um comum sentimento de solidariedade para com a empresa empregadora, resulta, por mimetismo, um comportamento semelhante na realização das entrevistas.

O espaço de entrevista aos líderes foi anunciado no J8 como: “programa ou rubrica *Tenho Uma Pergunta Para Si*”; “entrevista especial” e “emissão especial”, onde as perguntas iriam ser colocadas pelos jornalistas, por “cidadãos anónimos” e pelos “comentadores da TVI”.

As características discursivas das entrevistas TPS foram determinadas pela decisão editorial que esteve na sua criação. O diretor de informação da altura, Sérgio Figueiredo revelou que pretendia produzir um conjunto de entrevistas que não fossem “asséticas” para que se pudessem distinguir das feitas noutros canais de televisão. Para isso adotou um modelo de “entrevista editorializada” em que participaram os comentadores da TVI: “a opinião destas pessoas interessa-nos (...) porque eles sendo jornalistas são jornalistas com opinião e são jornalistas na minha antena, portanto, não eram paraquedistas pessoas que caíssem do céu” (Anexo I:17).

As entrevistas foram ainda diferenciadas entre si consoante o candidato a primeiro-ministro tinha ou não a possibilidade de vencer as eleições. Os que se apresentavam nessa condição, que eram dois, foram “sujeitos a um conjunto de perguntas de origem mais diversificada, mais variada”, (Anexo I:11) feitas apenas por jornalistas. Para os restantes, as escolhas de quem faria perguntas, para além do jornalista, obedeceu ao critério de “não fazer tudo igual por uma questão de não repetição de forma”. Procurou-se, assim, despertar a curiosidade do espetador: “olha deixa cá ver o que é que vai acontecer, como isto não é bem igual ao que vimos no outro...

deixa cá...”, na opinião de Sérgio Figueiredo, “uma forma, como outras, de fidelização das audiências” (Anexo I:11).

AC ficou de pé com um púlpito à sua frente, sendo que a plateia era constituída por um grupo de pessoas assumidas como protagonistas dos problemas que levantavam. No caso de JrS, a plateia que lhe colocou perguntas era formada por jovens que iam votar pela primeira vez. A PP, as perguntas foram colocadas por empresários e por um comentador da área económica. CM foi interrogada pelo jornalista anfitrião e por comentadores da TVI. Tanto PP como CM foram interrompidos livremente por qualquer um dos entrevistadores. À exceção de AC, os líderes ficaram sentados num sofá à esquerda ou à frente do jornalista.

As entrevistas eram iniciadas com um conjunto de perguntas na área da *politics* colocadas pelo jornalista anfitrião. As questões seguintes, na área da *policy*, partiam dos restantes intervenientes.

O “contraditório” praticado pelos jornalistas, em particular no desenho de algumas perguntas e nos comentários emitidos durante ou depois das respostas, levou à criação de desequilíbrios entre “adversidade” e “imparcialidade”, contrariando, manifestamente, o que autores como Clayman e Heritage (2004) consideram indispensável à entrevista jornalística. Na entrevista a AC, a conjunção adversativa “mas” transformou algumas perguntas e comentários em momentos de oposição entre o que pensava a jornalista e o entrevistado: “mas acredita na maioria...” (Anexo R:3); “Mas o António Costa está a introduzir muitos “ses” na sua resposta...” (Anexo R:40); “Mas como é que estando Portugal há uma década sem crescer (...) como é que o António Costa garante aos portugueses...” (Anexo R:48); “mas isso não se consegue de um dia para o outro” (Anexo R:52). O comentário no final da R8 “Já iremos ver como é que, à luz destas circunstâncias atuais em que tudo muda em 24 horas, será possível ter realmente uma construção tão definitiva sobre matérias que envolvem dinheiro, mas avanço para a pergunta” (Anexo R :31) revela o que pensa o locutor acerca do que acabou de dizer o entrevistado e não lhe permite qualquer comentário, apenas diz que mais à frente irá confirmar o que o locutor pensa.

Na entrevista a JrS, expressões como “vai dar ao mesmo” (Anexo S:18), “o PCP não retirou lições da experiência grega?” (Anexo S:29), ou o confronto que se prolonga com diversas interpelações e interrupções na questão da definição da quantificação de “maiores rendimentos”, (Anexo S:55-64) são pontos de tensão nesta entrevista.

Na entrevista a PP, o jornalista ao apresentar o entrevistado refere, em tom crítico, a reforma do Estado pela qual o, então, vice-primeiro-ministro era responsável no governo e que nunca

foi concretizada (Anexo T:13), mas a questão não foi abordada na entrevista. A primeira pergunta (P1) é no seu desenho classificada como “urgente e “intrigante”, mostrando a perplexidade do locutor em relação à decisão do governo ao pretender vender o Novo Banco naquele momento: “por que razão é necessário vender agora o Novo Banco, qual é a pressa?” (Anexo T:16). O ceticismo do jornalista em relação ao sucesso da operação financeira, para o Estado português, é detetado na pergunta: “E há alguma hipótese de (a venda) terminar bem, ainda” (Anexo T:18). Portas garantia que não haveria dinheiro dos impostos envolvido na operação, mas o jornalista revelava o descrédito de todos nas afirmações do vice-primeiro ministro: “Mas é que ninguém acredita” (Anexo T:24-28). As frases iniciadas pela conjunção adversativa, “mas” (Anexo T:30, 32, 60) acentuam o tom adversativo dos comentários. No momento em que a pergunta era sobre a elevada carga fiscal, o jornalista afirmou: “com a carga fiscal mais baixa tudo seria mais fácil para todos, digo eu”, assumindo o comentário em nome próprio (Anexo T:93).

Durante a entrevista a CM, a intervenção dos comentadores deu lugar a um debate de ideias defendidas por eles e contestadas pela entrevistada. Por vezes, e para reforçar o ponto de vista dos comentadores, o jornalista anfitrião não hesitou em tomar a palavra, como, por exemplo, numa interrupção à R14: “Mas a Catarina ainda agora falou de uma alternativa mais dura e a Constança perguntou e muito bem se essa alternativa mais dura passava pela saída do euro” (Anexo U:103). As interrupções a que foi sujeita levaram, em alguns momentos, CM a pedir permissão para a deixarem falar (Anexo U:89): “Se me permitirem responder só para tentar...” (Anexo U:100).

A responsabilidade da enunciação é assumida maioritariamente tanto à esquerda como à direita pelos entrevistados, com a utilização do dístico “eu” sempre que a relação coloquial com o entrevistador se situa, claramente, no plano da retórica humorística. Pelo contrário, ao introduzirem argumentos políticos, mesmo que num tom humorístico, os líderes, no espectro político à esquerda, usam o sujeito coletivo “nós”. Mas o significado desse “nós” difere segundo o tipo de organização partidária que o líder representa: mais centralizada²⁷ no PCP²⁸; menos

²⁷ Rebelo (2002, pp. 78-84) cita o estudo de Lucile Courderesse.

²⁸ Vide Artigo 26.º dos Estatutos do PCP “Capítulo IV - Os órgãos superiores do Partido”, que refere “Os órgãos superiores do partido são o Congresso o Comité Central e seus organismos executivos e a Comissão Central de Controlo.” (PCP, 2013, p. 100). No Artigo 35.º é dito que “O Comité Central tem a faculdade de eleger, de entre os seus membros um Secretário-Geral do Partido” (PCP, 2013, p. 103). Não são indicadas quaisquer competências do Secretário-Geral. As competências pertencem ao Secretariado do Comité Central onde pertence quem é eleito Secretário-Geral (Artigo 34.º), sendo por isso, um porta-voz, sem poder individual de decisão (PCP, 2013).

centralizada, disseminada²⁹, no PS³⁰; numa organização partidária como o BE³¹, constituída por diferentes formações partidárias, cabe ao coordenador exprimir, sob a forma de síntese interpretativa, o pensamento dessas formações que o integram; e à direita, no CDS-PP³², prevalece um modelo individualista liberal em que a identidade do grupo é corporizada, sem qualquer tipo de modalização, pelo líder. A personificação do discurso só é interrompida por PP, com um “nós”, quando se refere ao governo de coligação PSD/CDS-PP ou ao país, na sua globalidade.

Em resumo: PP foi o líder que mais assumiu a responsabilidade da enunciação; JrS só assumiu o “eu” para exprimir sentimentos tais como “eu quero”, “eu acho”, “eu considero”, “eu sinto angústia”, “eu creio”, “eu garanto-lhe”; AC assumiu a enunciação para reiterar a clareza dos seus argumentos - “eu tenho sido o mais claro possível”, ou para evocar episódios vividos por si como ilustração do discurso que desenvolve - “eu lembro-me da minha própria experiência”, “eu tinha 12 anos quando foi o 25 de Abril”. Também CM personifica a resposta para conferir maior ênfase ao seu “dito” - “eu parece-me ainda mais grave...” (Anexo U:301), “eu lembro uma coisa...” (Anexo U:267), para recusar uma ideia - “eu não aceito esta ideia de” (Anexo U:342), “Eu não concordo como o processo foi feito” (Anexo U:238), ou para reconhecer um problema - “eu reconheço que houve deputados ...” (Anexo U:253).

A “dramatização do discurso” é utilizada frequentemente na tentativa de conquistar eleitores através da emoção. Charaudeau (2005, p. 69) descreve a estratégia que integra a linguagem persuasiva e faz parte de um “universo impregnado de afeto”. É isso que faz JrS quando diz “eu sinto angústia e a dor de ver tanta gente a sofrer escusadamente” (Anexo S:98). Ou PP quando afirma “há uma coisa que lhe posso garantir com amizade e com testemunho pessoal, ninguém imagina o que é governar um país à beira da insolvência com um sindicato de credores instalado” (Anexo T:102). Ou CM quando traz à colação “as pessoas que de repente

²⁹ Rebelo (2002, pp. 78-84) cita estudo de Lucile Courderesse.

³⁰ Vide Estatutos do PS Capítulo IV, no Artigo 56^a da Secção V do Capítulo, quanto às competências do Secretário-Geral e no Artigo 57^o da Secção VI, que define que o Secretariado Nacional é presidido pelo Secretário-Geral, ou seja, é alguém que assume um papel determinante, e por isso com poder de decisão (PS, 2018, p. 31).

³¹ Vide estatutos do BE, que se define como “Movimento” e “inspira-se nas contribuições convergentes de cidadãos, forças e movimentos” (Artigo 1^o) (BE, 2023, p. 1), que dirige o Movimento a nível nacional e que elege uma Comissão Política (Artigo 10^o), que dirige o Movimento e “elege um Secretariado Nacional para tarefas de coordenação executiva” (Artigo 11^o) (BE, 2023, pp. 8-9). A coordenação do Secretariado pertence a quem obtiver maior apoio na Mesa Nacional, onde estão representadas as diferentes sensibilidades que integram o Movimento. O Coordenador/a faz a síntese das diferentes sensibilidades (BE, 2023).

³² Vide Estatutos do CDS-PP. O Presidente é eleito em congresso com uma moção de Estratégia Global que cuja execução irá assegurar e dirigir (Artigo 31^o). Assume a direção do partido em nome próprio (CDS-PP, 2022).

ficaram sem emprego e que hoje não têm nenhum apoio nem subsídio de desemprego nem Subsídio Social de Desemprego nada foram abandonadas” (Anexo U:28).

Para credibilizar o seu discurso, o entrevistado recorre a estratégias polifónicas e, por vezes, ao testemunho do próprio jornalista, usando expressões do tipo “como sabe”. Para reduzir o espaço de manobra deste, nomeadamente em situações de confronto, trata-o pelo nome próprio, criando, assim, a ideia de uma ligação empática entre os interlocutores que sabe ser contrária à distância exigida ao jornalista e, por consequência, passível de provocar julgamentos pouco abonatórios a seu respeito.

c) Uma linguagem híbrida

A direção de informação da TVI recorreu a diferentes instrumentos para concretizar os seus objetivos com a produção das entrevistas jornalísticas e entrevistas humorísticas, afirmando o humor no contexto da informação jornalística por pensar que há mais valias para os cidadãos: “só por preconceito é que tu catalogas e dizes assim isto é outra coisa é para entreter está bem também é para entreter é verdade mas não é só” (Anexo I:23).

Sérgio Figueiredo defende que há factos políticos que o jornalismo ignora e que são matéria de importância informativa e revela que no dia seguir ao programa havia muitas vezes motivo para fazer reparos à forma como os jornalistas tratavam alguns temas: “como é que isto nos passou à frente, de toda a gente, como é que a gente trata num minuto e meio de forma normal uma coisa que acabou por acontecer ali... e foi preciso... essa função existia” (Anexo I:29). E prossegue: “as televisões generalistas estão envelhecidas, portanto, a gente tem que fazer alguma coisa para renovar públicos e há gatilhos pra isso” (Anexo I:23).

Para organizar as entrevistas jornalísticas editorializadas, o ex-diretor de informação da TVI acrescentou, aos jornalistas, os comentadores da estação e aplicou na sua produção a estratégia de *infotainment*, cruzando a linguagem jornalística com o formato de um *talk show* de entretenimento, inserindo no cenário uma plateia de espetadores e instalando entrevistador e entrevistado em posições diferentes das habitualmente assumidas nas entrevistas jornalísticas, sentados a volta de uma mesa, um de cada lado (Anexo J):

não foi, evidentemente, para privilegiar mais um ou outro para destacá-lo mais ou menos em relação aos outros, mas sim, aí houve um bocadinho de técnica televisiva, no sentido de criar imprevisibilidade, criar o elemento surpresa que é importante para as pessoas ficarem agarradas. (Anexo I:13)

Como já foi referido, para concretizar o objetivo de atribuir estatuto ao humor e valorizar o papel do humor no contexto informativo, inseriu-se o *talk show* ITMBM, ou seja, a entrevista humorística, no alinhamento do principal jornal da TVI, um aspeto relevado pelo diretor de informação de então:

Primeiro, estruturalmente, aquilo foi uma iniciativa de uma direção de informação não foi de uma direção de entretenimento; nós quisemos fazer do humor uma componente em falta na informação em Portugal, porque não deixa de ser informação, e nós quisemos colocá-lo dentro do jornal por uma questão de estatuto. (Anexo I:23)

A estratégia afirmou a perspetiva da relação do humor com a informação jornalística (Anexo I:23), uma relação conseguida através da articulação entre as promoções do ITMBM com as promoções das peças jornalísticas emitidas no jornal e lidas pelo respetivo apresentador, por um lado, e pelos textos introdutórios da rubrica de humor no momento da sua emissão, por outro. Nestes textos era, por vezes, explicitada a sua associação à cobertura da campanha eleitoral e relevado o seu papel diferenciador. Por exemplo, José Alberto de Carvalho declara nas emissões dos dias: 23/9 “a cobertura da TVI também se distingue pelo humor em tempo de campanha...”; 24/9 - “...está na hora de olhar a campanha com um sorriso...”; 8/10 - “Está na hora de colocarmos a política ao serviço do humor e olhar a atualidade com ironia (em) *Isto é Tudo Muito Bonito Mas* quem entra em cena é RAP.” (Anexo X). E Judite de Sousa também salienta a presença dos entrevistados: “Já a seguir a não perder o *Isto é Tudo Muito Bonito Mas*. Catarina Martins é a convidada de Ricardo Araújo Pereira” (16/09) (Anexo W).

A abertura do jornal no dia da estreia do programa, 14/9/2015, contribuiu para a definição da estratégia e posicionamento do humor no jornal. A imagem de abertura juntava numa foto, projetada num écran de fundo, os três líderes que iam ser entrevistados no jornal, dois no “Frente a Frente”, uma rubrica de debate de informação jornalística e o terceiro entrevistado na rubrica de humor a ser entrevistado por RAP (figura 5.1).

As promoções referentes à emissão da rubrica humorística dentro do jornal eram emitidas em pé de igualdade e ao mesmo tempo que as restantes promoções às temáticas jornalísticas. As promoções eram exibidas em bloco, cada um juntava a promoção da rubrica com a promoção de uma ou duas notícias a emitir mais à frente no alinhamento (Anexo V).

A aplicação da estratégia de *infotainment* na produção do J8 acentuou a linguagem híbrida do jornal resultante da fusão da linguagem jornalística com a linguagem do entretenimento.

Notas Finais

Como qualquer investigação, este é um trabalho inacabado que deixou muitos caminhos abertos a novas investigações. Algumas das questões e dúvidas suscitadas ficam nestas notas finais.

O ambiente comunicacional vivido nas sociedades atuais levanta muitas e novas questões sobre a utilização da política, em todos os seus aspetos, como matéria-prima do entretenimento e sobre a forma como o jornalismo terá de se adaptar a um tempo em que nada escapa às estratégias de persuasão, cada vez mais sofisticadas, na construção de conteúdos audiovisuais.

A sátira política, ou simplesmente o humor cuja matéria-prima é a política e o que se diz sobre ela, instalou-se na televisão portuguesa e embora comece a existir nos espaços temporais entre eleições é nos períodos eleitorais que tem tido maior expressão. Os géneros humorísticos são apontados por alguns autores como importantes porque entretêm, mas ao mesmo tempo estimulam o pensamento crítico e até mesmo a prática da cidadania (Gray et al., 2009, p. 31).

No final desta caminhada, a convicção é de que só os contextos nos podem fornecer dados aproximados dos efeitos nas audiências da aplicação da estratégia de *infotainment* aos conteúdos jornalísticos. Nesta perspetiva, será necessário estudar a forma como olham os cidadãos portugueses para estes conteúdos e como os recebem e incorporam nos seus comportamentos políticos.

Nesta investigação ficámos a perceber que o humor retira muitas vantagens da proximidade com o discurso jornalístico. A imersão das duas linguagens, uma com tom sério/racional e formal, a do jornalismo, contrasta com a outra de tom divertido/emocional e coloquial potenciando o objetivo que é fazer rir os interlocutores.

O ex-diretor de informação da TVI afirma haver preconceito do lado do jornalismo quanto a incorporar outras linguagens e encontra vantagens na observação humorística dos factos políticos. Será que há vantagens para o jornalismo como resultado desta aproximação e quais, tendo em conta o papel do jornalismo nos sistemas democráticos? O mesmo, é questionar se há ganhos para o aprofundamento das democracias e para o exercício da cidadania.

Há muito que os jornais televisivos introduzem conteúdos de entretenimento nos seus alinhamentos. Nesta investigação, o conteúdo introduzido constituiu um *talk show* completo, até agora situação única. Pensa-se, no entanto que ainda há muito a conhecer sobre o comportamento informativo, do ponto de vista jornalístico, em consequência da utilização da estratégia do *infotainment* na produção dos jornais televisivos.

A utilização das expressões *hard interview* e *soft interview* são designações que precisam de ser revistas pelo olhar científico já que, do ponto de vista do entrevistado, as provocações do humor podem transformar a entrevista classificada como “suave” num momento de elevada tensão e o que é rotulado de “conversa suave”, pode tornar-se em algo complexo e de dificuldade acrescida.

A necessidade de fidelizar audiências estimula, permanentemente, a criatividade dos produtores de conteúdos televisivos. As lógicas política e mediática interagem e neste processo são introduzidas estratégias que alteram as regras jornalísticas aplicadas a debates, entrevistas e jornais televisivos. Estes, são transformados em “produtos” vendáveis às agências de publicidade. A prática está instituída, Rebelo (2002, p. 33) afirma que “a contradição entre o dever de informar e o dever de fazer um produto vendável (...) é evidente” e explica que “leitores e telespectadores o que compram (não é um produto, mas) a possibilidade de aceder à informação”. Os públicos, por sua vez, também não ficam detentores dessa informação, apenas a ela acedem, o que inviabiliza a comparação com outro produto que, depois de comprado, pertence a quem o adquiriu e só a essa pessoa.

Neste estudo ficou revelada a estratégia de editorialização da entrevista que altera os pressupostos da prática jornalística para este género. Será necessário, por isso, conhecer melhor esta tendência já que ela serve uma estratégia de estímulo na procura de audiências e nela deixa de ser procurado o “neutralismo”, onde as afirmações devem ser “tratadas como cúmplices da atividade de questionamento em vez de ações distintas por direito próprio” (Clayman & Heritage, 2004, p. 151).

Como observámos, a inserção da equipa de humoristas na redação junto dos jornalistas, e com acesso a imagens captadas, mas não editadas, altera a situação habitual de acesso à matéria-prima dos humoristas. Isto é, a equipa passa a ter acesso a imagens originais, antes de serem expostas em peças jornalísticas, havendo, por isso, material que só será visto após tratamento humorístico. Que influência terá esta forma dos humoristas acederem à sua matéria-prima na construção da narrativa humorística? E, principalmente, qual a interpretação que os cidadãos fazem sobre aspetos da realidade política que lhes chegam manipulados, apenas, no campo do humor?

A promoção no J8 do programa *Tenho uma pergunta para si* colocou em evidência um formato anunciado como “diferente” de tudo o que tinha sido visto na concorrência naquele contexto. Para o promover foram elaborados vários conteúdos e estabelecida uma estratégia de promoção para a primeira entrevista, o que não aconteceu em mais nenhuma emissão. A

observação levanta a questão da maior visibilidade de uns candidatos em relação aos outros, face à intensa campanha promocional dos conteúdos televisivos onde participaram.

Os políticos vão saltando de palco em palco à procura de votos e a profissionalização da comunicação política permite-lhes prepararem-se para essas “exibições” públicas. O filósofo político catalão Innerarity (2009, p. 141) diz-nos que passou “a vencer aquele que melhor sabe representar a credibilidade”. Será esta uma realidade, as cadeiras do poder tenderão a ser ocupadas por quem tem maior capacidade de encenar e representar com eloquência o seu papel, ou por quem se dedica à substância da governação?

Referências Bibliográficas

- Altheide, D. L. (2004). Media Logic and Political Communication. *Political Communication*, 21(3), 293-296.
- Amossy, R. (2008a). Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos. In M. Rinn, *Émotions et discours: L'usage des passions dans la langue* (pp. 113-125). Presses Universitaires de Rennes. <http://books.openedition.org/pur/30405>
- Amossy, R. (2008b). Argumentation et Analyse du discours: perspectives théoriques et découpages disciplinaires. *Argumentation et Analyse du Discourse*. <https://doi.org/10.4000/aad.200>
- Aristóteles. (2005). *Retórica* (2ª ed.). Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Aristóteles (2008). *Poética* (3ª ed.). (A. M. Valente, Trad.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Asp, K. (1986). *Powerful mass media: studies in political opinion-formation*. Akademiliteratur.
- Assembleia da República (1999). Lei 1/99, de 13 de Janeiro. Diário da República n.º 10/1999, Série I-A de 1999-01-13. <https://files.dre.pt/1s/1999/01/010a00/01980201.pdf>
- Assembleia da República (2020). Lei da Televisão e dos Serviços Audiovisuais a Pedido, Lei n.º 74/2020, de 19 de novembro. Diário da República n.º 226/2020, Série I de 2020-11-19. <https://dre.tretas.org/dre/4321132/lei-74-2020-de-19-de-novembro>
- Attardo, S. (1994). *Linguistic Theories of Humpr* (V. Raskin, & M. Apte, Eds.). M. de Gruyter.
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Oxford University Press.
- Bailey, R. (2018). When Journalism and Satire merge: The implications for impartiality, engagement and "post-Truth" politics - A UK perspective on the serious side of USTV comedy. *European Journal of Communication*, 33, 200-213. <https://journals.sagepub.com/home/ejc>
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da Criação Verbal* (M. E. Ferreira, Trad.). Martins Fontes Editora Ltda.
- Bakhtin, M. M. (1986). *Speech Genres and Other Late Essays* (C. Emerson, & M. Holquist, Eds.). University of Texas.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastien, F. (2009). Beyond Sex and Saxophones: Interviewing Practices and Political Substance on Televised Talk Shows. *The Canadian Political Science Review*, 3(2), 70-88.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som*. Vozes.
- Baumgartner, J., & Morris, J. S. (2006). The Daily Show Effect: Candidate Evaluations, Efficacy, and American Youth. *American Politics Research*, 34(3), 341-367. <https://doi.org/10.1177/1532673X05280074>
- Baym, G. (2007). Crafting New Communicative Models in the Televisual Sphere: Political Interviews on The Daily Show. *The Communication Review*, 10, 93-115.
- Baym, G., & Jones, J. P. (2012). News Parody in Global Perspective: Politics, Power, and Resistance. *Popular Communication The International Journal of Media and Culture*, 10(1-2), 2-13. <https://doi.org/10.1080/15405702.2012.638566>
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1991). *The Social Construction of Reality - A Treatise in the Sociology of Knowledge*. Penguin Books.
- Bergson, H. (2005). *Laughter An Essay on the Meaning of the Comic*. Dover Publications, Inc.
- Bloco de Esquerda [BE]. (2023). *Estatutos. Revisitos em 2023. Aprovados na XIII Convenção Nacional 27 e 28 de maio de 2023*. <https://www.bloco.org/media/EstatutosBlocoXIIIconvencao.pdf>

- Blumler, J. G. (2011). Foreword: In Praise of Holistic Empiricism. In K. Brants, & K. Voltmer (Eds.), *Political Communication in Postmodern Democracy Challenging the Primacy of Politics* (pp. ix-xii). Palgrave Macmillan.
- Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (2001). *The Crises of Public Communication*. Taylor and Francis.
- Blumler, J. G., & Kavanagh, D. (1999). The Third Age of Political Communication: Influences and Features. *Political Communication*, 16(3), 209-230.
- Bobbio, N., Matteucci, N., & Pasquino, G. (1998). *Dicionário de Política* (11ª ed., Vol. I, C. C. Varriale, L. G. Monaco, J. Ferreira, L. G. Cascais, & D. Renzo, Trans.). UnB.
- Bolin, G. (2014). Television Journalism, Politics, and Entertainment: Power and Autonomy in the Field of Television Journalism. *Television and New Media*, 15(4), 336-349.
- Boukes, M., & Boomgaarden, H. G. (2016). Politician Seeking Voter: How Interviews on Entertainment Talk Shows Affect Trust in Politicians. *International Journal of Communication*, 10, 1145-1166. <http://ijoc.org/index.php/ijoc>
- Bourdieu, P. (1996). *Sur La télévision suivi de L'émprise du journalisme*. Liber - Raison D'Agir.
- Bourdieu, P. (1998). *On Television* (P. P. Ferguson, Trad.). The New Press.
- Bourdieu, P. (2011). *O Poder Simbólico* (F. Tomaz, Trad.). Edições 70.
- Brants, K., & Neijens, P. (1998). The Infotainment of Politics, Political Communication. *Political Communication*, 15(2), 149-164.
- Brants, K., & Voltmer, K. (2011). Introduction: Mediatization and De-centralization of Political Communication. In K. Brants, & K. Voltmer (Eds.), *Political Communication in Postmodern Democracy Challenging the primacy of Politics*. Palgrave Macmillan.
- Bretton, P., & Proulx, S. (2000). *A Explosão da Comunicação* (2ª ed.). (M. Carvalho, Trad.). Bizâncio.
- Cambridge Dictionary (s.d.a) [em linha]. *Ploy*. Consultado a 10 de março de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/ploy>
- Cambridge Dictionary (s.d.b) [em linha]. *Show*. Consultado a 5 de maio de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/show>
- Cambridge Dictionary (s.d.c) [em linha]. *Talk*. Consultado a 5 de maio de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/talk>
- Cambridge Dictionary (s.d.d) [em linha]. *Hard*. Consultado a 8 de julho de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/hard>
- Cambridge Dictionary (s.d.e) [em linha]. *Soft*. Consultado a 8 de julho de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/soft>
- Cambridge Dictionary (s.d.f) [em linha]. *Soft news*. Consultado a 8 de julho de 2018, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/soft-news>
- Cambridge Dictionary (s.d.g) [em linha]. *Scenery*. Consultado a 18 de fevereiro de 2019, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/scenery>
- Cambridge Dictionary (s.d.h) [em linha]. *Setting*. Consultado a 18 de fevereiro de 2019, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/setting>
- Cao, X. (2008). Political Comedy shows and Knowledge about primary campaigns: The moderating effects of age and education. *Mass Communication and Society*, 11, 43-61. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15205430701585028>
- Cardoso, G. (2007). *A Mídia na Sociedade em Rede*. FGV.
- Cardoso, G., & Amaral, S. (2006). *Ficção Notícias e Entretenimento: As idades da Tv em Portugal*. OberCom.
- Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford University Press.
- Caufield, R. P. (2008). The Influence of "Infoenterpropagainment" - Exploring the Power of Political satire as a Distinct Form of Political Humor. In J. C. Baumgartner, & J. S. Morris

- (Eds.), *Laughing Matters Humor and American Politics in the Media Age* (pp. 3-17) Routledge.
- Centro Democrático Social – Partido Popular [CDS-PP]. (2022). *Estatutos do CDS-Partido Popular. Contém as alterações aprovadas no XXX Congresso Estatutário do CDS-PARTIDO POPULAR de 16/Julho/2022, Aveiro*. https://www.cds.pt/assets/estatutos_aprovados_30_congresso_16_julho_2022.pdf
- Chaffee, S. H. (1975). *Political Communication*. Sage Publications.
- Charaudeau, P. (2005). *Le discours politique Les Masques du Pouvoir*. Vuibert.
- Charaudeau, P. (2008). Pathos et discours politique. In M. Rinn (Dir.), *Émotions et discours . L'usage des passions dans la langue* (pp. 49-58). Press Universitaires de Rennes. <http://books.openedition.org/pur/30405>
- Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (1999). *Discourse in Late Modernity Rethinking Critiucal Discourse Analysis*. Edinburgh University Press.
- Clayman, S., & Heritage, J. (2004). *The News Interview Journalists and Public Figures on the Air*. Cambridge University Press.
- Cloutier, J. (1975). *L'ère de EMEREC ou La communication Audio-scripto-Visual à L'Heure des dos Self-Media* (2ª ed.). (M. M. Serrão, Trad.). Les Presses de L'Université de Montréal.
- Coutinho, C. P. (2016). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas Teoria e Prática*. Almedina.
- Creswell, J. W. (2013). *Research Design Qualitative Quantitative and Mixed Methods Approaches*. Sage.
- Crotty, M. (1998). *The Foundations of Social Research Meaning and Perspective in the Research Process*. Sage Publications.
- Davallon, J. (2003). La Médiation: La Communication en Procès? *MEI - Mediation et Information*, 19, 37-59. <http://www.editions-harmattan.fr/index.asp?navig=catalogue&obj=article&no=16313>
- DeLuca, K. M., & Peeples, J. (2002). From Public Shere to Public Screen: Democrac, Activism and the "Violence" of Seattle. *Critical Studies in Media Communication*, 19, 125-151.
- Dicionário de etimologia (s.d.) [em linha]. *Interview (n.). Interview (v.)*. Consultado a 9 de junho de 2018, em http://www.etymonline.com/index.php?term=interview&allowed_in_frame=0
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (s.d.a) [em linha]. *Questão*. Porto Editora. Consultado a 1 de janeiro de 2023, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/questão>
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (s.d.b) [em linha]. *Pergunta*. Porto Editora. Consultado a 1 de janeiro de 2023, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pergunta>
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (s.d.c) [em linha]. *Infotainment*. Porto Editora. Consultado a 1 de janeiro de 2023, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/infotainment?express=infotainment>
- Dicionário Priberam (s.d.a) [em linha]. *Questão*. Priberam. Consultado a 7 de dezembro de 2021, em <https://dicionario.priberam.org/quest%C3%A3o>
- Dicionário Priberam (s.d.b) [em linha]. *Pergunta*. Priberam. Consultado a 7 de dezembro de 2021, em <https://dicionario.priberam.org/pergunta>
- Dijk, T. A. (2001). Critical Discourse Analysis. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. E. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 352-371). Blackwell.
- Dik, S. C. (1997). *The Theory of Functional Grammar Part 1: The Structure of the Clause* (K. Hengeveld, Ed.). Mouton de Gruyter.

- Dippold, D. (2008). Reframing one's experience face, identity, and roles in L2 argumentative discourse. In M. Putz, & J. A. Neff-van (Eds.), *Developing Contrastive Pragmatics. Interlanguage and cross cultural perspective* (pp. 131-154). Mouton de Gruyter.
- Duarte, E. B. (2007). Televisão: Entre Gêneros, Formatos e Tons. *Anais do xxx Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 1-14), Intercom. Consultado a 6 janeiro de 2017, em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0399-1.pdf>
- Eco, U. (1985). *La Guerre du Faux*. Grasset.
- Eco, U. (1999). *La Estrategia De La Ilusión* (3ª ed). (E. Oviedo, Trad.). Editorial Lumen.
- Ekman, P. (2003). *Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. Times Books.
- Ekstrom, M. (2006). Interviewing, Quoting and the Development of Modern News Journalism - A Study of the Swedish Press 1915-1995. In M. Ekstrom, A. Kroon, & M. Nylund (Eds.), *News from the Interview Society* (pp. 21-48). Nordicom.
- Ellis, J. (2002). *Seeing Things Television in the Age of Uncertainty*. I.B. Tauris & Co. Ltd.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social [ERC]. (2015). *Públicos e Consumos de Média O Consumo de Notícias e as Plataformas Digitais em Portugal e em mais Dez Países* (T. Gonçalves, Coord.). <https://docslib.org/doc/12328474/o-consumo-de-not%C3%ADcias-e-as-plataformas-digitais-em-portugal-e-em-mais-dez-pa%C3%ADses>
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social [ERC]. (2021). *Relatório de regulação 2021*. <https://www.erc.pt/pt/estudos/relatorios-de-regulacao/>
- Esser, F. (2013). Mediatization as a Challenge: Media Logic Versus Political Logic. In H. Kriesi, S. Lavenex, F. Esser, J. Matthes, M. Bühlmann, & D. Bochler (Eds.), *Democracy in the Age of Globalization and Mediatization* (pp. 155-176). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/9781137299871_7
- Fairclough, N. (1995a). *Critical Discourse Analysis The Critical Study of Language*. Longman.
- Fairclough, N. (1995b). *Media Discourse*. Arnold.
- Fairclough, N. (1996). *Language and Power*. Longman Inc.
- Fairclough, N. (2001). Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In R. Wodak, & M. Meyer (Eds.), *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 121-136). Sage.
- Fairclough, N. (2006). *Discourse and Social Change* (12ª ed.). Polity Press.
- Fairclough, N. (2012). Critical Discourse Analysis. In J. P. Gee, & M. Handford (Eds.), *The Routledge Handbook of Discourse Analysis* (pp. 9-20). Routledge.
- Ferreira, M. B., Garcia-Marques, L., Toscano, H., Carvalho, J., & Hagá, S. (2011). Para uma revisão da abordagem multidimensional das impressões de personalidade: O culto, o irresponsável, o compreensivo e o arrogante. *Análise Psicológica*, 2, 315-333. <https://psycnet.apa.org/record/2011-14631-009>
- Figueiras, R. (2017). *A Mediatização da Política Na Era das Redes Sociais*. Aletheia.
- Flick, U., Kardoff, E., & Steinke, I. (2004). What is Qualitative Research? An Introduction to the Field. In U. Flick (Ed.), *A Companion to Qualitative Research* (B. Jenner, Trad.). Sage Publications.
- Freixo, M. J. (2006). *Teorias e Modelos de Comunicação*. Instituto Piaget.
- Freud, S. (2017). *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente - Obras completas (1905)* (Vol. 7). (F. C. Mattos, & P. C. Souza, Trad.) Companhia das Letras.
- Fry, W. F. (1987). Humor and Paradox. *American Behavioral Scientist*, 30(3), 42-71. <https://doi.org/10.1177/000276487030003005>
- Garcia-Marques, T. (2013). Sistema afetivo e processamento da informação social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 157-200, 9ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

- Garrido, M. V., Garcia-Marques, L., Jerónimo, R., & Ferreira, M. B. (2013). Formação de impressões e representações cognitivas de pessoas. In J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (pp. 43-97, 9ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer, & G. Gaskell, *Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som* (pp. 64-89). Editora Vozes.
- Gasparini-Bastos, S. D. (2005). Os Constituintes Extrafrasais na Gramática Funcional de Simon DiK. *Alfa Revista de Linguística*, 49(1), 103-121.
- Gledhill, C. (2000). Rethinking genre. In C. Gledhill, & L. Williams (Eds.), *Reinventing Films Studies* (pp. 221-243). Arnold.
- Gouveia, C. A., & Barbara, L. (2004). Marked or unmarked, that is not the question. The question is: where's the theme? *Ilha do Desterro*, 46, 155-177. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/issue/view/648>
- Graber, D. (1993). Political Communication: Scope, progress, promise. In A. W. Finifter (Ed.), *Political science: The state of the discipline* (pp. 305-332). American Political Science Association.
- Graber, D., & Smith, J. M. (2005). Political Communication Faces the 21st Century. *Journal of Communication*, 55(3), 479-507. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2005.tb02682.x>
- Gray, J., Jones, J. P., & Thompson, E. (2009). The State of Satire, the Satire of State. In J. Gray, J. P. Jones, & E. Thompson (Eds.), *Satire Tv Politics and Comedy in the Post-Network Era* (pp. 3-36). NYU Press.
- Greig, J. Y. (1923). *The Psychology of Laughter and Comedy*. George Allen & Unwin Ltd.
- Growth from Knowledge [GFK] (2017, outubro 24). *J8_SF.XLSX (Folha de Cálculo do Microsoft Excel)* [documento não publicado]. GFK.
- Grupo Marktest (s.d.). *Dossier - Sondagens Eleitorais: Legislativas*. Consultado a 20 agosto de 2017, em <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~112.aspx#>
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (2005). Paradigmatic Controversies, Contradictions, and Emerging Confluences. In N. K. Denzin, & Y. S. Linkoln (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research* (pp. 191-205, 3ª ed.). Sage.
- Hall, J. A., Horgan, T. G., & Murphy, N. A. (2018). Nonverbal Communication. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 271-294. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103145>
- Halliday, M. A. (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. Hodder Arnold.
- Hallin, D. C., & Mancini, P. (2004). *Comparing Media Systems Three Models of Media and Politics*. Cambridge University Press.
- Hariman, R. (2008). Political Parody and Public Culture. *Quarterly Journal of Speech*, 94(3), 247-272. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00335630802210369>
- Hjarvard, S. (2008). The Mediatization of Society A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. *Nordicam Review*, 29(2), 105-134. https://www.researchgate.net/publication/242319277_The_Mediatization_of_Society_A_Theory_of_the_Media_as_Agents_of_Social_and_Cultural_Change
- Holbert, R. L. (2013). Developing a Normative Approach to political Satire: An Empirical Perspective. *International Journal of Communication*, 7, 305-323.
- Ilie, C. (2001). Semi-institutional discourse: The case of talk shows. *Journal of Pragmatics*, (33), 209-254.
- Innerarity, D. (2006). *O Novo Espaço Público* (M. Ruas, Trad.). Teorema.
- Jensen, K. B. (2002). The humanities in media and communication research. In K. B. Jensen (Ed.), (pp. 15-39) *A Handbook of Media and Communication Research: Qualitative and quantitative methodologies*. Routledge.
- Joly, M. (2007). *Introdução à análise da imagem*. Edições 70.
- Jones, J. P. (2010). *Entertaining Politics - Satiric Television and Political Engagement* (2ª ed.). Royman & Littlefiel.

- Jorgensen, M., & Philips, L. J. (2002). *Discourse Analysis as Theory and method*. Sage.
- Jost, F. (1997). La promesse des genres. *Réseaux Le genre télévisuel*, 15(81), 11-31
http://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1997_num15_81_2883
- Journot, M.-T. (2002). *Vocabulário de Cinema*. Edições 70.
- Kaefer, F., Roper, J., & Sinha, P. (2015). A Software-assisted qualitative content analysis of news articles: example and reflexions. *Forum Qualitative Social Research*, 16(2).
<https://doi.org/10.17169/fqs-16.2.2123>
- Kaid, L. L. (2004). Introduction and Overview of the Field. In L. L. Kaid (Ed.), *Handbook of Political Communication Research* (pp. XIII-XVIII). Lawrence Erlbaum Associates.
- Koch, I. G. (2000). *Argumentação e Linguagem*. Cortez Editora.
- Koestler, A. (1964). *The Act of Creation*. Hutchinson & CO. LTD.
- Kotler, P., & Keller, K. L. (2012). *Marketing Management* (14^a ed.). Pearson Education.
- Kress, G. (2010). *Multimodality A social semiotic approach to contemporary communication*. Routledge.
- Kress, G., & Leeuwen, T. van (2002). Colour as a semiotic mode notes for a grammar of colour. *Visual Communication*, 1(3), 343-368. <https://doi.org/10.1177/147035720200100306>
- Kress, G., & Leeuwen, T. van. (2006). *Reading Images The Grammar of Visual Design*. Routledge.
- Krikmann, A. (2006). Contemporary Linguistic Theoris of Humor. *Folklore: Electronic Journal of Folklore*, (33), 27-58.
- Kuhn, T. S. (1970). *The Stuctures of Scientific Revolutions*. The University of Chicago.
- Lamizet, B. (2011). *Le Langage politique Discours Images Pratiques*. Ellipses.
- Latta, R. L. (1999). *The Basic Humor Process A Cognitive Shift and the Case against Incongruity*. Mouton The Gruyter.
- Lazarsfeld, P., Berelson, B., & Gaudet, H. (1948). *The people's choice. How the Voter Makes Up his Mind in a Presential Campaing*. The University of Chicago Press.
- Leal, A. A. (2011). *A Organização Textual do Género Cartoon. Aspetos Linguísticos e condicionamentos não Linguísticos* [Tese de Doutoramento, Faculdade Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova.
<https://run.unl.pt/handle/10362/6646>
- Lee, H., & Jang, S. M. (2017). Talking About What Provokes Us: Politicl Satire, Emotions, and Interpersonal Talk. *American Politics Research*, 45(1), 128-154.
- Lees-Marshment, J. (2005). *Political Marketing Prnciples and Applications*. Routledge.
- Letras Academy (s.d.). *Voltei, Voltei. Dino Meira*. Consultado a 10 de fevereiro de 2020, em <https://www.lettras.com/dino-meira/1330477/>
- Louw, E. (2005). *The Media and Political Process*. Sage Publications.
- Mangueneau, D. (2004). *Análise de Textos de Comunicação* (3^a ed.). (C. P. Souza, & D. R. Silva, Trads.). Cortez Editora.
- Mangueneau, D. (2008). A propósito do ethos. In A. R. Mota, & L. Salgado (Orgs.), *Ethos Discursivo* (pp. 11-29). Contexto.
- Marconi, M. D., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5^a ed.). Editora Atlas.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (R. Polito, & S. Alcides, Trads.). Editora UFRJ.
- Mazzoleni, G., & Shulz, W. (1999). Mediatization of Politics: A Challenge for Democracy? *Political Communication*, 16(3), 247-261. <https://doi.org/10.1080/105846099198613>
- McChesney, R. W. (2008). *The Political Economy of media Enduring Issues, Emmerging Dilemmas*. Monthly Review Press.
- McNair, B. (2000). *Journalism and Democracy An evaluation of the political public shere*. Routledge.

- Rose, K. R., & Kasper, G. (Eds.). (2001). *Pragmatics in language teaching*. Cambridge University Press.
- Rosenberg, S., Nelson, C., & Vivekananthan, P. S. (1968). A multidimensional approach to the structure of personality impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 283-294.
- Rumelt, R. P. (2011). *Good Strategy Bad Strategy The Difference and Why it Matters*. Profile Books.
- Sartori, G. (1998). *Homo Videns La Sociedad Teledirigida* (2ª ed.). Taurus.
- Saussure, F. (1959). *Course in General Linguistics* (C. Bally, & A. Sechehaye, Eds.; W. Baskin, Trad.). The Philosophical Library. https://ia902704.us.archive.org/35/items/courseingenerall00saus/courseingenerall00saus_bw.pdf
- Schudson, M. (2000). *The Power of News*. Harvard University.
- Schulz, W. (2004). Reconstructing Mediatization as an Analytical Concept. *European Journal of Communication*, 19(1), 87-101. <https://doi.org/10.1177/0267323104040696>
- Serra, J. P. (2007). *Manual de Teoria da Comunicação*. Livros Labcom.
- Silva, A. S. (2009). A Rotura com o Senso Comum nas Ciências Sociais. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 29-53). Edições Afrontamento.
- Silva, A. S., & Pinto, J. M. (Orgs.) (2009). Uma Visão Global sobre as Ciências Sociais. In *Metodologias das Ciências Sociais* (pp. 29-53). Edições Afrontamento.
- Silverstone, R. (2003). *Television and Everyday Life* (2ª ed.). Taylor and Francis e-library.
- Sindicato dos Jornalistas (2017). *Novo Código Deontológico*. <https://jornalistas.eu/deontologico/novo-codigo-deontologico/>
- Steinke, I. (2004). Quality Criteria in Qualitative Research. In U. Flick, E., V. Kardoff, & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (J. Bryan, Trad., pp. 184-190). Sage Publications.
- Stevenson, A., & Lindberg, C. A. (Eds.). (2010). *New Oxford American Dictionary* (3ª ed.). Oxford University Press.
- Stromback, J. (2008). Four Phases of Mediatization: An Analysis of Mediatization of Politics. *The International Journal of Press/Politics*, 13(3), 228-246. <https://doi.org/10.1177/1940161208319097>
- Stromback, J., & Esser, F. (2014). Mediatization of Politics: Towards a Theoretical Framework. In F. Esser, & J. Stromback (Eds.), *Mediatization of Politics Understanding the transformation of Western Democracies* (pp. 3-28). Palgrave Macmillan.
- Taguchi, N. (Ed.). (2009). *Pragmatic Competence*. Mouton de Gruyter.
- Tasente, T. (2014). Transformations of the Political Communication in Social Media Era- from Mediatization to Decentralization. *Acta Universitatis Danubius: Communicatio*, 8(1), 17-26. https://www.researchgate.net/publication/263544530_Transformations_of_the_Political_Communication_in_Social_Media_Era_-_from_Mediatization_to_Decentralization
- Test, G. A. (1991). *Satire Spirit and Art*. University of South Florida Press Tampa.
- Thussu, D. K. (2007). *News as Entertainment The rise of Global Infotainment*. Sage Publications.
- Timberg, B. M. (2002). *Television Talk: A History of the TV Talk Show* (T. Schatz, Ed.). University of Texas Press.
- Tolson, A. (1991). Televised Chat and the Synthetic Personality. In P. Scanell (Ed.), *Broadcast Talk* (pp. 178-200). Sage.
- Tolson, A. (2000). *Television Talk Shows - Discourse, Performance, Spectacle*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Toulmin, S. (2003). *The Uses of Argument*. Cambridge University Press.

- Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsman's Notions of Objectivity. *American Journal Of Sociology*, 77(4), 660-679.
- Vala, J. (2009). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologias das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Afrontamento.
- Veatch, T. C. (1998). A theory of humor. *Humor International Journal of Humor Research*, 11(2), 161-215.
- Vreese, C. H. (2006). *Ten Observations about the Past, Present and Future of Political Communication*. Vossipers.
- Williams, R. (1983). *Keywords A vocabulary of culture and society*. Oxford University Press.
- Wodak, R. (2001). What CDA is About – a summary of its history, important concepts and its developments. In R. Wodak, & M. Meyer (Eds.), *Methods of Critical Discourse Analysis*. Sage.
- Wodak, R. (2013). Critical Discourse Analysis: Challenges and Perspectives. In R. Wodak (Ed.), *Critical Discourse Analysis* (Vol. I, pp. Xix-xliii). Sage.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação* (M. J. Figueiredo, Trad.). Editorial Presença.
- Zoonen, L. van (2005). *Entertaining the Citizen: When Politics and Popular Culture Converge*. Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

Fontes

- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015a). Isso é Tudo Muito Bonito, Mas [Episódios 1 a 20]. In *Jornal das 8*. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/isso-e-tudo-muito-bonito-mas/55f30f2e0cf2a6b037fc1f2f>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015b). *Jornal das 8 Toda a atualidade informativa* [Episódios 1 a 297]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-das-8/53c6b3903004dc006243d0cf/t2>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015c, setembro 16). EP3. Com a convidada Catarina Martins: Porta-voz do Bloco de Esquerda participou no programa com Miguel Góis, José Diogo Quintela e Ricardo Araújo Pereira [Isso é Tudo Muito Bonito, Mas]. In *Jornal das 8* [Episódio 191]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/isso-e-tudo-muito-bonito-mas/55f30f2e0cf2a6b037fc1f2f/episodio/t1e3>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015d, setembro 17). EP4. Com o convidado Paulo Portas: Com Miguel Góis, José Diogo Quintela e Ricardo Araújo Pereira [Isso é Tudo Muito Bonito, Mas]. In *Jornal das 8* [Episódio 192]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/isso-e-tudo-muito-bonito-mas/55f30f2e0cf2a6b037fc1f2f/episodio/t1e4>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015e, setembro 14). EP1. Com o convidado Jerónimo de Sousa: Com Jerónimo de Sousa [Isso é Tudo Muito Bonito, Mas]. In *Jornal das 8* [Episódio 189]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/isso-e-tudo-muito-bonito-mas/55f30f2e0cf2a6b037fc1f2f/episodio/t1e1>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015f, setembro 18). EP5. Com o convidado António Costa: Com Miguel Góis, José Diogo Quintela e Ricardo Araújo Pereira [Isso é Tudo Muito Bonito, Mas]. In *Jornal das 8* [Episódio 193]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/isso-e-tudo-muito-bonito-mas/55f30f2e0cf2a6b037fc1f2f/episodio/t1e5>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015g). Tenho uma Pergunta para si [Episódios 1 a 5]. In *Jornal das 8*. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/tenho-uma-pergunta-para-si/559c59670cf2148cb8c1e9a3/t1>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015h, julho 9). EP1. Com António Costa: Com Judite Sousa [Tenho uma Pergunta para si]. In *Jornal das 8* [Episódio 120]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/tenho-uma-pergunta-para-si/559c59670cf2148cb8c1e9a3/episodio/t1e1>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015i, setembro 3). EP4. Com Paulo Portas: Com José Alberto Carvalho [Tenho uma Pergunta para si]. In *Jornal das 8* [Episódio 178]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/tenho-uma-pergunta-para-si/559c59670cf2148cb8c1e9a3/episodio/t1e4>
- Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015j, agosto 27). EP3. Com Jerónimo de Sousa: Com Judite Sousa [Tenho uma Pergunta para si]. In *Jornal das 8* [Episódio 171]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/tenho-uma-pergunta-para-si/559c59670cf2148cb8c1e9a3/episodio/t1e3>

Figueiredo, S. (Diretor de Informação). (2015k, setembro 12). EP5. Com Catarina Martins: Com Pedro Pinto [Tenho uma Pergunta para si]. In Jornal das 8 [Episódio 187]. Televisão Independente (TVI); Media Capital SGPS. <https://tviplayer.iol.pt/programa/tenho-uma-pergunta-para-si/559c59670cf2148cb8c1e9a3/episodio/t1e5>

Anexos

Anexo A - Transcrição da Entrevista a Ricardo Araújo Pereira

1	DATA - 19 de Novembro de 2018
2	ENTREVISTADO - RICARDO ARAÚJO PEREIRA (RAP)
3	LOCAL - Escritório do entrevistador/investigador - Isabel Damásio (ID)
4	NOTAS - A identificação nominal das pessoas referidas pelo entrevistador foi substituída pela referência à sua função profissional, colocada entre parênteses.
5	Foi solicitado ao humorista que em caso de haver alguma questão à qual não pudesse responder abertamente indicasse esse facto.
6	A única pergunta onde essa reserva foi assinalada está referenciada nesta transcrição. A identificação das perguntas da entrevistadora é feita através do número sequencial da pergunta (P1, P2 etc.)
7	As interrupções da investigadora durante as respostas estão identificadas através das iniciais do nome (ID).
8	P1 - Como nasceu a ideia de fazer o ITMBM. Foi proposta sua ou foi a empresa que lhe pediu?
9	RAP - Foi a TVI por causa do que nós tínhamos feito em 2009... em 2009 tínhamos feito na SIC um... chamado Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios que era mais ou menos isto e na altura em que o fizemos a SIC quis que a gente continuasse para sempre e nós dissemos que era impossível... então ao menos até ao Natal... impossível também... mais duas semanas ...então voltem quando... só que qual é o problema de um programa deste tipo em Portugal ...é que nos Estados Unidos isto é escrito por umas 20 pessoas todas elas brilhantes e nós somos só 4 sem o mesmo brilhantismo segundo Portugal é um país bastante mais pequeno há menos temas menos... nos Estados Unidos na verdade aquilo são 50 países cada um com 7 canais de televisão quase não há uma declaração política que não seja filmada que não esteja em on com qual seja possível... na qual seja possível mexer ou seja uma matéria-prima... e portanto a ideia já em 2009 só para ir à raiz também veio da SIC ou seja são propostas das televisões que me parece que ocorrem por várias razões uma das quais é o facto de a comédia ser cara e das poucas coisas que ainda têm audiência a sério porque um programa de <i>sketches</i> por exemplo as pessoas depois veem... vejo no fim de semana... vejo na box...ou compro depois o DVD ou vejo tudo seguido quando ... ou vejo na internet... este tipo de coisa sobre a atualidade é diferente as pessoas querem ver o que é que eu vou dizer ao António Costa no dia em que ele foi lá ou ele disse qualquer coisa etc. e portanto a ideia partiu da televisão sim.
10	P2 - Diz-me que o formato é idêntico ao de 2009, mas neste há uma aproximação muito grande ao jornal da TVI. Como é que chegaram ao formato?
11	RAP - Pois há... pois há.
12	ID - Cenários, cores...
13	RAP - Certo! Mesmo estava integrado dentro do jornal digamos era um suplemento humorístico do jornal se fosse um jornal em papel a gente chamar-lhe-ia isso não é um suplemento humorístico do jornal.
14	ID - E, portanto, o mais próximo possível da...
15	RAP - ...da informação não é sim e isso eu percebo o seu ponto... ou seja isso contribui para esbater a fronteira entre a informação e o entretenimento.
16	ID - Sim, a identificação do espaço ...
17	RAP - ...com certeza...
18	ID - ...embora existam as pessoas que são outras. Essa é uma questão que só pode ser resolvida com outro tipo de trabalho, é saber se as pessoas identificam efetivamente...
19	RAP - ...a mudança ...
20	ID -...ou como é que a identificam...? Se por si identificando-o como humorista...
21	RAP - ...sim em princípio por duas razões que é pelo protagonista ou pelos protagonistas por mim que não sou jornalista e pelo tom que é claramente divergente do jornal que acabou... assim como quando as pessoas leem a Visão também percebem que a última página é uma coisa diferente do que acabaram de ler no sentido em que não é informação em que sou eu que a escrevo e não um jornalista e o tom com que eu

escrevo é diferente do tom com que os jornalistas escrevem... para nós essa não é uma questão que nos preocupa porque nós não temos nenhum prurido deontológico talvez os jornalistas... talvez eles tenham essa preocupação ou seja a de perceber se o espaço humorístico para todos os efeitos está dentro do jornal produz ou não um efeito que lhes possa ser nocivo para nós que somos humoristas... e não temos nenhum código deontológico a que responder isso tem uma vantagem para nós... que é quanto mais sério for o enquadramento maior será a nossa transgressão ou seja o humor vive muito de contrastes por isso é que é o Bucha e o Estica e não são dois Buchas... é o Bucha e Estica ... há sempre numa parelha humorística... há o tipo mais sério e o tipo mais doido cuja loucura brilha mais quanto mais sério for o seu parceiro e portanto do nosso ponto de vista quanto mais sério for o cenário ... um palhaço a dizer coisas engraçadas não tem tanta graça como um homem de fato e gravata a dizer coisas engraçadas... a dizer coisas meio malucas e portanto quanto mais sério for o nosso enquadramento mais o nosso tom divergente desse enquadramento se destaca.

- 22 **P3** - A emissão dos programas era em direto ou era gravada? Ou gravavam só as entrevistas? Como era feito? É que, por exemplo, o PP quando chega diz bom dia e você diz boa noite!
- 23 **RAP** - Sim tem toda a razão o do Portas foi gravado por razões de agenda normalmente era tudo feito em direto e chegava a altura do convidado e o convidado entra... o Portas... a entrevista foi feita por volta do meio-dia do dia em que foi emitido... gravamos a entrevista ao meio-dia que era o único espaço que ele tinha... depois continuámos a escrever o programa.
- 24 **ID**- Você estava num estúdio, e era tudo feito em direto.
- 25 **RAP** - Era feito tudo em direto exatamente.
- 26 **ID**- Todas as pessoas que foram entrevistadas, como sendo participantes em algumas situações reais, como o empregado da pizzaria, a mãe do empregado, o pastor com a vaca, todas as entrevistas eram feitas em direto?
- 27 **RAP**- A vaca sim... a vaca em direto... isso comporta alguns riscos a gente nunca sabe... era tudo em direto sim.
- 28 **P4** - A plateia que estava no estúdio, não era visível, só se ouvia. Porquê essa opção, porque não expuseram o público presente? Isso podia aproximar mais o formato de um jornal televisivo.
- 29 **RAP** - Na verdade havia uma razão prática para o público não aparecer que é... a escassez de estúdios obrigou à partilha do espaço com outros programas o que obrigou a que a minha secretária estava aqui e o público estava bastante longe nos lugares onde costuma ser gravado outro programa isso era uma razão para não mostrar o público porque era feio era inestético foi por questões de produção por contingências de termos um estúdio em que o público estava de esguelha... por causa dessas condicionantes... embora lhe diga também que no *Daily Show* a gente sente o público mas não o vê eu sei que noutros talk shows o público é visto.
- 30 **P5** - As reações da plateia eram espontâneas?
- 31 **RAP** - Eram sim...é tudo espontâneo ou seja a gente não tem essa pessoa a levantar...riam-se... não sei quê ...e aplaudam... não tem nada disso...o que eu digo sempre à plateia que lá está ...eu digo sempre a mesma coisa...digo eu peço-vos o seguinte quer o nosso convidado seja do vosso partido quer não seja quando ele entrar eu pedia-vos o favor de (bate palmas) o receberem como deve ser porque é o mínimo não é... de resto vocês riem se tiverem vontade de rir não riem se não tiverem vontade de rir... não há nenhum... não há instruções e portanto nós estamos ali na hora também a perceber se o texto funciona ou não funciona.
- 32 **P6** - Como é encontrado o público?
- 33 **RAP** - Eles inscrevem-se e a produção vai tratando disso... de ver ...às vezes são escolas ou universidades que se inscrevem ou pessoas individuais e a produção vai...até lotar a plateia.
- 34 **P7** - Quem faz o guião do programa? É o Ricardo, o Miguel e o Diogo?
- 35 **RAP** - Os meus amigos sim...nesse programa eramos só nós os três sim... eramos os três começávamos de manhã... vamos olhando para os sites de notícias do Observador Expresso Público... estávamos numa sala que tinha quatro monitores cada um com o seu canal de informação contámos com a ajuda da redação da TVI porque por exemplo (um ou outro jornalista) muitas vezes vinha e dizia-nos olha eu hoje estive

	atrás do Passos Coelho e ele teve um debate de 15 minutos com uma senhora de cor-de-rosa no meio da rua... uma senhora vestida de cor-de-rosa (o jornalista) aproveitou 30s para a peça e deu-nos o resto.
36	ID - Como passaram muitos extratos no talk show, quem viu a peça no telejornal e o programa ficou com uma visão mais alargada do que foi essa conversa entre Passos e a senhora.
37	RAP - Mas eu também compreendo que do ponto de vista do jornalista muito dificilmente é possível fazer um resumo alargado daquele encontro mas sim é o tipo de curiosidade na qual nós pegamos mas em que os jornalistas se calhar não tocam.
38	P8 - Como é feita a seleção dos temas? É o que é mais mediático ou o que é mais interessante para vocês?
39	RAP - Na verdade eu diria que é uma mistura ou seja eu acho que metade dos nossos critérios são os mesmos dos vossos... dos jornalistas ou seja são critérios de proeminência é claro que num programa deste tipo o nosso objetivo é fazer pouco do governo é fazer pouco da oposição por esta ordem... provavelmente é quem tem poder... é óbvio que a gente fala muito mais dos partidos do governo do que do CDS quando o CDS está na oposição ou do PCP ou seja há critérios que os jornalistas também aplicam de proeminência de importância etc. mas por outro lado se por exemplo quando o MRPP que é um partido que nem sequer tem assento parlamentar... mas se faz um cartaz a dizer morte aos traidores isso imediatamente nos chama a atenção.
40	ID - Essa seleção...
41	RAP - ...às vezes é uma questão de proeminência humorística sim e não jornalística.
42	ID - A pesquisa era toda feita por vocês?
43	RAP - Por nós com a ajuda de alguns jornalistas da TVI designadamente (quem tem) inclinação para o humor também nos dava uma ajuda e havia dois estagiários que nos ajudavam por exemplo houve um altura na campanha em que só se falava de plafonamento e a gente pediu a um desses estagiários que fosse para a rua perguntar às pessoas se sabia o que era plafonamento e em caso negativo se sabia quais eram os ingredientes da pizza do Sócrates e todos os que não soubesses a primeira e soubessem a segunda interessava-nos porque era divertido.
44	P9 - A rábula do plafonamento vs ingredientes da pizza aparece porque vocês pensaram que os temas que estavam a ser discutidos na campanha não tinham interesse nenhum.
45	RAP - Sim nós em primeiro lugar achávamos que o plafonamento era uma coisa não só difícil de compreender para as pessoas como marginal em relação aos temas centrais... quer dizer era 2015 a troika tinha entrado... o país estava na bancarrota... não sei quê... e portanto o plafonamento parecia-nos claramente uma questão marginal e depois supusemos e acertámos que a maior parte das pessoas na rua não fazia ideia do que era o plafonamento mas estavam entusiasmadamente a acompanhar a novela da prisão do Sócrates e tal e tinha...
46	ID - ...essa rábula satirizava o quê, a comunicação social, os jornalistas, as opções que fazem?
47	RAP - A nossa matéria prima é em primeiro lugar o governo e por ordem decrescente de importância os outros partidos mas há uma parte importantíssima do nosso trabalho que é não só a política mas o discurso sobre a política e aí claro que a comunicação social entra e entram até os comentadores políticos e a comunicação social entra por várias razões ou porque se está a deixar levar por uma estratégia política de uma forma relativamente acrítica ou porque às vezes isso é uma coisa que as televisões adoram fazer é fazer uma espécie de estardalhaço tecnológico na noite das eleições como por exemplo aquele momento em que um cameraman caiu numa emissão porque estava em cima de uma <i>segway</i> ... por vezes jornalistas de mota a seguir o carro do candidato até ele chegar ao hotel a gente compara isso ao equivalente jornalístico de cães a ladrar às jantes aqueles cães que ladram às jantes dos carros... parece-nos sempre engraçado porque aquilo não traz nenhum... jornalisticamente é nulo não há nenhum interesse acompanhar o candidato até ao hotel onde ele vai saber o resultado das eleições.
48	P10 - Havia alguns populares, eram reais ou eram figurantes? Como, por exemplo, a mãe do empregado da pizzeria, o pastor, etc.
49	RAP - Não... Não eram... Nós tentamos que fossem, mas não conseguimos às vezes eram mesmo populares outras vezes... por exemplo no dia em que Passos Coelho... já que o homem que manda no país

	<p>não vem fomos buscar pessoas que realmente mandam no país um angolano um alemão e um chinês dois eram figurantes o angolano era um rapaz meu conhecido.</p>
50	<p>P11 - Havia ensaios? Como faziam?</p>
51	<p>RAP - Sim... havia produtores a quem nós dizíamos... enquanto nós escrevíamos o Miguel ausentava-se um bocadinho e ia ter com os figurantes dava-lhes o texto pedia-lhes para ler ou seja havia ali um arremedo de ensaio ao menos... depois tinham o teleponto... só que aquelas pessoas não o conseguem ler...</p>
52	<p>ID - A senhora cor-de-rosa tinha um papel, que tirou do bolso... e desdobrou...</p>
53	<p>RAP - ...mas aquilo era um papel da autoria dela havia uma parte que a gente lhe pediu para ela dizer... que ela até me pergunta no fim era isto mas há um papel que ela leva que é da autoria dela.</p>
54	<p>ID - Portanto, todos os textos dos figurantes eram vossos?</p>
55	<p>RAP - Sim os textos são nossos a única exceção é a senhora cor-de-rosa ela levou de facto um papel que queria... fez questão de ler.</p>
56	<p>ID - Alguém preparava os personagens para quando fossem ter consigo.</p>
57	<p>RAP - Era o Miguel sim.</p>
58	<p>P12 - No caso dos entrevistados, como é que foram feitos os convites era por uma produtora, eram vocês?</p>
59	<p>RAP - Sim foram feitos por (um elemento da produção da TVI) uma produtora que habitualmente trabalha com jornalistas da política) e que estava destacada para nós também e com muita calma nos ia dizendo não se preocupem que a cadeira não vai estar vazia não se preocupem que eu arranjo maneira... ia-nos sossegando e tal... ela então vai fazendo esse trabalho de compor a agenda e tal... o nosso objetivo costuma ser que na primeira semana se consiga ter lá os líderes e depois a seguir aquelas figuras que também são importantes mas que vem a seguir sim.</p>
60	<p>P13 - O resultado final do seu programa é idêntico, em termos de presença política, muito próximo daquilo que é outro programa qualquer, os convidados são maioritariamente de partidos no governo ou pertencem ao maior partido da oposição. É deliberado, é uma contabilidade feita, ou era porque eram e as pessoas que aceitavam?</p>
61	<p>RAP - É deliberado ou seja repare o que se passa ali metaforicamente digamos é que durante esse espaço de entrevista é um palhaço que atira uma maçã podre à testa de um tipo que tem poder faz-lhe umas provocações e tal ... a dificuldade desse momento é eu não posso convidar uma pessoa para a enxovalhar também não vou convidá-la para a bajular por isso a gente tem que percorrer uma linha que é uma linha que eu lhes faço provocações que são suficientemente... digamos são provocações que não os humilham não é mas eu estou lá para provocá-los e se eles me responderem na mesma moeda melhor ainda eu não vou enxovalhá-los... ora e a questão é... isso tem tanto mais graça eu estar a provocar um tipo que tem poder... eu estar a acertar com a maçã podre na testa de um tipo poderoso tem muito mais graça do que eu estar a acertar com a maçã podre na testa de um tipo que não tem poder nenhum... às vezes isso é uma das minhas desgraças... eu agora constato que muitas vezes os convidados que eu lá tenho que são pessoas poderosas têm a minha idade por exemplo (um dos convidados) nos bastidores disse-me... é pá ó Ricardo mas temos a mesma idade trata-me por tu... eu disse não... não senhor deputado eu vou por senhor deputado se quiser trata-me por tu... mas lá está o que tem graça é o palhaço acertar na testa do poderoso não é dois tipos que se tratam por tu isso não tem graça tem de haver uma deferência da minha parte para estabelecer que o tipo que lá está é uma figura poderosa ou seja é impensável para mim tratá-lo por tu por razões humorísticas isso não teria graça eu estar a acertar na testa com uma maçã podre na testa de um tipo que pelos vistos eu... tu cá tu lá somos amigos não pode ser e portanto a ideia é essa é ter gente poderosa lá o máximo possível.</p>
62	<p>P14 - Houve ou não imposições ou restrições da parte deles para irem ao programa apesar de ser um espaço mediático onde, muitas vezes pretendem ir?</p>
63	<p>RAP - Em 2015 ninguém me impôs restrição nenhuma em 2009 dois candidatos impuseram-me restrições José Sócrates e Paulo Portas fizeram-me uma pequena... havia um... para cada um deles havia um tema que era tabu... eu não sou jornalista e portanto convivo bem com isso desta vez não ninguém pôs condições.</p>
64	<p>ID - Não houve qualquer limitação?</p>

65	RAP - Não ...não há limitações e mais a partir de certa altura... e seguiu-se em 2009... agora em 2015 foi tudo muito mais fácil exceto o Passos Coelho que tinha um aconselhamento... achavam que era melhor ele não ir... aquela imagem de pessoa séria não se meteria naquele tipo de coisa ...mas em 2009 foi curioso porque no princípio quer o Sócrates quer a Doutora Manuela Ferreira Leite que eram os dois candidatos a primeiro-ministro estiveram até a última a fazer o jogo do empurra...só vou se ela for ...mas ela vai... se ela não for eu também não vou...ele vai só se eu for...e depois acabaram por ir os dois... gravados ao meio-dia... fiquei com a sensação que se aquilo fosse um desastre eles diziam-me não passamos... mas a partir de certa altura... já em 2015 isso também foi assim às vezes o meu telefone tocava e alguém a dizer... então e eu não vou.
66	P15 - Tinha conhecimento dos presentes que os convidados levavam como, por exemplo, o canudo com a pastinha que levava AC? Tinha conhecimento que eles levavam esses presentes?
67	RAP – Não.
68	ID - Foi apanhado de surpresa?
69	RAP - Sim para mim é tudo surpresa.
70	ID - Não conversou com eles antes?
71	RAP – Não... não sabia que o Marcelo tinha a caixa dos medicamentos no bolso... para mim é tudo surpresa.
72	ID - AC em determinado momento toma conta do guião você só regressa ao seu texto alguns minutos mais tarde e exatamente ao mesmo sítio onde tinha sido interrompido? O perder do guião é de propósito provavelmente...
73	RAP – Certo!
74	ID - ...como é que gere estes momentos, em que o guião deixa de ser o seu?
75	RAP - Sabe o meu problema é o seguinte a minha profissão é escrever textos humorísticos eu estou sempre fora da água no palco no estúdio estou sempre fora d'água aquilo não é o meu habitat ou seja eu não sou uma pessoa da televisão no sentido em que o Malato por exemplo é uma pessoa da televisão e portanto eu estou sempre desconfortável... fora de água... eu levo as minhas perguntinhas e faço os possíveis para que aquilo não seja uma coisa estanque de ...então isto... ok está respondido... vamos à próxima... faço os possíveis para que aquilo flua o melhor possível às vezes não consigo às vezes estou... às vezes aquilo é mais... é mais compartimentado do que eu gostaria que fosse além do mais estou a lutar contra a pessoas que estão habituadíssimas àquilo portanto... eles... há uma desigualdade de forças ali que é eles estão habituadíssimos a entrevistas duras a debates a monopolizar o tempo a tomar mais tempo para eles a única coisa com que eu conto é com um aparte jocoso é meter a maçã podre de vez em quando.
76	P16 - Mas eles também estão desconfortáveis em relação ao seu discurso.
77	RAP Estão um bocadinho isso foi das coisas que mais me surpreenderam que é apesar de muito provavelmente eu ser a pessoa com menos experiência televisiva naquele tipo de interação a sensação que eu tenho é que eles estão quase sempre mais nervosos do que eu há pequenas coisas de micro...
78	ID – ...micro expressões ...
79	RAP ...quando a pessoa está nervosa a cara vibra de uma maneira que é impercetível na televisão mas que eu a esta distância consigo ver... este tipo está nervoso... este tipo está muito nervoso com isto... porque de facto eles vão lá e aquilo tem qualquer coisa diferente duma entrevista com a Judite Sousa por exemplo que é...
80	ID - Tem, provavelmente, o discurso, são confrontados com as tais provocações produzidas num texto que eles não dominam.
81	RAP - É isso mesmo é um discurso que não dominam que não é o deles não é... esse contraste é muito absurdo é a tal coisa... eles de repente vêm ao circo e não sou eu que vou à AR são eles que vêm ao circo eles estão no circo... o público está comigo não está com eles... é o meu vêm-me ver a mim... eles vêm jogar no meu campo é em minha casa que se joga... o discurso é humorístico... uma vez houve uma pessoa já não sei quem é que disse isto... não são perguntas que ele faz isto são piadas com um ponto de

	<p>interrogação no fim e essa pessoa tem razão é exatamente isso aquilo são piadas com um ponto de interrogação no fim eu sou um humorista faço piadas um jornalista está ocupado com outras coisas mas também lhe devo dizer o seguinte às vezes no nosso programa por exemplo em 2009 na entrevista do Sócrates apesar de serem piadas com ponto de interrogação no fim abordaram todos os grandes temas da campanha incluindo um tema que nenhum jornalista... com o qual nenhum jornalista o confrontou... eu tinha uma pergunta para ele que era... nós estávamos na SIC... olhe eu hoje quando cheguei à SIC a Clara de Sousa tinha estacionado no meu lugar o senhor importa-se de acabar com o telejornal dela se faz favor... porque se dizia que ele tinha acabado com o telejornal da Manuela Moura Guedes... esse tema o tema o senhor acabou com o telejornal de MMG nenhum jornalista lhe perguntou mas no nosso programa esse tema foi abordado apesar de tudo a gente tem uma latitude que às vezes os jornalistas não têm eu lembro-me de falar com (um jornalista) e ele disse que fez uma entrevista ao Sócrates uma entrevista muito dura e (ele) disse que estava tão tenso que no fim da entrevista parecia que lhe tinham dado uma carga de pancada... aquelas ocasiões em que a gente está uma hora numa tensão tal mesmo sem dar conta os músculos estão todos...e no fim uma pessoa está exausta sem saber porquê isso no meu caso não...eu estou ali para...eu sou uma espécie de pirata não tenho responsabilidades.</p>
82	<p>P17 - Alguma vez se sentiu em confronto com o entrevistado, tendo necessidade de sair desse confronto recorrendo a algumas estratégias como acentuando a ironia ou tomando alguma atitude, em termos de discurso, que o libertassem dessa situação?</p>
83	<p>RAP - Eu acho que o ambiente quer por minha causa... que não posso... aquilo não é jornalismo e portanto eu não posso convidar uma pessoa para a enxovalhar... quer por minha causa quer por causa do convidado que se me tratar mal também não fica bem visto... o ambiente ser de provocação mútua... e portanto os únicos momentos em que eu sinto que se calhar preciso de intervir é quando eles aproveitam para fazer demasiada campanha eleitoral na resposta às perguntas eu tolero um bocadinho um minuto e meio de fuga à minha pergunta... de uma maneira habilidosa e mete uma coisa... certo... mas se começa a espriar-se e a dizer que realmente as melhores propostas são as do nosso partido convém-me atalhar se calhar fazer um comentário jocoso... se calhar guardamos isso para a altura da campanha vamos avançar e tal... mas não há exatamente um confronto.</p>
84	<p>P18- Há uma sátira mais violenta com os partidos da direita do que com os partidos da esquerda, tanto com BE como com PCP com o Jerónimo de Sousa...</p>
85	<p>RAP - ...com o Jerónimo é uma conversa de amigos...</p>
86	<p>ID- ...há vários momentos em que alguns deles lhe lembram que foi militante do PCP: Jerónimo de Sousa lembra-lhe que esteve na porta do Avante, Portas disse-lhe que Álvaro Cunhal o encantou. Nesses momentos sente-se atacado?</p>
87	<p>RAP – Não... Não... é a tal coisa...também é uma estratégia deles quer dizer...quer de um quer doutro...é uma defesa...</p>
88	<p>ID -...já que os está a atacar a eles atacam-no a si...</p>
89	<p>RAP- ...é... eu acho isso legítimo quer dizer é o tipo de coisa que seria impensável eles fazerem a um jornalista provavelmente seria mal visto nesse caso mas ali de facto isso é admissível eu percebo o que diz eu tenho coisas mais ácidas a dizer sobre a direita e também sobre os partidos do poder do que sobre partidos que nunca estiveram no poder.</p>
90	<p>ID - Não é, então, se é direita ou esquerda, é mais quem tem poder?</p>
91	<p>RAP - É mais isso é claro que eu tenho simpatia pessoal pelo Jerónimo que parece um avozinho tenho muitas divergências também com ele mas pessoalmente o Jerónimo é muito eficaz aquela maneira de ser dele é muito sedutora... mas sim há coisas mais ácidas a dizer sobre os partidos do poder do que sobre partidos que nunca estiveram no poder.</p>
92	<p>P19 - Há alguns convidados que são particularmente habilidosos a responder ao humor com humor, nomeadamente, CM. Ela conhecia as perguntas?</p>
93	<p>RAP - Essa é a pergunta à qual vou ter de responder com cuidado o que lhe posso dizer sobre isso é que todos estão em igualdade de circunstâncias todos em igualdade de circunstâncias... e que em grande medida a única pessoa ali que não sabe o que vai acontecer sou eu... e ainda...(pausa) e é isto... estão todos em igualdade de circunstâncias mesmo no último programa quando vão lá jornalistas.</p>

94	ID - Igualdade de circunstâncias é o quê, eles conhecem ou não conhecem pelo menos algumas das perguntas?
95	RAP – Eles...(pausa)
96	ID - ...suspeitam?
97	RAP - Exatamente!
98	ID - O António Costa levava um papel com a citação de Pedro Passos Coelho...
99	RAP - ...foi conveniente! Sim...
100	ID - A Catarina Martins tinha um conjunto de ideias humorísticas muito bem estruturadas...
101	RAP - ...sim é verdade é verdade...
102	ID - ...o Paulo Portas quando entra no estúdio tinha um livrinho que já estava em cima da mesa quando ele entrou...
103	RAP - ...Ah! Já estava lá! Isso foi por ser gravado... ele gosta de fazer notas enquanto...mas o que eu lhe posso responder a isso é só isto eles estão... toda a gente está em igualdade de circunstâncias todos como lhe disse há pouco... eu não sou jornalista eu não tenho... pra mim pôr o convidado a fazer...não é tão interessante como tê-lo a responder na mesma moeda e mais do que isso não me interessa tanto que ele tenha... se ele tem 7 segundos ou 7 horas para preparar a resposta para mim é igual.
104	ID - Há alguma conveniência do ponto de vista humorístico que os convidados tenham pelo menos alguma noção do que é que se vai passar no programa.
105	RAP – Exatamente!
106	ID - É isto?
107	RAP - O único que não tem noção do que eles vão dizer sou eu...
108	ID - ...o jogo serve o humor...
109	RAP – Sim... em 2009 isso foi claro... foi claro que se os convidados fossem para lá às escuras... completamente às escuras... a gente não teria convidado nenhum.
110	P20 - Outra estratégia que utiliza é a auto desvalorização...
111	RAP - ...é muito eficaz isso...
112	ID - ...é eficaz do ponto de vista humorístico?
113	RAP - Sim e de outros... repare imagine que no liceu eu vou cortar o cabelo e corre mal eu entro na turma e estou calado todos os meus colegas vão dizer que penteado é horrível mas se eu entro e eu próprio digo já viram isto pareço um palerma não sei quê acabou-se... é uma estratégia defensiva muitas vezes imbatível... além de que pôr-me num plano num patamar inferior à pessoa que lá está reforça a ideia do tipo que acerta com a maçã... lá está um tipo um pé rapado a acertar com a maçã na testa do poderoso tem mais graça do que um tipo que tem poder...uma das coisas que me apontam muitas vezes é dizer tu tens poder... tens muito poder...eu faço um esforço grande para me livrar dessa ideia dessa imagem até porque eu duvido que ela tenha...fala-se muito do poder do humor e tal O Donald Trump foi eleito apesar de ter sido violentamente escarnecido todas as noites por todos os humoristas americanos durante a campanha eleitoral acho que é um documento de que o humor não tem o poder que as pessoas julgam que tem.
114	P21 - A ausência de PPC, a razão que vos deram foi a mesma que foi pública, aliás também veiculada por vocês...
115	RAP - ...claramente o que aconteceu foi que PPC queria adotar aquela postura de estadista o homem sério que tem um país em dificuldades e que está a fazer o que pode para o tirar da lama e não tem tempo para brincadeiras eu percebo politicamente essa estratégia ...percebo perfeitamente do ponto de vista político essa estratégia ...o Portas que era vice-primeiro-ministro não a adotou mas eu percebo que o Passos Coelho tenha muito pouco jeito para fazer aquilo.

116	ID - O facto de Passos não ter ido ao programa, de alguma forma, influenciou o nível de sátira...
117	RAP – Não...não...
118	ID - ...ou teria feito a mesma coisa se ele tivesse ido?
119	RAP - Quer dizer para mim teria sido muito melhor se ele tivesse ido ter lá o primeiro-ministro em exercício confrontá-lo com as tais provocações e tal... teria sido mais descansado mas não é uma coisa que lhe leve a mal pessoalmente era uma estratégia política que eu compreendo... eu não tenho a certeza voltando àquela questão porque é que eles lá vão o que é que eles esperam obter com aquilo... parece-me que hoje em dia... se calhar mal... parece-me que hoje em dia o sentido de humor é tratado como se fosse uma virtude as pessoas prezam quem tem sentido de humor ...acham... ficam ofendidas se lhes disserem que elas não têm sentido de humor... numa certa medida os políticos que lá vão e isso explica parte do nervosismo vão passar num teste vão passar no teste de...deixa ver como é que ele se sai neste ambiente as pessoas dizem muitas vezes olha a Manuel Ferreira Leite teve graça a Catarina Martins teve graça o não sei quem não conseguiu lidar com aquilo.
120	P22 - Entre as entrevistas aos quatro líderes qual foi para si a entrevista mais tensa, ou foram todas iguais?
121	RAP - Creio que não houve grande tensão sobretudo eu senti que de 2009 para 2015... em 2009 a do Portas tinha sido bastante tensa...
122	ID - Esta de 2015, também me parece haver alguma tensão...
123	RAP - Talvez da parte dele ou seja isso é outra coisa que eu digo antes aos convidados todos... ao público eu digo sempre quando acharem graça riem-se quando não acharem graça não riem não há ninguém a levantar cartazes só vos peço para receberem o convidado com aplauso e não com apupos mesmo que não seja o vosso preferido depois podem manifestar-se à vontade aos próprios convidados sobretudo aos que são de direita... oiça eu não voto... é público que eu não voto no seu partido mas isto corre tanto melhor para mim quanto correr bem para si eu não estou aqui para o entalar digamos assim... aquele <i>gotcha</i> jornalístico não é o tipo de coisa que me... que eu procuro e portanto tento que eles estejam também descontentados porque aquilo também tem tanto mais graça quanto ele me provocar a mim se for eu a dizer nha nha nha e eles progressivamente a irem-se abaixo isso também me põe numa posição feia mas se for... se eles responderem a provocações com outras provocações eu tenho arcaboço para aguentar isso.
124	P23 - Como são provocações de um lado e de outro, nós quando provocamos alguém não lhes explicamos a nossa provocação...senão deixa de ser provocação...
125	RAP – ...não... exatamente...
126	ID - ...quando eu estou numa situação de igualdade até onde é que é possível ir sem desvendar a sua provocação?
127	RAP - Certo! Eu percebo o que diz ou seja são provocações embora não estejamos numa situação de igualdade ou seja apesar de tudo eu posso ir um pouco mais longe porque o poder está do lado deles às vezes a provocação do meu lado é picar e do lado deles é dar-me uma sapatada a sacudir... isso é aceitável e é aceitável que eu dê uma ferroada é mais isso que acontece do que eles a ferroarem-me a mim embora dentro de certos limites isso também seja aceitável.
128	ID - Há pouco disse-me que eles estão em situação de igualdade entre si, deixando antever que eles conheciam alguma coisa sobre o que se ia passar, porque para si é produtivo em termos do programa, em termos de humor que eles tenham algum conhecimento.
129	RAP - Sim para que não haja silêncios da parte deles.
130	ID - Para conseguirem construir um texto imediato que sirva o programa...
131	RAP - É isso!
132	ID - ...mas não lhes pode dizer tudo porque senão a provocação...
133	RAP - ...mas isso permite-me... pois...isso permite-me...o facto de eles não irem completamente às escuras permite-me ir um bocadinho mais longe na provocação curiosamente... uma coisa é eu convidá-los para minha casa e de surpresa mostrar-lhes uma armadilha outra coisa é eles saberem que há dois ou

três pontos do terreno que podem ter uma armadilha e isso permite-me que as armadilhas... permite-me que as armadilhas possam ser um bocadinho mais eficazes mais incisivas sim.

134 **P24** - Do seu ponto de vista qual o objetivo da sátira, o que retiram as pessoas deste tipo de programas. Preocupa-se com aquilo que lhes está a dar ou a induzir do ponto de vista político?

135 **RAP**- Há várias abordagens até do meu lado ou seja do humorista a minha opção é o que eu acho que estou a fazer é... o meu objetivo é fazer rir... as pessoas muitas vezes ...há quem diga às vezes jornalistas incluídos e não só acham que isso é pouco eu acho que é esse o meu trabalho o contrato tácito que eu assino com as pessoas que vão ler a última página da Visão é... tu estás a ler isto porque eu... na medida em que eu te dou vontade de rir... eu não vou dar lições de moral explicar em quem é que deves votar como é que se deve viver nada...vou... o meu objetivo é fazer rir... o Expresso uma vez convidou-me... a dizer pessoas como você que fazem comentário político... eu disse eu não faço comentário político eu faço comentário humorístico por exemplo a gente lê o Daniel Oliveira no Expresso e a intenção dele é política é de facto levar as pessoas a aderir a um conjunto de posições eu não tenho essa pretensão não creio que seja ninguém para fazê-lo a minha ambição é fazer rir as pessoas... e depois porque é que me parece que essa é a melhor ambição que eu posso ter porque quando a gente fala de humor e de sátira também a sensação que dá é que estamos à luta com uma enguia a gente não a consegue apanhar... assim que a gente pensa que percebeu de repente há um porém e o porém faz-se aqui que é... a sátira política às vezes consegue ser bastante corrosiva porém toda a sátira tem uma componente de homenagem quanto mais não seja porque reconhece a existência do objeto satirizado...ficou muito célebre o momento em que nós pusemos no Marquês de Pombal um cartaz a fazer pouco do cartaz do PNR... uma vez numa universidade uma aluna negra levantou o braço e perguntou a vossa intenção ao pôr o cartaz ao lado do PNR era satirizá-lo ou dar-lhe mais visibilidade houve um sussurro como quem diz é claro que o objetivo era aquele mas a moça tinha razão na verdade nós fizemos as duas coisas podíamos não fazer... o facto de pormos um cartaz ao lado do deles deu muito mais visibilidade ao cartaz porque foi notícia e mais quem passava no Marquês Pombal era confrontado com o seguinte o cartaz do PNR todo pichado cheio de bolas de tinta e o nosso impecável... impecável... qualquer pessoa que olhasse para aquilo era levada a dizer coitados dos nazis que é uma coisa absurda a gente condoer-se da sorte dos nazis mas havia qualquer coisa naquele... o Pacheco Pereira escreveu um texto sobre isso dizendo... eles deram mais visibilidade ao cartaz do PNR e tem razão é verdade o único ponto em que eu não concordo com ele é que ele disse assim ...eles estão sempre a dizer que o objetivo deles é fazer rir ...objetivos humorísticos... e tal... mas desta vez eles pisaram o risco eles foram para o campo dos cartazes que é o campo da política por excelência ele tem razão mas não pela razão que pensa ou seja nos de facto fomos para o campo dos cartazes não por razões políticas mas por razões humorísticas porque não teria graça nos dizermos... olha está este cartaz no Marquês Pombal nós colocaríamos ao lado este isso não teria graça o que tem graça é amanhecer em Lisboa e as pessoas estão a dar a volta ao Marquês de Pombal e vêm que uns palermas clandestinamente pagaram a pessoas para irem lá montar um cartaz ao lado do cartaz do PNR isso sim tem graça.

136 **ID** - O primeiro objetivo é sempre a diversão?

137 **RAP** - Exatamente sabe aquela música do Zeca Afonso que diz o que faz falta é animar a malta às vezes a gente ouve pessoas a dizerem assim... olha o que faz falta é animar a malta dizem isso como se animar a malta fosse irónico como se não fosse uma coisa imprestável não há nada de irónico na canção do Zeca Afonso ele está mesmo a dizer naquela canção que foi cantada pela primeira vez aos operários da fábrica da Abelheira que estava em lock-out ele está de facto a dizer sem ironias que o que faz falta é animar a malta...acho importante que as pessoas possam rir-se dos seus dirigentes.

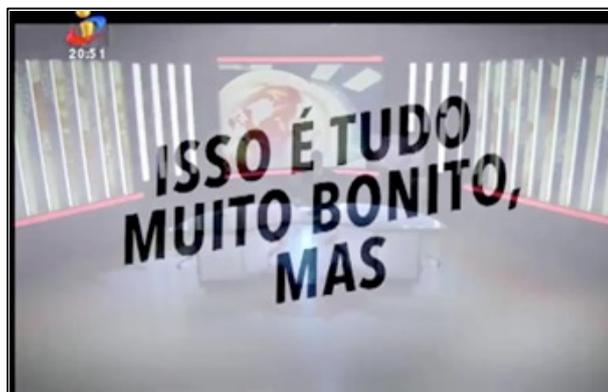
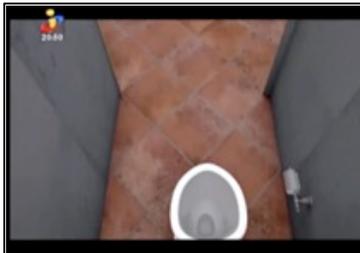
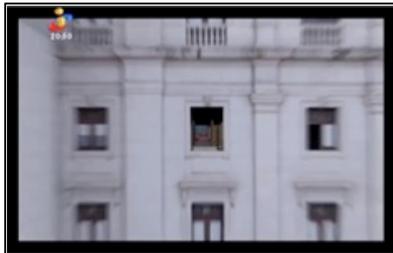
138 **P25** - Como olha para a possibilidade de estar a fazer algo que interfere com a política negativamente, com a cidadania e levar as pessoas a afastarem-se da política como preconizam alguns observadores deste fenómeno?

139 **RAP** - Eu confio no discernimento do público sinceramente eu nunca tratei o público como se as pessoas fossem crianças... há vários estudos por exemplo nos Estados Unidos o *Daily Show* tem sido o alvo de vários estudos às vezes que são translidos pela imprensa mas há vários estudos sobre o assunto alguns dos quais revelam que...eu tenho alguma dificuldade em achar que a sátira política afasta as pessoas da política assim como o humor de linguagem não afasta as pessoas da linguagem ou seja não dá mau nome à linguagem o que dá mau nome à política não é a sátira política são os motivos que eles nos dão para fazer sátira política ou seja se nós tivéssemos calados sobre o caso de Tancos por exemplo... eu acho que não é preciso as pessoas ouvirem um humorista a falar jocosamente sobre o caso de Tancos para perceberem que o caso de Tancos é uma coisa completamente absurda.

- 140 **P26** - O humor levanta ou não algumas questões que o jornalismo não chega a levantar?
- 141 **RAP** - Sim pode levantar porque vê as coisas de um outro ponto porque tem um olhar sobre o próprio jornalismo e às vezes tem um olhar sobre si próprio coisa que às vezes o jornalismo não tem uma das características do humor é ser panótico ou seja é ver de todos os lados às vezes examinando-se a si próprio e nessa medida às vezes faz parte da estratégia humorística dar muita atenção a uma coisa que tradicionalmente não merece atenção se eu escrever um ensaio sobre botões isso tem um potencial humorístico porque os botões normalmente não têm a dignidade de merecer um ensaio na política isso também às vezes acontece ou seja a operação de olhar demoradamente para uma popular cor de rosa que fala com o primeiro ministro que o jornalismo não pode fazer mas nós podemos se calhar diz mais qualquer coisa à cerca da realidade que o jornalismo não conseguiu dizer porque não é a sua função.
- 142 **ID** - Os quadros que traça de, por exemplo, de António Costa incapaz como oposição ...
- 143 **RAP** - ...de fazer oposição como deve ser de se constituir como uma alternativa séria não sei se viu isso mas aquele último dia de campanha do PS foi um desastre absoluto o Carlos do Carmo foi manifestar um apoio que não era bem um apoio o Costa ficou sem voz...
- 144 **ID** - As rábulas e as entrevistas são feitas com base naquilo que pensa ao observar a realidade...
- 145 **RAP** - ...exatamente! Sim.
- 146 **P27** - Há uma ética humorística? Pensa sobre os efeitos de uma ideia que lhe ocorra ou não?
- 147 **RAP**- Não porque eu não sei que efeitos são esses e não sei controlá-los acho impossível de os controlar... uma vez houve gente que disse que o nosso sketch sobre o professor Marcelo no aborto foi decisivo para a vitória do sim é impossível saber isso quem afirma isso não sabe não foi porta a porta...eu duvido que alguém tivesse em casa convencido a votar não e por causa de uma rábula humorística que durou 1m 54s tenha dito ah! se calhar...duvido que as pessoas definam o seu sentido de voto dessa forma... a ética eu diria que é uma ética humorística... há uma guionista chamada Allison Silverman ela era guionista do *Daily Show* e depois foi do *Colbert Report* ela escreveu uma vez um texto na revista *Rolling Stone* em que ela dizia 5 tipos de piadas que não entram no John Stuart ...as piadas... eram piadas que podem dar processo... um guião vai aos advogados eles vêm dizem esta não pode ser eles tiram... piadas que dão muita vontade de rir á nossa equipa de autores mas só porque têm asneiras porque dizem coisas inadmissíveis porque tratam as pessoas de uma forma...essas também não entram... piadas que em vez de uma gargalhada motivam um aplauso... é muito fácil subir a um palco e receber um aplauso... se eu subo ao palco e digo uma coisa de mero bom senso Eh pá! isto realmente estes bandidos como é que é possível que o tipo do BPN que anda há 10 anos para ser julgado e ainda não foi preso pá... não é esse... o nosso objetivo é fazer rir as pessoas etc. eu acho que essa é a única ética que a gente tem acho eu é um dever para com a comédia mas não há um dever... outra responsabilidade perante outra coisa qualquer.
- 148 **P28** - A pertinência da sátira pode ser complementar ao que é feito no jornalismo? O discurso no espaço do humor pode ajudar as pessoas a compreenderem melhor o pensamento político dos entrevistados?
- 149 **RAP** - É possível... aliás o programa costuma ter muita a atenção dos média ou seja os média fazem isso que fez que é olha o que o Portas disse naquele ambiente e depois vai buscar ...o que acontece parece-me é que nas entrevistas tradicionais nos programas jornalísticos eles estão compostos e ali estão descontraídos é como a gente dar-lhes um...deixa ver o que é que o Portas bêbado... o que é que ele diz... aquilo é uma espécie de embriaguez... é uma espécie de embriaguez mediática que acaba por ir mais longe porque está descontraído não está... convence-se que aquilo é uma conversa de café descontraída e as pessoas quando estão descontraídas numa conversa de café podem ir um pouco mais longe.
- 150 **P29** - A sua ideologia, a forma como pensa o mundo influencia a forma como constrói as entrevistas, ou não quer saber da sua ideologia e faz só aquilo que tem melhor resultado em termos humorísticos?
- 151 **RAP** - Não... não... influencia certamente porque eu conto com o meu ponto de vista sobre as coisas que é aliás aquilo que me interessa em qualquer humorista eu quando leio o Woody Allen sei que estou a ler um ateu e que aquilo é um ponto de vista de um ateu o Woody Allen não vai ter o ponto de vista de um católico quando ele é não só judeu mas um judeu ateu e portanto o que interessa num humorista em grande medida é a maneira como ele olha para a coisas o seu ponto de vista e esse ponto de vista no meu caso é público eu nunca o escondi e portanto sim influencia nisso a diferença é essa eu não pretendo fazer proselitismo eu não estou ali para convencer as pessoas são duas coisas diferentes... é claro que não só a

	ideologia como provavelmente outras características minhas estão presentes no meu ponto de vista sobre as coisas... eu não pretendo é impor o meu ponto de vista a ninguém.
152	P30 - Quanto á relação entretenimento/jornalismo - a inserção no J8. Gostava de conhecer o seu pensamento sobre esse cruzamento.
153	RAP - Eu percebo os problemas deontológicos de um jornalista relativamente a essa mistura pela minha parte eu não tenho problema nenhum eu habituei-me a tratar aquilo como a página... o suplemento humorístico do jornal vários jornais têm um suplemento humorístico... a imprensa escrita... a minha página na Visão também pertence a uma página específica e portanto aquilo para mim... não tenho nada contra... até tem aquela vantagem que é o facto de estar num sítio digamos sério é melhor para mim porque as coisas disparatadas brilham mais num sítio sério do que num sítio disparatado quando nós começamos a fazer os <i>sketches</i> na SIC Radical por exemplo nós tínhamos vários <i>sketches</i> em escritório e foi proposto um escritório estilizado com computador gigante uma mesa e nos dissemos isso não vai funcionar agente quer um escritório a sério porque pessoas a comportarem-se de uma maneira parva num escritório a serio tem graça... de uma maneira parva num escritório parvo não tem graça nenhuma.
154	P31 - A sátira em tempo de campanha eleitoral, os programas atravessam sistematicamente o período de campanha oficial. Isso para si é um problema ou não constitui qualquer problema?
155	RAP – Não... não constitui nenhum e sobre os efeitos que aquilo pode ter eu não sei que efeitos tem e acho que não podem ser controlados esses efeitos... o caso Jacques Chirac nos <i>Les Guignols</i> o contra informação francês foi parodiado...no início da corrida que o Chirac acabaria por ganhar ele estava em último nas sondagens em último e todos os amigos dele o abandonaram e foram apoiar candidaturas que tinham mais hipótese de ganhar portanto o boneco de Chirac era uma figura absolutamente patética cheia de punhais cravados nas costas e as pessoas a perguntarem então Chirac está tudo bem... e ele... tenho uma comichão nas costas inexplicável não sei o que é isto o que é que será...quando o Chirac começa a subir nas sondagens e finalmente ganha a corrida houve analistas políticos que disseram que aquele boneco tinha tido um efeito na campanha porque as pessoas se condoeram com a figura do homem abandonado por todos eu não sei quantificar isso não sei se é verdade ou não o que eu duvido é que os guionistas dos <i>Guignol</i> tenham dito sabes como é que a gente... como é que o Chirac vai ganhar isto... pera aí que eu já te digo arranja-me aí umas facas que... assim como também não tenho dúvidas que o nosso cartaz no Marques de Pombal contribuiu por dar muito mais projeção ao cartaz do lado e não era essa a minha intenção.
156	P32 - Não acha que estes programas deveriam estar melhor identificados. Não seria útil uma identificação permanente no ecrã?
157	RAP - Para mim não há problema... do ponto de vista da estação o objetivo é precisamente conseguir um Ovo de Colombo que é fazer com que aquilo faça parte do jornal não sendo um corpo estranho sendo que ...seja um suplemento que faça parte do jornal embora seja uma coisa à parte e isso é de facto um Ovo de Colombo difícil de conseguir... eu percebo que isso para um jornalista coloque questões deontológicas.

Anexo B - Imagens do Genérico ITMBM



Anexo C - Transcrição da Entrevista ITMBM a Jerónimo de Sousa

1	Transcrição da entrevista a Jerónimo de Sousa emitida no programa ITMBM em 14/09/2015
2	RAP - O meu primeiro convidado é um dirigente partidário ao qual eu vou colocar questões muito simpáticas até porque ele veio acompanhado de alguns seguranças da Festa do Avante senhoras e senhores o deputado Jerónimo de Sousa.
3	Q1RAP - Senhor deputado agradeço imenso a sua presença aqui eu queria começar por falar do acho eu dum grande tema que é o facto do PCP ser o único partido parlamentar que defende a saída do euro e o que eu lhe queria perguntar é o seguinte o que é que é pior para o dinheiro das pessoas Portugal sair do euro ou investir em ações do BES dizem-me que é muito ela por ela a perda de valor.
4	R1JrS - Bom no balanço feito e contas feitas a entrada no euro foi uma desgraça para nós enfim em termos de desvalorização da moeda em termos de destruição do nosso aparelho produtivo em termos de emprego desemprego em relação ao BES ainda é possível acudir e resolver em relação ao euro cada vez mais nos afundamos portanto penso que essa comparação está mal acompanhada passo o termo e que sendo duas questões pertinentes continuo a considerar que o euro contas feitas foi uma desgraça ao longo destes últimos anos em que aderimos á união económica e monetária.
5	Q2RAP - Mas o senhor está em condições de garantir que esta proposta do PCP de sairmos do euro e voltarmos ao escudo tem motivações estritamente políticas não será possível que o senhor deputado tenha 20 contos lá em casa que não conseguiu trocar não conseguiu trocar na altura e tal e agora...
6	R2JrS - Eu com 20 contos fazia um figurão aqui há uns anos agora se quisesse tendo em conta a moeda seriam 100 € não chegava sequer para fazer um jantar de aniversário da minha família tendo em conta a desvalorização que se verificou portanto lembro-me perfeitamente se eu tivesse 20 euros nessa altura tinha-me casado outra vez com a minha mulher.
7	RAP - Com a mesma senhor deputado.
8	JrS - Com a mesma pois.
9	Q3RAP - Senhor deputado o PCP não compareceu à reunião com a <i>troika</i> o senhor acha que foi por isso foi essa ausência que fez a <i>troika</i> pensar bom uma vez que não há partido nenhum que represente os trabalhadores vamos pôr a carga toda em cima deles.
10	R3JrS - A <i>troika</i> não pensou a <i>troika</i> impôs aliás assistimos a esse debate entre os dois PS e PSD e a conclusão é que ninguém queria ser o pai da criança...
11	Q4RAP - O senhor já percebeu quem é que chamou a <i>troika</i> .
12	R4JrS - Pois...
13	RAP - Sabe que fui eu eu posso confessar ...
14	JrS - ...então está encontrado o bode expiatório mas aquilo que se verificou nessa conversa é que eles têm razão os dois é que não houve negociação nenhuma a <i>troika</i> chegou cá com a papinha feita a comida mastigada tomem lá e eles assinaram de cruz e por isso hoje discutem não vocês cortaram mais que o que a <i>troika</i> dizia portanto vocês assinaram a <i>troika</i> portanto enfim no fundo o que querem é demonstrar que ninguém chamou a <i>troika</i> ou no mínimo quando muito se calhar foi a CDU ou o PCP que chamou a <i>troika</i> para Portugal.
15	Q5RAP - Senhor deputado tendo em conta que há tantos partidos à esquerda do PS e tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina.
16	R5JrS - Vocês estão-se a rir mas eu aqui há uns anos era capaz de fazer um figurão em qualquer revista agora já não e nesse sentido portanto eu acho que bem comportadinho é fundamental e nu só perante o duche.
17	Q6RAP - Muito bem. Senhor deputado se o PCP tem enfim tantas reservas conhecidas em relação à propriedade privada por que razão é que tem tanta dificuldade em partilhar o espaço político com o Bloco de Esquerda.

18	R6JrS - Aqui o problema não é não é a questão de repartirmos enfim entre os pequenos e médios proprietários aqui a batalha eleitoral é nós combatermos e conseguirmos reduzir o latifúndio do PS e do PSD nestas eleições no fundo é isso.
19	Q7RAP - Por falar no latifúndio do PS o senhor não acha se até a Cuba e os Estados Unidos conseguiram entender-se o PC e o PS também conseguem entender-se para fazer uma coligação.
20	R7JrS - Bom eu consideraria que era importante fazer uma primeira pergunta mas para quê para governar para quem para governar para quê se é para fazer aquilo que os sucessivos governos do PS com maioria absoluta ou sem maioria absoluta fizeram então portanto como diz aquele poema célebre não por aí não vou por aí não vou.
21	RAP - Não estava à espera de José Régio a esta hora.
22	JrS - Pois.
23	Q8RAP - Eu sei que o senhor é contra os despedimentos mas eu tenho de fazer esta pergunta o senhor despediu o porteiro que deixou o Marcelo entrar na Festa do Avante mas o que é isto.
24	R8JrS - O Marcelo e mais 50 ou 70 mil que não são membros do meu partido o que significa que os meus camaradas que estão no apoio às portas têm a tarefa muito facilitada aliás eu penso que aqui o Ricardo Araújo que já vendeu umas bejecas lá na festa do avante na próxima se reconsiderar regressar vamos pô-lo na porta e vai ver que a tarefa é fácil.
25	Q9RAP - Muito obrigado pelo convite senhor deputado diga-me uma coisa o PCP aqui há uns anos manifestou-se contra a venda da EDP aos chineses <i>The Three Gorges</i> ou seja quando os governos perseguem os comunistas o senhor deputado fica indignado quando eles oferecem de mão beijada empresas aos comunistas o senhor fica indignado em que é que ficamos.
26	R9JrS - Pois às vezes muita gente se interroga porque é que nós nos afirmamos um partido patriótico é que nós consideramos que o problema não está no comprador o problema está em quem vende e vender património público empresarial alavancas económicas fundamentais como EDP e outras seja a chineses seja a americanos seja a franceses seja a alemães nós consideramos que isso é antipatriótico porque nós precisamos dessas empresas para continuar o nosso futuro portanto a nossa posição patriótica é não vendam aquilo que o país tem de bem seja aos chineses aos alemães ou franceses portanto percebe-se a nossa posição.
27	Q10RAP - Senhor deputado o PCP tem insistido na palavra patriotismo o conceito de pátria ainda agora acabei de ouvir falar sobre isso quando nós vemos o PCP a defender o conceito de pátria devemos reear que de repente comecem também a defender o de família e de Deus.
28	R10JrS - Bom em relação a Deus enfim um grande respeito por quem professa a religião católica eu acho que os católicos devem estar preocupados porque mesmo Deus está a ser substituído por um outro deus que é o deus do mercado sem rosto do bezerro de ouro que tudo...
29	RAP - Que é muito mais poderoso acho eu.
30	JrS - ... mais poderoso porque está omnipotente e omnipresente e que nesse sentido portanto os católicos têm de se pôr a pau e combater também como nós esse poder dos mercados não têm rosto não têm nome e no entanto mandam em tudo aqui em Portugal e no mundo e nesse sentido nós consideramos que o respeito pela religião combater este deus omnipotente e omnipresente que explora os povos e simultaneamente em relação à família nos sentimos bem a considerar que tudo devemos fazer para salvarguardar os interesses das famílias podem contar connosco para essa batalha.
31	Q11RAP - Eu estive a ler o programa do seu partido e o PCP diz logo abrir diz o PCP é o partido da classe operária e de todos os trabalhadores de todos os trabalhadores mas sabendo que este governo reduziu bastante o número de trabalhadores se calhar vai ter o resultado eleitoral muito fraco quer dizer cada vez há menos.
32	R11JrS - O Ricardo não está a fazer bem as contas porque apesar de tudo isso que é verdade os trabalhadores continuam a ser a classe predominante enfim 3 milhões de trabalhadores isto significa que metade que fosse a votar na CDU tínhamos um resultado quase maioria absoluta mas naturalmente nós... não disse... não fazemos a defesa dos interesses dos trabalhadores em conformidade com o cartão do

	partido ou conforme o voto que decidam acho que estamos bem com os trabalhadores os trabalhadores estão bem connosco contem com eles que eles continuam a ser grande força deste povo e deste país.
33	Q12RAP - Eu queria fazer-lhe só uma última pergunta duas na verdade em Loures esta é complicada senhor deputado em Loures o PCP tem uma coligação com o com o PSD veja que eu até tive dificuldade em... o PCP tem uma coligação com PSD em Loures nas próximas autárquicas será que nós podemos contar com um slogan do género Loures à frente ou uma coisa destas inspirada no... e a segunda pergunta é quando o Bernardino Soares que é o presidente da Câmara de Loures vai lá fazer-lhes uma visita à Soeiro Pereira Gomes vocês dão-lhe uma lavagem com jato de areia para desinfetar tudo ou...
34	R12JrS - Em primeiro lugar não houve nem haverá acordo ou coligação no sentido que apontou do que se tratou foi dar eficácia à gestão da Câmara e dizer uma coisa agora a sério eu continuo a considerar que bons autarcas há em todos os partidos e que no caso de Loures aquilo que aconteceu foi um acordo de incidência em relação à gestão da empresa com um autarca de facto do PSD parece que o PSD não gostou muito e tirou-o das listas dos deputados mas isso é problema deles agora o que lhe quero dizer em relação ao meu camarada Bernardino precisar de areia ele não precisa mais de areia para aquela camioneta que o partido socialista ali deixou uma gestão ruínosa e que está a conseguir aliviar a carga vai ver que daqui a 2 ou 3 anos vai aqui voltar-me a perguntar e ver que valeu a pena ter votado ao Bernardino.
35	RAP - Muito obrigado senhor deputado eu agradeço imenso a sua presença.

Anexo D - Transcrição da Entrevista ITMBM a Catarina Martins

1	Transcrição da entrevista a Catarina Martins emitida no programa ITMBM em 16/09/2015
2	RAP - De acordo com generalidade dos analistas a nossa convidada de hoje venceu todos os debates em que participou quer dizer contra o Portas e o Passos também eu... hoje finalmente vai ter um adversário à altura senhoras e senhores a porta-voz do Bloco de Esquerda Dra. Catarina Martins.
3	Q1RAP - Dra. Catarina Martins muito obrigado por ter vindo em Janeiro quando foram as eleições gregas a doutora afirmou que a vitória do <i>SYRIZA</i> ... disse assim a vitória do <i>SYRIZA</i> é uma esperança para toda a Europa se o Bloco de Esquerda vencer as eleições vai inspirar-se naquela vitória e formar uma linda coligação com os neonazis do PNR.
4	R1CM - Não acho que não... não corremos esse risco na verdade o <i>SYRIZA</i> também não fez isso não é os neonazis na Grécia são outro partido são a Aurora Dourada não é aquele isso é uma coisa que tem sido dita mas não corresponde à verdade.
5	RAP - ...eram nazis mais civilizados os deles.
6	CM - É assim eu não gosto muito de conservadores...
7	RAP - Certo!
8	CM - ...mas não chamo aos conservadores todos nazis porque acho que há coisas que são diferentes e é bom sabermos...
9	RAP - Pra mim vai tudo a eito.
10	CM - Entram 2000 refugiados por dia na Grécia e não os vemos a ser tratados como são tratados por exemplo na Hungria que é dirigido pelo partido irmão do PSD e portanto se calhar... sendo que eu não gosto de conservadores tenho algum cuidado em não os tratar por nazis.
11	Q2RAP – Pumba! já almocei só por curiosidade Sra. Dra. a direção do Bloco de Esquerda participou a despesa que vários militantes e dirigentes do partido tiveram a remover as tatuagens que diziam <i>Tsipras SYRIZA forever</i> .
12	R2CM - Não isso foi um tema complicado nós achámos que não devíamos usar dinheiro do partido para isso eu andei bastante entalada...mas eu noutra dia ouvi o senhor primeiro ministro e ele resolveu o problema aliás tem resolvido muitos problemas faz uma subscrição publica e eu serei a primeira promotora dessa subscrição pública para termos orçamento para retirar as tatuagens.
13	Q3RAP - Certo! Eu sei que essa é uma tática agora para vários problemas fazendo um paralelo entre os debates da campanha e os jogos do campeonato do mundo de futebol acha que podemos dizer...
14	CM – Futebol...
15	RAP - ... não é muito forte em futebol...
16	CM - ... não mas...
17	RAP - ...eu acho que vai compreender digamos este paralelo será que podemos dizer que o debate entre o Passos Coelho e o Costa é digamos um entusiasmante Alemanha/França e entre Catarina Martins e Jerónimo de Sousa é um Albânia/Coreia do Norte assim a engonhar no meio-campo e tal...
18	R3CM - Eu de futebol realmente não percebo em todo o caso já me explicaram e eu acho que se aplica bem que nisto do futebol são 11 contra 11 e no fim ganha a Alemanha...
19	RAP - Certo!
20	CM - ...eu acho que até agora é mais ou menos esse o jogo que temos estado a jogar.
21	Q4RAP - É verdade confirmo acha injusto esta...quer dizer sempre que se fala do Bloco fala-se no PCP na partilha de espaço político acaba por ser... as pessoas dizem que o Bloco e o PC são iguais mas isso não é verdade pois não por exemplo entre o Bloco e o PC qual dos dois é que faz mais questão de não ir para o governo qual de vocês é que rejeita mais a hipótese...

22	R4CM - Eu não vou falar por outro partido fica mal não se fazem essas coisas não é somos todos muito educados e não fazemos isso mas...mas garanto uma coisa se o Bloco de Esquerda for governo como eu espero que seja eu convido imediatamente o Ricardo e os outros Gatos Fedorentos para fazerem as conferências de imprensa nos finais dos conselhos de ministros porque isto é tudo muito bonito mas...
23	RAP - Certo!
24	CM - ...é preciso animar os conselhos de ministros.
25	RAP - Está combinado.
26	CM - Ótimo! já começamos a formar governo portanto...
27	RAP - Sim eu a partir do dia 9 de Outubro deixo de ter coisas combinadas.
28	CM - Ótimo então!
29	Q5RAP - Em 2011 esta é uma pergunta importante em 2011 o bloco não compareceu à reunião com a <i>troika</i> ou seja vocês não querem governar não querem fazer oposição vocês estão nisto da política mais pelo convívio.
30	R5CM - O convívio é bom não é há quem esteja na política mais pelo dinheiro há quem esteja mais pelo negócio nós temos estado mais pelo convívio eu convivo com o Pedro Passos Coelho tão bem pergunto-lhe pelos seus convívios com Dias Loureiro pergunto-lhe como é que eram os seus convívios na Tenoforma e com o Miguel Relvas...
31	RAP - Eu também queria perguntar isso tudo mas ele não aparece aqui.
32	CM - ...é verdade e foi pena convivemos muito bem também com o Ricardo Salgado Zeinal Bava eu acho que eles também devem ter gostado desses convívios para nós foi muito interessante.
33	RAP - Se convive com Ricardo Salgado pergunte-lhe se ele sabe onde é que andam umas notas que eu tinha não interessa vamos...
34	CM - Nós temos perguntado temos andado a perguntar.
35	Q6RAP - Obrigado! Obrigado! Eu agora gostava de lhe colocar um problema filosófico que... esta é complicada imagine o seguinte...
36	CM - Sim!
37	RAP - ...é um problema filosófico clássico um cachorrinho tem a pata presa numa linha de comboio...
38	CM - Ui!
39	RAP - ...um comboio dirige-se nessa direção e vai matar o cachorrinho a Catarina pode desviar o comboio movendo uma alavanca e salva o cachorrinho mas o comboio cai para um precipício se não mexer na alavanca o comboio continua mas mata o cachorrinho dentro do comboio vão Daniel Oliveira Rui Tavares Joana Amaral Dias e Ana Drago o cachorrinho atenção é mesmo muito fofo o que é que a "stôra" faz...
40	CM - Essa é muito difícil...
41	RAP - ...salva o cachorrinho matando estes seus 4 amigos ou...
42	R6CM - Quer dizer uma pessoa tem que defender... temos que proteger as 4 pessoas não é claro...
43	RAP - Claro!
44	CM - ...o problema é que quando eu fizer isso vou receber não sei 237 526 queixas por <i>facebook</i> nos primeiros 5 minutos em que eu decidir isso não é porque se o cachorrinho é muito bonito as pessoas não vão perceber que eu escolho 4 pessoas ou o cachorrinho fofo portanto essa é complicada.
45	RAP - No <i>facebook</i> as pessoas têm tendência a não compreender essa escolha sim.

46	CM - Portanto a minha...bem também não é muito provável que eles estejam os 4 no mesmo comboio em qualquer caso em qualquer caso se eu tiver sorte e mais uma vez Pedro Passos Coelho virá em meu socorro e já suprimiu esse comboio porque está a pensar em privatizar a CP.
47	RAP - Não estava à espera dessa pensei que a solução era um peditório para construir outra linha que salvasse...
48	CM - Mas ele já tinha feito o peditório para as tatuagens.
49	Q7RAP - Pois claro! Claro fez bem ainda a propósito deste assunto não acha que numa altura em que no seu partido há esta digamos enxurrada de dissidentes o nome Bloco de Esquerda pode parecer um bocadinho irónico se calhar não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda.
50	R7CM - O Ricardo percebe de futebol eu não mas eu tenho a ligeira impressão que nesta ideia dos mercados de transferências o Bloco ficou com o melhor reforço da época política não foi pelo menos na comissão do BES etc. a coisa não nos correu assim tão mal quanto isso...
51	RAP - É a marian...já sei...
52	CM - ...tenho a ligeira sensação de que se calhar não estamos assim tão mal.
53	RAP - ...estamos a falar de Mariana Mortágua...
54	CM - Claro!
55	RAP - ...extrema-esquerda joga...
56	CM - ...essa veterana antifascista... claro não pode ser uma nova promessa que já anda aqui há tantos anos.
57	RAP - Muito bem!
58	CM - Em todo o caso a estrutura porosa é uma coisa engraçada porque se for geologia é pedra polmes não é bom para lavar e eu acho que há aí muitas limpezas para serem feitas por aí...
59	RAP - Com certeza! Com certeza!
60	CM - ...estrutura porosa é bonito.
61	Q8RAP - O Bloco vai ficar um bocado encardido se lavar tudo o que há para lavar mas ainda por cima esfregando-se no que está sujo mas é um bom paralelo com a pedra polmos em 2009 o Bloco tinha 16 deputados em 2011 ficou com 8 não tem medo de perder ainda mais e ficarem conhecidos não como o partido do táxi evidentemente porque o Bloco é mais moderno do que isso mas como o partido do UBER.
62	R8CM - Isto agora já começa a ser um bocadinho mais um ataque do que uma entrevista não é primeiro é o gatinho fofinho depois é a UBER isto é para eu ser trucidada nas redes sociais de certeza.
63	RAP - Então mas eu sou o Vítor Gonçalves e a Dra. Catarina Martins é o António Costa tá-me a atacar as perguntas...
64	CM - Sou violentíssima a atacar jornalistas não... não sei eu costumo ir no 28 para o Parlamento no elétrico...
65	RAP - Certo!
66	CM - ...eu acho que tem mais de 50 lugares não é eu acho que se calhar continuamos a usar o 28 também há o 724 há várias possibilidades.
67	RAP - Isso são tudo elétricos que vão dar à Assembleia da República...
68	CM - Elétricos autocarros...
69	Q9RAP - Muito bem! A Catarina Martins foi coordenadora a meias agora é porta-voz nunca foi presidente chefe uma coisa... Secretária-Geral uma coisa que imponha como é que espera convencer os portugueses que quer governar o país se nunca pareceu muito interessada em governar o seu próprio partido.

70	R9CM - Também nunca fui rainha de Copas também nunca fui Bispo e eu acho que provavelmente o meu maior pecado na política é que nunca dirigi nenhuma jotinha em todo o caso...
71	RAP - Eu não referi isso porque...
72	CM - ...se calhar isso não é assim necessariamente defeito espero eu...
73	Q10RAP - ...sim eu não referi isso nunca ter sido uma jota porque fica-lhe tão mal que eu não queria trazer isso pra...até tinha...enfim... percebi que tivesse vergonha é a última pergunta é a última pergunta tem a ver com a sua profissão antes da política a Dra. Catarina Martins é atriz isso dá jeito acho eu por exemplo eu vi o seu debate com o Dr. Paulo Portas e pareceu-me que estava a fingir mesmo bem que não o achava repugnante como é que se faz isso quer dizer a Dra. Catarina Martins é uma política do método.
74	R10CM - Ó Ricardo em relação ao Paulo Portas eu acho que nós devemos ter todos bastante humildade não é tive 15 anos de atividade mas face àquele que já foi o homem da lavoura o partido dos contribuintes o partido dos pensionista tantos papéis que encarnou nos últimos tempos eu confesso que nós devemos ter todos uma certa contenção não é ele é mesmo muito bom.
75	RAP - Sim eu estive a ver e são mais do que o Marlon Brando estive a confirmar. Dra Catarina Martins muito obrigada por ter vindo

Anexo E - Transcrição da Entrevista ITMBM a Paulo Portas

1	Transcrição da entrevista a Paulo Portas emitida no programa ITMBM em 17/09/2015
2	RAP - O nosso convidado de hoje é uma prova viva de que o mercado de trabalho português não está assim tão difícil em 2013 despediu-se e meia dúzia de dias depois já tinha um emprego melhor. Senhoras e senhores o vice-primeiro-ministro de Portugal Doutor Paulo Portas.
3	Q1RAP -Boa noite senhor vice-primeiro-ministro muito obrigado por ter vindo eu queria começar por lhe chamar a atenção para o facto de eu ter um pine igual ao do primeiro-ministro mas maior.
4	PP - Um bocadinho aumentado
5	RAP - É o meu patriotismo é em cerca de 30% superior ao do primeiro-ministro.
6	PP - Então vamos fazer um SWAP dê-me aí o pine...
7	RAP - Queria impressioná-lo com isto.
8	PP - ...porque isso é muito bom para a diplomacia económica.
9	RAP - Ah certo então fica para si espero que isso consiga então vender produtos eficazmente já agora se calhar ponho este maior ainda
10	PP - Sim esse já não vou pedir.
11	RAP - Eu quero eu faço questão de estar muito patriótico hoje a primeira coisa que eu queria perguntar-lhe é se está satisfeito com o resultado da sua governação se acha que estes piegas que andavam a viver acima das suas possibilidades aprenderam a lição que os senhores lhes ensinaram nestes quatro anos.
12	R1PP - Ó Ricardo nós estamos num programa de humor e eu vou tentar manter ...
13	RAP - quando corre bem.
14	PP - ...esse registo.
15	RAP - Quando corre bem sim.
16	PP - Há uns assuntos que são mais sérios do que outros e portanto a primeira parte da resposta tem de ser mais em tom sério o problema não era as pessoas viverem a cima das suas posses num país em que o salário médio não chega a 1000 € e há 2,5 milhões de pessoas com pensões abaixo de 1000 € o problema é que o Estado vivia acima das suas possibilidades o Estado ia financiar-se e ninguém nos emprestava cheta o Estado ia buscar pilim para se financiar e ninguém nos emprestava cheta a dívida estava em 110% do PIB as taxas de juro estavam acima de 10% e o défice estava acima de 10% o que é que queria que nós fizéssemos eles assinaram o papel chamaram a troika a gente rasgava o papel e depois onde é que havia dinheiro para pagar salários e pensões.
17	Q2RAP - Ainda assim.
18	PP - Certo.
19	RAP - Depois dos cortes de salários de pensões prestações sociais do aumento dos impostos se os senhores ganharem estas eleições o que é que vão fazer na próxima legislatura pegar em cada português virá-lo ao contrário e sacudir a ver se caem trocos.
20	R2PP -Olhe esse abanão levaram as pessoas com o resgate em 2011 de um dia para o outro porque veio o resgate veio a troika veio o memorando e veio a recessão e eu acho que houve 3 anos em que as pessoas se sacrificaram e muito para conseguir que o país saísse daquela etapa nós vimo-nos gregos mas não ficamos gregos é uma grande diferença eu acho que os próximos 4 anos se houver bom senso vão ser anos a recuperar a recuperar do ponto de vista de salários a melhorar do ponto de vista de impostos o que é mais do que justo e a não ter que fazer medidas excepcionais nem sobre salários nem sobre pensões como é evidente.
21	Q3RAP - Nós vamos ter muito que recuperar não é...
22	PP - Sim.

23	RAP - ...porque durante esta legislatura em termos de PIB Portugal está agora igual ao que estava há a 15 anos...
24	PP - hum...hum
25	RAP - ...estamos agora iguais ao que estávamos a 15 anos ou seja podemos dizer que a sua governação é o botox dos países.
26	R3PP - Botox é engraçado Botox eu acho que andou a fazer quem andou a disfarçar as contas... <i>lifting</i> andaram... <i>lifting</i> não é como se diz...
27	RAP - Acho que sim.
28	PP - ...andaram a fazer com as PPP's deixa cá ver se eu maquilho.... depois disso quando vem sempre o botox quando é um exagero depois rebenta e o que fica à vista não é bom de ver não é como as pessoas sabem.
29	Q4RAP - Por falar em não é bom de ver durante depois do último governo de coligação no qual o senhor participou os portugueses ficaram tão satisfeitos com o vosso trabalho que resolveram dar uma maioria absoluta a José Sócrates.
30	R4PP - É verdade só começo por dizer uma coisa...
31	RAP - Isto está a desconcentrá-lo.
32	PP - ...o pine não aumentou...
33	RAP - Na...
34	PP - ...você disse que ele ia aumentar.
35	RAP - Não mas não agora não passa disto...
36	PP - Ok.
37	RAP - ...o meu patriotismo bateu está a bater ferros no máximo não passa disto o que eu lhe queria perguntar é uma vez da última vez que participou numa coligação o povo português ficou tão satisfeito que resolveu dar uma maioria absoluta a José Sócrates que ato de loucura coletiva é que acha que a sua governação desta vez vai levar o povo português a fazer.
38	PP - Hum você sabe que há uma frase...
39	RAP - Tou com medo sabe tou com muito medo.
40	PP - Eu também mas se calhar é por outra razão você sabe que há uma frase do... que é atribuída ao Einstein mas eu não tenho a certeza que não seja apócrifa e que é uma boa definição de loucura "Loucura é ..." terá dito o Einstein...
41	RAP - Exato.
42	PP - ..."querer obter resultados diferentes fazendo a mesma coisa" ...
43	RAP - Exato.
44	PP - ...eu acho que este é o problema do PS você podia ter um PS <i>clean</i> que dissesse enganámo-nos cometemos erros percebemos a lição damos garantias que não voltamos a repetir não você tem um PS no divã entraram em negação não foram eles que chamaram a troika não foram eles que assinaram o memorando não foram eles que puseram a dívida em 110% não foram eles que deixaram o défice em 11 nem as taxas de juro acima de 10 oíça eu acho que quando você não reconhece o que aconteceu no passado corre um sério risco de o repetir no presente e eu não queria nada que isso se repetisse.
45	Q5RAP - Vamos falar só um bocadinho do passado. Não quero maçá-lo com isto mas...
46	PP - Sim.

47	RAP - ...enquanto... enquanto diretor do independente que capa é que escolheria para dar aquela notícia sobre aquele ministro que disse que se demitia irrevogavelmente...
48	PP - Irrevogavelmente e ficou.
49	RAP ...e depois ficou eu tenho aqui algumas capas à sua disposição temos esta...
50	PP - (tenta dizer a palavra birrevogável)
51	RAP - A manchete birrevogável
52	PP - Não é fácil de dizer.
53	RAP - Ele é um jogo de palavras enfim tenho esta que diz arrependimento bate à portas
54	PP - Pode suceder.
55	RAP - Não sei se era apropriado ao independente tenho esta ainda que diz voltei voltei voltei de lá ainda ontem estava irrevogavelmente demitido e agora já estou cá.
56	R5PP - Ricardo se eu ainda me lembro do jornalismo todos esses títulos tem batidas a mais isso não dá para pôr numa primeira página de um jornal o terceiro é mais simpático é mais suave mais amigável mas eu ofereço um em alternativa
57	que é o revogador tem muitas leituras umas mais amigas outras mais adversas mas ficava... cabia aí na primeira página.
58	RAP - Enfim uma lição jornalismo para mim que sou licenciado em comunicação social.
59	PP - (xxxx)
60	Q6RAP - exatamente é isso...sou... o debate entre o Dr. António Costa e o Dr. Pedro Passos Coelho teve uma audiência de 3,4 milhões de pessoas dada a prestação do primeiro-ministro acha que isto vem confirmar aquela ideia de que nós temos que o povo português gosta muito de se aglomerar à volta de acidentes.
61	R6PP - Ó Ricardo eu em matéria de debates tenho objeção de consciência porque o Jerónimo de Sousa não quer debater comigo e eu isso acho normal porque em nenhum país comunista houve algum debate com o adversário a menos que fosse o último e o António Costa enfim todos os dias enche a boca com a democracia achei muito esquisito aquela coisa de “eu com aquele não debato” de maneira que eu em matéria de debates tenho objeção de consciência.
62	RAP - Certo
63	PP - Segue.
64	Q7RAP -Querira perguntar-lhe ainda o seguinte o governo e o senhor em particular manifestou uma grande alegria pela saída da troika a questão é nós não devíamos ter corrido primeiro com aqueles que queriam ir além da troika e depois então com a troika.
65	R7PP - Nem além nem aquém eu só queria uma coisa e foi com isso que eu vivi durante 3 anos dia após dia era vê-los fora daqui de preferência vê-los fora daqui amigavelmente contas acertadas para nunca mais os ver aqui outra vez. E portanto isso foi a minha prioridade você sabe que quando eles foram embora nós tiramos uma selfie aos portugueses a eles não tirámos e eu fui-lhes entregar pessoalmente uma edição dos Lusíadas traduzida para inglês para eles saberem que nós somos gente antiga e gente brava e que agente não gosta de gente que vem de fora dar-nos opiniões porque nos empresta dinheiro é evidente que se nós nos pomos nesta situação de estar falidos temos que suportar mas se pudermos aprender a lição e nunca mais ter isso a nossa frente eu acho que era bom.
66	Q8RAP - Isto é uma coincidência incrível porque eu também tenho um livro para lhe oferecer e que tenho a certeza que nunca leu...
67	PP - Isso é a constituição.

68	RAP - ...a constituição da república portuguesa eu sei que era giro se calhar até ler em voz alta lá no conselho de ministros nós arranjamos maneira deste livro fazer parte do programa ler mais achamos importante que quem vai para o governo consiga enfim ter conhecimento deste livrinho ou o que é o senhor eu queria perguntar o seguinte o facto de ter tentado sistematicamente governar fora da lei não faz de si mais do que o Oliveira da Figueira do Tintim um dos irmãos Dalton do Lucky Luke.
69	R8PP - Não nem eu nem o meu irmão Miguel nem a minha irmã Catarina temos esse nome mas ó Ricardo sabe que eu nisto da constituição estou muito à vontade ela ficou melhorzinha de cada vez que foi revista mas sabe uma coisa é um bocadinho maçador intrusivo ou incomodativo a gente chega a primeira página da constituição e mandam-nos para o socialismo mesmo que você não queira ouça eu vou para o socialismo se quiser...
70	RAP - Só um cheirinho no prólogo.
71	PP - ...agora se eu não quiser ir para o socialismo não vou isso é o que se chama respeitar as ideias dos outros
72	RAP - Ó Senhor vice-primeiro-ministro é só um cheirinho no prólogo e depois no resto já não está lá nada.
73	PP - Certo! mas eu revogava o prólogo certo eu revogava o prólogo porque desculpe lá é um bocadinho intrusivo eu posso ser socialista posso não ser socialista e não me obrigam a ir para o socialismo se eu não quiser de resto hoje em dia é muito difícil descobrir o caminho para o socialismo mas está bem.
74	Q9RAP - Muito bem mais uma questão não acha que é melhor trocar sem prejuízo das suas presenças em feiras se não é melhor...
75	PP - (xxxx)
76	RAP - ...sem prejuízo que eu gosto muito de o ver trabalhar em feiras mas não era melhor trocar uma ou outra por uma ação de formação num talho só por uma razão porque os senhores prometeram cortar nas gorduras e o que acontece é que acabaram a trinchar o lombo dos reformados e dos trabalhadores que é chicha é tudo chicha.
77	R9PP - Então vamos falar do talho olhe primeiro modéstia à parte acho que feiras não faço mal e nos últimos 4 anos passei a vida em feiras lá fora a tentar vender ou ajudar a vender produtos portugueses e marcas portuguesas mas eu não o vou maçar com os números das exportações você sabe a oposição diz que correram mal mas a propósito de talho sabe na semana passada a partir de Sines foram 4000 bovinos pela primeira vez vivinhos dentro de um barco para Israel sabe porque é que é importante porque nós não podemos vender para a Rússia por causa do embargo e temos que andar a encontrar outros mercados de maneira que em matéria de chicha ou em matéria de talho sim nós estamos a exportar bastante mais em agro do que antigamente.
78	RAP - Tivemos uma grande vitória no âmbito do gado <i>vacum</i> ?
79	PP - Não sei, está-me a dar uma boa notícia...
80	RAP -... não é isso... 4000 cabeças...
81	PP - ...4000 cabeças vivas
82	RAP - ...vivas muito bem.
83	PP -Não tenho a certeza se o destino delas é chegarem lá assim
84	Q10RAP - Certo muito bem não se tem falado muito no seu que eu acho uma pena no seu guião da reforma do estado caiu no esquecimento não será melhor admitir que depois desta legislatura aliás depois desta legislatura o Estado tal como os portugueses só se vai reformar quando for mesmo muito velhinho ou até falecido.
85	R10PP - Ó Ricardo há quantos anos é que Portugal é Portugal
86	RAP - Ora bem 1143...
87	PP - Vai fazer contas como António Guterres

88	RAP - É fazer a conta
89	PP - É a coisa mais humana que a falar 1143 para 2015 da quanto
90	RAP - Ora...
91	PP - ...bom dá quase 900 anos
92	RAP - certo
93	PP - já somos antigos...
94	RAP - Era o que eu ia dizer.
95	PP - ... já somos antigos isso para umas coisas é boa... é bom para outras realmente é um bocadinho mais difícil de mudar ou reformar mas eu acho espero que você não tenha razão.
96	Q11RAP - O programa da coligação tem sido muito criticado pelo facto de não incluir contas não há contas nenhumas onde é que fizeram as contas ninguém sabe das contas a sua repulsa pelos números tem a ver com o facto de ainda ter muita dificuldade em aceitar que é o número dois do governo.
97	R11PP - Eu já aceitei isso há muito tempo.
98	RAP - A sério este número não custa a digerir
99	PP - Em contrapartida você leva aqui com 20 segundos de números do governo por acaso são do Instituto Nacional de Estatística
100	RAP - Já estou arrependido de ter perguntado
101	PP - Isto não há nada que se faça que não tenha um v de volta olhe confiança na economia a melhor e 2001 desde 2001 e a melhor desde 2008 empresários finalmente desemprego a descer mas para quem está nos 11,9 ainda é um sério problema investimento a disparar porque é que eu disse estes três números porque só há emprego se você tiver investimento e só há investimento se você tiver confiança portanto eu acho que as questões de números há ai umas questões de números um bocadinho mais sérias mais importantes do que essa coisa de ser o número dois do governo de resto já fiz esta escolha há muito tempo
102	Q12RAP - A última questão senhor vice-primeiro-ministro...
103	PP - Estou fascinado com o seu pine.
104	RAP - eu sei hipnotiza... hipnotiza... a esfera armilar...
105	PP - ...mas isso é bom...
106	RAP - ...eu espero que esteja direita se calhar pus isto ao contrário.
107	PP - ...visto daqui está do lado direito
108	RAP - Muito bem.
109	PP - O que em si é estranho.
110	RAP - Exato...se perder as eleições o senhor demite-se ou os estatutos do CDS não permitem que haja outro líder
111	R12PP - Bem ...eu... há uma coisa que eu lhe garanto... já lá estou um tempo isso é verdade e mas no CDS pode ter a certeza que ninguém terá a longevidade do Dr. Álvaro Cunhal que o encantou quando você era mais novinho e eu até percebo porque ele era muito inteligente o problema é que pensava mal mas...
112	RAP - O senhor atirou-me o Álvaro Cunhal a cara não estava à espera disto.
113	PP - Podia ter sido pior não.
114	RAP - Primeiro uma lição de jornalismo agora recordar-me...sim senhora arranjou aqui um eleitor arranjou bom senhor vice-primeiro-ministro agradeço muito...

115	PP- Já acabou?
116	RAP - Já acabámos... acabámos.
117	PP- Você na próxima vai fazer esta entrevistas.
118	RAP - Não sei bem não sei bem também não querem vir só o senhor é que aceita tenho de acabar...

Anexo F - Transcrição da Entrevista ITMBM a António Costa

1	Transcrição da entrevista a António Costa emitida no programa ITMBM em 18/09/2015
2	RAP - Bom vamos então avançar com a oposição que temos o meu próximo convidado deseja ser o próximo primeiro-ministro e embora não tenha tanta base de apoio social como a senhora de cor-de-rosa ainda assim está bastante bem colocado senhoras e senhores o Dr. António Costa.
3	Q1RAP -Dr. António Costa eu agradeço-lhe imenso a sua presença aqui no programa e eu tenho de começar por lhe fazer uma pergunta quer dizer como é óbvio e tendo em conta...
4	AC - É o que é que eu trago na mão.
5	RAP -Bom! Essa era outra eu <i>tou</i> com algum receio mas...
6	AC - É uma prenda para si.
7	RAP - A sério.
8	AC - Uma prenda para si porque verifiquei que acredita no poder mágico do que está aqui dentro e portanto...
9	RAP - Muito obrigado.
10	AC - ...não queria deixar de lhe oferecer ...
11	RAP - Agradeço-lhe imenso.
12	AC - ...a varinha mágica para todos...
13	RAP - Eu suspeito...
14	AC - ...os seus problemas da sua vida.
15	RAP - Muito bem eu por acaso suspeito não me diga que se trata de uma pastinha trata-se... trata-se de facto de uma pastinha deixe-me só...
16	AC - Com isto até chegamos ao tri.
17	RAP - Muito... olhe...bem se ... Ó Dr. António Costa sabe exatamente que tipo de promessas é que me há de fazer para eu... para cativar o meu voto não é sim senhor eu ... eu...bom vamos...vamos restabelecer a distância formal que deve existir entre apresentador...
18	AC - Muito bem! Eu afasto-me.
19	RAP -...e entrevistado e eu gostava de começar por lhe perguntar como é óbvio Dr. António Costa tendo em conta a situação do país não só nos últimos 4 anos mas também os acontecimentos recentes eu tenho mesmo de começar por lhe fazer esta pergunta que todos os portugueses lhe querem fazer o senhor ainda tem aqueles calções amarelos.
20	R1AC - Eu sou um otimista portanto tenho esperança de voltar a emagrecer e voltar a caber nos calções amarelos.
21	RAP - Então eles estão lá para casa num sítio qualquer isso é ótimo isso é ótimo.
22	Q2RAP - Eu...já agora vamos afastar este assunto Sócrates Sócrates Sócrates Sócrates afastar só esta questão vamos rapidamente... eu sei que este nome tinha ...quer dizer...tinha de vir à baila.
23	AC - Rima depois <i>SYRIZA SYRIZA SYRIZA</i> .
24	RAP - À lá está são os grandes temas não é são os grandes temas eu percebo que os esteja basicamente... que estivesse à espera... a primeira questão que eu queria colocar sobre José Sócrates é a seguinte José Sócrates declarou ainda na semana passada que o apoiava não era ótimo que o Manuel Palito viesse dizer que votava no Passos Coelho.
25	R2AC - Bom eu agora tenho que falar a sério...
26	RAP -Oh pá então mas...

27	AC - ...agora tenho que falar a sério...
28	RAP - Com certeza com certeza.
29	AC - ...e acho que não podemos confundir...
30	RAP - Muito Bem!
31	AC - ...uma pessoa condenada por uma pessoa que mesmo sendo arguida tem direito a presunção de inocência e portanto não pode haver comparação.
32	Q3RAP - Muito bem! Ainda assim... ainda assim eu queria fazer-lhe outra pergunta porque há de facto aqui um padrão de comportamento que eu considero preocupante o senhor quer substituir o Passos Coelho depois de ele ter governado a seguir a Sócrates substituiu o Tó Zé Seguro depois de ele ter liderado o PS a seguir a Sócrates o senhor por acaso está interessado em substituir o Zé Naifas o recluso que ocupou a cela 44 em Évora a seguir a José Sócrates.
33	R3AC – Olhe! Eu em Évora francamente prefiro o Templo de Diana mas também lhe queria dizer o seguinte não conheço o Zé Naifas e não sei se o Zé Naifas merece ou não merece cumprir a pena que tem para cumprir...
34	RAP – Olhe! É arguido ainda também.
35	AC - Mas olhe! Mas há uma coisa ...há uma coisa que eu sei é que os portugueses não merecem cumprir mais uma pena de 4 anos de Passos Coelho isso eu sei que não merecem.
36	Q4RAP - Muito bem! A propósito disso e do seu ... deste programa que aqui está eu queria perguntar-lhe os economistas que lhe escreveram isto ensinaram-no como é que se mexe nisto tem um livro de instruções eles deixaram algumas indicações sobre como é que se manobra isto.
37	R4AC - Eles deixaram e eu até tive a preocupação de os manter também na equipa para me ajudarem na aplicação mas como se viu ontem nem sempre o livro de instruções é totalmente claro mas felizmente posso contar com estes economistas para termos uma excelente equipa para aplicar esse programa.
38	RAP - Em princípio eu vou ter um ou dois deles cá.
39	Q5DQ – Ricardo... Ricardo desculpa posso também colocar uma questão ao Dr. António Costa.
40	RAP – Pá! Com certeza que não pá então tu...tu apareces-me inopinadamente de trás de um carro para colocar uma questão Dr. António Costa desculpe alguma vez lhe aconteceu um despautério destes quer dizer de que sítios... de trás de que sítios é que o senhor tolera que os jornalistas lhe perguntem coisas.
41	R5AC - Veja bem do que é que os jornalistas se lembram virem de trás de um carro...
42	RAP - É impressionante.
43	AC - Veja bem de que é que se lembram...
44	RAP - É impressionante.
45	AC - Até parece um programa de humor.
46	Q6RAP - É verdade... é verdade eu noto que esta ... eu vejo-o descontraído acho a entrevista cordial eu diria cordial demais até não sei se estou a fazer o meu trabalho como deve ser é só por SMS que ... é só por SMS que o senhor é desagradável para quem faz perguntas.
47	R6AC - Sabe que a cordialidade depende muito do interlocutor mas eu sempre ouvi dizer que SMS queria dizer “seja mesmo sincero” e acho que até com os jornalistas devemos ser mesmo sinceros.
48	RAP - É a segunda pessoa que vem cá hoje e diz “não eu realmente trato mal outras pessoas mas a si abro uma exceção” é muito muito simpático já a senhora de cor-de-rosa fez o mesmo.
49	AC - Eu tenho muito em comum com a senhora de cor-de-rosa.

50	Q7RAP - Já reparei já reparei! Muito bem! Para si Dr. António Costa quem foi nestes últimos 4 anos o melhor líder da oposição eu dou-lhe 3 hipóteses António José Seguro António Costa ou o presidente do Tribunal Constitucional.
51	R7AC - Bom a questão é difícil e eu diria que precisa aqui dum especialista eu diria o seguinte com maior utilidade prática para os portugueses designadamente para poderem recuperar parte da pensão parte do vencimento dos funcionários públicos indiscutivelmente o Tribunal Constitucional de todos aquele que mais ameaçou a estabilidade do governo não é nenhum deles foi o Dr. Paulo Portas...
52	RAP - Também esteve muito bem sim.
53	AC - ...e aquele que mais vai contribuir para o fim do governo modestia à parte para além da senhora de cor-de-rosa é mesmo o primeiro-ministro Passos Coelho esse é que vai ser decisivo mesmo para deitar abaixo o governo.
54	Q8RAP – Certo! Mas a propósito disso e compreendendo ainda assim o seu otimismo tendo em conta as sondagens eu lembro-me que o senhor quando António José Seguro ganhou as europeias o senhor disse “Quem ganha por pouquinho só pode fazer pouquinho” mas tendo em conta as sondagens neste momento ganhar por pouquinho já sabia muito bem não sabia.
55	R8AC - Não... não eu continuo a achar exatamente o mesmo é por isso que gostaria de não ganhar por pouquinho porque não gostaria de fazer pouquinho e desculpe lá tenho que aproveitar esta deixa para dizer uma coisa que mesmo com todas as explicações dos economistas mesmo com o manual de instruções há uma coisa que as viúvas podem estar certas é que não perderão nenhum dos direitos que têm e pelo contrário verão reforçados os direitos que lhes foram tirados nestes 4 anos designadamente o complemento solidário para idosos 13º e o 14º mês das pensões a reposição das taxas moderadoras e portanto apesar do sorteio de ontem não valeu as viúvas não vão ficar prejudicadas.
56	Q9RAP - Excelentes notícias <i>prás</i> viúvas vamos supor então que o senhor ganha as eleições por pouquinho por muitinho seja pelo valor que for a austeridade que o senhor vai impor é muito mais meiga e boazinha do que esta não é.
57	R9AC : Bom sabe que em campanha eleitoral até a austeridade do Dr. Passos Coelho parece meiguinha e boazinha mas não há austeridade meiga e boazinha a austeridade é mesmo má é por isso que é necessário virar a página e passarmos a concentrarmo-nos naquilo que é essencial melhorar rendimento das famílias criar condições para as empresas investirem e criarem emprego olhe como disse à bocado Sócrates Sócrates é emprego emprego emprego.
58	RAP : Qual é a segunda.
59	AC - Emprego.
60	RAP - Emprego certo eu tinha-me passado.
61	AC - E a terceira.
62	RAP - Acho que já sei...
63	AC - Qual é qual é
64	RAP - ...não me diga que é emprego.
65	AC - É emprego acertou.
66	Q10RAP - Muito bem a propósito dos debates os debates foram no museu da eletricidade e o museu da eletricidade é da EDP que é dos chineses não é um terreno...é injusto escolher esse cenário é um terreno difícil para si porque o senhor quando está ao pé dos chineses começa a dizer bem do governo.
67	AC - Fico um bocado com os olhos em bico às vezes sim.
68	RAP - Aconteceu isso não foi.
69	AC - Nos debates creio que não nos debates creio que não.

70	RAP - Mas teve de fazer força para se conter porque é de facto um território em que às vezes digamos que diz bem do governo não sei o que é que lhe acontece é tomado por um espírito estranho aliás num debate... num debate ... houve um ponto do debate com Pedro Passos Coelho em que disse que foi o PSD que chamou a troika essa falta de memória que exibiu nesse ponto foi para gerar maior identificação com os velhinhos aqueles eleitores mais idosos ...não me diga que vai buscar documentação...
71	R10AC - Vou.
72	RAP - Então estamos aqui a discutir à balda e o senhor apresenta-me documentação.
73	AC - Logo documentos.
74	RAP : Meu Deus!
75	AC - É que sabe é que eu quis ser simpático com o Dr. Pedro Passos Coelho e aquilo que eu disse foi citar uma declaração dele no dia 30 de Abril de 2011 onde ele disse está aqui sublinhado a cor -de-rosa não tem nenhum significado especial que ele disse o seguinte é que “E a troika está cá a nosso pedido” isto disse o Dr. Passos Coelho e eu desta vez achei que o Dr. Passos Coelho falava a sério mas não desta vez também não falou a sério afinal não foi ele que chamou a troika apesar de ter dito que chamava a troika.
76	RAP - É impressionante como eu estou a ficar previsível já sabia que ia falar de Sócrates já sabia que lhe ia falar de chamar a troika é inacreditável vamos... eu vou tentar surpreendê-lo desta vez Sócrates Sócrat...não vou... vamos lá a ver...
77	AC - E aquela <i>SYRIZA SYRIZA</i> ... mas viu a declaração.
78	RAP - Vi a declaração ... apresenta-me documentos ...bom!
79	AC - Se calhar não o podemos levar é a sério.
80	RAP - Certo eu...eu... vamos lá a ver....
81	AC - Não é a si...
82	RAP - Não a mim claro... a mim sempre a sério sim... sim.
83	AC - A si sempre a sério.
84	Q11RAP - Agora outra questão esta é delicada barafunda com os cartazes ... e tal...está aqui um desempregado afinal o homem não era desempregado o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende o senhor espero uma resposta sincera o senhor permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer olha mais um desempregado.
85	R11AC - Como tínhamos dificuldade em encontrá-los... não... olhe é indiscutível que o PS cometeu um erro em encontrar maus retratos para histórias verdadeiras para milhares de cidadãos anónimos e por isso pedimos desculpas às pessoas por termos utilizado as suas caras agora quem não pediu desculpa e devia pedir era o Dr. Passos Coelho porque há mesmo 200 mil pessoas... há mais...há menos 200 mil postos de trabalho do que havia há mesmo mais 350 mil emigrantes que havia há mesmo mais 160 mil desencorajados que havia e essa é que é a verdade da história e essa é que é imperdoável.
86	RAP - Dr. António Costa agradeço-lhe imenso que tenha vindo.

Anexo G - Estrutura das Questões ITMBM – Codificação

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
JERÓNIMO DE SOUSA						
•	Q1	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	3	3	eu queria começar por falar do... acho eu dum grande tema
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	3	3	o facto do PCP ser o único partido parlamentar que defende a saída do euro
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	3	3	o que é que é pior para o dinheiro das pessoas Portugal sair do euro ou investir em ações do BES dizem-me que é muito ela por ela a perda de valor.
•	Q2	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	5	5	Mas o senhor está em condições de garantir-nos
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	5	5	esta proposta do PCP de sairmos do euro e voltarmos ao escudo tem motivações estritamente políticas
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	5	5	não será possível que o senhor deputado tenha 20 contos lá em casa que não conseguiu trocar... não conseguiu trocar na altura e tal e agora...
•	Q3	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	9	9	Senhor deputado
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	9	9	o PCP não compareceu à reunião com a troika
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	9	9	o senhor acha que foi por isso... foi essa ausência que fez a troika pensar
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	9	9	bom uma vez que não há partido nenhum que represente os trabalhadores vamos pôr a carga toda em cima deles.
•	Q4	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	11	11	O senhor já percebeu quem é que chamou a troika
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	13	13	Sabe que fui eu eu posso confessar
•	Q5	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	15	15	Senhor deputado
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	15	15	tendo em conta que há tantos partidos à esquerda do PS e tendo em conta ainda a forte concorrência entre todos eles
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	15	15	o senhor deputado ponderaria a hipótese de tirar a roupa para a revista da Cristina.
•	Q6	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	17	17	Senhor deputado
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	17	17	o PCP tem enfim as reservas conhecidas em relação à propriedade privada
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	17	17	porque razão é que têm tanta dificuldade em partilhar espaço político com o Bloco de Esquerda.
•	Q7	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	19	19	Por falar no latifúndio do PS

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	19	19	o senhor não acha que se até a Cuba e os Estados Unidos conseguiram entender-se o PC e o PS também conseguem entender-se para fazer uma coligação.
•	Q8	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	23	23	Eu sei que o senhor é contra despedimentos
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	23	23	mas eu tenho de fazer esta pergunta
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	23	23	o senhor despediu o porteiro que deixou o Marcelo entrar na Festa do Avante mas o que é isto.
•	Q9	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	25	25	diga-me uma coisa
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	25	25	o PCP aqui há uns anos manifestou-se contra a venda da EDP aos chineses The Three Gorges
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	25	25	ou seja quando os governos perseguem os comunistas o senhor deputado fica indignado quando eles oferecem de mão beijada empresas aos comunistas o senhor fica indignado... em que é que ficamos.
•	Q10	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	27	27	Senhor deputado
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	27	27	o PCP tem insistido na palavra patriotismo o conceito de pátria ainda agora acabei de ouvir falar sobre isso
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	27	27	quando nós vemos o PCP a defender o conceito de pátria devemos recear que de repente comecem também a defender o de família e de Deus.
•	Q11	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	31	31	Eu estive a ler o programa do seu partido
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	31	31	e o PCP diz logo abrir diz o PCP é o partido da classe operária e de todos os trabalhadores de todos os trabalhadores
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	31	31	mas sabendo que este governo reduziu bastante o número de trabalhadores se calhar vai ter o resultado eleitoral muito fraco quer dizer cada vez há menos.
•	Q12	JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	33	33	Eu queria fazer-lhe só uma última pergunta duas na verdade em Loures... esta é complicada senhor deputado...
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	33	33	em Loures o PCP tem uma coligação com o... com o PSD.... veja que eu até tive dificuldade em... o PCP tem uma coligação com PSD em Loures
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	33	33	nas próximas autárquicas será que nós podemos contar com um slogan do género Loures à Frente ou uma coisa destas inspirada no...
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	33	33	e a segunda pergunta é
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	33	33	quando o Bernardino Soares que é o presidente da Câmara de Loures vai lá fazer-lhes uma visita à Sociro Pereira Gomes

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		JrSITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	33	33	vocês dão-lhe assim uma lavagem com jato de areia para desinfetar tudo ou...
CATARINA MARTINS						
•	Q1	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	3	3	em Janeiro quando foram as eleições gregas a Dra. afirmou que a vitória do <i>SYRIZA</i> disse assim” a vitória do <i>SYRIZA</i> é uma esperança para toda a Europa”
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	3	3	se o Bloco de Esquerda vencer as eleições vai inspirar-se naquela vitória e formar uma linda coligação com os neonazis do PNR.
•	Q2	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	11	11	Só por curiosidade Sra. Dra.
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	11	11	a direção do Bloco de Esquerda participou a despesa que vários militantes e dirigentes do partido tiveram a remover as tatuagens que diziam Tsipras <i>SYRIZA</i> forever.
•	Q3	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	13	17	fazendo um paralelo entre os debates da campanha e os jogos do campeonato do mundo de futebol acha que podemos dizer... CM - Futebol RAP - ... não é muito forte em futebol... CM - ... não... mas... RAP - ...eu acho que vai compreender digamos este paralelo
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	17	17	será que podemos dizer que o debate entre o Passos Coelho e o Costa é digamos um entusiasmante Alemanha/França e entre Catarina Martins e Jerónimo de Sousa é um Albânia/Coreia do Norte... assim... a engonhar no meio-campo... e tal...
•	Q4	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	21	21	acha injusto esta...quer dizer
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	21	21	sempre que se fala do bloco fala-se no PCP na partilha de espaço político...acaba por ser... as pessoas dizem que o Bloco e o PC são iguais mas isso não é verdade pois não
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	21	21	por exemplo entre o Bloco e o PC qual dos dois é que faz mais questão de não ir para o governo qual de vocês é que rejeita mais a hipótese...
•	Q5	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	29	29	Q5RAP - Em 2011 esta é uma pergunta importante
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	29	29	em 2011 o bloco não compareceu à reunião com a troika
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	29	29	ou seja vocês não querem governar não querem fazer oposição vocês estão nisto da política mais pelo convívio.
•	Q6	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	35	37	eu agora gostava de lhe colocar um problema filosófico que... esta é complicada imagine o seguinte... CM - Sim! RAP - ...é um problema filosófico clássico

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	37	39	um cachorrinho tem a pata presa numa linha de comboio... CM - Ui! RAP - ...um comboio dirige-se nessa direção e vai matar o cachorrinho a Catarina pode desviar o comboio movendo uma alavanca e salva o cachorrinho mas o comboio cai para um precipício se não mexer na alavanca o comboio continua mas mata o cachorrinho
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	39	41	dentro do comboio vão Daniel Oliveira Rui Tavares Joana Amaral Dias e Ana Drago o cachorrinho atenção é mesmo muito fofo o que é que a “stôra” faz... CM - Essa é muito difícil... RAP - ...salva o cachorrinho matando estes seus 4 amigões ou...
•	Q7	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	49	49	ainda a propósito deste assunto
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	49	49	não acha que numa altura em que no seu partido há esta digamos enxurrada de dissidentes o nome Bloco de Esquerda pode parecer um bocadinho irónico
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	49	49	se calhar não seria melhor Estrutura Relativamente Porosa e até em Estado de Degradação de Esquerda.
•	Q8	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	61	61	em 2009 o bloco tinha 16 deputados em 2011 ficou com 8
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	61	61	não tem medo de perder ainda mais e ficarem conhecidos não como o partido do táxi evidentemente porque o bloco é mais moderno do que isso mas como o partido do UBER.
•	Q9	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	69	69	A Catarina Martins foi coordenadora a meias agora é porta-voz nunca foi presidente chefe... uma coisa... Secretária-Geral... uma coisa que imponha...
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	69	69	como é que espera convencer os portugueses que quer governar o país se nunca pareceu muito interessada em governar o seu próprio partido.
•	Q10	CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	73	73	é a última pergunta é a última pergunta tem a ver com a sua profissão antes da política
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	73	73	a Dra. Catarina Martins é atriz isso dá jeito acho eu
•		CMITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	73	73	por exemplo eu vi o seu debate com o Dr. Paulo Portas e pareceu-me que estava a fingir mesmo bem que não o achava repugnante como é que se faz isso quer dizer a Dra. Catarina Martins é uma política do método...
PAULO PORTAS						
•	Q1	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	3	11	eu queria começar por lhe chamar a atenção para o facto de eu ter um pine igual ao do primeiro-ministro mas maior... PP - Um bocadinho aumentado RAP - ...é o meu patriotismo é em cerca

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						de 30% superior ao do primeiro ministro... PP - Então vamos fazer um SWAP dê-me aí o pine... RAP - ...queria impressiona-lo com isto... PP - ...porque isso é muito bom para a diplomacia económica. RAP - Ha! Certo! Então fica para si espero que isso consiga então vender produtos eficazmente já agora se calhar ponho este maior ainda... PP - Sim! Esse já não vou pedir. RAP - ...eu quero eu faço questão de estar muito patriótico hoje
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	11	11	a primeira coisa que eu queria perguntar-lhe é
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	11	11	se está satisfeito com o resultado da sua governação
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	11	11	se acha que estes piegas que andavam a viver acima das suas possibilidades aprenderam a lição que os senhores lhes ensinaram nestes quatro anos.
•	Q2	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	17	18	Q2RAP - Ainda assim... PP - Certo!
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	19	19	RAP - Depois dos cortes de salários de pensões prestações sociais do aumento dos impostos
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	19	19	se os senhores ganharem estas eleições o que é que vão fazer na próxima legislatura pegar em cada português virá-lo ao contrário e sacudir a ver se caem trocos.
•	Q3	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	21	22	Q3RAP - Nós vamos ter muito que recuperar não é... PP - Sim!
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	23	24	RAP - ...porque durante esta legislatura em termos de PIB... PP - Hum! Hum! RAP -Portugal está agora igual ao que estava há 15 anos... PP- Hum! Hum!
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	25	25	RAP - ...estamos agora iguais ao que estávamos a 15 anos ou seja podemos dizer que a sua governação é o botox dos países.
•	Q4	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	29	29	Q4RAP - Por falar em não é bom de ver
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	31	37	durante... depois do último governo de coligação no qual o senhor participou os portugueses ficaram tão satisfeitos com o vosso trabalho que resolveram dar uma maioria absoluta a José Sócrates .PP - É verdade... só começo por dizer uma coisa...RAP - Isto está a desconcentrá-lo.PP - ...o pine não aumentou...RAP - Não...PP - ...você disse que ele ia aumentar .RAP - ...não mas não agora não passa disto...PP - Ok!RAP - ...o meu patriotismo bateu está a bater ferros no máximo não passa disto

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	37	37	o que eu lhe queria perguntar é
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	37	37	da última vez que participou numa coligação o povo português ficou tão satisfeito que resolveu dar uma maioria absoluta a José Sócrates
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	37	37	que ato de loucura coletiva é que acha que a sua governação desta vez vai levar o povo português a fazer.
•	Q5	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	45	46	Q5RAP - Vamos falar só um bocadinho do passado não quero maçá-lo com isto mas... PP - Sim!
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	47	49	RAP - ...enquanto diretor do independente que capa é que escolheria para dar aquela notícia sobre aquele ministro que disse que se demitia irrevogavelmente... PP - Irrevogavelmente e ficou. RAP...e depois ficou
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	49	55	eu tenho aqui algumas capas à sua disposição temos esta a manchete é...PP - (tenta dizer palavra birrevogável) RAP - ...” birrevogável”...PP - Não é fácil de dizer .RAP - Não é fácil é um jogo de palavras enfim tenho esta que diz “arrepentimento bate à portas”...PP - Pode suceder.RAP - ...não sei se era apropriado ao Independente tenho esta ainda que diz “voltei voltei voltei de lá ainda ontem estava irrevogavelmente demitido e agora já estou cá”.
•	Q6	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	60	60	o debate entre o Dr. António Costa e o Dr. Pedro Passos Coelho teve uma audiência de 3,4 milhões de pessoas
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	60	60	dada a prestação do primeiro-ministro acha que isto vem confirmar aquela ideia de que nós temos que o povo português gosta muito de se aglomerar a volta de acidentes.
•	Q7	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	64	64	RAP -Queria perguntar-lhe ainda o seguinte
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	64	64	o governo e o senhor em particular manifestou uma grande alegria pela saída da troika
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	64	64	a questão é
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	64	64	nós não devíamos ter corrido primeiro com aqueles que queriam ir além da troika e depois então com a troika.
•	Q8	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	66	66	Q8RAP - Isto é uma coincidência incrível porque eu também tenho um livro para lhe oferecer
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	66	68	que tenho a certeza que nunca leu... PP - Isso é a constituição. RAP - ...a constituição da república portuguesa...PP - Sim senhor! RAP - ...eu sei que era giro se calhar até ler em voz alta lá no conselho de ministros nós arranjamos maneira deste

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						livro fazer parte do programa LER + PP - Sim! RAP - ... achamos importante que quem vai para o governo consiga... enfim tenha conhecimento deste livrinho ou o que é o senhor...
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	68	68	o senhor... eu queria perguntar o seguinte
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	68	68	o facto de ter tentado sistematicamente governar fora da lei não faz de si mais do que o Oliveira da Figueira do Tintim um dos irmãos Dalton do Lucky Luke.
•	Q9	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	74	74	Mais uma questão
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	74	76	não acha que é melhor trocar... sem sem prejuízo das suas presenças em feiras... se não é melhor... PP - Bem me parecia RAP - ...sem prejuízo... eu gosto de ver...e não é nada...
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	76	76	eu gosto muito de o ver trabalhar em feiras mas não era melhor trocarmos uma ou outra por uma ação de formação num talho só por uma razão porque os senhores prometeram cortar nas gorduras e o que acontece é que acabaram a trincar o lombo dos reformados e dos trabalhadores que é chicha é tudo chicha.
•	Q10	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	84	84	Não se tem falado muito no seu guião eu acho pena no seu guião da reforma do estado caiu no esquecimento
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	84	84	não será melhor admitir que depois desta legislatura...aliás depois desta legislatura o estado tal como os portugueses só se vai reformar quando for mesmo muito velhinho ou até falecido.
•	Q11	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	96	96	Q11RAP- O programa da coligação tem sido muito criticado pelo facto de não incluir contas
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	96	96	não há contas nenhuma onde é que fizeram as contas ninguém sabe das contas
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	96	96	a sua repulsa pelos números tem a ver com o facto de ainda ter muita dificuldade em aceitar que é o número dois do governo.
•	Q12	PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	102	110	Q12RAP - A última questão senhor vice-primeiro-ministro... PP - Estou fascinado com o seu pine. RAP - Eu sei hipnotiza... hipnotiza... a esfera armilar... PP - ...mas isso é bom... RAP - ...eu espero que esteja direita se calhar pus isto ao contrário. PP - ...visto daqui está do lado direito... RAP - Muito bem! PP - ...o que em si é estranho. RAP - Exato!
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	110	110	Se perder as eleições

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		PPITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	110	110	o senhor demite-se ou os estatutos do CDS não permitem que haja outro líder.
ANTÓNIO COSTA						
•	Q1	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	3	19	eu tenho de começar por lhe fazer uma pergunta quer dizer como é óbvio e tendo em conta... AC- É o que é que eu trago na mão. RAP - Bom essa era outra eu estou com algum receio mas... AC - É uma prenda para si. RAP- A sério. AC- Uma prenda para si porque verifiquei que acredita no poder mágico do que está aqui dentro e portanto... RAP - Muito obrigado. AC - ...não queria deixar de lhe oferecer ... RAP - Agradeço-lhe imenso. AC - ...a varinha mágica para todos... RAP - Eu suspeito... AC - ...os seus problemas da sua vida. RAP - Muito bem! Eu por acaso suspeito... não me diga que se trata de uma pastinha trata-se... trata-se de facto de uma pastinha deixe-me só... AC - Com isto até chegamos ao tri. RAP- Muito bem! Bem se ... Ó Dr. António Costa sabe exatamente que tipo de promessas é que me há de fazer para eu... para cativar o meu voto não é sim senhor eu ... eu...bom vamos...vamos restabelecer a distância formal que deve existir entre apresentador... AC- Muito bem!...eu afasto-me. RAP -...e entrevistado e eu gostava de começar por lhe perguntar
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	19	19	como é óbvio Dr. António Costa tendo em conta a situação do país não só nos últimos 4 anos mas também os acontecimentos recentes
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	19	19	eu tenho mesmo de começar por lhe fazer esta pergunta que todos os portugueses lhe querem fazer
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	19	19	o senhor ainda tem aqueles calções amarelos.
•	Q2	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	22	24	eu...já agora vamos afastar este assunto Sócrates Sócrates Sócrates Sócrates afastar só esta questão vamos rapidamente... eu sei que este nome tinha ...quer dizer...tinha de vir à baila... AC - Rima depois SYRIZA SYRIZA SYRIZA. RAP - Á lá está são os grandes temas não é são os grandes temas eu percebo que os esteja ...basicamente que estivesse à espera a primeira questão que eu lhe queria colocar sobre José Sócrates é a seguinte
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	24	24	José Sócrates declarou ainda na semana passada que o apoiava

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	24	24	não era ótimo que o Manuel Palito viesse dizer que votava no Passos Coelho.
•	Q3	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	32	32	Ainda assim... ainda assim eu queria fazer-lhe outra pergunta porque há de facto aqui um padrão de comportamento que eu considero preocupante
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	32	32	o senhor quer substituir o Passos Coelho depois de ele ter governado a seguir a Sócrates substituiu o Tó Zé Seguro depois de ele ter liderado o PS a seguir a Sócrates
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	32	32	o senhor por acaso está interessado em substituir o Zé Naifas o recluso que ocupou a cela 44 em Évora a seguir a José Sócrates
•	Q4	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	36	36	A propósito disso e do seu ... deste programa que aqui está
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	36	36	eu queria perguntar-lhe
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	36	36	os economistas que lhe escreveram isto ensinaram-no como é que se mexe nisto tem um livro de instruções eles deixaram algumas indicações sobre como é que se manobra isto.
•	Q5	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	38	39	DQ - Ó Ricardo Ricardo desculpa posso também colocar uma questão ao Dr. António Costa...
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	40	40	RAP - Pá! Com certeza que não pá! Então tu...tu apareces-me inopinadamente de trás de um carro...mas... para colocar uma questão...ó Dr. António Costa desculpe alguma vez lhe aconteceu um despautério destes
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	40	40	quer dizer de que sítios... de trás de que sítios é que o senhor tolera que os jornalistas lhe perguntem coisas.
•	Q6	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	46	46	eu noto que esta ... eu vejo-o descontraído
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	46	46	acho a entrevista cordial eu diria cordial demais até não sei se estou a fazer o meu trabalho como deve ser é só por SMS que ...
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	46	46	é só por SMS que o senhor é desagradável para quem faz perguntas.
•	Q7	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	50	50	Para si Dr. António Costa quem foi nestes últimos 4 anos o melhor líder da oposição
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	50	50	eu dou-lhe 3 hipóteses António José Seguro António Costa ou o presidente do Tribunal Constitucional.
•	Q8	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	54	54	Mas a propósito disso e compreendendo ainda assim o seu otimismo
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	54	54	tendo em conta as sondagens... eu lembro-me que o senhor ...quando António José Seguro ganhou as europeias o senhor disse “Quem ganha por pouquinho só pode fazer pouquinho”

Cor	Questões	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	54	54	mas tendo em conta as sondagens neste momento ganhar por pouquinho já sabia muito bem não sabia.
•	Q9	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	56	56	vamos supor então que o senhor ganha as eleições por pouquinho por muitinho seja pelo valor que for
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	56	56	a austeridade que o senhor vai impor é muito mais meiga e boazinha do que esta não é.
•	Q10	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	66	66	A propósito dos debates
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	66	70	os debates foram no museu da eletricidade e o museu da eletricidade é da EDP que é dos chineses não é um terreno...é injusto escolher esse cenário é um terreno difícil para si porque o senhor quando está ao pé dos chineses começa a dizer bem do governo. AC - Fico um bocado com os olhos em bico às vezes sim. RAP - Aconteceu isso não foi.AC - Nos debates creio que não nos debates creio que não. RAP - Mas teve de fazer força para se conter porque é de facto um território em que às vezes digamos que diz bem do governo não sei o que é que lhe acontece é tomado por um espírito estranho aliás num debate... num debate ... houve um ponto do debate com Pedro Passos Coelho em que disse que foi o PSD que chamou a troika
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	70	73	essa falta de memória que exibiu nesse ponto foi para gerar maior identificação com os velhinhos... aqueles eleitores mais idosos ...não me diga que vai buscar documentação... R10AC- Vou... RAP - Então estamos aqui a discutir à balda e o senhor apresenta-me documentação. AC - ...logo documentos... RAP: Meu Deus!
•	Q11	ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	84	84	Q11RAP - Agora outra questão esta é delicada
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Dados	84	84	barafunda com os cartazes ... e tal...está aqui um desempregado afinal o homem não era desempregado o PS é o único partido que não consegue descobrir um desempregado em Portugal uma coisa que não se compreende o senhor...
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Chamadas de atenção	84	84	espero uma resposta sincera
•		ACITMBM	QUESTÕES\TEXTO VERBAL\ESTRUTURA \Desfecho humorístico	84	84	o senhor permitiu que os seus cartazes tivessem aqueles erros todos para que o seu diretor de campanha fosse despedido e o senhor pudesse dizer “olha mais um desempregado”.

Anexo H - Estrutura das Respostas ITMBM – Codificação

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
JERÓNIMO DE SOUSA						
•	R1	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	4	4	Bom! No balanço feito e contas feitas a entrada no euro foi uma desgraça para nós enfim em termos de desvalorização da moeda em termos de destruição do nosso aparelho produtivo em termos de emprego desemprego
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	4	4	em relação ao BES ainda é possível acudir e resolver em relação ao euro cada vez mais nos afundamos
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	4	4	portanto penso que essa comparação está malacomparada passo o termo e que sendo duas questões pertinentes continuo a considerar que o euro contas feitas foi uma desgraça ao longo destes últimos anos em que aderimos á união económica e monetária.
•	R2	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	6	6	Eu com 20 contos fazia um figurão aqui há uns anos
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	6	6	agora se quisesse tendo em conta a moeda seriam 100 € não dava sequer para fazer um jantar de aniversário da minha família tendo em conta a desvalorização que se verificou
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	6	8	portanto lembro-me perfeitamente se eu tivesse 20 euros nessa altura tinha-me casado outra vez com a minha mulher. RAP - Com a mesma senhor deputado. JrS - Com a mesma pois.
•	R3	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	10	10	A troika não pensou a troika impôs
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	10	14	aliás assistimos a esse debate entre os dois PS PSD e a conclusão é que ninguém queria ser o pai da criança e no entanto... RAP - O senhor já percebeu quem é que chamou a troika. JrS - Pois! Eu...eu... RAP - ...sabe que fui eu eu posso confessar. JrS - ...então está encontrado o bode expiatório mas aquilo que se verificou nessa conversa é que eles têm razão os dois é que não houve negociação nenhuma a troika chegou cá com a papinha feita a comida mastigada tomem lá e eles assinaram de cruz
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	14	14	e por isso hoje discutem não vocês cortaram mais que o que a troika dizia vocês assinaram a troika porque enfim no fundo o que querem é demonstrar que ninguém chamou a troika ou no mínimo quando muito se calhar foi a CDU foi o PCP que chamou a troika para Portugal.
•	R4	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	12	14	Pois... RAP - Sabe que fui eu eu posso confessar ... JrS - ...então está encontrado o bode expiatório mas aquilo que se verificou nessa conversa é que eles têm razão os

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						dois é que não houve negociação nenhuma
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	14	14	a troika chegou cá com a papinha feita a comida mastigada tomem lá e eles assassinaram de cruz e por isso hoje discutem não vocês cortaram mais que o que a troika dizia portanto vocês assinaram a troika
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	14	14	portanto enfim, no fundo o que querem é demonstrar que ninguém chamou a troika ou no mínimo quando muito se calhar foi a CDU ou o PCP que chamou a troika para Portugal.
●	R5	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	16	16	Vocês estão-se a rir mas eu aqui há uns anos era capaz de fazer um figurão em qualquer revista agora já não
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	16	17	nesse sentido portanto eu acho que bem comportadinho é fundamental e nu só perante o duche. Q5RAP - Muito bem!
●	R6	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	18	18	Ah! Aqui o problema não é ...não é... a questão de repartir-mos...enfim... entre os pequenos e médios proprietários
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	18	18	aqui a batalha eleitoral é nós combatermos e conseguirmos reduzir o latifúndio do PS e do PSD nestas eleições no fundo é isso.
●	R7	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	20	20	Bom! Eu consideraria que era importante fazer uma primeira pergunta mas para quê para governar para quem para governar para quê
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	20	20	se é para fazer aquilo que os sucessivos governos do PS com maioria absoluta ou sem maioria absoluta fizeram
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	20	22	então como diz aquele poema célebre não por aí não vou por aí não vou. RAP - Não estava à espera de José Régio a esta hora. JrS - Pois!
●	R8	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	24	24	O Marcelo e mais 50 ou 70000 que não são membros do meu partido
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	24	26	o que significa que os meus camaradas que estão no apoio às portas tem a tarefa muito facilitada aliás eu penso que aqui o Ricardo Araújo que já vendeu umas bejecas lá na festa do avante... RAP - É verdade. JrS -...na próxima se reconsiderar regressar vamos pô-lo na porta e vai ver que a tarefa é fácil.
●	R9	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	28	28	Pois! Às vezes muita gente se interroga porque é que nós nos afirmamos um partido patriótico é que nós consideramos que o problema não está no comprador o problema está em quem vende
●		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	28	28	e vender património público empresarial alavancas económicas fundamentais como EDP e outras seja a chineses seja a americanos seja a franceses ou seja alemães nós consideramos que isso é antipatriótico porque nós precisamos dessas empresas para continuar o nosso futuro

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	28	28	portanto a nossa posição patriótica é não vendam aquilo que o país tem de bem seja aos chineses aos alemães ou franceses portanto percebe-se a nossa posição.
•	R10	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	30	30	Bom! Em relação a Deus enfim um grande respeito por quem professa a religião católica
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	30	32	eu acho que os católicos devem estar preocupados porque mesmo Deus está a ser substituído por um outro deus que é o deus do mercado sem rosto do bezerro de ouro que tudo... RAP - Que é muito mais poderoso acho eu. JrS - ... mais poderoso porque está omnipotente e omnipresente
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	32	32	e que nesse sentido os católicos têm de se pôr a pau e combater também como nós esse poder dos mercados não têm rosto não têm nome e no entanto mandam em tudo aqui em Portugal e no mundo e nesse sentido nós consideramos que o respeito pela religião combater este deus omnipotente e omnipresente que explora os povos e simultaneamente em relação à família nós sentimo-nos bem a considerar que tudo deveremos fazer para salvaguardar os interesses das famílias podem contar connosco para essa batalha.
•	R11	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	34	34	Ó Ricardo não está a fazer bem as contas porque apesar de tudo isso que é verdade os trabalhadores continuam a ser a classe predominante enfim 3 milhões de trabalhadores
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	34	34	isto significa que metade que fosse a votar na CDU tínhamos um resultado quase maioria absoluta
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento3	34	34	mas naturalmente nós não fazemos a defesa dos interesses dos trabalhadores em conformidade com o cartão do partido ou conforme o voto que decidam
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	34	34	acho que estamos bem com os trabalhadores os trabalhadores estão bem connosco contem com eles porque eles continuam a ser grande força deste povo e deste país.
•	R12	JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	36	36	Bom! Em primeiro lugar não houve nem haverá acordo ou coligação no sentido que apontou do que se tratou foi de dar eficácia à gestão da Câmara
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	36	36	dizer uma coisa agora a sério eu continuo a considerar que bons autarcas há em todos os partidos e que no caso de Loures aquilo que aconteceu foi um acordo de incidência em relação à gestão da empresa com um autarca de facto do PSD parece que o PSD não gostou muito e tirou-o das listas de deputados mas isto é problema deles
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento3	36	36	agora o que lhe quero dizer em relação ao meu camarada Bernardino precisar de

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						areia ele não precisa mais de areia para aquela camioneta que o partido socialista ali deixou uma gestão ruínosa e que está a conseguir aliviar a carga
•		JrSITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	36	36	vai ver que daqui a 2 ou 3 anos vai aqui voltar-me a perguntar e ver que valeu a pena ter votado ao Bernardino.
CATARINA MARTINS						
•	R1	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	4	4	R1CM - Não acho que não não corremos esse risco
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	4	4	na verdade o <i>SYRIZA</i> também não fez isso não é os neonazis na Grécia são outro partido são a Aurora Dourada não é aquele
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	4	10	isso é uma coisa que tem sido dita mas não corresponde à verdade. RAP - Eram nazis mais civilizados os deles. CM - É assim eu não gosto muito de conservadores... RAP - Certo! CM - ...mas não chamo aos conservadores todos nazis porque acho que há coisas que são diferentes e é bom sabermos... RAP - Pra mim vai tudo a eito. CM - Entram 2000 refugiados por dia na Grécia e não vemos a ser tratados como são tratados por exemplo na Hungria que é dirigido pelo partido irmão do PSD
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	10	11	portanto se calhar... sendo que eu não gosto de conservadores tenho algum cuidado em não os tratar por nazis. Q2RAP - Pumba já almocei!
•	R2	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	12	12	R2CM - Não isso foi um tema complicado nós achámos que não devíamos usar dinheiro do partido para isso eu andei bastante entalada...
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	12	13	mas eu noutra dia ouvi o senhor primeiro-ministro e ele resolveu o problema aliás tem resolvido muitos problemas faz uma subscrição publica e eu serei a primeira promotora dessa subscrição pública para termos orçamento para retirar as tatuagens. Q3RAP - Certo! Eu sei que essa é uma tática agora para vários problemas
•	R3	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	18	19	R3CM - Eu de futebol realmente não percebo em todo o caso já me explicaram e eu acho que se aplica bem que nisto do futebol são 11 contra 11 e no fim ganha a Alemanha... RAP - Certo!
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	20	21	eu acho que até agora é mais ou menos esse o jogo que temos estado a jogar. Q4RAP - É verdade confirmo
•	R4	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	22	22	R4CM - Eu não vou falar por outro partido fica mal não se fazem essas coisas não é somos todos muito educados e não fazemos isso mas...
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	22	28	mas garanto uma coisa se o Bloco de Esquerda for governo como eu espero que seja eu convidado imediatamente o

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						Ricardo e os outros Gatos Fedorentos para fazerem as conferências de imprensa nos finais dos conselhos de ministros porque isto é tudo muito bonito mas... RAP - Certo! CM - ...é preciso animar os conselhos de ministros. RAP - Está combinado. CM - Ótimo já começamos a formar governo portanto... RAP - Sim eu a partir do dia 9 de Outubro deixo de ter coisas combinadas. CM - Ótimo então...
•	R5	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	30	30	R5CM - O convívio é bom não é há quem esteja na política mais pelo dinheiro há quem esteja mais pelo negócio nós temos estado mais pelo convívio
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	30	32	eu convivo com o Pedro Passos Coelho tão bem pergunto-lhe pelos seus convívios com Dias Loureiro pergunto - lhe como é que eram os seus convívios na Tecnoforma e com o Miguel Relvas... RAP - Eu também queria perguntar isso tudo mas ele não aparece aqui. CM - ...é verdade e foi pena convivemos muito bem também com o Ricardo Salgado Zeinal Bava eu acho que eles também devem ter gostado desses convívios
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	32	35	eu acho que eles também devem ter gostado desses convívios para nós foi muito interessante. RAP - Se convive com Ricardo Salgado pergunte-lhe se ele sabe onde é que andam umas notas que eu tinha não interessa vamos... CM - Nós temos perguntado temos andado a perguntar. Q6RAP - Obrigado obrigado
•	R6	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	42	46	R6CM - Quer dizer uma pessoa tem que defender... temos que proteger as 4 pessoas não é claro... RAP - Claro! CM - ...o problema é que quando eu fizer isso vou receber não sei 237 526 queixas por <i>facebook</i> nos primeiros 5 minutos em que eu decidir isso não é porque se o cachorrinho é muito bonito as pessoas não vão perceber que eu escolho 4 pessoas ou o cachorrinho fofinho portanto essa é complicada. RAP - No <i>facebook</i> as pessoas tem tendência a não compreender essa escolha sim. CM - Portanto a minha...bem também não é muito provável que eles estejam os 4 no mesmo comboio
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	46	49	em qualquer caso... em qualquer caso se eu tiver sorte e mais uma vez Pedro Passos Coelho virá em meu socorro e já suprimiu esse comboio porque está a

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						pensar em privatizar a CP. RAP - Não estava à espera dessa pensei que a solução era um peditério para construir outra linha que salvasse... CM - Mas ele já tinha feito o peditério para as tatuagens. Q7RAP - Pois claro! Claro fez bem
•	R7	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	50	50	R7CM - O Ricardo percebe de futebol eu não
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	50	57	mas eu tenho a ligeira impressão que nesta ideia dos mercados de transferências o Bloco ficou com o melhor reforço da época política não foi pelo menos na comissão do BES etc. a coisa não nos correu assim tão mal quanto isso... RAP - É a marian...já sei... CM - ...tenho a ligeira sensação de que se calhar não estamos assim tão mal. RAP - Estamos a falar de Mariana Mortágua... CM - Claro! RAP - ...extrema esquerda joga.. CM - Essa veterana anti fascista claro não pode ser uma nova promessa que já anda aqui há tantos anos. RAP - Muito bem!
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	58	61	Em todo o caso a estrutura porosa é uma coisa engraçada porque se for geologia é pedra polmes não é bom para lavar e eu acho que há ai muitas limpezas para serem feitas por aí... RAP - Com certeza! Com certeza! CM - ...estrutura porosa é bonito. Q8RAP - O bloco vai ficar um bocado encardido se lavar tudo o que há para lavar mas ainda por cima esfregando-se no que está sujo mas é um bom paralelo com a pedra polmos
•	R8	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	62	63	R8CM - Isto agora já começa a ser um bocadinho mais um ataque do que uma entrevista não é primeiro é o gatinho fofinho depois é a UBER isto é para eu ser trucidada nas redes sociais de certeza. RAP - Então mas eu sou o Vitor Gonçalves e a Dra. Catarina Martins é o António Costa tá-me a atacar as perguntas...
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	64	68	CM - Sou violentíssima a atacar jornalistas não sei eu costume ir no 28 para o Parlamento no elétrico... RAP - Certo! CM - ...eu acho que tem mais de 50 lugares não é eu acho que se calhar continuamos a usar o 28 também ao 724 há varias possibilidades. RAP - Isso são tudo elétricos que vão dar à Assembleia da República... CM - Elétricos autocarros
•	R9	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	70	70	R9CM - Também nunca fui rainha de Copas também nunca fui Bispo
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	70	73	eu acho que provavelmente o meu maior pecado na política é que nunca

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						dirigi nenhuma jotinha em todo o caso... RAP - Eu não referi isso porque... CM - ...se calhar isso não é assim necessariamente defeito espero eu. Q10RAP - ...sim eu não referi isso nunca ter sido uma jota porque fica-lhe tão mal que eu não queria trazer isso pra...até tinha...enfim... percebi que tivesse vergonha
•	R10	CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	74	74	R10CM - Ó Ricardo em relação ao Paulo Portas eu acho que nós devemos ter todos bastante humildade não é
•		CMITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	74	75	tive 15 anos de atividade mas face aquele que já foi o homem da lavoura o partido dos contribuintes o partido dos pensionista tantos papéis que encarnou nos últimos tempos eu confesso que nós devemos ter todos uma certa contenção não é ele é mesmo muito bom. RAP - Sim eu estive a ver e são mais do que o Marlon Brando estive a confirmar.
PAULO PORTAS						
•	R1	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	12	16	R1PP - Ó Ricardo nós estamos num programa de humor e eu vou tentar manter ... RAP - quando corre bem. PP - ...esse registo. RAP - ...quando corre bem sim. PP - Há uns assuntos que são mais sérios do que outros e portanto a primeira parte da resposta tem de ser mais em tom sério
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	16	16	o problema não era as pessoas viverem a cima das suas posses num país em que o salário médio não chega a 1000 € e há 2,5 milhões de pessoas com pensões abaixo de 1000 €
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento 3	16	16	o problema é que o estado vivia acima das suas possibilidades o estado ia financiar-se e ninguém nos emprestava cheta o estado ia buscar pilim para se financiar e ninguém nos emprestava cheta a dívida estava em 110% do PIB as taxas de juro estavam acima de 10% e o défice estava acima de 10%
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	16	16	o que é que queria que nós fizéssemos eles assinaram o papel chamaram a troika agente rasgava o papel e depois onde é que havia dinheiro para pagar salários e pensões.
•	R2	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	20	20	R2PP -Olhe! Esse abanão levaram as pessoas com o resgate em 2011 de um dia para o outro porque veio o resgate veio a troika veio o memorando e veio a recessão
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	20	20	eu acho que houve 3 anos em que as pessoas se sacrificaram e muito para conseguir que o país saísse daquela etapa nós vimo-nos gregos mas não ficamos gregos é uma grande diferença
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	20	20	eu acho que os próximos 4 anos se houver bom senso vão ser anos a recuperar a recuperar do ponto de vista

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						de salários a melhorar do ponto de vista de impostos que é mais do que justo e a não ter que fazer medidas excepcionais nem sobre salários nem sobre pensões como é evidente.
•	R3	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	28	30	R3PP - Botox é engraçado... Ha! U! Botox eu acho que andou a fazer quem andou a disfarçar as contas e Ha! lifting andaram...lifting não é como se diz... RAP - Acho que sim. PP - ...andaram a fazer com as PPP's deixa cá ver se eu maquilho
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	30	30	Ha! e Ha! depois disso... quando vem sempre... o botox quando quando é um exagero Ha! depois rebenta e o que fica à vista não é bom de ver não é como as pessoas sabem.
•	R4	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	40	42	R4PP - Hum! Você sabe que há uma frase... RAP - Tou com medo sabe tou com muito medo. PP - Eu também mas se calhar é por outra razão
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	42	46	you sabe que há uma frase do... que é atribuída ao Einstein mas eu não tenho a certeza que não seja apócrifa e que é uma boa definição de loucura "Loucura é ..." terá dito o Einstein... RAP - Exato! PP - ..." querer obter resultados diferentes fazendo a mesma coisa". RAP - Exato! PP - Bem! Eu acho que este é o problema do PS você podia ter um PS clean que dissesse enganámo-nos cometemos erros percebemos a lição damos garantias que não voltamos a repetir não você tem um PS no divã entraram em negação não foram eles que chamaram a troika não foram eles que assinaram o memorando não foram eles que puseram a dívida em 110% não foram eles que deixaram o défice em 11 nem as taxas de juro acima de 10
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	46	46	oiça eu acho que quando você não reconhece o que aconteceu no passado corre um sério risco de o repetir no presente e eu não queria nada que isso se repetisse.
•	R5	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	58	58	R5PP - Ricardo se eu ainda me lembro do jornalismo todos esses títulos tem batidas a mais isso não dá para pôr numa primeira página de jornal
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	58	61	o terceiro é mais simpático é mais suave mais amigável mas eu ofereço um em alternativa que é "o revogador" tem muitas leituras umas mais amigas outras mais adversas mas ficava... cabia aí na primeira página. RAP - Enfim uma lição jornalismo para mim que sou licenciado em comunicação social. PP - (xxxx) Q6RAP - Exatamente! E isso...sou..sou..

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
•	R6	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	62	62	R6PP - Ó Ricardo eu em matéria de debates tenho objeção de consciência porque o Jerónimo de Sousa não quer debater comigo e eu isso acho normal porque em nenhum país comunista houve algum debate com o adversário a menos que fosse o último e o António Costa enfim todos os dias enche a boca com a democracia achei um bocadinho esquisito aquela coisa do... eu com aquele não debato...
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	62	64	de maneira que eu em matéria de debates tenho objeção de consciência. Q7RAP - Certo! PP - Segue!
•	R7	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	66	66	R7PP - Nem além nem aquém eu só queria uma coisa e foi com isso que eu vivi durante 3 anos dia após dia era vê-los fora daqui de preferência vê-los fora daqui amigavelmente contas acertadas e nunca mais os ver aqui outra vez e...e portanto isso foi a minha prioridade
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	66	66	you sabe que quando eles foram embora nós tiramos uma selfie aos portugueses a eles não tirámos e eu fui-lhes entregar pessoalmente uma edição dos Lusíadas traduzida para inglês para eles saberem que nós somos gente antiga e gente brava e que agente não gosta de gente que vem de fora dar-nos opiniões porque nos empresta dinheiro
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	66	66	é evidente que se nós nos pomos nesta situação de estar falidos temos que suportar mas se pudermos aprender a lição e nunca mais ter isso a nossa frente eu acho que era bom.
•	R8	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	74	74	R8PP - Não nem eu nem o meu irmão Miguel nem a minha irmã Catarina temos esse nome
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	74	79	ó Ricardo sabe que eu nisto da constituição estou muito à vontade ela ficou melhorzinha de cada vez que foi revista mas sabe uma coisa é um bocadinho maçador ou intrusivo ou incomodativo a gente chega a primeira página da constituição e mandam-nos para o socialismo mesmo que você não queira ouça eu vou para o socialismo se quiser... RAP - Só um cheirinho no prólogo. PP - ...agora se eu não quiser ir para o socialismo não vou... RAP - Ó Senhor vice-primeiro-ministro ... PP- ... isso é o que se chama respeitar as ideias dos outros. RAP - ...é só um cheirinho no prólogo e depois no resto já não está lá nada.
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	80	80	PP - Certo! Mas eu revogava o prólogo certo eu revogava o prólogo porque desculpe lá é um bocadinho intrusivo eu posso ser socialista posso não ser socialista e não me obrigam a ir para o socialismo se eu não quiser de resto hoje

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						em dia é muito difícil descobrir o caminho para o socialismo mas está bem.
•	R9	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	84	84	R9PP - Então vamos falar do talho olhe primeiro modéstia à parte acho que feiras não faço mal e nos últimos 4 anos passei a vida em feiras lá fora a tentar vender ou ajudar a vender produtos portugueses e marcas portuguesa
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	84	84	mas eu não o vou maçar com os números das exportações como você sabe a oposição diz que correram mal mas a propósito de talho sabe que na semana passada a partir de Sines foram 4000 bovinos pela primeira vez vivinhos dentro de um barco para Israel sabe porque é que é importante porque nós não podemos vender para a Rússia por causa do embargo e temos que andar a encontrar outros mercados
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	84	91	de maneira que em matéria de chicha ou em matéria de talho sim nós estamos a exportar bastante mais em agro do que antigamente. RAP - Tivemos uma grande vitória no âmbito do gado vacum. PP - Não sei está-me a dar uma boa notícia... RAP - Não é isso 4000 cabeças ... PP- 4000 cabeças... vivas RAP - ...vivas muito bem. PP -Não tenho a certeza se o destino delas é chegarem lá assim. Q10RAP - Certo! Muito bem!
•	R10	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	92	101	R10PP - Ó Ricardo há quantos anos é que Portugal é Portugal. RAP - Ora bem 1143... PP- Vai fazer contas como António Guterres... RAP - ...é fazer a conta ... PP - ...é a coisa mais humana que há vá lá 1143 para 2015 dá quanto RAP - Ora... PP- ...bom dá quase 900 anos... RAP - ...certo! PP - ...já somos antigos... RAP - Era o que eu ia dizer.
•		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	102	102	PP - ... já somos antigos isso para umas coisas é boa... é bom para outras realmente é um bocadinho mais difícil de mudar ou de reformar mas eu acho... espero que você não tenha razão.
•	R11	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	104	108	R11PP- Eu já aceitei isso há muito tempo. RAP - A sério este número não custa a digerir. PP - Agora em contrapartida você leva aqui com 20 segundos de números do governo... RAP - Já estou arrependido de ter perguntado. PP - ...por acaso são do Instituto Nacional de Estatística isto não há nada que se faça que não tenha “V” de volta

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	108	108	olhe confiança na economia a melhor e 2001 desde 2001 e a melhor desde 2008 empresários finalmente desemprego a descer mas para quem está nos 11,9 ainda é um sério problema investimento a disparar porque é que eu disse estes três números porque só há emprego se você tiver investimento e só há investimento se você tiver confiança
●		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	108	108	portanto eu acho que as questões de números há aí umas questões de números um bocadinho mais sérias mais importantes do que essa coisa de ser o número dois de resto já fizeste a escolha há muito tempo.
●	R12	PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	118	118	R12PP - Bem! É assim...olhe...eu...há uma coisa que eu lhe garanto...eu já lá estou há algum tempo... isso é verdade e
●		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	118	118	mas no CDS pode ter a certeza que ninguém terá a longevidade do Dr. Álvaro Cunhal que o encantou quando você era mais novinho
●		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	118	121	eu até percebo porque ele era muito inteligente o problema é que pensava mal mas... RAP - O senhor atirou-me o Álvaro Cunhal a cara não estava à espera disto. PP - Podia ter sido pior não. RAP - Primeiro uma lição de jornalismo agora recordar-me...sim senhora arranjou aqui um eleitor arranjou
●		PPITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Entrevistado Interfere após fim da entrev	121	125	bom senhor vice-primeiro-ministro agradeço muito a sua... PP- Já acabou. RAP - Já acabámos... acabámos... eu queria só... PP- Você na próxima vai fazer a mesma... estas entrevistas. RAP - Não sei bem não sei bem também não querem vir só o senhor é que aceita tenho de terminar...vamos acabar com o nosso popular apontamento...
ANTÓNIO COSTA						
●	R1	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	20	20	RIAC - Eu sou um otimista
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	20	21	portanto tenho esperança de voltar a emagrecer e voltar a caber nos calções amarelos. Q2RAP - Então eles estão lá para casa num sítio qualquer isso é ótimo isso é ótimo
●	R2	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	24	27	R2AC - Bom! Eu agora tenho que falar a sério... RAP - Ó pá! Então mas... AC- ...agora tenho que falar a sério... RAP - Com certeza! Com certeza.!
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	28	30	AC - ...e acho que não podemos confundir... RAP - Muito Bem! AC - ...uma pessoa condenada por uma pessoa que mesmo sendo arguida tem direito à presunção de inocência

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	30	30	portanto não pode haver comparação.
●	R3	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	32	32	R3AC - Olhe! Eu em Évora francamente prefiro o Templo de Diana
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	32	33	mas também lhe queria dizer o seguinte não conheço o Zé Naifas e não sei se o Zé Naifas merece ou não merece cumprir a pena que tem para cumprir... RAP - Olhe ! É arguido ainda também.
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	34	35	Mas olhe!... mas há uma coisa ...há uma coisa que eu sei é que os portugueses não merecem cumprir mais uma pena de 4 anos de Passos Coelho isso eu sei que não merecem. Q4RAP - Muito bem!
●	R4	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	36	36	R4AC - Eles deixaram e eu até tive a preocupação de os manter também na equipa para me ajudarem na aplicação mas como se viu ontem nem sempre o livro de instruções é totalmente claro
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	36	37	mas felizmente posso contar com estes economistas para termos uma excelente equipa para aplicar esse programa. Q5RAP - Em principio eu vou ter um ou dois deles cá...
●	R5	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	40	43	R5AC - Veja bem do que é que os jornalistas se lembram virem de trás de um carro... RAP - É impressionante... AC - Veja bem de que é que se lembram... RAP - É impressionante.
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	44	45	Até parece um programa de humor. Q6RAP - É verdade é verdade
●	R6	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	46	46	R6AC - Sabe que a cordialidade depende muito do interlocutor
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	46	46	mas eu sempre ouvi dizer que SMS queria dizer "seja mesmo sincero"
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	46	46	acho que até com os jornalistas devemos ser mesmo sinceros.
●	R7	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	50	50	R7AC - Bom! A questão é difícil e eu diria que precisa aqui dum especialista
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	50	51	eu diria o seguinte com maior utilidade prática para os portugueses designadamente para poderem recuperar parte da pensão parte do vencimento dos funcionários públicos indiscutivelmente o Tribunal Constitucional de todos aquele que mais ameaçou a estabilidade do governo não é nenhum deles foi o Dr. Paulo Portas... RAP - Também esteve muito bem sim.
●		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	52	53	e aquele que vai...e aquele que vai...e aquele que mais vai contribuir para o fim do governo modéstia à parte para além da senhora de cor de rosa é mesmo o primeiro ministro Passos Coelho esse é que vai ser decisivo mesmo para deitar abaixo o governo. Q8RAP - Certo!
●	R8	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	54	54	R8AC- Não não eu continuo a achar exatamente o mesmo é por isso que gostaria de não ganhar por pouquinho

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						porque não gostaria de fazer pouquinho
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	54	54	e desculpe lá tenho que aproveitar esta deixa para dizer uma coisa que mesmo com todas as explicações dos economistas mesmo com o manual de instruções há uma coisa que as viúvas podem estar certas é que não perderão nenhum dos direitos que têm e pelo contrário verão reforçados os direitos que lhes foram tirados nestes 4 anos designadamente o complemento solidário para idosos 13º e o 14º mês das pensões a reposição das taxas moderadoras e portanto apesar do sorteio de ontem não valeu as viúvas não vão ficar prejudicadas.
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	54	55	portanto apesar do sorteio de ontem não valeu as viúvas não vão ficar prejudicadas. Q9RAP - Excelentes notícias prás viúvas
•	R9	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	56	56	R9AC - Bom! Sabe que em campanha eleitoral até a austeridade do Dr. Passos Coelho parece meiguinha e boazinha mas não há austeridade meiga e boazinha a austeridade é mesmo má
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	56	64	é por isso que é necessário virar a página e passarmos a concentrarmo-nos naquilo que é essencial melhorar rendimento das famílias criar condições para as empresas investirem e criarem emprego... olhe como disse à bocado Sócrates Sócrates Sócrates é emprego emprego emprego. RAP- Qual é a segunda. AC - Emprego. RAP - Emprego certo eu.. tinha-me passado. AC - E a terceira. RAP- Acho que já sei... AC - Qual é qual é RAP - Não me diga que é emprego. AC - É emprego acertou acertou
•	R10	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	70	74	R10AC- Vou... RAP - Então estamos aqui a discutir à balda e o senhor apresenta-me documentação. AC - ...logo documentos... RAP: Meu Deus! AC - ...é que sabe é que eu quis ser simpático com o Dr. Pedro Passos Coelho
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	74	74	e aquilo que eu disse foi citar uma declaração dele no dia 30 de Abril de 2011 onde ele disse está aqui sublinhado a cor de rosa não tem nenhum significado especial que ele disse o seguinte é que "E a troika está cá a nosso pedido" isto disse o Dr. Passos Coelho
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	74	82	e eu desta vez achei que o Dr. Passos Coelho falava a sério mas não desta vez também não falou a sério afinal não foi

Cor	Resposta	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						<p>ele que chamou a troika apesar de ter dito que chamava a troika. RAP - É impressionante como eu estou a ficar previsível já sabia que ia falar de Sócrates já sabia que lhe ia falar de chamar a troika é inacreditável vamos... eu vou tentar surpreende-lo desta vez Sócrates Sócrat...não vou... vamos lá a ver... AC - E aquela SYRIZA SYRIZA... mas vi a declaração. RAP - Vi a declaração ... apresenta-me documentos ...Bom! AC - Se calhar não o podemos levar é a sério. RAP - Certo! eu...eu...vamos lá a ver... AC - Não é a si... RAP - Não a mim claro... a mim sempre a sério sim sim. AC - A si sempre a sério.</p>
•	R11	ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento1	84	84	R11AC - Como tínhamos dificuldade em encontrá-los... não.... Olhe! É indiscutível que o PS cometeu um erro em encontrar maus retratos para histórias verdadeiras para milhares de cidadãos anónimos e por isso pedimos desculpas às pessoas por ter utilizado as suas caras
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Argumento2	84	84	agora quem não pediu desculpa e devia pedir era o Dr. Passos Coelho porque há mesmo 200 mil pessoas... há mais...há menos 200 mil postos de trabalho do que havia há mesmo mais 350 mil emigrantes que havia há mesmo mais 160 mil desencorajados que havia
•		ACITMBM	ESTRUTURA RESPOSTAS\Conclusão	84	84	essa é que é a verdadeira história e essa é que é imperdoável.

Anexo I - Transcrição da entrevista a Sérgio Figueiredo

1	DATA - 25 de Julho de 2022
2	ENTREVISTADO - SÉRGIO FIGUEIREDO
3	FUNÇÃO - Diretor de Informação da TVI (2015-2020)
4	LOCAL - PLATAFORMA ZOOM
5	NOTAS -
6	ID – Como foi selecionado o público que estava presente no estúdio durante as entrevistas da rubrica “Tenho uma pergunta para si”. Foi a TVI, foi uma agência?
7	SF - Foi a produção de informação da TVI que fez o <i>scouting</i> e o casting. A única coisa que me preocupe de indicar à responsável da produção e da agenda era perfis, que fosse um público o mais representativo possível da sociedade portuguesa, que tivessem pessoas, já fora do mercado de trabalho, reformados, jovens e pequenos empresários, dirigentes sindicais. Na altura em que eu reuni com essas pessoas sugeri logo pessoas em concreto, lembro-me que no caso dos jovens eu conhecia um miúdo que na altura tinha 18 anos e que hoje já é um comentador consagrado, mas foi a sua primeira ida à antena. Eu sabia que ele podia ter um bom desempenho, porque não bastava ser jovem, tinha que ter um mínimo de cuidado em perceber se a pessoa não se amedrontava, porque aquilo era televisão em direto, não podíamos correr propriamente riscos, também do lado das empresas e de gestores eu também sugeri, vinha da imprensa económica, portanto conhecia e tinha os contatos das pessoas.
8	ID - Porque é que decidiram na altura que o público era importante, teve a ver com audiências ou houve outro motivo?
9	SF - As televisões privadas têm essa enorme pressão, temos que chamar o nome pelo que é, de produzir resultados porque é dos resultados das audiências que depende a capacidade desse projeto subsistir, de pagar, nomeadamente, os salários dos meus jornalistas na altura. Mas evidentemente que não foi só essa a razão nem sequer foi a fundamental. Havia um bocado de <i>show</i> e ter um estúdio cheio de gente é melhor do que ter o melhor de todos os cenários porque traz humanidade, são os eleitores que estão ali confrontados com os políticos que iriam eleger passado pouco tempo, mas a questão fundamental foi trazer para o responsável político perguntas que o jornalista não faria. Não ter apenas como critério, porque esse também existia, como sabes é uma composição das duas coisas, as questões que a TVI tinha para colocar aos políticos, que colocou, mas não se resumia a isso, porque uma pessoa que trabalha num hospital e faz uma pergunta sobre o funcionamento do Serviço Nacional de Saúde de certeza absoluta que não coloca a questão, ou mesmo que coloque a mesma questão, não a coloca da mesma forma de que nós jornalistas que somos observadores externos da realidade com as virtudes que isso tem, mas também pelos inconvenientes que tem, que é não falamos daquilo que vivenciamos, essa foi a razão principal, aliás, não era propriamente uma originalidade, porque já televisões internacionais e a RTP também já tinham feito isso e depois voltámos a repetir a fórmula.
10	ID – Nesse cenário houve alterações na disposição dos convidados, alguns ficaram em pé outros foram sentados em sofás. Foi uma decisão vossa ou foram os entrevistados que não quiseram ficar de pé?
11	SF – Não não, foi nossa. Houve ali, claramente, um critério editorial que foi, aqueles que eram candidatos ao lugar de primeiro-ministro, que eram só 2, serem sujeitos a um conjunto de perguntas de origem mais diversificada mais variada havia mais público não havia analistas a fazer perguntas, nessas havia na segunda parte já na TVI 24, enquanto nos outros casos, quer Paulo Portas e Catarina Martins quer Jerónimo de Sousa que eram líderes partidárias de representação parlamentar... o critério era, partidos com representação parlamentar, não eram, manifestamente, candidatos a primeiro-ministro, porque toda a gente sabia que não iriam ter hipóteses de ganhar as eleições, não se verificou aliás em todas são... historicamente foi o PSD ou foi o PS sempre ganhar eleições, e aí essa distinção foi feita por esse critério que é, o primeiro-ministro tem que responder a alguém que representa enfermeiros, alguém que represente professores...
12	ID- Nos outros casos havia comentadores e empresários com exceção de Jerónimo de Sousa que tinha uma plateia em que todos os elementos eram jovens universitários.
13	SF - Deve ter sido, claramente, por aquela situação que é um partido que estava a envelhecer e era refrescante até do ponto de vista do interesse do público colocar o partido que sofre um processo de envelhecimento frente a uma plateia daquilo que não seria, teoricamente, o seu público alvo, os seus

	<p>eleitores mais característicos, nós tivemos em relação aos outros 3 também um critério que foi não fazer tudo igual por uma questão de não repetição da forma, não foi, evidentemente, para privilegiar mais um outro para destacá-lo mais ou menos em relação aos outros, mas sim, aí houve um bocadinho de técnica televisiva, no sentido de criar imprevisibilidade criar o elemento surpresa que é importante para as pessoas ficarem agarradas... “olha deixa cá ver o que é que vai acontecer como isto não é bem igual ao que vimos no outro deixa cá...” que é uma forma como outras de fidelizares as audiências.</p>
14	ID - Porque é que só a entrevista de Catarina Martins passou quase toda na TVI24 e todas as outras passaram na íntegra no Jornal das 8?
15	SF - Não me recordo, mas admito que deve ter sido um motivo de força maior entendível pelo partido porque não houve qualquer polémica sobre isso.
16	ID – O modelo adotado para as entrevistas destorce aquilo que são as regras de uma entrevista jornalística. Perde-se a procura de isenção e cria-se um debate entre entrevistadores e entrevistado, principalmente, na entrevista a Paulo Portas e a Catarina Martins..
17	SF – O modelo foi deliberado porque se quiséssemos uma entrevista assética neutra desse ponto de vista mais objetiva não havia razão nenhuma para sentar 3 ou 4 jornalistas ali a “bombardearem” o político convidado, bastava o pivô da TVI conduzir a entrevista como faz ao longo de todo o ano de todos os anos independentemente de haver eleições ou não, foi, precisamente, por isso, foi essa a razão. É uma entrevista que, primeiro, não eram uns jornalistas quaisquer eram jornalistas da casa eram jornalistas residentes que reconhecemos e por serem residentes é porque a gente confia, tal é o capital de confiança e relacional que nos permite... que a opinião destas pessoas interessa-nos tanto que a gente paga para eles virem cá muitas vezes, para a sua presença ser regular e são estes mesmo que a gente quer a colocarem as questões porque eles sendo jornalistas são jornalistas com opinião e são jornalistas na minha antena, portanto, não eram paraquedistas pessoas que caíram do céu e esse sinal era um sinal que era evidente, não é, eu tenho mais dificuldade em pedir ao José Alberto Carvalho ou à Judite ou ao Pedro Pinto para fazerem uma entrevista editorializada eles próprios não se sentem confortáveis nisso podem fazê-lo no contraditório, não é, um bom jornalista de televisão quando apanha um político a dizer duas coisas diferentes ou contraditórias na mesma frase tira partido disso, não é, aqui, antecipadamente, sabe-se que aquele jornalista tem uma opinião, é uma opinião conhecida, é uma pessoa conhecida, e uma pessoa que lá vai sabe com que é que conta porque também isso foi, evidentemente, foi uma coisa avisada, não é, foi uma coisa que foi conversada com os partidos a dizer que é este o nosso modelo senão era mais uma entrevista igual àquelas que tinha passado na RTP na SIC com a diferença que se trocaram os nossos cenários e as nossas cores e não sei quê, portanto, eu acho que essa preocupação de fazer uma coisa diferente não é melhor nem pior é exatamente isso e não estar a servir sempre o mesmo prato ao espectador que às tantas depois desliga-se, já viu o Paulo Portas ser entrevistado na SIC e na RTP se ele aparece ali na TVI não temos a presunção de achar que o nosso jornalista, pivot, é tão mais inteligente, tão mais perspicaz, tão não sei quê que os outros que ainda tem ali as perguntas que os outros não fizeram que vai ser muito interessante é a terceira, não é.
18	ID – Então é um modelo de entrevista editorializado, como há pouco referiste e foi esse o escolhido na altura para fazer este tipo de entrevistas.
19	SF – Foi, foi esse modelo fazerem este tipo de entrevistas não foi um atestado de incompetência aos meus 3 pivôs.
20	ID – Não, não é isso que fica em causa...
21	SF - Mas sabes como é que os convenci, eu explico-te, porque eles evidentemente eram os mais desconfiados deste modelo eu disse: “ouça se eu não fizer isto que estou a propor o que é que vai acontecer você vai estar ali 20 minutos 30 minutos a ser questionado pelo jornalista da TVI e quando sai entram em estúdio 3 indivíduos a dar opinião sobre aquilo que você disse sem você ter a possibilidade de reagir, portanto, o que eu vos estou a dar é a possibilidade de estarem ali frente a frente... e vocês durante esse debate que é uma entrevista-debate de facto reagirem e poderem estar em condições de igualdade e dizer assim, desculpe mas a sua opinião não faz sentido você não leu o que eu escrevi, no meu programa você não entendeu o que eu disse porque...” pronto, foi muito por aqui.
22	ID -Agora tenho um conjunto de questões que têm a ver com a inserção do talk show do Ricardo Araújo Pereira dentro do Jornal das 8. Na altura chegaste muitas críticas em relação a essa opção?

23 **SF** – Era questionado critica, critica, não me senti propriamente violentado, mas havia pessoas que questionavam porque é que tinha sido feita essa opção e eu respondia assim meio a sério meio a brincar, isto é uma conversa mais entre nós jornalistas, porque estamos a falar de um separador estamos a falar, basicamente, de um separador porque para o público em geral estar dentro do jornal ou fora desde que não tenha muita publicidade entre o fim do jornal e o início do programa é-lhes indiferente porque não ligam às fichas técnicas dito isto, não foi, evidentemente, essa a razão. Primeiro, estruturalmente, aquilo foi uma iniciativa de uma direção de informação não foi de uma direção de entretenimento, nós quisemos assumir o humor como uma componente em falta na informação em Portugal, porque não deixa de ser informação, e nós quisemos colocá-lo dentro do jornal por uma questão de estatuto, não era comparar com... aliás aquilo tinha um separador dentro do jornal, não era um programa, porque estava dentro do jornal, mas era quase como se fosse, porque tinha um genérico próprio tinha um separador próprio e um cenário diferente do resto do jornal, portanto, ele aparecia noutra sítio e eu quis... a minha opção de meter aquilo dentro do jornal foi dar um sinal que aquilo não era um produto, não é um produto de sobra, não era um produto... era uma coisa de atualidade de sátira política de crítica política e vou-te dizer mais, passado depois este tempo todo dá para fazer balanços que é de caixas jornalísticas, o Ricardo fez muitas vezes naquele programa coisas que as redações normais não faziam, as comissões de inquérito (parlamentar) eram notícia a partir dele, ele apanhava aquilo, as intervenções do Berardo, dissecava aquilo, não sei quê, que passavam nas peças normais não é dos jornais normais com uma boca, porque os jornalistas “normais” trabalhavam aquilo como se fosse uma comissão parlamentar de inquérito normal com pessoas normais quando aquilo era tudo anormal, e ele fez agenda, desculpa lá, isto é a missão do jornalismo não é uma coisa ao lado... como é que eu hei de dizer notícia no dia a seguir não era um fenómeno que fazia até muitas vezes mudar o curso de acontecimentos porque tinha graça é porque ele punha o dedo na ferida não me arrependo até pelo conteúdo a questão formal digamos assim institucional foi... eu quero meter isto no mesmo local em que pus ,por exemplo, a música portuguesa, a música portuguesa também estava dentro do jornal porque eu achei ponto número 1 tal como o PCP as televisões generalistas estão envelhecidas portanto a gente tem que fazer alguma coisa para renovar públicos e há gatilhos pra isso a música é coisa mais transversal e só não sabe isto quem não vai a um festival daqueles de Verão e percebe que estão lá 3 ou 4 gerações desde os nossos filhos mais pequeninos até aos dos nossos avós e eu assumi que primeiro para essas... por uma questão de diversificar públicos de trazer para a antena pessoas que não veem informação na televisão segundo também de posicionamento da minha informação da informação daquela estação para um público que é *opinion leader* que é um público cultural e a TVI não tinha esse posicionamento não queria era outro não é evidentemente e eu pus na minha cabeça e fiz isso que era qualquer disco que um artista português de primeiro plano tivesse a lançar qualquer digressão que Miguel Araújo e Zambujo fizessem que encheram...eram para fazer 3 coliseus fizeram 20 e não sei quantos nada acontecia sem primeiro ser ali , não é as antestreias eram naquele jornal e isso era posicionamento também não era teimosia e um bocadinho... o mesmo racional com o humor não havia humor na televisão portuguesa a não ser nas eleições o Ricardo aquilo que fez semanalmente a partir de certa altura não é ele fazia aquilo 4 em 4 anos e toda a gente gostava e depois despedia-se então até daqui a 4 anos quando houver outra vez eleições mas porquê mas porque é que a gente... se isto é bom se as pessoas gostam... o neto Moura não é aquele juiz que considerava a violência doméstica um crime menor em relação ao adultério não é claro ele fez agenda depois a gente via no dia a seguir nos alinhamentos dos jornais o *follow up* de coisas que ele tinha feito na véspera era inacreditável os próprios deputados já funcionavam não é pensando que no domingo a seguir...o que é que isto..eu acabei de descrever o quê uma profissão que a gente teve não foi durante não sei quantos anos só por preconceito é que tu catalogas e dizes assim isto é outra coisa é para entreter está bem também é para entreter é verdade mas não é só.

24 **ID** – Há uma pertinência no humor que o jornalismo não consegue atingir?

25 **SF** – Não, o jornalismo tem é um grande preconceito em relação a todas as outras formas de fazer televisão, tem um enorme preconceito não é só em relação ao Ricardo Araújo Pereira evidentemente colocando a questão em abstrato posso dizer que sim ou que não porque por exemplo o Bruno Nogueira que é um outro humorista que eu adoro e venero não cabia num formato informação televisiva, não cabia, é outra coisa é outro registo é outro tipo de humor é o tipo de intervenção... a gente não faz teorias gerais se depois na prática o resultado sai ao lado, o Ricardo era uma peça única e continua a ser porque se fosse outro não tinha acontecido sequer eu recorde, não tem a ver com política mas este preconceito que é um preconceito como todos os preconceitos não se podem desfazer até ao momento em que provas que não é assim e que funciona... eu chamei a Cristina Ferreira para grandes operações de informação que tipicamente as informações das televisões consideram aquilo o seu reduto e qual... nem apareça porque descredibiliza a Cristina Ferreira era a repórter da mota atrás do papa e que toda a gente lhe dizia que não vais conseguir fazer porque... quando ele veio a Fátima ao centenário de Fátima não vais conseguir porque a segurança

vai-te travar e eu sabia como é que ela era ,como todos nós sabemos, e de facto foi travada e ela saltou da mota e foi a correr atrás do papamóvel, um direto de televisão, um direto de televisão é isto, não é, é isto ela atrás...estão milhares e milhões de pessoas centradas naquela figura e ela não se limitou da mota a fazer o vivo e pronto e não podemos passar e do ponto de vista de produto televisivo ganham imenso este... fiz várias vezes estas fusões se calhar porque eu não fui um bicho criado nesse ecossistema desde que nasci quando pergunto, mas por que não e a resposta era sempre, “à, porque nunca se fez”, tínhamos sempre ali um belo início de conversa.

26 **ID – O talk show foi emitido nas primeiras emissões a meio do jornal depois estabilizou na parte final. Porque houve essa evolução?**

27 SF – Já não me recorda bem, mas o alinhamento certo era sempre no final do jornal até porque aquilo desconfigurava o alinhamento do jornal se isso ocorreu foi só para promover o formato, mas não me recordo, sinceramente, fiquei sempre com a ideia, e se houve exceções à regra foram muito poucas, que era despachada toda a atualidade e se houvesse alguma entrevista era feita e depois entrava na parte final aquela rubrica que ia até ao fim.

28 **ID - O humor, encontra vantagens no modelo, que leva à aproximação, no espaço de emissão das notícias, de discurso sério, ao discurso humorística porque aumenta o contraste discursivo que serve a sátira. E para o jornalismo existem vantagens nesta aproximação e não só as desvantagens de que tanto se fala?**

29 SF – Sim sim havia, há aquela que eu referi, muitas vezes aquela equipa do Ricardo dava-nos um alfinete para eu picar a redação. Recordo muitas vezes nas reuniões de segunda-feira não é portanto no dia a seguir de manhã às 9 da manhã de dizer como é que é possível, isto não diz bem da nossa redação e das outras, isto ter passado por debaixo dos nossos olhos durante a semana e não houve uma peça com aquelas... aqueles transumanos que passavam ali por aquela Comissão...(parlamentar) eu estou-me a lembrar daquela, mas houve outras não é, esta do Novo Banco, a mais recente que eram mesmo os grandes credores que lá foram que não se lembravam de nada não é, como se fossem destituídos de tudo e portanto eu picava muito... desculpa lá ele está a fazer jornalismo ali, mas o que se passa... mas porque eu não tive uma peça e quem dizia eu dizia a SIC e a RTP como é que isto nos passou à frente, de toda a gente, como é que a gente trata num minuto e meio de forma normal uma coisa que acabou por acontecer ali e foi preciso... essa função existia, essa existia, mas havia uma outra que era mais subterrânea e mais interessante que é o facto de eles estarem ali dentro num ecossistema de redação, muitas vezes era o jornalista que dizia olha estive ali a ver uns brutos que mandaram está lá uma figura, isso não vai entrar na peça, portanto era um fundo era um pasto depois para eles não é porque a gente tinha, e isso era uma grande mais-valia para para o Ricardo, porque ele não tinha equipas no terreno a apanharem coisas então vivia numa redação inteira durante 6 dias da semana a apanhar tesourinhos que não usavam nas peças ou porque não tinham cabimento ou porque era mesmo descabido usar e para ele aquilo era uma maravilha era muito mais interessante do que estar apanhar só coisas na net não é ou só coisas... o que ele faz agora, vê-se que ele não é alimentado pela redação, que ele não tem material original captado pelas câmaras daquela redação, ele pica os canais vai apanhando o que está nas antenas não sei quê coisas na Internet está feito, mas essa vantagem era clara e era visível aliás e as pessoas adoravam fazer isso ainda pra mais ele era muito grato.

30 **ID - Será possível do teu ponto de vista conhecermos melhor um político se o virmos a ser entrevistado por um jornalista e por um humorista, vendo os dois programas podemos conhecer melhor o político ou o humor não acrescenta nada?**

31 SF – Eu aí não consigo ser cínico, quer num quer noutro eles preparam-se portanto aquela coisa descontraída aquele registo mais informal e não sei quê pode não ser genuíno, preparam-se claramente, e às vezes até se preparam da pior forma, que vão para um programa do Ricardo Araújo Pereira tentar ter gracinha é a mesma coisa que eu agora desafiar o João Félix para jogarmos futebol os dois um com o outro não faz... por muito que jogues ou que tenhas jeito para a bola, e eu acho que aquilo é um *acting*, como o é quando vão com a sua vestimenta oficial ser entrevistados por um pivot de jornal, desse ponto de vista o melhor para conhecer o político é conhecer a pessoa, não é conhecer o boneco que está ali nos diferentes formatos.... mas é um boneco à mesma... é um boneco à mesma salvo raras exceções mas isso é mesmo muito raro, o Soares era igual no estúdio ou fora do estúdio ou de certa forma o próprio Santana Lopes que, eu me lembro, foi o único que disse "desculpe lá mas eu vou sair daqui porque há um limite interromper uma conversa..." ele foi primeiro ministro interrompem uma conversa para fazer um direto da chegada do Mourinho ao Figo Maduro à 1 da manhã “estou aqui fiz... vou-me embora” isto é muito raro mas é muito espontâneo, tu conheces melhor a pessoa quando tem uma coisa destas que não está

programada que não foi preparada pelos seus assessores e responda assim ...e ria-se ali, quando ele disser isto, não sei quê, do que mesmo num programa como o do Ricardo porque estão muito nervosos... muito nervosos, eles quando vão para ali... é engraçado... aqueles que a gente recebe como diretores dezenas de vezes para ir aos jornais normais ou para os debates também institucionais da campanha vão aparentemente muito mais confortáveis do que quando vão a um programa como aquele que o Ricardo faz, isso é muito engraçado ... esse não é o território deles, mais uma razão para não considerarmos aquilo como o verdadeiro Ser ,porque como não é o território deles estão tudo menos à vontade porque não estão descontraídos... estão a desempenhar um papel.

32 **ID - O que conheciam os entrevistados das perguntas que lhes iriam ser colocadas nos programas de entrevista jornalística?**

33 **SF - Os convidados só sabiam dos temas, educação, economia, coesão territorial, etc, que iam ser questionados, não tinham evidentemente noção das perguntas que lhes iam ser feitas.**

Anexo J - Imagens do Cenário TPS

1- Entrevista a António Costa



2- Entrevista a Paulo Portas



3- Entrevista a Jerónimo de Sousa



4- Entrevista a Catarina Martins



Anexo K - Imagens do genérico TPS



Anexo L - Livro de Códigos para Análise das Peças de Perfil TPS

Sistema de Códigos

1	Duração
2	Conteúdo Visual
2.1	Imagem de Adversários Políticos
2.2	Imagem identificativa
2.3	Imagem Ilustrativa
2.4	Imagem espaços da esfera vida privada
2.5	Imagem de amigos
2.6	Imagem de familiares
2.7	Imagem de assistentes
2.8	Imagem de colegas c/ funções políticas
2.9	Imagem de colegas anterior profissão
2.10	Imagem do Líder
2.10.1	Em situação de entrevista
2.10.2	Em eventos políticos
2.10.3	Momentos hype
2.10.4	No exercício anterior profissão
2.10.5	Líder com familiares
3	Conteúdo Sonoro
3.1	Som ambiente
3.2	Música
3.3	Vozes
3.3.1	Adversários políticos
3.3.2	Colegas na política
3.3.3	Colegas na anterior profissão
3.3.4	Líderes políticos
3.3.5	Assistentes
3.3.6	Familiares
3.3.7	Jornalistas
3.3.8	Amigos
4	Conteúdo Verbal
4.1	Humilde
4.2	Rotineiro
4.3	Não pontual
4.4	Crítica adversários
4.5	Atitudes na política
4.6	Atitude Profissional
4.7	Auto avaliação
4.8	Interação familiar
4.9	Quando despertou para a política
4.10	Dados biográficos
4.11	Hobbies
4.12	Percurso político
4.13	Condição Social
4.14	Percurso profissional
4.15	Traços de personalidade
4.15.1	Maior deseabilidade social
4.15.1.1	Sincero
4.15.1.2	Amigo
4.15.1.3	Divertido
4.15.1.4	Teimoso
4.15.1.5	Sociável
4.15.1.6	Altruista
4.15.2	Maior Deseabilidade Intelectual
4.15.2.1	Corajoso
4.15.2.2	Motivado
4.15.2.3	Lutador
4.15.2.4	Responsável
4.15.2.5	Determinado

4.15.2.6. Organizado
4.15.2.7. Competente
4.15.2.8. Inteligente
4.16 Discurso Jornalístico
4.16.1 Avaliação
4.16.2 Expetativa

1 Duração

Tempo que dura cada reportagem

2 Conteúdo Visual

Descrição do conteúdo das imagens: quem está representado, o que está representado, que função tem a imagem

2.1 Conteúdo Visual\Imagem de Adversários Políticos

As imagens representam personalidades pertencentes a outros partidos que não aquele a que pertence o líder político

2.2 Conteúdo Visual\Imagem identificativa

São mostradas imagens de pessoas que integram o meio político do líder com o objetivo único de as identificar.

2.3 Conteúdo Visual\Imagem Ilustrativa

Imagens cuja função é ilustrar o texto verbal, como por exemplo o extrato de um filme, um cartune, etc.

2.4 Conteúdo Visual\Imagem espaços da esfera vida privada

Espaços ligados á esfera privada do líder - Exemplo: terra onde nasceu, casa de familiar, etc.

2.5 Conteúdo Visual\Imagem de amigos

Quando a imagem representa alguém que é identificado como amigo do líder

2.6 Conteúdo Visual\Imagem de familiares

Quando a imagem representa familiares do líder

2.7 Conteúdo Visual\Imagem de assistentes

Quando a imagem representa pessoas que integraram ou integraram o staff de apoio ao líder

2.8 Conteúdo Visual\Imagem de colegas c/ funções políticas

Quando a imagem representa um colega do líder que desempenha funções políticas

2.9 Conteúdo Visual\Imagem de colegas anterior profissão

Quando a imagem representada é a de um colega da profissão anterior ao desempenho da

política

2.10 Conteúdo Visual\Imagem do Líder

A imagem visível é a do próprio líder, sozinho ou acompanhado por outras pessoas

2.10.1 Conteúdo Visual\Imagem do Líder\Em situação de entrevista

O líder é representado em situação de entrevista- na imagem é visto a responder a questões que anteriormente lhe foram colocadas pelo jornalista

2.10.2 Conteúdo Visual\Imagem do líder\Em eventos políticos

O líder político aparece em eventos políticos: campanha, debate parlamentar, congressos. Nestas imagens não existem manifestações de apoio expressas através de palmas ou sons vocais. As imagens podem ser fotos ou imagens em movimento que representam o líder como participante no evento.

2.10.3 Conteúdo Visual\Imagem do Líder\Momentos hype

Momento de exaltação em que o líder político é apoiado recebendo palmas e ovação ou outras manifestações de apoio. A intensidade emocional destes momentos pode ser criada por música inserida no processo de montagem da peça.

2.10.4 Conteúdo Visual\Imagem do Líder\No exercício anterior profissão

O líder é mostrado em imagens, em movimento ou fotos, em situações relacionadas com o exercício da sua profissão antes de se ter dedicado à política.

2.10.5 Conteúdo Visual\Imagem do Líder\Líder com familiares

São exibidas imagens do líder acompanhado de familiares podem ser fotos ou imagens em movimento

3 Conteúdo Sonoro

Identificar sons audíveis na reportagem, vozes de pessoas, música ou o som ambiente das imagens

3.1 Conteúdo Sonoro\Som ambiente

Fenómenos extralinguísticos audíveis na peça, como palmas e outras manifestações de apoio ao líder

3.2 Conteúdo Sonoro\Música

Composição musical introduzida durante a montagem da peça

3.3 Conteúdo Sonoro\Vozes

Identificação dos participantes na peça que emitem opinião sobre líder político

3.3.1 Conteúdo Sonoro\Vozes\Adversários políticos

Quando o interveniente que fala é um adversário político do líder.

3.3.2 Conteúdo Sonoro\Vozes\Colegas na política

Pessoa apresentada como colega de partido do líder

3.3.3 Conteúdo Sonoro\Vozes\Colegas na anterior profissão

Convidados que trabalharam com o líder na profissão que exerceu antes de se dedicar à política

3.3.4 Conteúdo Sonoro\Vozes\Líderes políticos

A pessoa sobre a qual recai a construção do perfil e vai ser entrevistado no programa transmitido logo a seguir à peça.

Pode aparecer em entrevista gravada especificamente para a peça ou em registo anterior, como por exemplo, em declarações proferidas em congressos, no parlamento, etc.

3.3.5 Conteúdo Sonoro\Vozes\Assistentes

Pessoas que integram ou integraram o staff de apoio ao líder

3.3.6 Conteúdo Sonoro\Vozes\Familiares

Pessoas que têm com o líder uma relação familiar: filhos, mulher, mãe, etc.

3.3.7 Conteúdo Sonoro\Vozes\Jornalistas

O profissional identificado na peça como jornalista que elabora a reportagem

3.3.8 Conteúdo Sonoro\Vozes\Amigos

Pessoas relacionadas com o líder por laços de amizade e explicitada essa qualidade na peça

4 Conteúdo Verbal

Que expressa o conteúdo verbal do discurso da peça perfil sobre o líder

4.1 Conteúdo Verbal \Humilde

Pessoa humilde - possível definição do adjetivo “simples” utilizado explicitamente (Dicionário Porto Editora)

4.2 Conteúdo Verbal \Rotineiro

Descreve hábitos que o líder mantém regularmente

4.3 Conteúdo Verbal \Não pontual

Descrição indica que não cumpre os horários estabelecidos

4.4 Conteúdo Verbal \Crítica adversários

Os indicadores contêm um discurso, feito pelo líder, de ataque aos adversários políticos

4.5 Conteúdo Verbal \Atitudes na política

O comportamento descrito corresponde a uma atitude entendida à luz da psicologia social como um constructo hipotético - um comportamento inferido “sobre os processos psicológicos internos de um indivíduo, feita a partir da observação dos seus comportamentos, verbais e não verbais. (Lima e Correia, 2013 p. 202)

São inferidas a partir do discurso do entrevistado características do líder no exercício da política.

(Lima, M. L., & Corria, I. (2013). Atitudes: medida, estrutura e funções. Em J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia Social* (pp. 201- 244). Fundação Calouste Gulbenkian.)

4.6 Conteúdo Verbal \Atitude Profissional

Estão implícitas atitudes assumidas pelo líder face ao desempenho da profissão anterior à política

4.7 Conteúdo Verbal \Autoavaliação

Declarações proferidas pelo líder político que falam sobre si avaliando a sua prestação e contributo numa determinada situação

4.8 Conteúdo Verbal \Interação familiar

Indicadores contêm dados sobre familiares do líder e da forma como com eles se relaciona

4.9 Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política

Convidados descrevem características da personalidade do líder, quando jovem ou o meio em que estava inserido, e que revelavam ou potenciavam o seu interesse pela política.

4.10 Conteúdo Verbal \Dados biográficos

Indicadores contêm dados pessoais: idade, nº filhos, dados sobre os pais, onde nasceu e/ou vive, percurso académico, atividade que exerce ou exerceu profissionalmente

4.11 Conteúdo Verbal \Hobbies

Atividade favorita que serve de distração da atividade habitual que neste caso é o exercício da política

4.12 Conteúdo Verbal \Percurso político

Descrição da carreira política do líder. Jornalista ou convidados fornecem dados explícitos sobre o seu percurso político

4.13 Conteúdo Verbal \Condição Social

Os Indicadores revelam dados dos quais se pode inferir origens sociais do líder, no que diz respeito às capacidades económicas

4.14 Conteúdo Verbal \Percurso profissional

Os indicadores fornecem dados explícitos sobre o percurso profissional que iniciou antes de se dedicar à política

4.15 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade

Conjunto de características da personalidade de uma pessoa descritas e categorizadas de acordo com a teoria exposta no texto da tese. (4.2 Perfil dos Entrevistados)

4.15.1 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social

4.15.1.1 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sincero

O discurso indica que o líder é verdadeiro, espontâneo, diz o que pensa e o que sente

4.15.1.2 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Amigo

Indicadores exprimem afeição pelo líder, considerado um igual, um companheiro.

4.15.1.3 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Divertido

Alguém que é alegre, que sabe divertir-se, bem-disposto, tem humor

4.15.1.4 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Teimoso

O adjetivo teimoso é usado explicitamente

4.15.1.5 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável

Que vive bem em sociedade, aprecia e cultiva a vida social.

Na psicologia diz-se de um indivíduo extrovertido com necessidade de contato com os outros (Dicionário Porto Editora)

4.15.1.6 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Altruísta

Indicadores apontam a característica de forma explícita

4.15.2 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual

4.15.2.1 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Corajoso

Indicadores revelam atitude destemida, sem medo.

4.15.2.2 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Motivado

São descritas características revelam motivação para a política, como mostrar entusiasmo e vontade de participação

4.15.2.3 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Lutador

Os indicadores revelam a capacidade de luta por objetivos dos quais não desiste.

4.15.2.4 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Responsável

Traço atribuído a quem assume responsabilidades seja por comportamentos próprios ou pelos de outrem "que assume a responsabilidade; que se responsabiliza"
(Dicionário Porto Editora)

4.15.2.5 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Determinado

Indicadores contêm expressões reveladoras de exigências diretas, imperativas.

4.15.2.6 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Organizado

O líder é descrito explicitamente como alguém que tem capacidade de organização de trabalho

4.15.2.7 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente

Os indicadores revelam uma pessoa com capacidades adequadas à função que desempenha ou pretende desempenhar, como por exemplo "capacidades de liderança"

4.15.2.8 Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Inteligente

A descrição revela de forma explícita características intelectuais que são associadas por algumas correntes da psicologia cognitiva à inteligência.
Unsworth (2019) estuda as diferenças individuais da memória e evoca um conjunto de estudos que relacionam a memória com outras "habilidades cognitivas" entre elas a inteligência.

(Unsworth, N. (2019). Individual differences in long-term memory. *Psychological Bulletin*, 145, pp. 79-139. <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000176>)

4.16 Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico

Texto em que o locutor é o jornalista que elabora peça.

4.16.1 Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação

O discurso jornalístico é entendido como uma afirmação do próprio, fazendo avaliações sobre o líder ou situações que o envolvam.

4.16.2 Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Expetativa

O discurso do jornalista indica ao espectador que há alguma coisa a esperar do líder ou cria expectativa sobre o que vai ser dito, deixando no ar uma interrogação a necessitar de resposta.

Anexo M - Codificação Verbal das Peças de Perfil/TPS

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Inês Dentinho Antiga Jornalista de "O Independente"	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Atitudes na política	3	3	Portas jornalista sobre o PP político ele não precisava de mais nada para fazer inúmeras edições do Independente.
●	Paulo Portas entrevista arquivo	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	4	4	Poderia ser jornalista já fui advogado podia ter sido político sou e padre nunca tive esse chamamento.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política	5	5	A política e o jornalismo entraram cedo na vida de PP
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso profissional	5	5	aos 14 anos estreou-se como jornalista estagiário
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política	5	5	nos bancos de escola que partilhou com Pires de Lima não escondia as duas paixões.
●	Pires de Lima Amigo	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política	6	6	Era uma criança completamente normal muito energética com um talento enorme para escrever era o aluno do São João de Brito mais político.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico \Expetativa	7	7	À política juntou o jornalismo quem o acompanha há mais de duas décadas reconhece-lhe muitas qualidades e um defeito.
●	Secretária Pessoal	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Não pontual	8	8	Os atrasos é o pior é o mais difícil de gerir mas oiça está melhor tá melhor eu acho que ele chega lá.
●	Assessora	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade \Maior Desejabilidade Intelectual \Inteligente	9	9	A sua memória extraordinária faz com que ninguém se possa esquecer de nada.
●	Assessora	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Rotineiro	10	10	Ele continua a utilizar o papel e a escrever os discursos como fazia no independente como faz agora — sempre à mão.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso profissional	11	11	Um hábito que vem do Independente um semanário que fundou com Miguel Esteves Cardoso e onde os políticos eram o alvo principal
●	Inês Dentinho Antiga Jornalista de "O Independente"	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Atitude Profissional	12	12	Atirava à direita também atirava ao partido do táxi que era o CDS na altura que só tinha 4 deputados.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso político	13	13	O partido do táxi que lidera há 15 anos com duas interrupções com avanços e recuos foi deputado integrou os governos de

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						Durão Barroso e de Santana Lopes
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	13	13	mas um dos momentos mais marcantes foi vivido nesta legislatura a demissão que chamou de irrevogável.
●	Assunção Cristas Ministra CDS	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Responsável	14	14	Mas ele não foi orgulhoso ao ponto de não aceitar esse efeito negativo para si ainda que isso lhe custasse pessoalmente algum ónus do facto de ter voltado no fundo com a palavra atrás.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente	15	15	Um vendedor nato dos produtos nacionais, quem o diz é Pedro Reis antigo Presidente do AICEP que acompanhou Portas em várias viagens pelo mundo quer como ministro dos negócios estrangeiros quer como numero dois do executivo mas sempre com a pasta da diplomacia
●	Pres AICEP	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente	16	16	O Dr. PP quase que dá a ideia apesar de ser uma pessoa multifacetada que teve a vida toda a preparar-se para aquele momento e para aquele lugar.
●	Paulo Portas entrevista arquivo	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	17	17	Eu senti-me uma espécie de Oliveira da Figueira lembram-se daquele personagem do Tim-Tim que era um português que vendia tudo nos mercados externos.
●	Jornalista	PerfilPP/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	18	18	É um dos mais experientes políticos portugueses aos 52 anos vai a caminho da 24ª campanha eleitoral e aí entra em cena outro Paulo o “paulinho das feiras”.
●	Mãe	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política	3	3	ele despertou muito cedo para a política
●	Mãe	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	3	3	era um momento muito especial não só o meio familiar era um meio da oposição à ditadura como muito cedo ele começou a viajar comigo e ele começou a descobrir o que era a democracia.
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Dados biográficos	4	4	Mãe ligada ao sindicato dos jornalistas pai comunista de ascendência goesa
●	Mãe	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Quando despertou para a política	4	4	a política acompanhou-o desde o berço.

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Mãe	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente	5	5	Já em miúdo na escola ele de facto liderava sentia-se que ele estava sempre a cabeça das coisas.
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente	6	6	Chegou a organizar aos 12 anos uma ocupação da escola onde estudava contra o afastamento da diretora
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso político	6	6	pouco depois ingressa na JS pela mão de um amigo
●	Amigo	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Motivado	7	7	As pessoas acarinhavam-no bastante por causa do entusiasmo que ele tinha e da idade que ele tinha era de facto insólito que alguém tão jovem tivesse um entusiasmo e uma vontade de participar e de fazer militância política tão genuína
●	Amigo	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Inteligente	7	7	muito inteligente
●	Amigo	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Competente	7	7	muito preparada
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	8	8	Traços de personalidade que nem em casa dão tréguas.
●	Filha	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Lutador	9	9	Outro exemplo que é característica dele são os jogos de risco ele mesmo quando via que estava a perder ele ainda se esforçava mais para conseguir ganhar e efetivamente ganhava.
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Dados biográficos	10	10	Casou há 27 anos com Fernanda Tadeu com quem tem dois filhos.
●	Filho	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	11	11	A minha mãe diz muito isto que é a família tem que apoiar um político em casa e nisso a minha mãe eu acho que é incansável com o meu pai que a minha mãe deu a estrutura de casa que era preciso para ele se poder dedicar à política.
●	Filhos	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	13	16	Protetor Filha - Protetor preocupado Filho -Preocupado

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						Filha - Muito preocupado uma coisa habitual uma coisa habitual que é manda mensagens todos os dias ele pode estar seja aonde for mas manda sempre uma mensagem, nem que seja um <i>smile</i> falamos imenso por <i>smiles</i> .
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Teimoso	17	17	Teimoso por quem o conhece
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	17	17	de trato fácil garantem
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	17	17	tenta não levar a política para casa mesmo que seja difícil encontrar um escape.
●	Mãe	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Hobbies	18	20	Eu acho que cozinhar para ele é uma forma de se distender inclusivamente ele cozinha muito bem. Jorn - Tem alguma especialidade Mãe - OIhe tem várias mas as que eu gosto mais são os patês que ele faz pates ótimos e faz moquecas ótimas.
●	Jornalista	PerfilAC/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Expetativa	21	21	Resta saber que ingredientes usará para conquistar o país.
●	Catarina Martins discurso arquivo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Critica adversários	3	3	O governo cada dia que passa mais parece o Pinóquio.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Dados biográficos	4	4	Catarina Soares Martins tem 42 anos acabadinhos de fazer há dias nasceu no Porto vive em Gaia licenciada em línguas e literaturas modernas mestre e doutoranda em linguística era atriz e é a porta-voz do BE.
●	Catarina Martins discurso arquivo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	5	5	Eleições já!
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso político	6	6	Fez parte das listas do Bloco à Câmara do Porto em 2005 estreou-se como deputada em 2009 e

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	6	6	em apenas três anos chegou com João Semedo à liderança do partido.
●	João Teixeira Lopes Colega de Partido	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	7	7	Vejo na Catarina da altura muitas qualidades que hoje se estão a revelar a versatilidade, ela capaz de pensar e agir.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	8	8	Qualidades muito úteis para quem avança para o palco político
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso profissional	8	8	o outro o do teatro escolheu-o há muito quando andava no curso de direito em Coimbra e decidiu fazer dele a sua vida mudou-se então para o Porto e fundou a companhia “Visões Úteis”
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso profissional	9	9	Foi atriz foi diretora foi encenadora foi coprodutora foi tradutora foi autora
●	Colega Atriz	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	9	9	leva uma experiência de conhecimento não só da realidade do país nós trabalhamos em aldeias em prisões de norte a sul do país como por exemplo do rigor orçamental.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	10	10	A esquerda e as artes estão-lhe no sangue
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Dados biográficos	10	10	Os pais professores foram cooperantes e por isso fez a primária em São Tomé e Cabo Verde viveu em Aveiro e estudou em Coimbra.
●	Miguel Guedes Amigo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	11	11	Ela fez parte comigo de várias listas à associação académica impendia na Catarina uma capacidade de liderança
●	Miguel Guedes Amigo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Altruísta	11	11	sobretudo uma enorme vontade de fazer bem um belíssimo ser humano
●	Miguel Guedes Amigo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	11	11	uma capacidade acima da média de organização de trabalho.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Dados	12	12	casada com o ator Pedro Carreira e tem duas filhas de 9 e 13 anos.
●	Joao Teixeira Lopes	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Interação familiar	13	13	Toda a gente sabe que há dias intocáveis para as miúdas e para

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
						o marido.
●	Colega Atriz	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Divertido	14	14	Há um lado muito mais... que se calhar não chega às pessoas muito mais descontraído divertido é uma pessoa que aprecia imenso o humor.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Divertido	15	15	Fã dos Monty Python
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade	15	15	não tem medo das palavras.
●	Catarina Martins discurso arquivo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Critica adversários	16	18	<p>CM - O problema do debate político é que a sua palavra não vale nada.</p> <p>PPC - Senhora deputada apenas para dizer que dado o valor que a minha palavra tem para a senhora deputada eu creio que ela não estará à espera com certeza de nenhuma resposta.</p> <p>CM - Eu vejo que o senhor primeiro-ministro à falta de argumentos prefere ficar calado.</p>
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Lutador	19	19	O partido que lidera perdeu votos e figuras emblemáticas viu nascer movimentos de dissidentes, o LIVRE e o AGIR sofreu com o SYRIZA e no último congresso travou uma dura batalha interna com Pedro Filipe Soares do empate nasceu a solução
●	Catarina Martins discurso arquivo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	20	20	É de uma direção política em que estão representadas todas as moções através de uma comissão permanente de que eu sou a porta-voz temos hoje um bloco mais forte e mais unido.
●	Jornalista	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	21	21	pela frente umas eleições decisivas para o partido e para o país.
●	Catarina Martins discurso arquivo	PerfilCM/TPS	Conteúdo Verbal \Critica adversários	22	22	Já se sabe as eleições aproximam-se as palermices aumentam.

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	3	3	O ritmo nem sentado abranda o passo vem desde tenra idade nas festas da aldeia.
●	Vizinho	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	4	4	Umhas dezenas largas de bailaricos vinha mas entrava assim um pouco de raspão ainda porque ainda era muito novo.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	5	5	Mas com o passar dos anos apurou a técnica estas imagens da campanha presidencial em 1996 ficaram para a história.
●	Jerónimo de Sousa entrevista para peça	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	6	6	Filmaram na altura filmaram o Cavaco Silva o Jorge Sampaio e filmaram-me a mim não eram nada brilhantes a dançar contudo eram um bocado patudos passo o termo sem ofensa acabou só por ficar só por ficar a minha imagem.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Expetativa	7	7	Mas não são apenas estes os atributos de Jerónimo de Sousa.
●	Vizinho	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	8	8	Dança bem e fala bem
●	Vizinho	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de desejabilidade social\Sincero personalidade\Maior	8	8	diz aquilo que sente.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Expetativa	9	9	E quando se diz aquilo que se sente dos amigos mais próximos a emoção ganha ritmo próprio
●	Vizinho	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Amigo	10	10	O senhor Jerónimo de Sousa é a pessoa mais ilustre (voz embargada) desta zona é o meu vizinho... extraordinários
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	11	11	É aqui que vem passar algum tempo livre no grupo desportivo de Pirescoxe em Santa Iria da Azóia com os amigos de sempre.
●	Amigo1	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Amigo	12	12	É aqui o nosso divertimento é o cantinho dos velhos.

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Amigo 2	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Amigo	13	13	Ele é um belíssimo rapaz
●	Amigo2	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	13	13	dá-se muito com a rapaziada aqui
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Dados biográficos	14	14	É um dos sócios mais antigos o grupo tem a mesma idade que Jerónimo de Sousa nascido em 1947
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	14	14	aqui a política até pode estar na parede, mas nunca nas discussões à mesa.
●	Amigo 3	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior desejabilidade social\Sociável	15	15	Ele não mistura a política aqui com o jogo não nem fala nisso.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Condição Social	16	16	É na pacata aldeia de Pirescoxe que cresceu e fez vida e ainda aqui vive. Começou a trabalhar aos 14 anos e ainda hoje na AR está registado como afinador de máquinas
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	16	16	garante que essa ligação à realidade é a única via possível como político.
●	Jerónimo de Sousa Extrato de discurso em comício	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Autoavaliação	17	17	Nunca me desliguei da minha origem, nunca me desliguei dos problemas dos trabalhadores dos seus anseios.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Condição Social	18	18	Teve de deixar os estudos porque a família não tinha dinheiro para os livros ficou-se pelo terceiro ciclo de escolaridade
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso político	18	18	isso não o impediu de chegar a secretário-geral do PC cargo que ocupa há mais de 10 anos aderiu ao PCP logo depois do 25 de Abril foi deputado da Assembleia constituinte e desde então nunca mais largou a política.
●	Jerónimo de Sousa Extrato de discurso em comício	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Traços de personalidade\Maior Desejabilidade Intelectual\Lutador	19	19	Resistir já é vencer!

Cor	Intervenientes	Nome do documento	Código	§ Início	§ Fim	Segmentos Codificados
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Percurso político	20	20	Candidatou-se duas vezes à presidência da república em 1996 e em 2006...
●	Amigo1/jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	21	23	Amigo 1 - (conta cartas) 6, 7, 8...10, Jorn -...mas as próximas contas são as eleições legislativas... Amigo 3 - É pá aquele que fizer o cinco à frente é que ganha
●	Jornalista/Amigo 3	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Humilde	24	25	Jorn - E JS tem bom ou mau perder Amigo 3 -Não ele não ele é uma pessoa simples.
●	Jornalista	PerfilJrS/TPS	Conteúdo Verbal \Discurso Jornalístico\Avaliação	26	26	Uma jogada decisiva num momento em que o PCP pede uma rutura na política de austeridade e vai mais longe, diz que Portugal deve estudar a saída do Euro

Anexo N - Transcrição Peça de Perfil de AC/TPS

1	Transcrição Peça Perfil António Costa - 9/07/2015
2	(AC apaga velas, com símbolo do PS, são cantados <i>parabéns a você</i> acompanhados de palmas)
3	Mãe - O que lhe interessava era que o biberon chegasse a horas ele despertou muito cedo para a política até porque sabe também era um momento muito especial não só o meio familiar era um meio da oposição à ditadura como muito cedo ele começou a viajar comigo e ele começou a descobrir o que era a democracia.
4	Jorn - Mãe ligada ao sindicato dos jornalistas pai comunista de ascendência goesa a política acompanhou-o desde o berço.
5	Mãe - Já em miúdo na escola ele de facto liderava sentia-se que ele estava sempre a cabeça das coisas.
6	Jorn - Chegou a organizar aos 12 anos uma ocupação da escola onde estudava contra o afastamento da diretora pouco depois ingressa na JS pela mão de um amigo.
7	Amigo (Arons de Carvalho) - As pessoas acarinhavam-no bastante por causa da entusiasmo que ele tinha e da idade que ele tinha era de facto insólito que alguém tão jovem tivesse um entusiasmo e uma vontade de participar e de fazer militância política tão genuína e portanto ele era olhado como uma pessoa ao mesmo tempo muito inteligente muito preparada que teria seguramente um grande futuro se quisesse enveredar pela carreira política.
8	Jorn - Traços de personalidade que nem em casa dão tréguas.
9	Filha - Outro exemplo que é característica dele são os jogos de risco ele mesmo quando via que estava a perder ele ainda se esforçava mais para conseguir ganhar e efetivamente ganhava.
10	Jorn - Casou há 27 anos com Fernanda Tadeu com quem tem dois filhos.
11	Filho - A minha mãe diz muito isto que é a família tem que apoiar um político em casa e nisso a minha mãe eu acho que é incansável com o meu pai que a minha mãe deu a estrutura de casa que era preciso para ele se poder dedicar à política.
12	(Imagem: AC a ser ovacionado em ação política)
13	Filho -Protetor
14	Filha - Protetor preocupado
15	Filho -Preocupado
16	Filha - Muito preocupado uma coisa habitual uma coisa habitual que é manda mensagens todos os dias ele pode estar seja aonde for mas manda sempre uma mensagem, nem que seja um <i>smile</i> falamos imenso por <i>smiles</i> .
17	Jorn - Teimoso por quem o conhece mas de trato fácil garantem tenta não levar a política para casa mesmo que seja difícil encontrar um escape.
18	Mãe - Eu acho que cozinhar para ele é uma forma de se distender inclusivamente ele cozinha muito bem.
19	Jorn - Tem alguma especialidade
20	Mãe - Olhe tem várias mas as que eu gosto mais são os patês que ele faz faz <i>patês</i> ótimos e faz moquecas ótimas.
21	Jorn - Resta saber que ingredientes usará para conquistar o país.

Anexo O - Transcrição Peça de Perfil de PP/TPS

1	Transcrição Peça Perfil Paulo Portas - 03/09/2015
2	(imagens de PP a ser ovacionado em comício - foi incluída música (batida forte)
3	Ex-Jorn Independente (Inês Dentinho) -Portas jornalista sobre o PP político ele não precisava de mais nada para fazer inúmeras edições do Independente.
4	PP - Poderia ser jornalista já fui advogado podia ter sido político sou e padre nunca tive esse chamamento.
5	Jorn - A política e o jornalismo entraram cedo na vida de PP aos 14 anos estreou-se como jornalista estagiário nos bancos de escola que partilhou com Pires de Lima não escondia as duas paixões.
6	Amigo (Pires de Lima) - Era uma criança completamente normal muito energética com um talento enorme para escrever era o aluno do São João de Brito mais político.
7	Jorn - À política juntou o jornalismo quem o acompanha há mais de duas décadas reconhece-lhe muitas qualidades e um defeito.
8	Assistente pessoal - Os atrasos é o pior é o mais difícil de gerir mas oiça está melhor tá melhor eu acho que ele chega lá.
9	Assessora - A sua memória extraordinária faz com que ninguém se possa esquecer de nada.
10	Assessor - Ele continua a utilizar o papel e a escrever os discursos como fazia no independente como faz agora —sempre à mão.
11	Jorn - Um hábito que vem do Independente um semanário que fundou com Miguel Esteves Cardoso e onde os políticos eram o alvo principal
12	Ex-Jornalista Independente -(Inês Dentinho) Atirava á direita também atirava ao partido do táxi que era o CDS na altura que só tinha 4 deputados.
13	Jorn - O partido do táxi que lidera há 15 anos com duas interrupções com avanços e recuos foi deputado integrou os governos de Durão Barroso e de Santana Lopes mas um dos momentos mais marcantes foi vivido nesta legislatura a demissão que chamou de irrevogável.
14	Ministra CDS-PP (Assunção Cristas) - Mas ele não foi orgulhoso ao ponto de não aceitar esse efeito negativo para si ainda que isso lhe custasse pessoalmente algum ónus do facto de ter voltado no fundo com a palavra atrás.
15	Jorn - Um vendedor nato dos produtos nacionais, quem o diz é Pedro Reis antigo Presidente do AICEP que acompanhou Portas em várias viagens pelo mundo quer como ministro dos negócios estrangeiros quer como número dois do executivo mas sempre com a pasta da diplomacia económica.
16	Pedro Reis - O Dr. PP quase que dá a ideia apesar de ser uma pessoa multifacetada que teve a vida toda a preparar-se para aquele momento e para aquele lugar.
17	PP - Eu senti-me uma espécie de Oliveira da Figueira lembram-se daquele personagem do Tintim que era um português que vendia tudo nos mercados externos.
18	Jorn - É um dos mais experientes políticos portugueses aos 52 anos vai a caminho da 24 ° campanha eleitoral e aí entra em cena outro Paulo o “Paulinho das feiras”.

Anexo P - Transcrição Peça de Perfil de CM/TPS

1	Transcrição Peça Perfil Catarina Martins - 12/09/2015
2	(Imagens de campanha e música)
3	CM - O governo cada dia que passa mais parece o Pinóquio.
4	Jorn - Catarina Soares Martins tem 42 anos acabadinhos de fazer há dias nasceu no Porto vive em Gaia licenciada em línguas e literaturas modernas mestre e doutoranda em linguística era atriz e é a porta-voz do BE.
5	CM - Eleições já!
6	Jorn - Fez parte das listas do Bloco à Câmara do Porto em 2005 estreou-se como deputada em 2009 e em apenas três anos chegou com João Semedo à liderança do partido.
7	João Teixeira Lopes (BE) - Vejo na Catarina da altura muitas qualidades que hoje se estão a revelar a versatilidade, ela capaz de pensar e agir.
8	Jorn - Qualidades muito úteis para quem avança para o palco político o outro o do teatro escolheu-o há muito quando andava no curso de direito em Coimbra e decidiu fazer dele a sua vida mudou-se então para o Porto e fundou a companhia “Visões Úteis”.
9	Colega no grupo de teatro - Foi atriz foi diretora foi encenadora foi coprodutora foi tradutora foi autora leva uma experiência de conhecimento não só da realidade do país nós trabalhamos em aldeias em prisões de norte a sul do país como por exemplo do rigor orçamental.
10	Jorn - A esquerda e as artes estão-lhe no sangue. Os pais professores foram cooperantes e por isso fez a primária em São Tomé e Cabo Verde viveu em Aveiro e estudou em Coimbra.
11	Colega na UN (Miguel Guedes) - Ela fez parte comigo de várias listas à associação académica impendia na Catarina uma capacidade de liderança sobretudo uma enorme vontade de fazer bem um belíssimo ser humano e uma capacidade acima da média de organização de trabalho.
12	Jorn - É casada com o ator Pedro Carreira e tem duas filhas de 9 e 13 anos.
13	João Teixeira Lopes - Toda a gente sabe que há dias intocáveis para as miúdas e para o marido.
14	Colega no grupo de teatro - Há um lado muito mais... que se calhar não chega às pessoas muito mais descontraído divertido é uma pessoa que aprecia imenso o humor.
15	Jorn - Fã dos Monty Python não tem medo das palavras.
16	CM - O problema do debate político é que a sua palavra não vale nada.
17	PPC - Senhora deputada apenas para dizer que dado o valor que a minha palavra tem para a senhora deputada eu creio que ela não estará á espera com certeza de nenhuma resposta.
18	CM - Eu vejo que o senhor primeiro-ministro há falta de argumentos prefere ficar calado.
19	Jorn - O partido que lidera perdeu votos e figuras emblemáticas viu nascer movimentos de dissidentes, o LIVRE e o AGIR sofreu com o SYRIZA e no último congresso travou uma dura batalha interna com Pedro Filipe Soares do empate nasceu a solução
20	CM - É de uma direção política em que estão representadas todas as moções através de uma comissão permanente de que eu sou a porta-voz temos hoje um bloco mais forte e mais unido.
21	Jorn - Um bloco mais forte e mais unido e pela frente umas eleições decisivas para o partido e para o país.
22	CM - Já se sabe as eleições aproximam-se as palermices aumentam.
23	(imagens de comício com ovação)

Anexo Q - Transcrição Peça de Perfil de JrS/TPS

1	Transcrição Peça Perfil Jerónimo de Sousa -28/08/2015
2	(Imagens: JrS a dançar)
3	Jorn - O ritmo nem sentado abranda o passo vem desde tenra idade nas festas da aldeia.
4	Vizinho - Umas dezenas largas de bailaricos vinha mas entrava assim um pouco de raspão ainda porque ainda era muito novo.
5	Jorn - Mas com o passar dos anos apurou a técnica estas imagens da campanha presidencial em 1996 ficaram para a história.
6	JrS - Filmaram na altura filmaram o Cavaco Silva o Jorge Sampaio e filmaram-me a mim não eram nada brilhantes a dançar contudo eram um bocado patudos passo o termo sem ofensa acabou só por ficar só por ficar a minha imagem.
7	Jorn - Mas não são apenas estes os atributos de Jerónimo de Sousa.
8	Vizinho - Dança bem e fala bem e diz aquilo que sente.
9	Jorn - E quando se diz aquilo que se sente dos amigos mais próximos a emoção ganha ritmo próprio
10	Vizinho - O senhor Jerónimo de Sousa é a pessoa mais ilustre (voz embargada) desta zona é o meu vizinho... extraordinários
11	Jorn -É aqui que vem passar algum tempo livre no grupo desportivo de Pirescoxe em Santa Iria da Azóia com os amigos de sempre.
12	Amigo 1 - É aqui o nosso divertimento é o cantinho dos velhos.
13	Amigo 2 - Ele é um belíssimo rapaz dá-se muito com a rapaziada aqui
14	Jorn - É um dos sócios mais antigos o grupo tem a mesma idade que Jerónimo de Sousa nascido em 1947 aqui a política até pode estar na parede, mas nunca nas discussões à mesa.
15	Amigo 3 - Ele não mistura a política aqui com o jogo não nem fala nisso.
16	Jorn - É na pacata aldeia de Pirescoxe que cresceu e fez vida e ainda aqui vive. Começou a trabalhar aos 14 anos e ainda hoje na AR está registado como afinador de máquinas garante que essa ligação à realidade é a única via possível como político.
17	JrS - Nunca me desliguei da minha origem, nunca me desliguei dos problemas dos trabalhadores dos seus anseios.
18	Jorn - Teve de deixar os estudos porque a família não tinha dinheiro para os livros ficou-se pelo terceiro ciclo de escolaridade isso não o impediu de chegar a secretário-geral do PC cargo que ocupa há mais de 10 anos aderiu ao PCP logo depois do 25 de Abril foi deputado da Assembleia constituinte e desde então nunca mais largou a política.
19	JrS - Resistir já é vencer!
20	Jorn - Candidatou-se duas vezes à presidência da república em 1996 e em 2006...
21	Amigo 1 - (conta cartas) 6...10,
22	Jorn -...mas as próximas contas são as eleições legislativas...
23	Amigo 3 - É pá aquele que fizer o cinco à frente é que ganha
24	Jorn - E JS tem bom ou mau perder
25	Amigo 3 -Não ele não ele é uma pessoa simples.
26	Jorn - Uma jogada decisiva num momento em que o PCP pede uma rutura na política de austeridade e vai mais longe diz que Portugal deve estudar a saída do Euro
27	JrS - (Canta extrato de Grândola Vila Morena)

Anexo R - Transcrição da Entrevista TPS a António Costa

§	Texto
1	P1JS – Como sabe a sondagem da TVI dá-lhe uma vantagem de 5 pontos em relação à coligação mas ainda longe da maioria absoluta o que é uma vitória clara para si.
2	R1AC - Bom! Boa noite a todos queria em primeiro lugar dizer que os resultados desta sondagem são obviamente uma enorme responsabilidade perante aquilo que são os desafios e exigência da governação do país nas atuais circunstâncias eu tenho sido o mais claro possível quanto àquilo que é o nosso objetivo e àquilo que acho que é melhor para o país e que vejo aliás na sondagem corresponder à vontade que as pessoas têm de que exista uma maioria e esse resultado significa que temos que trabalhar mais temos que trabalhar melhor para ir ao encontro daquilo que as pessoas anseiam quer seja...
3	P2JS - Mas acredita na maioria absoluta acredita que a muito pouco tempo das eleições porque vamos ter o mês de Agosto e portanto estamos quase em cima das eleições acredita que vai conseguir chegar realmente a esse objetivo ou acha que será difícil.
4	R2AC - Bem! Não é uma questão de acreditar é uma questão de trabalhar para esse objetivo a sondagem é muito clara mais de 60% das pessoas desejam que haja uma maioria e a maioria possível é uma maioria do PS aquilo que é a nossa missão é de fazer o trabalho que nos falta fazer para merecermos a confiança de termos a maioria acho que esse é o trabalho que temos que fazer com a consciência que a maioria é uma condição necessária para a boa governação mas não é suficiente o país precisa de compromissos políticos alargados precisa de concertação social estratégica alargada e portanto a maioria não pode ser vista como autossuficiência mas pelo contrário tem de ser vista como uma condição e uma oportunidade para podermos fazer compromissos que são necessários fazer na sociedade portuguesa para vencermos esta crise que tem sido tão dura para as pessoas e na qual é preciso mobilizar o conjunto do país para podermos conseguir vencer e enfrentar.
5	P3JS - Vê mais esses compromissos à sua esquerda ou à sua direita.
6	R3AC - Os compromissos é com o conjunto da sociedade portuguesa nós temos de ter uma prioridade que é o relançamento da economia e apostar todos os poucos recursos que temos públicos e privados no objetivo do emprego que é o objetivo do emprego que devolve confiança e que cria condições para que a economia possa funcionar e para isso é necessário de facto uma grande aliança estratégica entre o Estado as empresas e os cidadãos tendo em vista enfrentar esta crise e podermos vencê-la.
7	P4JS - António Costa logo a seguir às eleições europeias no programa de uma estação concorrente o António Costa disse que nas legislativas e depois de uma vitória do Partido Socialista com o seu antecessor não poderemos ter uma vitória que sabe a pouco por isso eu lhe perguntava há pouco o que é uma vitória que não sabe a pouco.
8	R4AC - É a vitória que nos permita cumprir com os portugueses o programa que apresentamos nós temos um programa que é o nosso compromisso com os cidadãos e precisamos de uma vitória que nos dê as ferramentas necessárias para poder executar o programa.
9	JS - Que não saiba a pouco.
10	AC - Não que não saiba a pouco porque se souber a pouco aquilo que significa é que teremos menos condições para executar o programa e o país não precisa de acrescentar à crise económica à crise financeira à crise social a angustia que as famílias têm sobre a incerteza permanente em que viveram no sobressalto permanente que viveram ao longo destes quatro anos acrescentarmos agora uma crise política nós devemos fazer uma mudança política devemos construir uma alternativa que faça diferente que faça melhor mas que possa fazer para poder fazer a questão da maioria é importante e os portugueses aliás percebem-no bem são os portugueses que o dizem nessa sondagem...
11	P5JS - Dizem também que a haver uma maioria estável essa maioria deve ser feita entre si e as lideranças do PSD e do CDS de acordo com a nossa sondagem.
12	R5AC - De acordo com a vossa sondagem há 66% que dizem deve haver maioria e depois pergunta e se não houver maioria e aí o eleitorado divide-se deve haver uma coligação à esquerda deve haver uma coligação direita há uma coisa que eu tenho deixado muito claro o país o que nos pede é que mudemos de política e não é possível mudar de política com quem tem conduzido esta política se há algo que é

	<p>muito claro hoje na sociedade portuguesa é que as pessoas não querem mais a continuação deste governo e das suas políticas não querem continuação do PSD e do CDS não querem a continuação das suas lideranças na liderança do país por isso seria um contrassenso o Partido Socialista propor-se ganhar as eleições para prosseguir agora as políticas que as pessoas querem que sejam mudadas portanto aquilo que nós devemos...</p>
13	<p>P6JS- E não sendo possível um entendimento à esquerda por razões que tem desde logo a ver com o processo de integração europeia o AC admite governar em minoria tal como fez António Guterres em 1995 e depois na legislatura que se seguiu.</p>
14	<p>R6AC- Vamos lá ver! O ideal é que haja uma maioria para não estarmos nessa incerteza eu não vou estar aqui a fazer os 10 cenários possíveis devemos...</p>
15	<p>JS- Mas as pessoas precisam de saber com o que é que devem contar.</p>
16	<p>AC- Não as pessoas precisam de saber hoje o que é que nós nos propomos fazer e por isso nós ao longo destes meses fizemos um trabalho de grande rigor de apresentação de uma estratégia para a próxima década de um cenário macroeconómico que mediu bem quais são qual é a margem de manobra que temos na construção de um programa...</p>
17	<p>JS - Sim!</p>
18	<p>AC- ...não são palavras está impresso está escrito as pessoas podem guardar e daqui a um ano perguntar o que é que fez o que é que não fez porque é que fez porque é que não fez e agora precisam de saber outra coisa como é que nos propomos governar e aquilo que me compete falar com franqueza às pessoas é dizer qual é a melhor solução a melhor solução é das eleições não resultar em incerteza a única forma de não resultar em incerteza é termos maioria...</p>
19	<p>JS- Muito bem!</p>
20	<p>AC- ...temos além do mais um presidente da república em final de mandato que já veio dizer que não aceita um governo que não seja maioritário ora! Alguém no país deseja dar a vitória ao PS para o PS prosseguir as políticas do PSD e do CDS e participar no governo com o PSD e CDS para fazer o mesmo que está a ser feito isso não faz sentido quem quer continuidade destas políticas tem uma escolha vota na coligação de direita quem quer mudar também tem uma alternativa somos nós.</p>
21	<p>JS/PL António Costa vamos às perguntas dos nossos participantes atrás de mim está a dona (nome) muito bem a dona (nome) vem da Brandoa sustenta o filho desempregado de 41 anos a nora e os cinco netos vivem todos juntos ela recebe 550 euros de pensão mas já recebeu cerca de 800 antes dos cortes Dona (nome) qual é a sua pergunta para António Costa.</p>
22	<p>P7PL- Se o senhor doutor se governava sete pessoas com quinhentos e cinquenta euros como eu me governo crianças andam cinco na escola.</p>
23	<p>JS- Está compreendida a pergunta.</p>
24	<p>R7AC- A pergunta é muito clara espelha uma das realidades do que aconteceu ao longo destes 4 anos que ao contrário do que disse o primeiro-ministro não é verdade que as pessoas de mais baixos rendimentos não tenham sofrido cortes houve um corte em termos absolutos do valor quer do rendimento social de inserção quer do complemento solidário para idosos e houve cerca de 70 mil idosos porventura também a dona (nome) que perderam o direito ao complemento solidário para idosos que foi uma prestação social muito eficaz na redução da pobreza entre os mais idosos a redução que tivemos da pobreza entre os mais idosos entre 2005 e 2011 deveu-se fundamentalmente à eficácia do complemento solidário para idosos...</p>
25	<p>JS- Mas não vamos olhar para o passado...</p>
26	<p>AC- ... não e o futuro...</p>
27	<p>JS-...vamos olhar para o futuro.</p>
28	<p>AC- ...e o futuro significa o compromisso que nós assumimos de no aumento do rendimento disponível das famílias uma prioridade é já em 2016 o restabelecimento dos mínimos sociais que foram</p>

	<p>cortados os mínimos sociais nos abonos de família no rendimento social de inserção no complemento solidário para idosos e a criação de uma nova prestação social que se dirija às pessoas que tendo rendimento do trabalho vítimas da precariedade chegam ao final do ano com um rendimento inferior que os coloca abaixo do limiar da pobreza e não é aceitável um país onde quem trabalha faz os seus descontos paga os seus impostos viva abaixo do limiar da pobreza.</p>
29	<p>P8JS- E o PS tem dinheiro para isso.</p>
30	<p>R8AC- Nós como sabe levamos muitos meses a fazer um trabalho de avaliação das condições financeiras que tínhamos disponíveis fui criticado aliás durante vários meses por não assumir compromisso e disse em sucessivas entrevistas creio que até a si que não assumiríamos nenhum compromisso que não tivéssemos a certeza de poder cumprir por isso constituímos um grupo de economistas que fez um cenário que estudou e avaliou cada medida e o seu impacto e aquilo que nós nos comprometemos a fazer no programa do governo é o que resultou desse trabalho e no qual diz todas estas medidas são possíveis de adotar no calendário temos definido e o resultado final no final da legislatura é podermos cumprir as regras que vigoram no quadro da união europeia reduzir a dívida reduzir o défice aumentar o crescimento e aumentar o emprego se me pergunta se é possível fazer tudo o que gostávamos de fazer claro que não mas podemos fazer aquilo que estritamente nos comprometemos a fazer e um dos compromissos é este a reposição dos mínimos sociais.</p>
31	<p>JS/PL - Já iremos ver como é que a luz destas circunstâncias atuais em que tudo muda em 24 horas será possível ter realmente uma construção tão definitiva sobre matérias que envolvem dinheiro mas avanço para a pergunta do (nome) ele está aqui ao meu lado esquerdo tem 65 anos e reformou-se em 2012 não é verdade e com os cortes foi -lhe retirado o décimo terceiro mês de certa forma o doutor António Costa já respondeu agora em parte a sua pergunta mas vale a pena ouvi-la.</p>
32	<p>P9PL- Dr. António Costa se for primeiro-ministro sobre compromisso de honra o que é que vai fazer com a reforma dos pensionistas e mais se não cumprir a sua promessa é capaz de colocar a questão de se poder demitir.</p>
33	<p>R9AC- Ora bem! Para já podemos fazer uma combinação se a TVI estiver de acordo todos os anos podemos fazer um programa idêntico a este para avaliar o cumprimento e o não cumprimento dos compromissos que assumimos e que estão aqui escritos no programa do governo relativamente às pensões nós o que foi apresentado é o cumprimento escrupuloso daquilo que são as decisões do tribunal constitucional eliminar os cortes das pensões garantir que não há novos cortes aliás a grandes diferenças entre aquilo que nos propomos e aquilo que propõe atualmente o governo o governo propõe agora um novo corte nas pensões de 600 milhões de euros nós já dissemos que não acompanharemos o governo nessa medida e não faremos qualquer corte nas pensões e manter o corte e garantir que não há corte nas pensões é não só importante para quem é hoje pensionista é fundamental para todas as futuras gerações porque a sustentabilidade da Segurança Social não se garante pelo corte das pensões mas pela confiança na Segurança Social a confiança que eu tenho que os descontos que eu faço todos os meses para a Segurança Social vão dar direito a uma pensão é eu ver que a minha mãe que hoje já vive da sua pensão não tem cortes na pensão para a qual contribuiu e os meus filhos que começam agora a entrar no mercado de trabalho a confiança que tem que ter é que os descontos que vão fazer vão-lhes dar direito a uma pensão tal como os descontos que eu estou a fazer vão dar direito a uma pensão descontos que a minha mãe já fez lhe dão direito a pensão...</p>
34	<p>JS - António Costa deixe-me ponderar...</p>
35	<p>AC- ...e é esta cadeia de confiança esta corrente de confiança intergeracional que nós temos que assegurar porque aquilo que mais destruiu valor na Segurança Social foi o desemprego a diminuição das contribuições e foi isso que tem fragilizada Segurança Social e portanto a resposta para o futuro da Segurança Social não é cortar nas pensões quem hoje é pensionista ou quem vai ser pensionista amanhã a resposta é nós temos que aumentar a base contributiva da Segurança Social por um lado diversificando as fontes como nós propomos designadamente para o IRC designadamente com imposto sucessório designadamente com a taxa que penaliza a precariedade excessiva mas também aumentando o número de contribuintes porque se houver mais pessoas a contribuir aumenta a receita sem ter que aumentar o montante que cada um contribui para a Segurança Social.</p>
36	<p>P10JS- Deixe-me colocar-lhe esta questão que tem a ver com a sustentabilidade da Segurança Social não sendo possível criar 45000 empregos por ano como creio que é o seu objetivo ou uma criação de</p>

	emprego que se reflita numa larga contribuição para a Segurança Social com as pessoas a viverem muito mais tempo estamos a falar da demografia e com uma taxa de natalidade tão baixa quanto aquela que temos somos dos países europeus com a mais baixa taxa de natalidade como é que perante estas realidades está em condições de garantir que a Segurança Social está sustentável e que as pensões não precisarão de manter o atual nível de cortes que sofreram.
37	R10AC- Ora bem! O estudo que o conjunto de economistas fez está publicado já foi questionado o PSD dirigiu mesmo 29 perguntas foram todas respondidas e a partir daí não foi mais questionado e as contas estão lá feitas de qual é o impacto que as medidas têm do ponto de vista da ativação da economia e do ponto de vista de assegurar a sustentabilidade da Segurança Social nestes últimos anos só por via do aumento do desemprego da emigração e do aumento das prestações sociais com o subsídio de desemprego a segurança social perdeu oito mil milhões de euros e a forma de travar esta sangria é relançar a economia e criar emprego...
38	P11JS- Como é que recupera esses oito mil milhões de euros.
39	R11AC- Como sabe em 2007 Portugal fez a reforma mais profunda da Segurança Social que existiu na Europa e que ainda hoje é apresentada pela união europeia como exemplar em Maio último a união europeia fez o relatório do <i>Ageing report</i> sobre o futuro da nossa Segurança Social e veio dizer que retomando níveis normais de crescimento retomando níveis normais de emprego a nossa Segurança Social é sustentável portanto a solução não é cortar porque esse cortar dos rendimentos teria um efeito recessivo da nossa economia como teve no passado que foi uma das...
40	JS- Mas o António Costa está a introduzir muitos cortes na sua resposta...
41	AC- Não!
42	JS- Se a economia crescer tanto não é...
43	AC- Não!
44	JS- Se criarmos determinados milhares ...
45	AC- Mas ó Judite mas nós podemos...
46	JS- ...de empregos.
47	AC- ...nós temos que confrontar é qual é o cenário de nada fazer ou cenário de fazer o que nós propomos o cenário de nada fazer nós já conhecemos os cortes de quando o governo decidiu ir além da troika e cortou as pensões que tinha aliás prometido não cortar e que não estava previsto serem cortadas quando cortou os salários que prometeu não cortar e cortou teve um tal efeito recessivo na nossa economia que o prejuízo para a Segurança Social foi superior aos ganhos que teve se há coisa que nós hoje sabemos é que esta lógica de austeridade não resolve nem o problema da economia nem o problema das finanças públicas mas agrava a economia e não resolve o problema das finanças públicas...
48	P12JS- Mas como é que estando Portugal há uma década...
49	AC- ... e portanto...
50	JS- ... sem crescer e a média de crescimento da zona euro a começar pela Alemanha está no 1% a Alemanha de resto creio que nos últimos anos cresceu 0,9 como é que o AC garante aos portugueses que a economia portuguesa vai crescer mais de 2% que é o limiar mínimo para se conseguir criar emprego.
51	R12AC- O relatório do cenário macroeconómico descreve a trajetória do crescimento economia não cresce nem por arte mágica nem por discursos cresce em função da adequação das medidas de política económica e as medidas de política económica têm dois momentos tem momento de médio prazo estruturante que passa por investir na qualificação dos nossos recursos humanos e retomar educação de adultos e formação ao longo da vida apostar na inovação e modernização tecnológica das empresas fazer aquilo que o calçado o têxtil o agroalimentar fizeram ao longo das duas últimas décadas que é investirem na qualificação dos produtos para serem competitivos não pela redução do custo dos salários mas pelo aumento do valor do produto que produzem...

52	JS- Mas isso não se consegue de um dia para o outro.
53	AC- ...e simultaneamente ao mesmo tempo que temos estas políticas estruturantes e que tem um efeito de médio prazo e como diz não produzem efeitos do dia para a noite nós temos de ter as medidas de curto prazo e as medidas de curto prazo assentam em três vetores fundamentais que tem a ver com o aumento do rendimento disponível das famílias que tem a ver com a resolução da asfixia do financiamento das empresas e tem a ver com as medidas centradas na criação de emprego e é na atuação destes três vetores que nós conseguimos travar a depressão e relançar a economia numa trajetória que permita criar emprego e que permita começar a crescer e é a sequência destas medidas que estão previstas no cenário macroeconómico e que estão traduzidas nas medidas nas medidas de política neste programa do governo e portanto estes são os nossos objetivos vamos lá ver! e não são objetivos que eu defini lá em casa a falar com a minha mulher e com os meus filhos ou à mesa do café com um conjunto de amigos isto foi um trabalho muito sério e muito rigoroso que nenhum partido político até agora fez de reunir um conjunto de economistas de elevada competência e de reconhecido mérito e que estudaram quais são as margens de atuação que nós temos quais são as políticas melhores que podemos adotar para obter resultados por exemplo quando nós dizemos que é urgente baixar o IVA da restauração...
54	JS- Sim!
55	AC- ...não é só para aumentar a capacidade financeira das empresas de restauração é porque nós sabemos que a restauração é daqueles setores que tem capacidade para gerar em curto prazo milhares de postos de trabalho e foi dos setores onde mais postos de trabalho se perderam nos últimos anos...
56	JS/PL- A propósito do IVA da restauração...
57	AC- ...quando...
58	JS- ... vamos ouvir a pergunta porque é dirigida nesse sentido a pergunta do senhor Aníbal Pereira onde é que ele está ali muito bem o sr. Aníbal Pereira tem 69 anos é proprietário de um restaurante e tem precisamente uma pergunta sobre as suas circunstâncias pessoais e sobre o IVA para a restauração.
59	P13PL- Pois! Nos últimos anos já pus cerca de 30 mil euros na empresa para não ter que fechar a pergunta que eu faço é o senhor António Costa diz que na Grécia o IVA vai aumentar e o senhor diz que vai baixar IVA na restauração faz-me essa promessa.
60	R13AC- Não... isso é um compromisso... vamos lá ver! Não é uma promessa é um compromisso há bocado perguntou se eu dava a minha palavra... e eu já... é o meu compromisso de honra e eu já tive oportunidade de dizer que palavra dada é palavra honrada nós não escrevemos os compromissos para daqui a um ano me possam estar a dizer o senhor prometeu baixar o IVA e não baixou o IVA pior do que tudo esta quebra de relação de confiança entre os eleitos e os cidadãos mina a confiança das pessoas na democracia o primeiro grande contributo que o atual primeiro-ministro deu para a quebra de confiança no país foi ter começado por fazer no governo contrário do que tinha dito que fazia na oposição o nosso compromisso de reduzir o IVA da restauração de 23 para 13% é um compromisso que tem sido proposto em sucessivos debates de orçamento de estado que consta do nosso programa que consta do nosso cenário macroeconómico e vamos fazer por várias razões primeiro porque temos consciência dos milhares de restaurantes de pelo país fora fecharam as portas ao longo dos últimos anos temos bem consciência da dificuldade que os profissionais da restauração têm feito para procurar acomodar no seu próprio preço de forma a não fazer recair sobre o cliente o aumento do IVA e sobretudo porque nós definimos como prioridade das prioridades a criação de emprego e sabemos que o sector da restauração é um setor que pode gerar rapidamente milhares de postos de trabalho se esta redução existir é a mesma razão como por exemplo quando nós dizemos que investir na reabilitação urbana absolutamente prioritário é porque reanimar o setor da construção é igualmente essencial para absorver milhares de desempregados não sei se as pessoas têm noção só no sector da construção perderam-se 260 mil postos de trabalho nos últimos anos estamos a falar de uma população que obviamente é menos qualificada do que os jovens que temos dado muita atenção mas são as pessoas olhe da minha geração que não tiveram as mesmas oportunidades de estudar que tem bem consciência que vão ter que estar no mercado de trabalho mais anos do que tiveram as gerações que nos antecederam porque não podem estar condenadas a um desemprego perpétuo e é por isso que é necessário para além das medidas das políticas ativas de emprego específicas para os jovens e para os desempregados de longa duração ativar o conjunto de setores da economia que tem enorme potencial

	de criação de emprego como é a restauração como é a construção e portanto este compromisso não é só uma promessa para ser simpático é porque é uma medida que é essencial para nós podemos vencer a depressão econômica em que nós nos encontramos...
61	P14JS- Irá também baixar o IVA para a eletricidade que está nos 23%.
62	R14AC- Nós até agora em matéria de IVA só assumimos um compromisso concreto que tem a ver com o IVA da restauração desejamos obviamente que o conjunto da carga fiscal possa reduzir-se ao longo dos próximos anos porque temos agora o nível record de 37% de carga fiscal mas nós especificamos bem quais são os compromissos que assumimos a matéria fiscal os compromissos que assumimos no IVA tem a ver com IVA da restauração relativamente ao IRS eliminação nos próximos dois anos da sobretaxa do IRS e fazer a reforma dos escalões de forma aliviar a asfixia a que classe média tem sofrido em matéria de escalões de IRS.
63	P15JS- Já pode ser mais concreto em relação às mudanças dos escalões em sede IRS.
64	R15AC- ... nós o objetivo que temos é aumentar os escalões para melhorar a progressividade ou seja para quem ganha mais paga mais e quem ganha menos possa pagar menos não assumimos nenhum compromisso em concreto porquê porque para desenhar em concreto aquilo que são escalões sem que isso possa ter um efeito indesejável no conjunto da receita só trabalhando por dentro a partir da própria máquina fiscal e por isso só no governo é possível fazer esse desenho em concreto.
65	P16JS- Mas admite que as pessoas com rendimentos mais altos venham...
66	AC- Possam pagar mais...
67	JS- ...venham a pagar mais.
68	R16AC- Possam... admito que sim ó Judite vamos lá ver o seguinte nós temos que fazer umas escolhas e não podemos agradar a todos se eu quero que quem tem rendimentos mais baixos a classe média possa ser aliviada da carga fiscal que tem suportado ao longo destes últimos anos e simultaneamente eu não posso consentir que haja um novo desequilíbrio nas finanças públicas é evidente que eu tenho de ter também do mesmo tempo que tenho medidas que reduzem receita medidas que compensam essa redução de receita...
69	JS - Antes de passar ao próximo...
70	AC - ... seja por redução da despesa nuns casos seja noutros casos por aumento da receita sim e quando nós dizemos queremos aumentar a progressividade do IRS é que nós queremos que quem ganha mais pague mais e quem ganha menos pague menos ...
71	P17JS- O que é para si ganhar mais...
72	AC- ...é assim que fazemos maior justiça fiscal.
73	JS- ...o que é para o António Costa ganhar mais portanto quando admite que as pessoas com rendimentos mais altos paguem mais de IRS está a definir como baliza que valor.
74	R17AC- Não defino a baliza e não defino a baliza precisamente porquê insisto só a partir... só quem tem o domínio da máquina fiscal tem a informação fina que permite calibrar as alterações das taxas e dos escalões de forma que não dê um resultado desequilibrado ora a partir da oposição isso não se pode fazer com seriedade e rigor...
75	JS- Mas para si um rendimento alto...
76	AC- ...e portanto eu estaria aqui ...
77	JS- ... estamos a falar de que valor de 3 mil 4 mil euros mensais.
78	AC- ... e portanto eu estaria aqui estaria aqui a assumir um compromisso ou a criar uma ilusão que não quero criar aquilo que nós dizemos é connosco haverá a eliminação em dois anos da sobretaxa de IRS não vamos esperar pelo final da legislatura como propõe o governo em 2016 e 2017 acaba a sobretaxa de IRS e vamos fazer uma reforma dos escalões porque a alteração dos escalões foi aquilo que permitiu em 2012 fazer o famoso enorme aumento dos impostos sobre a classe média e hoje a classe média está

	a suportar uma maior carga fiscal direta no IRS está a suportar maiores encargos no serviço nacional de saúde com as taxas moderadoras está a suportar como menores apoios às bolsas para quem está a estudar designadamente no ensino superior está a suportar com o aumento dos custos de transportes públicos com aumento das rendas de casa portanto a classe média ao longo dos últimos 4 anos tem sido vitimada ...
79	JS- António Costa...
80	AC: ...e não há sociedade que se mantenha estável e equilibrada sem uma classe média que possa estar estável e equilibrada ...
81	JS- António Costa a primeira ...
82	AC- ...isso tem que ser uma prioridade nossa.
83	JS/PL - Muito bem! Ia dizer que a primeira pergunta mas não a próxima pergunta é de (nome) é a primeira numa área muito específica que tem a ver com a cobrança de dívidas o (nome) tem 46 anos está desempregado há dois confiou na companheira de quem está separado neste momento ela não pagou as dívidas e as finanças acabaram por executar a dívida deixando (nome) numa situação complicada (nome) boa noite vamos então a sua pergunta.
84	P18PL - Com certeza! É simples devido à situação económica que nos encontramos política e económica inclusive por causa desta questão da Grécia também se o senhor for eleito primeiro-ministro vai continuar com a política de cobrar as dívidas fiscais a todo o custo mesmo que para isso prejudique pessoas direta e indiretamente ligadas aos devedores e até inclusive as instituições bancárias que perdem como bem sabe os imóveis que dão garantia para os seus créditos.
85	R18AC - Vamos lá a ver! O cumprimento das obrigações fiscais é uma obrigação que tem que ser cumprida e o Estado tem que cobrar aquilo que é necessário fazer é que haja limites aquilo que tem que ser o grau de desumanização da atuação da máquina fiscal nós já propusemos por duas vezes e por duas vezes a maioria rejeitou a proposta na Assembleia da República de suspender as penhoras das casas de morada de família porque o direito à habitação é um direito fundamental e a casa de morada de família e onde as famílias habitam tem que ser um bem protegido e que portanto as finanças não devem penhorar por dívidas fiscais as casas de morada de família devem encontrar outras formas de obrigar os devedores a pagar mas não se pode pôr em causa o direito ao lar de uma família isso tem que ser preservado outra coisa que é inadmissível é a forma como tem sido transformadas em dívidas fiscais encargos de outra natureza por exemplo as dívidas das pessoas que passam sem pagar numa portagem de autoestrada claro que estamos obrigados a pagar mas é inaceitável que se utilize o mecanismo de dívidas fiscais que são dívidas ao país para cobrar dívidas que são dívidas privadas a uma empresa ainda que seja uma empresa concessionária nós não podemos usar e abusar das execuções fiscais para cobrar dívidas que não tem natureza fiscal não podemos fazer perdões fiscais mas temos que agir sempre com humanidade e se há algo que é absolutamente tem que ser sagrado na nossa sociedade é a proteção da casa de morada de família.
86	JS/PL - António Costa está respondido passamos para a (nome) vamos entrar numa área específica do ensino ela é presidente da Associação de professores de matemática é professora de matemática há 30 anos qual é a sua pergunta (nome).
87	P19PL - Bom sobre educação teria muitas perguntas a colocar mas vou colocar -lhe uma se o PS for governo vai manter as alterações curriculares introduzidas nesta legislatura onde em disciplinas como por exemplo o português ou matemática tinham programas recentes portugueses de 2009 matemática de 2007 onde essas alterações substituíram por exemplo os objetivos gerais de aprendizagem por metas que reduzem a aprendizagem a coisas quantificáveis empobrecendo portanto a aprendizagem e já agora se quando diz quando no programa do PS é dito que serão abolidos os exames nos primeiros anos e se refere apenas ao primeiro ciclo ou se também se referem ao 2º ciclo do ensino básico.
88	JS - Muito obrigada pela sua pergunta António Costa.
89	R19AC - Nós precisamos de estabilizar o nosso sistema de ensino e estabilizar a vida nas escolas eu tenho utilizado a expressão de que é preciso deixar as escolas respirar os profissionais da educação poderem respirar e que não podemos estar cada vez que muda um governo a recomeçar tudo de novo e a mudar tudo porque além do mais o percurso educativo de uma criança é muito extenso e ao longo

	<p>de todo esse percurso não pode estar sujeita a todas as reformas eu lembro-me sempre da minha própria experiência eu tinha 12 anos quando foi o 25 de Abril apanhei aqueles anos do PREC e as mudanças eram tantas que eu tive quatro anos seguidos o mesmo programa de história a minha mãe chegava a casa e dizia então o que que estudaste hoje este ano este ano é a revolução industrial e no ano a seguir outra vez a revolução industrial e ela dizia então e os gregos e os egípcios nunca entrava nos programas de história porque a instabilidade era permanente nós temos de estabilizar agora temos que ter objetivos muito claro a prioridade tem que ser a aprendizagem das crianças e não a avaliação para a exclusão uma das grandes causas nacionais que temos de assumir para as próximas décadas tem que ser o combate para o insucesso escolar isso implica um conjunto de medidas que não passam por ter exames no final do 1º ciclo mas passam por retomar a escola a tempo inteiro passam por generalizar até aos 3 anos de idade o pré-escolar passam por melhorar e enriquecer de novo curricularmente ensino básico passa por assegurar uma maior integração entre os diferentes níveis e valorizar o ensino secundário e diversificar o ensino secundário.</p>
90	JS - Essa é uma outra reforma então...
91	AC - Não grande parte em grande medida é retomar algo que estava a ser assimilado e cuja assimilação foi abruptamente interrompida por um preconceito ideológico do senhor ministro nós temos um ministro da educação que resolveu transformar as escolas no laboratório de aplicação das suas teorias pessoais foi assim na matemática foi assim no português introduziu um processo de rutura que é absolutamente inadmissível e nós temos que avaliar aquilo que foi feito temos que trabalhar ao nível do conselho nacional de educação e reconstruir o consenso em torno das grandes linhas da política educativa que tem que ter um objetivo fundamental combater o insucesso e ter ganhos na aprendizagem essa é grande mais-valia e que será a cada vez mais importante para as sociedade do futuro porque o conhecimento vai ser a chave da capacidade ...
92	JS/PL - António Costa vamos avançar...
93	AC - ... de enfrentar os desafios.
94	JS : ...com a pergunta da Cláudia Silva e neste momento eu peço respostas mais rápidas...
95	AC - Certo!
96	JS - ...porque estamos quase a chegar ao fim e ainda temos muitas perguntas para fazer Cláudia Silva é professora do ensino particular tem 47 anos foi dispensada ao abrigo da reforma curricular tem a seu cargo uma filha de 17 anos Cláudia a sua pergunta.
97	P20PL - Boa noite Dr. António costa a minha pergunta é a seguinte o que responde aos professores desempregados que lecionaram no ensino privado e no ensino público e que querem regressar à vida ativa dentro da área de habilitações e de qualificações.
98	R20AC -Bom! Há uma coisa que o país tem consciência e os professores também têm consciência é que com a evolução demográfica necessariamente nós vamos ter ao longo dos próximos anos décadas crescentemente menos alunos e crescentemente menos recursos do lado dos educadores mas neste momento ainda temos um enorme défice de qualificações no país porque ao contrário do que se tornou moda dizer não temos qualificação a mais o nosso grande défice estrutural comparativamente com os outros países da União Europeia é o mesmo nível das qualificações nós temos que investir na educação de adultos e nós temos que investir em que o ensino secundário atinja uma frequência uma conclusão 100% nós temos...
99	JS - Mas se bem compreendi a pergunta da Cláudia Silva é se muitos dos professores ou os professores que foram dispensados do sistema poderão vir a ser reintegrados poderão voltar a trabalhar.
100	AC - ...é o que eu estou a dizer para nós melhorarmos satisfazermos as necessidades que temos em matéria educativa na educação de adultos no secundário na melhoria da qualidade designadamente pelo retomarmos turmas com dimensões pedagogicamente adequadas e não turmas sobrelotadas como temos agora que visaram exclusivamente não uma melhoria da aprendizagem mas a eliminação de professores todos há aqui um conjunto de políticas que requerem necessariamente mais recursos humanos agora nós temos que ter a noção que simultaneamente temos que ir agindo a montante na formação e dimensionado a formação para aquilo que vai ser a evolução demográfica futura e também agindo na área da requalificação porque há também novas oportunidades de outras atividades

	designadamente os professores podem ser chamados a desempenhar dou-lhe um exemplo um dos maiores défices que existe hoje a nível europeu e em Portugal é na programação informática hoje há um esforço mundial Estados Unidos e toda a europa na criação de academias do código para a requalificação de professores licenciados ou não licenciados tendo em vista novas atividades só para termos uma noção se nós quisermos ter como é nossa ambição ter a média de recursos humanos na área da programação idêntica aos países nórdicos nós teríamos de formar nos próximos anos 70000 profissionais na área da programação e essa é uma enorme oportunidade que existe além do mais que Portugal tem sido motivo de interesse muitas empresas tecnológicas para se instalarem em Portugal de trabalharem em Portugal e que só não fazem mais por falta de recursos nessa área...,
101	JS - António Costa ...
102	AC -... e essa é uma área também de requalificação portanto entre aquilo que é necessário de investimento no ensino aquilo que é necessário fazer em matéria de qualificação há obviamente futuro em Portugal para quem se encontra nesta situação...
103	JS - António ...
104	AC - ... se me pergunta se tem emprego amanhã não lhe vou prometer que tenha emprego amanhã não posso fazer isso e não farei isso agora o que digo é que a visão que temos para o ensino o investimento que necessitamos de fazer no ensino o investimento que temos que fazer noutras áreas de atividade onde o saber que já tem é uma base excelente para a requalificação sim há oportunidades de futuro em Portugal.
105	JS/PL - António apelo a sua capacidade de síntese para as próximas respostas segue-se a pergunta da Mafalda Carvalho é uma jovem licenciada e creio que vai colocar o problema do desemprego nos jovens.
106	P21PL - Boa noite nós jovens temos apenas duas opções ou entramos neste sistema de estágios profissionais e somos realmente muito escravos ou emigramos a minha pergunta é de que forma pretende combater o desemprego jovem sem recorrer a estes estágios profissionais.
107	R21AC - Bem! O compromisso que nós assumimos é que vamos mobilizar todos os recursos que hoje existem quer nacionais quer da união europeia dirigidos à empregabilidade jovem para a criação de empregos efetivos e de qualidade e não a desperdiçar dinheiro em financiar sucessivos estágios que têm efeito na estatística mas que simplesmente alimentam e subsidiam a precariedade e combater a precariedade é algo que é absolutamente essencial nós fazermos porque a precariedade começa nos estágios passa para os recibos verdes continua nos contratos a prazo 90% dos contratos celebrados nos últimos anos foram contratos a prazo ...
108	P22JS - Mas qual é a alternativa do PS.
109	R22AC - ...e os contratos a prazo a alternativa que nós temos é por exemplo há verbas como a da garantia jovem que estão a ser desperdiçadas para fazer o quê para financiar estágios ou no setor público ou nas empresas para exercício de atividades que não são atividades provisórias mas que são atividades que são necessidades permanentes e portanto que deviam dar lugar a criação de um posto de trabalho efetivo e é isso que nós temos de fazer é por isso que nós propomos a redução muito significativa das condições para a celebração de contratos a prazo.
110	P23JS - Mas compromete-se com o número em termos de redução do desemprego entre os jovens.
111	R23AC - Não eu não me comprometo com um número eu não venho aqui prometer x postos de trabalho o estudo tem modelo econômico e tem que fixa que mobiliza os resultados obtidos o que eu assumo aqui compromissos é relativamente às políticas que vão ser adotadas e uma prioridade é a criação de emprego com qualidade e combate à precariedade e combate à precariedade passa por várias vias passa pela via da limitação do recurso aos contratos a prazo passa pela criação de uma taxa para a Segurança Social que penalize quem recorre excessivamente á precarização visa relativamente aos jovens dizer que todos os mecanismos financeiros de apoio às políticas ativas de emprego para os jovens não devem ser destinadas a soluções precárias mas a soluções definitivas propomos uma medida muito interessante...
112	JS - Tem de acabar...

113	AC - ... que designamos por contrato de gerações que é a possibilidade dos trabalhadores mais idosos poderem recorrer à reforma a tempo parcial não é a reforma antecipada é a reforma a tempo parcial como contrapartida da criação de um posto de trabalho efetivo para um jovem.
114	JS/PL - Vamos agora ouvir a pergunta (nome) sobre interioridade peço que seja uma pergunta muito direta o (nome) veio da Régua é o presidente da Confraria das Aldeias de Portugal tem 38 anos pergunta breve por favor.
115	P24PL - Doutor António Costa tendo em conta a desertificação galopante que vivemos em nosso país um desequilíbrio brutal a nível demográfico encerrando centro de saúde escolas farmácias hospitais portagens extremamente elevadas para o interior deste país que medida fundamental considera obrigatória para contrariar este paradigma.
116	JS - Que medida só uma António Costa.
117	R24AC – Eu acho que mais do que uma medida é necessário uma visão diferente nós temos de olhar deixar de olhar para as regiões de fronteira como interior como se fossem as traseiras do litoral e temos que passar a perceber que a partir do momento em que estamos na união europeia e em que deixamos de ter de viver de costas viradas para a Espanha essas regiões de fronteira não são as traseiras do litoral mas são as regiões que estão mais próximos do centro do coração do mercado ibérico a cidade mais desenvolvida toda a península ibérica é uma das cidades mais interiores da península que é Madrid porquê não porque não se assumiu como interior mas como se assumiu com uma centralidade do mercado ibérico e o que nós temos de fazer no conjunto das regiões fronteiras é transformar as regiões fronteira como uma centralidade para a nossa projeção no mercado ibérico e isso significa deixar de pensar de uma escala de 10 milhões e passarmos a pensar numa escala de 60 milhões e se nós passamos a ter esta visão diferente mais importante que a ligação de Vila Real ao Porto é a ligação de Vila Real a fronteira espanhola e a ligação que temos que fazer de criar um mercado ibérico único que possa fazer de todas essas regiões de fronteira polos ativos de desenvolvimento.
118	JS/PL - António Costa temos de passar a pergunta do (nome)
119	P25PL – Dr. António Costa boa noite eu há acerca de 7 ou 8 anos tinha médico de família porque entendi que é apenas devia recorrer ao serviço apenas quando efetivamente necessitasse acabei por perder tal serviço e fui excluído quando necessitei fui ao centro de saúde e fui informado que não tinha médico de família e a pergunta é muito simples é no sentido de saber sendo este um problema que afeta milhares de pessoas muitos idosos de pessoas carenciadas o que pensa fazer em concreto para resolver esta situação.
120	R25AC - Bem! O que nós a meta que nós assumimos é poder reconstituir para 500 mil pessoas nos próximos anos um médico de família e essa é uma carência essencial porque nós temos que perceber que fazer investimento nos cuidados primários é além do mais poupar recursos que estão a ser consumidos de uma forma mais dispendiosa por exemplo no sistema hospitalar todos nós nos lembramos o caos que tivemos nas urgências no Natal passado esse caos que tivemos nas urgências porque o sistema de cuidados primários não a reforma que que estava em curso de expansão dos cuidados de saúde primários foi travada por este governo e portanto as pessoas ficaram tão desprotegidas que acabam por ter que ir ao hospital quando podiam e deviam poder ser tratadas...
121	P26JS - Vai aumentar ...
122	AC ...nas unidades de saúde familiares.
123	JS -...o orçamento para a saúde.
124	R26AC - Nós temos uma meta que é a criação 100 unidade saúde familiar e esse é um programa que nós temos que retomar que é a forma aliás de ser inteligente porque estes cortes cegos que tivemos ao longo destes últimos anos verdadeiramente prejudicaram os utentes sem melhorar a qualidade do serviço e sem rentabilizar os equipamentos olhe eu semana passada visitei o hospital do litoral alentejano há uma enorme carência de camas para acolher pessoas nas unidades de cuidados intensivos naquele hospital há camas que estão disponíveis para na unidade de cuidados intensivos que não estão a ser aproveitadas porquê por falta de enfermeiros...
125	JS - Bom tem de terminar...

126	AC - ...e sabe porque é que nós não temos enfermeiros porque nós estamos a formar os enfermeiros para os exportar para a imigração e se for a Inglaterra hoje nos últimos anos na quintuplicaram há cinco vezes mais enfermeiros portugueses do que havia há quatro anos atrás...
127	JS/PL - António Costa...
128	AC -... e é isso que nós não podemos continuar a fazer.
129	JS - ...vamos avançar para a nossa pergunta de (nome) (nome) boa noite e entretanto peço à <i>regie</i> mais alguns minutos porque inevitavelmente teremos e falar da Grécia.
130	P27PL - Boa noite Dr. António Costa a minha pergunta é esta nós temos assistido e crescentemente ao longo sobretudo desta última legislatura a uma progressiva judicialização da política posso enumerar decisões várias do tribunal constitucional com reflexos político o caso da responsabilização penal de vários políticos de vários quadrantes o recurso às providências cautelares de forma cada vez mais inusitada e muito recentemente tivemos o tribunal de contas a pronunciar-se sobre duas privatizações bom a pergunta que faço é se isto não é ou não acha que poderá ser um fator inibidor da tomada de decisão por parte dos agentes políticos e se for se for em alguma medida como é que como candidato a chefe de governo se for eleito lidará com este fenómeno obrigado.
131	R27AC - Vamos lá ver! O estado de direito significa que o poder deixou de ser absoluto está sujeito ao respeito da lei da constituição quando o tribunal de contas fiscaliza uma operação de privatização cumpre a sua função e cumpre essa função no interesse de todos nós que é o interesse de que os bens públicos não são desbaratados quando os cidadãos têm direito a utilizar uma providência cautelar é porque é necessário que os cidadãos tenham direito para poder defender-se de uma agressão que se sentem vítimas por parte do poder público orgulho-me aliás de ter sido o ministro que fez a reforma da justiça administrativa que permitiu aos cidadãos terem direito a recorrer com maior facilidade às providências cautelares e os tribunais têm aliás sido muito prudentes porque têm sabido quando é que as conferem e quando é que as recusam assim como também o Tribunal Constitucional se é a função do Tribunal Constitucional é garantir que todos os poderes cumprem a lei fundamental que é a constituição e se há algo que podemos fazer de balanço ao final deste anos é que se o nosso estado a nossa economia não está pior devemos-lo ao Tribunal Constitucional porque foi graças ao Tribunal Constitucional ter chumbado algumas medidas como o corte das pensões ou como ter limitado o corte nos salários que permitiu não termos tido um efeito tão recessivo na nossa economia e já termos tido o ano passado um pequeno crescimento esse pequeno crescimento não se deve à política do governo deve-se precisamente ao facto do Tribunal Constitucional ter defendendo a constituição defendendo o princípio da confiança ter eliminado medidas que a serem adotadas ter-nos-iam conduzido a uma situação ainda pior.
132	P28JS - António Costa estamos com dois minutos de programa inevitavelmente eu terei de perguntar se considera...
133	AC – Eu por mim estou disponível para continuar.
134	JS – Eu sei eu sei se considera que José Sócrates antigo líder socialista antigo primeiro-ministro é um preso político.
135	R28AC – Olhe! Eu tenho... creio que é... deve ser a resposta que eu já mais vezes dei mas dá-la-ei tantas vezes quanto forem necessárias nós temos que ter uma separação muito clara entre aquilo que é a atuação da política e aquilo que é a atuação da justiça eu confio no nosso sistema de justiça na sua plenitude naquilo que dá autonomia ao Ministério Público para fazer investigação e aquilo que garante a todos os arguidos a presunção de inocência...
136	JS - Mas diga-me uma coisa um ex-primeiro-ministro...
137	AC - ...e acho que nós temos... e acho que nos temos que saber tanto respeitar a autonomia do Ministério Público para fazer o que entende dever fazer como respeitar o direito à presunção de inocência do cidadão José Sócrates ou de qualquer outro cidadão que até ser condenado com trânsito em julgado tem direito a reclamar a sua inocência e deve-o fazer se assim o entender.
138	P29JS - Tenciono visitá-lo mais vezes só foi uma vez.
139	AC - É verdade.

140	JS - E tenciona visitá-lo novamente.
141	R29AC - Neste momento não tenho previsto nenhuma outra visita.
142	P30JS - AC se Grécia entrar em colapso mantém as suas propostas ou será obrigado a revê-las.
143	R30AC - Bom! O que é essencial é trabalharmos todos para que não haja nenhum colapso na Grécia um colapso na Grécia será um colapso à escala europeia será um colapso que põe em causa um princípio fundamental da integridade do euro terá consequências como disse o presidente do Banco Central Europeu imprevisíveis e aquilo que todos os políticos responsáveis devem fazer seja governo o grego sejam as instituições europeias sejam os governos dos outros estados-membros é trabalharem para tudo ser possível para poder haver um acordo e devemos fazer o contrário do que o nosso governo tem feito que é todos os dias evoca um novo obstáculo para que haja acordo e nós temos todos os dias contribuir para construir uma solução eu fico muito satisfeito de ter podido participar na reunião dos outros líderes socialistas europeus que permitiram estabelecer um acordo entre todos de que é prioridade era recusar qualquer saída da Grécia e trabalhar para um acordo foi muito importante que isso tivesse acontecido...
144	P31JS - Se tivesse votado no referendo teria votado sim ou não.
145	R30(cont)AC - ...porque como se recorda como se recorda na véspera desta reunião tinha por exemplo o líder do SPD Alemão e vice-chanceler a ter uma posição diferente e foi possível mudar essa posição e temos hoje uma posição diferente construtiva e a Grécia também está a mudar as suas posições e também está a ter uma posição construtiva e é nessa posição construtiva que temos de trabalhar...
146	JS - A Grécia está a obrigada a ter mais austeridade.
147	AC - ...nós temos todos que partilhar partilhamos regras comuns que as temos que cumprir mas temos que saber cumprir com inteligência e nós portugueses com toda a franqueza somos talvez dos que estamos bem colocados para perceber como a forma desumana como muitas destas regras têm sido aplicadas tem efeitos desastrosos sobre o direito à habitação sobre o direito ao trabalho sobre o direito à saúde das pessoas...
148	P32JS - O António Costa se for primeiro-ministro vai lutar por melhores condições com os nossos parceiros europeus...
149	R32AC - Com certeza pois com certeza. Vamos lá a ver! Nós temos ...
150	JS - Vai aproveitar o caso grego para colocar em cima da mesa medidas de austeridade que nos foram fixadas.
151	AC - ...nós temos uma estratégia diferente da estratégia da Grécia nós fazemos parte de uma grande família política e temos definido e defendido que é um erro querer agir isoladamente contra todos temos de construir alianças ...
152	JS – Gostava que concluísse!
153	AC - ...criar blocos e agir em conjunto e temos de ter uma posição construtiva e o nosso plano A...
154	JS – Peço que conclua!
155	AC ... que apresentamos é cumprir as regras como elas estão mas sem desistir de fazer uma coisa que é essencial que é mudar as regras porque estas regras não favorecem Portugal não favorecem a economia portuguesa não favorecem as empresas portuguesas não favorecem as famílias portuguesas e temos que as mudar agora temos que o fazer de uma forma negociada sem ser numa base unilateral sem ser numa base de confronto porque como se vê na base do confronto tudo se torna mais difícil e por isso vamos cumprir as regras como plano A mas sem desistir de que as regras possam ser regras mais favoráveis aos interesses de Portugal é isso que nos compete.
156	JS - António Costa vou acompanhá-lo à saída do estúdio vamos avançando por favor ...
157	AC - Então boa noite muito obrigado.

158	P33JS – Muito Boa noite a todos e muito obrigada pela vossa participação António Costa só tenho uma última pergunta para lhe fazer vai convidar António José Seguro para deputado.
159	R33AC - Ele já deu indicações que deseja estar afastado da vida política e acho que nos cumpre respeitar essa sua vontade mas como é evidente ele é militante do partido socialista e contamos sempre com todos mas devemos também respeitar a vontade que tem de participar ao nível que entende que deve participar.

Anexo R1 - Temáticas das perguntas TPS a António Costa - Codificação

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§ no ANEXO R	Segmento
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Baixos rendimentos	P7PL	22	Se o senhor doutor se governava sete pessoas com quinhentos e cinquenta euros
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Baixos rendimentos	P9PL	32	o que é que vai fazer com a reforma dos pensionistas
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desemprego	P20PL	97	o que responde aos professores desempregados
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desemprego	P21PL	106	de que forma pretende combater o desemprego jovem
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desemprego	P22JS	108	Mas qual é a alternativa do PS.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desemprego	P23JS	110	Mas compromete-se com o número em termos de redução do desemprego entre os jovens.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desertificação	P24PL	115	tendo em conta a desertificação
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Educação	P19PL	87	vai manter as alterações curriculares introduzidas nesta legislatura (...) quando no programa do PS é dito que serão abolidos os exames nos primeiros anos e se refere apenas ao primeiro ciclo ou se também se referem ao 2º ciclo do ensino básico.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P13PL	59	vai baixar IVA na restauração
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P14JS	61	Irá também baixar o IVA para a eletricidade
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P15JS	63	pode ser mais concreto em relação às mudanças dos escalões em sede IRS.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P16JS	65 - 67	Mas admite que pessoas com rendimentos mais altos (...) venham a pagar mais
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P17JS	71	O que é para si ganhar mais...

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§ no ANEXO R	Segmento
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P18PL	84	vai continuar com a política de cobrar as dívidas fiscais a todo o custo
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Saúde	P25PL	119	eu acerca de 7 ou 8 anos tinha médico de família
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Policy\Saúde	P26JS	121-123	Vai aumentar ...o orçamento para a saúde.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Casos partidários	P28JS	134	considera que José Sócrates antigo líder socialista antigo primeiro-ministro é um preso político.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Casos partidários	P29JS	138 - 140	Tenciono visitá-lo mais vezes só foi uma vez.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Casos partidários	P33JS	158	vai convidar António José Seguro para deputado.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Exemplo grego	P30JS	142	se Grécia entrar em colapso mantém as suas propostas ou será obrigado a revê-las.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Exemplo grego	P31JS	144	Se tivesse votado no referendo teria votado sim ou não.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Exemplo grego	P32JS	148	Vai aproveitar o caso grego para colocar em cima da mesa medidas de austeridade que nos foram fixadas.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Financiamento promessas	P8JS	29	E o PS tem dinheiro para isso.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Financiamento promessas	P10JS	36	como é que perante estas realidades está em condições de garantir que a segurança social está sustentável e que as pensões não precisarão de manter o atual nível de cortes que sofreram.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Financiamento promessas	P11JS	38	Como é que recupera esses oito mil milhões de euros.
●	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Financiamento promessas	P12JS	50	como é que o AC garante aos portugueses que a

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§ no ANEXO R	Segmento
					economia portuguesa vai crescer mais de 2%
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P3JS	5	Vê mais esses compromissos à sua esquerda ou à sua direita.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P5JS	11	a haver uma maioria estável essa maioria deve ser feita entre si e as lideranças do PSD e do CDS
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P6JS	13	admite governar em minoria
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Relação entre poderes	P27PL	130	temos assistido e crescentemente ao longo sobretudo desta última legislatura a uma progressiva judicialização da política
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Expetativas	P1JS	1	o que é uma vitória clara para si.
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Expetativas	P2JS	3	acredita na maioria absoluta
•	AntCosta_entrevista9JulhoTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Expetativas	P4JS	7	o que é uma vitória que não sabe a pouco.

Anexo S - Transcrição da Entrevista TPS a Jerónimo de Sousa

§	Texto
1	P1JS - O Presidente da República defendeu hoje que o próximo governo terá de ser de coligação ou então será preciso um acordo de incidência parlamentar concorda ou discorda desta afirmação de Cavaco Silva.
2	R1JrS – Bom! Como é sabido o Presidente da República tem de ouvir o partido mais votado nas eleições e não é a Presidência da República mas a própria Assembleia da República conforme arrumação de forças conforme o posicionamento dos 230 deputados que vão ser eleitos que determinarão a solução nesse sentido o Presidente da República está claramente a exagerar nos seus poderes que a Constituição da República consagra de qualquer forma enfim deixemos os eleitores decidir e como digo são esses deputados eleitos os tais 230 deputados que através de entendimentos compromissos de maiorias que se formem que determinam o governo o seu programa e a sua própria composição.
3	P2JS - No caso da vitória do Partido Socialista sem maioria absoluta conforme indicam todas as sondagens e sendo a CDU a terceira força política em Portugal quais serão as suas responsabilidades está ou não o PCP disponível para dar a mão ao PS ou no governo ou no parlamento.
4	R2JrS - Bom! Essa imagem de dar a mão creio que não é digamos uma resposta de rigor o grande problema aqui é da parte do PCP da CDU nós afirmamos claramente que estamos preparados e prontos para assumir responsabilidades incluindo governativas se o povo assim o entender ou seja não pode nem será o PS mas em conformidade com a expressão da vontade popular que o PCP está pronto a assumir essa responsabilidade depois depois em relação à questão do estender a mão...
5	JS -Mas esclareça por favor responsabilidades governativas com o PS.
6	JrS – Não portanto a questão que nós colocamos é um governo e estamos a falar de governo um governo para quê e para quem entendimentos acordos portanto enfim compromissos diálogos isso sempre houve o grande problema é os conteúdos daquilo que com que se comprometem dos compromissos que assumem e quando nós dizemos para quê colocamos uma questão primeira e principal em relação a qualquer entendimento que é para realizar que política como é sabido na caracterização que o PC e a CDU fazem vai no sentido da necessidade de uma política alternativa que nós caracterizamos como uma política patriótica e de esquerda capaz de provocar uma rotura com este caminho de desastre que tem percorrido o nosso país durante estes últimos 39 anos...
7	JS - Nós conhecemos as propostas eleitorais do PCP mas só de há uma semana a esta parte é que o ouvimos dizer que o Partido Comunista português está preparado para ser governo e há pouco utilizou a expressão responsabilidades governativas estamos perante uma novidade.
8	JrS - Eu não diria tanto sabe Judite é que muitas vezes a nossa intervenção que depois portanto tem reportagens nas televisões muitas vezes aspetos que eu considero importantes são subestimados não passam e...
9	JS - Mas essa afirmação é marcante.
10	JrS - Eu quero dizer-lhe com toda a sinceridade que esta informação não era nova não é nova mas de qualquer forma ainda bem que passou porque clarifica quando alguns procuram definir o PCP a CDU como mera força de protesto não é não é enfim quando nós dizemos que temos uma proposta alternativa um programa que claramente procura responder a esta questão porque o nosso ponto de vista estas eleições colocam um dilema que é a escolha de dois caminhos ou a continuidade daquilo que tem sido feito até agora ao longo destes 39 anos ou uma mudança de rumo que procure com essa política resolver os problemas nacionais.
11	JS – Sr. Jerónimo de Sousa nesta linha de pensamento político temos a primeira pergunta dos nossos estudantes são estudantes universitários de várias instituições do ensino superior do país de norte ao sul primeira pergunta é da Beatriz Candeias que tem 21 anos e estuda Ciências da Comunicação na UNL.
12	P3PL -Não acha que o PCP ao negar qualquer tipo de acordo com o PS será responsável pela direita no poder.
13	R3JrS – Bom! Você não se lembra mas eu quero dizer-lhe tendo em conta que já ando nisto há muitos anos o Partido Socialista sempre mas sempre fez entendimentos com a direita em minoria com maioria absoluta em todas as circunstâncias formando governo PS/PSD formando governo PS/CDS formando

	portanto enfim o governo sozinho mas com o apoio do PSD particularmente e até do CDS nunca não é o PCP que empurra o Partido Socialista para a direita o PS livremente tem encetado esse caminho realizando políticas que nós classificamos políticas de direita...
14	JS –Sr. Jerónimo de Sousa deixe-me replicar esta pergunta da Beatriz...
15	JrS - Á vontade
16	JS - ...há dias o secretário-geral do PS disse que não faria qualquer entendimento com a coligação com o PSD e CDS nem que viessem os marcianos de certa forma isto é contraditória com aquilo que acaba de dizer.
17	JrS – Eu creio que expressão não foi bem essa portanto admitiu que só se viessem os marcianos...
18	JS - Vai dar ao mesmo
19	JrS - ... e portanto quando aqui lembrei o passado...
20	JS - Mas isso não aproxima o PS do PCP esta expressão não aproxima o PS do PC
21	JrS - Ó Judite eu gostaria de falar com uma grande franqueza da parte do PCP nunca há recusa para um diálogo franco sincero da nossa parte nunca houve problema designadamente na Assembleia da República quando estavam em causa iniciativas legislativas positivas para o nosso povo para o nosso país nunca lá faltou o voto do PCP nunca agora não podem exigir e esta é que é a contradição que um partido que se afirma de esquerda em relação a políticas concretas eu não estou aqui enfim porque simpatizo mais com o Costa ou com o Seguro ou com este ou com aquele não o problema não é de pessoas o problema é de políticas quando a direita o PSD e CDS querem as privatizações a todo o vapor rapidamente e em força o PS diz não só se forem devagarinho mas no fundo privatizações o PSD e o CDS...
22	JS - A saída da Zona a saída da Zona Euro não é que é outro ponto de divergência.
23	JrS - ...o PSD e CDS não querem renegociar portanto a dívida que é um problema central vocês um dia daqui a uns anos vão perceber melhor aquilo que eu vou dizer que um problema central que nos está a sufocar uma dívida insustentável o serviço da dívida impossível a resposta do PS é idêntica à do PSD em relação à Zona Euro...
24	JS - Mas o Sr. Jerónimo Sousa registamos a sua afirmação e eu vou dar já a possibilidade de João Lopes um outro estudante lhe dirigir uma pergunta registamos a sua afirmação de que não será por falta de apoio do PCP no parlamento que o PS terá dificuldades no caminho se vencer as eleições...
25	JrS - Um acrescente fundamental o PCP não faltará a uma política patriótica e de esquerda.
26	JS – Vamos a pergunta de João Lopes ele tem 21 anos estuda gestão na UCP.
27	P4PL - No programa eleitoral do Partido Comunista podemos ver medidas como aumento do salário mínimo a reposição de salários e das pensões o aumento do investimento público onde é que nós vamos buscar o financiamento para essas medidas.
28	R4JrS – Muito bem! Bem perguntado a nossa resposta é clara e estávamos a falar precisamente de um problema que poderia libertar verbas para resolver esse e outros problemas a questão da renegociação da dívida nós não temos só uma dívida insustentável temos um serviço da dívida como saberá por exemplo vamos ter pagar só este ano 10000 milhões de euros pelo serviço da dívida não é para abater a dívida ora imagine um processo de renegociação que reduzisse o peso da dívida que fossem encontradas soluções para reduzir esse pagamento e serviço da dívida e nós conseguíamos a libertação pela nossa proposta de uns milhares de milhões de euros que podiam ir para o investimento vai-me dizer bom mas os credores não querem pois é verdade que não querem e nós que fazemos perante este problema que temos que resolver a bem ou mal...
29	P5JS - O PCP não retirou lições de experiência grega...
30	JrS – Ai tirou tirou

31	JS - ...em que um governo de esquerda promete durante a campanha menos austeridade também a renegociação da dívida e quando chega ao poder e confrontado em Bruxelas com os credores vê-se impossibilitado de executar essas promessas eleitorais.
32	R5JrS – Aquilo que a situação na Grécia demonstrou é que o PCP tinha razão na sua análise ou seja em primeiro lugar um elemento que procura ser escondido é que venderam em Portugal a ideia de uma Europa uma união europeia de coesão económica e social e solidária aquilo que aconteceu na Grécia foi de facto uma união europeia conjuntamente com o fundo monetário internacional a usarem um papel de chantagistas sobre um povo sobre um país qual solidariedade qual coesão portanto carapuça não obrigar aquele povo à humilhação de joelhos agora é evidente que isto não pode calar impreparação e a falta de coragem política por parte do governo grego que enfim muitas vezes até substituindo pela semântica questões como em vez da troika instituições de ir de peito feito sem sem a sustentação necessária o estudo a preparação para um enfrentamento levou a que primeiro recorressem aquela questão do referendo e corajoso povo grego que deu uma resposta significativa dizendo que não aquilo que estava em curso a leitura do....
33	JS -Os gregos em referendo acabaram por dizer que preferiam continuar na zona euro do que sair do Euro e voltar a uma moeda própria.
34	JrS - Sim mas isso não esteve em cima da mesa era a questão do terceira resgate e as condições draconianas que queriam impor ao povo grego...
35	JS - E o terceiro resgate acabou mesmo para por avançar.
36	JrS – Sim porque naturalmente o governo que tinha prometido tanto depois faltou-lhe essa coragem essa capacidade política de um governo que não estava preparado incluindo para a questão de ficar ou sair do Euro não estava como nós verificamos é uma questão demasiado complexa é uma questão que exige tal como a nossa proposta estudo preparação porque se formos apenas para a ideia do ato súbito de que enfim isto vai ao racha não resulta assim tem que ser um processo e por isso mesmo é que o PCP tinha razão em primeiro lugar na caracterização que faz da União Europeia hoje está claro enfim ao serviço de quem está essa instituição de qualquer forma verificou-se com certeza reparou contradições entre o Fundo Monetário Internacional e a União Europeia pela primeira vez o FMI fala em renegociação da dívida...
37	JS – Mas não em perdão da dívida.
38	JrS - Sim mas nós defendemos a renegociação da dívida não falamos em perdão o FMI não está a pensar como nós mas a admissibilidade dessa questão é um avanço de quilómetros quando o PCP aqui há 4 anos anunciou isso antes da aplicação do pacto de agressão enfim muitos consideraram quase uma heresia uma heresia olha lá está o PCP...
39	JS – Pacto de agressão está a falar do chamado resgate.
40	JrS - Do chamado memorando de entendimento que durante estes quatro anos veio infernizar a vida aos portugueses...
41	JS - Sr. Jerónimo Porque estávamos numa situação de pré-banca rota mas vamos à pergunta do Sebastião Bugalho que tem 19 anos e que frequenta o IEP-UCL.
42	P6PL - Eu queria perguntar no programa do PCP é proposta a renegociação da dívida mas também é proposta o rompimento com os credores a pergunta é como é que eu negoceio com quem pretende romper.
43	R6JrS - Não encontra portanto a expressão vai perdoar-me mas não encontra a expressão de rompimento o que quando nós falamos na rotura com esta política de direita se queremos de facto uma renegociação obviamente não queremos romper com os credores o que nós consideramos é que a nossa proposta tem de ser conduzida pelo estado português pelo governo naturalmente fazemos uma outra proposta que é esquecida muitas vezes que é um processo em que Portugal não pode entrar isoladamente nós consideramos da importância de uma conferência intergovernamental que convoque que envolva a Itália a Espanha a Grécia a Irlanda Portugal países que estão na mesma situação que nós e esta nossa proposta aliás tem vindo a ter reconhecimento e quando alguns consideram que isto é uma aventura eu lembro aqui há alguns meses atrás 74 personalidades portuguesas insuspeitas...

44	JS - Está a falar do manifesto...
45	JrS - Do manifesto portanto enfim nomes de diversos quadrantes políticos e ideológicos que colocaram a questão da renegociação da dívida...
46	JS - Mas esses países que enuncia tem situações muito diferentes e a Irlanda foi de resto o primeiro país a sair de uma intervenção e o problema que teve limitou-se digamos assim ao sistema bancário portanto os problemas são desiguais a nível dos países que acabaram por ser intervencionados e que tem uma situação econômica difícil Sr. Jerónimo de Sousa a pergunta seguinte é da Ana Luísa Silva ela tem 22 anos estuda psicologia na UCB
47	P7PL - Boa noite a minha pergunta é como é que se inverte o desemprego jovem e como é que me explica que esse problema não consta do programa eleitoral do PCP
48	R7JrS – Bom! Eu quando chegar ao fim se a Ana permite vou-lhe dar o programa eleitoral que verificará que uma leitura mais aprofundada tem resposta a essa preocupação e propostas para resolver esse problema mas isto não invalida que lhe diga portanto a si que para nós os problemas da juventude são é um problema transversal a toda a sociedade que tem mais incidência nos jovens particularmente em relação ao desemprego hoje em Portugal existe 30% de desemprego juvenil não contando com aqueles trabalhadores com vínculo precário não contando desse meio milhão de portugueses que emigraram 70% tem menos de 35 anos mas em relação a solução não basta constatar mas é importante constatar que muitas vezes isso é escondido dos portugueses que a grande solução a grande questão está numa proposta central eu diria mesmo a pedra angular do nosso programa nós precisamos de criar mais riqueza e distribuí-la melhor e criar mais riqueza através do aumento do nosso aparelho produtivo e da nossa produção nacional só criando mais riqueza só criando mais aparelho produtivo só criando mais produção é que nos encontramos a solução para criar mais empregos não é portanto lançar número estatísticas para o ar não objetivamente sim ou não se Portugal tiver esse crescimento e esse desenvolvimento econômico se existir condições para uma outra política de pescas uma outra política para a nossa agricultura uma reindustrialização do nosso país aproveitar as potencialidades dos nossos recursos naturais nós não somos um país pobre em termos de recursos designadamente o mar com toda a envolvimento não estamos só a pensar na pesca..
49	JS – Sr. Jerónimo de Sousa permita-me interrompê-lo...
50	JrS - ...mas dizer que em relação aos jovens nós consideramos que o seu futuro passará muito pela capacidade de aumentarmos a nossa produção a nossa produção nacional e simultaneamente combater os efeitos desta política desgraçada porque os jovens são as primeiras vítimas desta política os salários...
51	P8JS - Mas isso todos os partidos políticos que concorrem às eleições defendem o crescimento econômico o aumento da riqueza nacional qual é a linha de diferenciação do PCP.
52	R8JrS - A diferença é que todos estamos de acordo que precisamos de libertar meios para esse investimento isto não significa que recusemos o investimento privado não é isso também é preciso investimento privado mas um investimento privado que não seja aquele investimento em que chegam aqui compram uma empresa que dá lucro por exemplo os CTT dava 50 milhões de euros de lucro entregaram ao capital estrangeiro os lucros que davam e que eram para o Estado neste momento vão para as mãos estrangeira e nem fica cá no país porque naturalmente tendo em conta que o investidor e estrangeiro não vem criar um posto de trabalho não vem criar uma nova empresa não vem criar portanto mais fatores de aumento de produção já cá estava tudo e agora o que é transferido é apenas lucros um exemplo concreto mas outros poderíamos dar nós consideramos por exemplo..
53	JS - Eu tenho que avançar com a pergunta seguinte dos jovens universitários...
54	JrS - ...esta questão por exemplo da carga fiscal nós fomos sujeitos à mais brutal carga fiscal existente no Portugal democrático e nós consideramos que é preciso outra política fiscal como fazendo pagar a quem mais tem fazendo pagar menos a quem menos tem um principio fundamental onde nos lucros nos dividendos nas grandes fortunas em relação aos grupos econômicos sim ou não é possível...
55	P9JS – E nas famílias também e nas famílias com maiores rendimentos também.
56	R9JrS - Quando digo maiores rendimentos estou a falar de grandes fortunas obviamente que os setores de camadas médias de pessoas que tem salários rendimentos decentes já pagam bem...

57	JS - A partir de que valor a partir de que valor é que o PCP fala em grandes fortunas
58	JrS - Com certeza nunca é em centenas de milhares contos com certeza que é em milhões de contos...
59	JS – De euros
60	JrS -... de euros, perdão...
61	JS -Mas por exemplo a partir de um milhão de euros.
62	JrS - Nós não quantificamos exatamente é evidente que tem que ser o orçamento de estado futuro a definir uma proposta desta natureza mas não se preocupe que a nossa proposta não é como a do PSD e do CDS que mesmo em relação a setores e camadas que por razões de mérito por razões da sua própria vida tem uma situação desafogada não é nesses que estamos a pensar porque esses pagaram também...
63	JS - Está a referir-se à classe média portuguesa.
64	JrS - Sim vá lá essa camada média que também pagou duramente em termos de impostos mas simultaneamente os grupos económicos os grupos financeiros esses que foram responsáveis tiveram uma quota-parte responsável pela crise que vivemos expliquem-me lá estudantes futuros doutores como é que se entende que só para o BPN os portugueses tenham pago 6000 milhões de euros não há dinheiro para manter a TAP pública não há dinheiro para o salário mínimo nacional não há dinheiro para acudir à saúde à educação nunca há dinheiro e reparem eu estou a falar só de um banco vamos ver agora o Novo Banco...
65	P10JS - Sobre o Novo Banco já agora tenho uma pergunta para si qual é a posição do PCP relativamente aos lesados do Banco Espírito Santo que praticamente todos os dias se manifestam reivindicando os seus depósitos e inclusivamente hoje assistimos a incidentes graves com 2 feridos qual é a posição do PCP sobre isso.
66	R10JrS - O PCP foi clarificando a sua posição em conformidade com o desenvolvimento relativamente do inquérito feito ao BES por iniciativa nossa e esta questão dos lesados eu creio que é importante aqui uma esclarecimento em relação aos lesados do papel comercial adquiriram produtos das empresas do grupo não do banco enquanto que os emigrantes digamos tinham produtos do próprio banco é uma diferença significativa e nesse sentido nós consideramos que em relação portanto as poupanças dos emigrantes tendo em conta que o banco é que lidava com as suas poupanças que devem ser ressarcidos dos seus prejuízos...
67	JS – E os outros.
68	JrS - Em relação aos outros houve uma altura aqui há uns meses em que foi anunciada a criação de um fundo de 700 milhões de euros creio que estou a ser preciso mas que poderiam desse fundo poderia resolver muitos dos problemas em relação aos lesados do papel comercial e com esta preocupação fizemos uma pergunta ao governo se este valor é real e sendo real se ainda existia eu não trouxe a resposta à pergunta por quanto o governo respondeu coisa nenhuma...
69	JS - Estas pessoas no seu entendimento também deviam ser ressarcidas.
70	JrS - Eu creio que é um eu não aponto uma solução concreta mas se houve esta intenção estamos a falar em relação às empresas do grupo eu quero dizer que durante a comissão de inquérito fizemos uma proposta da criação de uma unidade técnica que fosse atrás do dinheiro do rasto do dinheiro dessas empresas a proposta foi recusada mas de qualquer forma eu creio que tem que ser encontrada uma solução que com certeza será o governo o Banco de Portugal e o Novo Banco que tem que encontrar a solução e com esta posição clara da nossa parte não pode ser mais uma vez os portugueses a contribuírem para a resolução dos problemas do Novo Banco.
71	JS - O Sebastião Bugalho tem uma nova pergunta.
72	P11PL - Queria perguntar recentemente alguns deputados socialistas mencionaram a ideia de liberalizar o acesso à drogas duras e as drogas leves qual é a posição do Partido Comunista em relação a esta ideia.
73	R11JrS - Eu creio que está provado cientificamente que essa diferenciação não é tão grande como isso o PCP não está a favor não acompanha a legalização de qualquer espécie de droga o que defendemos é

	outra coisa em relação a esse flagelo nós consideramos que é um problema de saúde pública que deve haver fundamentalmente prevenção e acompanhamento que quem enfim usa esse produto não deve ser criminalizado defendemos e propusemos a descriminalização desses jovens não só jovens infelizmente são apanhados nessa circunstância e nesse sentido primeiro de facto não fazemos a diferenciação entre drogas leves ou drogas duras segundo prevenção terceiro descriminalização com o estado a ter aqui um papel, aliás tem um instituto que tem feito um trabalho brilhante...
74	JS – Mas não a liberalização como defendem alguns setores do partido.
75	JrS – Não defendemos isso.
76	P12JS – Sr. Jerónimo de Sousa como é que defende a nacionalização de setores estratégicos da economia há pouco ouvimos falar sobre os grandes grupos económicos que hoje em dia muitos deles ou mesmo a maioria que estão dominados por capital estrangeiro e a minha pergunta esta defendendo a nacionalização de setores estratégicos da economia o que é pensa do investimento chinês em Portugal já que têm sido chineses aqueles que têm realmente chegado e tomado posição nas grandes empresas portuguesas.
77	R12JrS – Bom! Nós em relação à nossa proposta do controle público de empresas e setores estratégicos tem um fundamento que a vida demonstrou ser de grande acutilância e grande importância a situação da banca os desmandos da banca do nosso ponto de vista o dinheiro é um bem público e o Estado não se pode demitir desta questão em termos do setor financeiro em que esse controle público pode ser feito por nacionalização pode ser feito por negociação ou numa primeira fase por regulação e supervisão em que o Estado tenha ali um papel importante para evitar situações idênticas aquelas que aconteceram...
78	JS - Mas sobre a minha pergunta direta do investimento chinês em Portugal.
79	JrS - Em relação ao capital estrangeiro e particularmente ao capital chinês com a mesma franqueza que estou a responder a Judite com a mesma franqueza dissemos aos chineses que nós éramos contra a privatização desses setores e empresas estratégicas independentemente de ser capital chinês americano francês ou alemão nós o que consideramos fundamental é a sua não privatização se forem os chineses obviamente que nós não acompanhamos antes pelo contrário consideramos que é importante que essas alavancas fundamentais para o nosso desenvolvimento continuem nas mãos do estado português aliás isso nem sequer é uma proposta avançadíssima basta ler a constituição económica que diz claramente que existem coexistem três setores público cooperativo e privado em que o estado deve ter na mão um setor público forte e dinâmico com a devida relevância das pequenas e médias empresas.
80	JS – Fez aí uma afirmação que eu notei nas conversas que tivemos com os chineses isso significa que o Partido Comunista Chinês ou representantes dessas grandes empresas chinesas que estão em Portugal contactaram diretamente o PCP para ouvir a opinião dos comunistas portugueses.
81	JrS - Nós fizemos deslocações a China e no quadro das relações entre os dois partidos naturalmente tivemos uma grande franqueza perante o Partido Comunista Chinês afirmando que o nosso ponto de vista considerando aquilo que é o imperativo nacional que é defesa do interesse de Portugal e dos portugueses portanto obviamente o problema não está nos chineses o problema está naqueles governos que permitem a sua privatização e entrega ao estrangeiro porque há de reparar por exemplo a China tem um forte...
82	JS - A China também quer expandir os seus investimentos nomeadamente na Europa.
83	JrS – ...tem um forte setor público tem um forte setor público energia comunicações defesa enfim e outros sectores em que são de carácter público agora o que nós consideramos que independentemente da origem de quem vem aqui para conseguir uma privatização isto portanto os chineses estão a fazer o seu papel nós é que não estamos a fazer o nosso...
84	JS – (xxxx) a sua posição
85	JrS - ...os sucessivos governos quando levam à privatização de setores tão importantes para nós não explicando a base económica não explicando os ganhos que vamos ter e aquilo que vamos perder já falei aqui dos CTT e podia falar do EDP as rendas imensas só num ano tem mais de 1000 milhões euros de rendas a ANA...

86	P13JS - Percebemos a posição do PCP relativamente a isso não é importante a origem do dinheiro aquilo que é importante sim é uma linha de coerência relativamente às nacionalizações de setores estratégicos no âmbito destas relações do PCP com o exterior e falou de contactos que existiram com a China eu pergunto-lhe o que é que pensa do restabelecimento das relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos.
87	R13JrS - Eu creio que é um processo um avanço diplomático significativo que sendo um passo adiante não resolveu um problema central que existe que é o bloqueio económico por parte dos Estados Unidos a Cuba tem sido uma medida brutal que tem levado a dificuldades constrangimentos de Cuba e do povo cubano mas nós valorizamos este passo no sentido como digo portanto de reaproximação diplomática que deveria ter desenvolvimentos procurando resolver portanto esse grande problema que é a continuação do bloqueio económico que apesar dos avanços continua idêntico.
88	P14JS – Sr. Jerónimo de Sousa qual é o partido comunista da atualidade ou o país comunista da atualidade que serve de referência ou de inspiração ao Partido Comunista Português
89	R14JrS - Bom! Eu tenho dito isto aí umas 50 vezes mas não me importo de reafirmar...
90	JS - Estamos em período eleitoral estamos em período eleitoral.
91	JrS ...muito bem não me custa a responder sabe nós não temos de facto um modelo não temos um modelo de um país de um partido comunista que se aproxime um pouco deste Partido Comunista Português pela sua história pela sua cultura pelo povo que tem pelo período de ter vivido durante 48 anos sob uma ditadura fascista em que os comunistas pagaram caro com a vida com prisão com tortura com assassinato com a repressão mais violenta porque resistia aliás eu acho às vezes caricato que alguns dizem que o PCP é contra a liberdade ninguém mais do que o PCP lutou pela liberdade que um dia foi alcançada com o 25 de abril pagamos caro mas um Partido Comunista Português que tem uma característica que considero impar tem ideologia tem um projeto tem um ideal...
92	JS - Continua a ter na sua matriz o marxismo-leninismo.
93	JrS - Sim e tem outra componente que eu considero importante um partido que defende os interesses dos trabalhadores e do povo português um partido tem esta dimensão patriótica e simultaneamente internacionalista um partido um partido...
94	JS - Mas não há nenhum modelo externo que neste momento sirva de inspiração ao Partido Comunista Português.
95	JrS - Não não porque nós consideramos que o socialismo é um objetivo mas que não há aqui uma receita e portanto um caminho comum são percursos que podem ser muitas vezes muito mais sinuosos do que o que se pensa que tem a ver com história de cada povo com a cultura de cada povo com a relação de forças existente com enquadramento dos políticos e geoestratégicos enfim encontrar aqui um pronto-vestir ou um modelo nós não encontramos portanto temos este Partido Comunista Português que é uma realidade construída pelos próprios trabalhadores e pelo próprio povo português.
96	JS – Pergunta seguinte é do Rui Ladeiras que tem 21 anos é estudante de geografia da UEvora
97	P15PL - Boa noite a minha questão é então o que é que mais o incomoda neste país.
98	R15JrS - O que mais me incomoda são os dramas que recaem sobre milhões de portugueses pobreza desemprego injustiças impossibilidade de acesso ao serviços de saúde impossibilidade do exercício de direito de igualdade de acesso ao ensino superior por exemplo mas são estes dramas sociais que mais me afligem e porque sou um pouco mais velho que vocês já conheci tempos diferentes tempos duros onde muitas vezes comia o pão que o diabo amassou e esses dramas existiam nessa preocupação que colocou ver tanto sofrimento tantas vidas destruídas só para resolver o problema da banca só para ver a acumulação de fortunas por parte dos poderosos sempre com o argumento de que não há dinheiro para resolver estes problemas e ver outros cada vez mais porque enfim a arrecadarem fortunas naturalmente que eu sinto angústia e a dor de ver tanta gente a sofrer escusadamente e nesse sentido talvez não os jovens mas particularmente as crianças aquelas que vem nas estatísticas que são centenas de milhares que hoje estão na pobreza estamos a falar de crianças já não estamos a falar enfim de pessoal como vocês que enfim em questão a encetar a possibilidade de construção de um caminho novo para as vossas vidas estamos a falar de crianças é o que mais me magoa.

99	P16JS - Sr. Jerónimo de Sousa aproximamo-nos do fim do nosso programa o tempo voa o PCP á semelhança de outras forças políticas tem dito que neste momento a prioridade são as eleições legislativas no entanto o tema das presidenciais como sabe está na agenda política e não há como evitá-lo eu recordo que em 1996 o candidato presidencial do PCP Jerónimo de Sousa que eu tenho aqui a minha frente desistiu a favor de Jorge Sampaio logo na primeira volta isso poderá acontecer de novo.
100	R16JrS - Também já podia ter dito que posteriormente numa segunda candidatura creio que em 2004 já não me lembro bem fui candidato à presidência da república e fui a votos portanto não temos aqui nenhuma questão de princípio nem solução única mas temos temos...
101	JS - Mas também desistiram a favor de Mário Soares no tempo de Álvaro Cunhal.
102	JrS -... temos uma resolução congressual que afirma claramente que o PCP intervirá por modo próprio nas presidenciais como eu creio que esta parte devia ser sublinhada de colocar na Presidência da República alguém que cumpra e faça cumprir a Constituição da República portanto...
103	JS – Mas se for necessário o voto do PCP para inviabilizar a vitória do candidato de centro-direita isso acontecerá o PCP admite desistir na primeira volta à boca das urnas para inviabilizar a vitória do candidato da direita.
104	JrS - Essa questão foi-nos colocada muitas vezes perante a vida perante a realidade perante expectativas e aquilo que lhe posso dizer Judite que nesse passado o PCP nunca regateou o apoio uma solução para bem da democracia para bem da Constituição colocando na presidência da república quem pudesse dar essa contribuição positiva aqueles que acusam o PCP de sectário de não querer entendimento aqui ou acolá as presidenciais são bem exemplo daquilo que é este partido portanto...
105	JS – Está a responder afirmativamente a minha pergunta.
106	JrS - ...esteja em causa a democracia esteja em causa a Constituição naturalmente com candidato próprio ou com enfim um desfecho de uma segunda volta o PCP não faltará não fará apelos de voto em branco antes pelo contrário terá uma intervenção ativa e naturalmente essa dinâmica da campanha ou de uma intervenção própria é assim a expressão tudo fará para que este objetivo que está em tese congressual que seja alcançado mas como digo agora são eleições para assembleia da república elas e que vão determinar muito da evolução dos próximos anos.
107	JS - Mas deixe que eu tente perceber melhor o seu pensamento o PCP sente mais afinidades com Sampaio da Nóvoa do que por exemplo com Maria de Belém.
108	JrS - Ainda não fizemos essa discussão aliás saberá já são 17 candidatos se tivéssemos de pronunciar nos sobre cada um imagine que seria derivávamos para as presidenciais e deixávamos a batalha principal que são as eleições legislativas para trás são 17 proto-candidatos ...
109	JS - E não se quer comprometer com nenhum dos nomes que está...
110	JrS – ...obviamente não nos comprometemos...
111	JS - ...que está aí no campo da esquerda.
112	JrS - ...mas eu garanto-lhe que imediatamente após as eleições para a Assembleia da República encontrará respostas claras para as suas interrogações.
113	P17JS - E o perfil do candidato próprio do PCP .
114	R17JrS – Consulte a história e verá que tivemos soluções diferenciadas de membros...
115	JS – Mas será será uma pessoa da chamada velha guarda ou será uma pessoa das novas gerações.
116	JrS - Pois eu não sei ainda não discutimos ainda não temos digamos nenhuma proposta nem eu tenho uma proposta na cabeça...
117	JS - Ainda não...
118	JrS -...temos tempo.

Anexo S1 - Temáticas das perguntas TPS a Jerónimo de Sousa - Codificação

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§no ANEXOS	Segmento
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Campanha eleitoral	P15PL	97	o que é que mais o incomoda neste país.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Exemplo grego	P5JS	29	O PCP não retirou lições da experiência grega (...)em que um governo de esquerda promete durante a campanha menos austeridade também a renegociação da dívida e quando chega ao poder e confrontado em Bruxelas com os credores vê-se impossibilitado de executar essas promessas eleitorais.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Financiamento promessas	P4PL	27	onde é que nós vamos buscar o financiamento para essas medidas.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\NegCredores	P6PL	42	no programa do PCP é proposta a renegociação da dívida mas também é proposta o rompimento com os credores a pergunta é como é que eu negocio com quem pretende romper.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Desunião da esquerda	P3JS	12	Não acha que o PCP ao negar qualquer tipo de acordo com o PS será responsável pela direita no poder.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P1JS	1	O Presidente da República defendeu hoje que o próximo governo terá de ser de coligação ou então será preciso um acordo de incidência parlamentar
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P2JS	3	está ou não o PCP disponível para dar a mão ao PS ou no governo ou no parlamento.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Posic partidário\Invest Chinês Portugal	P12JS	76	o que pensa do investimento chinês em Portugal já que têm sido chineses aqueles que têm realmente chegado e tomado posição nas grandes empresas portuguesas.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Posic partidário\Referências	P14JS	88	qual é o partido comunista da atualidade ou o país comunista da atualidade que serve de referência ou de inspiração ao Partido Comunista Português
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Posic partidário\Relação Cuba/EUA	P13JS	86	o que é que pensa do restabelecimento das relações diplomáticas

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§no ANEXOS	Segmento
					entre Cuba e Estados Unidos.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Presidenciais \Desistência	P16JS	99	recordo que em 1996 o candidato presidencial do PCP Jerónimo de Sousa que eu tenho aqui a minha frente desistiu a favor de Jorge Sampaio logo na primeira volta isso poderá acontecer de novo.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Politics\Presidenciais \Perfil cand PCP	P17JS	113	E o perfil do candidato próprio do PCP.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Policy\Desemprego	P7PL	47	como é que se inverte o desemprego jovem e como é que me explica que esse problema não consta do programa eleitoral do PCP
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Policy\Propostas cresc económico	P8JS	51	todos os partidos que concorrem às eleições defendem o crescimento económico o aumento da riqueza nacional qual é a linha de diferenciação do PCP.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P9JS	55	nas famílias também e nas famílias com maiores rendimentos também.
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Policy\Lesados do BES	P10JS	65	qual é a posição do PCP relativamente aos lesados do Banco Espírito Santo
•	JerSousa_28AgostoTVI	PERGUNTAS\Policy\Liberalização drogas	P11PL	72	deputados socialistas mencionaram a ideia de liberalizar o acesso à drogas duras e as drogas leves qual é a posição do Partido Comunista

Anexo T - Transcrição da Entrevista TPS a Paulo Portas

§	Texto
1	JAC -Tenho comigo quatro portugueses de áreas distintas para nos acompanharem nas perguntas sobre Fiscalidade Segurança Social Economia e Europa Dr. Paulo Portas bem vindo ...
2	PP -Boa noite.
3	JAC - ...bem-vindo muito boa noite como está bem vindo.
4	PP - Posso cumprimentar.
5	JAC -Com certeza.
6	PP -Boa noite António
7	JAC - Os nossos convidados...
8	PP -Boa noite Luís...
9	JAC - ...António Costa...
10	PP -Boa noite boa noite como está?
11	JAC - ...eu apresento-os na altura certa vamos aos nossos lugares tenho uma pergunta para si a partir de agora.
12	GENÉRICO
13	JAC - Paulo Portas 52 anos vice-primeiro-ministro líder do CDS-PP parceiro de coligação do PSD responsável pela coordenação económica do governo e entre outras pastas a reforma do Estado que ninguém viu fala de estabilidade mas o cenário que as sondagens sugerem neste momento está longe disso.
14	P1JAC - Dr. Paulo Portas muito boa noite uma vez mais tenho uma pergunta para si ...
15	PP - Muito boa noite.
16	JAC -... e a primeira é das mais urgentes e intrigantes do momento por que razão é necessário vender agora o Novo Banco qual é a pressa.
17	R1PP - José Alberto em primeiro lugar eu acho que a crise que aconteceu no Banco Espírito Santo foi um assunto muito sério no sistema financeiro português e se reparar nós já tivemos vários problemas em vários bancos os bancos são essenciais ao funcionamento da economia e é muito importante que o sistema de resolução que é diferente da nacionalização a meu ver com vantagem não é isento de riscos mas tem vantagem possa terminar bem está previsto um prazo e há um método...
18	JAC - E há alguma hipótese de terminar bem ainda.
19	PP - Eu... eu não me atreveria a fazer um comentário tão céptico ...
20	JAC - Era uma pergunta.
21	PP - ...porque repare o seguinte com uma nacionalização como aconteceu no BPN a fatura dos erros cometidos nos bancos vai para o contribuinte os 4900 milhões de euros do fundo de resolução já estariam a ser pagos pelo contribuinte no sistema de resolução as coisas são diferentes quem é que responde pelos erros em primeiro lugar os acionistas e se não chegar o sistema financeiro que tem vantagem na sua estabilidade é por isso que eu prefiro eticamente que seja um sistema de resolução que poupa o contribuinte e não um sistema de nacionalização que como todos sabemos cai em cima do contribuinte.
22	P2JAC - Ou seja repete e compromete-se tal como tem sido dito por vários membros do governo nomeadamente o ministro economia António Pires de Lima que... e o ministro das finanças e o primeiro-ministro que a resolução que a venda do Novo Banco a alienação do Novo Banco não irá custar um cêntimo para os portugueses.
23	R2PP - Repare é essa mesmo a diferença entre uma nacionalização foi isso que aconteceu no BPN...

24	JAC - Mas é que ninguém acredita...
25	PP - ...ainda hoje estamos a pagar...
26	JAC - Mas é que ninguém acredita que não custe ...
27	PP - ...e a resolução...
28	JAC - muitos cêntimos muitos euros aos portugueses.
29	PP - ...repare uma coisa mas como e aonde se o Novo Banco for vendido se for vendido convenientemente pela autoridade de venda que é o Banco Central ...
30	JAC - Mas se Banco Central não conseguiu chegar a acordo com aquela que era aparentemente a melhor proposta e já não cobria pelo que se sabe todo o dinheiro necessário.
31	PP - Mas eu acabei de lhe explicar como é que funciona o sistema o diferencial que possa existir não vai a cargo do contribuinte vai a cargo do resto do sistema financeiro durante um prazo evidentemente razoável porque a ninguém interessa instabilidade no sistema financeiro.
32	JAC - Mas vai ser necessário por exemplo aumento de capital se não for vendido o banco esse aumento de capital terá que ser garantido pelo Estado.
33	PP - Ó... Ó...Ó...Ó...Ó José Alberto de Carvalho...
34	JAC - Neste momento o Estado injetou ...
35	PP - ...eu recomendaria alguma prudência...
36	JAC - ...4 900 milhões de euros...
37	PP - ...nessas declarações porque a União Europeia tem regras contra os auxílios de Estado as coisas não se fazem assim com está a dizer com essa simplicidade deixe o sistema funcionar a negociação com quem pretende comprar o banco há uma coisa que eu lhe garanto se tivesse sido uma nacionalização você e qualquer português já estava a pagar sendo uma resolução pagam os acionistas pelos erros que deixaram cometer ou cometeram e é chamado o sistema financeiro para garantir a estabilidade...
38	JAC - O sistema financeiro ...
39	PP - Disse-lhe há pouco...disse-lhe há pouco...
40	JAC - ...onde se inclui por exemplo a Caixa Geral Depósitos que é um banco público...
41	PP - ...mas oiça não se pode querer o melhor de dois mundos eu sou defensor de um banco público se há um compromisso do sistema financeiro com a sua estabilidade não é possível pretender por um lado ter um banco público nomeadamente para as pequenas e médias empresas para as empresas exportadoras e por outro lado pretender que ele esteja completamente blindado relativamente às coisas que acontecem no sistema agora há uma coisa que eu garanto José Alberto Carvalho o BPN tinha creio eu 2 por cento de quota de mercado foi considerado sistémico e ainda hoje o estamos todos a pagar em milhares de milhões de euros isso não sucedeu com o Novo Banco não digo que o sistema seja perfeito mas é com certeza melhor e portanto vamos aguardar.
42	JAC - Então a minha pergunta é qual é a pressa.
43	PP - Mas quem é que lhe disse que havia pressa repare uma coisa ó Zé Alberto eu não...
44	JAC - O Banco de Portugal fixou 31 de agosto para fechar o negócio agora estabeleceu uma negociação de 10 dias até ao dia 16 de setembro...
45	PP - Sim senhor!
46	JAC - ...para desenvolver conversações com um dos outros dois grupos interessados portanto há aparentemente aqui uma pressa.

47	PP - É o método... é o método negocial que a autoridade de resolução que é o Banco Central entendeu definir eu não devo interferir nisso vamos aguardar.
48	JAC - E compromete-se de que a solução...
49	PP - Já lhe disse há pouco ...
50	JAC - ...não custará um cêntimo aos portugueses.
51	PP - ...já lhe disse exatamente há pouco se fosse uma nacionalização já estávamos todos a pagar sendo uma resolução pagam os acionistas e o remanescente vai ao sistema financeiro que terá um prazo evidentemente para poder providenciar esse remanescente...
52	JAC - Uma das questões...
53	PP - ... há em todo caso uma das questões... em todo caso uma questão que é importante sossegar as pessoas haverá com certeza decisões de autoridades europeias nessa matéria porque tenho visto algumas coisas menos corretas escritas por aí se existir alguma imputação face ao défice é no de 2014...
54	JAC - Certo!
55	PP - ...é uma imputação contabilística isso não tem nenhum efeito na vida das famílias ou das empresas em 2015 e anos seguintes...
56	JAC - A não ser...
57	PP - ...por outro lado...
58	JAC - ... a não ser que...
59	PP - ... por outro lado... por outro lado tratar-se-á sempre como sabe de uma operação one-off e não é relevante para as metas orçamentais estabelecidas por Portugal em matéria de Programa de Estabilidade portanto estas duas coisas...
60	JAC - Mas haverá uma eventual consequência mesmo que o impacto no défice seja meramente contabilístico e que depois as autoridades europeias farão o que entenderem a verdade é que implica nos juros da dívida...
61	PP - Repare uma coisa...
62	JAC -... e os juros da dívida são pagos pelos portugueses.
63	PP - ...repare uma coisa mais uma vez há aí uma incorreção nós já tínhamos o empréstimo já foi feito nós quando recebermos o produto da venda naturalmente estamos a receber o empréstimo já foi feito eu digo-lhe mais uma vez eu acho que os portugueses estão muito cansados de problemas no sistema financeiro não há praticamente um banco que tenha ficado igual desde 2008 ...
64	JAC - Não!
65	PP - ...muitos já deram a volta...
66	JAC - E o Estado neste momento até tem intervenção direta em três bancos.....
67	PP - ... muitos ...muitos já deram a volta já começaram a devolver o dinheiro que receberam repare uma coisa eu costumava dizer com alguma ironia os portugueses têm uma... fazem uma certa diferença entre o banqueiro e o banco podem ter as suas opiniões sobre os banqueiros mas sabem que a estabilidade dos bancos é muito importante que é lá que as pessoas têm as suas poupanças os seus salários os seus empréstimos e é assim que a economia funciona e portanto José Alberto Carvalho se tivesse sido uma nacionalização tinha sido uma tragédia eu acredito que as coisas podem correr dentro de uma perspetiva mais positiva e seguramente o contribuinte está mais defendido.
68	P3JAC - Gostava de ouvir a sua opinião Dr. Paulo Portas também sobre o desespero das pessoas que foram enganadas pela compra de produtos financeiros do BES e do grupo Espírito Santo reconhece que essas pessoas têm direito a serem indemnizadas.

69	R3PP - Olhe! Se os tribunais vierem a ser chamados a falar sobre isso eles decidirão há uma coisa coisa que eu sei eu não gostei do comportamento dos dois reguladores em público a passar culpas uns aos outros refiro-me ao Banco Central e à CMVM são reguladores independentes eu acho que deviam estar sentados à mesa a analisar caso a caso e a separar o trigo do joio e o trigo do joio qual é a separação uma coisa são investimentos de risco que evidentemente a sociedade portuguesa não tem que cobrir umas vezes ganha-se outras vezes perde-se outra coisa são eventuais casos de manipulação ou de aproveitamento até da idade das pessoas...
70	JAC - Ou de fraude.
71	PP - ...ou de fraude seja como for repito isso foi dito pelos deputados da maioria e agora falo pelos do meu partido CDS na comissão de inquérito com toda a clareza eu acho que a CMVM e o Banco de Portugal deviam ter tido mais respeito pela natureza das suas funções e ter tido menor espírito de capelinha cada um a defender apenas o seu perímetro.
72	P4JAC - Dessas suas palavras e atendendo a que como já o sublinhou é o Banco de Portugal através do seu governador que está a gerir o processo de venda do novo banco não está inteiramente satisfeito com a sua atuação.
73	R4PP - Não repare eu fui muito claro quando... quando... quando essa questão foi posta é sabido que eu tenho bastantes críticas relativamente à supervisão seria muito injusto não reconhecer que o Banco de Portugal não fez mais do que no caso do BPN porque fez porque no BPN se bem se lembra nem perguntas faziam e sobretudo achavam normal que não respondessem a nada outra coisa é que não chegou para evitar aquilo que mais tarde veio a acontecer mas seja como for para mim o essencial para a estabilidade do sistema financeiro e para o funcionamento da economia é que o banco seja vendido em condições é isso que protege melhor os interesses dos portugueses e é isso que para mim neste momento é mais importante.
74	P5JAC - Todo este colapso do grupo Espírito Santo teve lugar ao longo do último ano e meio pergunto-lhe se subscreve o raciocínio do eurodeputado Paulo Rangel que no neste fim de semana disse que se fosse um governo do PS no poder não estariam provavelmente interrogou fazendo uma pergunta retórica se estariam a ser investigados o mais poderoso banqueiro do país e um ex-primeiro-ministro.
75	R5PP - Eu respeito inteiramente a liberdade de opinião de toda a gente sou amigo do Dr. Paulo Rangel não penso o que ele pensa e não diria o que ele disse não pode ter resposta mais simples.
76	P6JAC - Preocupa-o aquilo que muitos analistas e comentadores apontam como sendo ou a politização da justiça ou a judicialização da política neste momento em Portugal.
77	R6PP - Nunca saí daquilo que eu acho que um homem de Estado e daquilo que um homem com responsabilidades públicas pode dizer nessa matéria a justiça que faça o seu trabalho e a política que não interfira.
78	P7JAC - E quando os políticos escorregam quando escorregam nessa regra e abrem caminho a este tipo de interpretações e de comentários sobre a mistura das duas áreas.
79	R7PP - Não é certamente o meu caso não é certamente o caso do primeiro-ministro.
80	JAC - Muito bem! Temos 4 convidados de áreas distintas o primeiro que eu chamo para esta conversa é Luís Magalhães o responsável pela área fiscal da KPMG uma empresa de auditoria e impostos é a palavra maldita para a maioria dos portugueses mas é também aquela que tem permitido ao Estado o equilíbrio das contas públicas em larga medida a sua pergunta é Luís Magalhães sobre fiscalidade qual é a pergunta que tem para fazer ao Dr. Paulo Portas.
81	P8Conv1 - Boa noite eu teria várias perguntas para fazer mas enfim vou aproveitar este privilégio esta ocasião para perguntar talvez se me for permitido duas coisas a primeira o que é o que importa a todos os cidadãos a todas as famílias é o seguinte o governo reconheceu por mais que uma vez a carga brutal que todos sofremos uns mais do que outros mas enfim do ponto de vista do trabalho dependente então a carga fiscal de facto é preocupante e passando por cima da questão corrente que se está a discutir devolução da sobretaxa acho que não vale a pena gastarmos o seu tempo e o tempo dos telespectadores com essa matéria a pergunta é a seguinte acha sim ou não e se sim quando é que é possível avançar com uma redução mais vincado da carga fiscal sobre o trabalho dependente e em particular daqueles que

	<p>menos rendimentos têm todos pagamos se ganharmos mais mais pagamos se ganhamos menos menos pagamos eu acho que neste momento algum sinal que houvesse positivo no respeito à redução da carga fiscal sobre o trabalho dependente de quem menos rendimentos auferia era importante e pergunto se acha que isso é possível e se sim em que condições.</p>
82	<p>R8PP - Acho que é necessário acho que é desejável e acho que é possível desde que se mantenha as contas públicas controladas eu diria uma única palavra sobre a questão do crédito fiscal não é tanto o facto de ele ir funcionar e portanto depois das eleições mas relativa ao IRS de 2015 as pessoas vão pagar uma sobretaxa mais baixa felizmente é o princípio do crédito fiscal que eu acho que é interessante porque que eu me lembre é a primeira vez que o Estado se compromete e foi o compromisso que fizemos dentro do governo a que se houver mais receita do que aquela que está prevista o Estado não pode apropriar-se desse excedente e aquilo que vier a mais é para devolver ao contribuinte eu acho este princípio bom conhece... é um fiscalista prestigiadíssimo conhece aquele velho princípio que os aumentos de impostos não voltam para trás e por isso é que é perigoso para mim aquilo que é uma obsessão é eliminar a sobretaxa o princípio foi o crédito fiscal o que é que nós propomos nos próximos quatro anos fazê-la morrer de morte macaca e justa ano após ano nós temos uma legislatura de 4 anos sabemos o que é que é possível a sobretaxa são 3,5 % pesa no rendimento da classe média fortemente pesa nos ativos e pesa nos reformados e portanto essa deve ser a prioridade é eliminar em 2016 2017 2018 e o resto em 2019 definitivamente a sobretaxa essa é a primeira prioridade na moderação fiscal a segunda prioridade na moderação fiscal é por uma razão pragmática e não ideológica o IRC eu quero apenas sublinhar duas coisas para que as pessoas possam fazer o próprio o seu próprio raciocínio tenham cuidado com discursos panfletários em relação ao IRC nós vivemos em economia aberta temos que como eu costumo dizer só a confiança gera investimento e só investimento gera emprego e se é assim nós temos que fazer para os investidores nacionais e para os investidores estrangeiros uma proposta de valor que seja competitiva que traga o investimento para Portugal e que o investimento seja feito agora ou seja não ser feito noutros países e os postos de trabalho não irem ser criados noutras sociedades serem feitas em Portugal por isso é que a descida do IRC é relevante não é tudo mas é um fator fundamental quando um investidor analisa eu vou investir em Portugal ou noutro país um dos critérios que avalia é a carga fiscal sobre a empresa Portugal estava muito mal classificado em matéria de carga fiscal sobre as empresas ao reduzirmos 4 pontos nesta legislatura mais 4 embora mais lentamente um por ano na próxima legislatura nós não ficaremos com o melhor IRC da Europa mas ficaremos diria eu no top 5 dos IRC mais competitivos e o que é que isso significa que tal como quando olham para as leis laborais serem mais flexíveis ou menos flexíveis quando olham para os impostos do país onde querem investir isso funcione a favor de Portugal em vez do fator fiscal funcionar contra Portugal o último ponto que é relevante aqui é uma grande lição sobretudo para algum esquerdismo profissional é que a baixa do IRC não gerou ao contrário do que diziam perda de receita a baixa do IRC e já se pode contabilizar o primeiro ano gerou aumento da receita do IRC em 8% porque foi acompanhada de uma questão que eu acho que é uma questão de equidade fiscal e que eu defendo há muitos anos seja sobre IRS seja sobre o IVA seja sobre o IRC é muito injusto para quem paga os seus impostos e não pode fugir saber que ao lado... por alguém poder fugir não paga as suas obrigações e houve um forte combate a evasão fiscal.</p>
83	<p>JAC - Havia uma segunda questão...</p>
84	<p>PP - Já agora dar-lhe um dado que é pouco citado lembra-se duma discussão em Portugal sobre qual era a taxa de tributação efetiva dos bancos...</p>
85	<p>JAC - Sim!</p>
86	<p>PP - ... lembra-se que o Bloco de Esquerda dizia que só pagam 14% só pagam 15% sabe quanto é que estão passar a pagar neste momento 30% .</p>
87	<p>JAC - E cheios de problemas.</p>
88	<p>PP - Não é isso tem a ver com equidade fiscal José Alberto Carvalho faz quem faz não faz quem fala.</p>
89	<p>P9Conv1 - Posso sobre esse ponto que referiu gostava de desafiá-lo provocá-lo em relação a um tema que mencionou é evidente que a reforma do IRC produz resultados as taxas de recuperação de imposto estão aí à vista alguns efeitos nos sentimos isso nos clientes com quem trabalhamos todos os dias isso é inevitável há no entanto um aspeto que eu admito que outro convidado aqui ao meu lado direito vá referir isso há um outro aspeto muito importante para os investidores e para os empresários que é a estabilidade e confesso que vi com alguma preocupação o facto desta reforma ter sido aprovada no início</p>

	de 2014 com apoio do Partido Socialista e isso foi muito importante eu acho que nessa altura nós sentimos isso...
90	PP - Importantíssimo!
91	Conv1 -...foi muito importante e neste momento há alguma incerteza sobre enfim primeiro se a reforma é para se manter ou não dependendo das eleições de dia 4 como é evidente eu gostava de ouvir a sua visão sobre... dependendo dos cenários que se podem colocar o que é que acha que vai acontecer primeiro ponto segundo se acha que é possível ir mais longe ainda.
92	R9PP - Sabe que eu acho que há dois... a política de compromisso entre os partidos não prejudica a identidade de quem é governo nem prejudica a identidade de quem é oposição eu acho péssimo esta cultura que nós temos em Portugal de que os partidos divergem sobre tudo e não são capazes de guardar um conjunto de questões que interessa a toda a gente a várias legislaturas e a vários governos são matérias de interesse nacional puro para mim foi muito importante que houvesse um acordo social entre empregadores e UGT para a reforma laboral o que significa que ela foi moderada e foi ponderada e para mim foi muito importante que houvesse um acordo entre a maioria e o Partido Socialista em matéria de IRC e eu sou testemunha do que isso valeu lá fora na perceção sobre Portugal que é um país maduro é um país onde os responsáveis políticos são capazes de se sentar à mesa e chegar a acordo sobre matérias importantes agora não me responsabilize pelo facto do Partido Socialista ter mudado de opinião e eu espero que eles venham a ratificar a descida do IRC não é uma questão ideológica significa no momento em que Portugal está com mais confiança aproveitar a confiança para o investimento e no momento em que Portugal está com mais investimento aproveitar a oportunidade única da criação de emprego e evidentemente o investimento que cria emprego há só um ponto que eu gostava de acrescentar relativamente ao que perguntou há uma outra matéria que me preocupa que o Partido Socialista queira terminar com ela a expressão é muito técnica eu procurarei explicá-la em pouco tempo quociente familiar Portugal tem um problema demográfico muito sério porventura o problema mais sério de todos é aliás um problema europeu o quociente familiar é uma das medidas de muitas que têm impacto nas decisões que as famílias tomam o que é que significa o quociente familiar antigamente os membros do casal somavam os rendimentos e depois dividiam por 2 agora dividem por 2 mais um x por filho ou ascendente esse x é 0,3 foi o que foi possível na primeira fase da reforma nós queremos levá-lo até 0,5 que é o melhor caso na Europa creio eu que é o caso Francês o que significa que as famílias que têm filhos e que os podem ter e que os querem ter têm um ambiente de maior moderação fiscal e que há um maior desconto pelo número de filhos que têm precisamente porque o orçamento dessas famílias é mais pesado tendo o cuidado de evitar a regressividade do imposto isto ajudou e já está a ajudar um milhão de famílias que têm filhos eu acho que tem a ver com as melhores políticas públicas pró-família e fiscais da Europa não faz sentido nenhum também não querer isto só por razões ideológicas.
93	JAC - Com a carga fiscal mais baixa tudo seria mais fácil para toda a gente digo eu.
94	PP - Não mas há aqui um ponto...
95	JAC - Deixe-me...
96	PP - ...Zé Alberto deixe-me só dizer-lhe isto ainda bem que diz isso eu faço escolhas eu creio que o Luís Magalhães estava a citar isso eu digo que é possível o crédito fiscal sobre a sobretaxa felizmente é mais do que justo é possível eliminar progressivamente a sobretaxa...
97	JAC - Que já devia ter sido eliminada como bem sabemos, não é.
98	PP - Progressivamente a sobretaxa...
99	JAC - já deveria ter sido eliminada...
100	PP - Ò Zé Alberto se o mundo fosse um mundo...
101	JAC - ...sempre foi apresentada com uma medida transitória.
102	PP - ...eu vou-lhe dizer uma coisa se o mundo fosse um mundo de facilidades Portugal não tinha caído onde caiu em 2011 e eu há uma coisa que lhe posso garantir com amizade e com testemunho pessoal ninguém imagina o que é governar um país à beira da insolvência com um sindicato de credores instalado no nosso país com um coprograma de governo chamado memorando de entendimento em que quem nos

	<p>emprestou o dinheiro nos criou condições e nos pôs condições para poder reaver o dinheiro se tudo fosse fácil numa governação assim eu digo-lhe uma coisa eu repito aquilo que já disse muitas vezes é meu dever agradecer o extraordinário esforço e bom senso que os portugueses fizeram para conseguir aquilo que outros não conseguiram foi superar a etapa da troika agora... portanto o que eu digo é isto eu não estou a dizer que a moderação fiscal se vai fazer em todos os outros impostos há outros pedidos há outras reclamações que eu respeito mas não me posso comprometer agora sei que isto é possível tenho muitas dúvidas que as propostas do partido socialista que é devolver tudo praticamente no imediato repor tudo como se pudéssemos regressar a situação de origem essas propostas tem um pequeno problema José Alberto de Carvalho nós vivemos no euro o euro tem regras...</p>
103	JAC - Eu registei ...
104	PP - ...se o orçamento não for aprovado em Bruxelas volta para trás.
105	P10JAC - Ora bem! Eu registei e a seguir vamos falar de Segurança Social que é uma área que interessa toda a gente mas entre uma e outra eu registei as palavras do Dr Paulo Portas sobre a estabilidade do acordo a capacidade a maturidade demonstrada pelos agentes sindicais ou políticos em diversas circunstâncias...
106	PP - Não todos pela UGT é bom nomear quem assumiu responsabilidades e partilhou riscos e quem acha que a única maneira de fazer política é fazer manifestações e protestos mas o progresso da vida dos trabalhadores e das famílias faz-se à mesa das negociações...
107	JAC - ...e acabou de dizer ...
108	PP - ...foi assim que a Europa saiu da ruína isso fez o modelo próspero.
109	JAC - ...e há decisões em breve muito... muito relevantes no dia 4 de outubro à noite dizem as sondagens teremos muito provavelmente...
110	PP - Não me vai falar a mim de sondagens ó José Alberto de Carvalho...
111	JAC – falo... falo...
112	PP - ...eu pelas sondagens já não estava aqui há muito tempo há muitos anos.
113	JAC - ...mas desta vez está em coligação.
114	PP - Certo! Mas quer dizer...
115	JAC - ...desta vez está em coligação...
116	PP - ...não acha que eu por causa disso passei a acreditar em coisas que eu acho que têm fortes problemas de credibilidade técnica, mas está bem...
117	JAC - Eu não sou a melhor pessoa para discutir isso consigo até porque dirigiu um centro de sondagens há muitos anos.
118	PP - Sim senhora e portanto...
119	JAC - Dizem as sondagens que teremos dois grupos parlamentares muito aproximados em termos de número de deputados alguém que fala tanto de estabilidade como o Dr. Paulo Portas qual é a sua ideia de estabilidade num cenário destes dia 4 de outubro à noite.
120	R10PP - Olhe! A minha ideia de estabilidade eu respondo-lhe com toda a clareza Portugal precisa de um governo maioritário a única proposta definida e nítida de um governo maioritário é aquela que é apresentada pela coligação PSD-CDS mais independentes as pessoas sabem com o que é que contam tudo o mais são cenários de instabilidade eu costumo dizer isto e acho que as pessoas me entendem aquilo que aconteceu em Portugal em 2011 foi como se nós tivéssemos ido para a unidade de cuidados intensivos estivemos em coma financeiro tivemos uma medicação duríssima tivemos alta estamos a caminhar pelo nosso pé a primeira coisa que vamos arranjar a nós próprios é uma dificuldade a formar governo é uma dificuldade para ter maiorias ...
121	JAC - mas é um cenário que se coloca...

122	PP - ...é uma instabilidade permanente...
123	JAC - ...é ou não um cenário que se coloca...
124	PP - ...eu acho ...
125	JAC - ...quem vai ao mar avia-se em terra.
126	PP - ... que está na mão... é por isso que eu apelo quer à classe média quer aos indecisos porque são pessoas que quando há alguma coisa a ganhar ou alguma coisa a perder normalmente optam pelo que é seguro e não pelo que é aventureiro eu acho que está na mão dos portugueses transformar a próxima eleição num resultado maioritário eu acho que é isso que Portugal precisa e a razão é muito simples aceito que me contestem mas juro-lhe que é isto que é a minha mais profunda convicção nós só temos crescimento se tivermos financiamento só temos investimento se tivermos confiança e só temos criação de emprego se tivermos investimento arriscar tudo isto no dia 4 de outubro para depois o país ter que voltar a fazer eleições para tentar voltar a encontrar um governo eu não acho que seja...
127	JAC - E provavelmente não consigo.
128	PP - ... o melhor caminho mas evidentemente respeitarei a vontade das pessoas.
129	JAC - Por falar em confiança há um pacto de confiança que é absolutamente fundamental que é o pacto de confiança entre gerações e que tem a ver com o sistema de pensões António Costa comentador da TVI e jornalista de longa carreira na área económica António tens perguntas sobre a Segurança Social.
130	P11Conv2 - Tenho as perguntas que os portugueses têm e as dúvidas tenho que contrariá-lo Dr. Paulo Portas sobre a clareza do que se espera deste governo nesta área em que tenho duas ou três perguntas para lhe colocar desde logo não resisto a citar para os nossos telespectadores para quem está aqui presente na página 39 do Programa de Estabilidade entregue em Bruxelas que o Sr. Dr. vice- primeiro-ministro aprovou em Conselho de Ministros diz de forma muito clara a introdução de uma medida para a sustentabilidade da Segurança Social 600 milhões de euros enfim já isto configura alguma incerteza para não dizer outra coisa tendo em conta que se diz que tudo é possível do lado do corte da despesa do lado de mais receita tudo é possível misteriosamente na página creio que 39 do programa da coligação não vejo nenhuma referência aos 600 milhões de euros vejo muita reflexão eu diria retórica sobre a necessidade de reequilíbrio da sustentabilidade da Segurança Social mas não aparece por exemplo esta medida tão importante suficientemente importante para ser comunicada a Bruxelas deixou de ser necessário arranjar 600 milhões de euros para reequilibrar o sistema de Segurança Social esta é a primeira pergunta.
131	R11PP - Não não deixou e eu volto a dizer aquilo que creio que o primeiro-ministro já disse aqui nós procuraremos resolver o problema mediante um acordo com os partidos do arco da governabilidade que só pode ser obtido depois das eleições mediante um acordo com os parceiros sociais respeitando a doutrina do Tribunal Constitucional e isso não será feito à custa das pensões em pagamento já foi dito isto e eu reafirmo mas então vamos agora portanto não há nenhum... não há nenhum esconder desses 600 milhões que são um problema que tem que se resolver mas vamos talvez...
132	Conv2 - (xxxx)
133	PP - ...se me permite tentar por... eu quando vejo as referências aos 600 milhões e vejo as propostas do Partido Socialista sobre Segurança Social que custam no cenário otimista 9000 milhões de euros...
134	Conv2 - Mas vamos aos custos...
135	PP -... só um segundo...
136	JAC - Mas já falámos já confrontámos o Dr. António Costa também com algumas destas contas...
137	PP - ...deixe-me chegar onde eu queria chegar que é a comparação entre os dois modelos...
138	JAC - Não mas...
139	Conv2 - O Dr. Paulo Portas mas para chegar a comparação entre os dois modelos eu precisava de ter números da coligação e eu não tenho.

140	PP - ...mas repare uma coisa se nós nos preparamos para estar disponíveis para fazer um acordo com o maior partido da oposição e com os parceiros sociais eu não vou estar a condicionar previamente esse acordo.
141	Conv2 - Isso é forma fácil de fazer política...
142	PP - ...não é não senhora... não é não senhora... não é não senhora é respeitar aquilo que é o princípio de uma negociação que é não estar a colocar questões prévias...
143	Conv2 - Ou reconhecer a incapacidade deste governo...
144	PP - ...não... não...
145	Conv2 - ...de não ter feito a reforma da Segurança Social.
146	PP - ...então aí chegamos a um bom ponto António Costa você foi é um jornalista económico e igualmente prestigiado você acha que a reforma da Segurança Social pode ser feita em período de recessão é que a reforma da Segurança Social eu sempre o disse pode ir buscar a qualquer declaração minha só pode ser feita em período de crescimento económico para quê para que a transição de um modelo para um modelo misto não corra nenhum risco do ponto de vista das contribuições...
147	Conv2 - vamos à segunda parte ...
148	PP - ...creio que aceitará a racionalidade daquilo que estou a dizer...
149	Conv2 - Eu aceito mas tenho que acrescentar que ...
150	PP - ...deixe-me colocar a questão como ela existe na verdade tentando ser um bocadinho pedagógico e despoluir este debate de alguma poluição ideológica que lá está qual é a equação fundamental nós temos cada vez menos ativos a pagar cada vez mais pensões...
151	Conv2 - Sim!
152	PP - ...cada vez mais anos porque felizmente a esperança de vida aumentou isto não é uma questão de direita ou de esquerda é uma questão de números objetivos...
153	Conv2 - Sim!
154	PP - ...não fazer nada é puro e simplesmente convidar a que os jovens de agora tenham a convicção e provavelmente razão que não terão pensão digna mais tarde ao contrário é preciso explicar isto esta é que é a equação e depois há dois modelos completamente diferentes neste momento em cima da mesa e o modelo que a maioria apresenta é coerente com o seu programa coerente com os seus documentos e é o mais moderado de todos...
155	Conv2 - Mas qual é o modelo.
156	PP - ...o modelo é que nós mantemos o desconto obrigatório para a Segurança Social pública que é o pilar do sistema que a partir de um certo nível que em tempos num livrinho que eu já lhe vou citar tinha sido definido em x salários-mínimos...
157	Conv2 - Creio que seis.
158	PP - ...à época cinco ou seis num governo socialista por destacados dirigentes socialistas
159	Conv2 - Mas vamos à sua posição.
160	PP - ...só um segundo se me está a explicar a pedir qual é o modelo é isto é Segurança Social pública é o pilar essencial do sistema a partir de um certo limite as pessoas podem fazer uma escolha de descontar para o público para o privado ou para o mutualista e em contrapartida o Estado daqui a umas décadas paga pensões até um certo limite mas acima desse limite não se pode responsabilizar por elas...
161	Conv2 - Permita-me então...
162	PP - ...é isto deixe-me só ó António é só para que as pessoas percebam...

163	Conv2 - Sim!
164	JAC - Vamos ter que apressar...
165	Conv2 - ...é só para lhe perguntar...
166	PP - Ó Zé Alberto permita-me só quando as pessoas ouvem falar em plafonamento muitas vezes lá em casa não sabem o que é que é ou não têm suficiente informação é isto ou seja limitam-se há uma espécie de pensão máxima no futuro para garantir que todos podem receber e em coerência e por justiça também há um limite nas contribuições atuais...
167	Conv2 - Ó Dr. Paulo Portas mas deixe-me só ...
168	PP - ... onde é que eu acho...agora deixe-me só dizer-lhe isto porque as coisas têm que ser é absolutamente extraordinário...
169	JAC - O que eu peço é que sejam breves.
170	PP - ...absolutamente extraordinário...
171	Conv2 - Ó Sr. Dr. mas deixe-me só acrescentar... porque é importante...
172	PP - ...peço desculpa estou a chegar à questão ...
173	Conv2 - Ó Dr. Paulo Portas ainda não acrescentou nada de novo em relação ao que se sabe pergunto-lhe qual é o limite que considera razoável subscreve os cinco ou seis...
174	PP - Se eu me proponho se eu me proponho fazer uma negociação num tema de Estado com o principal partido da oposição e com os parceiros sociais acha que eu vou estar a dizer ou é isto ou não é nada eu estou-lhe apenas a referir uma coisa eu oiço o Dr. António Costa e agora vou pedir desculpa que esteja talvez um pouco indignado na minha expressão eu oiço o Dr. António Costa dizer que esta proposta de plafonamento moderadíssimo que é a privatização da Segurança Social que é um crime contra a Segurança Social que é entregar ao privado a Segurança Social e vou buscar este livro o Livro Branco da Segurança Social feito durante o governo do Engenheiro Guterres presidido por um socialista eminente Dr. Correia de Campos onde estavam socialistas igualmente eminentes como Dr. Maldonado Gonelha ou o Dr. Santos Silva onde se defende exatamente o plafonamento e eles sim falavam em cinco ou seis salários mínimos e a partir daí haver liberdade de escolha e portanto peço desculpa todos os adjetivos injustos que o Dr. António Costa para tentar confundir as pessoas quer dirigir ao PSD e ao CDS pode dirigi-los a vários camaradas de partido e eu não faço não tento criar confusões nem fantasmas com um assunto muito sério agora vamos...
175	JAC - Vamos avançar vamos avançar
176	PP - se me permite Zé Alberto...
177	JAC - ...temos menos de 10 min...
178	PP - ...há um ponto que tenho que lhe pedir...
179	JAC - ...para chegar ao fim do programa...
180	PP - ...peço desculpa mas tenho que lhe pedir agora vejamos então qual é a proposta do PS...é que o PS cria um problema...
181	JAC - ...não... não já discutimos ...
182	PP -... é qua a proposta do PS cria um problema ...
183	JAC - Ó Dr. Paulo Portas peço-lhe desculpa mas nós já discutimos...
184	PP - ...se não... pode dar-me um minuto é a única coisa que eu peço...
185	JAC - Não não pode ficar para a negociação...
186	PP - não, deixe-me...

187	JAC - ...não pode ficar para a negociação que quer fazer com o PS.
188	PP - ...é que o Partido socialista apresentou um modelo fechado e eu gostava só de chamar a atenção das pessoas que falam no problema dos 600 milhões o problema que o partido socialista cria é 15 vezes maior do que esse ou 24 vezes maior do que esse.
189	Conv2 - O Dr. Paulo Portas o plafonamento ...
190	JAC - Haverá... não vamos poder desenvolver eu lamento eu lamento...
191	PP - ...tem que me deixar só dizer isto...
192	JAC - ...não... não... não posso senão tenho que pedir desculpa a dois convidados que não vão falar...
193	PP - ...deixe-me só dizer eu só peço um minuto não lhe peço mais no atual sistema de pensões é o trabalhador de hoje que paga a pensão de hoje do outro reformado quem cria um problema nas contribuições está a criar um problema no pagamento das pensões o partido socialista ao fazer aquela descida radical da TSU cria um problema de 9000 milhões de euros ou de 14 mil milhões de euros conforme as versões...
194	JAC - Eu aposto que depois destas declarações vamos ter nos próximos dias novas contas sobre a Segurança Social.
195	PP - Eu gostava de perceber isto se desaparecem 9 mil milhões ou 14 mil milhões do financiamento da Segurança Social como é que se pagam as pensões...
196	Conv2 - (xxxx)
197	JAC - Não... não vamos retomar... eu quero ouvir e quero chamar a este debate...
198	PP - É que este plafonamento é vertical obrigatório para todos os trabalhadores atuais é o modelo do Partido Socialista o nosso é para futuro é apenas a partir de um determinado limite e é feito com a escolha por parte do trabalhador relativamente à forma de programação da sua velhice.
199	JAC - Está encerrada aqui esta questão eu vou-lhe pedir para responder em dois minutos a cada uma das perguntas que tem a seguir ...
200	PP - Peço desculpa sim senhor.
201	JAC - ...é a contrapartida pelo que aconteceu agora nos últimos minutos João Miranda é o presidente da Frutalact uma empresa do sector exportador do sector agroalimentar de âmbito familiar que faturou 110 milhões de euros em 2014 é uma empresa que exporta aquilo que produz qual é a pergunta que tem para o Dr. Paulo Portas.
202	P12Conv3 - Muito bem eu julgo que...
203	PP - Boa noite João!
204	Conv3 - Boa noite eu julgo que o agroalimentar é seguramente também uma paixão do Dr. Paulo Portas nós tivemos... e aqui julgo que estamos todos de acordo desde 2009 em que nós tínhamos exportações globais que representavam cerca de 30% do PIB e hoje estamos com cerca de 40% aqui o agroalimentar teve verdadeiramente um grande peso e diria também que seria injusto se eu não dissesse que a diplomacia económica apareceu neste país e eu aí tenho que tirar o chapéu ao Dr. Paulo Portas...
205	PP - Obrigado!
206	Conv3 -...a verdade é que nem tudo correu bem eu julgo que as empresas necessitam de outro suporte necessitam verdadeiramente mais <i>intelligence</i> para atingir os mercados externos eu acho que nós não estamos a conseguir...
207	JAC - Qual é a pergunta João Miranda
208	Conv3 - ...nós não estamos a conseguir ir para os mercados com conhecimento prévio ou seja a pergunta objetivamente é como é que o Dr. Paulo Portas que tanto viaja com as empresas como é que sente digamos o suporte de uma estrutura tão importante para o país e para todos os países que a tem como é

	o AICEP ou seja eu vou-lhe dizer como é que a sinto eu sinto que o AICEP trabalha muito numa lógica macro não refina a informação é um repositório de informação e não transforma essa informação em conhecimento para as empresas eu acho que aqui temos verdadeiramente necessidade fazer uma alteração profunda nesta estrutura vital para as empresas e para darmos um salto maior em termos de internacionalização e exportações.
209	JAC - Que resposta.
210	R12PP - Primeiro obrigado acho que a diplomacia económica que não foi conceptualmente inventada por mim eu acho que a levei mais longe do que antes seguramente tem uma coisa tem um princípio de base que é este as relações internacionais são cada vez mais económicas neste momento eu diria mesmo é quase mais importante saber quem tem a nossa dívida do que quantas legiões militares tem um determinado país as empresas exportadoras portuguesas durante o tempo terrível da recessão foram a luz ao fundo do túnel e fizeram um esforço extraordinário aquilo que o João Miranda diz é que elas passaram de 29% do PIB em exportações para usando os dados do INE a preços constantes creio eu que é o que o INE usa quase 43% neste momento é uma proeza extraordinária eu nunca a atribuí ao governo eu sempre o atribuí às empresas no caso agro nós estamos se pensarmos em agroalimentar agroindustrial agroflorestal a chegar a um numero absolutamente extraordinário para cima de 10 000M€ as exportações cresceram a um ritmo de 7 -8- 9-10% ao ano nos últimos anos e houve uma coisa em que eu acho que as empresas e o governo se ajudaram mutuamente chama-se abertura e certificação de mercados externos são 260 produtos portugueses que nós não podíamos exportar e agora podemos para 75 mercados novos...
211	JAC - E é preciso mudar...
212	PP - ...isso dá muito trabalho às empresas dá muito trabalho aos políticos ..
213	JAC - E é preciso mudar o AICEP que era a pergunta ou não
214	PP - ...e aí chego eu acho que aquilo o AICEP eu gosto muito de trabalhar com o AICEP tem muitíssima gente com qualidade o João Miranda como outros têm esta ideia de que é preciso chegar a um nível mais micro para que possam dar uma <i>intelligence</i> de informação comercial às empresas que as ajude mais e portanto eu não sou dogmático estou aberto a isso e acho que essa é a função exata que a AICEP deve desenvolver no plano das exportações porque também desenvolve uma função importante no plano de investimento como sabem.
215	Conv3 -E se me permite também das importações ...
216	JAC - Eu peço desculpa João...
217	Conv3 -Nós também devemos conhecer aquilo que é a nossa oferta e conhecer aquilo que nós estamos a importar para evitar as importações e conhecer a oferta é conhecer de forma refinada não é conhecê-la de forma macro conhecer a oferta e onde é que temos a procura e casar digamos a oferta com a procura
218	PP - Estou de acordo.
219	JAC - Com desculpas para todos felizmente que tenho ideia que a pergunta do João Taborda da Gama que é professor na Universidade Católica é muito concreta e muito simples de fazer e depois terá pouco mais de um minuto para responder Dr. Paulo Portas.
220	P13Conv 4 - Boa noite Dr. Paulo Portas muito diretamente olhando para os últimos 4 anos e para os próximos quatro anos onde é que Portugal precisa de menos Europa e onde é que Portugal precisa de mais Europa.
221	R13PP - Eu sempre achei que Portugal seria na Europa aquilo que conseguir trazer para a Europa do seu relacionamento que é singular e não transmissível com África com a América Latina e até com o Oriente e é por isso que nós temos que dar muita força à diplomacia nestas outras geografias porque é isso que compensa a nossa escala do ponto de vista europeu há uma coisa que eu tenho a certeza que não convém a Portugal as propostas que visam dividir a Europa em primeira divisão segunda divisão e terceira divisão obviamente não colocam Portugal na primeira divisão e colocam-nos portanto não na vanguarda mas numa periferia aí política porque eu acho que a questão de Portugal é periférica depende visto do Atlântico é central donde não nos convém alguma proposta de regresso ao diretório que

	recentemente feita obviamente exclui Portugal da primeira divisão esses dois pontos para mim são claros onde a Europa é mais necessário imediatamente na questão dos refugiados como é evidente e se me permitir dizer alguma coisa sobre isso ...
222	JAC - 30 segundos.
223	PP - Muito bem! Se quiser em 30 segundos é assim eu disse há quatro meses até de uma maneira um bocadinho exaltada oiçam o Papa oiçam o Papa e aquilo que está a acontecer não é uma crise de imigração clássica o que está a acontecer é uma crise de refugiados uma crise humanitária gravíssima é evidente que todos temos na memória mas podia haver uma coleção de milhares de imagens a imagem ontem daquela criança naquela praia a Europa ou é o que são os seus valores ou não é nada e a Europa tem que tomar uma posição com muita clareza com muito nitidez relativamente a esta questão de refugiados de guerra particularmente porque o Ocidente não está isento de responsabilidades naquilo que aconteceu na Síria...
224	JAC - Muito obrigado Dr. Paulo Portas...
225	PP - ...deixe-me só dizer-lhe isto a tradição portuguesa é de acolhimento foi um povo sempre sobre acolher e é um povo que sabe o que é ser acolhido e por isso eu acho que evidentemente é preciso fazer mais e também é preciso que fica aqui uma lição se me permite relativamente aquilo que diz o Dr. João Gama...o sr. professor João Gama é quando o problema das migrações e mais exatamente dos refugiados estava em Espanha em Itália e na Grécia muita gente no norte da Europa tratava o problema com se fosse uma questão daqueles países...
226	JAC - Não é uma praga como diz David Cameron.
227	PP - ...agora... agora o problema chegou á fronteira central da Europa...
228	JAC - ...não é uma praga como diz David Cameron que vai estar amanhã em Portugal...
229	PP - ...na Hungria ou na República Checa...de todo são gente que está a fugir à morte ...
230	JAC - ...não é uma praga.
231	PP - ...ouça são gente nem sequer comento são gente que está a fugir à morte que está a fugir a uma guerra que é um genocídio se quiser múltiplo que é o que está a acontecer na Síria e depois também na Líbia e depois em toda a região do Médio Oriente a única coisa que eu lhe quero dizer é isto é que isto não é um problema da fronteira sul da Espanha da Itália ou da Grécia isto é um problema da fronteira externa da Europa
232	JAC - Sem dúvida!
233	PP - ...da fronteira externa da Europa
234	JAC - podemos desenvolver esse raciocínio já a seguir
235	PP - ...não há um último ponto que eu ...
236	JAC - ...porque eu tenho mesmo que encerrar o programa.
237	PP - ...acho que é justo dizer é que até agora quem eu acho que mais se aproximou de honrar aquilo que é o humanismo cristão e o humanismo laico que fazem os valores da Europa foi a Chanceler Merkel quando disse eu não repatriarei nenhum refugiado de guerra da Síria.

Anexo T1 - Temáticas das perguntas TPS a Paulo Portas - Codificação

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§ no ANEXO T	Segmento
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Apoio às empresas	P12Conv3	208	temos verdadeiramente necessidade fazer uma alteração profunda nesta estrutura vital para as empresas e para darmos um salto maior em termos de internacionalização e exportações. (AICP)
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P8Conv1	81	no respeito a redução da carga fiscal sobre o trabalho dependente de quem menos rendimentos auferia era importante e pergunto se acha que isso é possível e se sim em que condições.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P9Conv1	91	se a reforma (IRC) é para se manter ou não dependendo das eleições de dia 4 (...) ponto segundo se acha que é possível ir mais longe ainda.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Lesados do BES	P3JAC	68	peçoas que foram enganadas pela compra de produtos financeiros do BES e do grupo Espírito Santo reconhece que essas peçoas têm direito a serem indemnizadas.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Portugal na UE	P13Conv4	220	onde é que Portugal precisa de menos Europa e onde é que Portugal precisa de mais Europa.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Segur Social	P11Conv2	130	deixou de ser necessário arranjar 600 milhões de euros para reequilibrar o sistema de segurança social
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Venda Novo Banco	P1JAC	16	por que razão é necessário vender agora o Novo Banco qual é a pressa.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Venda Novo Banco	P2JAC	22	compromete-se tal como tem sido dito por vários membros do governo (...) a alienação do Novo Banco não irá custar um cêntimo para os portugueses.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Venda Novo Banco	P4JAC	72	é o Banco de Portugal através do seu governador que está a gerir o processo de venda do novo banco não está inteiramente satisfeito com a sua atuação.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P10JAC	119	Dizem as sondagens que teremos dois grupos parlamentares muito aproximados em termos de número de deputados alguém que fala tanto de estabilidade como o Dr. Paulo Portas qual é a sua ideia de estabilidade num cenário destes dia 4 de outubro à noite.
●	PauloPortas_3Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Relação entre poderes	P5JAC	74	subscreve o raciocínio do eurodeputado Paulo Rangel no neste fim de semana disse

Cor	Nome do documento	Código	Perg	§ no ANEXO T	Segmento
					que se fosse um governo do PS no poder se estariam (...) a ser investigados o mais poderoso banqueiro do país e um ex-primeiro-ministro.
•	PauloPortas_3SetembroTVI	PERGUNTAS\Politics\Relação entre poderes	P6JAC	76	Preocupa-o aquilo que muitos analistas e comentadores apontam como sendo ou a politização da justiça ou a justicialização da política neste momento em Portugal.
•	PauloPortas_3SetembroTVI	PERGUNTAS\Politics\Relação entre poderes	P7JAC	78	E quando os políticos escorregam quando escorregam nessa regra e abrem caminho a este tipo de interpretações e de comentários sobre a mistura das duas áreas.

Anexo U - Transcrição da Entrevista TPS a Catarina Martins

§	Texto
1	P1PPI -Catarina Martins vamos à primeira questão e tem a ver naturalmente com a estabilidade política todas as sondagens apontam para um impasse eleitoral no dia 4 de outubro pode o Partido Socialista contar com o Bloco de Esquerda para uma solução estável de governo.
2	R1CM - Olá boa noite muito obrigada pelo convite é muito bom estar aqui o Bloco de Esquerda tem dito ao que vem do ponto de vista do programa e as pessoas sabem que contam com o Bloco de Esquerda para qualquer... para uma solução governativa que defenda o país que defenda quem viva do trabalho que permita criar emprego que permita proteger a riqueza que é produzida no país para ela deixar de ir para o estrangeiro como tem sido até agora e permita uma melhor redistribuição da riqueza que produzimos para que... para combater as injustiças sociais que temos vivido e portanto o Bloco de Esquerda nunca faltará a uma solução desse gênero a pergunta que me faz...
3	P2PPI -Mas significa então que está o Bloco de Esquerda aberto a acordos de incidência parlamentar quais são as linhas se sim quais são as linhas de que não abdica.
4	R2CM - Há duas linhas essenciais uma é que quem vive do trabalho seja respeitado que os salários sejam respeitados que as pensões de quem trabalhou e contribuiu toda uma vida sejam respeitadas que se acabe com o abuso e com a precariedade que tem obrigado tanta gente a emigrar temos mais de 10000 pessoas a sair do país por mês na sua maioria jovens combater esse abuso pelo trabalho é uma linha importantíssima a segunda linha é proteger o futuro do país proteger o futuro do país desta sangria de recursos para fora e também destas privatizações que estão a dar cabo do país e que dão cabo do Estado Social nesta campanha nós temos visto o Bloco de Esquerda tem estado na primeira linha de o fazer que depois de tudo o que foi privatizado no país está a ser feito um gigantesco ataque à Segurança Social com esta ideia de privatizar a Segurança Social e portanto...
5	P3PPI - Já vamos detalhar todos esses pontos mas deduzo das suas palavras que não fecha a porta a um acordo de estabilidade com o Partido Socialista.
6	R3CM - O Bloco de Esquerda não fecha nenhuma porta à possibilidade de proteger o país de proteger as pessoas que aqui vivem mas nunca o voto no Bloco de Esquerda servirá para fazer o contrário do que está no nosso programa as pessoas podem ter a certeza que o Bloco Esquerda não abdica do seu programa ... capacidade para negociar...
7	P4PPI - Isso significa por exemplo exigir ao Partido Socialista que renegocie a dívida que reestruture a dívida.
8	R4CM – Dou-lhe um exemplo concreto o CDS foi eleito dizendo que era o partido dos pensionistas e o partido dos contribuintes chegou ao governo e aumentou os impostos e cortou as pensões o Bloco de Esquerda diz que é preciso proteger quem trabalha ninguém verá o Bloco Esquerda num governo a liberalizar despedimentos...
9	PPI – Catarina Martins não respondeu à minha pergunta isso significa exigir por exemplo ao PS que renegocie a dívida.
10	CM - O problema da dívida é um problema central e é bom que haja uma palavra sobre isso nós reparámos que nem Partido Socialista nem PSD /CDS dizem nada sobre como vão pagar a dívida a dívida em Portugal é gigantesca está a tirar os recursos do país e de facto quando ninguém diz no seu programa o que é que vai fazer com a dívida podemos esperar o pior porque depois de se ter privatizado tudo o governo fez cerca de 9000 milhões de euros com as vendas com as privatizações que fez que deu para pouco mais de um ano de juros ora se a dívida não for reestruturada de maneira nenhuma como é que nós a vamos conseguir pagar ou seja nestes anos para a pagar cortaram-se salários cortaram-se pensões cortou-se na escola no Serviço Nacional de Saúde e vendeu-se quase tudo o que existia portanto o problema da dívida está aí o que nós temos dito e há um consenso que se alarga na sociedade portuguesa e nós achamos que isso é muito importante é que precisamos de encarar o problema da dívida de frente e propor a sua reestruturação e vemos como ministros... ex-ministros das Finanças até de partidos da direita como Bagão Félix ou Manuela Ferreira Leite hoje vêm reconhecer... têm reconhecido que a dívida pública portuguesa é insustentável e por isso tem de ser reestruturada e um voto no Bloco de Esquerda é seguramente um voto que afirma esse consenso e dá mais força a esse consenso pela reestruturação da dívida e portanto não aceito esta...

11	PPI – E esse é um ponto do qual não vão abdicar...
12	CM – O problema é...
13	PPI – ... esse é um ponto do qual não vão abdicar...
14	CM – Nós não abdicamos...
15	PPI - ...para sintetizar.
16	CM - ...mas é bom que as pessoas percebam porque é que não abdicamos...
17	PPI – Já vamos discutir a questão da dívida...
18	CM – é porque...
19	PPI - ...e as questões do programa económico do BE
20	CM - ... quando os outros partidos não falam da dívida não estão a dizer o que é que vão fazer no dia seguinte e nós não aceitamos (que não sejam verdadeiros?) sobre o dia seguinte...
21	P5PPI - Catarina Martins já vamos já vamos detalhar o programa económico do Bloco de Esquerda eu queria só entender a realidade política em que navegamos nas próximas semanas ainda esta manhã o fundador histórico do Bloco de Esquerda Fernando Rosas dizia que numa entrevista dada ao jornal I que o Bloco e PCP têm que fazer uma coligação para chegarem ao poder acha exequível.
22	R5CM - Nós estamos em eleições os partidos são diferentes apresentam-se com os seus programas com as suas ideias as pessoas sabem que o Bloco de Esquerda nunca faltou às possibilidades de convergência à esquerda que deram... que alteraram no concreto a vida das pessoas e quando foi preciso estivemos com o PCP e assumimos a nossa responsabilidade e portanto assumir essa responsabilidade para mudar não é um problema nós somos partidos diferentes com formas diferentes de estar com maneiras diferentes como olhamos para as questões da liberdade da igualdade etc. mas não deixámos nunca de fazer a convergência quando faz diferença e é bom que estas coisas sejam concretas para as pessoas perceberem quando o governo começou a fazer orçamentos inconstitucionais e a tirar salários e pensões às pessoas o Bloco de Esquerda foi o primeiro partido a dizer que era preciso ir ao Tribunal Constitucional na altura nem Partido Socialista nem PCP quiseram ir mas nós conversamos com todos e houve deputados do Partido Socialista que à revelia da própria direção do Partido Socialista quiseram ir com o Bloco Esquerda e permitiram a ir ao Tribunal Constitucional mais tarde o Partido Comunista também teve disponibilidade e quis ir ao Tribunal Constitucional e fomos em conjunto...
23	PPI –Mas Catarina Martins deixe-me recentrar a questão no partido socialista...
24	CM –...mas é para as pessoas perceberem porque é que as coisas são diferentes porque quem este Verão recebeu o subsídio de férias ou os pensionistas que não tiveram corte da CES sabe que não o devem ao governo mas devem sim à oposição e desde logo ao Bloco de Esquerda que foi o partido que foi capaz de desbloquear todas as conversas à esquerda para que fosse possível ir ao Tribunal Constitucional e as pessoas receberem esse dinheiro que era devido.
25	P6PPI - Catarina Martins mas deixe-me recentrar a questão numa solução de estabilidade eventualmente com o Partido Socialista não teme com tantas linhas inultrapassáveis não esteja a dar força aos partidos da direita tal como aconteceu em 2011 quando o Bloco de Esquerda chumbou o PEC4 e fez cair José Sócrates.
26	R6CM - Essa história do PEC 4 está ligeiramente mal contada eu lembro que... eu bem sei que agora Pedro Passos Coelho faz de conta que chegou agora à política aterrou agora não negociou com a troika não tem nada a ver com o que aconteceu antes não foi assim negociaram com o Partido Socialista o orçamento de 2010 negociaram os vários PEC's ou seja tanto os orçamentos de Estado como os PEC's e o próprio memorando da troika foi um entendimento que entre o Partido Socialista e a direita que decidiram fazê-lo e o que aconteceu foi que houve uma altura e se calhar as pessoas lembram-se da expressão porque é uma expressão forte e que é uma vergonha para a democracia que o PSD achou que tinha chegado a altura de ir ao pote e nessa altura o PSD chumbou o PEC4 e com isso o PEC4 não foi para a frente e José Sócrates demitiu-se o PEC4 previa cortes em salários e pensões previa as privatizações que o memorando fez o Bloco de Esquerda estava contra o PEC desde o início e não o

	negociou ao contrário do PSD porque acha que as privatizações e o cortar salários e pensões não são caminho são empobrecimento não são resultado o PSD é que estava de acordo com esse caminho chumbou-o para poder chegar ao governo fez campanha a dizer que não ia aplicar aquele caminho e mal chegou ao governo fez tudo ao contrário do que tinha dito cortou pensões cortou salários e fez privatizações e é bom nós lembrarmos das coisas como foram porque se nós não encarmos o que aconteceu de uma forma real depois também não conseguimos encontrar as alternativas que hoje é necessário mas eu não queria fugir à pergunta sobre a estabilidade porque eu percebo-a e diz muito às pessoas...
27	PPI – Vamos lá!
28	CM - ... temos de perceber o que é estabilidade não houve estabilidade nenhuma nestes 4 anos para as pessoas que de repente ficaram sem emprego e que hoje não têm nenhum apoio nem subsídio de desemprego nem Subsídio Social de Desemprego nada foram abandonadas 700000 pessoas em Portugal não houve nenhuma estabilidade em quem foi obrigado a emigrar não houve nenhuma estabilidade em quem votou por exemplo no CDS ou no PSD num mês ouvindo as promessas de que o subsídio de natal nunca seria cortado e no mês seguinte ouviu Pedro Passos Coelho a dizer que logo aí ia ficar com 50% do subsídio de natal...
29	P7PPI - Mas vamos voltar ao Partido Socialista já ouvimos elementos do Bloco de Esquerda dizerem...
30	CM - ...e é por isso que nós achamos...
31	PPI ... que o PS é austeridade aos bocadinhos quero ouvir do lado da Catarina Martins qual é o seu posicionamento relativamente a uma solução estável de governo com o PS.
32	R7CM – Sobre o programa do PS o PS explica muito melhor do que eu certamente agora nós analisamos o que é que está em cima da mesa e o Partido Socialista e já o tenho dito algumas vezes tem várias propostas que a nosso ver são em tudo iguais ao alinhamento à estratégia que PSD e CDS têm tido para o país olham para o mercado de trabalho para o chamado mercado de trabalho e em vez de perceberem que há precariedade a mais e emprego a menos despedimentos a mais dizem que há rigidez do mercado laboral e propõem liberalizar despedimentos não contam com o Bloco de Esquerda para isso olham para a Segurança Social e em vez de a protegerem de protegerem as pensões futuras embarcam no discurso da direita de que a Segurança Social tem de ser mexida e estão a cortar a TSU agora a quem trabalha agora pondo as pensões mais baixas no futuro e pondo em causa a sustentabilidade da Segurança Social também não contam conosco...
33	PPI – Também não contam com o Bloco de Esquerda aí.
34	CM - ... para isso e finalmente há aquele elefante gigantesco no meio das opções políticas da sala das opções políticas que temos que fazer que é o problema da dívida é verdade em que têm tido do ponto de vista até europeu mas não só a nível nacional exatamente o mesmo alinhamento que tem tido PSD e CDS e para nós...
35	PPI – Também não contam com o Bloco de Esquerda nesse nesse capítulo.
36	CM – ... o problema é este se ninguém diz o que é que vai fazer com a dívida quer dizer que no dia seguinte a ser eleito vai dizer assim como as pessoas já ouviram tantas vezes em Portugal e não querem ouvir mais ah! afinal as contas públicas não nos permitem fazer o que tínhamos prometido afinal a situação é mais difícil afinal há aqui uma dificuldade e nós prometemos devolver a sobretaxa ou apostar mais na ciência ou seja o que for e afinal não vai dar porque as contas não permitem quando os partidos do centro PS PSD e CDS fogem a discutir o problema gigantesco da dívida pública dizendo que a reestruturação é uma coisa difícil de falar de facto o que estão a esconder é a dificuldade da própria proposta que fazem ou estão a esconder os seus números não falam do problema e portanto o que prometem hoje nós sabemos que não vão conseguir fazer a seguir às eleições é melhor falar a verdade mesmo com a dificuldade...
37	P8PPI – Deixe-me a propósito dos partidos do centro colocar aqui uma pergunta de um espetador (nome) nas últimas legislativas o Bloco obteve 5,17 % dos votos as sondagens dão um resultado em torno dos 4,8% como explica que o Bloco não descole apesar de 4 anos de austeridade.

38	R8CM – Eu julgo que esses dados estão ligeiramente desatualizados a própria TVI nos tem dado resultados superiores ao que tivemos nas últimas eleições legislativas em todo o caso...
39	PPI – Mas não há um descolar nas sondagens não acontece como noutros países da Europa como vemos em Espanha por exemplo com o Podemos a disparar do ponto de vista do peso político do Bloco de Esquerda...
40	CM – ...vamos esperar...
41	PPI -...ou na Grécia com o <i>SYRIZA</i> .
42	CM –... vamos esperar pelas eleições as sondagens não são votos e nós sabemos que ainda por cima são muito pouco credíveis infelizmente e não estou com isto a dizer mal de quem faz o seu trabalho mas num país em que há tanta abstenção nós sabemos que se sabe muito pouco do que vão ser os resultados não é e portanto precisamos de esperar pelo voto uma coisa lhe digo os indicadores mostram porque mais uma vez sabendo eu da fragilidade dos indicadores não deixo de olhar para eles que o Bloco tem estado a subir de uma forma consistente desde janeiro e o que nos diz o contato que temos com as pessoas o trabalho que temos feito é que é crescentemente reconhecido esse trabalho que o Bloco tem feito tanto de proposta como de denúncia do que tem feito a direita e esse trabalho tem vindo a ser reconhecido e portanto nós faremos a campanha sobre as propostas sobre aquilo a que vimos sem esconder as dificuldades sem esconder o que para nós é essencial não nos furtamos a nenhum debate...
43	P9PPI – Não posso deixar de lhe perguntar o que seria para si um mau resultado para o Bloco.
44	R9CM – Pró Bloco há uma coisa importante...
45	PPI – Ou pelo menos qual é a meta que o Bloco procura alcançar no dia 4.
46	CM - Duas coisas diferentes...
47	PPI – Do ponto de vista de votos e mandatos.
48	CM – ...duas coisas diferentes para explicar claro que é objetivo do Bloco de Esquerda nestas eleições é derrotar a austeridade é que se possa construir em Portugal uma alternativa política diferente da austeridade...
49	PPI – Sim mas isso não é materializável em ...
50	CM – em relação ...
51	PPI - ... em números.
52	CM - ...não quero fugir à pergunta em relação a vitórias ou derrotas como toda a gente percebe e não é propriamente nada de muito extraordinário um partido tem melhor resultado quando fica com mais deputados e tem pior resultado quando fica com menos deputados e acho que é tão simples como isso...
53	PPI – Portanto um bom resultado é ter mais deputados.
54	CM – Claro aumentar a representação parlamentar é sempre um bom resultado...
55	PPI – Um mau resultado é perder deputados...
56	CM ... é perder...
57	PPI – ...isto apesar de terem perdido metade da votação nas últimas eleições legislativas e portanto estarem numa trajetória descendente.
58	CM – Não diremos tanto sabe na Madeira aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido em Portugal e que não tinha acontecido com o Bloco o Bloco teve um resultado bem superior ao que previam as sondagens e fez algo que nunca nenhum partido tinha feito em Portugal depois de ter perdido a representação parlamentar da Madeira ganhou-a em dobro e portanto talvez sem nenhum otimismo porque o trabalho faz-se as pessoas é que decidem no dia 4 também não é verdade que haja um qualquer enfraquecimento do Bloco as pessoas...

59	PPI - Eu tenho estado a monopolizar a conversa mas é altura de abrir o espaço aos comentadores.
60	P10C1 – Aqui na conversa para recuperar um tema que estávamos agora a falar que é de facto esta analogia com outros países do sul da Europa que passaram também por dificuldades a Grécia e a Espanha em que propostas políticas não dentro daquilo que é tido como o arco da governabilidade desses países têm bons resultados nas sondagens ou mesmo nas eleições como o caso do <i>SYRIZA</i> na Grécia e o Podemos em Espanha o facto de isso não acontecer em Portugal nomeadamente no Bloco de Esquerda com esta intensidade significa que apesar de tudo os eleitores continuam menos zangados se quiser ou mais satisfeitos com o PS e o PSD.
61	R10CM – Os países são diferentes as realidades políticas são diferentes a própria forma como se organizam os partidos são diferentes em todo o caso é verdade que nós precisamos em Portugal de reforçar uma alternativa ao centrão porque a alternância o que tem feito é desgastar as pessoas com a democracia eu acho que o perigo em Portugal é esse é que as pessoas depois de tantos anos de rotativismo tantos anos em que se alternou e não leram nenhuma alternativa ou seja está-se chateado com um governo e depois votasse noutro partido que estava lá antes e que faz uma promessa diferente mas depois vai-se a ver e fazem sempre mais ou menos a mesma coisa que este cansaço desmobilize as pessoas de utilizarem o voto de utilizarem a sua capacidade para escolher eu acho que o grande caminho que temos de fazer em Portugal é essa reabilitação das pessoas na sua capacidade coletiva de mudar o país...
62	C2 – As pessoas Catarina Martins as pessoas desiludem-se do centro mas não vão para a esquerda.
63	CM – Têm ido ...é o que eu estava a dizer vão para a abstenção...
64	C2 – ...vão para a abstenção.
65	CM - ... eu julgo que esse é um problema até ...
66	PPI – Não é um falhanço do Bloco de Esquerda.
67	CM – É um falhanço de toda a gente que acredita na democracia e portanto também do Bloco de Esquerda claro.
68	P11C2 –Isto não é também porque a esquerda não se consegue unir no essencial nós o que temos assistido é uma dispersão de esquerda de partidos depois
69	R11CM – Às vezes há uma certa confusão sobre o que é que significa isso da dispersão à esquerda eu acho que a esquerda esteve unida quando fez com que as pessoas pudessem ter subsídio de férias ou acabar com a CES para muitas das pensões e é isso que é (X)...
70	C2 - Mas não conseguem trazer isso num projeto de maioria de um projeto de governo.
71	CM – Veremos... veremos... eu acho eu continuo a achar que sim que isso é importantíssimo agora é importante que seja verdadeiramente sobre um projeto político os debates sobre siglas são sempre debates tão mais pobres do que os debates das condições concretas de vida das pessoas é preciso criar emprego é preciso respeitar os salários é preciso gerir o problema da dívida é preciso olhar para um sistema fiscal que tem vindo a retirar tanto rendimento a quem trabalha e tem vindo a privilegiar quem nunca é chamado ao esforço coletivo e portanto eu julgo que se falarmos mais em propostas concretas e menos em aritmética de siglas...
72	C3 – Era isso que eu gostava de falar era isso que eu gostava de falar...
73	PPI – Vamos a questões concretas do ponto de vista económico António Costa
74	P12C3 – Li o manifesto eleitoral do Bloco de Esquerda li-o com a atenção com a devida atenção com 68 paginas depende apenas de uma única pagina do sucesso de uma única página da página 5 que tenho aqui á minha frente e que cita os dois instrumentos digamos assim fundamentais para que toda a política económica do Bloco de Esquerda defenda seja exequível a reestruturação da dívida gostava de falar do ponto de vista substantivo e em pormenor e da proposta em concreto do Bloco de Esquerda e do que o Bloco de Esquerda diz ser a revolução fiscal para acabar com a punição do trabalho eu leio isto e lembro-me imediatamente do <i>SYRIZA</i> que tinha isto no seu programa eleitoral e não consegui aplicar não lhe vou perguntar se o que aconteceu na Grécia é sobre o que vai ou pode acontecer aqui mas eu gostava de

	saber é que condições é que o Bloco de Esquerda considera ter para fazer em Portugal o que o <i>SYRIZA</i> não conseguiu fazer na Grécia no contexto da negociação para que todo o resto do programa eleitoral do Bloco seja executável e possa ser levado à prática.
75	R12CM – O problema na Grécia foi a reestruturação da dívida e foi um esmagamento que foi feito na Grécia de partidos que estavam interessados em ganhar eleições nos seus países com o mal que fizeram a outros...
76	C3 – Já lá vamos à substância mas o ponto é que de facto os pontos...
77	CM - ...mas vamos lá...
78	C3 - ...nos pontos nos pontos políticos e até nas ferramentas em concreto repete não estou a dizer que copia estou a dizer que repete no sentido tem a mesma estratégia do <i>SYRIZA</i> na Grécia o <i>SYRIZA</i> não conseguiu o que é que a leva a considerar que o Bloco de Esquerda pode conseguir reestruturar a dívida e fazer esta revolução fiscal para acabar com a punição do trabalho.
79	CM – Porque eu não aceito que nos sejamos um protetorado neste momento a política divide-se em duas visões ou nós aceitamos que o nosso país não tem condições nenhuma para fazer qualquer opção e deve aceitar que o desemprego o empobrecimento e a emigração são os fados da nossa vida e com isso aceitamos que o nosso país é um país que não é viável que não pode existir que não pode ter vida com dignidade não pode ser um país desenvolvido ou nós dizemos não aceitamos essa lógica e juntamos forças fazemos consenso em torno das ideias que podem dinamizar a economia e que podem proteger o país e o que define hoje o que faz hoje o risco entre ser um protetorado ou ser uma democracia é a capacidade que temos para defender as pessoas que vivem do seu trabalho ...
80	C2 - Ó Catarina Martins mas o exemplo da Grécia não...
81	CM - ...e isso significa reestruturar a dívida e fazer uma reforma fiscal.
82	C2 – Catarina Martins mas o exemplo da Grécia não mostrou que de facto não há na zona euro lugar para uma política contra a austeridade.
83	CM – Mostrou certamente que o caminho é difícil mostrou...
84	C2 – Senão impossível na Grécia foi impossível.
85	CM –Impossível nunca é a ideia do impossível é sempre a ideia de que normalmente diz-se que é impossível viver melhor quem quer a estratégia do cada vez pior e nós vemos isso ao longo da história e não devemos achar que isso é uma desistência...
86	C2 –Mas é que o exemplo da Grécia foi muito esmagador eles ficaram sozinhos e tiveram que ceder em toda a linha e portanto...
87	CM - Não...Não queremos...
88	C3 -Com um programa idêntico a este.
89	CM – Se me permitirem...
90	P13PPI – Ó Catarina deixe-me só recordar as palavras da Catarina Martins quando o <i>SYRIZA</i> venceu as eleições “A vitória do <i>SYRIZA</i> hoje na Grécia esta vitória é tão expressiva é a vitória da dignidade contra a austeridade...
91	CM – E é foi.
92	PPI ...é a vitória da democracia contra a chantagem” assina esta palavras hoje.
93	R13CM – Foi assino estas palavras hoje não assino é o programa que está ser imposto na Grécia vamos ver se separamos as coisas haver um povo que tem a coragem de dizer que quer uma alternativa é importante lutar por ela é importante que na europa se tenha esmagado essa alternativa democrática que se tenham juntado partidos e governos incluindo os sociais democratas os socialistas que andam a dizer que querem alternativa à austeridade mas quando chegou a hora H quiseram esmagar a Grécia tem que nos fazer pensar no que são as próprias instituições europeias...

94	C3 - A arte da política é a execução das políticas...
95	CM -...e nas dificuldades que temos pela frente...
96	C3 – A arte da política é isso este programa é realista...
97	CM – Claro que é realista...
98	C3- ... no quadro no quadro do que é o contexto europeu.
99	C2 – Mas diga-me uma coisa...
100	CM – Se me permitirem responder só para tentar... brevemente o que não é realista é dizermos que o nosso país vai continuar a perder população ao ritmo de meio milhão em cada quatro anos isto é que não é realista o que não é realista é dizer que nós depois de já termos cortado pensões salários saúde e educação vamos continuar a cortar e a privatizar para pagar uma dívida impagável isto é que não é realista porque até agora não deu resultado o que nos mostrou o que aconteceu na Grécia é que é preciso fazer um confronto mais duro do que eventualmente o <i>SYRIZA</i> tinha preparado...
101	P14C2 – Ou então outra... ou então outra coisa porque se a Catarina Martins diz que não concorda com o acordo que foi feito pelo Tsypras não é quer dizer que a alternativa é a saída do Euro eu pergunto-lhe se encara essa possibilidade da saída do Euro da saída nesse caso de Portugal.
102	R14CM – Quem pôs essa possibilidade em cima da mesa foi o ministro das Finanças Alemão e associado a um programa de austeridade agora...
103	PPI – Mas a Catarina ainda agora falou de uma alternativa mais dura e a Constança perguntou e muito bem se essa alternativa mais dura passava pela saída do euro.
104	CM – Sim... sim... Não... mas eu... eu... mas eu vou responder eu não me parece que sair do euro seja por si uma solução um país sair do euro com uma dívida pública gigantesca com a mesma forma de lhe responder de austeridade etc. é o pior de todos os mundos porque continua a fazer desvalorização salarial e ainda teve a desvalorização cambial por cima e uma dívida gigantesca sobre esse ponto de vista não concordo outra coisa...
105	C2 – Mas as propostas do Bloco apontam nesse sentido.
106	CM – ...outra coisa diferente é um governo saber que tem que defender o seu país tem que defender as pessoas quem vive do seu trabalho quem tem uma reforma e para isso tem de ter a coragem de na Europa não aceitar o plano que o ministro das Finanças Alemão decidir impor certo é...
107	PPI – Mas o Alexis Tsypras não tentou exatamente isso e falhou.
108	CM - De facto o <i>SYRIZA</i> julgo eu... e eu acho que se aprende eu acho que nós não devemos ter uma visão arrogante sobre o que aconteceu aprendemos com o que aconteceu é assim que deve ser mas é verdade que confiou demais na democracia das instituições europeias e não se preparou para o que aí vinha por que nós vimos o BCE a ameaçar a liquidez da banca grega sem nenhum motivo técnico para o fazer por razões políticas para fazer chantagem e o governo grego nunca antecipou que isso pudesse acontecer e não protegeu o seu sistema financeiro...
109	C2 – Mas a grande...
110	C1 – mas a europa é a europa que temos.
111	C2 – Desculpa Paulo.
112	CM – Mas quer empobrecer porque é a Europa que temos ou quer outra Europa...
113	C1 – Catarina Martins...
114	CM – ... é porque eu não quero uma Europa... se a Europa significa empobrecimento nós precisamos de a mudar vamos resignarmos com isso.

115	C1 – Nós podemos pensar nisso... podemos pensar nisso mas para concretizar aquilo que o Bloco de Esquerda quer aquilo que garante maior eficácia nisso é provavelmente candidatar-se às eleições alemãs e ganharem o governo alemão provavelmente para começar a mudar por aí
116	CM – Isso significa que nos aceitávamos... que somos uma colónia da Alemanha.
117	C1 – Não... não é isso...
118	CM - É esse o raciocínio...
119	C1 -Não é esse o raciocínio a Europa...
120	CM - ...como nós somos uma colónia alemã para mudar a política em Portugal temos de ganhar o governo alemão...
121	PPI – A questão aqui que o Paulo está a colocar é se há ou não uma visão ilusória da realidade por parte do BE.
122	CM – Sabe uma coisa eu julgo que um governo que no Conselho Europeu tivesse um plano B que não permitisse fechar o sistema financeiro como foi fechado pelo BCE provavelmente tinha muito mais...
123	C2 - Mas é esse plano B que eu ainda não percebi...
124	CM -...capacidade negocial do que teve o <i>SYRIZA</i> ...
125	C2 -...eu tenha ouvido dizer alguns dirigentes algumas pessoas de esquerda dizerem que depois do que se passou na Grécia que qualquer governo de Esquerda contra a austeridade tem necessidade de ter um plano B e o plano B é exatamente a saída do euro.
126	CM - É saber o que é que é preciso fazer se lá chegar
127	C2 ... porque no fundo foi isso que foi colocado ao Tsypras ou aceitas isto ou saís da zona Euro.
128	CM - Se toda a gente estuda como é que um país pode sair do euro os próprios governos têm de se preparar para isso...
129	C2 - Mas o Bloco está-se a preparar para isso...
130	CM - ...no Bloco Esquerda temos feito o trabalho ao longo do tempo nós dizemos que desde 2012 que se a austeridade é a moeda única a moeda única não serve a moeda única tem de mudar se a moeda única não muda e a austeridade é o caminho de tornar o país inviável ou estamos sujeitos a chantagem permanente externa temos que estar preparados para defender o país porque se não estamos a dizer que não se pode viver aqui que somos a mão de obra de segunda da Europa não aceito isso não aceito que se trate assim o país que se trate assim quem trabalha e temos feito o estudo e aliás tem estado pessoas do Bloco de Esquerda envolvidas em estudo com outras pessoas tanto sobre a reestruturação da dívida como sobre o sistema bancário como também sobre a questão do euro e do escudo...
131	C1 -Pode-nos explicar um pouco melhor qual é a proposta de recuperação da dívida do Bloco de Esquerda este abatimento de 60% e a expressão...
132	P15PPI – Ó Paulo... Paulo antes de responder à questão da reestruturação não querendo que deixe de responder a esta questão só para finalizarmos o Euro a Catarina Martins acredita que os portugueses querem sair do euro.
133	R15CM – Eu já lhe disse que eu também não acho que a saída do euro seja a solução agora os portugueses com certeza não querem é que depois de se esforçarem tanto veja o esforço que fazem as pessoas pra que os seus filhos os seus netos tenham uma vida melhor querem que eles depois sirvam de mão de obra barata na Alemanha ou no norte da europa ou querem que seja possível viver com dignidade aqui as pessoas querem continuar a rodar em estágios de 6 meses que pagam menos do salário mínimo e a pensar em emigrar...
134	PPI - Mas acha que confrontados com esta realidade...
135	CM - ...porque aqui não podem ter vida ou querem poder aqui viver e defender o país...

136	PPI – ... que está a defender ou com a saída do euro as pessoas optam pela saída do euro os portugueses vão optar pela saída do euro
137	CM - Já tentei explicar que a saída do Euro não é uma solução que nós ponhamos o que nós dizemos é que a chantagem Europeia chegou a um tal nível que qualquer país que se leve a sério tem de estar preparado para que isso possa acontecer para nós o que é preciso fazer é reestruturar a dívida e já explico porquê e fazer uma revolução fiscal uma reforma fiscal grande que proteja os rendimentos de quem trabalha ou seja trazer justiça na economia e proteger a riqueza do país para ela não continuar a sair como está e isso é o essencial para conseguir isso para defender o país para nós não sermos uma colónia não sermos um protetorado eterno é preciso um governo preparar-se para todas as circunstâncias...
138	PPI – Incluindo a saída do euro...
139	CM - ...nós não podemos continuar a empobrecer...
140	PPI -...incluindo a saída do euro ...Paulo peço desculpa pela interrupção vamos á reestruturação da dívida.
141	P16C1 - A reestruturação da dívida o que é isto do abatimento de 60%.
142	R16CM – Nós estamos a falar de uma troca de títulos de dívida e portanto essa troca de títulos ou seja um título de dívida tem um valor e é trocado por um título de dívida que tem um valor mais baixo.
143	C2 – O que implica uma perda de 60% imagino eu para os credores é isso.
144	CM – Sim os credores são de vários tipos eu julgo que é importante debater isto pensar porque não é exatamente da mesma maneira e um processo de reestruturação é um processo complexo tem que proteger a Segurança Social tem que proteger pequenos aforradores a maior parte da dívida em todo o caso não são nem pequenos aforradores...
145	C1 - São bancos... seguradoras...
146	CM – ...e a própria dívida institucional que nós temos não é as entidades da troika e portanto o que nós propomos e essa troca de títulos de várias formas ou com varias condições desde logo proteger os pequenos aforradores e pensar que temos que proteger o fundo da Segurança Social mas nesta troca de títulos o que se permite claro é um abatimento com perda mas eu lembro as pessoas do seguinte quando os juros da dívida portuguesa estiveram muito altos estavam muito altos porque os credores estavam a jogar com o risco do país e como o país era um país arriscado podiam cobrar juros muito altos e agora o que nos estamos a dizer é que quem arriscou e foi pago pelo risco não pode correr o risco de ter empobrecido o país ou seja foram pagos uma vez pelo risco que estavam a correr o sistema financeiro e a especulação da dívida há de ser o único negócio sem risco no mundo pode fazer-se pagar muito alto com juros muito altos pelo risco que está a correr mas depois quando falamos de reestruturação da dívida já não pode ser ou seja não há aqui nenhum ataque de não pagamos ou de ser uma coisa terrível não estamos a falar de quem investiu investiu de forma especulativa cobrando juros muito altos porque sabia que era um risco fazê-lo e agora vai ter de assumir as consequências desse risco e nós propomos uma troca de títulos que permite esse abatimento de dívida achamos que isso deve ser um processo comercial mas o Estado para negociar tem de ser firme naquilo que quer...
147	C1 – Aconteceu com a Grécia em 2012 por exemplo.
148	CM - O que aconteceu com a Grécia em 2012 não chegou por duas razões primeiro grande parte da dívida era institucional e não houve reestruturação do ponto de vista institucional segundo continuou-se a ter austeridade ou seja a folga que se conseguiu com a reestruturação não serviu para a economia crescer e é por isso que nós dizemos uma coisa não está desligada da outra não é no vazio e há dois pontos para nós que são importantes e que devem ser negociados porque depois de tudo isto o rating da dívida pública portuguesa mantém-se em lixo depois de tudo feito a nossa dívida continua a ser considerada uma dívida de risco não é sério não é credível ou seja a relação que nós temos com os credores continua a ser uma relação especulativa eles continuam a apostar ainda que o BCE tenha permitido baixar os juros a relação que tem com o país continua a ser uma aposta na nossa falência é preciso alterar esta relação uma reestruturação da dívida deve ser renegociada tanto quanto possível sendo que o Estado deve levar-se a sério quando vai para uma negociação deve permitir até idealmente nessa negociação indexar juros ou seja dar expectativa de que a perda pode não ser tão grande aos credores se os juros ficarem indexados

	ao crescimento económico para os credores em vez de apostarem na falência do país passarem a ser parte interessada no crescimento da economia do país...
149	C2 – Mas isso vai depender essencialmente da posição dos credores
150	CM – Mas vai depender também da posição do Estado porque há sempre uma coisa que o Estado pode fazer que é também uma moratória sobre a dívida que lhe permite num período de tempo não precisar de financiamento porque o dinheiro não está a sair para pagar a dívida e ter alguma folga para fazer uma injeção de investimento no país e com isso dinamizar a economia agora o que não é solução certamente é nós fazermos de conta que está tudo bem nos não podemos é continuar a fazer de conta que esta tudo bem quando nos na dívida a cada ano que passa vai mais do que para todo o Serviço Nacional de Saúde e tendo em conta os compromissos europeus que foram assumidos por PSD CDS e Partido Socialista isto ainda vai aumentar mais ou seja é um gigante de dívida á nossa frente e nós a fazermos de conta que não está a acontecer e fica a austeridade eterna isso significa que as promessas de alguma mudança e de saída de crise de facto são falsas.
151	P17C3 - Não resisto a uma provocação porque a possibilidade de um país reestruturar a dívida em processo de negociação depende do sucesso ironicamente nomeadamente deste governo de ter saldos primários positivos isto é um país que continua a precisar de pedir emprestado se continuar a gastar mais do que ganha dificilmente tem condições para dizer que não paga porque no dia seguinte a austeridade e imediata porque tem que ajustar a sua despesa a sua receita Portugal felizmente com a austeridade e evidente com o equilíbrio das conta correntes entre o que ganha e o que gasta pode hoje ter uma margem negocial para fazer uma negociação com credores está a fazê-lo curiosamente este governo até já fez reestruturações da dívida no mercado trocando títulos que são basicamente a mesma estratégia provavelmente menos agressiva do que a CM e o BE defendem mas há aqui um ponto que a Catarina Martins referiu que eu devo publicamente fazer <i>mea culpa</i> (...) a dívida publica e de varia natureza (...) cerca de 40% é de residentes a proposta do Bloco de Esquerda diz que defende ou que quer defender nesta reestruturação os aforradores certificados de tesouro certificados de aforro e a Segurança Social mas há mais dívida de residentes que não apenas esta por exemplo de quem investiu num plano de poupança reforma como faz essa divisão para que seja possível que uma reestruturação de dívida produza os resultados que permita tudo o resto que o Bloco de Esquerda quer propor aos portugueses.
152	R17CM - É preciso claro como dissemos medidas para proteger os pequenos aforradores...
153	C3 - Os 40% portanto só sobram 60% e desses 60 uma parte...
154	CM - É verdade...
155	C3 - ...é institucional é FMI ...
156	CM -...sim, sabe que os 40%...
157	C3 - ...que nunca renegoceia...
158	CM - ...não são todos pequenos aforradores portanto também vamos ter que...
159	C3 - Não são todos portugueses afetam a economia portuguesa ou...
160	CM - Sabe...
161	C3 - ...ou acionistas de bancos ou no Chipre a reestruturação de dívida...
162	CM - ...mas então se calhar nos não temos exatamente a mesma ou seja a dívida que nos preocupa não é exatamente a mesma vou-lhe explicar porquê ...eu acho importante...eu acho importante...
163	C3 -...eu não disse qual é que me preocupa só estou a querer e saber quem é que...
164	CM - ... proteger os pequenos aforradores mas os 40% da dívida em mãos portuguesas não sei se será são 40% não tenho aqui os papeis
165	C3 - São cerca de 40% ...são.
166	CM - ... não é toda de pequenos aforradores...

167	C3 - Não!
168	CM - ... porque como sabe as percentagens de dívida em mão de pequenos aforradores e muito inferior a 40% ...
169	C3 - Sim!
170	CM ...e portanto eu digo-lhe uma coisa entre os grandes investidores portugueses a dívida publica e os 700 mil portugueses que estão no desemprego sem Subsídio Social de Desemprego e sem nenhum apoio eu faço uma escolha...
171	C3 - Mas faz a escolha porque (xxx) portugueses os trabalhadores porque se afetar esses grandes investidores...
172	CM - Sabe uma coisa esses (xxx) andaram a apostar contra a dívida
173	C3 - ...se me permite...
174	CM - ...a mim preocupa-me as pessoas...
175	C3 - ...se os residentes todos não apenas os pequenos certificados de aforro do tesouro mas todos os portugueses forem afetados ou mesmo protegendo esses se os outros forem afetados isso tem um impacto na economia portuguesa direta porque é dinheiro que está cá dentro está vai reestruturar a dívida para afetar os bancos e depois vai ter que por o Estado a nacionalizar os bancos gastando o que poupou por exemplo.
176	CM - Não há uma coisa que disse e que e correta e que verá que está no Bloco de Esquerda com certeza leu e sabe isso nos reconhecemos que um processo de reestruturação da dívida pública tem impacto no sistema bancário e exige uma resolução um processo de resolução bancário agora...
177	C3 - Com que dinheiro.
178	CM - ...nós dizemos o seguinte o sistema financeiro português é sempre um sistema que esta altamente periclitante e não sendo o tema que tem Estado na agenda...
179	C3 -Sim!
180	CM ... as pessoas percebem que em 6 anos o dinheiro dos contribuintes foi chamado para 6 bancos em bastantes casos casos mais gravosos até por motivos de fraude e portanto se uma reestruturação da dívida obriga a encarar de frente o problema do sistema financeiro da resolução de sistema bancário eu devo dizer que eu acho que esse problema devia ser encarado mesmo sem existir uma reestruturação da dívida , ou seja ...
181	C3 - Mas não é porque não há dinheiro porque o que a Catarina Martins está a propor tem impacto na banca com que dinheiro porque não é com este que está aqui neste plano com que dinheiro é que consegue resolver os problemas da banca decorrentes da estratégia. do Bloco de Esquerda.
182	CM - A resolução do sistema bancário tem que dar mais poder ao Estado para decidir sobre as políticas incluindo políticas de crédito...
183	C1 -(xxx)
184	P18C2 - Isso implica a nacionalização...
185	C1 - ... nacionalização exatamente isso não esconde uma intenção uma vontade de nacionalização da banca.
186	R18CM - Não esconde de todo porque o BE tem dito que é necessário maior controlo público da banca ou seja...
187	C1 - Isso é o quê exatamente é nacionalizar o BCP o Novo Banco eventualmente...
188	PPI - o BPI.
189	C1 - o BPI.

190	CM - Há uma coisa que as pessoas devem compreender nós colocamos milhares de milhões de euros na banca sem nunca termos uma palavra sobre a forma como esse dinheiro foi usado...
191	C3 - Não isso não é verdade.
192	CM - ...ou então uma palavra muito má...
193	C3 - ...o Estado tinha administradores nesses bancos
194	CM - Sim tem toda a razão o que o governo fez tem toda a razão ou seja o Estado tinha uma palavra a dizer e o governo decidiu em vez de ter uma política pública pros bancos em vez de ter uma estratégia de desenvolvimento económico público o governo resolveu que os administradores do Estado que estavam nesses bancos deviam ter uma estratégia como se fizessem parte de uma administração privada do banco ou seja a proteger aquele banco mesmo à conta da economia o que é que tem acontecido acontece que depois de milhares de milhões de euros dos contribuintes injetados na banca nós mantemos dois problemas que são colossais na nossa economia um problema é que temos um sistema financeiro que é opaco e que é frágil e que é frágil e que continua a precisar de dinheiro público e a comer dinheiro público todos os dias e por outro lado temos uma política de crédito inexistente para os setores que são produtivos da economia e que criam emprego e portanto o que nós temos dito... e eu não sei... já é a segunda vez que eu vou citar a Dra. Manuela Ferreira Leite espero que não fiquem ofendidos comigo
195	C3 - Parece que há um concurso pela Dra. Manuela Ferreira Leite entre o PS e o BE.
196	CM - ...não ia citar a frase que é “quem paga manda” nós temos pago vezes demais a banca e temos mandado pouco face aos interesses do país nós continuamos a ter...
197	C2 – Como é que é possível passar a mandar tendo em conta que os bancos são privados a maior parte deles até com capitais estrangeiros.
198	CM - Onde entra dinheiro público ele tem que ser transformado em...
199	C2 - Mas tem que entrar dinheiro público.
200	CM - ...mas tem entrado o problema é que tem entrado... o problema é que tem entrado muito dinheiro público mas não tem entrado estratégia pública nós aliás vemos quando olhamos para o perfil do crédito como a economia portuguesa depois de tudo o que aconteceu depois de tudo o que nos disseram que isto estava a ser uma alteração estrutural da economia nós olhamos para o sistema financeiro ele continua frágil olhamos pró crédito e o crédito que aumenta e o crédito ao consumo ou crédito à habitação continuam as empresas as PME que precisam de acesso ao crédito a pagar juros muito mais altos do que no resto da zona Euro ao dobro da zona Euro...
201	C1 - Mas pode clarificar isso significa o quê isso significa uma estratégia defendida pelo Bloco de Esquerda de nacionalização dos bancos e de que bancos.
202	CM - Significa que quando o Estado coloca dinheiro no banco tem de fazer uso da sua posição acionista no banco
203	C1 - o BPN já e nosso
204	PPI - E portanto para o BE o BCP o BPI o BANIF deveriam...
205	CM - Como sabe alguns desses bancos já pagaram parte do dinheiro foi uma pena que o governo não tivesse aproveitado enquanto tinha poder acionista na banca para alterar a estrutura de crédito que é feita em Portugal...
206	PPI - Mas ainda assim pretende nacionalizá-los. Mas ainda assim pretende nacionalizá-los...
207	CM - Um país...
208	PPI - ...os que já devolveram ao Estado.
209	CM - ...um país gere as possibilidades que tem e o que eu digo é quando temos dinheiro na banca temos de usar essa posição acionista já tivemos de acordo com as necessidades que a banca tem de resolução

	e que a medida que e com a forma como tem sido chamado dinheiro publico esse dinheiro público tem de ser transformado numa posição acionista real e com uma estratégia publica real, ou seja...
210	C2 - Se bem percebo nos bancos onde não há investimento
211	CM - ...ou seja, andamos a deitar dinheiro fora até agora porque tivemos esse poder e não alteramos nada...
212	PPI - Sra. Dra. vamos esclarecer este ponto.
213	C2 - Nos bancos onde não há intervenção do Estado aí não há nacionalização por assim dizer ou não há entrada do Estado.
214	CM – Veremos... veremos em quantos bancos ...
215	PPI - Mas esta narrativa...
216	CM - ficamos sem intervenção do Estado nos próximos tempos.
217	PPI - ...esta narrativa parece-me muito mais suave do que aquela que nos vemos nos cartazes do Bloco de Esquerda.
218	CM - Eu...eu não sei de que é que está a falar uma coisa lhe digo
219	PPI - Estou a falar da nacionalização da banca.
220	CM - Mas nós achamos que deve haver controlo publico da banca achamos que a banca não pode continuar a funcionar como está mas nos sabemos nos sabemos...
221	PPI - então vamos à conclusão isso significa que os bancos que agora são privados devem ser públicos e isso.
222	C1 - Só queremos clarificar...
223	C2 - Não e bem ...
224	C1 - ... em que bancos e em que condições.
225	CM - Neste momento por exemplo tendo em conta todo o investimento que nós temos publico no NB não tem sentido nenhuma depois de termos limpo o banco com dinheiro público entregar esse banco a um privado para ter uma lógica privada pró credito ou seja aumentar a economia de casino em vez de assumirmos a responsabilidade de o gerir e com isso recuperarmos o dinheiro que lá pomos investindo na economia
226	C1 - Mas Catarina Martins...
227	CM - ...é tão simples como isso já la pusemos o dinheiro vamos proteger o sistema financeiro...
228	C3 - ...não chega.
229	C1 - Mas é um empréstimo.
230	C3 - Não chega.
231	C1 - Catarina Martins há um empréstimo que se espera que seja devolvido...
232	CM - Isso de esperar que seja devolvido sabe ...
233	C1 - Catarina Martins não é o BPN...
234	CM - Sabe ...conhece a reforma do IRC.
235	C1 - Conheço a reforma do IRC.
236	CM - Então porque é que não querem falar disso

237	P19C1 - Sobre o Novo Banco deixe-me só perguntar-lhe o seguinte se esta operação tal como foi desenhada vai ter impacto indireto para os contribuintes através da CGD nacionalizando o Novo Banco deixávamos de pagar cerca de 1/4 do impacto para pagar 100% do impacto verdade são as contas
238	R19CM - Bem o processo como sabem eu não concordo com a forma como o processo foi feito agora digo-lhe uma coisa nós pusemos lá...
239	C1 - Teria nacionalizado.
240	CM - Nós sempre defendemos processos de resolução bancária nunca defendemos processos de nacionalização simples sempre achámos que é preciso fazer os acionistas terem perdas quando há problemas na banca essa sempre foi oposição do BE...
241	C1 - Foi o que aconteceu no BES no BES houve perdas para os acionistas
242	CM - No BPN por exemplo o que é que aconteceu e que se nacionalizou ...
243	C1 - Aí não...
244	CM - ...a parte do prejuízo e deixou-se...
245	C1 - Sem dúvida.
246	CM - ...a parte que dava lucro sem ser nacionalizada
247	e como sabem a posição do BE e que nacionalizando tinha que se nacionalizar também o que dá lucro
248	C3 - Mas evoluiu-se não é...
249	CM - ...porque e preciso acabar...
250	C3 - ...evoluiu-se nesta evoluiu-se
251	CM - ...evoluiu-se, sim...
252	C3 -... houve uma resolução...
253	CM - ...em todo o caso foi muito tarde e o problema e que nós chegamos sempre tarde e mal e continuamos a chegar tarde e mal porque nós depois de tanta crise bancária já devíamos ter aprendido para não ter acontecido o que aconteceu com o BES não era preciso e mesmo depois da comissão de inquérito do BES e até existir acordo e eu reconheço que houve deputados de todos os partidos que fizeram um bom trabalho até na comissão de inquérito até deputados do Partido Socialista do PSD CDS pois quando se chega a hora da verdade de retirar as consequências do que aconteceu e de aprovar legislação que não permita que se volta a repetir o sistema bancário entrar em falência nós sermos chamados a pagar o que e que acontece não muda nada quando nós propomos menos opacidade para não permitir os movimentos que são escondidos e que não permitem um país conhecer a fragilidade da sua própria banca para depois explodir na mão quando nós propomos acabar com os conglomerados que fazem com que o risco num banco seja um risco para toda a economia e seja um risco tão grave para setores e muito importantes como aconteceu por exemplo com a PT e as pessoas percebem no BES quando nós propomos por exemplo que não se possa vender papel comercial da forma como se fez com o BES que enganou as pessoas e agora temos o problema dos lesados e quando vemos o centrão político a chumbar todas estas propostas aquilo que nós sabemos é que a bomba BES que nos rebentou nas mãos depois de já ter rebentado a bomba BPN e depois de já terem rebentado outras bombas mais pequenas. que foram rebentando vamos ter mais e portanto...
254	PPI - Catarina Martins vamos falar de outra bomba, vamos falar sobre a sustentabilidade da Segurança Social.
255	CM - ...as propostas que o Bloco faz são propostas para pôr a finança no lugar e a partir daí controlar publicamente (XXX)
256	P20PPI - Deixe-me pegar no termo que utilizou e vamos falar da Segurança Social porque aqui uma pergunta de um espetador que eu gostava de fazer pergunta em termos de sustentabilidade de Segurança

	Social qual é o plano do Bloco de Esquerda para a Segurança Social tendo em conta que critica aquilo que é proposto pelo PS e critica também aquilo que e proposto pela coligação.
257	R20CM - Primeiro uma nota tem existido a ideia no debate político que há um problema de sustentabilidade da Segurança Social é mentira isso é atirar
258	PPI - Não há bomba na Segurança Social.
259	CM - ...não há bomba na Segurança Social os estudos internacionais o último deles e o <i>report</i> da comissão europeia de 2015 diz que a Segurança Social é sustentável até 2060 e portanto nós temos problemas criados pelo desemprego e pela emigração é certo mas não temos nenhuma bomba relógio na Segurança Social...
260	C3 - Não temos um problema demográfico, peço desculpa interrompê-la não temos um problema demográfico.
261	CM - Temos um problema demográfico por causa do desemprego acima de tudo porque eu lembro que nos temos...
262	C3 - Não de nascimentos...
263	PPI - E de envelhecimento da população.
264	C3 - ... entre ativos e ...
265	CM - Sabe é bom o António Costa saberá isto tão bem como eu mas a natalidade em 4 anos desceu mais do que numa década o que quer dizer que as políticas de austeridade fazem muito mal a demografia ...
266	C3 - Eu estou a falar num prazo mais longo.
267	CM - ...mas num prazo longo eu lembro uma coisa é que nós perdemos mais 100 mil pessoas por ano porque emigraram em idade ativa do que aquelas que perdemos por nascerem menos bebés e portanto se o problema da natalidade é um problema prazo o problema das curtas publicas que existe hoje para a Segurança Social não é o da natalidade porque como sabe só muito para a frente é que se faz sentir o problema que existe sim é o da emigração porque a emigração é que nos faz perder mais 100 mil pessoas do que a quebra de natalidade por ano e portanto e avassalador a diferença e portanto o problema é a emigração e é o emprego e esse...
268	C2 - Mas é um problema mas há um problema de facto.
269	CM - Mas há um problema mas em todo o caso mesmo com estas políticas terríveis a nossa Segurança Social e tão sólida que continua sustentável até 2060 dito isto nós não achamos que a Segurança Social não possa nunca ser tocada nem mexida e há algo que reconhecemos reconhecemos que o modelo de financiamento da Segurança Social foi pensado para os modelos de produção do século XIX ou seja um posto de trabalho um salário uma contribuição e hoje em dia com a revolução tecnológica é possível criar-se muito valor sem postos de trabalho qualquer pessoa que vai numa autoestrada e passa numa portagem que em vez de um portageiro tem uma maquina percebe o que eu estou a dizer cada vez que se substitui um portageiro por uma maquina há menos dinheiro a entrar para Segurança Social...
270	PPI - Ou uma via verde passo a publicidade.
271	CM - ...e portanto nós precisamos de ter uma outra forma que adeque ao seculo XXI o financiamento da Segurança Social que deve ser feito de forma lenta faseada porque o sistema de longo prazo não deve ter alterações conjunturais rápidas bruscas porque poe em causa o próprio sistema nós fizemos as contas o governo tem escondido as contas da Segurança Social como sabe é há muitos anos (xxx)
272	C2 - O Bloco defende o alargamento do financiamento da Segurança Social
273	CM - Nós achamos que e por ai que se começa a pensar nós temos dito...
274	C2 - Quais são as fontes de financiamento...
275	CM - ...uma pequena... pequena taxa sobre o valor acrescentado...

276	C2 - Das grandes ...
277	CM - ... só das grandes empresas e porquê só das grandes empresas porque as PME tem o grosso do emprego em Portugal portanto têm mão de obra muito intensiva e estão muito frágeis com a crise económica cada proposta deve ser pensada face ao momento económico que se vive não deve ser pensada no abstrato e deve ter sustentabilidade a longo prazo mas só uma pequenina taxa sobre o valor acrescentado das grandes empresas protegendo portanto as PME que tem mais emprego permitiria se fosse por exemplo 0,75 em 4 anos uma receita de 1200 milhões de euros este podia ser um percurso a começar e a pensar como a partir daqui se pode pensar o modelo de financiamento da Segurança Social que diversifica as fontes para o valor acrescentado pondo o valor acrescentado como fator de financiamento adequando o financiamento da Segurança Social aos modelos de produção do século XXI mas como digo deve ser pelo alargamento das fontes e não nunca por cortar o financiamento da Segurança Social agora que precisamos dele agora para uma Segurança Social sustentável para as pessoas perceberem quem trabalha hoje paga a pensão dos seus pais dos seus avós os seus filhos ou os seus netos pagarão a sua ainda bem que assim é porque também são os pais que pagam a escola dos filhos e numa democracia ou há solidariedade intergeracional ou não existe Estado Social.
278	C1 - E o corte da TSU defendido pelo PS isso é uma linha vermelha também.
279	CM - Nós achamos que essa é uma ideia má por duas razões diferentes é uma ideia má do ponto de vista das contas do país porque se nós vamos cortar a TSU estamos a cortar fontes de financiamento numa altura que há pouco emprego estamos a agravar o problema que a Segurança Social já tem...
280	C1 - Mas estamos a aumentar o salário líquido das pessoas.
281	CM - Sim estamos a aumentar as pessoas pedem emprestado a si próprios não é uma espécie de crédito nós achamos que crédito não tem sido a melhor a solução pró país portanto achamos que talvez seja melhor pensar na vida doutra forma...
282	C3 - E viver a crédito seguramente também não é.
283	CM - ...e portanto...mas isso é viver a crédito porque é nós pedirmos emprestado às próprias pensões e portanto e o IA e o segundo problema o primeiro problema é que baixa agora o dinheiro que a Segurança Social tem e portanto isso é mau não deve ser feito mas o segundo o problema é que entre nesta lógica da direita de que o caminho é baixar sempre os rendimentos do trabalho é dizer sempre que as pensões serão mais baixas no futuro começar já a baixar as pensões do futuro é aceitar que o rendimento do trabalho há de ser cada vez uma parcela uma fatia mais pequena da riqueza produzida no país nestes 4 anos nós passamos de uma fatia para os rendimentos do trabalho da riqueza produzida que era de 48% ou seja já era menos de metade da riqueza que nós produzimos o que ficava para salários para pensões para rendimento do trabalho ainda diminuiu mais para 43% nós não precisamos de continuar a afundar esta linha...
284	C2 - Mas como é que vai fazer isso...
285	CM - ...nós precisamos é de equilibrar...
286	P21C2 - ...o programa do Bloco fala na transferência do rendimento do trabalho para o capital como é que isso é feito.
287	R21CM - Aí tem para nós muita importância a proposta da reforma fiscal nós fala-se muito da sobretaxa e tem-se o governo faz uns malabarismos com a sobretaxa esquece-se de dizer duas coisas primeiro e que a sobretaxa é dinheiro a mais que está a ser cobrado e portanto e talvez diz que talvez devolva uma parte talvez quando já não for governo não tem nenhum sentido não tem pés nem cabeça mas a sobretaxa ainda por cima não sendo não estou com isto a dizer que não é preciso acabar com a sobretaxa porque é representa uma parte mais pequena do enorme aumento de impostos que foi feito em Portugal representa 750 milhões de euros o maior aumento de impostos que foi feito em Portugal foi o da alteração de escalões de 8 para 5 que tornou mais injusto...
288	C2 - Do IRS.
289	CM - ...e levou mais 1400 M de euros a mais em IRS nós precisamos claramente de acabar com a sobretaxa e de voltar aos escalões anteriores...

290	C3 - Mais progressividade mas pode quantificar de que progressividade é que está a falar.
291	CM - Voltar aos 8 escalões e acabar com a sobretaxa permite devolver às famílias a quem vive do seu trabalho a quem tem o seu salário a quem tem a sua pensão mais de 3000 milhões de euros que foram retirados e que é dinheiro que as pessoas as pessoas que vivem do seu trabalho tem salários mais modestos classe média as pessoas que tem menos não vão com certeza utilizar num qualquer paraíso fiscal ou offshore vão utilizar na economia do país e portanto serve a dinamização da economia serve a criação de postos de trabalho serve quebrar o círculo recessivo em que estamos para além disso...
292	C2 - Mas o Estado recebe menos...
293	CM - Claro mas nós achamos que o Estado receber mais... porque há uma coisa que é nova que nós propomos que nunca foi feita e há outra que é também recuperar rendimentos que o Estado decidiu não ter e não devia ter decidido nós achamos que é preciso fazer o englobamento de todos os rendimentos no IRS e ter no escalão mais alto de IRS para todos os rendimentos uma taxa maior para as pessoas perceberem quem tem salários muito altos e recebe também outros rendimentos que não são de salários por exemplo quem tenha ações e recebe muito dinheiro acaba por pagar menos IRS do que pagaria se esses rendimentos fossem todos rendimentos do trabalho seja há uma certa borla fiscal que é dado a quem tem muitos rendimentos que não vêm do trabalho e é preciso acabar com essa borla fiscal e preciso fazer o englobamento do IRS todos os rendimentos contam...
294	PPI - Mas consegue dizer um dar um exemplo qual é a taxa mais elevada e a partir de que valor por ano.
295	CM - Uma pessoa que vive dos seus salários pode ter taxas marginais acima de 30 e muitos por cento de imposto mas uma taxa deliberatória de ações fica nos 20 e poucos e portanto as pessoas que ganham muito dinheiro e que não tem o rendimento englobado estão a pagar menos pelo ganham em ações do que pagaria do quem vive do trabalho...
296	C3 - Isso é uma forma de incentivar a poupança e o investimento do capital não é no mercado de capitais podemos querer acabar com o mercado de capitais pode ser uma alternativa...
297	CM - O que tem acontecido sabe o que é...
298	C3 - ...mas ao fazer isso esta a desincentivar isso mas deixe-me só acrescentar...
299	CM - Mas sabe uma coisa...
300	C3 - só acrescentar um ponto para a sua reflexão...
301	CM - ...sabe uma coisa desincentivas as pessoas de viverem no país eu parece-me ainda mais grave porque o capital...
302	C3 - ...deixe-me...deixe-me..
303	CM - ...tem fugido de várias formas e eu queria ir também lá.
304	C3 -...é um ponto importante porque alem dessas que coloca tem a ver...
305	PPI - Eu quero apenas recordar que temos 5 minutos.
306	C3 ...rapidamente tem a ver com a estrutura do IRS hoje em Portugal de facto para (xxx) fiscal qualquer pessoa com mais de 2500 euros 3000 brutos é milionário já é rico já paga uma taxa marginal mais de 35 e chega muito rapidamente aos 40% além disso o Bloco de Esquerda propõe também um imposto sobre as grandes fortunas que presumo autónomo desta...
307	CM - Tem a ver com o património.
308	C3 - ...com o património...
309	CM - ...quem tem um castelo não pode pagar o mesmo por um castelo de quem paga...
310	C3 - ...eu ia-lhe...
311	CM - ... tem que ter uma taxa diferente do que paga quem tem uma casa de habitação...

312	PPI - É essa a progressividade do IMI que o BE fala no seu programa.
313	CM - Falamos da progressividade do IMI e falamos de outra coisa que e do IRC de que eu queria falar porque e muito importante
314	C2 - Querem acabar com querem exatamente acabar com a descida do IRC.
315	CM - O problema é como é que a descida do IRC... para já eu...
316	C2 - o que pode prejudicar o investimento.
317	CM ... desafio alguém a lembrar-se de uma grande empresa que tenha vindo para Portugal criar muitos postos de trabalho com a descida de IRC porque acho que ninguém se lembra de nenhuma não aconteceu...
318	C3 - Não creio que haja.
319	C2 -Porque é gradual...
320	C1 – ainda não desceu está previsto mas ainda não desceu.
321	CM - A verdade e que nunca mais acontece e o que e que aconteceu de mais grave ainda do que a descida da taxa que é importante perceber-se há uma serie de mecanismos que agravaram as formas de planeamento fiscal que é a forma de as grandes empresas têm de fugir ao fisco legalmente...
322	C3 - Para sermos competitivos como países como a Holanda como a...
323	CM - Nós queremos ser competitivos como eu acho que o país deve querer ser um país que se respeita em que há salários dignos e portanto quando queremos
324	C3 - Também.
325	CM - ...e portanto quando queremos ser competitivos com capital que foge e achamos muito bem que as pessoas tenham 400 euros de salário ou que vivem com pensões que são abaixo de 200 euros...
326	C3 - Mas eles já fugiam...
327	PPI - Têm mais 2 minutos para esta questão...
328	C3 - ... mas eles já fugiam...
329	CM ... aqueles que já fugiram vamos não deixar ...
330	C3 - ...Já fugiram...
331	CM - ...é possível...
332	C2 - Mas como é que se pode fazer com que não fujam isso e que eu também não percebi
333	CM - Há algumas coisas que o governo alterou que é importante perceber por exemplo agora uma empresa pode fazer repercutir durante 12 anos os prejuízos que tenha tido e portanto mesmo que já não tenha prejuízos e já esteja a ter lucros continua não pagar impostos durante não sei quantos anos porque teve prejuízos há 12 anos quando chegar a próxima crise financeira o sistema financeiro mesmo que entretanto tenha tido muitos lucros ainda não pagou nada porque andou a repercutir os prejuízos de 12 anos como se permite...
334	C1 - Isso aplica-se as grandes e as pequenas empresas também.
335	CM - Às grandes e as pequenas empresas mas como sabem o IRC é um imposto sobre os lucros é um imposto acima de tudo pelas grandes empresas e são as grandes empresas que fazem planeamento fiscal que vão por a sede noutra sitio qualquer e nós fizemos uma reforma do IRC que lhes permite andar a contabilizar prejuízos ad eterno e nunca mais pagar um tusto de imposto ou que lhes permite quando alguma coisa é taxada um bocadinho da sua operação num país qualquer com a desculpa da dupla tributação depois já não e nada taxado cá e portanto é preciso acabar com esta ideia...

336	C1 - Mas não teme...
337	CM -...de quem tem lucro não tem que contribuir para nada
338	ao mesmo tempo que baixamos impostos...
339	C1 - Agravando os impostos sobre as empresas ...
340	CM - ...tem aumentado a desigualdade.
341	C1 - ...não teme que o país perca a pouca competitividade que ainda tem para atrair investimento de facto
342	CM - O problema é que nós não temos atraído investimento que crie emprego nós atraímos <i>Vistos Gold</i> nós atraímos investimento que compra uma empresa que já cá está mas não traz para cá nem <i>know how</i> nem postos de trabalho nem nada trazemos investimento como como a Fosun que comprou a fidelidade por mil milhões de euros e depois foi buscar a fidelidade os 1000 milhões de euros que tinha dado para por na Fosun ou seja pagou a empresa com o próprio dinheiro da empresa que comprou esse é o investimento que nós temos atraído eu não aceito esta ideia de que nunca se pode cobrar a quem nunca quis pagar porque senão se vão embora...
343	PPI - Catarina Martins
344	CM - ...porque de facto tem assalto o país e por isso esta na altura de chamar toda a gente ao esforço devido.
345	P22PPI -... Catarina Martins vou ter que interromper porque estamos a menos de um minuto de terminar este Tenho uma Pergunta para Si e eu não quero deixar terminar o programa com uma pergunta enviada por (nome) e cuja questão é porque é que só têm cartazes com mulheres.
346	R22CM - Não temos cartazes só com mulheres eu sou candidata pelo distrito do Porto onde tenho um <i>outdoor</i> com o José Soeiro e gosto muito também gosto muito de ter aqui um <i>outdoor</i> com a Mariana Mortágua como gosto muito de ter um <i>outdoor</i> com José Manuel Pureza em Coimbra ou com a Mariana Aiveca em Beja ou com Joana Mortágua em Setúbal ou com o Moisés em Aveiro ou com o Pedro Soares em Braga ou com o Paulino na Madeira portanto temos temos <i>outdoors</i> ...
347	PPI - Referia-se especificamente a Lisboa suponho.
348	CM - Sim ou seja por todo o país temos as várias caras que todos conheçam quem é que dá a cara pelo Bloco de Esquerda.

Anexo U1 - Temáticas das perguntas TPS a Catarina Martins - Codificação

Cor	Nome do Documento	Código	Perg	§ no ANEXO U	Segmento
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Campanha eleitoral	P22PPI	346	porque e que só têm cartazes com mulheres.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Cump programa eleitoral\Exemplo grego	P12C3	74	que condições é que o Bloco de Esquerda considera ter para fazer em Portugal o que o SYRIZA não conseguiu fazer na Grécia no contexto da negociação para que todo o resto do programa eleitoral do Bloco seja exequível e possa ser levado à prática.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Desunião da esquerda	P5PPI	21	Fernando Rosas dizia que numa entrevista ao jornal I que o Bloco e PCP têm que fazer uma coligação para chegarem ao poder acha exequível.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Desunião da esquerda	P6PPI	25	não teme com tantas linhas inultrapassáveis não esteja a dar força aos partidos da direita tal como aconteceu em 2011 quando o Bloco de Esquerda chumbou PEC4 e fez cair José Sócrates.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Desunião da esquerda	P11C2	68	não é também porque a esquerda não se consegue unir no essencial nós o que temos assistido é uma dispersão de esquerda de partidos...
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P1PPI	1	pode o partido socialista contar com o Bloco de Esquerda para uma solução estável de governo.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P2PPI	3	o Bloco de Esquerda aberto a acordos de incidência parlamentar quais são as linhas se sim quais são as linhas de que não abdica.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P3PPI	5	deduzo das suas palavras que não fecha a porta a um acordo de estabilidade com o partido socialista.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P4PPI	7	significa por exemplo que peça ao partido socialista que renegocie a dívida que reestruture a dívida.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Governação\Estabilidade política	P7PPI	29	já ouvimos elementos do Bloco de Esquerda dizerem... (...) que o PS é austeridade aos bocadinhos quero ouvir do lado da Catarina

Cor	Nome do Documento	Código	Perg	§ no ANEXO U	Segmento
					Martins qual é o seu posicionamento relativamente a uma solução estável de governo com o PS.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Posic partidário\Referências	P13PPI	90-92	as palavras da Catarina Martins quando o SYRIZA venceu as eleições “A vitória do SYRIZA hoje na Grécia esta vitória é tão expressiva é a vitória da dignidade contra a austeridade (...) é a vitória da democracia contra a chantagem, assina esta palavras hoje.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Expetativas	P9PPI	43	o que seria para si um mau resultado para o bloco.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Opções do eleitorado	P8PPI	37	nas últimas legislativas o bloco obteve 5,17 % dos votos as sondagens dão um resultado em torno dos 4,8% como explica que o bloco não descole apesar de 4 anos de austeridade.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Politics\Resultados eleitorais\Opções do eleitorado	P10C1	60	apesar de tudo os eleitores continuam menos zangados se quiser ou mais satisfeitos com o PS e o PSD.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Impostos	P21C2	287	o programa do bloco fala na transferência do rendimento do trabalho para o capital como é que isso é feito.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Nacionalização da banca	P18C2	185	Isso implica a nacionalização.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Nacionalização da banca	P19C1	238 - 240	Sobre o Novo Banco (...) Teria nacionalizado
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Portugal na UE	P14C2	101	se a Catarina Martins diz que não concorda com o acordo que foi feito pelo Tsypras não é quer dizer que a alternativa é a saída do euro eu pergunto-lhe se encara essa possibilidade da saída do euro da saída nesse caso de Portugal.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Portugal na UE	P15PPI	132	a Catarina Martins acredita que os portugueses querem sair do euro.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Rest/renege divida	P16C1	141	A reestruturação da dívida o que é isto do abatimento de 60%.
•	CatarinaMartins_12Setem broTVI	PERGUNTAS\Policy\Rest/renege divida	P17C3	151	Bloco de Esquerda diz que defender (...)nesta reestruturação os aforradores certificados de tesouro certificados

Cor	Nome do Documento	Código	Perg	§ no ANEXO U	Segmento
					de aforro e a segurança social mas há mais dívida de residentes que não apenas esta (...) como faz essa divisão para que seja possível que uma reestruturação de dívida produza os resultados que permita tudo o resto que o Bloco de Esquerda quer propor aos portugueses.
•	CatarinaMartins_12SetembroTVI	PERGUNTAS\Policy\Segur Social	P20 PPI	257	qual é o plano do Bloco de Esquerda para a segurança social tendo em conta que critica aquilo que é proposto pelo PS e critica também aquilo que é proposto pela coligação.

Anexo V - A rubrica ITMBM no alinhamento do Jornal das 8

14/set	15/set	16/set	17/set	18/set	21/set	22/set	23/set	24/set	25/set	28/set	29/set	30/set
Bloco Refugiados	Bloco Novo Banco	Bloco Refugiados	Bloco Refugiados	Bloco Refugiados	Sondagem Diária	Sondagem Diária	Sondagem Diária	Bloco Caso Sócrates	Promo campanha	Sondagem Diária	Sondagem Diária	Sondagem Diária
Promo ITMBM	Mau tempo	Promo desconto IMI	A Caminho Legislativas	Promo ITMBM	Legislativas 2015	Legislativas 2015	Défice 2014	Tragédia em Meca	Devolução taxa 35%	Legislativas 2015	Caso BPN	Legislativas 2015
Novo Banco	Bloco Refugiados	PPC apoiou vinda troika	Promo condenado	IRS	Eleições na Grécia	Sócrates vota	Legislativas 2015	Papa nos EUA	Receita fiscal	Contas públicas - Bruxelas	Email Polémico 2011 -Gov	Promo Tráfico droga e ITMBM
Greve Soflusa	Legislativas 2015	Bloco IMI Familiar	IRS	Saúde	Bloco Refugiados	Refugiados	Promo Cimeira e ITMBM	Menina escreve ao Papa	Legislativas 2015	Promo desp./Catalunha	Legislativas 2015	Intervalo
Promo Ronaldo	Promo ITMBM	Promo ITMBM	Novo Banco	A Caminho Legislativas	Papa visita Cuba	Papa em Cuba	Intervalo	Promo Sond. Diária/WW/MRPP	Promo Papa na ONU e ITMBM	Intervalo	Promo Seat e ITMBM	Rússia Síria
Meteorologia	Intervalo	Intervalo	Venda TAP	Rating nacional	Escândalo político RU	Promo - Heróis americanos e ITMBM	Bloco Refugiados	Intervalo	Intervalo	Eleições Catalunha	Intervalo	Escândalo Volkswagen
Intoxicação Sacavém	Bastidores ITMBM	Colhida fatal na Moita	Promo ITMBM	Promo ITMBM	Promos regresso às aulas/Andre Andre	Intervalo	Papa visita EUA	Sondagem Diária	Blatter FIFA	ONU - Síria	Inundações em Viseu	Desporto
Assalto armazém CTT	ITMBM	Terrorista Julgado Lx	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Escândalo Volkswagen	Escândalo Volkswagen	Legislativas 2015 inclui peça RAP	Genérico J8	Escândalo Volkswagen	Violência doméstica	Bloco Tráfico Droga
Promo ITMBM	Genérico J8	A Caminho Legislativas	ITMBM	Promo Frente a Frente PP/PEV(HA)	Bloco Educação	Herói americano	transportes	Caso Volkswagen em Portugal	Sorteio Euromilhões	Água em Marte - Nasa	Desaparecimento casal em Ílhavo	Assaltos em Leiria
Intervalo	Jovem baleado	Promo ITMBM	Genérico J8	Acidente na A1	Greve Soflusa	Acidente	Desporto	Promo TAP	Genérico J8	Promo Novela	Bloco Fraude Volkswagen	Buscas casal desaparecido
Dívida Pública	Milionária assassinada	Trânsito em Lx - Acidente	Assassino Condenado	Acidentes Rodoviários	Bloco Escolas de Condução	Ataque de vespas europeia crianças	Promo TMBM	Intervalo	Papa	Educação especial	Refugiados	Promo ITMBM
Legislativas 2015	Droga rede desmantelada	Tempo	Condenados simuladores de crime	Crime no Bombarral	Dia mundial Alzheimer	Sorteio Euromilhões	Intervalo	ITMBM	Promo ITMBM	Novela	Desemprego	Tendências sondagens diárias
Promo Ronaldo	Genérico J8	Vindimas	Saúde	Verão Seguro crime diminuiu	Desporto	Genérico J8	ITMBM	Intervalo	Intervalo	Novo Canal TVI na NOS	Genérico J8	Promo ITMBM
Papa	Regresso às aulas	Promo ITMBM	Promo vindimas	Bom tempo	ITMBM	Bloco Desporto	Turismo na Madeira promo em Lisboa	Intervalo	ITMBM	Promo de programa TVI A Quinta	Sorteio Euromilhões	Intervalo

14/set	15/set	16/set	17/set	18/set	21/set	22/set	23/set	24/set	25/set	28/set	29/set	30/set
Bloco desporto	EUROSTAT - economia	Bloco Desporto	Terrorismo	Promo Nova Novela		Promo ITMBM				Desporto	Intervalo	ITMBM
Ronaldo	Horta e Costa ilibado	ITMBM	Síria	Bloco Desporto		Intervalo				Filme sobre CR7	ITMBM	Praia no Algarve
Agatha Christie	Promo recuperar reforma	Botão “não gosto” Facebook	Política americana	Genérico J8		ITMBM				Promo ITMBM		
ITMBM	Genérico J8	GoPro perdida no espaço	Baleia atinge casal	Sorteio Euromilhões						Intervalo		
	sorteio		Vindimas	Intervalo						ITMBM		
	Genérico J8			ITMBM								
	Bloco Desporto			Direto apresentação novela -								
	Genérico J8											
	Saúde											
	Mais Turismo											
	Bocage											
	Vindimas											

Legenda:

Genérico J8	Outras Promos	Promos ITMBM	Intervalo J8	Política- Legislativas/ Sondagens	Política - Outros Assuntos	Restantes Notícias	Início da Rubrica ITMBM
-------------	---------------	--------------	--------------	-----------------------------------	----------------------------	--------------------	-------------------------

01/out	02/out	05/out	06/out	07/out	08/out	09/out
Tiroeio EUA	Legislativas 2015	Result.eleitorais/Marcelo com.	Eleições acordo PSD CDS	Bloco Naufrágio Figueira da Foz	Armando Vara paga caução	Bloco Política
Sondagem Diária	Voto de Sócrates	Sócrates foi votar	Salário Mínimo	Promo Novos documentos	Bloco Abertura ano judicial	Genérico J8
Legislativas 2015	Défiçe UTAO	Promo ITMBM	Rating	Negociações Gov.	Presidenciais 2016	Naufrágio FF
Cavaco ausente 5 Outubro	Promo Desporto/ITMBM	Intervalo	Boletins de voto extraviados	com. política PS	Legislativas 2015	Criança baleada
Marcelo s/ Cavaco eleições	Intervalo	Barricado detido em Lagos	Direto Cavaco Silva	BE	TC sobre 35 horas semanais	Promo Mourinho/ITMBM
Promo/Desporto/ITMBM	Legislativas 2015	Fernando Medina 5 Outubro	Votos nulos	Eleições presidenciais	Escândalo Volkswagen	Intervalo
Intervalo	Promo ITMBM	Presidenciais 2016	Promo Futebol / ITMBM	BdP saída de défiçe excessivo	Carros usados	Acidente numa escola
Droga em Sesimbra	Desporto	Promo TVI 24 eleições	Intervalo	Promo Duplo homicídio/ITMBM	IMI famílias	Recrutados hospitalizados
Inocência em Monchique	Genérico J8	TVI líder audiências eleições	Desporto	Intervalo	Banco Angola - Millennium	Cadáver encontrado rio
Vacina da Gripe	Sorteio Euromilhões	Promo ITMBM	Genérico J8	Tempo	Promo Corpos resgatados/herói esfaqueado	Homem baleado
Protestos dos taxistas	Genérico J8	Intervalo	Homicídio	Crime em São João de Tarouca	Intervalo	Mau tempo
Lesados BES	Intervalo	ITMBM	Escândalo Volkswagen	Homicídio em Soure	Corrupção FIFA	Oliveira Martins demite-se
Hotel encerra	ITMBM		Novo deputado PAN	Agressão na prisão	Guerra Sporting <i>Football leaks</i>	Promo ITMBM
Promo ITMBM			1M de passageiros aero P Delgada	Promo ITMBM	Desporto	Desporto
Desporto			ITMBM	Autoeuropa	Promo ITMBM	Genérico J8
Intervalo				Prémio Nobel	Naufrágio Figueira	Sorteio Euromilhões
Animais abandonados				Blatter FIFA	Furacão Joaquim	Genérico J8
ITMBM				<i>Football leaks</i>	Mortes nas estradas	Prémio Nobel
Recorde Skydivers				Ronaldo Messi	INEM	ITMBM
				ITMBM	Barricado de Lagos	
					Intervenção Rússia	
					Guerra informativa Rússia EUA	
					Herói americano esfaqueado	

01/out	02/out	05/out	06/out	07/out	08/out	09/out
					Caso bebê australiano	
					Prémio Nobel	
					Simone de Oliveira	
					ITMBM	

Anexo W - Pivôs de Introdução ao ITMBM de Judite de Sousa

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview*

Cor	Comentário	Grupo do documento	Nome do documento	Código	Início	Fim	Resultado do peso	Segmento	Área	Cobertura %	Autor	Data de criação	Duração
●		J8 ITMBM	16Set_Cat_Martins	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	5	5	0	"Já a seguir a não perder o ITMBM. CM é a convidada de RAP"	59	10,52	ID	04/10/18 18:28:07	00:41:49.2 - 00:41:56.8 [00:00:07.6]
●	§5	J8 ITMBM	16Set_Cat_Martins	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:41:46.3	00:41:56.2	0		00:00:09.8	0,25	ID	19/09/18 02:19:30	
●		J8 ITMBM	17Set_Paulo_Portas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	3	3	0	"E agora vamos a ITMBM hoje o convidado de RAP é PP"	51	22,47	ID	04/10/18 18:27:49	00:42:48.2 - 00:42:54.8 [00:00:06.6]
●	§3	J8 ITMBM	17Set_Paulo_Portas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:42:45.4	00:42:54.6	0		00:00:09.2	0,18	ID	19/09/18 16:39:19	
●		J8 ITMBM	18Set_Ant_Costa	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"Vamos para o ITMBM. E o convidado desta noite de RAP é AC"	58	17,52	ID	04/10/18 18:27:29	00:35:35.9 - 00:35:41.5 [00:00:05.6]
●	§4	J8 ITMBM	18Set_Ant_Costa	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:35:33.4	00:35:40.9	0		00:00:07.4	0,20	ID	19/09/18 16:57:47	
●		J8 ITMBM	28Set_Joao_Galamba	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	3	3	0	"E agora segue-se ITMBM e o entrevistado de RAP é hoje o socialista João Galamba"	81	38,21	ID	04/10/18 18:07:35	00:40:54.4 - 00:41:03.1 [00:00:08.7]
●	§3	J8 ITMBM	28Set_Joao_Galamba	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:40:52.1	00:41:01.9	0		00:00:09.8	0,27	ID	19/09/18 23:45:52	
●		J8 ITMBM	30Set_Sergio_Pinto	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	5	5	0	"É chegado o momento do ITMBM RAP tem hoje como convidado o deputado socialista Sérgio Sousa Pinto"	99	16,12	ID	04/10/18 18:07:07	00:39:30.2 - 00:39:38.8 [00:00:08.6]
●	§5	J8 ITMBM	30Set_Sergio_Pinto	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:39:28.2	00:39:38.1	0		00:00:09.8	0,26	ID	20/09/18 00:07:07	
●		J8 ITMBM	1Out_Francisco_Louca	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"E agora ITMBM, o convidado de RAP é Francisco Louçã"	54	10,25	ID	04/10/18 18:06:54	00:40:11.8 - 00:44:45.4 [00:04:33.6]
●	§4	J8 ITMBM	1Out_Francisco_Louca	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:38:20.3	00:38:27.5	0		00:00:07.1	0,20	ID	20/09/18 08:51:24	
●		J8 ITMBM	2Out_Marcelo_Rebelo_Sousa	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"Avançamos agora para ITMBM. RAP vai ter a seu lado MRS"	56	12,33	ID	04/10/18 18:06:45	00:37:08.8 - 00:37:15.0 [00:00:06.2]
●	§4	J8 ITMBM	2Out_Marcelo_Rebelo_Sousa	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:37:06.3	00:37:14.1	0		00:00:07.7	0,21	ID	20/09/18 09:19:45	

Anexo X - Pivôs de Introdução ao ITMBM de José Alberto de Carvalho

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview*

Cor	Comentário	Grupo do documento	Nome do documento	Código	Início	Fim	Resultado do peso	Segmento	Área	Cobertura %	Autor	Data de criação	Duração
●		J8 ITMBM	21Set_Assun_Cristas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	2	2	0	"ISTO é TMBM começou a campanha eleitoral."	43	15,52	ID	04/10/18 18:37:19	00:42:08.5 - 00:42:12.2 [00:00:03.7]
●	§2	J8 ITMBM	21Set_Assun_Cristas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:42:06.7	00:42:12.1	0		00:00:05.4	0,14	ID	19/09/18 17:10:14	
●		J8 ITMBM	22Set_Mario_Centeno	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"ITMBM está na hora de ter as contas verdadeiramente na ponta da língua."	74	11,76	ID	04/10/18 18:36:51	00:40:08.7 - 00:40:15.1 [00:00:06.4]
●	§4	J8 ITMBM	22Set_Mario_Centeno	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:40:06.9	00:40:14.3	0		00:00:07.3	0,20	ID	19/09/18 17:29:09	
●		J8 ITMBM	23Set_Heloisa_Apolónia	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"(Estamos a uma semana) das eleições e a cobertura da TVI também se distingue pelo humor em tempo de campanha ITMBM é agora"	125	20,10	ID	04/10/18 18:08:39	00:41:47.5 - 00:41:56.9 [00:00:09.4]
●	§4	J8 ITMBM	23Set_Heloisa_Apolónia	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:41:45.9	00:41:55.5	0		00:00:09.6	0,25	ID	19/09/18 17:46:14	
●		J8 ITMBM	24Set_Luis_Montenegro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"Estamos a 10 dias das eleições ITMBM está na hora de olhar a campanha com um sorriso."	87	5,63	ID	04/10/18 18:08:27	00:44:27.8 - 00:44:35.5 [00:00:07.7]
●	§4	J8 ITMBM	24Set_Luis_Montenegro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:44:25.7	00:44:33.4	0		00:00:07.7	0,19	ID	19/09/18 19:36:49	
●		J8 ITMBM	25Set_Mariana_Mortagua	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"ITMBM a campanha já vai a meio esta noite a convidada de RAP é a deputada que calou os gestores do BES e da PT na AR."	119	20,14	ID	04/10/18 18:08:18	00:39:42.9 - 00:39:53.9 [00:00:11.0]
●	§4	J8 ITMBM	25Set_Mariana_Mortagua	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:39:40.9	00:39:51.7	0		00:00:10.8	0,31	ID	19/09/18 23:32:37	
●		J8 ITMBM	5Out_Fernando_Medina	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"(As eleições já foram mas há ainda muito) por esclarecer por isso faz ainda mais sentido lembrar que ITMBM o convidado de RAP é hoje Fernando Medina o Presidente da Câmara de Lisboa"	183	26,07	ID	04/10/18 18:06:35	00:34:30.7 - 00:34:45.3 [00:00:14.6]
●	§4	J8 ITMBM	5Out_Fernando_Medina	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:34:29.0	00:34:38.4	0		00:00:09.4	0,30	ID	20/09/18 09:44:48	
●		J8 ITMBM	6Out_Miguel_P_Maduro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento	3	3	0	"As eleições já foram Cavaco Silva já falou"	145	27,31	ID	04/10/18 18:06:23	00:30:02.8 - 00:30:14.2 [00:00:11.4]

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview*

			J8\Pivot lança rubrica				Passos e Portas assinam um acordo de governo amanhã é o tempo do compromisso diz o presidente ITMBM."					
●	53	J8 ITMBM	6Out_Miguel_P_Maduro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:30:01.0	00:30:11.9	0		00:00:10.8	0,38	ID	20/09/18 09:58:21
●		J8 ITMBM	7Out_Manuela_Fer_Leite	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	Pivot lança rubrica - (na sequência de uma peça que punha a hipótese de Messi e Ronaldo serem amigos- onde se viam cenas cómicas sobre essa amizade- um retrato bem disposto que levou a um texto de pivot na sequência das imagens — "É portanto a deixa perfeita para que o humor entre na atualidade ITMBM hoje com MFL."	317	34,91	ID	04/10/18 18:04:26 00:36:26.1 - 00:36:40.1 [00:00:14.0]
●	54	J8 ITMBM	7Out_Manuela_Fer_Leite	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:36:25.6	00:36:39.1	0		00:00:13.5	0,39	ID	08/10/18 09:00:07
●		J8 ITMBM	8Out_Andre_Silva	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	3	3	0	"Está na hora de colocarmos a política ao serviço do humor e olhar a atualidade com ironia ITMBM quem entra em cena é RAP."	123	33,70	ID	04/10/18 18:03:33 00:43:11.5 - 00:43:21.9 [00:00:10.4]
●	53	J8 ITMBM	8Out_Andre_Silva	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:43:11.8	00:43:21.5	0		00:00:09.7	0,25	ID	26/09/18 08:00:36
●		J8 ITMBM	9Out_Regabofe_Final	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	4	4	0	"Estão prestes a ir em paz mas reuniram apostos toda a inspiração para esta noite segue-se o último ITMBM."	106	14,58	ID	04/10/18 18:00:43 00:24:49.7 - 00:31:18.1 [00:06:28.4]
●	54	J8 ITMBM	9Out_Regabofe_Final	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot lança rubrica	00:31:14.9	00:31:24.0	0		00:00:09.1	0,27	ID	26/09/18 08:13:42

Anexo X1 - Pivôs de Saída ao ITMBM de José Alberto de Carvalho

A Comunicação Política através da *Hard interview* e da *Soft interview*

Cor	Comentário	Grupo do documento	Nome do documento	Código	Início	Fim	Resultado do peso	Segmento	Área	Cobertura %	Autor	Data de criação	Duração
●		J8 ITMBM	21Set_Assun_Cristas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	4	4	0	ITMB, mas acabamos de conhecer uma versão feminina da famosa personagem do Tintin citada por PP recentemente, o Oliveira da Figueira.	133	48,01	ID	04/10/18 20:04:41	01:02:47.7 - 00:00:00.0 [-1-2-47-7]
●	§4	J8 ITMBM	21Set_Assun_Cristas	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	01:02:40.9	01:02:54.4	0		00:00:13.5	0,35	ID	19/09/18 17:16:15	
●		J8 ITMBM	22Set_Mario_Centeno	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"Faltam agora 13 dias para as eleições"	39	6,20	ID	04/10/18 20:04:22	01:02:26.9 - 00:00:00.0 [-1-2-26-9]
●	§6	J8 ITMBM	22Set_Mario_Centeno	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	01:02:14.0	01:02:16.8	0		00:00:02.8	0,07	ID	19/09/18 17:32:23	
●		J8 ITMBM	23Set_Heloisa_Apolónia	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"Até amanhã Ricardo, durante a campanha ITMBM"	46	7,40	ID	04/10/18 20:04:02	01:01:02.8 - -56:-31:-23.-6 [55:30:20.8]
●	§6	J8 ITMBM	23Set_Heloisa_Apolónia	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	01:00:24.0	01:00:28.5	0		00:00:04.5	0,12	ID	19/09/18 17:48:46	
●		J8 ITMBM	24Set_Luis_Montenegro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"As coisas são como são"	24	1,55	ID	04/10/18 20:03:44	01:06:03.9 - 00:01:05.5 [-1-4-58-3]
●	§6	J8 ITMBM	24Set_Luis_Montenegro	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	01:05:46.9	01:05:48.6	0		00:00:01.6	0,04	ID	19/09/18 19:13:43	
●		J8 ITMBM	25Set_Mariana_Mortagua	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"O humor em tempo de campanha diariamente na TVI"	49	8,29	ID	04/10/18 20:03:20	00:58:00.1 - -37:-17:-4.-8 [-38:-15-4-9]
●	§6	J8 ITMBM	25Set_Mariana_Mortagua	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	00:57:50.2	00:57:53.5	0		00:00:03.2	0,09	ID	19/09/18 23:35:46	
●		J8 ITMBM	5Out_Fernando_Medina	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"Humor acompanhando a política mesmo depois de encerradas as urnas de voto".	76	10,83	ID	04/10/18 20:02:50	00:50:35.7 - 00:51:16.5 [00:00:40.8]
●	§6	J8 ITMBM	5Out_Fernando_Medina	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	00:50:26.5	00:50:33.2	0		00:00:06.6	0,21	ID	20/09/18 09:48:58	
●		J8 ITMBM	7Out_Manuela_Fer_Leite	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"ITMBM vou prosseguir de imediato na TVI 24 ..."	48	5,29	ID	04/10/18 20:02:28	00:56:53.3 - 00:00:00.0 [00:-56-53-3]
●	§6	J8 ITMBM	7Out_Manuela_Fer_Leite	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	00:56:40.2	00:56:44.2	0		00:00:04.0	0,12	ID	20/09/18 11:21:29	
●		J8 ITMBM	9Out_Regabofe_Final	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	6	6	0	"Estamos então todos muito mais aliviados, provavelmente as mesmas razões, foi o último ITMBM"	100	13,76	ID	04/10/18 20:01:47	00:55:08.9 - 00:00:00.0 [00:-55-8-9]
●	§6	J8 ITMBM	9Out_Regabofe_Final	Rubrica\Forma de inserção no alinhamento J8\Pivot de saída	00:55:03.3	00:55:11.1	0		00:00:07.8	0,23	ID	26/09/18 08:18:01	